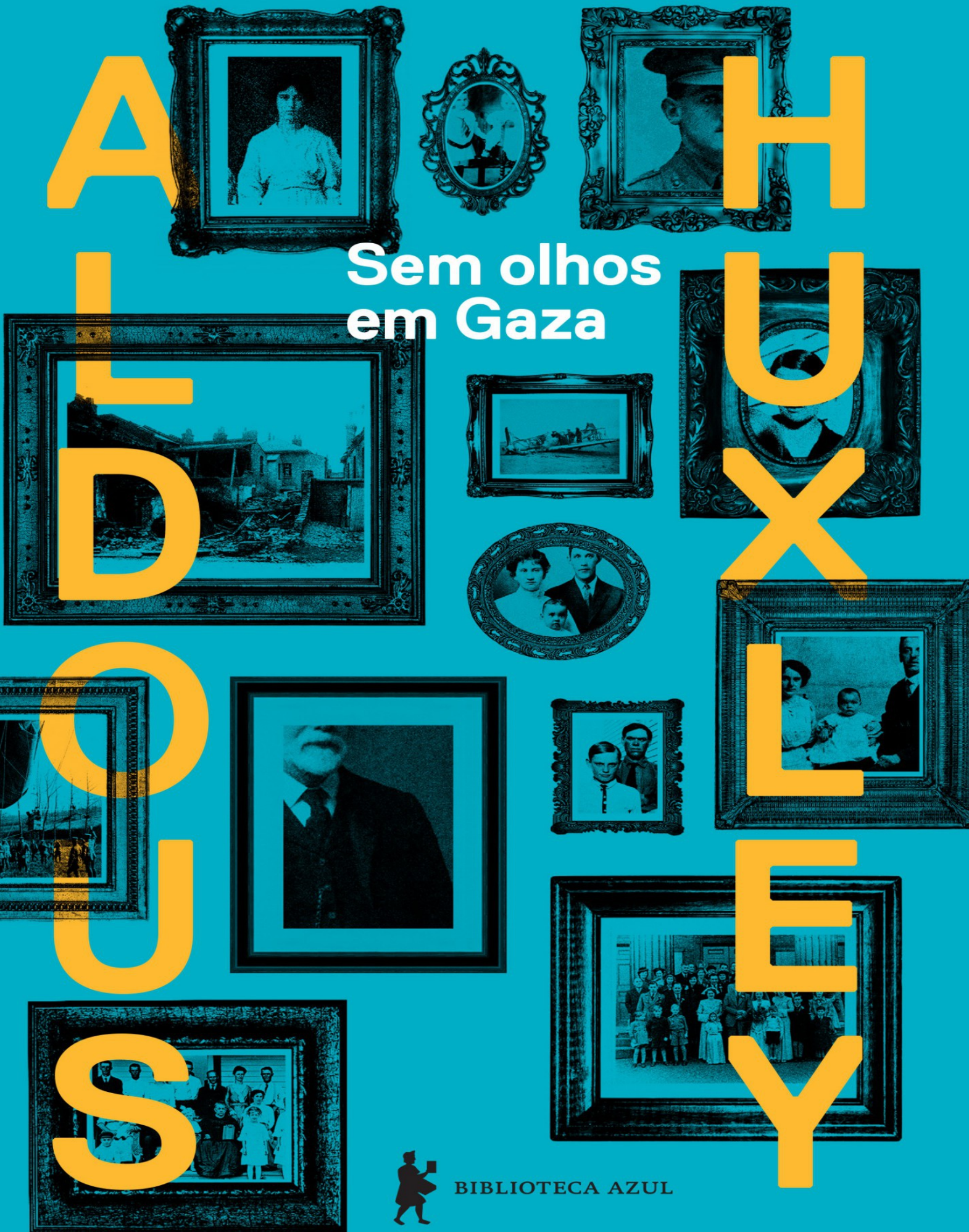




BIBLIOTECA AZUL



Sem olhos em Gaza

Aldous Huxley

tradução

V. de Miranda Reis



BIBLIOTECA AZUL

Copyright © 1936 by Laura Huxley
Copyright da tradução © 2001 by Editora Globo S. A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Eyeless in Gaza*

Editor responsável: Ana Lima Cecilio
Editor assistente: Erika Nogueira Vieira
Preparação: Thiago Blumenthal
Revisão: Vanessa Carneiro Rodrigues
Diagramação: Jussara Fino
Capa: Thiago Lacaz
Ilustração da capa: Catarina Bessel
Foto do autor: Mondadori/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H984s
Huxley, Aldous
Sem olhos em Gaza / Aldous Huxley; Tradução: V. de Miranda Reis.
3ª ed. — São Paulo: Globo, 2014.
Tradução de: *Eyeless in Gaza*

ISBN 978-85-250-5677-1

1. Romance americano. I. Reis, V. de Miranda (Vicente de Miranda). II. Título.

14-08665 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 1938; 2ª edição, 2001; 3ª edição, 2014

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos
por Editora Globo S. A.

Av. Jaguaré, 1485
05346-902 São Paulo-SP
www.globolivros.com.br

Table of Content

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[Sobre o autor](#)

[Obras de Aldous Huxley pela Biblioteca Azul](#)

[Sem olhos em Gaza](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[CAPÍTULO XX](#)

[CAPÍTULO XXI](#)

[CAPÍTULO XXII](#)

[CAPÍTULO XXIII](#)

[CAPÍTULO XXIV](#)

[CAPÍTULO XXV](#)

[CAPÍTULO XXVI](#)

[CAPÍTULO XXVII](#)
[CAPÍTULO XXVIII](#)
[CAPÍTULO XXIX](#)
[CAPÍTULO XXX](#)
[CAPÍTULO XXXI](#)
[CAPÍTULO XXXII](#)
[CAPÍTULO XXXIII](#)
[CAPÍTULO XXXIV](#)
[CAPÍTULO XXXV](#)
[CAPÍTULO XXXVI](#)
[CAPÍTULO XXXVII](#)
[CAPÍTULO XXXVIII](#)
[CAPÍTULO XXXIX](#)
[CAPÍTULO XL](#)
[CAPÍTULO XLI](#)
[CAPÍTULO XLII](#)
[CAPÍTULO XLIII](#)
[CAPÍTULO XLIV](#)
[CAPÍTULO XLV](#)
[CAPÍTULO XLVI](#)
[CAPÍTULO XLVII](#)
[CAPÍTULO XLVIII](#)
[CAPÍTULO XLIX](#)
[CAPÍTULO L](#)
[CAPÍTULO LI](#)
[CAPÍTULO LII](#)
[CAPÍTULO LIII](#)
[CAPÍTULO LIV](#)

Eyeless in Gaza at the Mill with Slaves

MILTON, *Samson Agonistes*

Sem olhos em Gaza

CAPÍTULO I

30 de agosto de 1933

OS RETRATOS JÁ SE IAM COBRINDO dessa turvação que costuma empanar nossas lembranças. Em pé num jardim, aí pelo advento do século, essa moça tinha qualquer coisa de uma aparição espectral em horas mortas. Era sua mãe, estava reconhecendo Anthony Beavis. Um ou dois anos, talvez um mês ou dois, antes de morrer. A moda é, porém, uma arte decorativa — eis o que se podia concluir dessa visão sombria. Esses flancos de cisne! Esses seios longos projetando-se em linha oblíqua, sem nenhuma relação perceptível com o corpo nu por baixo! E toda essa cabeleira que, ornamentando, deformava o crânio! Estranhamente hediondo e repelente parecia tudo isso em 1933. Se, entretanto, fechava os olhos — e o desejo era irresistível — podia ver sua mãe, aqui, languidamente bela em sua *chaise longue*, ali, agilmente jogando tênis, adiante deslizando célere, qual uma ave, por sobre o gelo de remoto inverno.

Estavam no mesmo caso as fotografias de Mary Amberley, tiradas dez anos mais tarde. A saia era comprida como nunca e, envolta em sua estreita campana de panos, via-se ainda uma figura de mulher deslizando, vaporosa, como sobre rodízios. Verdade era que os peitos se empinavam um pouco, ao passo que as partes posteriores escondiam seus excessos. Mas a forma geral do corpo enroupado permanecia, contudo, inverossímil. Caranguejo de colete. E esse imenso chapéu de plumas de 1911 era simplesmente um funeral francês de primeira classe. Como podia um homem normal ter-se enamorado de visão tão profundamente antiafrodisíaca? E, entretanto, a despeito dos retratos, ele pôde recordar-se dela como tendo sido a concretização mesma do desejo. Diante desse caranguejo emplumado e de rodízios, seu coração tinha batido mais

depressa, sua respiração tornara-se apertada.

Vinte anos, trinta anos depois do fato, essas fotografias revelavam apenas coisas vagas e estranhas. O estranho (horrível automatismo!) é, porém, sempre o absurdo. O que lhe vinha à memória era, ao contrário, a emoção sentida quando o estranho era ainda familiar, quando o absurdo, uma vez aceito, nada tinha em si de absurdo. Hamlet vestido à moderna: eis o que são, sempre, os dramas da memória.

Como tinha sido bela sua mãe — bela sob esses cabelos enrolados em bandos e apesar das saliências posteriores e dos seios em riste. E Mary, envolta, embora, por essa carapaça e sob essas plumas funéreas, quanto desejo provocara! E também ele, abrigado em seu casaco castanho-claro e com seu gorro escarlate; ou metido em suas calças verde-capim; ou envergando o traje escolar de Norfolk — calções que terminavam abaixo dos joelhos em dois apertados canos de pelica; ou, se era domingo, com seu colarinho engomado e chapéu coco e, nos outros dias, com a sua casquete escolar rubro-negra — ele também, recordando-se do que fora, revia-se sempre vestido à moderna e jamais segundo a figurinha ridícula que esses instantâneos denunciavam. Não se achava em pior situação, como sentimento interior, do que os petizes de trinta anos depois em suas camisetas de jérsei e suas calças curtas. Prova de que o progresso pode ser somente registrado e jamais experimentado — essa, a reflexão impessoal que acudiu a Anthony ao examinar sua própria imagem encasacada e de chapéu alto em Eton. Tomou um caderno de notas, abriu-o e escreveu: “O progresso pode, talvez, ser percebido pelos historiadores; nunca, porém, sentido pelos reais participantes do suposto avanço. Os moços já encontram, ao nascerem, as condições de progresso e os velhos têm-nas por naturais dentro de alguns meses ou anos. O progresso não é sentido como tal. Nenhum sentimento de gratidão. O que se nota é somente irritação, quando, por uma razão qualquer, falham os recém-introduzidos elementos de conforto e bem-estar. Os homens não passam o tempo a dar graças a Deus pelos seus automóveis. Praguejam, isso sim, quando o carburador está obstruído”.

Fechou o caderno e voltou a vista para o chapéu alto de 1907.

Um ruído de passos fê-lo erguer os olhos. Viu Helena Ledwidge aproximando-se com aqueles seus passos largos através do terraço. Refletiam-se-lhe no rosto, sob o chapéu largo, as cores flamejantes do seu pijama de praia. Como se estivesse no inferno. Sim, era aí que ela estava, continuava ele a pensar. O inferno está no espírito. Ela trazia sempre o inferno consigo. O inferno de seu grotesco casamento e, talvez, também outros infernos. Ele, porém, sempre se abstera de aprofundar essas coisas, fingira sempre não notar a sua boa vontade em guiá-lo nesse labirinto. Pressentia que uma investigação nesse sentido o levaria a saber Deus a que abismo de emoções e a que senso de responsabilidade, para as quais sentia que lhe faltavam tempo e energia. Em primeiro lugar estava o seu trabalho. Contendo a curiosidade, continuava, obstinado, a representar o papel de que desde muito se incumbira: o papel do filósofo insulado, do homem de ciência preocupado, incapaz de ver as coisas que para os demais são óbvias. Conduzia-se como se nada pudesse descobrir no rosto dela a não ser sua beleza de forma e textura. Se bem que a carne nunca seja, por certo, de uma opacidade completa e a alma se deixe ver através das paredes de seu receptáculo. Naqueles seus olhos pardo-claros, naquela boca com o lábio superior ligeiramente arregaçado, havia certa dureza, quase fealdade, tristeza e ressentimento.

Bastaram alguns passos, do sol para a sombra da casa, para que se apagasse aquele brilho infernal do rosto dela; mas a palidez que sobreveio súbita serviu apenas para tornar-lhe mais intensa a amarga melancolia da expressão. Anthony olhou para ela sem se levantar nem saudá-la. Haviam combinado entre si a abolição de toda e qualquer cerimônia; nem mesmo esta, de se dizerem bom-dia. Quando Helena transpôs as portas de vidro e entrou na sala, ele voltou ao exame de suas fotografias.

— Aqui estou — disse ela sem sorrir. Tirou o chapéu e com um belo movimento de impaciência sacudiu a cabeça, atirando para trás os cabelos fulvo-escuros. — Calor horrível! — Jogou o chapéu no sofá e, atravessando a sala, foi para junto de Anthony sentado à mesa de trabalho. — Não trabalha? — perguntou surpresa, pois era quase sempre mergulhado em livros e papéis que o encontrava.

Ele, meneando a cabeça: — Não quero saber de sociologia hoje.

— Que é que está olhando? — E, de pé junto à cadeira, ela debruçou-se para ver as fotografias dispersas.

— Meus velhos cadáveres — disse ele estendendo-lhe o espectro do “falecido” estudante de Eton.

Ela examinou-o por um momento em silêncio e comentou: — Bonito, que você era...

— *Merci, mon vieux!* — Irônico e afetuosamente, ele bateu-lhe com a palma da mão na parte posterior da coxa. — No meu colégio particular, costumavam chamar-me Benger. — Entre as pontas dos seus dedos e a esquiva carne dela, a seda interpunha uma maciez seca e resvalante, estranhamente desagradável ao tato. — Chamavam-me Benger, mas queriam dizer: Benger's Food. Por causa do meu tipo infantil.

— Tão terno! — prosseguia ela, sem atender ao que ele dizia. — Você era a ternura em pessoa, nessa época. Atraente...

— Mas isso eu ainda sou! — Anthony protestou com um sorriso.

Ela olhou-o um instante, silenciosa. Via, sob os bastos cabelos escuros, uma fronte esplendidamente lisa e serena, como a fronte da criança que medita. Igualmente infantil, de um jeito mais cômico, era o nariz curto e ligeiramente torto. Entre as pálpebras estreitas, um riso interior emprestava aos olhos certa vivacidade, que se completava com um sorriso na comissura dos lábios — um leve e irônico sorriso, que, de certo modo, contradizia o que a forma dos lábios parecia exprimir. Lábios grossos, bem talhados; voluptuosos e, ao mesmo tempo, graves, tristes, sensíveis, quase até o tremor. Lábios, por assim dizer, nus em sua sensualidade ansiosa; sem defesa própria e abandonados ao próprio desamparo por um queixo pequeno e agressivo logo abaixo.

— O pior — disse Helena, afinal — é que você tem razão. Você ainda agrada, você ainda atrai, e sabe Deus por quê. Porque você não deve ser o que é. Tudo, afinal, não passa de esperteza, de um truque para fazer a gente gostar de você por simples aparências enganosas.

— Ora, venha cá! — protestou ele.

— Você consegue que a gente lhe dê alguma coisa a troco

de nada.

— Mas ao menos sou sempre de uma franqueza absoluta, quanto a esse “nada”. Nunca finjo que se trata de uma Grande Paixão — disse, rolando o *r* e abrindo o *a* grotescamente. — Nem sequer uma *Wahlverwandschaft* — ajuntou, em alemão mesmo, a fim de dar a toda essa questão romântica de afinidades e emoções violentas um tom particularmente ridículo. — Simples divertimento.

— Simples divertimento — repetiu Helena como um eco e com ironia, lembrando-se do período inicial de suas relações, quando estivera, por assim dizer, no limiar do amor com ele. No limiar. A espera de ser convidada a entrar. Mas, com que firmeza (apesar de todo o seu silêncio e gentileza estudada), com que decisão ele lhe fechara a porta! Não queria ser amado. Ela estivera, num momento, à beira da revolta; mas depois, com esse espírito de resignação ulcerada e sarcástica com que aprendera a conhecer o mundo, aceitou suas condições. Eram as mais aceitáveis, uma vez que não havia melhor alternativa em vista; uma vez que, afinal de contas, ele era um homem notável e, enfim, ela gostava muito dele; uma vez que também ele sabia dar-lhe, ao menos, uma satisfação física. — Simples divertimento — repetiu ainda. E deu uma risada.

Anthony mirou-a de repente, estranhando e receando que ela pretendesse romper o compromisso tacitamente assumido por ambos, e abordar algum assunto proibido. Seus temores, porém, não se justificavam.

— Sim, concordo — concluiu ela depois de um breve silêncio. — Você é perfeitamente honesto. Mas isso não altera o fato de estar sempre recebendo alguma coisa a troco de coisa alguma. Chame a isso uma esperteza involuntária. Creio que é no rosto que está sua fortuna. É que, pelo menos no seu caso, são as belas plumas que fazem as belas aves. — Inclinou-se outra vez sobre as fotografias. — Quem é essa?

Ele hesitou um momento antes de responder; depois, com um sorriso, mas sentindo ao mesmo tempo certo constrangimento, respondeu: — Uma das grandes paixões que eu não tive. Chamava-se Gladys.

— Havia mesmo de ser! — Helena franziu o nariz, desdenhosa. — Por que a deixou?

— Não a deixei. Preferiu outro. Também, pouco se me dava... — ia

acrescentando, quando ela o interrompeu:

— Talvez que o outro, às vezes, conversasse com ela na cama.

Anthony enrubesceu. — Que quer dizer?

— Algumas mulheres têm a esquisitice de gostarem que se converse com elas na cama. E visto que você não o fazia... Realmente, é coisa que você nunca faz. — Atirou para o lado a Gladys e apanhou a mulher vestida à moda de 1900. — É sua mãe?

Sim, fez com a cabeça Anthony. — E esta é a sua — disse avançando o retrato de Mary Amberley com as suas plumas funéreas. Depois, em tom de enfado: — Todo esse peso de experiências passadas que arrastamos conosco! Deveria haver um jeito de nos libertarmos de nossas reminiscências supérfluas. Como me aborrece o velho Proust! É realmente detestável. — E com uma eloquência ultracômica, continuava evocando a visão desse asmático pesquisador do tempo perdido: acorado, horivelmente branco e flácido, com peitos quase femininos mas providos de longos pelos negros, eternamente acorado no banho morno do seu nunca esquecido passado. E toda a velha água ensaboada de incontáveis lavagens anteriores flutuava em volta dele; toda a sujeira que os anos haviam acumulado agarrava-se pegajosa aos lados da banheira ou formava uma camada escura à flor d'água. E ali estava ele, o inválido, na sua palidez repugnante, a espremer sobre a cara esponjadas d'água ensaboada, a esvaziar copázios dela, a deleitar-se com bochechos e gargarejos de líquido cinzento e granuloso, a enxaguar as ventas com ele, como um piedoso hindu no Ganges...

— Você fala dele — disse Helena — como de um inimigo pessoal.

Anthony limitou-se a rir.

No silêncio que se seguiu, Helena apanhou o retrato descolorido de sua mãe e começou a examiná-lo atentamente, como se se tratasse de misterioso hieróglifo, capaz de, uma vez interpretado, dar a chave decifradora de um enigma.

Anthony espreitou-a por um instante; depois, voltando à atividade, mergulhou num montão de fotografias, dentre as quais tirou a de seu tio James

em costume de tênis datada de 1906. Morreu de câncer, o pobre diabo, e com todas as consolações da religião católica. Largou esse retrato e apanhou outro. Era um grupo tirado em frente de brumosas montanhas suíças. Seu pai, sua madrasta e suas duas irmãs. “Grindelwald-1912” estava escrito no verso com a bela letra de mr. Beavis. Notou que todos os quatro empunhavam bastões de alpinistas.

— E eu quisera — disse em voz alta, depondo o retrato — quisera que os meus dias fossem separados uns dos outros por uma impiedade antinatural.

Helena levantou os olhos do hieróglifo indecifrável.

— Por que passa então o tempo olhando para velhas fotografias?

— Estava pondo em ordem meu armário — explicou ele — quando elas surgiram diante de meus olhos, como Tutancâmon. Não pude resistir à tentação de examiná-las. Além de tudo — ajuntou — faço anos hoje.

— Faz anos?

— Quarenta e dois, hoje. — Anthony sacudiu a cabeça: — Como isto abate! E considerando a nossa tendência natural a sempre tornar maior nossa melancolia, esses cadáveres surgiram no momento mais oportuno. — E apanhou um punhado de retratos que deixou novamente cair sobre a mesa. — Percebe-se aí o dedo da Providência; ou, se prefere, a pata da sorte.

— Você gostava muito dela, não? — perguntou Helena depois de outro silêncio, pondo o retrato da própria mãe diante dos olhos dele.

Ele confirmou com um sinal de cabeça e, para desconversar: — Foi ela quem me civilizou. Eu era um semisselvagem quando ela me acolheu. — Não queria discutir seus sentimentos acerca de Mary Amberley, especialmente (embora isso fosse, sem dúvida, um estúpido resto de barbárie) especialmente com Helena. — O fardo que se nos torna a mulher branca... — acrescentou rindo. E tornando a apanhar o grupo de alpinistas, disse: — Aqui está uma das coisas de que ela me libertou. A tenebrosa Suíça. Nunca poderei ser suficientemente grato.

— Pena é que ela mesma não tenha podido libertar-se — disse Helena, depois de olhar para o grupo.

— E por falar nisso, como vai ela?

Helena ergueu os ombros. — Estava melhor, quando deixou a enfermaria, na primavera. Mas, naturalmente, começou de novo. Sempre a mesma coisa. Morfina. E ainda por cima, nos intervalos, bebe. Eu a vi em Paris, quando em caminho para cá. Coisa medonha! — disse com um tremor.

A mão irônica e afetuosa que ainda lhe premia a coxa pareceu, de súbito, extremamente fora de lugar. Anthony deixou-a cair.

— Não sei o que é pior — prosseguiu Helena depois de uma pausa. — A imundície (você não faz ideia do estado em que ela vive!) ou essa maledicência, esse abominável vício da mentira. — Suspirou profundamente.

Com um gesto que nada tinha de irônico, Anthony tomou-lhe a mão e apertou-a. — Pobre Helena!

Ela ficou alguns segundos imóvel, sem falar, como que à parte; depois, subitamente, sacudiu-se toda, como se despertasse de um torpor. Ele sentiu a mão flácida de Helena comprimida contra a mão dele; e, quando ela se voltou para ele, tinha o rosto animado de uma alegria cheia de resolução e destemor. — Pobre Anthony, digo eu! — E uma risada retida no fundo da garganta transformou-se num ruído inesperado e estranho. — Que importam as aparências enganosas!

E enquanto ele protestava que não, que para com ela as aparências eram verdadeiras, ela curvou-se e, quase com fúria, colou seus lábios contra os dele.

CAPÍTULO II

4 de abril de 1934

Do diário de A. B.

CINCO PALAVRAS RESUMEM TODAS AS BIOGRAFIAS: *Video meliora proboque; deteriora sequor*. Como todos os outros seres humanos, eu sei o que devo fazer, mas continuo fazendo o que sei que não devo. Hoje à tarde, por exemplo, fui ver o pobre Beppo, em estado precário, convalescente de influenza. Bem sei que o meu dever era ter ficado mais tempo com ele, ouvindo-lhe os desabafos, deixando-o dar vazão às suas queixas contra a ingratidão e a crueldade dos moços, consolando-o do terror que lhe inspiram a velhice e a solidão próximas, das suas terríveis suspeitas de que já começam a achá-lo um cacete de marca, não mais *à la page*. Os Bolinskys haviam dado uma festa e não o convidaram, Hagworn desde novembro que o não vinha buscar para um *weekend*... Bem sei que deveria ter escutado e simpatizado e dado bons conselhos e implorado ao pobre Beppo que se não deixasse abater por ninharias ou pelo inevitável. Está visto que os conselhos não teriam sido aceitos — como de costume; mas isso é coisa de que, todavia, nunca se tem certeza e, portanto, nunca se deve deixar de dá-los. Ao invés disso, fiquei em dia com a minha consciência com ter, como tive, o cuidado de comprar, antes, para o pobre diabo uma libra de uvas caras. E contei-lhe uma mentira: que tinha que tomar parte numa comissão naquele momento mesmo e, portanto, não me podia demorar. A verdade pura e simples era, entretanto, que eu não podia suportar uma repetição das lamúrias do Beppo. Além dos cinco xelins de fruta, ainda justifiquei meu procedimento com pensamentos de boa polpa: que aos cinquenta anos, o homem deve ter mais em

que pensar do que continuar dando importância a negócios de amor e convites para jantar e a encontros com gente boa. Isso é asneira; portanto (lógica impecável!) não competia, a mim, fazer o que eu sabia ser o meu dever. Retirei-me, pois, ao cabo de um quarto de hora, deixando o coitado entregue à solidão e à piedade virulenta de si próprio. Irei amanhã fazer-lhe uma visita de, pelo menos, duas horas.

“Pecadilho.” Possível, ainda, usar esse termo? Não. Está cheio de nuances que não satisfazem e implica muitas coisas — sangue de cordeiro, algo terrível caindo em mãos de Deus vivo, fogo do inferno, obsessão sexual, ofensas, castidade em lugar de caridade. (Note-se que o pobre Beppo, virado pelo avesso, é igual a Comstock ou São Paulo.) Outra coisa que também tem figurado no rol dos “pecadilhos” é essa atitude ensimesmada de constante e egotista contemplação de si próprio, com que tanta vez se desfigura a verdadeira piedade. Veja-se, neste sentido, o diário do Príncipe, esse zeloso evangelizador que, ulteriormente, fundou a Mansão do Amor — sob a divina guia, como diriam os Buchmanitas. Pois o seu desejo, por muito tempo recalcado, de cópula promíscua acabou por aflorar à consciência, sublimado em uma ordem de Espírito Santo (com quem, afinal, ele chegou a identificar-se) de “reconciliação da carne com Deus”. E passou a reconciliá-la — em público, às claras, e no sofá da sala de visitas.

Não é possível, pois, empregar o termo, nem pensar nas acepções que ele admite. O que naturalmente não quer dizer que não existam persistentes tendências para o mau comportamento, ou que não caiba a ninguém examiná-las objetivamente e procurar corrigi-las. Eis aqui a observação que me fez o velho Miller, quando íamos, a cavalo, ver um dos seus doentes índios nas montanhas: “Na realidade e por natureza, todo homem é uma unidade; nós, porém, transformamos a unidade em trindade. Um homem inteligente e dois idiotas — eis o que, de si próprio, fez cada um de nós. Um admirável manipulador de ideias, atado a uma pessoa que, em matéria de consciência e sentimento, não passa de um cretino; e ambos, associados a um débil mental irremediavelmente inconsciente de tudo quanto faz e sente, sem capacidade alguma, sem saber servir-se de si próprio nem de qualquer outra coisa. Dois imbecis e um

intelectual. Mas o homem é uma democracia, em que a maioria é quem governa. Temos, pois, que procurar corrigir essa maioria”. Essa atitude é um primeiro passo. Conhecimento de si próprio — preâmbulo essencial à transformação de si próprio. (Ciência pura e, depois, ciência aplicada.) Meu pecadilho é a indiferença. Não posso amofinar-me por causa dos outros. Ou melhor, não quero. Pois evito, com todo o cuidado, todas as ocasiões de me amolar. Uma parte necessária do tratamento está em enfeixar todas as ocasiões incômodas possíveis, ir ao encontro delas ou criá-las. A indiferença é uma forma de preguiça. Pois a gente pode trabalhar muito, como sempre tenho feito e, contudo, viver atolado na preguiça; ser industrioso no próprio serviço, mas escandalosamente preguiçoso com relação a tudo que não é seu serviço. Porque certamente o serviço é um prazer. Ao passo que o não serviço — relações pessoais, no meu caso — é desagradável e árduo. Cada vez mais desagradável à medida que o hábito de evitar as relações pessoais se vai impregnando e tornando, com o correr do tempo, uma segunda natureza. A indiferença é uma forma de preguiça; e a preguiça é, por sua vez, um dos sintomas de falta de amor, de desapego. Aquilo que amamos, que nos interessa, não dá preguiça. Mais uma vez, a palavra é suspeita — ainda oleosa do manuseio de gerações de Stigginses. Deveria haver um meio de limpar, enxugar, desinfetar as palavras. Amor, pureza, bondade, espírito — trouxa de roupa suja à espera da lavadeira. Como, pois — não direi amar, visto que é um lenço enxovalhado, mas sentir pelas pessoas um interesse persistente e afetuoso? Como estabelecer entre nós e elas a aproximação antropológica, como diria o velho Miller? Difícil de responder.

5 de abril

TRABALHEI A MANHÃ TODA. SERIA TOLICE não tratar de dar forma ao meu material. Nova forma, sem dúvida. Minha concepção original foi a de um vasto Bouvard et Pécuchet construído com fatos históricos. Um flagrante da futilidade visivelmente objetivo, científico, mas composto, segundo idealizo, com o fim de

justificar meu próprio modo de vida. Se os homens sempre se houvessem comportado como mentecaptos, ou como símios, se não pudessem proceder de outra maneira, justificar-se-ia que eu me instalasse confortavelmente e de binóculo em punho nas poltronas das casas de espetáculo. Ao passo que, se houvesse algo que fazer, se a conduta pudesse ser modificada... Entrementes, será apreciável uma descrição da conduta, como também uma exposição dos meios de modificá-la. Se bem que menos estimável do que justificar a completa abstenção de todas as outras formas de atividade.

De tarde, fui à casa de Miller, onde encontrei um pároco que toma o cristianismo a sério e fundou uma sociedade de pacifistas. Ele chama-se Purchas. De meia idade. Tipo de cristão relativamente forte e jovial. (Como custa a admitir que um homem possa usar clichês e ao mesmo tempo ser inteligente!) Homem decente, todavia. Mais do que decente, mesmo. Homem que se impõe.

Objetivo: utilização e propagação da sociedade Purchas. Unidade: um pequeno grupo, como o *ágape* dos primeiros cristãos, ou a célula comunista. (Note-se que todos os movimentos vitoriosos têm sido organizados em *eights* de regatas ou times de futebol.) As reuniões dos grupos de Purchas são precedidas de devoções cristãs. Empiricamente está verificado que uma atmosfera devocional aumenta a eficiência, intensifica o espírito de cooperação e de abnegação. Mas a devoção em termos cristãos será, por muitas razões, inaceitável. Miller acha possível uma pragmática não teológica de meditação. O que ele, por certo, gostaria de combinar com uma educação da vontade, um treino de autoutilização, nos moldes de F. M. Alexander, começando com o controle físico e conseguindo, por esse meio (já que espírito e corpo constituem uma unidade), o controle dos impulsos e dos sentimentos. Isso, porém, é impraticável. Faltam os necessários professores. “Devemos contentar-nos com o que é possível fazer no domínio mental. O físico, de certo, nos rebaixará. A carne é fraca de modo muito mais complexo do que supomos.”

Consenti em concorrer com dinheiro, preparar alguma literatura e falar às massas. Esta última é a parte mais difícil de cumprir, pois eu sempre me neguei a falar em público. Depois que Purchas se retirou, perguntei a Miller se devia

tomar lições da arte de falar em público.

Resposta: “Se o meu amigo tomar lições antes de uma boa coordenação física, estará simplesmente aprendendo mais um modo de se servir de si próprio erradamente. Trate de curar-se, de adquirir coordenação, de servir-se de si convenientemente e estará apto a falar como e onde quiser. As dificuldades desaparecerão, desde a timidez cênica à articulação das palavras”.

Miller deu-me, a seguir, uma lição sobre o uso da personalidade. Como sentar-se numa cadeira, como deixá-la, como inclinar-se para trás e para frente. Preveniu-me que isso podia parecer um pouco fora de propósito, no começo. Mas que o interesse e a compreensão iriam aumentando com os progressos feitos. E que eu acharia aí a solução para o problema do *video meliora proboque, deteriora sequor*: técnica que nos leva a traduzir em atos as boas intenções, a ter certeza de estarmos fazendo o que sabemos ser o nosso dever.

À noite, estive com Beppo. Depois de ouvi-lo catalogar suas misérias, sugeri que a cura não existe, mas somente a profilaxia. Evitar a causa. Reagiu apaixonado e colérico: que eu estava tirando toda a finalidade da vida, condenando-o ao suicídio. Em resposta, observei que a vida tinha mais de um objetivo. Preferia morrer, disse ele, a abandonar seu objetivo. Depois, já noutra disposição de espírito, pediu a Deus que lhe desse forças para renunciá-lo. Mas, para quê? A troco de quê? Eu, então, sugeri o pacifismo. Que já era pacifista, que sempre o fora. Sim, eu sabia disso; mas um pacifista passivo, negativo. Outra coisa havia, chamada pacifismo ativo e positivo. Escutou, atento. Disse que ia pensar. E achou que isso seria, talvez, uma solução.

CAPÍTULO III

30 de agosto de 1933

DO TETO PLANO DA CASA ESTENDIA-SE a vista, primeiro, para oeste, onde os pinheiros se debruçavam sobre o mar — uma baía azul do Mediterrâneo franjada de rochas ossiformes e esbranquiçadas, como uma taça no meio de altas colinas esverdeadas pelos vinhedos das vertentes, acinzentadas pelas oliveiras, escurecidas pelos pinheiros, matizadas pelo vermelho da terra, pelo branco das rochas, pelo pardo rosado das charnecas ressequidas. Pela abertura que as colinas mais próximas formavam, via-se a longa cadeia de Sainte-Baume, de uma claridade metálica, mas tornando-se azul à distância. Ao norte e ao sul, o jardim estava cercado de pinheiros; a leste, porém, os vinhedos e oliveirais elevavam-se em terraços vermelhos, como penachos; e as últimas árvores olhavam para o céu, às vezes escuras e cismarentas, outras vezes animadas de cintilações argentinas.

Sobre o teto havia colchões para banhos de sol; eles estavam deitados num desses colchões, com as cabeças na sombra projetada pelo parapeito do lado do sul. Era quase meio-dia; o sol dardejava do céu sem nuvens; uma ligeira brisa se agitava e morria e levantava-se novamente. Envolta nesse calor irregularmente temperado, a pele parecia adquirir uma sensibilidade mais viva, quase uma consciência independente. Como se o sol lhe estivesse instilando nova vida. E essa vida estranha, violenta, flamejante, vinda do exterior, parecia perfurar a pele, atravessar e transfigurar a carne subjacente, até mudar o corpo todo em uma coisa adventícia, alienígena, feita de substância solar, e a própria alma sentir que perdia, por fusão, sua identidade e se tornava outra coisa, qualquer coisa de

diferente, de extra-humano.

Como são poucos os possíveis esgares, trejeitos, caretas e contorções, se os comparamos com todos os pensamentos, sentimentos e sensações possíveis! Como é humilhante a pobreza de reflexos, senão mesmo dos gestos conscientemente expressivos! Lúcido, ainda, no seu aturdimento, Anthony observava os sintomas dessa agonia, em que também tinha parte como assassino e como vítima. Num desassossego constante, ela voltava a cabeça nas almofadas para um e outro lado, como a procurar, mas sempre em vão, algum alívio, por mais ligeiro que fosse, um instante, ao menos, de interrupção em seu intolerável sofrimento. Às vezes, num gesto de quem, desesperado, suplica o afastamento de uma droga, enclavinava as mãos e, levando-as à boca, mordida as falanges recurvas ou um dos punhos, como que para abafar o próprio choro. Desfigurado, o rosto se lhe tornara a máscara da dor. Era — notou ele, de súbito, ao inclinar-se sobre esses lábios torturados — o rosto de uma das mulheres santas de Van der Weiden ao pé da cruz.

Seguiu-se, de um momento para outro, um período de tranquilidade. A vítima deixou de agitar a cabeça angustiada no travesseiro. As mãos súplices caíram, moles. À expressão de agonia sucedeu uma serenidade sobre-humana de êxtase. A boca tornou-se grave como a de uma santa. Por detrás das pálpebras fechadas, que beatífica visão se apresentara?

Por muito tempo assim ficaram ambos, num áureo torpor produzido pelo sol e pela saciedade. Foi Anthony quem se mexeu primeiro. Movido pela silenciosa e irrefletida gratidão e ternura de seu corpo satisfeito, ele procurou acariciá-la com a mão e sentiu-lhe a pele quente como um fruto ao sol. Ergueu-se sobre um dos cotovelos e abriu os olhos.

— Você parece uma pintura de Gauguin — disse, depois de um momento. Trigueira como uma figura de Gauguin e, coisa curiosa que muito o impressionou, lisa, sem relevo, como, ainda, uma figura de Gauguin. Porque a pele tismada perdeu todos aqueles tons carminados, azulados, esverdeados, que dão à pele branca não curtida essa riqueza de relevo que lhe é peculiar.

Sua voz veio tirar Helena do estado de tépida e deliciosa inconsciência em que se encontrava. Ela estremeceu, como se sofresse. Por que não deixá-la em

paz? Tão feliz que fora nesse outro mundo, em que seu corpo se transfigurara; e agora estava ele ali a chamá-la, a querer que ela voltasse ao seu habitual inferno de vacuidade, aridez e descontentamento. Deixou-lhe as palavras sem resposta e, cerrando ainda mais os olhos contra a ameaça da realidade, esforçou-se por voltar ao paraíso de onde tinha sido arrancada.

Trigueira como uma figura de Gauguin e sem relevo... Mas a primeira figura de Gauguin que ele viu (e bem se lembrava de que fingira, então, gostar muito mais do que realmente gostou) tinha sido em companhia de Mary Amberley, por ocasião de sua estada em Paris — ocasião cheia de emoções e, para o rapaz de vinte anos que ele então era, extraordinária e apocalíptica.

Fechou-se, por um momento, numa severa autocrítica: esse seu passado se estava tornando importuno! Mas quando, para esquecê-lo, curvou-se e beijou o ombro de Helena, sentiu que a pele quente estava impregnada de um cheiro fraco, mas penetrante, um cheiro, a um tempo, de sal e de coisa queimada e que o transportava, instantaneamente, a uma grande caieira no flanco dos Chilterns, onde, em companhia de Brian Foxe, passara uma hora inexplicavelmente deliciosa, batendo, um contra o outro, dois pedaços de pederneira e fungando, com volúpia, no ponto da pedra onde a faísca havia deixado seu sabor característico de combustão marinha.

— É f-feito f-fumaça no fundo do m-mar — tinha sido o comentário tartamudeado por Brian, ao receber as pedras para cheirar.

A realidade presente, mesmo naqueles seus fragmentos que mais sólidos parecem, está crivada de ciladas. Que poderia haver de menos comprometedor, ali na hora presente, do que um corpo de mulher exposto ao sol? E entretanto ele tinha-o traído. O terreno firme do imediatismo sensual desse corpo e de sua própria ternura física tinha-se-lhe aberto sob os pés precipitando-o noutra época e noutra lugar. Não havia segurança em parte alguma. Até mesmo essa epiderme cheirava a fumaça no fundo do mar. Essa epiderme viva, atual. E havia quase vinte anos que Brian tinha morrido.

Uma caieira, uma galeria de pintura, uma figura trigueira ao sol, uma epiderme que cheira, aqui, a substâncias salinas e enfumadas e, ali (como a de Mary, recordava-se) selvagememente almiscarada. Num ponto qualquer do seu

espírito, um louco embaralhava um maço de fotografias e distribuía-as ao acaso, tornava a embaralhá-las e a distribuí-las noutra ordem; e, assim, sucessivamente, indefinidamente. Sem ordem cronológica. O idiota não distinguia entre “antes” e “depois”. A caieira era tão real e nítida como a galeria. Dez anos de distância entre as pederneiras e os quadros de Gauguin não constituíam um fato dado, objetivo, mas resultante, apenas, de segundos pensamentos, simples produto possível do raciocínio. Os trinta e cinco anos de sua vida consciente revelaram-se-lhe imediatamente como um caos — um maço de fotografias nas mãos de um lunático. E destas, quem decidia quais as que deviam ser conservadas, quais as que deviam ser jogadas fora? De acordo com os freudianos, um animal amedrontado ou libidinoso. Os freudianos, porém, eram vítimas de uma ilusão emocional, eram uns racionalizadores incorrigíveis, sempre em busca de razões suficientes, de motivos compreensíveis. De todos os motivos, os mais fáceis de compreender são o medo e a concupiscência. Logo... Mas a psicologia não tinha, mais do que qualquer outra ciência, direito de ser antropomórfica, ou, sequer, exclusivamente zoológica. Além da razão e dos instintos animais, o homem era ainda constituído por um grupo de partículas sujeitas às leis da probabilidade. Algumas coisas eram lembradas por sua utilidade ou seu apelo às faculdades superiores do espírito; outras, sob a presidência dos instintos animais, lembradas (ou deliberadamente esquecidas) devido ao seu conteúdo emocional. Mas que dizer das inúmeras coisas recordadas sem nenhum conteúdo emocional particular, sem utilidade, sem beleza, sem nenhuma significação para a razão? Nestes casos a memória parecia reduzir-se a uma questão de puro acaso. No momento da ocorrência, acontecia estarem certas partículas fortuitamente em posição favorável. Clic! e estava capturado o fato, indelevelmente impresso, registrado na memória. E sem razão nenhuma. A não ser que (imaginava ele agora, um tanto inquieto) a razão fosse, não anterior, mas consequente ao fato, estivesse no que fora o futuro do fato. E se essa galeria de pintura tivesse sido registrada e reservada nas adegas do espírito única e expressamente para afluir à consciência nesse momento presente? Afluir à consciência agora, aos seus quarenta e dois anos de idade, quando ele se sentia confiante em si, firme, com personalidade definida, afluir à consciência com todos aqueles anos críticos de

sua adolescência e com a mulher que fora sua professora, a primeira amante sua, e era agora um mulambo de gente, a morrer de corrupção e de veneno num antro imundo? E se aquele brinquedo com as pederneiras, absurdo e pueril, tivesse tido um alvo, uma finalidade profunda, qual fosse a de ser lembrado aqui, sobre esse teto ensoalheirado, justamente quando em seus lábios sentia a quentura solar da carne de Helena? E para forçá-lo, em meio àquele ato de sensualidade ocasional e irresponsável, a pensar em Brian e nas coisas para as quais Brian vivera e pelas quais morrera — morrera, sim; ao espírito lhe veio, súbito, esta outra imagem ao pé desse mesmo rochedo, sob o qual os dois tinham brincado, como crianças, na caieira. Sim; até mesmo o suicídio de Brian — compreendia ele agora com horror — até mesmo aquele pobre corpo enrodilhado sobre as rochas estava misteriosamente implícito nessa epiderme cálida.

Um, dois, três, quatro... Contando os movimentos que ia fazendo com a mão, começou a acariciá-la. O gesto era mágico e havia de, repetido suficientemente, transportá-lo para além do passado e do futuro, para além do bem e do mal, para dentro do presente discreto, independente, atômico. Partículas de pensamento, de desejo e de sentimento, movendo-se ao acaso em meio a partículas de tempo, entrando acidentalmente em contato e igualmente ao acaso separando-se. Um cassino, um asilo, um jardim zoológico; mas também, a um canto, uma biblioteca e alguém pensando. Alguém vastamente à mercê dos crupiês, à mercê dos idiotas e dos animais. Mas alguém cuja vontade era, todavia, irreprimível e infatigável. Dois ou três anos mais e os *Elementos de sociologia* estariam concluídos. Apesar de tudo. “Sim, apesar de tudo!”, pensava ele com uma espécie de exaltação arrogante. E continuava contando: ... trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco...

CAPÍTULO IV

6 de novembro de 1902

UM PELO CRESPO E ALARANJADO ENTRE os cornos; um focinho rosado abaixando-se inquiridoramente sobre uma minúscula xícara em um pires; uns olhos que exprimiam um espanto mais do que humano. Era o “O BOI”, conforme se proclamava num letreiro de seis polegadas: “BOI NA XÍCARA DE CHÁ”. Uma suposta razão ou, simplesmente, uma razão, para comprar extrato de carne.

Boi na xícara. As palavras e a figura grosseiramente cômica borravam os condados do interior durante todo aquele período de verão e de outono como uma moléstia de pele. Uma entre tantas infecções imundas e vergonhosas. O trem que levava Anthony Beavis para Surrey percorria seguramente uma milha desses eczemas de vulgaridade. Pílulas, sabonetes, pastilhas contra a tosse e — mais inflamado e mais gafento do que todos os outros — o extrato de carne, o boi em xícara.

— Trinta e um... trinta e dois — dizia consigo o menino, sentindo não ter começado sua contagem logo que o trem partiu. Desde Waterloo até ao ramal de Clapham devia haver centenas de bois. Milhões.

Em frente, reclinado em seu canto, estava o pai de Anthony, fazendo da mão esquerda um quebra-luz para os olhos e movendo os lábios sob um bigode castanho e pendente.

— Espera-me lá — ia dizendo John Beavis à pessoa que, por trás de suas pálpebras cerradas, ora vivia ainda, ora era qualquer coisa de inerte e frio boiando sobre as suas mais recentes lembranças:

Espera lá por mim; que, sem falta, hei de um dia

Ir junto a ti dormir sob a lápide fria.

A imortalidade era, sem dúvida, uma ilusão. Depois de Darwin, depois das irmãs Fox, depois do próprio pai de John Beavis, o cirurgião, como poderia haver imortalidade? Sob a lápide fria não havia nada. Mas, ainda assim, oh, ainda assim, espera por mim, espera por mim, espera, espera!

“Trinta e três.”

Voltando-se da contemplação da paisagem fugidia, Anthony deu com o espetáculo dessa mão sobre os olhos, desses lábios que se agitavam. Que tivesse tido a ideia de contar os bois que ia vendo, pareceu-lhe, de súbito, uma vergonha, uma traição. Entretanto, ali estava o tio James, na ponta do banco, com o seu *Times* e os seus tiques nervosos e contínuos, lendo e fazendo caretas à medida que lia. Deveria ao menos ter a decência de não ler agora — agora, quando iam de viagem para... Anthony não ousou dizer o nome; o nome viria lançar uma luz sobre tudo aquilo e ele não tinha nenhuma vontade de ver claro. Ler o *Times* podia ser vergonhoso; mas aquilo, aquela outra coisa, era terrível, terrível a ponto de não se poder pensar nela e, contudo, de tal maneira terrível, que não se podia deixar de pensar.

Anthony volveu os olhos, já então marejados de lágrimas, para fora da janela. A luminosidade auriverde do verão de St. Martin flutuava numa iridescência eclipsante. De repente, as rodas do trem começaram a articular um cantochão: “Dê-dêdêdêdêdê-a-dead-a-dead-a-dead-a-dead...” Morta! morta, para sempre! As lágrimas saltaram-lhe dos olhos, rolaram-lhe pelo rosto, quentes por um instante, e, depois, geladas. Puxou o lenço e enxugou-as, dissipando a névoa com que elas lhe toldaram a vista. Luminoso debaixo do sol, o mundo que então se lhe descortinou pareceu-lhe uma joia imensa e complicada. Os olmeiros, secos, apresentavam uns tons de ouro pálido. Erguendo-se enormes e imóveis acima dos campos, pareciam estar meditando, na luz cristalina da manhã. Dir-se-ia que estavam recordando. Ali, à beira da morte, nas vésperas da própria ruína, pareciam lançar um olhar retrospectivo, num último êxtase de lembranças ressurretas, concentrar neste instante resplandecente de outono toda a glória de

vergonha estar contando assim. Era como o tio James lendo o *Times*. Era uma fuga indecente, uma escamoteação covarde, uma traição. E, entretanto, aquilo em que eles tinham o dever de estar pensando era, na verdade, por demais terrível. Estava, de algum modo, fora das coisas naturais.

“Qualquer que tenha sido, ou ainda seja, nossa opinião sobre as causas, a necessidade, a justiça da guerra que felizmente chega agora ao seu termo, eu penso que nos deve inspirar a todos um profundo sentimento de satisfação o fato de terem todas as forças vivas da nação acorrido como um só homem, quando a pátria chamou às armas os seus filhos”... Com o rosto ainda contraído pela irritação que lhe causara a leitura, o tio James depôs o *Times* e consultou o relógio.

— Dois minutos e meio de atraso — observou zangado.

— Se o atraso fosse ao menos de cem anos — pensou consigo o irmão. “Ou se houvesse, em vez de atraso, um adiantamento de dez anos... não, de doze, treze anos. Se estivéssemos no primeiro ano do nosso casamento...”

James Beavis olhou para fora e continuou: — E ainda estamos a uma milha de Lollingdon.

Como se apalpassem uma ferida ou um dente doído, seus dedos passeavam de novo sobre o cronômetro no bolso do colete. Era o tempo pelo tempo. A obsessão do tempo. Do tempo sempre imperioso, sempre categórico, mesmo que fosse apenas o tempo de olhar para o relógio e ver que horas eram, ou seja, a marcação do tempo...

As rodas passaram a falar cada vez mais devagar e, por fim, emudeceram. Os freios rangeram.

— Lollingdon, Lollingdon — gritava o carregador.

Mas o tio James já estava na plataforma, a berrar: — Depressa! — E caminhava, a passo largo, ao lado do trem ainda em movimento. Mais uma vez sua mão apalpou aquela úlcera mística a roer-lhe perenemente a consciência. — Depressa!

Uma irritação súbita apossou-se do irmão. “Depressa, para quê?” Como se corressem o risco de perder alguma coisa, algum prazer, algum divertimento precário e efêmero.

Anthony desembarcou atrás do pai. Dirigiram-se para a porta, caminhando ao longo de uma parede cheia de anúncios ilustrados, cujas palavras e figuras se sucediam rápidas: ...CADA CAIXA EQUIVALE A UM GUINÉU — ... E UMA GRAÇA CONCEDIDA AOS HOMENS AS PENAS MARCA PICKWICK OWL E... — ... MATA TRAÇAS PERCEVEJOS BARATAS — PÃO É PÃO QUEIJO É QUEIJO E O EXTRATO DE CAFÉ DE BRANSON... — O BOI NA... E apareceram aqui, repentinamente, os chifres, os olhos expressivos, a xícara — a trigésima quinta xícara. “Não quero ver! não quero!” Mas, quisesse ou não, aqui estava a trigésima quinta; a trigésima quinta, a partir do entroncamento de Clapham e à margem direita.

O carro cheirava a palha e a couro. Cheiro de palha, de couro e, também, do ano oitenta e oito... Oitenta e oito? Sim, oitenta e oito, pelo Natal, quando iam, de carro, ao baile dos Champernownes — ele, ela e a mãe dela, por uma noite fria, com um agasalho de pele de carneiro a cobrir-lhes os joelhos. Como que acidentalmente (pois ainda não ousava fazê-lo deliberadamente) sua mão roçou na dela; roçou como por acaso e, ainda casualmente, deixou-se ficar apoiada. A velha discorria sobre a dificuldade de arranjar criadas — e quando se arranjava, não sabiam fazer nada, eram umas preguiçosas. Ela não recolheu a mão! Seria que consentia? Arriscou: seus dedos fecharam-se sobre os dela. E além de tudo, eram umas malcriadas, continuava a velha; eram... Sentiu uma pressão que era uma resposta e, erguendo os olhos, adivinhou, no escuro, que ela sorria para ele.

— Realmente — ia falando a velha — eu não sei onde é que vamos parar, hoje em dia. — Viu, à guisa de comentário mudo, os dentes de Maisie brilharem maliciosamente; ao mesmo passo que aquele ligeiro aperto de mão tinha, deliciosamente, o sentido secreto e ilícito de uma conspiração.

Lentamente, uma para aqui, outra ali, o cavalo velho puxava-se; lentamente, vencendo atalhos, penetrou no centro da grande joia outonal de cristal e ouro e parou, por fim, no coração mesmo dela. Ao sol, a torre da igreja era cinza e âmbar. James Beavis notou com aborrecimento que o relógio da torre estava atrasado. Passaram pela porta do cemitério. Quatro vultos medonhamente escuros subiam a rua defronte deles: duas mulheres enormes (que a Anthony

pareciam gigantes) emergiam do passeio como dois montões de roupa negra. Com elas, aumentados ainda mais pelas cartolas, iam dois homens igualmente colossais.

— Os Champernownes — disse James Beavis; e as sílabas desse nome familiar foram, para o irmão, como um pontão, mas um pontão de espada em carne viva. — Os Champernownes e — deixe ver — como se chamava aquele rapaz que se casou com a filha deles? Ansteir? Annerley? — Volveu um olhar interrogativo para John. Mas John olhava fixamente para a frente e não respondia.

— Amersham? Atherton? — James Beavis franzira o sobrolho, irritando-se. Meticuloso, dava uma importância enorme a nomes e datas e algarismos; orgulhava-se da sua capacidade de reproduzi-los com exatidão. O menor lapso de memória bastava para enfurecê-lo. — Atherton? Anderson? — E o que mais o desesperava era que o rapaz produzia tão boa impressão, comportava-se tão bem, sem aquele jeitão idiota de rigidez militar do sogro, o general, mas, ao contrário, era gracioso e desenvolto de gestos... — Não sei como é que vou chamá-lo — disse consigo; e começou a sentir na bochecha direita uma contração, como se um bicho vivo estivesse preso debaixo da pele e fizesse violentos esforços para sair.

Aproximaram-se. Anthony tinha a impressão de ter engolido o coração, de o ter engolido inteiro, sem mastigar. Sentia-se bem mal, como na expectativa de uma surra.

Os gigantes negros fizeram alto, deram meia-volta e volveram ao encontro deles. Barretadas. Apertos de mão.

— Olha o Anthonyzinho querido! — disse lady Champernowne, quando chegou, por fim, a sua vez. Não se conteve e, curvando-se toda, deu-lhe um beijo.

Era gorda. Seus lábios deixaram na face do menino uma umidade enjoada. Anthony abominou-a.

— Acho que eu também devo beijá-lo — pensou Mary Amberley consultando sua mãe com um olhar. Natural, de esperar, mesmo, que uma mulher casada o fizesse. Seis meses atrás, quando ela era ainda Mary

Champernowne e recém-saída do colégio, seria uma ideia absurda. Mas agora... A gente não sabia bem. Contudo, acabou por decidir que não beijaria o pequeno, que seria realmente ridículo. Apertou-lhe a mão sem dizer nada e apenas com um sorriso de vaga segurança em sua felicidade secreta. Havia quase seis meses que estava grávida e durante aquelas duas outras últimas semanas vivera numa espécie de êxtase beatífico, de torpor inexprimivelmente delicioso. Feliz em um mundo que se tornara irreconhecivelmente belo e rico e benévolo. O campo se lhe afigurara um paraíso essa manhã, quando passavam embalados pelos boléus suaves de um landô, e esse pequeno espaço de verdura entre as árvores douradas era o próprio éden. Verdade era que mrs. Beavis, coitada, tinha morrido. Tão bela ainda e tão moça. Como tudo isso era triste! Como quer que fosse, porém, essa tristeza não afetava sua felicidade íntima, continuava sem nenhuma significação, era como a tristeza de alguém que habitasse outro planeta.

Anthony ergueu por um momento os olhos para esse rosto sorridente, fulgurando no engaste negro das vestes, deixando transluzir a paz e a felicidade íntimas. Depois, cheio de timidez, baixou os olhos.

Nesse meio tempo Roger Amberley observava, fascinado, o sogro e se admirava de como era possível viver alguém sempre assim, dentro de uma linha impecável; de como se podia ao mesmo tempo conseguir ser um verdadeiro general e dar a impressão perfeita, visual e auditiva, de um general de opereta. Até numa cerimônia fúnebre, até mesmo por ocasião de dizer ao marido enlutado algumas palavras muito preparadas, ele não passava de um puro Grossmith! E era de ver como contraía irreprimivelmente os lábios sob o belo bigode castanho.

“Parece estar muito abatido”, pensava o general, ao falar com John Beavis; e sentia pena do coitado, embora continuasse não gostando dele. Era, sem dúvida, um precioso, um maçador, um presumido, inteligente, sim, mas ao mesmo tempo um tolo. E o pior era que não se podia considerá-lo um homem. Sempre no meio das saias. Saias de mães, saias de tias, saias de esposas. O que lhe faltava eram alguns anos de exército, que lhe teriam feito, sem dúvida, muito bem. Contudo, parecia estar muito abatido. Horrivelmente abatido. Maisie fora

uma doce e meiga criatura. Boa demais para ele, naturalmente...

Estiveram um instante parados. Depois, foram todos dirigindo-se lentamente para a igreja. Anthony ia no meio, como um anão rodeado de gigantes. A sombra negra que eles projetavam cobria-o todo, escurecia o céu, eclipsava a torre de âmbar e as árvores. Ele caminhava como no fundo de um poço movediço, cujas paredes negras farfalhavam em volta dele. Começou a chorar.

Não quisera ter consciência do fato, tudo fizera para ter dele apenas uma noção superficial; assim, por exemplo, como se sabe que trinta e cinco vem depois de trinta e quatro. E agora vinha esse poço negro e lhe infundia o horror da morte concentrado na sua escuridão. Não tinha para onde fugir. E rompeu em soluços.

Mary Amberley, perdida na contemplação extasiada de folhas de ouro debuxadas na palidez do céu, baixou por um instante os olhos sobre essa criaturinha que chorava neste outro planeta e voltou depois de novo aos páramos edênicos.

“Pobre criança!”, disse consigo o pai. Depois, como que dobrando o lanço: “Pobre órfão!”, ajuntou com decisão, satisfeito (pois queria sofrer) da dor que lhe causava o proferir tais palavras. Olhou para o filho, viu-lhe o rosto torturado, os lábios cheios e sensíveis marcados pela angústia, as faces desfiguradas pelas lágrimas que escorriam e, acima, a fronte larga, alta, aparentemente indene em sua graciosa pureza. Viu; e sentiu que mais uma dor lhe confrangia o coração.

— Meu filho querido! — disse e, dizendo-o, pensava na união mais íntima em que os poria o sofrimento comum. Verdade que, com uma criança, não era fácil a naturalidade, fácil o contato. Mas a tristeza e as recordações comuns haveriam naturalmente... E apertou dentro da sua, a mão pequenina do filho.

Estavam à porta da igreja. O poço desmanchou-se.

“É como se estivéssemos no Tibete”, pensou consigo o tio James quando teve que tirar o chapéu. “Por que não tirar também as botinas?”

No interior da igreja havia uma escuridão denunciadora de coisas antigas, cheirando a séculos de piedade rústica. Anthony sorveu por duas vezes esse

bafio adúlcorado e sentiu que o diafragma se lhe contraía num espasmo de náusea. Já o temor e o abatimento lhe haviam dado a sensação de estar engolindo o próprio coração; e agora esse cheiro, esse cheiro nauseabundo a anunciar que o local se achava empestado de germes... “Empestado de germes!” Ouvia de novo a voz dela — essa voz que sempre, se alterava quando ela falava em germes, voz que se tornava diferente, como se outra pessoa estivesse falando. Nas ocasiões comuns, quando não estava zangada, a voz lhe soava tão suave e, de certo modo, lânguida — a languidez de um riso, a languidez de um cansaço. Mas o pavor dos germes tornava-lhe a voz quase selvagem. “Que nunca deixasse de cuspir quando sentisse mau cheiro”, ela lhe tinha dito. “Que podia haver germes de tifo no ar”. Recordando essas palavras, esses conselhos maternos, sentiu a boca encher-se de saliva. Mas como podia cuspir ali, na igreja? Não havia remédio, senão engolir o cuspo. E engoliu-o com um arrepio de medo e de náusea. E se adoecesse nesse fétido local? A apreensão fê-lo sentir-se ainda pior. E como devia a gente comportar-se durante o ofício fúnebre? Até então nunca tinha assistido a essas cerimônias.

James Beavis consultou o relógio. Daí a três minutos começariam as mágicas. Por que não tinha John preferido uma cerimônia sem pompa? Como se a pobre da Maisie desse importância a essas coisas. Uma tolinha, sim, mas nunca uma beata; sua tolice não era a tolice da religião, mas a simples tolice leiga da frivolidade feminina. Essa tolice de ler romances no sofá, alternando-se com a tolice dos chás, dos piqueniques e dos bailes. O incrível era que John tivesse suportado toda essa bobagem, que tivesse mesmo, ao que parecia, gostado de tudo isso! Mulheres cacarejando como galinhas em torno de uma mesa de chá. James Beavis fechou-se todo numa carranca de desprezo e irritação. As mulheres aborreciam-no — enjoavam-no. Todas aquelas saliências sinuosas, ondulantes e moles dos seus corpos. Coisa horrível. E a estupidez, a vacuidade mental. Mas, em todo caso, a pobre Maisie nunca fora uma carola, nunca andara atrás de padres. Esses terríveis parentes dela, esses, sim. Havia deãos na família — deãos e deãs. John, naturalmente, não tinha querido ofendê-los. Fraqueza. Em questões de princípios, era preciso ofender. Devia-se ofender.

Ouviu-se o órgão. Pela porta aberta entrou um pequeno cortejo de

sobrepelizes. Alguns homens traziam qualquer coisa de parecido com um montão de flores. Ouviu-se um canto. Seguiu-se um silêncio. E depois, com uma voz extraordinária, o padre começou: — Ergue-se Cristo do seio dos mortos; — foi prosseguindo, sempre a falar de Deus e da morte e dos animais de Éfeso e da matéria. Anthony, porém, mal ouvia, pois não podia pensar senão naqueles germes que ainda ali estavam a despeito do cheiro das flores, e na saliva que continuava enchendo-lhe a boca e que ele tinha que engolir apesar do tifo e da gripe e naquele horrível mal-estar no estômago. Quanto tempo duraria tudo aquilo?

“Parece um bode berrando”, disse James Beavis consigo, ao escutar a voz que vinha da estante do coro.

Depois tornou a olhar para o jovem genro dos Champernownes. Anderton, Abdy...? Que belo perfil, clássico!

Sentado, cabisbaixo e cobrindo com a mão os olhos, seu irmão pensava nas cinzas que estavam dentro da caixinha, ali, debaixo das flores — as cinzas que tinham sido o corpo dela.

Estava afinal terminado o ofício fúnebre. “Graças a Deus!”, pensou consigo Anthony, cuspendo sorrateiramente no lenço, que dobrou e guardou no bolso com germes e tudo. “Graças a Deus!” Tinha conseguido não enjoar. Foi acompanhando o pai até a porta e quando, com mais alguns passos, se viu fora daquela penumbra crepuscular, foi com uma espécie de êxtase que respirou o ar puro. Ainda havia sol. Olhou em volta e para o céu pálido em cima. Lá no alto, na torre da igreja, uma gritaria de gralhas lembrava o barulho de uma pedra esgueirando-se sobre uma água congelada e produzindo, ao sulcar o gelo, um tinido prolongado.

— Não atire pedras no gelo, Anthony — gritara-lhe um dia sua mãe. — Elas ficam agarradas nele e depois os patinadores...

Recordava-se de a ter visto tanta vez patinando no gelo, de como certa vez ela se aproximara dele, fazendo curvas e zigue-zagues e deslizando depois em linha reta, como uma gaivota; toda de branco; bela. E agora... De novo se lhe encheram os olhos de água. Mas por que, por que insistira com ele, aquela vez, para que também patinasse?

— Não quero, não — ele lhe respondera. E, perguntando-lhe ela por que, não soubera explicar. Tinha medo, de certo, de que se rissem dele. Não queria expor-se ao ridículo. Mas como lhe havia de dizer isso? Acabara chorando — na presença de todos. Não poderia ter sido pior. Tivera-lhe quase ódio, naquela manhã. E agora ela estava morta e ali em cima as gralhas estavam atirando pedras sobre o gelo do último inverno.

Estavam, agora, à beira do túmulo. Mais uma vez mr. Beavis apertou a mão do filho. Procurava preparar-lhe o espírito para esses últimos e dolorosíssimos momentos.

— Coragem, meu filho — sussurrou. Exortação que tanto servia ao filho como a ele próprio.

Debruçando-se, Anthony espiou para dentro da cova. Pareceu-lhe de uma profundidade extraordinária. Teve um estremeção, fechou os olhos; e a viu imediatamente ali, deslizando em direção a ele, branca, como uma gaivota, e branca ainda em sua toalete de cetim quando lhe veio dar boa-noite antes de sair para um jantar, com aquele perfume que lhe sentiu quando junto à cama se inclinou sobre ele e aquela frescura de seus braços nus.

— Você parece gato — costumava ela dizer quando ele esfregava o rosto nos seus braços. — Por que não ronrona também como o gato?

“Em todo caso”, estava pensando com satisfação o tio James, “o John ficou firme, quanto à cremação”. Os cristãos haviam sido derrotados. Ressurreição do corpo, com efeito! No ano de 1902 da nossa era!

Quando chegasse a sua vez, pensava agora John Beavis, era ali que seria enterrado. Ali, naquela cova mesmo. Suas cinzas junto das dela.

De novo se fazia ouvir aquela voz estranha do padre: — Sabeis, Senhor, o segredo dos nossos corações... — Anthony abriu os olhos. Dois homens arreavam para o fundo da cova a pequena urna de terracota, quase do tamanho de uma lata de biscoito. A urna tocou o fundo e as cordas foram içadas.

— À terra, a terra — soava, como um balido, a voz caprina —, ao pó, o pó.

— Às suas cinzas, minhas cinzas — completava John Beavis. — Misturados.

E repentinamente lembrou-se daquela vez em Roma, um ano depois de casados; daquelas noites de junho, com os pirilampos sob as árvores, nos jardins Doria, como estrelas que houvessem enlouquecido.

— Que há de transformar o nosso corpo vil, para identificá-lo com o corpo glorioso d’Ele...

— Vil, *vil*? — saiu-lhe, como um protesto, do fundo d’alma.

Caiu a primeira pá de terra, a segunda; e as outras se foram sucedendo. A urna estava quase coberta. Era tão pequenina, de uma pequenez espantosa e imprevista... A imagem daquele boi enorme, daquela diminuta xícara de chá assomou à imaginação de Anthony. Assomou obscena, recusando-se, opondo-se ao exorcismo. As gralhas gritavam de novo na torre. Qual uma gaivota, ela se precipitara, serena, em direitura dele. Serena e bela. Mas o boi ainda estava ali, ainda em sua xícara de chá, ainda ignóbil e detestável; e ainda mais ignóbil, ainda mais odioso, ele próprio se sentia.

John Beavis largou a mão que estivera segurando e, passando o braço em volta dos ombros do menino, apertou-lhe o corpinho magro contra o seu — mais e mais, até sentir na sua própria carne os soluços que o agitavam.

— Pobre criança! Pobre órfão!

CAPÍTULO V

8 de dezembro de 1926

— VOCÊ NÃO TINHA CORAGEM... — disse Joyce.

— Se tinha!

— Tinha nada!

— Estou-lhe dizendo que tinha — insistiu Helena Amberley com mais força.

Excessivamente impressionável, a irmã mais velha continuou: — Você iria para a cadeia, se fosse apanhada. — E emendando-se: — Para a cadeia, digo mal. Você ainda é muito criança. Mas para uma escola correcional.

Helena sentiu subir-lhe o sangue ao rosto. — Já vem você com isso de escola correcional! — disse, num tom que pretendia ser desdenhoso, mas que traía uma cólera incontida. A escola correcional era uma afronta pessoal. A cadeia era, por certo, uma coisa terrível; tão terrível, mesmo, que continha qualquer coisa de belo. (Ela já tinha visitado a prisão de Chillon, já tinha atravessado a Ponte dos Suspiros.) Mas uma escola correcional — ah, isso não! isso era o que havia de mais ignóbil. A escola correcional estava no mesmo nível de um lavadouro público ou de uma estação de District Railway. — Escola correcional! — repetiu. Era uma coisa que ia muito bem com o feitio moral de Joyce, isso de pensar em escolas correcionais. Ela tinha sempre o gostinho de arrastar para a lama as coisas divertidas e aventureiras da vida. E o que ainda tornava a coisa pior era que, ao fazê-lo, era geralmente ela quem tinha razão: a lama era a vida real, eram fatos, era o senso comum. — É porque você mesma não teria coragem de fazer tal coisa, que acha que eu também não teria —

continuou Helena. — Pois eu vou fazer. Só para mostrar a você. Vou roubar uma coisa qualquer de cada loja em que entrarmos. Sem exceção de nenhuma. Você vai ver.

Joyce começou a ficar seriamente alarmada. Lançou um olhar interrogativo para a irmã. Mas tudo o que Helena lhe deixou ver, foi apenas um perfil pálido e ríspido e um queixo provocadoramente arrebitado.

— Mas olhe cá — começou com ar severo.

— Não quero saber de nada — disse Helena, como que se dirigindo ao espaço impessoal que lhe estava em frente.

— Deixe de criancice, Helena! — Não teve resposta. O perfil continuava sendo o de uma rainha sobre uma moeda. Entraram na Gloucester Road e encaminharam-se para as lojas.

E se aquela maluca tivesse mesmo a ideia de fazer o que dizia? E Joyce resolveu mudar de tática. — Naturalmente que você tem coragem — disse ela com um ar de conciliação. Outra vez sem resposta. — Não tenho a menor dúvida disso. — Tornou a voltar-se para Helena; o perfil continuava, porém, olhando firme para a frente, sem desviar uma linha. A mercearia ficava ali na próxima esquina, a menos de vinte jardas de distância. Não havia tempo a perder. Joyce sopitou o que ainda lhe restava de orgulho. — Escute aqui, Helena — disse, como quem pede, como que apelando para a generosidade da irmã. — Eu é que desejaria que você não tivesse coragem. — Pôs-se a imaginar toda a cena deplorável: — Helena apanhada em flagrante; o dono da casa indignado e a falar cada vez mais alto; ela procurando explicar o caso, tentando desculpar a irmã e esta estragando tudo com o seu intolerável procedimento. Porque, com certeza, Helena ficaria imóvel e silenciosa, sem procurar absolutamente defender-se, sem proferir a menor palavra de arrependimento, calma, sorridente e desdenhosa, como se fosse um ser superior e todos os outros uma simples escória. O que tornaria ainda mais furioso o negociante, que, afinal, acabaria por mandar chamar um policial. E depois... Mas o que haveria de pensar Colin, quando soubesse disso? Sua futura cunhada detida sob a acusação de furto! Era bem possível que desmanchasse o casamento. — Oh, por favor, não faça isso — implorava; — por favor, Helena! — Mas era o mesmo que implorar à efígie

do rei Jorge numa moeda de meia libra que se voltasse e lhe piscasse o olho. Pálida, decidida, qual uma jovem rainha cunhada em prata, Helena continuava inexorável. — Por favor! — Joyce repetia, quase em pranto, torturada pela ideia de que poderia perder Colin. — Por favor! — Já lhe chegava, porém, às narinas o cheiro das especiarias; achavam-se já na soleira. Ela agarrou a irmã pela manga, mas Helena desvencilhhou-se num repelão e embarafustou loja adentro. Com o coração aos pulos, Joyce acompanhou-a, como se fosse assistir à sua execução. O rapaz do balcão de queijo e toucinho sorriu acolhedoramente ao vê-las entrar. No afã de evitar suspeitas, de abrandar-lhe antecipadamente a indignação inevitável, Joyce retribuiu o sorriso com efusiva amabilidade. Viu logo, porém, que assim também não; e tratou de recompor o semblante. Fez-se calma, natural, uma dama perfeita, mas, ao mesmo tempo, afável; afável e... (qual era a palavra?) ah, sim, magnânima — como a rainha Alexandra. E era com verdadeira magnanimidade que acompanhava Helena para aqui, para ali, dentro do estabelecimento. Mas por que — estava pensando agora — por que tivera a ideia de abordar aquele assunto do crime? Para que foi que ela, sabendo como era Helena, tivera a loucura de sustentar que a criminalidade era uma questão de educação, que, educada convenientemente, uma pessoa jamais poderia ser um criminoso? Estava bem claro qual haveria de ser a réplica de Helena. Era isso mesmo que ela queria.

Fora a Helena, irmã mais moça, que a mãe tinha dado a lista de compras. — Porque é quase tão estouvada como eu — explicara a sra. Amberley, com aquele tom de complacência que era sempre motivo de tantas contrariedades para Joyce. Ninguém tinha o direito de estar se gabando dos próprios defeitos.

— E isso vai-lhe ensinando a ser uma boa dona de casa — Deus a proteja! — ajuntara com uma risadinha.

Em pé junto ao balcão, Helena desdobrou o papel, leu, e depois, com toda a altivez e de cara fechada, como se estivesse dando ordens a um escravo, disse à empregada: — Antes de tudo, café. Duas libras. Misturado: de dois *pence* com café de quatro *pence*.

Era evidente que a moça se sentia ofendida com aquele tom, com aquela maneira feudal de Helena. Joyce serviu-se no dever de envolvê-la num olhar de

dupla, de compensadora magnanimidade.

— Procure ter modos um pouco mais civis — sussurrou, enquanto a moça foi buscar o café.

Helena conservou seu silêncio, mas com esforço. Modos mais civis... Com efeito! Modos mais civis com essa zarolha que se esquecia de lavar os sovacos. Ah, como a enojavam a fealdade, a deformidade, a falta de asseio! Sentia nojo e abominava...

— Por amor de Deus — continuava Joyce — não cometa nenhuma insensatez. Eu proíbo absolutamente...

Mas, no momento mesmo em que essas palavras eram proferidas, Helena estendeu a mão e, sem se incomodar com ser vista, apanhou um tablete de chocolate, o mais alto de uma pilha arrumada com esmero e em forma de espiral sobre o balcão — apanhou-o e depois, com o mesmo gesto lento e decidido, meteu-o cuidadosamente no cesto.

Antes, porém, que o crime estivesse plenamente consumado, Joyce tivera o cuidado de virar as costas e ir se afastando.

“Eu poderia alegar que era a primeira vez que a via”, refletia. Mas quem daria crédito? Todo o mundo sabia que eram irmãs. “Oh, Colin”, era o seu grito íntimo e abafado — Colin!

Uma pirâmide de latas de lagostas surgiu, alta, diante dela, fazendo-a parar. “Calma”, disse consigo. É de calma que eu preciso. Seu coração batia de medo, e as lagostas de cor magenta escuro, pintadas nos rótulos das latas, dançavam-lhe diante dos olhos vertiginosamente. Tinha receio de olhar em volta; mas, ao mesmo tempo que ouvia as pancadas fortes do coração, estava de ouvido atento e ansioso, à espera do inevitável alarma.

— Interessam-lhe, talvez, estas lagostas, senhorita? — foi-lhe dito, em tom confidencial, quase sussurrado, ao ouvido esquerdo.

Joyce sobressaltou-se. Depois, com um esforço, conseguiu sorrir e responder, com a cabeça, que não.

— É uma qualidade que temos satisfação em recomendar, senhorita. Tenho certeza de que, se levasse uma latinha para experiência...

— E agora — dizia, do outro lado, Helena, com toda a calma e no mesmo

tom exasperadamente feudal — quero dez libras de açúcar. Mas isso eu não posso levar; terão que mandar.

Foram saindo. O rapaz da seção de queijo e toucinho sorriu, à guisa de adeus; eram umas moças simpáticas e, além disso, boas freguesas. Com grande esforço, Joyce conseguiu, ainda uma vez, ser magnânima. Mal haviam, porém, transposto a porta, quando o rosto se lhe desintegrou, por assim dizer, num caos de violenta emoção.

— Helena! — exclamou furiosa. — Helena!

Mas Helena continuava sendo ainda a jovem rainha de um florim de prata, ostentando o seu perfil impassível e mudo.

— Helena! — Entre a luva e a manga, Joyce distinguiu no braço da irmã uma polegada de pele nua e deu-lhe um forte beliscão.

Helena puxou vivamente o braço e, sem voltar-se, com o mesmo perfil imóvel e impassível, disse em voz baixa: — Se continua a me atormentar, fique certa que eu jogo você na sarjeta.

Joyce chegou a abrir a boca para falar, mas depois desistiu e tornou a fechá-la. Sabia que, se dissesse mais alguma coisa, Helena, sem dúvida nenhuma, a empurraria para dentro da sarjeta. Teve de contentar-se com dar de ombros e assumir um ar de distinção.

A casa de frutas estava repleta. Enquanto esperava sua vez de ser servida, Helena não teve dificuldade em escamotear duas laranjas.

— Quer uma? — perguntou a Joyce ao saírem da casa de frutas. Era uma provocação e Joyce compreendeu que era chegada, então, a sua vez de também se tornar um perfil de moeda.

Na papelaria não havia, infelizmente, outros fregueses para distraírem a atenção do pessoal que se achava por trás do balcão. Contudo, Helena manteve-se à altura da situação. Aconteceu rolar pelo chão, de repente, um punhado de troco miúdo; e, enquanto os empregados estavam apanhando as moedas espalhadas no chão, ela servia-se, sem cerimônia, de uma borracha e de três ótimos lápis.

Foi no açougue que começou a dificuldade. Helena comumente se recusava a entrar em um açougue, qualquer que fosse. O aspecto e o cheiro nauseabundo

daqueles cadáveres pálidos causavam-lhe a maior das repugnâncias. Nessa manhã, porém, ela entrou resoluta. Apesar da repugnância. Era um ponto de honra. Tinha dito — *de cada loja*, e não ia agora dar a Joyce um pretexto para alegar, depois, que ela tinha trapaceado. No primeiro meio minuto, enquanto tinha ainda os pulmões cheios de ar incorrupto inalado antes de entrar, sentiu-se muito bem. Mas, Deus do céu, quando, por fim, teve de respirar... que horror! Levou o lenço ao nariz. O cheiro áspero e penetrante das carcaças rompeu a barreira de perfume, superpondo-se à suavidade deste, de sorte que uma respiração que começava como *Quelques Fleurs* iria terminar horivelmente em cheiro de carneiro morto, ou, partindo do fedor de sangue estragado, iria, através de modulações sucessivas, até a clave do jasmim ou do âmbar-cinzentos.

Saiu um freguês; o açougueiro voltou-se para ela. Era um homem avelhentado, de cara quadrada e maciça, que a olhava com uma expressão de paternal benevolência.

— Parece com o sr. Baldwin — disse ela consigo e, depois, em voz alta, mas indistintamente, através do lenço: — Libra e meia de alcatra, faz favor.

Daí a um momento voltava o açougueiro com um pedaço de carne sangrenta. — Aqui está um belo pedaço, senhorita! — E apalpava aquela massa úmida e vermelha com o entusiasmo apaixonado de um artista. — Um belo pedaço, realmente! — Tal qual o sr. Baldwin compulsando o seu Virgílio, manuseando o seu Webb cheio de dobras nas pontas das páginas. — Nunca mais hei de comer carne — pensava ela consigo enquanto o sr. Baldwin se afastava e começava a retalhar a dita. — Mas, que é que eu vou furto! — Olhou em volta. — Que poderá haver por aí que eu...? Ah! — Uma prateleira de mármore, da altura de uma mesa, estendia-se ao longo de uma das paredes do açougue. Sobre ela, bandejas com miúdos sortidos, de uma cor entre rosa e pardo-escuro.

E no meio dessas vísceras nojentas, um gancho — um grande gancho de aço em forma de S, com uma de suas pontas encurvadas ainda manchada do sangue de qualquer cadáver estripado e decapitado que a ele estivera suspenso. Tornou a olhar em volta. Pareceu-lhe oportuno o momento — o açougueiro estava pesando a carne que ela pedira, o empregado estava conversando com aquela

velha repelente de cara de cachorro buldogue, e a moça que trabalhava na caixa, mergulhada em suas contas. À porta da casa, distante e como que alheada, Joyce esmerava-se, até ao exagero, no papel de quem interroga o céu e quer saber se a garoa que está caindo vai transformar-se em algo de mais sério. Helena deu três passos rápidos, apanhou o gancho e já o ia metendo no cesto, quando ouviu a voz solícita do açougueiro: — Cuidado, senhorita. Não toque nesses ganchos, que se suja toda.

Tal qual numa descida abrupta de montanha-russa, a sensação foi de vertigem. A consciência da culpa fez-lhe subir o sangue às faces, aos olhos, à testa, que escaldavam. Ela tentou rir.

— Eu estava apenas examinando. — E largou o gancho, que caiu, tilintando, sobre o mármore.

— É. Mas a senhorita podia estragar o vestido — observou o açougueiro com o seu sorriso paternal. O sr. Baldwin sem tirar nem pôr.

Nervosa, não encontrando nada de melhor para fazer ou dizer, Helena pôs-se a rir novamente e, enquanto ria, fez inadvertidamente mais uma inalação de ar fétido. Puf! Defendeu outra vez o nariz com *Quelques Fleurs*.

— Uma libra e onze onças, senhorita.

Ela concordou, por um sinal de cabeça. Mas que havia ali para furtar? E como achar a oportunidade?

— Que há de ser mais, hoje?

Que havia de ser mais? Sim, era o único recurso — comprar mais alguma coisa. Isso lhe daria tempo para pensar e oportunidade para agir. — O senhor tem aí... — Hesitava... — Chouriço?

Sim, o sr. Baldwin tinha chouriço e estava na prateleira, junto com os outros miúdos. Ali mesmo, juntinho do gancho. E quando ele perguntou quanto queria, ela respondeu: — Ah, não sei, a quantidade comum; o senhor já sabe.

Olhou em volta de si, desesperada, enquanto ele cuidava do chouriço. Não havia, nesse imundo açougue, nada que ela *pudesse* tirar, a não ser o gancho. Mas o gancho estava agora fora de cogitação, depois que o açougueiro a surpreendera com ele nas mãos. Não havia, pois, absolutamente nada. A menos que... Sim! só podia ser isso! Correu-lhe o corpo todo um arrepio. Ela, porém,

franziu a testa, cerrou os dentes. Estava resolvida a não recuar.

— E agora — disse, depois que ele embrulhara o chouriço — agora eu quero aquilo ali. — E indicou os pacotes de salsichas claras, empilhadas sobre uma prateleira no outro extremo do açougue.

“Vou aproveitar enquanto ele está de costas”, pensou. Mas a moça da caixa interrompera as suas contas, levantara a cabeça e passeava o olhar por todo o estabelecimento. “Oh, maldita, desgraçada!”, foi o esconjuro que acudiu nitidamente à imaginação de Helena, logo substituído por um “ora graças!” quando viu que a moça já não olhava. Esboçou um gesto; a moça espiando, de novo. “Diabos a levem!” E deixou cair a mão. Agora era tarde demais. O sr. Baldwin já apanhara as salsichas, já se tinha voltado e aproximava-se dela.

— É só, senhorita?

— Na verdade, não me lembro... — E Helena enrugava a testa, como que em dúvida e procurando ganhar tempo. — Está me parecendo que falta qualquer coisa... que havia qualquer coisa ainda... — Os segundos passavam; era terrível; ela estava fazendo um papel ridículo, de perfeita idiota. Contudo, não queria desistir. Recusava-se a dar-se por vencida.

— Temos esta manhã um excelente carneiro do País de Gales — disse o carnicheiro naquela sua voz de artista, como se estivesse falando das Geórgicas.

Helena meneou a cabeça; realmente não podia comprar carneiro no momento.

Nesse instante a moça da caixa começou outra vez a escrever. Tinha chegado o momento.

— Não — disse ela com decisão; — o que eu quero é mais uma libra dessas salsichas.

— Outra? — o sr. Baldwin mostrava-se surpreso.

“Não há que admirar”, pensou ela. Lá em casa também iam ficar surpresos.

— Sim, só mais uma — disse e sorriu, insinuante, como se pedisse um favor. Ele voltou à prateleira. A moça da caixa continuava escrevendo, a velha de cara de buldogue não parara de conversar com o empregado. Rápida — não havia um segundo a perder — Helena virou-se para a prateleira de mármore a seu lado. Era por um daqueles rins que ela se decidira. A coisa escorregou,

obscena, entre seus dedos enluvados — uma espécie de lesma, de calamar, que ela teve, por fim, que empalmar com a mão toda. Graças a Deus que estava de luvas, pensava consigo. E quando deixou cair o rim no cesto, ocorreu-lhe a ideia de ter na boca aquela coisa horrível, assim mesmo crua, viscosa, pegajosa, de uma imundície inexprimível, levar à boca, morder, saborear, engolir aquilo. Outro arrepio de nojo assaltou-a, desta vez tão violento que lhe deu a impressão de lhe estar rasgando as entranhas.

Cansada das suas observações meteorológicas, Joyce, abrigada sob a sombrinha, passara a contemplar os crisântemos da vitrina de uma casa de flores ao lado. Preparara algo de particularmente ofensivo para dizer a Helena, quando esta saísse. Quando viu, porém, a angústia estampada na face branca da irmã, chegou a esquecer, até, os seus legítimos agravos.

— O que é que aconteceu, Helena?

Como única resposta, Helena desatou a chorar.

— Mas o que foi?

Ela sacudiu a cabeça e, voltando-se, levou a mão ao rosto para enxugar as lágrimas.

— Diga o que foi...

— Oh! — Helena agitava-se e gritava, como se tivesse sido picada por uma vespa. Via-se-lhe nas contrações do rosto a expressão de uma angustiosa repugnância. — Oh, que porcaria, que porcaria — repetia ela, olhando para os dedos. E, depondo o cesto sobre a calçada, desabotoou a luva, arrancou-a e, com um gesto violento, jogou-a na sarjeta.

CAPÍTULO VI

6 de novembro de 1902

O GUARDA APITOU E O TREM, obedecendo, pôs-se em movimento. Passou Keating, devagarinho; seguiu-se Branson; vieram depois Pickwick, Owl e Waverley; logo após e em sucessão acelerada — Beecham, Owbridge, Carter, Pears; passou a fábrica Humphrey's, passou Lollingdon; depois, quase a vinte milhas por hora, a Companhia Eno's; depois Pears, Pears, Pears. Pears, Pears — e de repente a plataforma e as cercas que a guarneciam mergulharam no espaço e sumiram-se, tragadas na voragem verde dos campos. Anthony reclinou-se em seu canto e suspirou, agradecido. Era, afinal, a fuga; conseguira, afinal, sair desse poço, desse abismo negro para dentro do qual o tinham empurrado; estava livre outra vez. Era uma alegria para os seus ouvidos o barulho das rodas, que diziam assim: — Se puxarem a corrente, o trem para de repente, quem puxar sem ser preciso, paga multa: cinco libras, CINCO LIBRAS, CINCO LIBRAS, CINCO LIBRAS... Mas que almoço horrível tinha sido aquele no Granny!

— Trabalhar — dizia James Beavis — é a única coisa a fazer numa ocasião como esta.

O irmão anuiu com a cabeça. — Sim, era a única coisa. — Depois, passado um momento de hesitação, acrescentou, consciente de si, nesse bizarro jargão que ele tinha por linguagem popular: — Foi quase um nocaute que recebemos. — A linguagem popular de John Beavis era, o mais das vezes, colhida nos livros. Aquele nocaute era uma metáfora tomada às lutas de boxe, às quais ele jamais assistira. — Felizmente — continuou — temos, no momento, muito trabalho pela frente. — Era uma alusão às suas leituras. Aludia ainda às suas colaborações no *Dicionário de Oxford*. Às montanhas de livros, às fichas, ao seu imenso índice

de endereços, às cartas dos confrades filólogos. E o exaustivo ensaio sobre o calão dos Jacobitas. — Não se pense que vai nisso uma intenção de “tapear” o sofrimento — ajuntou, pondo o termo de gíria entre os equivalentes auditivos das aspas. James não devia pensar que ele pretendia afogar sua dor, sua mágoa, sua tristeza no trabalho. Pareceu tatear à procura de uma frase. — E... é a uma música sacra, que nos vamos entregar! — ejaculou, por fim.

James continuava concordando, com ligeiros movimentos de cabeça, como se de antemão já soubesse tudo quanto o irmão dissesse ou pudesse dizer. Contraíam-lhe o rosto uns tiques bruscos e involuntários. Uma impaciência nervosa minava-o, devastava-o, como que o entisicava, como que o roía até os ossos. — Exatamente — disse — exatamente. — E fez o último sinal de cabeça. Seguiu-se um longo silêncio.

“Amanhã”, ia pensando Anthony, “teremos álgebra com o velho Jimbug.” A perspectiva era desagradável. Ele não era forte em matemática e mr. Jameson, mesmo nos melhores momentos, mesmo quando gracejava e brincava, era um professor formidável. — Se o Jimbug começar a me amolar, como aquela vez na semana passada... — Recordando-se da cena, Anthony franziu a testa; subiu-lhe o sangue ao rosto. Jimbug fizera-lhe umas observações sarcásticas, puxara-lhe os cabelos. Ele rompera em prantos. (Quem não teria chorado?) Uma lágrima caíra em cima da equação que ele procurava resolver e produzira um enorme borrão redondo. Depois o bruto do Staithes a troçar com ele, a ridicularizá-lo. Felizmente Foxe tinha vindo em seu socorro. Eles riam-se de Foxe, porque era gago, mas o fato era que Foxe era um rapaz muito decente.

Em Waterloo, Anthony e o pai tomaram um carro de aluguel. O tio James preferiu ir a pé. Posso levar onze minutos daqui até ao Clube — disse-lhes. Levou a mão ao bolso do colete. Consultou o relógio; depois voltou as costas e, sem dizer mais nada, foi descendo a passos largos a ladeira.

— Euston! — gritou John Beavis para o cocheiro.

Marchando cauteloso sobre a ladeira lisa, o cavalo foi seguindo. O carro arfava, como um navio. Anthony ia cantarolando inaudivelmente o *Washington Post*. Sentia sempre um prazer extraordinário em viajar num carro de aluguel. No sopé do morro o cocheiro chicoteou o cavalo, pondo-o em trote. A certa altura

sentiram um cheiro de cerveja; depois, um cheiro de peixe frito. Leram, mais adiante, sobre uma flâmula, *Good-bye, Dolly Gray* e entraram aos boléus pela estrada de Waterloo Bridge. O trânsito movia-se ruidosamente em volta deles. Não estivesse seu pai ali e Anthony teria cantado em voz alta.

O fim da tarde deixava ver ainda certa claridade fumarenta por cima dos telhados das casas. E, quando menos se esperava, surgiu aqui o rio, o luminoso rio com as suas chalupas negras e um rebocador; no céu, como um balão, a catedral de São Paulo; enfim, a misteriosa Shot Tower.

Da ponte, um homem atirava pão às gaivotas. Perdendo-se na bruma, quase invisíveis, elas deslizavam pelo ar; voltavam-se, avançando as asas cinzentas, cedendo ao impulso adquirido e, de súbito, emergiam na claridade, como a neve contra as franjas escuras do céu; deixavam depois, novamente, a zona iluminada do espaço e lá iam voando até se tornarem invisíveis. Anthony ficou olhando e cessou de trautear. É assim que costuma fazer uma patinadora sobre o gelo, quando vem deslizando em nossa direção...

E como se, inquietadoramente, também ele tivesse compreendido o sentido secreto dos voos em queda abrupta daquelas aves: — Meu filho querido — começou mr. Beavis, rompendo um longo silêncio e apertando levemente o braço de Anthony. — Filho querido!

Com um peso no coração, Anthony aguardava o resto da frase.

— Precisamos viver agora sempre juntos, sempre unidos — disse mr. Beavis.

O menino fez um vago ruído de aquiescência.

— Bem juntos. Porque nós ambos... — hesitou; — nós ambos a amávamos.

Houve outro silêncio. — Ah, se ao menos ele parasse com isso! — Era o desejo de Anthony. Desejo vão. O pai continuou:

— Havemos de ser sempre fiéis a ela — disse. — Nunca... nunca mais esquecê-la... Não é?

Anthony concordava, em silêncio.

— Nunca! — repetia com ênfase John Beavis. — Nunca! — E mais uma vez recitou para si mesmo os versos que naqueles últimos dias o vinham

perseguido:

*Até que a dor, que a doença, ou que a velhice, um dia,
Deva casar meu corpo ao pó que ele ama tanto;
E deva o espaço encher da tumba que vazia
Meu coração mantém na paz do campo-santo,
Espera lá por mim, sob a lápide fria!*

Depois, em voz alta e quase em tom de desafio, disse: — Ela nunca estará morta para nós. Havemos de conservá-la viva nos nossos corações... Não é, meu filho?

— Viva, sempre, para nós — continuava o pai — de sorte que possamos viver para ela, superiormente, nobremente, tal qual ela queria que vivêssemos. — Fez uma pausa, na iminência de um coloquialismo, essa espécie de coloquialismo que, segundo ele julgava, um colegial compreenderia e apreciaria. — Vivêssemos... bem, como dois “bons rapazes” — disse por fim, constrangido. E depois, procurando improvisar um sucedâneo para o termo que usara, continuou: — Bons rapazes que são também companheiros, verdadeiros camaradas. Nós agora vamos ser camaradas, Anthony; está bem?

Que estava bem — fez de novo Anthony com a cabeça. Sentia-se cheio de vergonha e de embaraço. “Camaradas.” Lembrava-lhe aquela história que aprendera no colégio: *A classe de retórica na escola de São Domingos*. A gente ria, lendo-a. A gente ria-se a perder. *Camaradas!* E logo com quem? Com seu próprio pai! Sentiu as faces queimarem. Olhando pela janelinha lateral, para esconder o seu mal-estar, viu uma daquelas aves cinzentas descendo do céu, em voo abrupto, sobre a ponte; a ave aproximou-se mais e mais; depois, inclinou-se, afastou-se para a esquerda, luziu por um momento, transfigurada, e desapareceu.

No colégio, todos se portaram convenientemente, com uma conveniência que chegava a amedrontá-lo, a isolá-lo. Reserva excessiva, na verdade. Os rapazes comportavam-se com tal prudência, tal era o receio de feri-lo, de magoá-lo nos seus sentimentos íntimos, de ofendê-lo com a expansão de sua própria e natural jovialidade, que, depois de algumas demonstrações contrafeitas de cordialidade, o deixaram sozinho. Era quase a mesma coisa — achou Anthony

— que ser mandado para Coventry. A sua situação não teria talvez sido pior, se ele tivesse sido apanhado em flagrante de roubo ou fugindo.

Nunca, desde os primeiros dias do seu primeiro ano de colégio, se sentira tão irremediavelmente só e abandonado como se sentiu nessa noite.

— É pena que você não tenha assistido ao jogo desta tarde — disse Thompson quando se sentaram à mesa para cear. E era como se estivesse falando a um tio que o fosse visitar.

— Esteve bom, o jogo? — perguntou Anthony no mesmo tom de polidez constrangida.

— Esteve bem animado. Mas eles ganharam. Três a dois. — A conversa se arrastava, frouxa. Embaraçado, Thompson não via como, nem por onde continuar. Recitar a quadrinha de Butterworth, a respeito da jovem dama de Ealing? Não, não lhe era possível repetir isso; muito menos hoje, quando a mãe de Beavis... O que, então? Uma algazarra na outra extremidade da mesa veio, providencialmente, resolver o problema, dando-lhe um pretexto para pôr termo à conversa. — Que é que há? — gritou ele com exagerado interesse. — O que é? — E daí a pouco estavam todos a falar e a rir ao mesmo tempo. Separado dos demais por um abismo invisível, Anthony era apenas um ouvinte e um espectador.

— Inês! — gritou um deles para a criada. — Inês!

— Inês pugnável, Inês cedível, Inês crupulosa, Inês crapulosa — disse Mark Staithes, mas em voz baixa, de modo que ela não ouvisse: a grosseria com a criadagem era considerada em Bulstrode como crime de injúria e, por isso mesmo, tanto mais apreciada, ainda que fosse *sotto voce*. As gargalhadas não se fizeram, pois, esperar. O próprio Staithes, contudo, conservou-se sério. Essa impassibilidade em meio às risadas que ele mesmo provocara, proporcionava-lhe um extraordinário sentimento de força e de superioridade. Demais, isso já era uma tradição de família. Nenhum Staithes jamais sorriu, quando dizia um gracejo, lançava um epigrama ou dava uma resposta espirituosa.

Lançando o olhar em volta da mesa, Staithes percebeu que aquele “cara de bebê”, que era o mísero Benger Beavis, não estava rindo com os demais, e durante um segundo encheu-se de ressentimento e de irritação contra essa

criatura que se atrevia a não achar graça na sua pilhéria. O que tornava o insulto ainda mais intolerável era o fato de Benger não passar de um nulo. Futebol, ele jogava mal; críquete, idem. A única coisa que ele sabia era trabalhar. Trabalhar! E era um garoto desses que ousava ficar de cara fechada, quando ele... Depois, lembrando-se de repente de que o pobre companheiro tinha perdido a mãe, desfez a expressão de dureza do rosto e endereçou-lhe, através do espaço que os separava, um sorriso de reconhecimento e simpatia. Anthony retribuiu o sorriso e desviou em seguida o olhar, corando sob a ação de um vago mal-estar, como se fora surpreendido a cometer alguma falta. A consciência de sua própria magnanimidade e o espetáculo do embaraço em que ficou Benger restituíram a Staithes seu bom-humor.

— Inês! — gritou. — Inês!

Enorme, com uma irritação crônica, Inês surgiu afinal.

— Mais conserva, Inês, faz favor.

— Mais conversa, Inês — trocadilhou Thompson. Todos riram de novo, não pelo valor da pilhéria, que era o que havia de mais infecto, mas simplesmente porque o que todos queriam, naquele momento, era rir.

— E pão também.

— Sim. Mais broa.

— Mais broa, Inês, faz favor.

— Mais broa... Vá a gente entendê-los! — disse Inês indignada, enquanto apanhava o prato vazio de pão com manteiga. — Por que não aprendem a dizer direito o que querem?

As risadas redobram. Eles não sabiam dizer o que queriam — absolutamente não sabiam, porque dizer “broa” em lugar de “pão” já se tornara uma tradição entre os Bulstrobianos e era como que o símbolo de sua união, a marca da superioridade deles sobre todos os não iniciados.

— Mais broa e seja breve, Inês! — gritou Staithes.

— Isso! Broa breve!

— Pepino o Breve!

Os risos tornaram-se quase histéricos. Todos se lembraram daquela vez, no ano passado, quando, nas aulas de História da Europa, tinham chegado ao

capítulo de Pepino o Breve. Breve! Pepino o Breve! O primeiro a descomedir-se foi Butterworth; depois, Pembroke-Jones; depois, Thompson — e, finalmente, toda a Turma II, com Staithes e todos os demais, incontrolláveis. O velho Jimbug parecia uma fúria. O que tornou, então, ainda mais engraçada a coisa.

— Cambadinha de tolos! — disse Inês; e, encontrando-os ainda a rir quando voltou daí a pouco para trazer mais pão, repetiu, com o firme propósito de feri-los: — Não passam de uma cambadinha de fedelhos muito tolos! — Mas as suas palavras não conseguiram ofendê-los. Eles estavam fora do seu alcance, muito distantes, transportados no êxtase das alegrias sem causa.

Bem quisera Anthony rir também como eles; todavia, não ousou fazer mais do que sorrir, distante e comedido, como alguém que, em terra estranha e sem perceber o espírito da piada, quer entretanto mostrar que não se opõe a que os outros se divirtam. E alguns momentos mais tarde, sentindo fome e tendo diante de si o prato vazio, não via como sair daquele mutismo em que inesperadamente se fechara. Porque pedir mais “broa”, ou mais uma “lasca” de pão, seria, para a santidade da condição de pária em que ele então se via, a um tempo uma indecência e uma intrusão — uma indecência, porque uma pessoa que foi santificada pela morte de sua própria mãe não deveria evidentemente servir-se de termos

de gíria, e uma intrusão, porque um profano não tem direito de usar a linguagem especial reservada aos eleitos. Estava hesitante, sem saber se devia falar. Murmurou, por fim: — Faz favor de me passar o pão. — E ao sentir que as palavras lhe soavam horivelmente forçadas e estúpidas, corou até à raiz dos cabelos.

Inclinando-se para o vizinho do outro lado, Thompson prosseguia na narração cochichada de uma anedota. — ... Pelo teto todo — concluiu. E puseram-se a rir aos guinchos.

Felizmente, pois, Thompson não tinha ouvido e Anthony sentiu-se com isso muito aliviado. Apesar de estar com fome, não tornou a pedir mais nada.

Houve um movimento à cabeceira da mesa; o velho Jimbug tinha-se erguido. Um barulho horrível de pés de cadeira a rasparem o assoalho parecia encher completamente a sala. Veio depois um silêncio absoluto. — Por tudo

quanto nos foi dado receber... — E o vozerio irrompeu de novo, enquanto os rapazes se encaminhavam para a porta, batendo com os pés.

No corredor Anthony sentiu que uma mão lhe tocava o braço. — Olá, Bengener.

— Olá, Foxe. — Não disse “Olá, Cara-de-Cavalo”, por causa do que ocorrera de manhã. A expressão seria tão inapropriada às circunstâncias do momento, como o termo “broa”.

— T-tenho uma c-coisa para m-mostrar a você — disse Brian Foxe. E aquela cara triste, feia, mesmo, parecia iluminar-se de repente, ao sorrir para Anthony. Os outros riam-se de Foxe, porque era gago e tinha uma cara cavalar. Mas quase todos gostavam dele, apesar de ser forte nos estudos e de não ser muito forte nos jogos. Era, além disso, metido a puritano, não gostando de obscenidades; e parecia que nunca se embaraçava, nunca se via em dificuldades com os mestres. Apesar de tudo isso, porém, ele se impunha à amizade de todos, porque era o que se podia chamar um garoto digno. Dignidade, mesmo mal aplicada, às vezes; porque, realmente, não estava direito tratar os calouros como ele os tratava — como se fossem iguais. Uns pedacinhos de gente, uns mosquitos de nove anos, muito bobos, como se fossem iguais aos rapazes de onze e de doze; imaginem! Não, Foxe não devia tratá-los daquela maneira; sobre isso não podia haver a menor dúvida. Em todo caso, todos gostavam do seu velho amigo, o Cara-de-Cavalo.

— O que é? — perguntou Anthony; e sentia-se tão grato a essas maneiras simples e naturais com que o Cara-de-Cavalo lhe falava, que havia na sua pergunta certa aspereza, com receio que o outro lhe descobrisse os sentimentos.

— Venha ver — pretendeu dizer Brian, mas não pôde ir além de um simples “V-v-v-v-...” que se repetia e prolongava, na angústia da gagueira. Em outra ocasião, Anthony talvez tivesse rido, talvez tivesse gritado: — Olha o nosso Cara-de-Cavalo com vontade de vomitar! — Agora, porém, não disse nada. Pensou apenas na triste sorte que era, para o seu pobre amigo, esse defeito. Afinal, Brian Foxe acabou renunciando à tentativa de dizer — Venha ver — e passou a esta outra frase:

— Está na minha c-c-caixa de brinquedos.

Desceram, a correr, a escada e dirigiram-se para o saguão escuro onde estavam guardadas as caixas de brinquedos.

— V-veja! — disse Brian, levantando a tampa da caixa.

Anthony espiou, e quando viu o elegante naviozinho provido de três mastros e de velas quadradas de papel exclamou: — Sim, senhor! Que beleza! Você mesmo é que fez?

Brian sacudiu a cabeça de modo afirmativo. Tivera à sua disposição, naquela tarde, toda a carpintaria — toda a ferramenta de que precisava. Por isso é que tinha saído assim, tão benfeito, como se fosse obra de um profissional. Era o que ele tinha vontade de explicar a Anthony, a fim de dividir com ele o prazer que tivera na execução da obra. Nunca, porém, se esquecia de que era gago e sabia muito bem que tal prazer se evaporaria logo às primeiras dificuldades que encontrasse ao tentar articular as palavras que o haviam de exprimir. E depois, que coisa terrível de dizer, essa palavra “carpinteiro”. Teve, pois, que se contentar com dizer: — L-logo mais v-vamos botá-lo n-n’água. Mas o sorriso que lhe acompanhou as palavras, ao mesmo tempo que era uma desculpa à insuficiência delas, tinha todo o valor de uma compensação.

Com cuidado, com ternura quase, Brian desmastreou o naviozinho e meteu os pauzinhos de fósforos que serviam de mastros, as velas e tudo o mais no bolso interno da jaqueta; o casco foi para o bolso das calças. Ouviu-se um toque de campainha. Era hora de dormir. Obediente, Brian fechou a caixinha de brinquedos. E tornaram a subir a escada.

— G-ganhei hoje mais c-cinco p-partidas com o meu c-comp-petidor.

— Cinco! gritou Anthony. — Como está ficando o meu Cara-de-Cavalo!

Esquecia-se de que era um proscrito, de que era um pária na terra e ria-se a bom rir. Sentia-se num estado de verdadeira euforia. Foi somente quando começou a despir-se, no seu quarto, que tudo lhe voltou de novo à memória. E por quê? Por causa do pó de dentes.

— Duas vezes por dia — pareceu-lhe ouvi-la dizer, quando calcou a escova molhada sobre o pó cor-de-rosa e cheirando a ácido fênico. — E sempre que for possível, também depois do almoço. Por causa dos germes.

— Mas, mamãe, você não pode querer que depois do almoço eu suba ao

dormitório para escovar os dentes!

Era a vaidade ferida (pensava ela que os seus dentes estavam assim tão sujos?) era a vaidade que o tornava rude. Achava uma desculpa retrospectiva na reflexão de que era contra o regulamento do colégio subir ao dormitório durante o dia.

Do outro lado do tabique de madeira que separava o seu cubículo do de Anthony, Brian Foxe enfiava o seu pijama. Primeiro, a perna esquerda; depois, a direita. E justamente quando as puxava para cima, assaltou-o subitamente esta ideia, ideia tão terrível que quase o fez gritar: — Se minha mãe morresse? — Ela também podia morrer. Se a mãe de Beavis tinha morrido, sem dúvida que também ela podia. E de repente, viu-a em casa, deitada na cama. Horivelmente pálida. E a agonia, aquele estertor da morte, que ele já conhecia por ter lido nos livros, ouvia-o ele agora, distintamente; era como o ruído de uma dessas grandes matracas de madeira, com que se espantam os pássaros; forte e incessante, como o ruído produzido por uma máquina. Impossível, a um ser humano, produzir tal ruído. E, contudo, saía-lhe da boca. Era o estertor. Era o ronco da morte. Ela estava morrendo.

Com as calças ainda por suspender, ainda a meia altura das coxas, ali estava Brian de pé, os olhos cheios de lágrimas, o olhar fixo na divisão de madeira castanha envernizada, que lhe estava em frente. Era por demais terrível. O caixão; depois, a casa vazia; depois, quando ele fosse dormir, ninguém que lhe viesse dar boa-noite.

Súbito, saindo, com um arranco, daquela imobilidade, suspendeu as calças e amarrou com certa violência o cordão da cinta.

“Mas quem disse que ela está morta?”, disse consigo. “Não está, não!”

Dois quartos adiante, Thompson soltou um daqueles traques altos e extraordinariamente prolongados, que o tornavam famoso no Bulstrode. Houve aclamações, um verdadeiro coro de gargalhadas. O próprio Brian riu — Brian, que geralmente se recusava a admitir que houvesse nessa espécie de ruído qualquer coisa de engraçado. Mas era tal o alívio, tal o contentamento que ele experimentava nesse momento, que qualquer coisa serviria para fazê-lo rir. Ela ainda estava viva! E se bem que, por certo, ela não teria gostado de saber que o

filho se divertia com coisa tão baixa, ele não podia, contudo, deixar de dar expansão à alegria agradecida de que se sentia cheio. E deu uma gargalhada estrondosa, demorada, como se estivesse rinchando. De repente parou. Lembrara-se de Beavis. A mãe dele, esta, estava realmente morta. Que devia ele estar pensando? Brian sentiu vergonha de ter rido; de ter rido por um tal motivo.

Mais tarde, quando apagaram a luz, ele trepou no ferro da cabeceira da cama e, espiando por cima do biombo para dentro do quarto de Anthony, sussurrou: — V-vamos exp-perimentar o novo b-b-b... o novo na-navio?

Anthony saltou fora da cama e, como a noite estivesse fria, vestiu um chambre e calçou os chinelos; depois, sem fazer barulho, trepou na cadeira; e da cadeira (afastando a longa cortina de sarja) passou para o peitoril da janela. A cortina, solta, voltou a envolvê-lo pelas costas, fechando-o no vão.

Era uma janela alta e estreita, dividida em duas partes por um dintel. A parte inferior e maior constava de um par de guilhotinas; a vidraça menor e superior tinha os gonzos em cima e abria para fora. Quando as guilhotinas estavam cerradas, a mais baixa formava uma beirada estreita, à meia altura da janela. Em pé sobre essa beirada, um menino podia passar a cabeça e os ombros pela pequena abertura quadrangular que ficava acima. Cada janela, ou melhor, cada par de janelas abria-se numa empena, de sorte que quem inclinasse o corpo para fora descobria de cada lado uma rampa íngreme de telhas e, logo em frente, no mesmo nível do dintel, a comprida calha pela qual se escoava a água do telhado.

A calha! Fora Brian quem descobrira todo o potencial de recursos que ela lhes oferecia. Um torrão de terra intumescendo o bolso e levado às escondidas para o dormitório, um punhado de pedras — e tinha-se um dique. Uma vez construído o dique, fazia-se uma coleta de tudo quanto era jarro d'água no dormitório; os jarros eram içados, um por um, para o telhado e a sua água derramada na calha. Evidente, que na manhã seguinte ninguém se lavaria; mas que importava isso? Um comprido braço de mar estendia-se noite adentro. Um barco flutuaria, a sua quilha pontiaguda singraria as águas e o ilimitado daqueles cinquenta pés de superfície líquida convidavam ao sonho, eram um incentivo à

imaginação. Todo o perigo estava na chuva. Se chovesse forte, alguém teria, fosse como fosse, que se arrastar até lá em cima e romper o dique, fosse qual fosse o risco. Do contrário, a calha transbordaria; e um transbordamento significava, no caso, uma série de investigações embaraçosas e de aborrecidos castigos.

Empoleirados lá em cima, entre o vidro frio e a sarja áspera e felpuda das cortinas, Brian e Anthony debruçavam-se das janelas contíguas para a escuridão, separados apenas por uma simples divisão de tijolos. Podiam, assim, conversar baixinho.

— Vamos, Cara-de-Cavalo — comandou Anthony. — Sopre!

E como o zéfiro alegórico de um quadro, o Cara-de-Cavalo soprou. Impelido pela vela de papel, o barco lá foi deslizando por sobre o tênue fio d'água.

— Bonito! — disse Anthony, encantado; e abaixando-se até ter a face quase roçando n'água, olhou com um olho semicerrado e propositadamente desfocado, até que, milagrosamente, o barco que se aproximava foi transformado num enorme navio de três mastros, navio-fantasma, que vinha de longe avançando para ele, silenciosamente, através da escuridão. Um navio formidável — um navio de guerra — um cento e dez canhões — sob uma nuvem de velas — um navio de North-East Trades velejando firme — navegando com uma velocidade de dez nós — com oito sinos badalando... Ergueu-se de um salto quando o mastro da mezena lhe bateu no nariz. E foi o bastante para que a realidade ressurgisse.

— Parece mesmo um navio de verdade — disse ele a Brian, enquanto ajudava o barquinho a fazer a volta na calha.

— Quer ver? Abaixе a cabeça e dê uma olhada. Eu vou soprar. Mais uma vez o majestoso navio de três mastros vinha voltando lentamente.

— Parece o T-t-t... Você conhece, aquele quadro.

Anthony fez com a cabeça que conhecia; jamais se conformava com a ignorância.

— T-temerário — desembuchou por fim o outro.

— Sei, sei — disse Anthony com certa impaciência, como se fosse coisa

que ele soubesse desde muito. Abaixando outra vez a cabeça, procurou novamente gozar a visão daquele imenso navio de cento e dez canhões diante do North-East Trades; mas falhou; o barquinho negava-se a ser transfigurado. De qualquer modo, era um bonito navio. — Uma beleza — exclamou.

— O defeito é que está um pouquinho tombado — disse Brian, depreciando modestamente o seu trabalho.

— Pois eu acho que assim mesmo é que deve ser — tranquilizou-o Anthony. — Assim, parece que ele está adernando por causa do vento. — Adernando: sentiu um prazer estranho em pronunciar a palavra. Nunca a tinha proferido antes; somente nos livros é que a tinha visto. Que palavra bonita! E arranjando um pretexto para repeti-la, disse ainda: Espie só como ele aderna, quando o vento sopra forte.

Soprou; o barquinho quase virou. Dizia então consigo: “o furacão bateu em cheio nos vaus de estibordo... arrancou os joanetes da proa e as forquetas... furou o único barco que temos... ele adernou tanto, que a amurada chegou a tocar na água...” Mas era coisa que cansava muito, continuar soprando assim, com tanta força. Levantou os olhos da calha de escoamento e passeou-os pelo céu; ficou todo ouvidos para o silêncio reinante. O ar estava parado como jamais o vira; a noite, quase sem nuvens. E que estrelas! Ali estava Órion, com os pés a emaranharem-se nos ramos do carvalho. E Sírius. E todas as outras, cujos nomes ele não sabia. Milhares, milhões delas.

— Puxa! — sussurrou afinal.

— Para que s-supõe você que elas s-servem? — perguntou Brian, depois de um longo silêncio.

— O quê? As estrelas?

Brian confirmou por um gesto.

Recordando-se de coisas que o tio James lhe dissera, Anthony respondeu: — Não servem para coisa alguma.

— T-têm que servir — objetou Brian.

— Por quê?

— Porque t-tudo s-serve para alg-guma coisa.

— Não creio nisso, não.

— B-basta v-você pensar nas ab-belhas — disse Brian com certa dificuldade.

Anthony ficou abalado. Tinham tido algumas aulas de botânica dadas pelo velho Bumface, com desenhos de pistilos e outras coisas. As abelhas? Sim, era claro que tinham a sua utilidade. Quisera poder lembrar-se exatamente do que lhe tinha dito o tio James. Os mistérios formidáveis da natureza. Mas formidáveis por quê?

— E as mo-montanhas — continuava Brian, penosamente. — Se não fossem as mo-montanhas, não ch-chovia, quando f-fosse preciso.

— Pois então, diga lá para que é que elas servem — disse Anthony, indicando as estrelas com o queixo.

— T-talvez sejam hab-bitadas.

— Ah, isso, não! Só Marte é que é. — A certeza de Anthony era dogmática.

Calaram-se. Depois, decidido, como se tivesse tomado a resolução de achar, fosse como fosse, uma explicação para o caso, Brian disse: — Às vezes, eu fico imaginando: quem s-sabe se elas não v-vivem, como a gente? — Olhou, ansioso, para o companheiro: Benger iria rir-se dele? Mas Anthony, com o olhar fixo nas estrelas, nem de longe parecia, quer pela voz, quer pelo gesto, zombar do amigo; apenas sacudiu a cabeça, muito sério, concordando. A ideiazinha secreta, desamparada e tímida de Brian continuava indene, não fora ferida pelo ridículo. Seu sentimento de gratidão foi profundo; e, de repente, sentiu uma coisa esquisita, qualquer coisa como uma onda, que lhe subia pelo corpo todo. Sentia-se quase sufocado por essa violenta invasão de amizade e de dolorosa simpatia pelo pobre Benger (oh, se em vez de ser a dele, fosse minha mãe!). Sentiu um aperto na garganta e as lágrimas lhe subiram aos olhos. Teve vontade de estender o braço e segurar a mão de Benger; mas isso, naturalmente, não ficava bem.

Anthony continuava, entretanto, contemplando Sírius. — Viva — repetia para si. — Viva. — Como um coração palpitando no céu, e cintilando a cada palpação. Veio-lhe então à lembrança aquele filhote de passarinho que tinha achado durante as suas férias na última Páscoa. Estava no chão e ainda não sabia voar. A mãe caçara dele, porque não queria apanhar o bichinho. Dos animais

grandes ele gostava, mas, não sabia por que, tinha horror de tocar em qualquer bichinho vivo. Finalmente, procurando vencer o horror, apanhara-o. Estendido sobre a palma de sua mão, parecera-lhe um coração envolto em penas, um punhado de sangue quente e palpitante, cujas pulsações ele sentia na palma e nos dedos. E era assim, era justamente um coração como esse, que Sírius se lhe afigurava lá no céu, acima das franjas das árvores. Viva. O tio James, porém, decerto que havia de rir.

Sentindo o ridículo dessa fantasia e envergonhado de ter sido levado a tal infantilidade, deixou de olhar as estrelas e perguntou, irritado: — Como é que elas podem estar vivas?

Brian assustou-se. — Por que é que ele está zangado? — perguntou-se. Depois, em voz alta, começou: — Porque, se D-deus vive...

— Pois o meu pai não vai à igreja — objetou Anthony.

— Não vai, m-mas... — Por pouco que quisesse falar, não pôde ir adiante. Nem pôde Anthony esperar e atalhou: — Ele não acredita nessas coisas.

— Mas o qu-que importa é Deus; n-não é a i-i-igreja. — Ah, se não fosse essa horrível gagueira! Como poderia explicar tudo tão bem; como poderia dizer todas aquelas coisas que sua mãe lhe dissera! Fosse, porém, como fosse, o importante, no momento, não eram, tampouco, as coisas que ela tinha dito. A questão não estava em falar; a questão estava em sentir, em interessar-se pelas pessoas, até ao sofrimento.

— E meu tio, sabe? — disse Anthony — nem mesmo em Deus ele crê. E eu também não — acrescentou, para provocar.

Mas Brian não aceitou o desafio. — O-olha, B-b-b-... — começou, com ardor. E a intensidade mesma desse ardor o tornava cada vez mais gago. — B-benger — conseguiu, afinal, dizer. Era uma verdadeira tortura sentir toda aquela onda de sentimento barrada assim e desviada de seu curso. Resistindo, porém, ao grotesco e absurdo obstáculo ao seu avanço, a onda subia, parecia encher-se de novas forças e tornou-se por fim tão forte dentro dele, que, esquecendo-se inteiramente de que não o devia fazer, Brian depôs subitamente a mão sobre o braço de Anthony. Seus dedos correram manga abaixo e depois se fecharam em volta do punho nu; e então, toda vez que a sua gagueira se interpunha entre o

seu sentimento e o objeto desse sentimento, ele apertava esse punho com um gesto convulso de quase desespero.

— Eu fiquei t-t-tão triste, por causa de s-s-sua mãe — prosseguiu. — Eu não qu-qu-quis dizer antes. N-na f-frente dos outros. S-sabe? Eu estava p-p-p... — Apertou mais o punho de Anthony. Era como se procurasse suprir a deficiência de suas palavras estranguladas pela eloquência do tato; como se procurasse persuadir o outro de que aquela onda que sentia dentro de si continuava em toda sua força, continuava indômita, apesar da barreira provisória que se lhe opunha. Recomeçou a frase, com ímpeto suficiente para vencer o obstáculo: — Eu estava p-pensando agora m-mesmo, que p-podia ter sido minha mãe. Ah, Beavis, d-deve ser horrível!

Surpreso, Anthony olhara para ele, a princípio, com uma expressão de suspeita, quase de medo. Mas, à medida que o outro continuava tartamudeando, sua resistência foi cedendo, até que, sem se sentir envergonhado do que fazia, começou a chorar.

Mal equilibradas no alto vão das janelas, as duas crianças ali ficaram, por muito tempo, em silêncio. Ambas tinham as faces frias das lágrimas; mas, no punho de Anthony, a pressão daquela mão consoladora tinha a violência obstinada da de um náufrago que se procurasse salvar.

Inesperadamente, com um leve farfalhar de folhas secas, uma rajada veio avançando da escuridão e avolumando-se. O barquinho de três mastros estremeceu, como que assustado, como se o tivessem arrancado de um sono; e silenciosamente, com um ar de quem tem pressa de chegar, pôs-se a deslizar, em marcha à ré, ao longo da calha.

Os criados já se haviam recolhido. Silêncio absoluto em toda a casa. Devagar, no escuro, John Beavis deixou seu gabinete e foi subindo a escada, degrau a degrau; venceu o primeiro lanço, passou pelo mezanino, passou pela sala de visitas, e continuou subindo para o segundo andar. Fora, na rua deserta, um ruído de cascos de cavalos aproximou-se e depois se afastou. E o silêncio novamente o envolveu — o silêncio de sua solidão, o silêncio (estremeceu) do tumulto dela.

Parou, escutando, durante longos segundos, bater o coração; depois, resolutamente, venceu os dois últimos degraus, deu alguns passos no escuro e, abrindo a porta, voltou-se para a luz. No espelho do toucador, viu sua própria imagem, a encará-lo, pálida. Tudo estava no seu lugar de costume: as escovas de prata, os pratinhos, os porta-alfinetes, aquela fileira de frascos de cristal. Olhou para outro ponto. O edredom cor-de-rosa tinha uma de suas pontas voltada; viu os dois travesseiros bem juntinhos e, acima deles, na parede, aquela fotogravura da Madona da Capela Sistina, a qual tinham comprado juntos numa loja próxima do Museu Britânico. Voltando-se, tornou a ver-se, de corpo inteiro, funebremente negro, no espelho do guarda-roupas. O guarda-roupas... Atravessou o quarto e deu volta à chave na fechadura. A pesada porta de vidro abriu por si mesma, e ele, de chofre, a respirar o ar mesmo da presença dela, o fraco aroma de raiz de lírio, avivado, por assim dizer, secretamente, por algum perfume mais forte e mais quente. Ficou a olhar, um por um, os vestidos — um cinzento, um branco, um verde, um rosa-pálido, um preto. Era como se ela tivesse morrido dez vezes e dez vezes a tivessem pendurado ali, mole, atrozmente acéfala e, contudo, aureolada ainda, ironicamente, por aquele hálito de perfume, espécie de símbolo suave de sua vida. Estendeu a mão e tocou os vários tecidos. Assim agitadas aquelas dobras pendentes, delas se desprende mais fortemente o perfume dela. Fechou os olhos, para ter, através da inalação desse perfume, a impressão de sua presença. O que dela restara fora, porém, queimado e as cinzas achavam-se no fundo daquela cova, no cemitério de Lollingdon.

— Espera lá por mim — articulou John Beavis, murmurante, no silêncio.

A dor fez contrair-se-lhe a garganta; as lágrimas brotaram-lhe dentre as pálpebras cerradas. Fechando a porta do guarda-roupas, afastou-se e começou a despir-se.

Foi só então que percebeu como estava cansado, como o abatia a fadiga. Foi com imenso esforço que conseguiu lavar-se. E quando se deitou, adormeceu quase imediatamente.

De manhã, quando a luz do novo dia e os ruídos que vinham da rua já haviam começado a penetrar a escuridão interna, John Beavis sonhava ainda;

sonhava que ia andando pelo corredor que conduzia à sua sala de preleções no King's College. Andando, não; correndo. Pois o corredor se tornara imensamente comprido e havia uma razão qualquer, terrivelmente urgente, de chegar depressa ao fim dele, de estar lá dentro da hora. Dentro da hora, para quê? Não sabia; mas, enquanto corria, sentia-se tomado de uma apreensão aflitiva, que parecia elevar-se, crescer, expandir-se dentro dele, cada vez mais intensa. E quando, afinal, abriu a porta da sala de cursos, não era absolutamente a sala de cursos, mas, sim, o seu quarto de dormir, com Maisie deitada, ofegante, o rosto a arder em febre, passando de vermelho a roxo com a aproximação horrível da asfixia e atravessado por duas riscas azuladas e lívidas, que eram os seus lábios desunidos. O quadro era tão apavorante, que ele despertou sobressaltado. A luz pálida do dia coava-se por entre as cortinas; o edredom parecia mais róseo; no espelho do guarda-roupas havia uma réstia de luz; lá fora, o leiteiro no seu giro matutino passava apregoando: — Leeeite, leeeite! — Havia em tudo um ar de tranquilizadora familiaridade, todas as coisas estavam ainda nos seus respectivos lugares. Aquilo, pois, não passara de um mau sonho.

Depois, voltando a cabeça, viu que estava vazia a outra metade da sua vasta cama.

O som da sineta aproximava-se mais e mais, infiltrava-se pelas camadas quentes e profundas do sono, até que por fim lhe martelou sem remorso a consciência nua e tiritante. Anthony abriu os olhos. Que barulho abominável! Mas não precisava pensar em levantar-se senão dali a outros cinco minutos. Era uma bem-aventurança, aquele calor debaixo dos lençóis. Veio-lhe depois o pensamento que estragava tudo — lembrou-se de que a primeira aula que ia ter era de álgebra, com Jimbug. O coração pareceu subir-lhe à garganta. Aquelas terríveis equações do segundo grau! Jimbug viria com certeza aos berros, para cima dele. Não era justo. E começaria a chorar. Mas, em seguida, ocorreu-lhe que, provavelmente, Jimbug, dessa vez, não haveria de mostrar-se tão feroz com ele... por causa — lembrou-se de repente — do que lhe acontecera na véspera. O Cara-de-Cavalo — lembrou-se ainda — tinha sido, na noite passada, de uma dignidade exemplar.

Entretanto, já era hora de se levantar. Um, dois, três, e... oh, que frio nojento! Justamente quando ia enfiando a camisa, alguém bateu muito de mansinho à porta do quarto. Mais um movimento e a cabeça surgiu fora da camisa, em plena luz. Levantou-se e foi abrir. Staithes estava parado no corredor. Sim, era Staithes, mostrando os dentes, com evidentes mostras de amabilidade; contudo... Anthony estava perturbado. Cheio de desconfiança, mas com um sorriso fingido de acolhimento, perguntou: — Que é que há? — O outro levou o dedo aos lábios e segredou: — Venha ver. Uma maravilha!

Anthony ficou lisonjeado com esse convite de quem, como capitão do time de futebol, tinha o direito de lhe ser perfeitamente desagradável, como geralmente lhe era. Tinha medo de Staithes e não gostava dele — e por isso mesmo sentiu-se particularmente contente de ver Staithes dar-se ao incômodo de vir procurá-lo assim, espontaneamente...

O quarto de Staithes já estava repleto. Um silêncio de conspiração fervia e borbulhava com um ardor sofreado. Thompson tivera que tapar a boca com o lenço para abafar qualquer rumor de riso e Pembroke-Jones dobrava-se todo em paroxismos de mudo contentamento. Comprimido no apertado espaço entre os pés da cama e o lavatório, Partridge estava de pé com a cara colada ao tabique. Staithes bateu-lhe no ombro. Partridge voltou-se e veio para o centro do quarto. Sua cara cheia de sardas era a expressão mesma da alegria e ele contorcia-se e agitava-se, como se sentisse a bexiga a estourar. Staithes apontou para o lugar que deixara vago e Anthony tomou posição. Eles tinham tirado um nó que havia na madeira do tabique e, pelo buraco que ficara, podia-se ver tudo o que se passava no quarto contíguo. Deitado na cama, tendo apenas sobre o corpo uma camiseta de lã e sua funda, estava Goggler Ledwidge. Tinha os lábios entreabertos e, por trás do vidro espesso dos óculos, os olhos fechados. Uma expressão de tranquilidade, de felicidade, de serenidade, como se estivesse na igreja.

— Ainda está lá? — segredou Staithes.

Mostrando os dentes num riso silencioso, Anthony sacudiu a cabeça; em seguida, comprimiu mais os olhos contra o furo do tabique. O que lhe parecia tornar a coisa ainda mais engraçada era o fato de se tratar de Goggler —

Goggler, o bobo do colégio, a vítima de todos, predestinado, por sua fraqueza e timidez, à inevitável perseguição. Isso tinha, para ele, todo o sabor da novidade.

— Vamos pregar-lhe um susto — sugeriu Staithes; e trepou sobre a cabeceira da cama.

Partridge, que jogava como centroavante do primeiro time, fez menção de acompanhá-lo. Mas foi para Anthony que Staithes se voltou inesperadamente. — Venha cá, ó Beavis — sussurrou. — Venha cá para cima, comigo. — Queria mostrar certa atenção para com o pobre colega, por lhe ter morrido a mãe. Além disso, sentia prazer em ter uma oportunidade de humilhar aquele pateta do Partridge.

Anthony aceitou com uma alacridade quase abjeta o lisonjeiro convite e trepou ao lado dele. Os outros encarapitaram-se, mal equilibrados, sobre o pé da cama. A um sinal de Staithes, todos se empertigaram e, olhando por cima do tabique, romperam numa vaia.

Arrancado assim, brutalmente, do pequeno Éden de enemas e palmadas em que porcamente se deliciava (não havia, por enquanto, no Éden habitantes femininos), Goggler não pôde conter um grito de susto; abriu uns olhos cheios de terror; ficou pálido um instante e, em seguida, corou. Puxava, com as duas mãos, a camiseta, mas esta era curta demais para cobrir-lhe a nudez, ou, sequer, a funda. Curta até ao absurdo, como se fosse uma camiseta de bebê. (Que ia ver se ela podia servir para esse ano ainda, que essas roupas de lã custavam tão caro — tinha-lhe dito a mãe, cujos sacrifícios para conseguir mandá-lo para o Bustrode haviam sido enormes.)

— Força, força! — Staithes gritava-lhe com sarcasmo, encorajando-o nos seus esforços.

— Por que é que Henrique VIII não queria deixar Ana Bolena entrar no seu galinheiro? — disse Thompson. Todos sabiam a resposta, sem dúvida. E a gargalhada foi geral.

Staithes ergueu um dos pés, tirou o chinelo de sola de couro, fez pontaria e arremessou-o. O chinelo bateu numa das bochechas de Goggler, que, soltando um grito de dor e saltando fora da cama, ficou em pé, com os ombros erguidos

e a cabeça guardada por um braço descarnado, enquanto fitava naquelas caras zombeteiras os olhos marejados de lágrimas.

— Atirem também os seus! — gritou Staithes para os outros. Depois, ao ver quem acabava de aparecer na soleira da porta do seu quarto, disse, enquanto tirava o outro chinelo: — Olá, Cara-de-Cavalo! Venha atirar também! — levantou o braço. Antes, porém, que pudesse arremessar o chinelo, já o Cara-de-Cavalo tinha pulado para cima da cama e lhe segurava o pulso.

— Não, não faça isso! — disse. — Não faça isso. — E agarrou também o braço de Thompson. Por cima do ombro de Staithes, Anthony lançou o seu chinelo com toda a força que pôde. Goggler abaixou-se e o chinelo foi bater no tabique oposto.

— B-beavis! — gritou o Cara-de-Cavalo. E era tal o tom de censura, que Anthony sentiu de repente a vergonha cruciá-lo.

— Não bateu nele — disse para desculpar-se; e sem saber bem por que, lembrou-se daquela cova horrível e funda do cemitério de Lollingdon.

Mas já Staithes tinha achado o que dizer: — Eu creio que você não sabe bem o que está fazendo, ó Cara-de-Cavalo — disse, zangado e arrancando o chinelo da mão de Brian. — É melhor que vá cuidar de sua vida.

— Isso não é justo — replicou Brian.

— O que não é justo, o quê?

— C-cinco contra um.

— Mas você lá sabe o que ele estava fazendo?

— Nem quero s-s-s-... não importa.

— Havia de importar, se você soubesse — disse Staithes; e passou a contar-lhe, na linguagem mais obscena de que era capaz, o que estivera fazendo Goggler.

Brian baixou os olhos e num instante as faces se lhe tornaram cor de lacre. Ter que ouvir obscenidades era coisa que o entristecia e ao mesmo tempo o envergonhava.

— Olha o Cara-de-Cavalo ficando vermelho! — exclamou Partridge; e começaram todos a rir e nenhum com mais zombaria do que Anthony. Porque Anthony tivera tempo de se envergonhar da própria vergonha, tempo de não

pensar mais na cova do cemitério de Lollingdon, tempo, enfim, de passar, como que por encanto, a odiar o Cara-de-Cavalo, por ser um tipo metido a puritano, teria dito, se alguém lhe tivesse pedido explicação do seu ódio. Mas o verdadeiro motivo era mais profundo, mais obscuro. Se ele odiava o Cara-de-Cavalo, era porque o Cara-de-Cavalo era de uma dignidade extraordinária; era porque o Cara-de-Cavalo tinha a coragem das convicções que Anthony sentia deverem ser também as convicções dele, Anthony, convicções que seriam realmente suas, se ele pudesse ao menos ter a coragem de as ter. Era justamente porque ele gostava tanto do Cara-de-Cavalo que ele agora o odiava. Ou, melhor: porque havia tantos motivos para gostar do Cara-de-Cavalo e tão poucos motivos para este retribuir-lhe a amizade. O Cara-de-Cavalo era dotado de todas as espécies de boas qualidades que, ou lhe faltavam completamente a ele, ou, o que era pior, ele possuía, mas, de qualquer modo, era incapaz de manifestar. Aquela risada escarninha era a expressão de uma espécie de invejoso ressentimento contra uma superioridade que ele amava e admirava. Realmente, a amizade e a admiração produziam de algum modo o ressentimento e a inveja — produziam-nos, mas conservava-os como que abaixo da superfície, num estado de inação provisória e expectante, estado de que entretanto seriam arrancados subitamente por uma crise como a do presente momento.

— Eu só queria que você o visse — concluiu Staithes. E já agora, que se sentia mais bem-humorado, ele ria, dignava-se de rir.

— Que o visse com aquela funda — acrescentou Anthony em tom de desprezo e de nojo. A hérnia de Goggler constituía uma agravação da ofensa.

— Isso mesmo. Com aquela funda abjeta — confirmou e aprovou Staithes. Não havia dúvida nenhuma; combinada, assim, com os óculos e a timidez, a funda tornava a descarga de chinelos não somente inevitável, mas até justa, um dever moral.

— Ele é nojento — continuou Anthony, deixando-se prazerosamente levar por sua justa indignação.

Pela primeira vez desde que Staithes começara sua descrição das atividades de Goggler, Brian ergueu os olhos. — M-mas p-por que ele é mais nojento do que os outros? — perguntou em voz baixa. — Af-final de-de contas —

continuou, ao passo que o sangue lhe subia novamente ao rosto — ele não é o-o-u-único.

Houve um momento de silêncio, em que o mal-estar era visível. Naturalmente que ele não era o único. Mas o único que tinha uma funda e óculos e uma camiseta, assim, tão curtinha, isso ele era — estavam todos pensando; o único que fazia aquilo em plena luz do dia e se deixava apanhar em flagrante. Havia, portanto, uma diferença.

Staithes contra-atacou noutro setor. — Bonito sermão do Reverendo Cara-de-Cavalo! — disse com escárnio e reconquistou logo a iniciativa, a sua posição de superioridade. — Epa! — acrescentou noutro tom — já é tarde. Temos que nos aprontar.

CAPÍTULO VII

8 de abril de 1934

Do diário de A. B.

REFLEXO CONDICIONADO. QUANTA SATISFAÇÃO ME PROPORCIONOU o velho Pavlov, quando o li pela primeira vez. Arrasamento definitivo de todas as prerrogativas humanas. Um ajuntamento de cães e cadelas, todos nós. Latindo — bau-au-au, cheirando o lampião da rua, levantando a perna, roendo o osso. Adeus tolices sobre o livre-arbítrio, a bondade, a verdade e tudo o mais. Cada época tem seus revolucionários em psicologia. La Mettrie, Hume, Condillac e, finalmente, o Marquês de Sade, o último e o mais completo de todos os arrasadores do século dezoito. Talvez o verdadeiro revolucionário, definitivo e absoluto. Poucos são, porém, os que têm a coragem de levar o raciocínio revolucionário até às conclusões de Sade. Entretanto, a ciência não cruzou os braços. A demolição operada no século das luzes, com exceção de Sade, falhou. O século dezenove teve de recomeçar a obra subversiva. Marx e os darwinistas. Os quais continuam conosco — Marx sobretudo, obsidentemente. Entrementes, o século vinte já nos tem dado outra porção de subversores — Freud e, quando este começou a declinar, Pavlov e os behavioristas. Reflexo condicionado: parecia, lembro-me bem, abafar, sufocar tudo. Ao passo que, na realidade e sem dúvida nenhuma, ele apenas reafirmava a doutrina do livre-arbítrio. Porque, se os reflexos podem ser condicionados, então é óbvio que também podem ser recondicionados. Aprender alguém a corrigir-se no uso conveniente do “eu” — que é isso, senão o recondicionamento dos próprios reflexos?

Almocei com meu pai. Mais alegre do que o tenho visto nestas últimas

vezes, porém velho e — coisa estranha — parecendo sentir prazer em estar velho. Fazendo grande questão de se levantar, com dificuldade, da cadeira, de subir, lentamente, a escada. Um modo, suponho, de desenvolver o sentimento da própria importância. Talvez, também, um meio de impor simpatia, toda vez que venha a precisar disso. É para que as mães acudam cheias de zelo que as crianças choram. E a coisa continua assim desde o berço até o túmulo. Miller diz que a velhice é, em grande parte, um mau hábito. O uso condiciona a função. Se passarmos a andar como se fôssemos vítimas do reumatismo, os esforços musculares a que nos obrigaremos serão tais, que, afinal, nos transformaremos em verdadeiras vítimas do reumatismo. Assim também, se passarmos a comportar-nos como um velho, nosso corpo passará a funcionar como o de um velho e acabaremos pensando e sentindo como um velho. O magro farsante arrastando as chinelas não é propriamente uma realidade, mas apenas um papel que desempenhamos na vida. Se nos recusarmos a desempenhá-lo e aprendermos a comportar-nos nesta recusa, não nos transformaremos em tal farsante. Parece-me haver muita verdade nisso. Seja como for, é com gosto que meu pai está representando o papel atual. Uma das grandes vantagens de ser velho, desde que o permita a situação econômica e a saúde não seja precária, é a serenidade que a velhice nos proporciona. Já perto da cova, a gente vai adquirindo o hábito de não sentir emoções fortes; e assim se torna, portanto, fácil encarar as coisas sob o prisma divino. Era, por exemplo, assim que meu pai encarava a questão da paz. Sim, os homens estavam loucos, admitia; haveria outra guerra dentro em breve, por volta de 1940 — pensava. (Data muito significativa, pois tinha, praticamente, a certeza de que então já estaria morto!) Muito pior, sim, do que a última guerra; e provavelmente destruiria a civilização da Europa Ocidental. Mas tinha isso, realmente, muita importância? A civilização continuaria nos outros continentes, reconstruir-se-ia nas áreas devastadas. Completamente errada, a nossa escala cronológica. Devíamos situar-nos como vivendo, não nos anos trinta do século vinte, mas num ponto entre duas eras glaciais. E rematava citando Goethe — *alles Vergängliche ist nur ein Gleichnis*. Tudo isso é, sem dúvida, muito verdadeiro, mas não é toda a verdade.

Questão a resolver: como conciliar a crença que o mundo é, em grande parte, uma ilusão, com a crença na necessidade de melhorar essa ilusão? Como ser simultaneamente desapaixonado e não indiferente, sereno como um velho e ativo como um jovem?

CAPÍTULO VIII

30 de agosto de 1933

— ESTES TAVÃOS IGNÓBEIS! — HELENA esfregou a parte avermelhada do braço. Anthony não fez comentário algum. Ela o examinou um instante em silêncio. Disse por fim: — Que porção de costelas que você tem!

— Esquizotimo físico — respondeu ele por detrás do braço que lhe servia de quebra-luz para o rosto. — Por isso é que estou aqui. Predestinado pelo ângulo das minhas costelas.

— Predestinado a quê?

— Sociologia; e, nos intervalos, a isto. — Ergueu a mão, fez um pequeno gesto circular e deixou-a cair de novo sobre o colchão.

— Mas o que é esse “isto”? — insistiu ela.

— Isto? — Anthony repetiu. — Vejamos... — Hesitava. Gastaria muito tempo, se fosse falar desse divórcio caprichoso entre as paixões e o intelecto, dessas sensualidades avulsas, dessas ideias esterilizadas. — “Isto” é você — proferiu, afinal.

— Eu?

— Oh, concedo que poderia ser outra — disse ele, rindo, verdadeiramente deleitado com o seu próprio cinismo.

Helena também riu, mas com certo azedume, que surpreendia. — Pois eu *soh* essa outra.

— Que quer dizer? — perguntou ele, descobrindo o rosto para olhá-la.

— Quero dizer o que estou dizendo. Pensa você, então, que *eu* estaria aqui — o meu verdadeiro “eu”?

— Verdadeiro “eu”! — zombou ele. — Você está falando como os

teosofistas.

— E você está falando como um tolo — disse ela. — Fazendo de tolo. Porque, certamente, você não o é. — Seguiu-se um longo silêncio. O “eu”, o “eu” verdadeiro? Mas onde, mas como, mas por que preço? Sim, acima de tudo, por que preço? Essas Cavells e Florence Nightingales... Mas era impossível isso; uma coisa dessas era impossível; era, acima de tudo, ridículo. Franzziu a testa, sacudiu a cabeça; depois, abrindo os olhos, pois que os tinha fechado, procurou alguma coisa no mundo exterior, para distraí-la desses inúteis e importunos pensamentos íntimos. No primeiro plano só havia Anthony. Olhou um instante para ele; depois, com uma espécie de relutância fascinada, como diante de algum animal irresistivelmente estranho, mas, ao mesmo tempo, repulsivo, estendeu a mão e tocou a pele rósea e enrugada da grande cicatriz que lhe atravessava diagonalmente a coxa, uma ou duas polegadas acima do joelho.

— Ainda dói? — perguntou.

— Quando estou exausto. E, às vezes, quando o tempo está úmido. — Levantou do colchão, um pouco, a cabeça e, dobrando ao mesmo tempo o joelho direito, examinou a cicatriz. — Qualquer coisa no estilo do Renascimento — disse, refletindo. — Torsos estigmatizados.

Helena estremeceu. — Deve ter sido horrível! — Depois, com repentina veemência, exclamou: — Como detesto a dor! — E o seu tom de voz era o de um ressentimento apaixonado, profundamente pessoal. — Detesto-a! — repetiu, para que o ouvissem todas as Cavells e Nightingales.

Mais uma vez ela o impelira para o passado. Aquele dia de outono em Tidworth, dezoito anos antes. Instrução de granadeiros. Quando ia atirar, um recruta imbecil deixara cair a granada. Gritos. O pânico de que se deixara tomar, o estampido. Estranhamente impreciso tudo isso se lhe afigurava agora, e inconsequente, como qualquer coisa vista através de um telescópio às avessas. E até mesmo a dor, todos aqueles meses de dor se haviam apagado em sua memória quase até a inexistência. Fisicamente era a pior coisa que já lhe tinha ocorrido... e entretanto o lunático que lhe superintendia a memória já a tinha praticamente esquecido.

— Ninguém pode lembrar-se da dor — disse em voz alta.

— *Eu* posso.

— Não pode, não. Você pode somente lembrar-se da ocasião em que a sentiu, das circunstâncias que a acompanharam.

A ocasião fora quando estivera na casa da parteira, na *rue de la Tombe-Issoire*, e as circunstâncias — a imundície e a humilhação. Seu rosto tinha uma expressão de dureza, enquanto ouvia as palavras dele.

— Você não pode lembrar-se dos seus atributos reais — continuava ele. — Como não pode recordar-se dos atributos de um prazer físico. Hoje, por exemplo, ainda há pouco, há meia hora... não pode *lembrar-se*. Não há nada como uma recriação do fato. E felizmente. — Ele sorria, agora. — Imagine, se a gente pudesse lembrar-se perfeitamente dos perfumes e dos beijos! Como seria estafante a realidade deles! E que mulher dotada de memória existiria, capaz de ter mais de um filho?

Helena mexeu-se inquieta. — Não posso imaginar que isso possa ocorrer a qualquer mulher — disse em voz baixa.

Ele prosseguiu: — Em virtude, porém, do esquecimento, as nossas dores e os nossos prazeres são sempre novos, cada vez que os experimentamos. Novinhos em folha. Cada gardênia é a primeira gardênia que cheiramos. E cada parto...

— Está você de novo a falar como um tolo — interrompeu ela, zangada. — Confundindo o caso.

— Pensei que o estava elucidando — protestou ele. — Mas, afinal, qual é o caso?

— O caso sou eu, é você, é a vida real, é a felicidade. E está você aí a tagarelar sobre fantasias. Tal qual um louco!

— E você! Será, porventura, muito experiente em matéria de vida real? Técnica em matéria de felicidade?

No espírito de cada um deles estas últimas palavras evocaram a imagem de uma figura prudente por detrás de uns óculos.

Aquele casamento! Que coisa poderia tê-la induzido a tal? Por certo que o velho Hugh tivera por ela um amor todo sentimental. Mas era isso razão suficiente? E, depois, quais tinham sido as suas decepções? Na maior parte, de

ordem fisiológica, supunha ele. E cômicas, quando se pensava nelas com relação ao velho Hugh. Uma prega arregaçou levemente os cantos da boca de Anthony. Mas, naturalmente, só poderiam ter sido desastrosas para Helena. Ele quisera conhecer os detalhes — mas em segunda mão, com a condição de não ter que pedir, ou de não lhe serem oferecidas confidências. Confidências eram coisa perigosa, embaraçosa, prendiam a gente — espécie de papel de apanhar moscas; isso mesmo: papel de apanhar moscas...

Helena suspirou; depois, pondo as mãos nos quadris e com um tom de decisão, disse: — Pedra é pedra e pau é pau; as coisas são o que elas são. Ademais, eu faço o que bem me apraz.

“Antes assim”, pensou ele consigo. Houve um silêncio.

— Quanto tempo esteve você no hospital com esse ferimento? — perguntou ela, já noutro tom.

— Quase dez meses. Sobreveio uma infecção. Fizeram, ao todo, seis operações.

— Coisa horrível!

Anthony encolheu os ombros. Ao menos, assim, não tivera que ir para as trincheiras. Se não fosse a misericórdia divina... — E uma coisa esquisita — acrescentou — as formas inverossímeis que às vezes assume a misericórdia divina! Um camponês apalermado com uma granada de mão. Não fosse ele e eu teria sido embarcado para a França e massacrado (quase tão certo como eu estar agora aqui). Foi ele que me salvou a vida. — E ajuntou, depois de uma pausa: — E a liberdade também. Ter-me-ia deixado inebriar por aquelas intoxicações do começo da guerra: “A honra voltou, enfim, como um rei, sobre a terra”. Mas creio que você é ainda muito jovem para ter ouvido falar no pobre Rupert. Isso parecia corresponder ao sentimento dominante então, em 1914. “A honra voltou...” Mas Rupert esquecera-se de mencionar que a estupidez também tinha voltado. Foi no hospital que eu tive todo o vagar para pensar nessa outra descida régia sobre a terra. A estupidez voltara, como um rei... Não; como um imperador, como um Führer divino de todos os arianos. Era uma reflexão desintoxicante. Desintoxicante e profundamente libertadora. E eu a devia àquele

labrego. A ele, que era um dos súditos mais fiéis do grande Führer. — Houve outro silêncio. — Às vezes eu me sinto um pouquinho nervoso, como Policrates, por ter tido tanta sorte na vida. Todas as ocasiões parecem ter sempre conspirado em meu favor. Até isto aqui. — E pôs o dedo na cicatriz. — Talvez eu deva fazer qualquer coisa no sentido de conjurar a inveja dos deuses. Lançar, por exemplo, um anel ao mar na próxima vez que eu for banhar-me. — Soltou uma risadinha. — O diabo é que eu não tenho um anel.

CAPÍTULO IX

2 de abril de 1903

EM PADDINGTON, MR. BEAVIS E ANTHONY entraram num compartimento vazio de terceira classe e aguardaram a partida do trem. Para Anthony, uma viagem de trem ainda era uma coisa imensamente importante, tinha ainda qualquer coisa de sacramental. A alma masculina, quando ainda imatura, é *naturaliter ferroviaris*. Esse enorme e divino monstro verde, por exemplo, que vinha agora entrando na estação e parou junto à plataforma nº 1 — se não fossem Watt e Stevenson, jamais ele teria entrado, assim, majestoso, em sua catedral metropolitana e de vidros fuliginosos. Mas a intensidade do gozo que Anthony sentia ao ver aproximar-se a criatura divina, ao respirar-lhe o fedor de fumaça e de óleo quente, ao ouvir e quase inconscientemente imitar o tch-ff, tch-ff, tch-ff ofegante de suas baforadas de vapor, era uma prova suficiente de que o coração infantil devia ter sido misteriosamente preparado para o advento de Puffing Billy e da “Foguete”, de que a locomotiva real devia, ao surgir, ter correspondido (e com que exatidão!) à imagem vaga e profética de uma locomotiva, preexistente no espírito das crianças desde o começo da era paleolítica. Tch-ff, tch-ff; em seguida, um silêncio; depois, o rugido terrível e aniquilante, produzido pelo escapamento do vapor. Uma maravilha! Uma beleza!

Enchapeladas, de preto, como um par de Rainhas Vitória, duas velhinhas gordas iam passando, devagar, procurando um compartimento onde pudessem conversar e não fossem obrigadas a ouvir inconveniências de linguagem. Mr. Beavis tinha, realmente, um ar respeitável. Elas estacaram, consultaram-se entre si; mas Anthony, debruçando-se na janela, fez-lhes tal careta, que elas se puseram de novo em marcha. Ele sorriu triunfante. Conservar o compartimento

para si só, como um compartimento reservado, era um dos objetos da sagrada arte de viajar, era o equivalente, mais ou menos, de um casamento real no jogo do bezigue; marcavam-se quarenta pontos, por assim dizer, toda vez que se saía de uma estação sem ter no carro um estranho. Almoçar no carro-restaurant valia uma sequência — duzentos e cinquenta pontos. Um bezigue duplo — mas esse, por enquanto, Anthony jamais tinha marcado — correspondia a viajar de graça.

O guarda apitou e o trem começou a mover-se.

— Hurra! — exclamou Anthony.

O jogo começara bem: um casamento real logo na primeira vaza. Mas alguns minutos mais tarde já ele estava lamentando a falta daquelas duas velhas. Porque, despertando subitamente do silêncio em que, abstrato, mergulhara, John Beavis curvou-se e, tocando no joelho do filho, perguntou-lhe num tom de meia-voz que era, para Anthony, inexplicavelmente significativo:

— Lembra-se que dia do mês é hoje?

Anthony olhou para ele cheio de dúvida e depois entrou a representar, com visível exagero, o papel de um calculista que franze a testa diante de um problema difícil. Notara no pai qualquer coisa que parecia tornar inevitável esse exagero.

— Deixe ver — disse sem naturalidade —; entramos em férias no dia trinta e um — ou foi no dia trinta? Era um sábado; e hoje é segunda-feira...

— Hoje é dia dois — disse o pai com a mesma voz baixa.

Anthony ficou apreensivo. Se o pai sabia a data, por que, então, perguntara?

— Faz hoje exatamente cinco meses — prosseguiu mr. Beavis.

Cinco meses? E então, com o coração a apertar-lhe, Anthony compreendeu o que seu pai queria dizer. Do dia dois de novembro ao dia dois de abril. Havia cinco meses que ela tinha morrido.

— O dia dois de cada mês deve ser para nós um dia sagrado.

Anthony moveu a cabeça, concordando; e desviou os olhos como quem se sente culpado.

— Ligados, um a um, por natural piedade — dizia mr. Beavis.

De que estava ele falando agora? E por quê? Por que tinha que dizer tais

coisas? Horrível; indigno, aquilo; sim, indigno; a gente não sabia para onde olhar. Tal qual como das vezes em que o estômago da vovô fazia aqueles ruídos borbulhantes e medonhos depois das refeições...

Olhando para o rosto voltado do filho, mr. Beavis notou indícios de resistência e magoou-se, entristeceu-se e sentiu que sua tristeza se transformava num vago ressentimento pelo fato de Anthony não sofrer tão intensamente como ele. Sem dúvida que o filho era ainda muito novo, ainda incapaz de compreender toda a extensão de sua perda; mas, mesmo assim, mesmo assim...

Anthony sentiu um alívio inexprimível quando viu que o trem ia diminuindo a marcha para a sua primeira parada. Os subúrbios de Slough foram passando lentamente e, para os seus olhos, mais devagar do que nunca. Contra todas as regras do jogo sagrado, fazia ele agora votos para que entrasse alguém no compartimento. E deu graças aos céus, quando viu que, de fato, alguém entrava — um homem corpulento e cor de lacre, o qual, noutra ocasião qualquer, Anthony teria abominado. Nesse momento, porém, achou-o extraordinariamente simpático.

Protegendo com a mão os olhos, mr. Beavis ensimesmou-se de novo num mundo de silêncio.

Depois de tomarem um carro e quando já se afastavam da estação de Twyford, Anthony sentiu que o pai, depois de mortificá-lo, passava a injuriá-lo.

— Lá, você deve conduzir-se do melhor modo possível — recomendou.

— Naturalmente — disse secamente Anthony.

— E deve ser sempre pontual — continuou mr. Beavis. — E nunca mostrar-se glutão à mesa. Hesitou. Esboçou um sorriso que era uma antecipação do que ia dizer. E atirou, depois, o termo de gíria: — por mais excelente que a “boia” seja. — Seguiu-se um pequeno silêncio. — E ser muito atencioso com as Abigails — ajuntou.

Deixaram a estrada e entraram por um caminho que serpeava entre altos rododendros. Apareceu então, no outro extremo de uma vasta relva rodeada de árvores, uma fachada de estuque no estilo georgiano. Não era grande a casa, mas sólida, confortável e, ao mesmo tempo, elegante. Construída, como logo se adivinhava, por alguém capaz de citar Horácio com proficiência e em qualquer

ocasião. O pai de Raquel Foxe — refletia mr. Beavis contemplando a casa — deve ter deixado muito dinheiro. Arquitetura naval... E parece que o velho era inventor de qualquer coisa que foi adotada pelo Almirantado. Foxe, também, já fora rico, já estivera bem na vida: certos negócios relacionados com carvão. (Que encanto, aqueles narcisos ali na relva, debaixo das árvores!) Mas era um homem cabeçudo, taciturno, casmurro, que não tinha compreendido — mr. Beavis lembrou-se — um pequeno gracejo filológico que ele fizera com a palavra “lápiz”. Gracejo que, aliás, ele certamente não teria ousado fazer, se, na ocasião, tivesse sabido que o pobre homem tinha uma úlcera no duodeno.

A sra. Foxe e Brian vieram ao encontro deles, quando o carro parou. Os dois meninos se afastaram juntos, enquanto mr. Beavis acompanhava sua hospedeira ao salão. Era uma mulher alta, esbelta e muito tesa, com qualquer coisa de tão majestático no porte, tão nobremente austero nas linhas e expressão do rosto, que mr. Beavis sempre se sentia, em sua presença, ligeiramente intimidado e constrangido.

— Foi realmente gentil o seu convite — disse ele. — E não lhe posso fazer sentir o que ele representa, todo o bem que disso advirá para... — hesitou um instante; depois, (já que era dia dois do mês) com um ligeiro movimento de cabeça e em tom mais baixo: — ... para esse meu pobre orfãozinho: passar aqui as suas férias.

Um sentimento de comiseração emprestava aos olhos castanho-claros da senhora um tom mais escuro, enquanto ela ouvia mr. Beavis falar. Sempre ereta, sempre séria, seus lábios cheios, esculpidos num estilo quase florido, exprimiam, ao se unirem, qualquer coisa mais do que a gravidade comum.

— Mas eu estou tão contente de tê-lo aqui comigo — disse ela com uma voz quente e musicalmente vibrante de sentimento. — Contentamento egoísta, esse meu, porque é por amor de Brian também. — Sorriu. E ele notou que a sua boca, mesmo quando ela sorria, parecia conservar, através de toda sua sensibilidade e de sua profunda capacidade de sofrimento e gozo, aquela seriedade, aquela pureza perfeita, que a caracterizava quando em repouso. — Egoísta, sim — repetia ela. — Porque, quando ele está contente, também eu estou.

Mr. Beavis estava de acordo. E em seguida, disse, suspirando:

— Não deixa de nos ser grato sentir, ao menos como um reflexo, a felicidade alheia. — Magnânimo, já agora concedia a Anthony o direito de não sofrer (embora, naturalmente, quando o menino tivesse um pouco mais de idade e pudesse ter maior compreensão...)

A sra. Foxe não prosseguiu na conversa. Sentia, nas palavras e maneiras dele, algo de antipático, qualquer coisa que a irritava. Deu-se, porém, pressa em varrer do espírito essa impressão desagradável. Porque, afinal, o importante, o essencial era o fato de o pobre homem ter sofrido, o fato de ainda estar sofrendo. A nota dissonante, em falso, se falsidade havia, vinha depois do fato, estava na simples expressão do sofrimento.

Ela propôs um passeio antes do chá. Passearam pelo jardim e foram depois mais além, entrando no deserto domesticado que era toda aquela extensão de relva e de árvores. Numa clareira formada pelo pequeno mato que limitava a propriedade ao norte, três aleijadinhos colhiam primaveras. Com uma agilidade que causava dó, lá iam eles, de ramalhete em ramalhete, balançando-se sobre suas muletas e soltando gritinhos estridentes de entusiasmo.

Estavam morando, explicou a sra. Foxe, numa de suas choupanas. Eram três dos “meus aleijados”, como lhes chamava ela.

Ao ouvirem sua voz, as crianças ergueram os olhos e imediatamente vieram coxeando através do espaço livre, em direção a ela.

— Olhe, dona, olhe o que eu achei!

— Olhe aqui, dona!

— Como é o nome disso, dona?

Ela respondia-lhes às perguntas, replicava-lhes com outras, prometia-lhes ir vê-los à noitinha.

Sentindo-se no dever de também agradar os aleijadinhos, mr. Beavis começou a dizer-lhes da etimologia da palavra inglesa *primrose*. — *Primerle* no Inglês Médio — explicou. — Esse “rose” foi metido aí por engano. — Os petizes arregalavam os olhos para ele, sem compreenderem. — Apenas um erro do povo — prosseguiu ele; depois, piscando o olho, juntou: — Uma simples mancada. Tal qual aquela outra, muito nossa conhecida — e sorria para eles com

um ar finório — a nossa velha amiga *causeway*.

Houve um silêncio. A sra. Foxe mudou de assunto.

— Os pobrezinhos! — disse ela quando, por fim, conseguiu afastar-se deles. — Sentem-se tão felizes, que até se tem vontade de chorar. E o pior é que, daqui uma semana, temos que recambiá-los de novo. De novo para as suas favelas. Sentimos que é demasiado cruel. Mas que havemos de fazer? Eles são tantos. Não é possível conservar uns aqui, em detrimento dos outros.

Foram andando algum tempo silenciosos, quando, de súbito, a sra. Foxe se pôs a considerar que também existiam aleijados do espírito. Pessoas de emoções tão defeituosas e frágeis, que não sabiam sequer sentir adequadamente. Gente com uma espécie de excrescência ou deformidade em sua faculdade de expressão. John Beavis estava, talvez, nesse caso. Mas como estava sendo injusta! E que presunção, também! “Não julgues, para que não te julguem a ti.” Em todo caso, e a ser verdade, aí estava mais uma razão para ter pena dele.

— Acho que já estamos na hora do chá — disse em voz alta. — E para proibir-se, a si própria, de continuar formulando outros quaisquer juízos, passou a falar-lhe daquelas Escolas para Aleijados, que ela estivera ajudando a organizar em Notting Dale e St. Pancras. Descreveu a vida que o aleijado levava em casa: os pais ausentes, no trabalho; da manhã à noite, nem sequer a sombra de um rosto humano; o alimento, escasso e inadequado; sem brinquedos, sem livros, sem nada que fazer, a não ser ficar deitado, imóvel, à espera — à espera de quê? Referiu-se depois à ambulância que fazia então o giro pela redondeza, arrebanhando e transportando as crianças para a escola; e disse das carteiras, das lições, das salas de aula, das medidas tomadas no sentido de fornecer às crianças uma alimentação condigna.

— E todo o nosso prêmio — disse, abrindo a porta para entrarem em casa — toda a nossa recompensa é essa mesma felicidade que dói e da qual eu lhe estava falando há pouco. Não posso deixar de senti-la como uma espécie de censura, como uma acusação. Toda vez que vejo essa felicidade, pergunto-me que direito tenho de me achar em condições de proporcioná-la tão facilmente, apenas gastando um pouquinho de dinheiro e dando-me a certos incomodinhos, certos agradáveis incômodos. Sim, que direito? — E a voz

clara e quente tremia-lhe um pouco, enquanto ela formulava a pergunta. Ergueu as mãos num gesto interrogativo, deixou-as depois, novamente, cair e entrou depressa no salão.

Mr. Beavis acompanhou-a sem pronunciar palavra. Ao ouvir as últimas frases da sra. Foxe, invadira-o e expandira-se dentro dele uma espécie de calor fremente, que era como a sensação que experimentava quando lia a última cena de *Measure for measure*, ou ouvia Joachim no concerto de Beethoven.

Mr. Beavis pôde demorar-se somente duas noites. Havia uma reunião importante na Sociedade de Filologia. E além disso, ele tinha, naturalmente, que trabalhar no dicionário.

— A velha labuta de todos os dias — explicou ele à sra. Foxe num tom de autolamentação afetada e com um suspiro que mal visava sequer à convicção. A verdade era que esse seu trabalho constituía para ele um prazer, sem o qual ele se sentiria perdido. — E a senhora está realmente certa — ajuntou — de que Anthony não lhe virá a ser um incômodo muito grande?

— Incômodo? Olhe ali! — E, pela janela, apontou para o lugar onde os dois meninos jogavam polo de bicicleta no campo. — E não é somente isso — continuou. — Nestes dois dias eu acabei de ficar realmente muito afeiçoada a Anthony. Tem qualquer coisa de profundamente comovedor. Parece, de algum modo, tão vulnerável. Apesar de toda essa sua inteligência e bom senso e firmeza de espírito. Dir-se-ia que parte dele está terrivelmente à mercê do mundo. — Sim, à mercê do mundo, repetia ela ainda consigo, lembrando-se daquela fronte larga e cândida, daqueles lábios sensíveis até quase ao tremor, daquele queixo franzino e delicado. Era fácil ofendê-lo, fácil desencaminhá-lo. Cada vez que ele punha os olhos nela, ela sentia-se vagamente culpada e responsável por ele.

— No entanto — disse mr. Beavis — há ocasiões em que ele parece estranhamente indiferente. — A recordação daquele episódio do trem não tinha perdido ainda o seu caráter venenoso. Pois, embora desejando, naturalmente, que o filho fosse feliz, embora tivesse resolvido que a única felicidade que de então em diante ele próprio poderia conhecer resultaria da contemplação da felicidade do filho, contudo persistia, obscuro, o velho ressentimento: sentia-se

molestado, porque Anthony tinha sofrido pouco, porque parecia resistir e repelir o sofrimento quando este lhe era imposto. — Estranhamente indiferente — repetiu.

A sra. Foxe inclinou-se — Sim — disse ela — é uma espécie de armadura que ele traz consigo; armadura que lhe cobre a vulnerabilidade no ponto mais exposto, ao mesmo tempo que os outros pontos se descobrem, de sorte que os ferimentos mais leves devam atuar como uma espécie de distração, uma espécie de remédio anti-irritante. E autoproteção. Contudo — sua voz encheu-se de gravidade e de emoção — contudo eu creio que, com o tempo, ele se tornaria melhor e espiritualmente mais sadio, sim, e também mais feliz, se pudesse decidir-se a fazer justamente o contrário — se se pudesse encourajar contra os ferimentos leves que o distraem, tanto os de prazer como os de dor, e expor sua vulnerabilidade somente aos golpes grandes e profundos.

— Como tudo isso é verdadeiro! — disse mr. Beavis, sentindo em si próprio a aplicação exata das palavras dela.

Sucedeu-se um silêncio. Depois, voltando à pergunta que inicialmente lhe fizera mr. Beavis, a sra. Foxe assegurou com decisão: — Não, não; longe de senti-lo como uma carga, estou, ao contrário, realmente encantada de tê-lo aqui comigo. Não somente pelo que ele é em si, mas também pelo que ele é para Brian e, incidentalmente, pelo que Brian é para ele. É um prazer vê-los. Quisera que estivessem juntos em cada período de férias. — A sra. Foxe fez uma ligeira pausa e, depois, continuou assim: — Seriamente, se o senhor não tem ainda os seus planos formados quanto ao verão, medite nisto um pouco: alugamos uma casinha em Tenby para agosto. Por que não vão também, o senhor e Anthony, para Tenby?

Mr. Beavis achou excelente a ideia; e os meninos, quando lha comunicaram, ficaram contentíssimos.

— Então, é somente até agosto que lhe digo adeus — disse a sra. Foxe por ocasião da despedida. E, com um calor que era tanto maior quanto resultava de um deliberado esforço de cordialidade, ajuntou: — Se bem que até lá, naturalmente, ainda nos encontraremos.

O carro afastou-se, rápido, ao longo do caminho; e numa extensão de cem

jardas ou mais, Anthony correu atrás dele, gritando *Good-bye* e agitando o lenço com uma veemência que mr. Beavis tomou como sinal de um pesar correspondentemente intenso de vê-lo partir. Mas era, de fato, apenas a manifestação de um excesso de energia e de alegria. As circunstâncias lhe haviam enchido o corpo e a alma da alegria profunda de viver e ser feliz. Tal estado requeria uma expressão física e a partida do pai foi o pretexto para que ele saísse a correr e a gesticular. Mr. Beavis ficou extremamente sensibilizado. “Se ao menos” — continuava a pensar com tristeza — “se ao menos houvesse um meio de canalizar esse amor, como também o amor que ele sentia pelo filho, para que essa onda de afetividade irrigasse todos os momentos áridos da convivência diuturna! E como as mulheres compreendiam melhor essas coisas!” Sentira-se realmente comovido de ver como a pobre criança havia correspondido à afeição da sra. Foxe. “E talvez” — especulava ainda — “talvez fosse justamente por não ter havido uma mulher que lhe dirigisse os sentimentos que Anthony lhe parecera tão indiferente. Talvez justamente pelo fato de ser órfão, jamais poderia um filho sentir, como devia, a morte de sua mãe. Era um círculo vicioso. A influência da sra. Foxe seria uma boa coisa, não somente a esse respeito, mas ainda a respeito de mil outras coisas.” Mr. Beavis suspirou. Se fosse, ao menos, possível associar-se um homem a uma mulher; não em matrimônio, mas para um fim comum, por amor dos filhos órfãos de mãe, órfãos de pai! Podia ser uma boa mulher — admirável, extraordinária, mesmo. Mas a despeito disso (quase por causa disso), só poderia ser uma união para um fim comum. Nunca, um casamento. E como quer que fosse, lá estava Maisie — lá, esperando por ele; por ele, que, sem falta, haveria de... Mas uma união por amor dos filhos — isso não seria, de modo algum, uma traição.

Voltando de sua corrida, Anthony ia assobiando a música de “A madressilva e a abelha”. Gostava do pai — gostava, é verdade, por força do hábito, como gostamos de nossa terra natal, dos seus pratos tradicionais — mas, como quer que fosse, gostava sinceramente dele. O que, aliás, em nada concorria para diminuir o desconforto que sempre sentia em presença de mr. Beavis.

— Brian! — gritou ele, quando se aproximava da casa. Gritou um pouco

consciente de si; pois achava esquisito chamar-lhe Brian, em lugar de Foxe ou “Cara-de-Cavalo”. Um tanto efeminado, algo, mesmo, de desabonador.

O assobio que Brian deu em resposta vinha da sala de aula.

— Estou resolvido a levar as bicicletas — gritou Anthony.

No colégio, costumavam caçoar com o Cara-de-Cavalo por causa da sua mania dos passarinhos. — Venham cá, companheiros — dizia Staithes, levando o Cara-de-Cavalo pelo braço. — Adivinhem o que eu vi hoje! Dois canários-da-terra cospe-cospe e uma toutinegra mijona. — E um estrondoso coro de gargalhadas estrugia, coro em que Anthony tomava parte. Aqui, porém, onde não havia ninguém para ridicularizar-lhe o interesse pelas aves migratórias da primavera, pelas coleções de ninhos, pelos ninhos de garças, aqui ele se entregava com entusiasmo à sua faina de observar passarinhos. Entrando molhado e enlameado do passeio da tarde, costumava ele perguntar, triunfantemente, antes mesmo que o pobre Brian tivesse tempo de tartamudear uma palavra: — A senhora sabe que passarinho ouvimos cantar hoje? O primeiro papa-amoras! — Ou então: — Uma carriça! — E Raquel Foxe respondia: — Que beleza! — de modo tal, que ele se sentia cheio de orgulho e de felicidade. Era como se aquelas toutinegras mijonas nunca tivessem existido.

Depois do chá, descidas as cortinas e trazidas as lâmpadas, a sra. Foxe lia para eles. Anthony, que antes quase morria de tédio com as histórias de Scott, acompanhava agora *A fortuna de Nigel* com a mais apaixonada atenção.

Aproximava-se a Páscoa e Nigel foi, temporariamente, posto à margem. Em substituição, a sra. Foxe lia-lhes passagens do Novo Testamento. — “E Ele disse-lhes: Minha alma está imensamente triste diante da morte. Ficai aqui, de guarda. E deu alguns passos para frente, e prosternou-se, e suplicou que, se fosse possível, passasse aquela hora. E disse: Abba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; contudo, seja feita, não a minha, mas a tua vontade.” — A luz da lâmpada formava uma ilha circular na escuridão da sala; e, avançando para essa ilha, projetava-se um promontório impreciso de luz vermelha, vinda do fogo. Anthony estava deitado no chão e, da alta cadeira italiana ao lado da lâmpada, as palavras desciam-lhe aos ouvidos transfiguradas, por assim dizer, por aquela voz quente e musical, contendo significações que

antes jamais lhe haviam revelado. — “E era a terceira hora, e eles O crucificaram.” — No silêncio que se seguiu, as pulsações do seu coração se lhe afiguravam as pancadas do martelo sobre os pregos. Tac, tac, tac... Passou os dedos de uma das mãos pela palma lisa da outra; enrijou-se-lhe de horror o corpo todo e uma violenta convulsão espasmódica percorreu-lhe os músculos retesos.

— “E quando veio a sexta hora, as trevas envolveram toda a terra até à nona hora.” — A sra. Foxe depôs o livro. — Esse é um dos acréscimos de que eu estava falando a vocês — disse — uma dessas fantasias tecidas à margem da história. Devemos ter em conta a época em que viveram os autores dos evangelhos. Eles acreditavam que essas coisas podiam acontecer; e, o que é mais, pensavam que elas deviam acontecer em ocasiões importantes. Queriam honrar Jesus; queriam que a história de Jesus parecesse mais maravilhosa; mas para nós, hoje em dia, essas coisas fazem com que ela pareça menos maravilhosa. O que é, para nós, maravilhoso — continuou com aquela sua voz que fremia numa nota profunda de fervor — é que Jesus era um homem, tão incapaz de fazer milagres ou de mandar que os fizessem por Ele, como nós outros. Apenas um homem, e, no entanto, Ele pôde fazer o que fez, pôde ser o que foi. Isso é que é a maravilha.

Fez-se um longo silêncio. Ouviam-se somente o tique-taque do relógio e, na lareira, o crepitar das chamas, que era como um farfalhar de sedas. Deitado, agora, de costas, Anthony tinha os olhos fixos no teto. Tudo se tornara subitamente claro. O tio James tinha razão; mas os outros também tinham razão. Apenas um homem — e, no entanto... Oh, ele também, ele também queria fazer, queria ser!

A sra. Foxe tomou novamente o livro. Suas finas páginas estalavam à medida que ela as voltava.

— “E então, no primeiro dia da semana, de manhã muito cedo, elas vieram ao sepulcro, trazendo as especiarias que haviam preparado e, com elas, alguns outros. E viram que a pedra estava afastada do sepulcro.”

A pedra... Mas em Lollingdon havia terra; e somente cinzas naquela caixinha — naquela caixinha do tamanho de uma lata de biscoitos. Anthony

fechou os olhos na esperança de banir a visão odiosa; mas não pôde deixar de distinguir, contra a escuridão carmesim produzida pelas pálpebras cerradas, nitidamente desenhados, aqueles chifres, o triângulo de pelo crespo cor de laranja. Levou a mão à boca e, para castigar-se, começou a morder o dedo indicador, cada vez com mais força, até a dor tornar-se quase insuportável.

Mais tarde, quando veio dar-lhe boa-noite, a sra. Foxe sentou-se sobre a beira da cama de Anthony e tomou-lhe a mão. — Você, Anthony — disse, depois de um momento de silêncio — não deve ter receio de pensar nela.

— Receio? — murmurou ele, como se não tivesse compreendido. Mas *tinha* — tinha, talvez, compreendido mais do que o que ela quisera dizer. Subiu-lhe o sangue às faces, num sentimento de culpa. Ficou amedrontado, como se, de certo modo, ela o tivesse apanhado no laço, como se o tivesse descoberto — amedrontado e, portanto, ressentido.

— Você não deve ter medo de sofrer — prosseguiu ela. — Quando você pensa nela, fica triste; é inevitável, isso; mas assim mesmo é que deve ser. A tristeza é, às vezes, necessária. É como uma operação; a gente não pode sentir-se bem sem a tristeza. Eu sei que você sofre, Anthony, quando pensa nela. Mas, se não pensar, você a condena a uma segunda morte. O espírito dos mortos continua vivendo em Deus. Mas vive também no cérebro e no coração dos vivos, ajudando-os, tornando-os melhores e mais fortes. E os mortos só podem ter essa espécie de imortalidade se os vivos se acham preparados para dotá-los dela. Não quer você dar a ela essa imortalidade, Anthony?

Mudo e banhado em lágrimas, a resposta, ele a deu com baixar a cabeça. O que o tranquilizara, o que o fizera cobrar ânimo, não eram tanto as palavras em si, quanto o fato de serem dela, de terem sido pronunciadas naquela voz irresistível. Seus temores dissipavam-se, seu ressentimento suspeito extinguiu-se. Sentiu-se amparado, junto dela. Amparado, ao ponto de desafogar-se nos soluços, que, então, lhe subiram, irresistíveis, à garganta.

— Pobre Anthonyzinho! — Ela alisava-lhe os cabelos. — Pobre Anthonyzinho. Para isso não há remédio; doerá sempre. Sempre. Você nunca poderá lembrar-se dela sem sofrer. Nem mesmo o tempo pode fazer cessar totalmente o sofrimento, Anthony.

Fez uma pausa. E durante um minuto, que lhe pareceu longo, esteve silenciosa, pensando no pai, pensando no marido. O velho pai, antes tão robusto, tão majestoso, com um ar de profeta — depois, na sua cadeira de rodas, parálítico, todo encolhido e com um ar estranho, a cabeça pendia para o lado, babando sobre a barba branca, mal podendo falar... E o homem que ela desposara, tomada de admiração pelo seu vigor, de respeito por sua retidão; que ela desposara para depois descobrir que o não amava, que o não podia amar. Pois o vigor, descobriu que era frio e sem magnanimidade; a retidão, rude e cruel retidão. E a dor da sua longa e última doença o tornara empedernido e irritado. Morrera implacável, resistindo-lhe à ternura até o último momento.

— Sim, haverá sempre a dor e a tristeza — continuou enfim. — E afinal — surgiu-lhe na voz uma nota quente de orgulho, quase de desafio — pode a gente esperar que seja de outro modo? Você não gostaria de esquecer sua mamãe, gostaria, Anthony? Nem de não lhe dar mais importância, só para se ver livre de um sofrimentozinho. Você, decerto, não quereria isso.

Ainda soluçando, ele sacudiu a cabeça. E era verdade, o que queria dizer. Nesse momento, ele não queria fugir. De certo modo obscuro, era um consolo estar sofrendo esses extremos de mágoa. E a amava, justamente porque ela soubera fazê-lo sofrer.

A sra. Foxe abaixou-se e beijou-o — Coitado do Anthonyzinho! — continuava a repetir. — Coitado do Anthonyzinho!

Chovia, na sexta-feira da Paixão; mas, no sábado, o tempo mudou e o domingo da Páscoa apresentou-se simbolicamente cor de ouro, como que de propósito, como se fora uma parábola.

A ressurreição do Cristo e o renascimento da Natureza — dois aspectos de um mistério idêntico. A luz do sol, as nuvens, como fragmentos de escultura em mármore no pálido azul do céu, tudo parecia, de algum modo profundo e inexprimível, corroborar o que dissera a sra. Foxe.

Não foram à igreja; mas, sentados no gramado, ela leu em voz alta, primeiro, um trecho do ofício do domingo da Páscoa, depois, algumas passagens da *Vida de Jesus* de Renan. Ouvindo-os, Anthony tinha os olhos cheios de lágrimas e sentia um desejo indizível de ser bom, de realizar qualquer coisa de

belo e de nobre.

Na segunda-feira, um grupo de crianças miseráveis veio passar o dia no jardim e no bosque. No Bulstrode, esses garotos seriam tidos como uns malcriados e tratados com o mais ofensivo desdém, como se não existissem. Seriam uns verdadeiros selvagens; e quando fossem mais velhos passariam a ser uns desajeitados e uns grosseirões. Aqui, contudo, a coisa era diferente. A sra. Foxe transformava os malcriados em crianças infelizes, que provavelmente nunca tornariam a ver o campo uma segunda vez durante o ano inteiro.

— Coitados dos garotos! — Anthony disse à sra. Foxe quando eles chegaram. Malgrado, porém, a compaixão que ele fazia todo o possível por sentir, a despeito de toda a sua decidida boa vontade, não podia deixar de sentir um medo secreto desses enfezados e, todavia, horrivelmente idosos fedelhos com que se oferecera para brincar. Temia-os e, por isso mesmo, os detestava. Pareciam incomensuravelmente estranhos. Suas roupas remendadas e manchadas, suas feias botinas eram como se fossem a própria pele deles, pele de um pigmento diferente, estranho; quando falavam, no seu linguajar dialetal, era como se estivessem falando chinês. À simples aparição deles, Anthony sentia a consciência acusá-lo. E além disso, aquele modo de olharem para ele, com um misto de ódio e de escárnio por causa de sua roupa nova e de suas maneiras diferentes; e depois, ainda os cochichos e as risotas a que se atreviam os mais audazes dentre eles. Quando se riam de Brian por causa de sua gagueira, este ria-se também com eles, de sorte que, daí a pouco, não riam mais, ou riam apenas amistosamente e quase com simpatia. Anthony, ao contrário, fingia que não lhes percebia os modos zombeteiros. Um cavalheiro, conforme ele aprendera, não só pelo ensino explícito, mas ainda implicitamente pelo exemplo constante dos mais velhos, um cavalheiro não dá atenção alguma a coisas dessa espécie. E ele comportava-se como se aquelas risotas não existissem. O que não impedia que os outros continuassem a rir.

Toda aquela manhã passada a jogar bola e a brincar de esconder, ele a abominou sinceramente. Mas o pior foi ter que acompanhá-los na hora do almoço. Oferecera-se para servir à mesa. Contra o serviço em si, nada havia que dizer. Mas aquele cheiro de pobreza, quando as vinte crianças se reuniram na

sala de jantar, era tão insidiosamente repugnante (lembrava-lhe a igreja de Lollingdon, mas era muito pior), que ele teve de se retirar duas ou três vezes no decorrer da refeição, para cuspir no vaso do banheiro. — Empestado de germes! — parecia-lhe ouvir ainda uma vez a voz de sua mãe, entre assustada e zangada. — Empestado de germes! — E quando a sra. Foxe lhe fazia uma pergunta, o mais do que podia fazer era sacudir a cabeça e emitir, de boca fechada, um ruído inarticulado; se falasse, teria que engolir. Engolir o quê?

A simples lembrança o revoltava.

— Coitados dos garotos! — tornou a dizer quando, em companhia da sra. Foxe, lhes assistia à partida. — Coitados dos garotos! — E sentiu-se ainda mais envergonhado de sua hipocrisia, quando a sra. Foxe lhe agradeceu o ter trabalhado tanto para bem receberem e agradarem os petizes.

Quando Anthony já se tinha retirado para a sala de estudos, a sra. Foxe voltou-se para o filho: — Também agradeço a você, meu amor. Portou-se magnificamente.

Enrubescendo de prazer, Brian balançou a cabeça e disse: — Foi t-tudo trabalho s-seu. — E sentindo, de súbito, quanto a amava, quanto ela era boa e admirável, encheram-se-lhe os olhos de lágrimas.

Saíram juntos para o jardim. Ela, com a mão no ombro dele. Desprendia-se dela um cheiro suave de água-de-colônia. De repente, como se fosse também um dos elementos que a tornavam *admirável*, saiu o sol de trás de uma nuvem.

— Olhe aqueles narcisos! Divinos! — exclamou naquela voz que, para Brian, tornava estranhamente mais verdadeiro do que a própria verdade tudo quanto ela dizia. — E o coração, agora, enche-se-me de prazer... Lembra-se, Brian?

Vermelho e com os olhos a brilharem, ele fez sinal que se lembrava; e ajuntou: — E d-dança...

— Dança com os narcisos. — Ela conchegou-o mais a si. A felicidade que o invadia era inexprimível. Continuaram a caminhar, em silêncio. O ruge-ruge de suas saias era, pensava Brian, como o mar; como o mar em Ventnor, aquela vez, no ano passado, em que não pôde dormir de noite por causa das ondas batendo na areia da praia. Deitado lá no escuro, ouvindo o longínquo respiro do mar,

tinha sentido medo e, mais do que tudo, ficara triste, terrivelmente triste. Mas agora, junto de sua mãe, as reminiscências desse temor, dessa tristeza profunda e sem causa, tornavam-se lindas; e ao mesmo tempo, e vagamente, a beleza toda nova dessas reminiscências parecia refletir-se nela, fazê-la parecer ainda mais admirável aos seus olhos. Movendo-se ora num, ora noutro sentido, por sobre o gramado ensolarado, havia nela qualquer coisa dos mistérios do vento na treva, do vaivém incessante e incansável das ondas.

— Coitado do Anthonyzinho! — disse a sra. Foxe, rompendo o longo silêncio. — É penoso, é terrível! — E pensava que igualmente dolorosa havia de ter sido a situação da pobre Maisie. A graciosa criatura, com os seus langores, os seus silêncios, as suas abstrações no reino da quimera e, em seguida, suas voltas bruscas a uma atividade risonha — que tinha que ver com a morte uma criatura assim? Ou com o parto, para falar verdade? Maisie com um filho para criar — não se via nisso mais sentido do que em Maisie morta.

— Deve ser t-t-t... — mas o “terrível” não quis sair. — Deve ser m-m-medonho — disse Brian, laboriosamente tangenciando o obstáculo, enquanto sua emoção o antecedia e se precipitava numa eclosão de palavras impronunciadas e impronunciáveis — a gente n-não ter m-mãe.

A sra. Foxe sorriu com ternura e, curvando-se, colocou, por um momento, a face contra os cabelos dele. — Medonho também é a gente não ter um filho — disse e, ao dizê-lo, percebeu que as suas palavras eram ainda mais verdadeiras do que pretendia que fossem, que eram verdadeiras num plano de mais profunda, mais essencial existência do que essa em que então se movia. Pretendia aludir ao presente; mas se era terrível não o ter agora, quão incomparavelmente mais terrível teria sido então, depois que o pai tivera o seu ataque fatal e durante os anos da doença do marido! Nesse período de dor e de extrema carência espiritual, o seu amor por Brian era a única coisa que ainda possuía. Ah, terrível, realmente terrível, então, a gente não ter filho!

CAPÍTULO X

16 de junho de 1912

LIVROS. A MESA DO QUARTO DE Anthony estava coberta deles. Os cinco infólios de Bayle, na edição inglesa de 1738. A tradução de Rickaby da *Summa contra gentiles*. O *Problème du style*, de De Gourmont. *O caminho da perfeição*. As *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiévski. Três volumes das *Cartas*, de Byron. As obras de S. João da Cruz, em espanhol. As peças de Wycherley. A *História do celibato sacerdotal*, de Lee.

“Se ao menos”, pensava Anthony ao voltar do seu passeio, “se a gente ao menos tivesse dois pares de olhos! Janus poderia ler, simultaneamente, *Cândido* e a *Imitação*. A vida era tão curta e os livros tão inumeráveis.” Deu uma olhada sobre a mesa, e abriu ao acaso ora este, ora aquele volume. Leu: — “Ele não queria deitar-se; então, como seu pescoço fosse muito grande para o orifício, o padre viu-se obrigado a abafar-lhe as exclamações com exortações em voz mais alta ainda. A cabeça foi tirada antes que a vista pudesse acompanhar o golpe; mas a uma tentativa de recuo, apesar de segura e exposta pelos cabelos a primeira cabeça foi decepada rente às orelhas; as outras duas foram arrancadas com mais habilidade. A primeira causou-me calor e sede e fez-me tremer tanto que eu mal podia segurar o binóculo [...] Sendo a felicidade um bem peculiar a uma natureza inteligente, deve ligar-se à natureza inteligente por alguma coisa que lhe seja peculiar. Mas o apetite não é peculiar à natureza inteligente, senão que é encontrado em todas as coisas, embora diversamente em diversos seres. A vontade, enquanto apetite, não é da essência de uma natureza inteligente, exceto quando considerada como dependente da inteligência; mas a inteligência em si é peculiar a uma natureza inteligente. A felicidade, portanto, consiste,

substancialmente e principalmente, num ato do intelecto, mais do que num ato da vontade [...] Mesmo no mais íntimo da minha alma nunca pude pensar no amor a não ser como uma luta, que começa com o ódio e termina com a sujeição moral [...] Cabrão eu não serei, estou dizendo; haverá perigo em tornar-se um cabrão. Mas então, ficaste bem curado da tua última tunda? [...] *La primeira noche o purgación es amarga y terrible para el sentido, como ahora diremos. La segunda no tiene comparación, porque es horrenda y espantable para el espíritu* [...] Suponho ter lido algures que o senso da precisão já chegou a tal ponto, que as damas já não diriam — *j'ai mangé des confitures*, porém *des futures*. Nessas condições, mais de metade das palavras do Dicionário da Academia Francesa deviam ser eliminadas [...]”.

Afinal, Anthony decidiu-se pelo *Caminho da perfeição*, de Santa Teresa. Quando Brian entrou, uma hora depois, ele tinha lido até a Oração da Quietude.

— Oc-cupado? — perguntou Brian.

Anthony fez sinal que não.

O outro sentou-se. — V-vim v-ver se havia alguma coisa a d-determinar para am-m-manhã. — A sra. Foxe e Joan Thursley, mr. Beavis e senhora deviam vir a Oxford passar o dia. Brian e Anthony haviam combinado recebê-los.

Hock ou Sauterne? Maionese de lagosta ou salmão frio? E se chovesse, qual seria o melhor programa para a tarde?

— Você vem hoje à noite aos Fabianos? — perguntou Brian, quando acabaram de discutir os planos para o dia seguinte.

— Decerto — respondeu Anthony. Devia haver nessa noite eleição do novo presidente. — Vai ser uma luta renhida entre você e o Mark Staithes. Você precisa conseguir o maior número de votos possível...

Interrompendo-o, Brian disse: — Desisti.

— Desistiu? Mas por quê?

— Por vários motivos.

Anthony olhou para ele e sacudiu a cabeça. — Não é que eu jamais tivesse pensado em candidatar-me — disse ele. — Não posso imaginar coisa mais aborrecida do que ser presidente de qualquer espécie de organização. — O simples fato de pertencer a uma organização já não era lá coisa muito agradável.

Por que se haveria de sofrer a tirania de fazer escolhas quando não se queria escolher, de prender-se a uma série de princípios, quando o essencial e o necessário era ser livre, de assumir o compromisso de associar-se com outras pessoas, quando havia a mesma probabilidade de se querer ficar sozinho, de prometer com antecipação estar em determinados lugares, a certas horas? Foi com a maior dificuldade que Brian o persuadira a juntar-se aos Fabianos; quanto ao resto, ele estava livre. — Nada mais aborrecido — insistiu. — Todavia, uma vez que se apresenta uma oportunidade, por que desistir?

— Mark será melhor presidente do-do que eu.

— Se você quer dizer mais rude, concordo.

— A-além disso, agiu com t-tanta s-sutileza para ser eleito — ia começando Brian; mas interrompeu-se logo, melindrado. Anthony podia supor que ele estava querendo criticar Mark Staithes, estava assumindo ares de superioridade sobre ele. — O que qu-quero dizer é que ele s-sabe desempenhar-se t-tão bem do seu encargo — passou logo a corrigir-se. — Ao p-passo que eu... De modo que não v-veja c-como nem p-porque...

— A verdade é que você pensou em ser agradável a ele.

— Não, n-não! — protestou Brian em tom angustioso. — N-n-não é isso, não!

— Mark é o galo do terreiro — Anthony prosseguiu, sem atender ao protesto do outro. — Quer ser e tem que ser o galo do terreiro, mesmo que se trate do minúsculo terreiro dos Fabianos! — Riu-se. — Coitado do Mark! Qual não deve ser o seu desespero, ao ver que não pode sequer encarapitar-se no poleiro! É uma ventura a gente preferir os livros — afagou o volume de Santa Teresa. — Contudo, eu gostaria que você não tivesse desistido. Eu haveria de me rir um bocado, quando visse o Mark batido por você e procurando fingir que não ligava. — E, em seguida, noutro tom: — Lendo aí qualquer coisa, não?

Aliviado com a mudança de assunto, Brian confirmou: — Sobre o p-p-p-

— Sobre o pecado?

— O p-papel do sindicato.

Riram-se ambos.

— É estranho! — disse Anthony quando pararam de rir. — A simples ideia de falar aos socialistas sobre o pecado tem qualquer coisa de... como dizer? De extravagante, realmente. Pecado e... socialismo. — Abanou a cabeça. — É como se cruzássemos um pato com uma zebra.

— Mas não se poderia falar sobre o pecado, não haveria mesmo razão para isso, se o ponto de partida fosse outro.

— Qual?

— O social. Se a sociedade fosse tão bem organizada, que o indivíduo não tivesse a mais simples possibilidade de cometer pecados.

— Mas pensa você, honestamente, que poderia existir tal sociedade?

— T-talvez — disse Brian com certa dúvida, ao mesmo tempo refletindo que uma reforma social dificilmente poderia abolir aqueles seus desejos ignóbeis, não poderia sequer legitimar tais desejos, salvo dentro de certos limites convencionais. E abanando a cabeça: — N-não, não s-sei — concluiu.

— Não posso compreender que se pudesse fazer mais do que apenas transferir os nossos pecados de um plano para outro. Mas isso nós já fizemos. Tomemos para exemplo a inveja e a ambição. Elas costumavam manifestar-se no plano da violência física. Pois bem; a sociedade foi de tal modo reorganizada, que elas têm que manifestar-se, na maioria dos casos, em termos de concorrência econômica.

— Que, aliás, vamos abolir.

— E, desse modo, fazer voltar a moda da violência física, pois não?

— I-isso é o que você d-deseja, não é? — disse Brian. E ajuntou, rindo: — Você é terrível.

Seguiu-se um silêncio, durante o qual Brian, distraído, apanhou *O caminho da perfeição*, e, virando as páginas, leu uma linha aqui, um parágrafo ali. Depois, suspirando, fechou o livro, pô-lo de novo no seu lugar e, sacudindo a cabeça, considerou: — Não p-posso compreender por que é que v-vo-cê lê essa d-droga. Uma v-vez que n-não acredita n-nisso.

— Mas eu acredito — insistiu Anthony. — Não, naturalmente, nas explicações ortodoxas. Essas já se vê que são idiotas. Mas acredito nos fatos. E na teoria metafísica fundamental do misticismo.

— Qu-quer dizer que p-pode chegar à v-verdade p-por uma espécie de união d-direta com ela?

Anthony confirmou. — E à mais preciosa e importante espécie de verdade, somente por esse meio.

Sentado, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos e a cara comprida entre as mãos, Brian ficou, um momento, silencioso, com os olhos fixos no chão. Depois, sem erguer os olhos, disse, afinal: — a mim me parece que v-você está j-jogando com p-pau d-de d-dois b-b-b...

— Bicos — completou Anthony.

O outro abaixou a cabeça, confirmando. — Utilizando o c-ceticismo contra a r-religião, contra t-toda espécie d-de idealismo, na verdade — acrescentou, lembrando-se da ironia mordaz com que Anthony gostava de ferir todo entusiasmo que lhe parecesse excessivo. — E ao m-mesmo tempo, ut-tili-zando essa d-droga — apontou para *O caminho da perfeição* — c-contra um argumento c-científico, quando isso c-convém ao seu l-l-l... Não pôde dizer “livro” e passou a soletrá-lo.

Anthony reacendeu o cachimbo, antes de responder. — Mas, por que não deve a gente tirar partido de ambas as partes? — perguntou, atirando para a lareira o fósforo apagado — De todas as partes. Por que não?

— Questão de c-coerência, de s-sinceridade...

— Mas eu não prezo a sinceridade. O que eu prezo é a integralidade. Acho que o nosso dever é desenvolver todas as nossas potencialidades — todas. Não se deixar ficar estupidamente aferrado a uma só. Coerência e sinceridade! — repetiu. — Mas as ostras também são coerentes e sinceras. As formigas também são coerentes e sinceras.

— E os s-santos também.

— Bem, isso apenas confirma a minha resolução de não ser santo.

— M-mas c-como pode você f-fazer qualquer coisa, sem ser c-coerente e s-sincero? É a primeira condição para qualquer empr-preendimento.

— Mas quem lhe disse que eu quero realizar qualquer coisa? — perguntou Anthony. — Nada disso. O que eu quero é ser, e de um modo completo. E quero ainda saber. E até onde a conquista do saber coincide com a ação, com o

empreendimento, aceito essa primeira condição, sinceramente. — E com o tubo do seu cachimbo apontava para os livros em cima da mesa.

— Você n-não aceita as c-condições d-dessa espécie de c-conhecimento — retorquiu Brian, indicando, mais uma vez,

O caminho da perfeição. — Rezas e j-jejuns e t-tudo o mais.

— Porque isso não é conhecimento, é uma espécie particular de experiência. Há toda a diferença possível entre conhecer e experimentar. Entre aprender álgebra, por exemplo, e deitar-se com uma mulher.

Brian não sorriu. Continuando a olhar fixamente para o chão, disse: — Mas você p-pensa que as experiências m-místicas nos põem em c-contato com a v-verdade?

— Tanto quanto o deitar-se.

— É? — perguntou Brian contrafeito. Não se comprazia com esse gênero de conversa, tanto menos agora que estava amando Joan — amando-a e, entretanto, (chegava a abominar-se por isso) desejando-a bestialmente, indevidamente...

— Quando a mulher corresponde ao nosso ideal — respondeu o outro com um ar malicioso de quem conhecia por experiência toda sorte de mulheres. Na realidade, conquanto tivesse vergonha de admiti-lo, era ainda virgem.

— Neste caso, você não tem que atormentar-se com j-j-jejuns — retrucou Brian, subitamente irônico.

Anthony fez uma careta. — Dou-me por perfeitamente satisfeito com apenas conhecer o caminho da perfeição — disse.

— Acho que eu d-devia querer exp-perimentá-lo t-também — opinou Brian, depois de uma pausa.

Anthony meneou a cabeça e objetou: — Não compensa. E é justamente aí que está o mal de toda atividade sincera e coerente. Ela se exerce a troco da liberdade. Ela acua o indivíduo num canto; faz dele um prisioneiro.

— Mas quem quiser ser livre tem que ser prisioneiro. É a condição da liberdade, da verdadeira liberdade.

— Da verdadeira liberdade! — Anthony repetiu, dando à voz um tom clerical. — Gosto muito desse tipo de argumento. O contrário de uma coisa não

é o contrário, oh, se me faz favor, não! É a própria coisa, mas como ela é verdadeiramente. Pergunte-se a um conservador o que é o conservantismo e ele responderá que é o verdadeiro socialismo. E os jornais de classe dos cervejeiros? Estão cheios de artigos sobre a beleza da verdadeira temperança. A temperança vulgar consiste justamente na recusa brutal e total da bebida; mas a verdadeira temperança, a verdadeira temperança é algo de muito mais requintado. A verdadeira temperança é uma garrafa

de clarete em cada refeição e três uísques duplos depois do jantar. Pessoalmente, eu sou todo pela verdadeira temperança, porque acho a temperança abominável. Mas gosto de ser livre. Por isso, não quero relações com a verdadeira liberdade.

— O que n-não a imp-pede de c-continuar sendo a v-verdadeira liberdade — insistiu obstinadamente o outro.

— Que é que existe num nome? — prosseguiu Anthony. — Aqui está a resposta: praticamente tudo, se o nome é bom. Liberdade é um nome maravilhoso. Aí está por que você tanto deseja empregá-lo. Afigura-se-lhe que, só com chamar à prisão verdadeira liberdade, você conseguirá que todos se sintam atraídos para a prisão. E o pior é que você tem toda a razão. Para a maioria das pessoas o nome vale mais do que a coisa. Tais pessoas seguem o homem que o repete com mais frequência e em voz mais alta. E não há dúvida que “a verdadeira liberdade” é

um nome melhor do que “a liberdade” *tout court*. A verdade, eis aí uma das palavras mágicas. Combinemo-la com a magia da palavra “liberdade” e o efeito será terrível. — Depois de um instante de silêncio, continuou digressivamente e noutro tom: — O curioso é que ninguém fale a respeito da verdadeira verdade. Suponho que isso soa esquisito demais. Verdadeira verdade; verdadeira verdade — repetia para experimentar. — Não, vê-se logo que não dá certo. É qualquer coisa como beribéri ou Wagga-Wagga. Língua de negro. Não é coisa que se pudesse tomar a sério. Quem quiser tornar aceitável o contrário da verdade, terá que chamar-lhe verdade espiritual, ou verdade interior, ou verdade superior, ou mesmo...

— Mas há um m-momento, você estava d-dizendo qu-que havia uma espécie de verdade s-superior. Alguma c-coisa que só se podia c-conhecer m-

misticamente. V-você está se c-contradizendo.

Anthony riu. — Pois isso é um dos privilégios da liberdade. Além disso — ajuntou, mais sério — há que distinguir entre conhecer e experimentar. Verdade conhecida não é a mesma coisa que verdade experimentada. Deveria haver duas palavras distintas.

— Você consegue sempre encontrar uma saída, desvencilhar-se de t-tudo.

— De tudo, não — insistiu Anthony. — Aquilo ali sempre haverá — apontou de novo para os livros. — Haverá sempre o saber. A prisão do saber (porque, sem dúvida, o saber é também uma prisão). Mas estarei sempre pronto a permanecer nessa prisão.

— S-sempre? — interrogou Brian.

— Por que não?

— É um l-luxo exc-cessivo.

— Pelo contrário. É um caso de desdém dos prazeres e da vida laboriosa.

— Que não d-deixa de ser t-também um pr-prazer.

— Decerto. Mas não temos o direito de tirar prazer do nosso trabalho?

Brian fez que sim; e disse: — A questão n-não é p-propriadamente essa. A questão é que n-não sabemos s-servir-nos dos nossos p-privilégios.

— O que eu tenho não é, assim, tanto — objetou Anthony. — Cerca de seis libras por semana — acrescentou, especificando o rendimento que lhe coubera por morte de sua mãe.

— M-mais o r-resto.

— Que resto?

— A s-sorta de acontecer g-gostar de coisas c-como estas; — estendeu a mão e bateu nos in-fólios de Bayle. — E de todos os s-seus d-dotes intelectuais.

— Mas eu não posso fazer-me estúpido artificialmente — protestou Anthony. — Nem você.

— N-não, mas p-podemos aplicar n-noutra coisa o que p-possuímos.

— Outra coisa para a qual não temos vocação nenhuma — sugeriu o outro sarcasticamente.

Mas Brian simulou não ouvir o sarcasmo e continuou com uma seriedade ainda mais intensa e apaixonada do que antes: — Numa esp-pécie de s-s-

sacrifício de ação de graças.

— Graças por quê?

— Por tudo que n-nos tem sido d-dado. D-dinheiro, para c-começar. E, em seguida, inst-trução, g-gosto, a c-capacidade de c-c... — quis dizer “criar”, mas teve que se contentar com um “de fazer coisas”. — Ser um sábio ou um artista é qualquer c-c-oisa como p-prover à s-salvação pessoal. Mas há ainda o r-reino de D-Deus. Ag-guardando ser realizado.

— Pelos Fabianos? — perguntou Anthony em tom de afetada ingenuidade.

— Entre outros. — Houve um longo meio minuto de silêncio. Devo dizê-lo? — Brian perguntava-se. Devo dizer-lhe? E de repente, como se um dique se rompesse, sua indecisão foi varrida. — Resolvi — disse em voz alta. E tão forte era o sentimento com que proferiu as palavras, que, quase sem consciência do que fazia, ele se levantou e se pôs a caminhar agitado pelo quarto. — Resolvi c-c-continuar com f-filosofia, literatura e história até aos t-trinta anos. Depois s-será tempo de f-fazer alguma outra coisa. Alguma c-coisa mais d-direta.

— Direta? — repetiu Anthony. — Em que sentido?

— D-dirigindo-me ao pr-próximo. R-realizando o reino de D-Deus... — A própria intensidade do desejo de comunicar o que sentia reduziu-o à mudez.

Escutando as palavras de Brian, olhando-lhe para a fisionomia grave e cheia de ardor, Anthony sentiu vibrarem as cordas mais profundas e intensas do seu ser... sentiu-se comovido e, justamente por esse motivo, submeteu-se a uma espécie de coação voluntária, à guisa de autodefesa, para reagir contra a própria emoção do amigo por meio de um motejo: — Lavando os pés dos pobres, por exemplo — sugeriu — e enxugando-os depois com os cabelos.

O diabo será se você for atacado de calvície precoce.

Depois, quando Brian já se tinha ido, sentiu-se envergonhado de sua ignóbil grosseria — humilhado, ao mesmo tempo, pela irreflexão e o automatismo com que se servira de tal linguagem. Automatismo semelhante ao dessas rãs supernervosas que se contraem e vibram quando se lhes aplica à pele uma gota de ácido. Puro reflexo.

— Com mil demônios! — disse em voz alta, apanhando, depois, o seu

livro.

Estava, mais uma vez, engolfado no *Caminho da perfeição*, quando ouviu alguém bater à porta e berrar-lhe o nome, numa voz que deliberadamente procurava imitar a voz áspera de um sargento instrutor passando em revista a tropa.

— Maldita escada, essa sua! — disse Gerry Watchett, ao entrar. — Por que diabo mora você numa toca imunda dessas?

Gerry Watchett era um jovem de feições miúdas e inexpressivas, boa pele, cabelos alourados e ondeados. Bonito rapaz, mas, apesar da altura e da compleição vigorosa, era a sua boniteza quase de menina. Um observador fortuito notaria nele um ar de inocência e de frescura arcádica, as quais seriam, porém, após exame mais detido, desmentidas pela rude insolência dos seus olhos azuis, pelo leve sorriso de mofa e de desprezo que lhe era quase permanente, pela rudeza intimidante de suas mãos de dedos grossos e unhas curtas.

Anthony indicou uma cadeira. Mas o outro abanou a cabeça. — Não. Tenho pressa. Entrei somente para lhe dizer que você tem que vir jantar comigo esta noite.

— Mas eu não posso.

Gerry franziu a testa. — Por que não?

— Tenho uma reunião nos Fabianos.

— E você considera isso um motivo para não vir jantar comigo?

— Uma vez que eu prometi...

— Posso, então, contar com você às oito horas?

— Mas se estou lhe dizendo que...

— Ora, deixe de tolices! Que importância tem isso? Uma reunião familiar?

— Mas que desculpa vou eu dar?

— Dê uma desculpa qualquer. Diga que acaba de ter dois gêmeos.

— Está bem, eu irei — concordou Anthony, afinal.

— Fico-lhe muitíssimo agradecido — disse Gerry com afetada polidez. — Já estava resolvido a torcer-lhe o pescoço, se você não aceitasse. Bem, até logo! — Ao chegar à porta, estacou. — Hã de vir também Bimbo Abinger, o Ted, o

Willie Monmouth e o Scroope. Eu queria ver se convidava o Gorchakov também; mas

o idiota, à ultima hora, foi-se embora e adoeceu. Por isso é que eu tive de convidar você — concluiu com um tranquilo realismo, que era muito mais ofensivo do que o poderia ter sido toda e qualquer ênfase; rodou, depois, nos calcanhares e foi-se embora.

— Você gosta d-dele? — perguntara Brian a Anthony certo dia, quando o nome de Gerry veio à baila. E porque a pergunta lhe provocasse uma repercussão desagradável na consciência, Anthony respondeu, com uma vivacidade perfeitamente dispensável, que, naturalmente, ele gostava do Gerry.

— Que outro motivo supõe você que eu tenha para andar com ele? — concluía, com um misto de suspeita e irritação. Brian não dera resposta; e a pergunta, à semelhança de um bumerangue, voltara de novo ao seu autor. Sim, por que andava com Gerry? Pois, sem dúvida, não podia gostar do rapaz; Gerry o tinha ofendido e humilhado e estava pronto, bem sabia ele, a humilhá-lo e ofendê-lo de novo sob qualquer pretexto. Ou antes, sem pretexto nenhum — apenas para se divertir, porque sentia prazer em humilhar os outros, porque era naturalmente inclinado a infligir a dor. Por que, então? Por quê?

Por simples esnobismo. Como Anthony foi forçado a admitir, o esnobismo explicava, em parte, esse segredo desabonador. Era absurdo e ridículo. Mas o fato, o fato insofismável era, contudo, que ele se comprazia na companhia de Gerry e dos amigos deste. Ser íntimo desses jovens aristocratas e plutocratas e, ao mesmo tempo, saber-se superior a eles em inteligência, gosto, discernimento, em todas as coisas que realmente importavam — eis aí o que lhe satisfazia a vaidade.

Reconhecendo-lhe a superioridade intelectual, os jovens bárbaros entendiam que ele lhes devia pagar a admiração com diverti-los. Era íntimo deles, sim; mas como Voltaire era íntimo de Frederico o Grande, como Diderot, da Imperatriz Catarina. O filósofo residente não se distingue facilmente do bobo da corte.

Como quem aprecia sinceramente, mas ao mesmo tempo com ares de superioridade, ofensivamente, Gerry costumava dizer, após ouvir um dos seus

ditos de espírito: — Viva o Professor! — Ou então: — Bebamos outra vez em honra do velho Professor — como se ele fosse um desses pobres organistas ambulantes italianos, que remoem músicas a troco de centavos.

O que Anthony sentiu à lembrança da humilhação doeu-lhe como uma picada de inseto. Com súbita violência, alçou-se da cadeira e começou a andar, de cara fechada, no quarto, para um e outro lado.

Um esnobe da classe média, tolerado por causa de seus talentos de jogral. A ideia era odiosa, ofensiva. “Como suporto isso?”, perguntava-se. “Por que hei de ser esse miserável idiota que sou? Vou escrever a Gerry um bilhete, dizendo-lhe que não posso ir.” — Mas o tempo passava e o bilhete foi ficando por escrever. “Porque, afinal de contas”, pensava depois, “também havia vantagens, existiam também satisfações”. Uma noite em companhia de Gerry e de seus amigos era uma coisa divertida e, ao mesmo tempo, educativa. Educativa e divertida, não pelo que eles pudessem dizer ou pensar pois eram todos estúpidos, todos de uma ignorância incomensurável, mas pelo que eles eram, pelo que os tornavam as condições mesmas deles. Pois, graças ao dinheiro e à posição, podiam realmente viver naquela liberdade que Anthony conhecia apenas de imaginação ou de leitura. Não existia para eles sequer a maior parte das restrições que sempre o haviam tolhido. Eles permitiam-se, como a coisa mais natural do mundo, certas licenças que ele costumava admitir somente em teoria e, ainda assim, sentindo-se constrangido a justificá-las com todos os recursos de uma metafísica cuidadosamente pervertida, de uma teologia mística engenhosamente adulterada. Meramente por força das circunstâncias sociais e econômicas, esses bárbaros ignorantes encontravam-se muito naturalmente em situação de se comportarem como ele não ousava fazê-lo, mesmo depois de ter lido tudo o que Nietzsche dissera sobre o Super-Homem, ou Casanova sobre as mulheres. Nem se tinham visto na necessidade de estudarem Patanjali ou Jacob Boehme, à procura de desculpas para as suas intoxicações de vinho e sensualismo: embriagavam-se e possuíam suas raparigas assim mesmo, como se estivessem no Jardim do Éden. Encaravam a vida, não tímida e apologeticamente, como o fazia Anthony, não ansiosamente, de trás de grades invisíveis, mas com a segurança serenamente insolente de quem sabia ter sido a vontade de Deus que

eles gozassem a vida e ter Deus igualmente decretado a infalível aquiescência de seus semelhantes a todos os seus desejos.

Verdade era que também os tolhiam certos preconceitos. Também eles, em certas ocasiões, estavam prontos a se encerrarem, como o pobre Brian, na prisão de um código. Mas era código, eram preconceitos particulares, de casta; não tinham, portanto, no que tocava a Anthony, força coercitiva. O exemplo deles libertava-o das cadeias a que o havia acorrentado sua educação, mas não tinham o poder de atá-lo àquelas outras cadeias que eles arrastavam na vida. Em companhia deles, sentia-se livre do poder compulsório da respeitabilidade, do medo paralisante da opinião pública, das máximas inibitórias ditadas pela prudência da classe média. Mas quando Bimbo Abinger se negava, indignado, a dar sequer ouvidos à sugestão de que ele devia vender sua velha casa, que, como um monstro, devorava três quartas partes do seu rendimento, quando Scroope se lamentava de ter de ingressar no Parlamento, visto que os filhos mais velhos, em sua família, deviam sempre ter assento na Câmara dos Comuns antes de tomarem seu título, então o que Anthony sentia era apenas surpresa e divertimento, o divertimento e a surpresa de um explorador que observasse os gestos e as cabriolas rituais de uma tribo de negros. Um ser racional não consentiria em converter-se ao culto de Mumbo Jumbo; mas não se oporá a tornar-se ocasionalmente um pouquinho nativo. O culto de Mumbo Jumbo significa aceitação de tabus; o tornar-se nativo quer dizer liberdade. A “verdadeira liberdade!” Anthony punha-se a zombar de si próprio. Tinham-lhe voltado o bom humor e a equanimidade. Um esnobe. Um esnobe da classe média. Sem dúvida nenhuma. Mas havia uma razão para o seu esnobismo, uma justificação. E se os jovens bárbaros afidalgados tendiam a considerá-lo um bufão de primeira classe — não fazia mal, era o preço que tinha de pagar pela liberdade que lhe davam em troca. Nada tinha que pagar para associar-se aos Fabianos; mas, também, como era pouco o que eles tinham para dar-lhe! As doutrinas socialistas podiam até certo ponto libertar, teoricamente, o intelecto; ao passo que o exemplo dos jovens bárbaros era uma libertação no domínio da prática.

“Sinto imensamente”, garatujava ele em seu bilhete a Brian, “mas lembrei-

me de súbito de que eu já estava aprazado para um jantar hoje à noite”. — “Aprazado” pertencia ao vocabulário do pai e era uma palavra que ele habitualmente detestava por sua afetação. Mas então, ao escrever uma mentira, notou que a palavra lhe veio espontaneamente ao bico da pena. — “Desolado (era ainda uma expressão predileta do pai) de não poder ouvi-lo dissertar sobre o... *pecado*! Bem quisera sair deste embaraço, mas não vejo jeito. Todo seu, A.”

Quando foram servidas as frutas, já todos eles estavam completamente embriagados. Gerry Watchett contava a Scroope o episódio daquela baronesa alemã que ele possuía no navio, quando em viagem para o Egito. Abinger não tinha auditório, mas recitava quadrinhas: a Jovem Dama de Wick, o Velho de Devizes,

o jovem chamado Maclean — um completo dicionário biográfico nacional. Ted e Willie estavam empenhados em violenta discussão sobre o melhor modo de caçar galo silvestre. Só Anthony, isolado do grupo, estava silencioso. A fala viria comprometer a requintada felicidade que estava então gozando. Aquela última taça de champanhe transformara-o no habitante de um novo mundo, extraordinariamente belo, precioso e significativo. As maçãs e laranjas na salva de prata pareciam gemas enormes. Cada copo, sob a luz das velas, continha, não vinho, mas um grande berilo amarelo, sólido e translúcido. As rosas apresentavam a contextura lustrosa do cetim e essa dureza, esse brilho, essa nitidez de forma próprios do metal ou do vidro. Até o som dir-se-ia que se congelara e cristalizara. A jovem Dama de Kew era, aos seus ouvidos, o equivalente de um bloco de jade esculpado e aquela discussão violenta e fútil sobre o galo silvestre afigurava-se-lhe uma cascata no inverno. *Le transparent glacier des vols qui n'ont pas fui*, pensava ele com um prazer cada vez mais intenso. Havia em tudo um ar sobrenatural de brilho e distinção, mas, ao mesmo tempo, como tudo parecia tão vago, tão estranhamente inconsequente! Luminosas em meio à penumbra crepuscular e periférica que os envolvia, as faces grupadas em volta da mesa podiam imaginar-se como coisas vistas através de uma folha de vidro polido, num aquário iluminado. E o aquário não estava somente fora, mas também, misteriosamente, dentro dele. Olhando através do vidro para aquelas

flores marinhas e gemas submarinas, ele mesmo se sentia um peixe — mas um peixe de gênio, um peixe que era também um deus. ICHTHUS — *Iesos Christos theou huios soter*. Sua divina alma píscea estava ali suspensa, pairava em seu elemento exterior, contemplando, contemplando através de imensos olhos que tudo percebiam, que compreendiam tudo, mas não tomando parte no que ela via. As suas próprias mãos, pousadas ali sobre a mesa defronte dele, tinham deixado, em qualquer sentido real, de ser suas. Do seu retiro aquarial, ele as contemplava com a mesma admiração feliz e cheia de desprendimento que sentia pelas frutas e flores ou por aqueles outros pequenos cromos em que se transfigurava a vida tranquila e que eram as faces dos seus amigos. Lindas mãos! Conseguiram — e de que maneira maravilhosa! — executar suas inúmeras funções — a de apontar espingardas de dois canos para pássaros voando, a de acariciar coxas de baronesas alemãs em transatlânticos, a de tocar escalas imaginárias sobre a toalha da mesa, assim. Encantado, ele observava os movimentos de seus dedos, o fácil deslizar dos tendões sob a pele. Mãos perfeitas! Mas não era mais verdade que elas fossem parte dele próprio, da alma píscea essencial em seu aquário estranho ao tempo do que serem parte dele as mãos de Abinger descascando aquela banana, as mãos de Scroope levando um fósforo a seu charuto. Não sou meu corpo, não sou minhas sensações, não sou, sequer, meu espírito, eu sou o que sou. Afirmo-me como o OM. E o OM é a palavra sagrada, é o mantra védico que representa o Absoluto, o Relativo e a relação entre um e outro, o OM é Deus. E Deus não é limitado pelo tempo. Pois o Uno não está ausente de coisa alguma e, todavia, está separado de todas as coisas...

— Alô, professor! — Um pedaço de casca de laranja bateu-lhe em cheio na bochecha. Ele sobressaltou-se e voltou-se. — Em que diabo está você pensando? — perguntava Gerry Watchett naquela voz propositadamente áspera que ele sentia especial prazer em usar à maneira de uma máscara hedionda.

As águas momentaneamente turvadas do aquário já haviam voltado ao repouso. Voltando a ser mais uma vez um peixe, um peixe divino e vagamente feliz, Anthony sorriu para Gerry com serena indulgência.

— Estava pensando em Plotino — disse.

— Por que Plotino?

— Por que Plotino? Mas, meu caro senhor, então não é claro? A ciência é a razão e a razão é múltipla. — O peixe tinha encontrado novamente a língua. A eloquência escoava-se fluente do aquário, sem o menor esforço. — Mas, se a alguém acontece sentir-se particularmente não múltiplo então, neste caso, em que outra coisa é possível pensar, senão em Plotino? A menos, naturalmente, que se prefira o pseudo-Dionísio, ou Eckhart, ou Santa Teresa. O voo do uno para o Uno. O próprio Santo Tomás é forçado a admitir que nenhum espírito pode ver a substância divina sem se divorciar dos sentidos do corpo, ou pela morte, ou pela atitude contemplativa do êxtase. Do êxtase, note bem! Mas o êxtase é sempre o êxtase, qualquer que seja a causa. Seja esta o champanhe, ou o fato de proferir OM, ou de olhar vesgo para o nariz, ou de fitar os olhos num crucifixo, ou de amar — de preferência, a bordo, Gerry; sou o primeiro a admiti-lo; de preferência, a bordo. Que estão dizendo as ondas bravias? Encantamento! Êxtase! Eis o que elas nitidamente estão gritando. Até que, tome nota, até que, quase suspensa a respiração desse arcabouço corpóreo, quase interrompido o curso do nosso sangue humano, nos tornemos uma alma viva, enquanto o nosso corpo será posto a dormir, de olho parado, imobilizado...

— Era uma vez um jovem de Burma — Abinger passou, subitamente, a declamar.

— Que foi imobilizado pelo poder da harmonia... — repetiu Anthony mais alto.

— E cuja noiva boas razões de queixa possuía.

— E o grande poder da alegria — exclamou Anthony — nós vemos...

— Mas agora, que estão casados.

— Ele anda tomando cantáridas...

— ...nós penetramos a vida das coisas. A vida das coisas, digo-lhes eu. A vida das coisas. E que vão para o inferno todos os Fabianos! — acrescentou.

Anthony regressou aos seus aposentos pouco mais ou menos quinze minutos antes da meia-noite e, ao entrar na sala de estar, teve um desagradável

choque ao ver alguém erguer-se de uma poltrona com a violência de um boneco de molas.

— Safa! Que susto!

— Ora, até que enfim! — disse Mark Staithes. Sua fisionomia enfática cobrira-se de uma expressão de zangada impaciência — Há quase uma hora que estou à sua espera. Depois, com desprezo, ajuntou: — Você está bêbado.

— Como se isso nunca tivesse acontecido a você! — retorquiu Anthony. — Lembro-me perfeitamente...

— Eu também me lembro — interrompeu-o Mark Staithes — Mas isso foi no meu primeiro ano. — Nesse seu primeiro ano, em que lhe parecera necessário provar que era homem, mais homem do que o mais resistente deles todos, mais barulhento, mais beberrão. — Hoje eu tenho mais o que fazer.

— É o que você imagina — disse Anthony.

O outro consultou o relógio. — Tenho cerca de sete minutos — disse. — Estará você em estado de me escutar?

Anthony sentou-se, calado e digno.

De pequena estatura, mas espadaúdo, vigoroso, Mark estava de pé diante dele, quase ameaçador.

— É a respeito de Brian — disse.

— A respeito de Brian? — repetiu Anthony e, depois, com um sorriso velhaco, acrescentou: — Por falar em Brian, devo dar a você os meus parabéns, por ser o nosso futuro presidente.

— Não seja bobo! Está pensando que eu aceito esmolas? Quando ele desistiu, eu também desisti.

— E deixou esse soturno Mumby apossar-se do cargo?

— Que diabo tenho eu que ver com o Mumby?

— Que importam os outros a qualquer de nós? — disse Anthony sentenciosamente. — Nada, graças a Deus. Absolutamente na...

— Por que é que ele me insulta dessa maneira?

— Quem? O Mumby?

— Não; o Brian, está visto.

— Mas ele acha, ao contrário, que está sendo gentil com você.

— Pois que vá para o diabo com a sua gentileza — disse Mark. — Por que é que ele não aprende a conduzir-se com decência?

— Porque tem prazer em conduzir-se como um cristão.

— Bem; nesse caso, diga-lhe, por amor de Deus, que futuramente procure outro para vítima do seu cristianismo. A mim é que ele não há de pregar mais essas peças cristãs.

— O que falta a você para a luta é um galo; essa é que é a verdade.

— Que quer dizer?

— Sim, porque, do contrário, não é vantagem, nem tem graça nenhuma encarapitar-se no topo do esterquilínio. Ao passo que Brian quisera fazer de nós todos uns capõezinhos contentes, vivendo em boa paz. Ora, no que toca aos esterquilínios, estou com Brian. Na questão das galinhas é que eu começo a hesitar.

Mark tornou a olhar para o relógio. — Preciso ir. — À porta, voltou-se. — Não se esqueça de transmitir-lhe o que eu disse a você. Gosto do Brian e não quero brigar com ele. Mas se torna a fazer de caridoso e de cristão comigo...

— O pobre do rapaz perderá para sempre a sua estima — concluiu Anthony.

— Palhaço! — disse Staithes e, batendo a porta atrás de si, precipitou-se escada abaixo.

Tendo ficado só, Anthony apanhou o quinto volume do *Historical Dictionary* e começou a ler o que tinha Bayle a dizer acerca de Spinoza.

CAPÍTULO XI

8 de dezembro de 1926

"CONDRA INTRA MEUM LATUS"! É o único refúgio que nos resta. Anthony tirou a folha da máquina de escrever, juntou-a às outras folhas que estavam diante dele sobre a mesa, grampeou-as e começou a ler rapidamente o que escrevera. O capítulo xi dos seus *Elementos de sociologia* devia tratar do indivíduo e das suas concepções de personalidade. Passara o dia tomando nota, a esmo, de algumas reflexões preliminares.

"*Cogito ergo sum*" — leu. — "Mas, por que não *caco, ergo sum? Eructo ergo sum?* Ou, fugindo ao solipsismo, por que não *futuo ergo sumus?* Questões obscenas. Mas o que é a 'personalidade'?"

"Mac Taggart conhece sua personalidade por observação direta; outros por descrição. Hume e Bradley não conhecem absolutamente a sua, nem acreditam que ela realmente exista. Puro bizantinismo, tudo isso; discussões de lanacaprina. O importante é que 'personalidade' é uma palavra corrente com um sentido geralmente aceito.

"Quando discutem a minha 'personalidade', de que é que estão falando? Não é do *homo cacans*, nem do *homo eructans*, nem mesmo, exceto muito superficialmente, do *homo futuens*. Não, estão falando sobre o *homo sentiens* (latim impossível), e sobre o *homo cogitans*. E quando, em público, falo acerca de 'mim mesmo', estou falando sobre os mesmos dois *homines*. Minha 'personalidade', no atual sentido convencional da palavra, é o que eu penso e sinto — ou, antes, o que eu reconheço no pensamento e no sentimento. *Caco, eructo, futuo* — jamais admito que a primeira pessoa do singular de tais verbos seja realmente eu. Somente quando, por qualquer razão, afetam de modo palpável meu sentimento

e meu pensamento é que os processos que eles representam entram nos limites da minha ‘personalidade’. (Tal crítica mostra o absurdo a que, em última análise, se reduz toda a literatura. Os dramas, as comédias, os romances nada têm de verdadeiro.)

“Assim, o ‘pessoal’ é o que é louvável, ou, antes, potencialmente louvável. Nunca o que é moralmente indiferenciado.

“É também o que é durável. As experiências brevíssimas são, até, menos pessoais do que as experiências desabonadoras ou vegetativas. Só se tornam pessoais quando acompanhadas pelo sentimento e pelo pensamento, ou quando reverberadas pela memória.

“A matéria, quando analisada, consta de espaço vazio e de cargas elétricas. Tomemos uma mulher e um lavatório. Diferentes em espécie. Mas suas cargas elétricas componentes são semelhantes em espécie. Coisa mais estranha ainda: cada uma dessas cargas elétricas componentes é diferente em espécie da mulher total ou do lavatório total. As modificações de quantidade, quando suficientemente grandes, produzem modificações de qualidade. Ora, a experiência humana é análoga à matéria. Analisai-a e achar-vos-eis em presença de átomos psicológicos. Uma porção desses átomos constitui a experiência normal e uma seleção de experiências normais constitui a ‘personalidade’. Cada átomo individual difere da experiência normal e, ainda mais, da personalidade. Reciprocamente, cada átomo em uma experiência assemelha-se ao átomo correspondente em outra. Visto através de um microscópio um corpo de mulher é tal qual um lavatório e a experiência de Napoleão é tal qual a de Wellington. Por que imaginamos que a matéria sólida existe? Por causa da imperfeição dos nossos órgãos sensoriais. E por que imaginamos ter experiências coerentes e personalidades? Porque a nossa atividade mental é lenta, e fraquíssima a nossa capacidade de análise. O nosso mundo e nós, que nele vivemos, somos criações da estupidez e da insuficiência visual.

“Recentemente, contudo, têm-se aperfeiçoado as nossas faculdades de pensar e ver. Possuímos instrumentos que reduzirão a matéria a minúsculas partículas e uma técnica matemática que nos faculta conceber partes ainda menores.

“Os psicólogos não possuem nenhum instrumento novo; têm somente novas técnicas de pensamento. Todas as suas invenções são puramente mentais — técnicas de análise e de observação, hipóteses de trabalho. Graças aos novelistas e aos psicólogos profissionais, podemos pensar nossa experiência em termos de átomos e instantes, tanto como em termos de blocos e horas. Ser um sofrível psicólogo só era possível, no passado, aos homens de gênio. Que se compare a psicologia de Chaucer com a de Gower ou, sequer, a de Boccaccio. Compare-se a de Shakespeare com a de Ben Jonson. A diferença é, não somente, de qualidade, mas de quantidade também. Os homens de gênio sabiam mais do que os seus contemporâneos meramente inteligentes.

“Hoje, há um *corpus* de conhecimento, uma técnica, uma hipótese de trabalho. A soma de conhecimentos que pode adquirir um homem meramente inteligente é enorme — mais do que pode adquirir um homem de gênio sem aprendizado e contando unicamente com a intuição.

“Achavam-se os Gowers e os Jonsons peados por sua ignorância? A ignorância deles era o conhecimento padrão das épocas em que viveram. Alguns monstros de intuição podiam saber mais do que eles; mas a maioria sabia ainda menos.

“E aqui, uma digressão — sociologicamente falando, mais importante do que o tema do qual ela parte. Existem modas para a personalidade. Modas que variam com o tempo — como as crinolinas e as saias-funis — e modas que variam no espaço — como as tangas da Costa do Ouro e as casacas de Lombard Street. Nas sociedades primitivas todos usam, e anseiam por usar, a mesma personalidade. Mas cada sociedade tem um traje psicológico diferente. Entre os peles-vermelhas da costa noroeste do Pacífico a personalidade ideal era a de um egotista meio louco concorrendo com os seus rivais no plano da riqueza e do consumo ostensivo. Entre os índios das planícies, era a de um egotista concorrendo com outros na esfera das façanhas guerreiras. Entre os índios de Pueblo, a personalidade ideal não era nem a de um egotista, nem a de um dissipador exibicionista, nem a de um guerreiro, mas a de um homem perfeitamente gregário que envida todos os esforços no sentido de não se distinguir, que conhece todos os ritos e gestos tradicionais e procura ser

exatamente como todos os outros.

“As sociedades europeias são vastas e racialmente, economicamente, profissionalmente heterogêneas; nelas é, pois, difícil impor a ortodoxia e existem vários ideais contemporâneos de personalidade. (Note-se que os fascistas e comunistas estão tentando criar um único ideal “junto” — por outras palavras, estão tentando fazer com que os europeus industrializados se comportem como se fossem daiaques ou esquimós. A tentativa está, com o correr do tempo, condenada ao fracasso; mas, entretanto, como eles se divertem com intimidar os hereges!).

“Em nosso mundo, quais são as modas que imperam? Existem, sem dúvida, as vulgares modas clericais e comerciais — repudiadas pelas pequenas costureiras da primeira esquina. E, em seguida, *la haute couture*. *Ravissante personnalité d'intérieur de chez Proust. Maison Nietzsche et Kipling: personnalité de sport. Personnalité de nuit, création de Lawrence. Personnalité de bain, par Joyce*. Note-se o fato interessante que, destas, a *personnalité de sport* é a única que realmente merece ser considerada como personalidade no sentido aceito do termo. As outras são, em maior ou menor grau, impessoais, por serem, em maior ou menor grau, atômicas. E isso nos reconduz a Shakespeare e a Ben Jonson. Um pragmatista teria que dizer que a psicologia de Jonson era ‘mais verdadeira’ do que a de Shakespeare. A maioria dos seus contemporâneos efetivamente se consideravam e eram considerados como humoristas. Coube a Shakespeare ver tudo quanto havia além dos limites do *humour*, por trás da máscara convencional. Mas Shakespeare achava-se em minoria, de um — ou, se ao lado dele pusermos Montaigne, de dois. O humorismo ‘pegou’; já a mesma sorte não tiveram as personalidades complexas, parcialmente atomizadas de Shakespeare.

“Na história da roupa nova do imperador, a criança percebe que o grande homem está nu. Shakespeare inverteu o processo. Seus contemporâneos tinham-se justamente por humoristas nus. Shakespeare viu que os cobria todo um guarda-roupa de fantasias psicológicas.

“Tomemos, por exemplo, Hamlet. Ele habitava no mundo cujo melhor psicólogo era Polonius. Se ele soubesse apenas o que sabia Polonius, teria sido feliz. Mas ele sabia muito, sabia demais; e nisso consiste a sua tragédia. Leia-se a

sua parábola dos instrumentos de música. Polonius e os demais tinham por axiomático que o homem era um apito de um ceitel, tendo apenas meia dúzia de chavetas. Hamlet sabia que, pelo menos potencialmente, ele era toda uma orquestra sinfônica.

“Louca, Ofélia descobre o segredo. — ‘Sabemos o que somos, mas não sabemos o que podemos ser.’ Polonius sabe perfeitamente o que ele e quaisquer outros *são*, dentro das convenções dominantes. Hamlet sabe isso e também o que eles podem ser — fora do sistema local de máscaras e *humours*.

“Ser o único homem de sua época que sabe o que os homens podem ser, tanto como o que eles são convencionalmente! Shakespeare deve ter passado alguns quartos de hora bem angustiosos.

“Estava reservado a Blake racionalizar o atomismo psicológico por meio de um sistema filosófico. O homem, segundo Blake (e, depois dele, segundo Proust, segundo Lawrence), é simplesmente uma sucessão de estados, e não de indivíduos, que, de fato, não existem, a não ser como os lugares em que os estados ocorrem. É o fim da personalidade no antigo sentido da palavra. (Entre parênteses — pois isso está completamente fora do domínio da sociologia — será o começo de uma nova espécie de personalidade? A do homem total, em edição não expurgada, nem selecionada, nem canalizada — para variar a metáfora — em qualquer dreno particular de *Weltanschauung* — do homem que é, numa palavra, o que ele realmente pode ser. Um homem tal é a antítese de qualquer das variantes do homem cristão fundamental de nossa história. E todavia é também, em certo sentido, a realização dessa personalidade ideal concebida pelo Jesus do Evangelho. Como a personalidade ideal

de Jesus, o homem total, não expurgado, não canalizado é 1) antifarisaico, quer dizer, desinteressado das convenções e posições sociais e não inflando com o orgulho de ser melhor que os outros; 2) humilde, aceitando-se tal qual é, recusando-se a elevar-se acima de sua condição humana; 3) pobre de espírito, com referência particular ao fato de que ‘ele’ — o seu ego — não costuma reclamar coisa alguma, está contente com o que, para uma personalidade do antigo tipo, pareceria carência psicológica e filosófica; 4) como uma criança,

aceitando o dado imediato da experiência pelo que ele é em si, recusando-se a inquietar-se com o dia de amanhã, pronto a deixar que os mortos enterrem os seus mortos; 5) nem hipócrita nem mentiroso, uma vez que não existe nenhum modelo determinado, ao qual os indivíduos tenham de fingir que são iguais.)

“Uma pergunta: existiu realmente alguma vez a antiga personalidade? No ano m os homens sentem x em contexto z . No ano n sentem o mesmo x mas com contexto p completamente diferente. Mas x é uma emoção maior — de uma importância vital para a personalidade. E, contudo, x é sentido em contextos que mudam com as convenções variáveis da moda. ‘Antes a morte que a desonra.’ Mas a honra é como a saia das mulheres. Usa-se curta, usa-se comprida, usa-se ampla, usa-se estreita, com anáguas, sem calças. Até 1750, era de esperar que nos sentíamos, de fato nos sentíamos, mortalmente desonrados, se víssemos um homem beliscando o traseiro de nossa irmã. Tão intensa era nossa indignação, que havíamos de procurar matá-lo. Hoje, a nossa honra emigrou das partes carnudas da anatomia de nossas parentas e tem alhures sua sede. E assim por diante, indefinidamente.

“Nestas condições, o que é a personalidade? E o que ela *não é*?

“*Não é a nossa experiência total. Não é o átomo ou o instante psicológico. Não são impressões sensoriais como tais, nem é a vida vegetativa como tal.*

“*É experiência em massa e à hora. É sentimento e pensamento.*

“E quem procede a essa compilação da experiência total, e baseado em que princípio? Somos *nós*, às vezes — quem quer que nós sejamos. Mas, outras tantas vezes, a seleção é feita para nós — pela insensatez coletiva de uma classe, de toda uma sociedade. Numa grande parte, a ‘personalidade’ não é sequer a nossa propriedade pessoal.

“Vagamente, mas cada vez mais amplamente, este fato está agora começando a ser compreendido. Ao mesmo tempo, um número sempre crescente de pessoas está se utilizando das técnicas modernas para se ver, e ver os outros, microscópica e instantaneamente, tanto como globalmente e à hora. Além disso, possuindo uma hipótese de trabalho do inconsciente, cresce o número dos que se vão dando conta dos seus motivos secretos e vão destarte

percebendo o grande papel representado em suas vidas pelos elementos desabonadores e vegetativos da experiência. Com que resultado? Que a velha concepção de personalidade já começou a decair. E não somente a concepção, mas também o fato. As ‘personalidades fortes’, e até as ‘personalidades definidas’, já se estão tornando menos comuns. Os fascistas têm que se desviar da linha que se traçaram, a fim de manifestá-las, deliberadamente, por um processo adequado de educação. Educação que é simplificação, esquimização; que impõe a supressão do conhecimento psicológico e a inculcação do respeito à ignorância psicológica. Política odiosa — mas desconfio que inevitável e, sociologicamente falando, acertada. Pois a nossa argúcia psicológica é provavelmente nociva à sociedade. A sociedade precisa de simples humorismo jonsonianos e não de coleções informes de estados requintados. Mais um exemplo do que há de nefasto no excesso de conhecimento e no excesso de técnica científica.

“Mais uma vez, Hamlet lança luz sobre o caso. Polonius é muito mais manifesta e definidamente uma pessoa do que o príncipe. Efetivamente, a personalidade de Hamlet é tão indefinida que os críticos têm dedicado milhares de páginas à discussão do que ela realmente era. Consciente de sua experiência total, átomo por átomo e instante por instante, Hamlet não aceitava nenhum princípio diretor que o fizesse escolher e tomar por modelo, em lugar de outra, uma série de átomos para representar sua personalidade. Para si próprio e para os demais, ele não passava de uma sucessão de estados mais ou menos incongruentes. Daí, e desde então, essa perplexidade em Elsinore e entre os críticos de Shakespeare. A honra, a religião, o preconceito, o amor — todos os apoios convencionais que escoram a personalidade comum — foram, neste caso, roídos até ao cerne. Hamlet é a sua própria térmita, a roer de alto a baixo todo o torreão que sustentava sua personalidade até reduzi-lo a um montão de pó. Apenas uma coisa impede Polonius e os outros de perceberem imediatamente o fato: qualquer que seja o estado de seu espírito, Hamlet conserva o corpo intacto, inatomizado, macroscopicamente presente aos sentidos. E, afinal de contas, talvez seja esta a verdadeira razão de nossa crença na personalidade: — a existência e persistência dos corpos. E talvez, por mais

realidade que haja na noção do indivíduo coerente, a continuidade não passe de uma função dessa persistência física. ‘Com uns cabelos assim, com tão maravilhosa figura, acho que mrs. Jones tem uma bonita *poyssonality*.’ Quando ouvi isso, num ônibus que subia a Quinta Avenida, tive vontade de rir. Entretanto, tal coisa merecia de mim provavelmente a mesma atenção que eu teria dado a Spinoza. Pois qual é a coisa mais pessoal no ser humano? Não o seu espírito — o seu corpo. Um Hearst, um Rothermere, podem amoldar meus sentimentos, coagir meu pensamento. Mas não há propaganda que possa tornar idênticos ao deles o meu metabolismo, a minha digestão. *Cogito, ergo Rothermere est*. Mas *caco, ergo sum*.

“E aqui está, parece-me, a razão dessa insistência, durante os últimos anos, sobre os direitos do corpo. Dos escoteiros aos sodomitas elegantes, e de Elizabeth Arden a D. H. Lawrence (um dos mais poderosos demolidores de personalidade, convindo incidentalmente observar que não existem ‘personalidades’ nos seus livros). Sempre, e em toda parte, o corpo. Ora, o corpo tem um grande mérito: é o de estar indubitavelmente ali. Ao passo que a personalidade, como estrutura mental, pode estar toda em fragmentos — roída e reduzida ao monte de pó de Hamlet. Somente os bastante estúpidos e incapazes de sentir é que têm, hoje em dia, fortes e bem definidas personalidades. Somente os bárbaros, entre nós, ‘sabem o que eles são’. Os civilizados têm consciência do que ‘eles podem ser’ e são por isso incapazes de saber o que, para fins práticos e sociais, eles realmente são — esqueceram como deviam tirar de sua experiência atômica total a sua personalidade. No terreno paludoso em que chafurda e se revolve essa incerteza, o corpo eleva-se firme como um Marco do Tempo.

*Jesu, pro me perforatus,
Condar intra tuum latus.*

“A própria fé anseia pelas quentes cavernas da carne perfurada. Quanto devem ser mais furiosamente prementes as solicitações de um cepticismo que chegou a deixar de crer na sua própria personalidade! *Condar intra MEUM latus!* é o único refúgio que nos resta.”

Anthony depôs sobre a mesa as páginas datilografadas e, recostando-se,

começou a balançar-se em equilíbrio instável sobre os pés traseiros da cadeira. Não estava ruim, pensava. Mas era óbvio que havia omissões, que havia generalizações injustificáveis. Escrevera sobre o mundo em geral, como se o mundo em geral fosse tal qual ele próprio — levado, sem dúvida, pelo desejo de que as coisas se passassem assim. Pois, como tudo seria simples, se assim fosse! Como seria agradável! Cada homem — uma sucessão de estados enfeixados na carne de seus próprios flancos. E se fosse preciso qualquer outro princípio de coerência, havia sempre algum interesse intelectual absorvente e deleitoso, como a sociologia, por exemplo, à guisa de suplemento ao corpo persistente. *Condar intra meum laborem*. Em vez disso... E suspirou. A despeito de *Hamlet*, a despeito dos *Livros proféticos*, a despeito de *Du côté de chez Swann* e do *Quando as mulheres amam*, o mundo estava ainda cheio do humorismo jonsonian. Cheio dos vilões de melodrama, dos igualmente deploráveis heróis de filmes, cheio de Poincarés, de Mussolinis, de Northcliffes, cheio de ambiciosos e avaros semeadores de discórdia de todos os tamanhos e de todos os feitos.

Ocorreu-lhe uma ideia. Deixou a cadeira inclinada voltar à posição normal e tomou de sua caneta-tinteiro.

“Última enfermidade de um espírito nobre, a primária, talvez a única fonte de pecado” — garatujou. “Espírito nobre — espírito maligno. Conhece-se a árvore pelos frutos. Quais são os frutos da ânsia de glória, da ambição, do desejo de se distinguir? Entre outros, a guerra, o nacionalismo, a concorrência econômica, o esnobismo, o ódio de classe, o preconceito de cor. Teve razão Comus em pregar o sensualismo; e como foi tolo Satã ao querer tentar um Messias, por definição praticante do *ahimsa*, com a fama, o domínio, a ambição — coisas cujos frutos inevitáveis são a violência e a coerção! Comparado com a sede de glória, o puro sensualismo é quase inofensivo. Se Freud tivesse razão e o sexo imperasse, nossa vida seria quase edênica. Ai! Só meia razão tinha Freud. Adler, também, só meia razão. *Hinc illae lac*.”

Olhou para o relógio. Sete horas e vinte — e tinha que estar em Kensington às oito! No banho, pensava no que iria ser aquela noite. Fazia doze anos que tinha brigado com Mary Amberley. Doze anos, durante os quais a vira somente de longe, em galerias de pintura, uma ou duas vezes; e ao atravessar a

sala de um amigo comum. — Nunca mais quero falar com você — tinha ele escrito na última carta que lhe enviara. E todavia, alguns dias depois, quando inesperadamente lhe aparecera sobre a mesa de almoço, com as outras cartas, o seu convite de reconciliação, ele aceitara imediatamente; aceitara naquele mesmo tom em que era feito o convite — indiferentemente, positivamente, sem outra alusão explícita ao passado, a não ser um “Sim, já vai muito tempo desde a última vez que jantei no Número 17”. E afinal, por que não? Que interesse havia em tornar as coisas definitivas e irrevogáveis? Que direito tinha o homem de 1914 de tutelar o homem de 1926? O homem de 1914 fora a corporificação de um estado de cólera, vergonha, angústia e perplexidade. Seu estado hoje era o de serenidade jovial, mesclada, no que se referia a Mary Amberley, de uma soma considerável de curiosidade. Como seria ela agora — aos quarenta e três anos, pois não? E era ela realmente tão interessante como lhe parecia ao recordá-la? Ou fora a sua admiração apenas um dos frutos — absurdos, deliciosos frutos — da inexperiência juvenil? Iria o seu cisne revelar-se um ganso? Ou seria ainda um cisne — mas na muda, mas (pobre Mary!) na idade madura? Ainda cheio de curiosidade e de dúvidas, desceu correndo as escadas e precipitou-se na rua.

CAPÍTULO XII

30 de agosto de 1933

UM BRANDO RUMOR ACARICIOU AS FRANJAS semiconscientes do torpor que os envolvia; foi-se depois avolumando, como se uma concha lhes fosse sendo aproximada cada vez mais do ouvido, até se tornar afinal um rugido atroador que se impunha brutalmente à atenção. Anthony abriu os olhos apenas o suficiente para ver que o aeroplano estava quase diretamente acima deles, e depois tornou a fechá-los, ofuscado pelo azul intenso do céu.

— Essas malditas máquinas! — disse. Em seguida acrescentou com uma risadinha: — São como o olho severo de Deus descobrindo-nos aqui.

Helena não respondeu; mas, por trás de suas pálpebras fechadas, sorria. Olhados de relance, com um olhar de reprovação e ao mesmo tempo de satisfação maliciosa e obscena. O simples fato de imaginar esse visitante celeste era de um cômico irresistível.

— Davi e Betsabá — prosseguiu ele. — Infelizmente a cem milhas horárias...

Um ganido estranho veio misturar-se ao fragor da máquina. Anthony abriu novamente os olhos, a tempo ainda de ver uma massa precipitando-se sobre ele. Soltou um grito, fez um movimento rápido e automático para proteger o rosto. Com uma pancada violenta, mas surda e seca, a coisa veio bater contra o teto chato, a uma ou duas jardas do lugar em que eles estavam deitados. Sentiram por um instante aquecer-lhes a pele as gotas de um líquido violentamente esguichado, as quais se tornaram, a seguir, de um frio intenso, com o sopro mais forte da brisa de oeste. Houve um longo segundo de silêncio. — Cristo! — Anthony murmurou enfim. Da cabeça aos pés, estavam ambos salpicados de

sangue. Numa poça vermelha, a seus pés, jazia a carcaça quase informe de um fox terrier. Com o distanciar-se do aeroplano, o barulho diminuía até tornar-se um zunido rouco e, de súbito, o ouvido passou novamente a perceber o ruído estridente e áspero das cigarras.

Anthony respirou profundamente; depois, com esforço e ainda um tanto vacilante, conseguiu rir. — Mais uma razão para eu não gostar de cães — disse e, levantando-se com ajuda das mãos, e de cara franzida pela repugnância, pôs-se a olhar para o próprio corpo salpicado de sangue. — Se tomássemos um banho? — perguntou, voltando-se para Helena.

Sentada e completamente imóvel, Helena olhava com uns olhos arregalados a carcaça despedaçada. Um jato de sangue, tendo-lhe escorrido pelo rosto pálido, deixara-lhe uma longa risca vermelha desde o lado direito do queixo até ao canto do olho esquerdo, passando em diagonal por sobre a boca.

— Você parece lady Macbeth — disse ele, tentando, ainda uma vez, pilheriar. — *Allons*. — Tocou-lhe no ombro. — Vamos tirar estas manchas horríveis. Esta imundície está secando no meu corpo. Parece secante.

Como única resposta, Helena cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar.

Anthony esteve imóvel um instante, olhando para ela, ali encolhida, ouvindo o som entristecedor do pranto provocado por aquela abjeção desesperada de sua nudez suja de sangue. — Parece secante — suas próprias palavras repercutiram-lhe sem graça nos ouvidos. Moveu-o interiormente a pena e, a seguir, um ímpeto quase violento de amor por essa mulher que sofria, por essa pessoa, sim, essa pessoa de que ele pretendia deliberadamente não tomar conhecimento, como se não existisse a não ser como um dos elementos do prazer. Agora que ela estava ali ajoelhada e em soluços, toda a ternura que ele já alguma vez sentira pelo seu corpo, toda a afeição implícita nos prazeres sensuais e jamais expressa pareciam descarregar-se, numa espécie de faísca elétrica de sentimento acumulado, sobre essa pessoa, esse espírito corporificado, que chorava em solidão, por detrás de mãos encobridoras.

Ajoelhou-se ao lado dela no colchão e, com um gesto que visava exprimir tudo quanto ele então sentia, passou-lhe o braço em volta dos ombros.

Ao seu contato, porém, ela recuou, como de uma sujeira. E num estremeção violento, sacudiu a cabeça.

— Mas, Helena... — protestou ele, na tola convicção de que devia haver qualquer mal-entendido, que era impossível não sentisse ela o que ele estava sentindo. Era apenas questão de fazê-la compreender o que a ele acontecera. Pôs-lhe, mais uma vez, a mão no ombro. — Mas importa-me tanto, gosto tanto de você... — Mesmo nesse momento recusava-se a comprometer-se com a palavra “amor”.

— Não me toque — gritou ela, quase sem articular as palavras e curvando-se toda para evitá-lo.

Ele retirou a mão, mas ficou ali, ajoelhado junto dela, perplexo e miserando em seu silêncio. Lembrara-se de quando ela quisera que lhe fosse dado amar e de suas evasivas, de como ele se negara a aceitar da pessoa dela ou a dar-lhe de si mais do que as ocasionais e descontínuas possibilidades amorosas de seus corpos. Ela acabara aceitando suas condições, aceitando-as tão integralmente, que agora...

— Helena — arriscou ainda uma vez. Era preciso fazê-la compreender.

Novamente, Helena sacudiu a cabeça. — Deixe-me em paz — disse. Depois, vendo que ele não se afastava, descobriu o rosto, um rosto que estava então grotescamente lambuzado de sangue, e olhou para ele. — Por que não se resolve a ir embora? — perguntou, esforçando-se por mostrar-se fria e desapassionadamente ressentida com essa intromissão. Depois, subitamente, começaram-lhe as lágrimas a escorrer de novo. — Oh, por favor, vá-se embora! — implorou, com a voz alterada e, baixando a cabeça, mergulhou mais uma vez o rosto nas mãos.

Anthony hesitou um momento; depois, compreendendo que a sua permanência ali só serviria para agravar a situação, levantou-se e deixou-a. “É questão de tempo”, disse consigo, “é questão de tempo”.

Tomou um banho, vestiu-se e desceu, depois, à sala de estar. As fotografias ali estavam, tal qual as deixara, espalhadas sobre a mesa. Sentou-se e pôs-se a distribuí-las metodicamente, em pequenos maços, assunto por assunto. Mary com as suas plumas. Mary de véu, embarcando num carro Renault de antes da

guerra; Mary em seu traje de banho, em Dieppe: corpete de mangas curtas e calções cobertos até aos joelhos por um saíote. Sua mãe num jardim; dando de comer aos pombos na Piazza San Marco; e, depois, o túmulo dela no cemitério de Lollingdon. Seu pai com um bastão de alpinista; amarrado a um guia por uma corda, numa escarpa coberta de neve; com Paulina e os dois filhos. O tio James de bicicleta; o tio James com um chapéu de palha mosqueado, a duas cores; remando na Serpentina; conversando, dez anos mais tarde, com soldados convalescentes num jardim de hospital. Depois, Brian; Brian em companhia do que ele, Anthony, havia propriamente sido em Bulstrode; Brian num caíque com Joan e a sra. Foxe; Brian galgando os Lakes. Agora, esta aqui era aquela pequena com quem tivera uma aventura em Nova York em 1927, sim, em 1927... Não? Depois, sua avó. Suas tias. Meia dúzia de fotografias de Gladys...

Meia hora depois, ele ouvia os passos de Helena, que subia, cautelosamente, a princípio, e lentamente, a escada íngreme que conduzia ao terraço da cobertura, e atravessava, depois, ligeira, o corredor. A seguir, o barulho da água no banho.

Tempo. De tempo é que ela precisava. Resolveu comportar-se diante dela como se nada tivesse acontecido. Foi, portanto, quase com alegria que ele a recebeu, quando ela entrou na sala.

— Então? — perguntou com vivacidade, levantando os olhos das fotografias. Diante, porém, daquela fisionomia pálida e fechada, encheu-se de desconfiança.

— Vou-me embora — disse ela.

— Agora? Antes do almoço?

Ela confirmou com a cabeça.

— Mas por quê?

— Porque acho melhor — foi tudo que ela respondeu.

Anthony esteve por um momento calado, sem saber se devia protestar, insistir, dizer-lhe as coisas que lhe tentara dizer lá em cima. Mas a inexorabilidade da calma que ela apresentava era uma advertência prévia de que a tentativa seria inútil. Mais tarde, quando ela tivesse voltado a si do primeiro

choque, depois que lhe fosse dado tempo... — Está bem — disse ele em voz alta. — Vou levá-la até ao hotel.

— Não — respondeu Helena, meneando a cabeça. — Irei a pé.

— Com um calor destes!

— Irei a pé — repetiu ela com decisão.

— Bem, se acha melhor também escaldar-se... — Tentou sorrir, mas sem muito êxito.

Ela transpôs as portas de vidro, e, quando já no terraço, aquele rosto pálido e inflexível ficou subitamente como que inflamado pelo reflexo de seu pijama. De novo no inferno, disse ele consigo enquanto a seguia.

— Por que saiu também? — perguntou ela.

— Vou acompanhá-la até ao portão.

— Não é preciso.

— Acho melhor.

Sem lhe retribuir o sorriso, sem proferir palavra, ela foi andando.

Dois altos e copados pés de buddleia elevavam-se de um e de outro lado da escada que descia do terraço. No ar quente, o perfume das flores (perfume que, também ele, parecia conter um calor intrínseco) era intensa e violentamente doce.

— Que delícia! — disse em voz alta Anthony, ao penetrarem na aura perfumada das flores. — Isto chega a ser quase excessivamente delicioso. Mas olhe ali! — exclamou já noutro tom para Helena, segurando-lhe a manga do vestido. — Olhe só!

Apenas saída da crisálida, brilhante e ainda em toda sua frescura, uma borboleta tinha pousado sobre um dos tufos das flores lilases. As asas amareladas, com suas pintas negras e seus círculos azuis e carmesins, estendiam-se plenamente à luz do sol. Suas bordas dianteiras apresentavam a curva de um sabre e das extremidades a linha marginal se obliquava elegantemente para trás, na direção das duas caudas de andorinha que se estendiam das asas inferiores e que lhe caracterizavam o tipo. A borboleta parecia, toda ela, o símbolo, o hieróglifo representativo duma ligeireza álcere e aérea. As asas espalmadas tremulavam como agitadas por um excesso de vida incontrollável, como por uma

energia apaixonada. Rapidamente, devoradoramente, com a precisão extraordinária de um movimento visando a um fim, o bichinho mergulhou a probóscide desenrolada nas minúsculas flores trompiformes que compunham o tufo. Com um movimento rápido da cabeça e do tórax, a sonda fora enfiada no recesso de uma flor, para ser logo após retirada e mergulhada com a mesma rapidez e certeza entre os lábios de outra e ainda mais outra flor, até serem exploradas todas as flores numa extensão considerável e ser necessário dar-se pressa em dirigir-se para alguma região do tufo ainda não devastada. E assim sucessivamente, sondando o âmago das flores expectantes, descendo fundo às fontes guarneçadas e ocultas daquela doçura inebriante! E assim sucessivamente, e com que insaciável concupiscência, com que paixão intensa se entregava ela àquela avidez orientada e precisa!

Durante um longo minuto estiveram observando em silêncio. Depois, subitamente, Helena estendeu a mão e bateu no tufo em que estava pousada a borboleta. Antes, porém, que seu dedo tivesse sequer tocado as flores, o lépido e vivo animalzinho já tinha fugido. Um rápido bater de asas, depois uma descida serena, com as asas paradas; outro arranco de bater de asas, outro voo em longa sinuosa de aclives e declives, e ei-la, a borboleta, que desaparecia por detrás da casa.

— Por que fez isso? — perguntou ele.

Fingindo não lhe ter ouvido a pergunta, Helena desceu rápida a escada e saiu a correr pelo caminho arenoso. No portão do jardim estacou e voltou-se.

— Adeus, Anthony.

— Quando volta? — perguntou ele.

Helena olhou-o alguns segundos sem dizer nada e meneou, em seguida, a cabeça. — Não volto mais — disse, por fim.

— Não volta mais? — repetiu ele — Que quer dizer?

Ela, porém, já tinha batido o portão atrás de si e com uns passos que eram quase pulos caminhava pela estrada poeirenta, sob os pinheiros.

Anthony ficou vendo-a afastar-se e sabia que, pelo menos por enquanto, seria inútil tentar fazer fosse o que fosse. Se a acompanhasse, só serviria isso para piorar a situação. Mais tarde, talvez; de noite, depois que ela tivesse tido

tempo... Mas, ao voltar pela vereda do jardim, através do perfume das buddleias que ele agora nem sentia, perguntava-se a si mesmo, inquieto, se valeria a pena, mesmo mais tarde. Conhecia a teimosia de Helena. E depois, que direito tinha ele agora, depois de tantos meses de renúncia, de recusa ativa a todos e quaisquer direitos?

— Mas eu sou um idiota — disse em voz alta, ao abrir a porta da cozinha — estou agindo como um louco — e procurou recuperar sua sanidade mental com depreciar e desdenhar todo aquele incidente. Desagradável, isso fora, admitia ele. Porém não bastante desagradável para justificar a conduta de Helena, como se fosse uma personagem de Ibsen. Qualquer coisa como a *Casa de bonecas*, disse consigo — tentando enfeixar tudo numa frase adequadamente ridícula — *Casa de bonecas*, sem a boneca nem a casa; pois, em verdade, ela não podia queixar-se de que o velho Hugh, nem de que ele próprio houvessem alimentado quaisquer projetos sobre a liberdade dela. Ao contrário, tinha insistido em que fosse livre.

A liberdade dela era a liberdade dele; se ela se tivesse tornado sua escrava, ele ter-se-ia necessariamente tornado escravo dela.

Quanto às suas próprias emoções, lá em cima no terraço da cobertura — aquele acesso de ternura, aquele desejo de conhecer e amar a pessoa que sofria dentro daquele corpo subitamente e inconsequentemente desejável — essas tinham sido reais, sem dúvida; eram fatos de experiência direta. Mas, afinal de contas, podiam ser explicadas como simples exageros, num momento de perturbação, exageros de sua simpatia, de sua solidariedade muito natural com aquele estado de sofrimento, de angústia em que ela se achava. Se lhe fosse dado algum tempo para refazer-se de tudo aquilo, ela haveria de escutar ainda uma vez o que ele queria dizer-lhe, e ele já não quererá mais falar-lhe das coisas que ela, havia pouco, se negara a ouvir.

Abriu a geladeira e viu que mme. Cayol tinha preparado vitela fria e salada de pepinos e tomates. Mme. Cayol era doida por vitela fria, ou melhor, por que os outros gostassem de vitela fria e era, assim, esse o prato que ela constantemente lhe servia. Anthony, embora, em verdade, não o apreciasse muito, preferia comê-lo sem discutir com mme. Cayol sobre o cardápio.

Passavam-se às vezes semanas inteiras sem que tivesse necessidade de dizer-lhe outra coisa que não fosse *Bonjour* e *À demain mme. Cayol*, e *Il fait beau aujourd'hui* ou *Quel vent!*, qualquer que fosse o caso. Todas as manhãs ela aparecia e durante duas horas era vista a ocupar-se do arranjo da casa, a preparar algum alimento, a pôr a mesa e, depois, desaparecia novamente. Ao ser servido, ele quase não se dava conta da presença da criada. O arranjo, a ordem — considerava — eram quase tão perfeitos quanto podem essas coisas ser perfeitas no mundo. A vitela fria era, afinal, um preço módico, barato mesmo para pagar semelhante serviço.

À mesa, ensombrada pela grande figueira do terraço, Anthony estava seriamente resolvido a comer e, enquanto comia, ia voltando as páginas do seu último caderno de notas. Não havia nada, certificava-se ele agora, como o trabalho; nada tão eficiente para fazer a gente esquecer-se de um sentimento particular e pessoal, como uma boa generalização. Deparou-se-lhe sob os olhos a palavra “liberdade” e, lembrando-se da satisfação que sentira alguns meses antes, quando confiara ao papel suas ideias, começou a ler.

“Acton quis escrever a História do Homem em termos de uma História da Ideia de Liberdade. Mas não se pode escrever uma História da Ideia de Liberdade sem, ao mesmo tempo, escrever uma História do Fato da Escravização.

“O fato da Escravização. Ou antes, das Escravizações. Pois, nas suas sucessivas tentativas de conceber a Ideia de Liberdade, o homem está constantemente trocando uma forma de escravização por outra.

“A escravização primitiva é a escravização ao estômago e à estação adversa. Escravização à natureza, numa palavra. A fuga à natureza se consegue pela organização social e pela invenção técnica. Numa cidade moderna é possível esquecer que existe essa coisa chamada natureza — particularmente a natureza em seus aspectos mais inumanos e hostis. Metade da população da Europa vive num universo forjado por ela mesma.

“Suprimamos a escravização à natureza e surge imediatamente outra forma de escravização. A escravização às instituições. Instituições religiosas, jurídicas, militares, econômicas, educacionais, artísticas e científicas.

“Toda a história moderna é uma História da Ideia de nos Libertarmos das

Instituições. E é igualmente a História do Fato da Escravização às Instituições.

“A Natureza é insensível. As instituições, sendo obra dos homens, têm um sentido e uma finalidade. As circunstâncias mudam mais depressa do que as instituições. O que outrora tinha sentido, hoje deixou de ter. Uma instituição gasta é como uma pessoa que aplica o raciocínio lógico a uma situação não existente criada por uma ideia fixa ou uma alucinação. Semelhante estado de coisas ocorre quando as instituições aplicam a letra da lei a casos individuais. Se as circunstâncias encaradas por ela realmente existissem, a instituição estaria agindo racionalmente. Mas, de fato, elas não existem. A escravização a uma instituição é como a escravização a um paranoico que sofre de alucinações, mas está ainda de posse de todas as suas faculdades intelectuais. A escravização à natureza é como a escravização a um idiota cuja mente não é, sequer, capaz de sofrer de alucinações.

“A revolta contra as instituições conduz provisoriamente à anarquia. Mas a anarquia é a escravização à natureza, e para um homem civilizado a escravização à natureza é até menos tolerável que a escravização às instituições. Às vezes, não há nenhum período de anarquia — nenhuma escravização temporária à natureza. Os homens passam diretamente de uma série de instituições a outra série.

“É porque se procura pôr em prática a Ideia de Liberdade que as instituições se transformam. Para apreciar o fato da nova escravização há que decorrer certo tempo. Assim, acontece que em todas as revoltas contra as instituições há uma espécie de lua de mel cheia de alegrias, durante a qual as pessoas acreditam que a liberdade acaba por fim de ser alcançada. ‘Felizes os que viveram nessa aurora.’ E não somente na aurora da Revolução Francesa. Que felicidade perfeita não foi, por exemplo, a dos que viveram na aurora do movimento franciscano, na aurora da Reforma, na aurora do Cristianismo e do Islamismo! Até mesmo na aurora da Grande Guerra. A lua de mel pode durar uns vinte ou trinta anos. Depois, o fato da nova escravização impõe-se à consciência dos homens. Percebem que a ideia de liberdade não foi posta em prática pela última mudança, que as novas instituições são tão escravizadoras como as velhas. Que fazer? Mudar as novas instituições por outras ainda mais

novas. E quando terminar esta última lua de mel? Mudar as ainda mais novas por outras mais novas ainda. E assim sucessivamente, indefinidamente e indubitavelmente.

“Em qualquer sociedade dada, o fato da liberdade, ou a liberdade como fato, só existe para um pequeníssimo número de indivíduos. Circunstâncias econômicas favoráveis — eis as condições de uma liberdade, pelo menos parcial. Mas para que a liberdade seja quase completa deve haver também circunstâncias favoráveis de ordem intelectual, psicológica, biográfica. Os indivíduos aos quais todas essas circunstâncias são propícias não são escravos das instituições. Para eles as instituições existem como uma espécie de armação sólida, sobre a qual podem executar quaisquer ginásticas que queiram. A rigidez da sociedade como um todo torna possível; a esses privilegiados, transpor os limites morais e intelectuais sem risco algum, quer para si próprios, quer para a comunidade em geral. Todas as liberdades particulares — e não há liberdade que não seja particular — são sempre condicionadas por alguma forma de escravização geral.”

Anthony fechou seu caderno, sentindo que não podia ler nem uma linha mais. Não que as suas palavras lhe parecessem agora menos verdadeiras do que lhe haviam parecido ao escrevê-las. Eram verdadeiras, sim, no estilo e no plano em que se achavam. Por que, então, tudo aquilo lhe parecia imensamente falso e injusto? Não desejando discutir consigo mesmo essa questão, foi para dentro da casa e sentou-se a ler a *History of mechanical inventions*, de Usher.

Às quatro e meia, lembrou-se subitamente daquele cão morto. Dentro de algumas horas, e como calor que fazia... Saiu a correr para o depósito das ferramentas. O chão do jardim mal cuidado estava cozido pelo sol até quase à consistência de um tijolo. Quando ele acabou de abrir o buraco, pingos de suor lhe escorriam pelo rosto. Depois, de pá em punho, subiu ao terraço no topo da casa. Ali estava o cão morto. As manchas de sangue sobre o pelo do animal, sobre o parapeito, sobre os colchões tinham-se tornado cor de ferrugem. Depois de algumas tentativas baldadas, ele conseguiu apanhar a carcaça na pá e atirá-la por cima do parapeito, com moscas e tudo — pois as moscas se recusavam a ser incomodadas. Desceu em seguida a escada e saiu para o jardim; aí, como se

estivesse competindo obstinadamente em alguma abominável corrida da colher e do ovo, tornou a levantar do chão a coisa, que balançava horivelmente em cima da pá enquanto ele a levava para a cova. Quando voltou para casa, sentia-se tão mal, tão enjoado, que se viu forçado a beber um pouco de aguardente. Em seguida, desceu à praia, atirou-se ao mar e entregou-se a um longo exercício de natação.

Às seis horas, tendo feito de novo a toalete, tomou seu automóvel e foi ao hotel conversar com Helena. Calculava que, por essa hora, ela já se teria restabelecido de seu primeiro choque e estaria resolvida a escutá-lo. Esquecendo-se de toda aquela história de *Casa de bonecas* e de sanidade mental que tivera intenção de conservar, foi tomado, ainda no automóvel, de uma extraordinária alegria. Dentro de alguns minutos estaria de novo diante dela, dizendo-lhe das descobertas que havia feito de súbito, nessa manhã mesma: a descoberta de que gostava dela, a descoberta de que tinha sido um tolo e, ainda pior, indizivelmente pior do que um tolo... Seria difícil, seria quase impossível dizer essas coisas a respeito de si próprio; mas, por isso mesmo, o simples fato de pensar que ia dizê-las enchia-o de uma felicidade profunda.

Parou à porta do hotel e embarafustou-se hall adentro.

— *Madame Ledwidge est-elle dans sa chambre, mademoiselle?*

— *Mais non, monsieur, Madame vient de partir.*

— *Elle vient de partir?*

— *Madame est allée prendre le rapide à Toulon.*

Anthony olhou para o relógio. O trem já tinha partido. Num carrinho miserável como o dele, não havia esperança de chegar a Marselha antes que o trem também de lá tivesse partido para Paris.

— *Merci, mademoiselle, merci* — disse ele, cedendo, pela força do hábito, àquela polidez excessiva com que se protegia contra o ambiente inquietador das classes inferiores.

— *Mais de rien, monsieur.*

Voltou novamente para casa, atormentado pela indecisão, sem saber se devia estimar aquela libertação. O carteiro tinha vindo durante sua ausência. Havia uma carta do seu corretor, aconselhando-o a vender pelo menos uma

parte das ações de uma mina de ouro que ele herdara do tio James. Não parecia haver probabilidade alguma de que elas continuassem se valorizando; em vista do que, o mais prudente a fazer seria aproveitar-se dos preços do momento e inverter em empresas industriais inglesas de situação sólida e garantida, tais como... Atirou a carta para o lado. Como quase sempre, as ocasiões tinham conspirado em seu favor — trazendo-lhe, maldosamente, a prosperidade econômica. Nesse momento, com a depressão, ele se achava em melhor situação do que jamais estivera. Em melhor situação, quando a situação de outras pessoas era justamente pior. Mais livre, enquanto a escravização dos outros era mais desesperadora, o anel de Polícrates... Dir-se-ia que os deuses já haviam dado início à sua vingança.

Foi deitar-se cedo e, às duas horas, foi despertado por aquele sonho horrível que lhe era tão frequente, que tanto o obsidiara na infância e que, ainda mesmo depois de adulto, de quando em quando o afligia. Sonho que, em substância, era sempre o mesmo. Nada havia nele de nítido, de muito visível. Havia, isso sim, uma noção vaga de que estava acompanhado, rodeado de presenças obscuras. Um bocado de alimento que ele não podia precisar bem o que fosse, logo que ele o levava à boca espalhava-se-lhe por entre os dentes, assumia cada vez mais uma consistência de borracha com, ao mesmo tempo, algo de viscoso, até dar-lhe a impressão de uma mordaca untada de uma espécie de goma que ia secando e formando uma membrana espessa sobre os dentes sobre a língua, sobre o céu da boca. E continuava, assim, essa marcha progressiva de expansão asfixiante, de espessamento e entupimento glutinoso, indescritivelmente repugnante. Tentava engolir, tentava, apesar da presença obscura e embaraçante de pessoas estranhas, expelir tudo aquilo. Mas não conseguia. Via-se, por fim, forçado a arrancar a droga com o dedo em gancho, pedaço por pedaço, como se fosse puxa-puxa. Mas era ainda em vão. Pois a mordaca continuava a avolumar-se, a membrana a engrossar-se e a endurecer-se. E só conseguia ver-se livre de tudo quando, afinal, despertava de repente. Nessa noite, o tal bocado que lhe crescia na boca tinha qualquer relação, vaga, mas horrível, com o cão. Acordou tremendo. Uma vez desperto, não pôde mais sono. Um montão de lembranças, de reminiscências já abandonadas vieram, por

assim dizer, à tona de sua consciência. Aqueles retratos. Sua mãe e Mary Amberley. Brian na caieira, evocado por esse cheiro de sal que se desprendia da carne esquentada ao sol; e ainda Brian morto ao pé do rochedo, no meio das moscas — como esse cão...

CAPÍTULO XIII

20 de maio de 1934

FIZ MEU SEGUNDO DISCURSO ONTEM À noite. Sem nervosismo grave. É fácil, uma vez que tomamos a resolução de não nos incomodarmos como fato de nos expormos ao ridículo. Mas é deprimente. Eis aí um caso em que quinhentas pessoas em um salão nada têm de concreto. O orador fala para um nome coletivo, para uma abstração e não para uma coleção de indivíduos. Apenas aqueles que já estão parcialmente ou completamente convencidos do que estamos dizendo querem verdadeiramente compreender-nos. O resto é de uma ignorância inexpugnável. Numa conversa particular qualquer destes últimos faria certamente e pelo menos um esforço penoso para nos compreender. O fato de haver um auditório concorre ainda mais para a incompreensão, especialmente se quem não compreende tem a possibilidade de nos fazer perguntas depois do discurso. Algumas das razões disso são evidentes. O simples fato de levantar-se e estar sendo olhado já constitui um prazer, prazer que, em muitos casos, chega a ser quase doloroso. Orgasmos excruciantes de afirmação da personalidade. O prazer aumenta quando a pergunta é hostil. A hostilidade é uma declaração de independência pessoal. E ao mesmo tempo mostra claramente que é por simples acaso que ele, o que dirige as perguntas, não se acha sobre o estrado ou na tribuna. Acaso, se não for, naturalmente, maquinação premeditada da parte de alguns celerados que não o queiram deixar subir. As interrupções e as perguntas são, em geral e sem dúvida nenhuma, completamente fora de propósito. Os interpeladores vivem (como todos nós) enclausurados dentro de seus mundos particulares, sem fazerem esforço algum no sentido de penetrarem nos mundos alheios. A maior parte das discussões em público é como um jogo de disparates

em que se falam línguas diferentes
e em que não existem intérpretes.

Mark, que estivera presente à reunião, veio depois aos meus aposentos, onde se deliciou em tornar mais intenso o estado de depressão em que eu me achava.

— Se você fosse falar às vacas no pasto, o efeito seria o mesmo. — Era forte em mim a tentação de concordar com ele. Todos os meus velhos hábitos de pensar, viver, sentir, impelem-me para o acordo. Um mundo sem inteligência, onde não se pode fazer coisa alguma. Que satisfação! A gente pode retirar-se e (visto que não há mais nada a fazer) compilar o seu tratado de sociologia — a ciência da estupidez humana. Ontem de noite, em companhia de Mark, surpreendi-me a sentir um prazer intenso em comentar a imbecilidade do meu auditório e dos seres humanos em geral. Surpreendi-me e contive-me. Pus-me a considerar que as sementes tinham sido semeadas e que se ao menos uma viesse a germinar, a reunião teria valido a pena. Teria valido a pena, mesmo que nenhuma viesse a germinar — somente em meu benefício, como um exercício, como um treino para fazer coisa melhor na próxima ocasião.

É verdade que nada disso foi dito por mim. Eu simplesmente deixei de falar e, ao que suponho, mudei de expressão fisionômica. Mark, que não deixa passar nada, começou a rir. Previu a ocasião em que, toda vez que eu mencionasse uma pessoa ou um grupo, haveria de antepor-lhe o adjetivo “caro”. “Os caros comunistas”, “os caros armamentistas”, “caro Gen. Goering”.

Não pude deixar de rir, pois aquela sua maneira selvagem de dizer as coisas era o que de melhor e de mais cômico ele tinha. Mas, fosse como fosse, se tínhamos uma parcela suficiente de amor e de bondade, não podíamos deixar de procurar um meio de corresponder à bondade e ao amor vindos de quase toda gente com quem entrássemos em contato — Quem quer que fosse, ele ou ela. E, neste caso, quase todos seriam realmente “caros”. Presentemente a maior parte das pessoas parecem ser imbecis ou odiosas. A culpa está, pelo menos, tanto em quem assim as julga quanto nelas.

24 de maio de 1934

PASSEI ESTA MANHÃ QUATRO HORAS COMENDO as minhas notas. Prazer extraordinário! Como é fácil e cômodo entregar-se a gente ao labor ininterrupto da ciência e ao comércio das ideias! Ingressar nessa “vida superior” que é simplesmente a morte sem lágrimas! A paz, a irresponsabilidade, todos os deleites da morte, temo-los aqui e em vida. Antigamente, tinha a gente que se recolher a um convento para encontrá-los. Esses prazeres da morte se pagavam com a obediência, a pobreza, a castidade. Agora podemos tê-los gratuitamente e no mundo profano. A morte inteiramente sem lágrimas, a morte com sorrisos, a morte com os prazeres de cama e mesa, a morte na intimidade, sem ninguém que nos tire. Sábios, filósofos, homens de ciência, que por uma convenção se supõe não serem práticos. Mas que outra classe de homens já conseguiu fazer com que o mundo a aceitasse e (o que é mais estranho) continuasse a aceitá-la pelo valor que ela própria se atribui? Os reis já perderam seu direito divino, os plutocratas, ao que parece, vão também perder o deles. Entretanto, os privilegiados da vida superior continuam a ser rotulados de superiores. Isso é fruto da persistência. Persistência em se louvarem, em fazerem barretadas a si próprios e persistência em denegrirem os outros. Assim tem sido ano após ano, durante os últimos sessenta séculos. Superiores, nós; inferiores, vós; nós somos do Espírito, vós sois do Mundo. Isso, repetidamente, marteladamente, como fazem os anunciantes desta marca de sabão que se chama *Pears Soap*. De maneira que hoje se aceita isso como um axioma. Mas o que é fato é que a tal vida superior é apenas o melhor sucedâneo da morte. Um modo de fugir às responsabilidades da vida, mais perfeito do que o álcool, ou a morfina, os prazeres da carne ou a propriedade. As libações e as orgias destroem a saúde. Mais cedo ou mais tarde os que se abandonam aos prazeres sexuais se encontram envolvidos em graves responsabilidades. Os acumuladores de bens, familiares da abundância, nunca podem obter todos os selos, todos os vasos chineses, todas as casas, todas as variedades de lírios ou o que quer que seja que eles almejem. Sua fuga às responsabilidades é um tormento de Tântalo; ao passo que o homem de vida superior foge para um mundo onde a saúde não corre

nenhum risco e as responsabilidades e torturas são reduzidas ao mínimo. Um mundo — o que é mais — que a tradição considera como realmente superior ao mundo dos que vivem responsabilmente. Esse supremo evasor pode chafurdar completamente em sua boa consciência. Realmente, como é fácil encontrar na vida da erudição e da pesquisa científica os equivalentes de todas as virtudes morais! Alguns, por certo, não são equivalentes, mas idênticos: a perseverança, a paciência, a abnegação e outras coisas assim. Bons meios conduzidos a fins que podem ser maus. Podemos trabalhar árdua e devotadamente em qualquer coisa — desde a física atômica à falsificação e ao comércio de escravas brancas. As outras são virtudes éticas transferidas ao domínio mental. Castidade da forma artística e matemática. Pureza da pesquisa científica. Coragem de pensamento. Hipóteses ousadas. Integridade lógica. Temperança ou moderação de vistas. Humildade intelectual diante dos fatos. Todas as virtudes cardeais, ou melhor, a máscara e a fantasia delas. Os homens de vida superior chegam a pensar de si próprios que são santos — santos da arte e da ciência e da cultura. Santidade puramente figurada e metafórica, que eles tomam, porém, *au pied de la lettre*.

— Felizes são os pobres de espírito. — O homem de vida superior chega a ter equivalentes para a pobreza espiritual. Como homem de ciência, procura manter-se a coberto das influências de seus próprios interesses e preconceitos. Mas não é tudo ainda. A pobreza ética do espírito impõe que não se deixe nenhum pensamento para o dia seguinte, que se deixem os mortos enterrar os mortos, que se perca a vida para ganhá-la. O homem de vida superior pode fazer paródias dessas renúncias. Eu sei, porque eu mesmo as fiz e realmente me honrava de tê-las feito. Somente no outro mundo superior é que vivemos continuamente e responsabilmente. Neste, insulamo-nos do nosso passado; recusamos confiar-nos ao futuro; não temos convicções, mas vivemos do momento que passa; renunciemos nossa própria identidade, exceto como homem superior, e ficamos reduzidos à sucessão dos nossos estados. Um despreendimento mais do que franciscano. O qual pode ser combinado com exultações imperialistas de uma intensidade mais do que napoleônica. Eu pensava que não tinha nenhuma vontade de poderio. Agora percebo que essa

vontade eu a apliquei sobre pensamentos, mais do que sobre pessoas. Conquistando nova província do saber. Resolvendo da melhor maneira um problema. Forçando as ideias a associarem-se ou dissociarem-se. Tiranizando certas palavras recalcitrantes para que assumissem certa forma. Todo um prazer de ser ditador sem perigos nem responsabilidades.

CAPÍTULO XIV

8 de dezembro de 1926

À HORA DO JANTAR, ELE JÁ tinha diante de si toda uma nova história — o último, o mais recente suplemento do repertório de Mary Amberley. O mais recente e, conforme se afigurava ao ouvido atento e crítico de Anthony, tão bom quanto os melhores clássicos da coleção. Desde o momento em que recebera o convite, sua curiosidade estivera, como só agora ele compreendia, mesclada de certa esperança vingativa, a esperança de que ela tivesse mudado para pior, quer relativamente, isto é, para a larga experiência dos seus olhos, quer absolutamente, em razão de terem decorrido esses longos doze anos; a esperança, enfim, de que ela tivesse degenerado do que era, ou do que ele imaginara que ela fosse, quando ainda a amava. Foi, assim, com certa vergonha, como ele mesmo agora reconhecia, foi com certo desapontamento que a encontrou quase sem mudança nenhuma, quase a mesma Mary Amberley de suas reminiscências. Ela estava com quarenta e três anos. Mas seu corpo quase nada perdera da esbelteza antiga e ela movia-se ainda com toda a agilidade e rapidez de outrora. Em verdade, com algo mais do que a antiga agilidade, pois ele notara que a atual era propositada, que ela desempenhava o papel de alguém que, sob a ação de um impulso juvenil, entrasse em movimento rápido e violento; e que o desempenhava além disso em circunstâncias em que o impulso não poderia de modo algum ter sido sentido, se fosse natural. Antes do jantar, ela levou-o ao seu quarto no pavimento superior, para que ele visse os nus de Pascin que ela acabara de comprar. A primeira metade do primeiro lanço da escada, ela a venceu

a passo normal, conversando enquanto subia; depois, como se de súbito lhe

tivesse acudido que a lentidão ao subir uma escada é sinal de idade madura, passou inesperadamente a correr, não, *a precipitar-se*, corrigiu-se logo Anthony ao lembrar-se do incidente. *Precipitar-se* era o termo justo. E quando voltaram para a sala de visitas, nenhuma garota de dezesseis anos, por mais desenvolta e estabanada que fosse, poderia atirar-se ao sofá com maior estouvamento do que ela o fez, nem encolher as pernas com um movimento mais felino. A Mary de 1914 jamais se comportara com tanta juventude assim. Ainda mesmo que o quisesse, refletiu ele, não teria podido fazê-lo, com todas aquelas saias e anáguas. Ao passo que neste momento, com estas saiazinhas curtas e plissadas... Não deixava de ser absurdo, sem dúvida; mas, pensando bem, não era ainda dolorosamente absurdo. Pois Mary ainda podia pretender encarnar o papel de jovem. Apenas um pouco gasto, seu rosto parecia ter ainda a iluminá-lo, através das leves marcas de fadiga, a vitalidade risonha de outrora. E quanto aos seus dotes intelectuais — sim, quanto a isso, bastava pensar nessa improvisação (pois devia ser uma improvisação, visto que o fato ocorrera naquela manhã mesma) improvisação que era uma pequena obra-prima e que tinha por tema o rim que Helena tinha roubado.

— Vou mandar embalsamá-lo — concluiu ela com um tom entre sério e jocoso, em que se percebia um riso mal contido. — Embalsamá-lo e...

Mas já Beppo Bowles, como uma garrafa de gengibirra subitamente aberta e borbulhante, atalhava: — Vou fazer-lhe algumas sugestões sobre o embalsamamento. — Sorriu, pestanejou, torceu-se todo. Toda a sua pessoa, gorducha e viçosa, parecia participar do que ele dizia; era como se falasse com todos os órgãos do corpo. — Sugestões colhidas no *Mortician's Journal*. — Fez com a mão um gesto ondulante e declamou: — Embalsamadores! Têm os vossos trabalhos esse aspecto desagradável do mastique, das resinas? Se têm...

A sra. Amberley rira um pouco artificialmente, talvez, pois não gostava de ser interrompida no meio de uma história. Beppo era, sem dúvida, muito querido dela e de todos. Tão infantil, a despeito de sua pança e do trecho sem cabelos bem no alto da cabeça. (Um ar mesmo de garota, às vezes.) Contudo...

E interrompeu-o de chofre com um “Perfeitamente!”. Depois, virando-se para os outros em torno da mesa: — Bem, como eu ia dizendo — continuou — vou mandá-lo embalsamar e pôr numa dessas redomas de vidro...

— Como a vida — Beppo não pôde deixar de intervir eruptivamente. Mas ninguém percebeu a referência a *Adonais*, e ele ficou rindo sozinho.

— Numa dessas redomas — repetiu a sra. Amberley, sem olhar para quem a interrompia — que se encontram nas casas de cômodos. Com pássaros dentro. Pássaros empalhados. — E deu à pronúncia das últimas palavras um sotaque alemão que as tornava, sem que se soubesse bem por que, extraordinariamente engraçadas.

Sua voz, julgava Anthony, nunca estivera tão boa. Havia agora uma leve rouquidão, qualquer coisa como o aveludado da epiderme de um fruto, qualquer coisa como a bruma através da qual vemos, da Ponte de Waterloo, a Catedral de São Paulo. A interposição dessa cortina de gaze, que era o tom grave de sua voz, parecia aprofundar-se, por assim dizer, e tornar mais ricas as belezas da paisagem vocal que lhe ficava por trás. Com um ouvido mais atento do que nunca, ele procurava fixar na memória as cadências de sua fala, analisá-las, decompô-las em seus diferentes sons. Em seus projetados *Elementos de sociologia* devia haver um capítulo sobre “Sugestão Coletiva e Propaganda”. Uma das seções seria consagrada ao assunto dos ruídos fascinantes. O ruído fascinantemente irritante, por exemplo, de Savonarola ou de Lloyd George. O ruído fascinantemente sedativo dos cantos sacerdotais. O ruído fascinantemente hilariante de Robey e Little Tich. O ruído fascinantemente afrodisíaco de certos atores e atrizes, de certos cantores, de certas sereias e Don Juans da vida privada. Mary, sentenciou ele, tinha o dom especial de produzir um ruído simultaneamente afrodisíaco e cômico. Ela podia emitir sons que feriam as cordas sensíveis do riso e do desejo, nunca, porém as da mágoa, da piedade, da indignação. Em momentos de ênfase emocional (lembrava-se agora daquelas horríveis cenas que ela costumava fazer) sua voz perdia todo o controle e entrava num caos de sons roucos e agudos. O som de suas palavras de queixa, de censura ou de angústia provocava no ouvinte apenas um certo desconforto físico. Ao passo que com a sra. Foxe, de quem ele passava agora a lembrar-se, já

era outra coisa: o simples ruído de suas palavras bastava para compelir-nos, para impor nossa aquiescência e simpatia. Ela possuía a mesma particularidade misteriosa que elevou Robespierre ao poder, que deu a Whitefield, pela mera repetição, duas ou três vezes, de uma exclamação piedosa, a possibilidade de arrancar lágrimas aos céticos mais empedernidos. Há ruídos fascinantes capazes de convencer os ouvintes da existência de Deus.

Quanta graça havia no tom de voz com que Mary se referira aos pássaros empalhados! Todos riram; todos tinham forçosamente que rir. O próprio Colin Egerton, o próprio Hugh Ledwidge. E contudo, quando vira entrar na sala esse tal Beavis, Hugh se enchera de inquietação. O Beavis, a quem ele sempre e de todos os modos possíveis procurava evitar... Por que é que Mary não o avisara? Chegou a pensar, um momento, que se tratava de um plano previamente concertado. Mary teria convidado Beavis de propósito, com o intuito de envergonhá-lo, porque sabia que o tipo tinha sido testemunha de suas humilhações no Bulstrode. Deveria haver dois deles presentes: Staithes (pois ele sabia que se esperava Staithes depois do jantar) e Beavis. Hugh acabara por se habituar a encontrar Staithes nessa casa, já não o inquietava esse encontro. Staithes, não podia haver dúvida, já tinha esquecido. Mas Beavis — toda vez que Hugh o encontrava, parecia-lhe que o gajo olhava para ele de um modo estranho. E se Mary o tinha agora convidado, fora de propósito, para que ele pudesse reavivar em Staithes coisas esquecidas; e os dois, com certeza, iriam atormentá-lo com reminiscências — as reminiscências que tinham do medo que certa vez o assaltara, quando jogava futebol; de como ele tinha chorado, no exercício de adestramento para casos de incêndio, quando chegou a sua vez de descer escorregando pela corda; de como se achegara covardemente a Jimbug e fora depois obrigado ao castigo de passar entre duas fileiras deles, armados de toalhas enroladas em porretes, de como eles o surpreenderam no seu quarto, quando espiaram por cima do tabique... Hugh sentiu um tremor correr-lhe o corpo. Mas certamente, pensando melhor, refletindo bem, não era possível que se tratasse de um plano. Não era concebível. Fosse como fosse, ele, quando todos desceram para o jantar, ficou satisfeito de achar-se separado de Beavis. Com Helena entre os dois, a conversa seria difícil. E depois do jantar, ele haveria

de fazer todo o possível para se manter a distância...

Quanto a Colin, este estivera durante toda a refeição num estado de perplexidade que, à medida que crescia, à medida que ele se sentia cada vez mais desesperadamente alheio a tudo aquilo, se mesclava de um desespero e de uma desaprovação crescentes. Chegou por fim a dizer consigo mesmo (o que pretendia dizer em voz alta à Joyce na primeira oportunidade): — Pode ser que eu seja um tolo e mais isso e mais aquilo — e tal confissão ele a fazia intimamente num tom de firme desdém, como se fosse uma confissão de força, não de fraqueza). — Posso ser um tolo e tudo mais, mas ao menos, sim, ao menos eu sei muito bem o que se passa interna e externamente. — Tudo isso e muito mais era o que ele queria dizer a Joyce; e Joyce (lançou um olhar para ela em meio às histórias escandalosas de Beppo e surpreendeu-lhe um olhar humilde, ansioso, suplicantemente escusatório), Joyce concordaria com todas as palavras que ele dissesse. Pois a pobre menina era uma espécie de filha trocada no berço, era como uma pseudofilha, deixada, por inexplicável engano, nos braços de uma louca, de uma mãe impossível que a obrigava, contra sua natureza, a associar-se a esses... esses... (não pôde achar o termo aplicável a Beppo). E ele, Colin Egerton, era o São Jorge que a viria salvar. O fato de ela — como uma virgem caída no meio de traficantes de escravas brancas — precisar de salvação era um dos motivos pelos quais ele sentia por ela essa atração tão intensa. Amava-a, entre outras razões, porque abominava em extremo esse hediondo degenerado (era esse o termo) que se chamava Beppo Bowles; e sua aprovação a tudo o que Joyce era e fazia era proporcional à sua desaprovação (desaprovação intensificada por certo terror) à mãe de Joyce. E todavia, nesse momento, apesar de toda a desaprovação, apesar do temor daquela língua ferina que ela tinha, daqueles olhares penetrantes e cheios de ironia, não pôde deixar de rir com os demais. Aquela referência aos pássaros na redoma, expressa numa pronúncia prolongada, à alemã, era irresistível.

Para a sra. Amberley o riso era como o champanhe: aquecia, estimulava. — E vou mandar esculpir na base uma inscrição — prosseguiu ela, alteando a voz para se fazer ouvir em meio ao vozerio. — “Este rim foi roubado por Helena Amberley, com risco da própria vida e...”

— Oh, mamãe, cale a boca! — atalhou Helena enrubescida por um misto de prazer e de enfado. — Por favor! — Era certamente agradável ser a heroína de uma história que todos estavam ouvindo com atenção. Mas ao mesmo tempo esse heroísmo era um heroísmo idiota. E ela sentia-se irritada de ver a mãe explorando essa idiotice.

— ... e a despeito de uma eterna e consciente repugnância ao ambiente dos açougues — continuou a sra. Amberley. E acrescentou depois, já noutro tom: — Coitada da minha Helena. Nunca pôde suportar certos cheiros. A náusea que lhe causavam os açougueiros, peixeiros etc. E nunca esquecerei aquela única vez em que a levei a uma igreja!

“Aquela única vez”, pensou Colin, “já não admira que ela pratique coisas destas!”

— Sim! Eu não posso negar — exclamou a sra. Amberley — ninguém pode negar que uma congregação de aldeia por uma manhã úmida de domingo... seja, francamente, uma coisa fedorenta. E de atordoar! Mas, em todo caso...

— E o cheiro da santidade — interveio Anthony Beavis; e voltando-se para Helena: — Eu também já passei por isso. Sua mãe mandava você cuspir, quando havia esses maus cheiros em volta? A minha queria sempre que eu cuspissem. E na igreja a coisa não era fácil.

— Qual cuspir! Nem houve tempo para isso — respondeu, pela filha, a sra. Amberley. — Ela ficou logo enjoada, com ânsias. O casaco de astracã da velha lady Worplesdon é que ficou num estado lamentável. Nunca mais pude apresentar-me numa sociedade respeitável. Graças a Deus! — ajuntou.

Beppo esganiçou um protesto contra as imputações que ela insinuava. A conversa desviou-se, depois, dos rins e seguiu outro rumo.

Helena continuou sentada, despercebida, silenciosa. Seu rosto perdera, de súbito, toda a animação que assumira. — Nunca mais tornarei a tocar em carne — tinha dito. E entretanto, ali estava ela com um rubro e repulsivo naco de carne de vaca espetado no garfo. Sou impossível — pensou. *Pas sérieuse*, conforme pronunciara a velha mme. Delécluze. E embora dificilmente se pudesse esperar outra coisa dessa velha asinina como preceptora profissional de moças, contudo era verdade; no fundo, a verdade era isso mesmo. — Não sou

séria. Não sou... — Mas percebeu, de repente, que era a ela mesma que se dirigia aquela voz que lhe estivera soando ao ouvido direito, inarticulada e como que vinda de uma distância imensa.

— ... Proust — ouviu a voz dizer e percebeu que já antes a mesma sílaba havia sido pronunciada pelo menos duas vezes. Olhou em volta, com um sentimento de culpa, e viu, rubro de embaraço, o rosto de Hugh Ledwidge voltado para ela, cheio

de hesitação e de incerteza. Ele sorriu apalermado, com os óculos a lampejarem, e depois desviou novamente o rosto. Ela sentia-se duplamente confusa e envergonhada.

— Receio não ter percebido bem... — conseguiu por fim murmurar.

— Oh, não tem importância — respondeu ele no mesmo tom. — Não tem realmente importância nenhuma. — Não tinha importância nenhuma, mas ele estivera quase cinco minutos a pensar naquele modo de encetar a conversa armado de Proust. “É preciso que eu lhe diga alguma coisa”, tinha resolvido quando viu Beavis empenhado em palestra íntima com Mary Amberley e Beppo. “Devo dizer-lhe alguma coisa.” Mas o quê? Que se dizia a mocinhas de dezoito anos? Gostaria de dizer-lhe qualquer coisa de pessoal, qualquer coisa um tanto galante, mesmo. Sobre seu vestido, por exemplo. — Como é bonito! — Não, isso era um pouco vago e sem caráter específico. — Como os seus olhos combinam tão bem com a sua cor (mas, a propósito, de que cor eram os olhos dela?). Também podia fazer-lhe perguntas sobre bailes. Tinha ela ido a muitos? Com amiguinhos (muito ladinos)? Mas isso, ele tinha como coisa muito difícil para si. E demais, não gostava muito de imaginá-la em companhia de amiguinhos — preferia imaginá-la virginal: *du bist wie eine Blume*... Ou então, a sério, mas com um sorriso, poderia dizer-lhe: — Diga cá, Helena, conte como é na realidade a mocidade de hoje? — E Helena, firmando os cotovelos sobre a mesa, voltar-se-ia para o lado e lhe diria exatamente o que ele quisera saber acerca desse mundo misterioso, desse mundo em que as pessoas dançavam e iam a festas e estavam sempre tendo relações pessoais umas com as outras; contar-lhe-ia tudo, tudo — ou então, mais provavelmente, nada, e apenas lhe faria sentir quanto era impertinente e tolo. Não, não; evidentemente, isso não

serviria. De modo nenhum. Estava apenas imaginando, apenas exprimindo um desejo. Foi quando lhe ocorreu a pergunta acerca de Proust. Que pensava ela de Proust? Era uma pergunta consoladoramente impessoal, que ele poderia fazer sem acanhamento nem afetação. Mas a impessoalidade de tal pergunta poderia conduzir a uma longa discussão — sempre no domínio do abstrato, sempre, por assim dizer, num trabalho de sondagem — sobre as questões mais intimamente emocionais e, até mesmo (não, não; todavia, nunca se podia saber; era revoltante; e contudo...) até mesmo fisiológicas. Falando sobre Proust, seria possível dizer tudo — tudo, mas sempre em termos de crítica estritamente literária. Sim! Isso, sim, evidentemente serviria. Tinha-se voltado para Helena.

— Suponho que deve ser interessante, sutil, invulgar a sua opinião sobre Proust. — Sem resposta. Da extremidade da mesa vinham vestígios da conversa da sra. Amberley com Anthony e Beppo; estavam discutindo os hábitos de seus amigos. Quanto a Colin Egerton, parecia estar em meio a uma caçada de tigres nas Províncias Centrais. Hugh Ledwidge tossiu e, depois, continuou: — Você deve ser proustiana, como todos nós, não é? — Mas o perfil cabisbaixo e melancólico não deu sinal de vida. Já constrangido por se sentir ridículo, ele experimentou ainda uma vez.

— Eu desejava que você me dissesse o que pensa sobre Proust — disse em voz mais alta, que aos seus próprios ouvidos soava estranha e afetada.

Helena continuava de olhos fitos em certo objeto invisível em cima da mesa, exatamente em frente do seu prato. *Pas sérieuse*. Estava pensando em todas as coisas que não eram sérias e que ela já tinha feito em sua vida, em todas aquelas coisas bobas, vis, horríveis. Uma espécie de embaraço e pânico, sem causa, dominou Hugh Ledwidge. Sentia-se perdido; o mesmo que sentiria se, estando no Piccadilly, as calças lhe comesçassem a descer pelas pernas abaixo. Qualquer outro, naturalmente, tocaria apenas no braço de Helena e diria: — Dê cá um centavo de ideias, Helena! — Como seria simples isso, e sensato! Todo o incidente se transformaria logo num gracejo, numa brincadeira e, além disso, à custa dela. Ele conquistaria assim definitivamente uma posição de superioridade tiranizante. “Sonhando de dia e em meio a um jantar! Sonhando com quê? Com quem?”. Seria hábil e fino. E ela enrubesceria, daria uma risadinha, como que

por efeito de uma ordem dele, como que atendendo ao comando dele. Como um provecto “matador” ele acenaria com a sua bandeirinha vermelha e ela sairia a precipitar-se para cá, a investir para lá, numa exibição absurda e deliciosa de si própria, até que, afinal, ele, erguendo a espada... Mas por mais simples e sensato e estrategicamente vantajoso que isso fosse, Hugh Ledwidge sentia que era completamente impossível dar o primeiro passo. Ali estava o braço dela, nu, fino como um braço de criança; mas qualquer coisa o prendia, qualquer coisa o impedia de estender a mão e tocá-lo. E a oferta pilhérica do centavo — isso era coisa que ele absolutamente não podia fazer; suas cordas vocais não lho permitiriam. Decorreram trinta segundos — trinta segundos de embaraço e incerteza crescentes. Depois, subitamente, como que despertando de um sono, ela virou-se e olhou-o. Que dissera ele? Mas era impossível, a ele, repetir o que dissera.

— Coisa sem importância. Sem importância — retraiu-se. Mas por que, oh, por que era ele assim tão bobo, de uma incapacidade tão ridícula? Aos trinta e cinco anos. *Nel mezzo del cammin*. Imagine-se Dante em tais circunstâncias! Dante como seu perfil de aço singrando como a proa de uma belonave espiritual, as ondas invisíveis do espírito. E, entrentes, que coisa poderia ele dizer-lhe em lugar dessa impossível observação acerca de Proust? Que coisa lhe inspirariam os céus?

Foi finalmente ela quem tocou no braço dele. — Você me desculpe — disse, com uma verdadeira contrição. Procurava uma compensação, uma derivação que a aliviasse do fato de ter comido tão frivolamente aquela carne sobre a qual os dedos de mr. Baldwin haviam passado e repassado. Além disso ela gostava do bom Hugh. Era um rapaz direito. Tinha-se dado ao incômodo de lhe mostrar as curiosidades mexicanas no Museu. — Tenho uma entrevista como sr. Ledwidge — dissera ela ali. E todos os funcionários subalternos desmancharam-se em atenções, trataram-na com a maior deferência, mostraram-se deleitados. Ela foi conduzida ao seu gabinete particular — o gabinete particular do diretor-assistente do Departamento — como se se tratasse de uma alta personalidade. Um eminente arqueólogo visitando um colega. Tinha sido, em verdade, tudo aquilo, extraordinariamente interessante. O único mal era que,

naturalmente e este era outro sintoma de sua terrível falta de seriedade, ela tinha esquecido a maior parte das coisas que ele lhe dissera. — Sinto imensamente não ter ouvido — repetiu ela. E era a pura verdade. Ela sabia o que ele devia estar sentindo. — Você compreende — explicava ela — a vovó é surda. De maneira que eu sei, por experiência, como é desagradável a gente ter que repetir alguma coisa. Tem qualquer coisa de idiota. Qualquer coisa, mais ou menos, como mr. Shandy e o relógio, se é que você percebe o que eu quero dizer. Você me perdoe. — Apertou-lhe, suplicante, o braço. Depois, firmando os cotovelos sobre a mesa e voltando-se para ele numa atitude confidencial premeditada, disse: — Escute, Hugh, você é um rapaz sério, não? Compreende o que digo, *sérieux*.

— Sim, eu acho que sim — gaguejou ele. Acabava de ver, um tanto tarde, o que significava aquela referência a mr. Shandy. E quando a compreendeu, foi qualquer coisa como um choque o que então sentiu.

— O que eu quero dizer — continuou ela — é que você dificilmente poderia estar no Museu, se não fosse um rapaz sério.

— Ah, não poderia, não — admitiu ele — provavelmente não poderia. — Mas em verdade, pensava ele, ainda preocupado com aquela história de mr. Shandy, uma coisa existe, chamada conhecimento teórico. (E não sabia ele disso? Sabia-o muito bem.) Conhecimento teórico que não corresponde a nenhuma experiência verdadeira, que não é realizado nem vivido. “Meu Deus!”, gemeu intimamente.

— Pois bem — dizia Helena — essa seriedade é o que me falta. — Sentia uma grande necessidade de desabafar, de encontrar quem a socorresse. Havia momentos (e eles se repetiam toda vez que, por uma razão ou por outra, ela duvidava de si própria) momentos em que tudo em torno dela parecia terrivelmente vago e incerto. Tudo. Mas, na prática, tudo isso se reduzia, naturalmente, à falta de confiança que sua mãe lhe inspirava. Helena gostava muito de sua mãe, mas ao mesmo tempo era forçada a admitir que ela não lhe servia para nada. — A mamãe é como essas brincadeiras de mau gosto — dissera ela uma vez a Joyce. — A gente pensa que vai sentar-se na cadeira; mas a cadeira é rapidamente retirada e a gente cai, sentindo uma horrível pancada no

traseiro. — Mas Joyce se limitara a dizer: — Só o que você precisa, Helena, é deixar de usar semelhantes termos. — Paspalhona! Paspalhona, sim, mas, fosse como fosse, o que não se podia negar era que Joyce era uma cadeira em que a gente podia sentar-se. Mas uma cadeira inadequada, uma cadeira somente para ocasiões importantes — e que é que adiantava isso? Joyce era ainda muito jovem; e, ainda mesmo que fosse muito mais velha, não haveria de compreender as coisas, como convinha, isto é, como elas eram realmente. E agora então, que estava noiva do Colin, parecia compreender as coisas cada vez menos. Colin! Que idiota que era esse homem! Mas, em todo caso, ali estava, se quisessem, uma cadeira. Uma cadeira firme como um marco miliário. Mas, infelizmente, de tal formato que forçava a gente a sentar-se na mais grotesca e incômoda das posições. Todavia, como Joyce parecia não se incomodar com a falta de conforto, estava tudo muito bem. E Helena, sem ter uma cadeira neste mundo fatigante, chegava quase a ter inveja da irmã. Entretanto, ali estava o bom do Hugh, que era, sem dúvida, uma cadeira. Ela sentou-se, pois, pesadamente.

— O meu mal — continuou Helena — é que eu sou de uma frivolidade irremediável.

— Na verdade, eu não posso acreditar nisso — disse ele, embora sem poder atinar com a razão por que o dizia. Pois o que ele evidentemente devia fazer era animá-la a confessar-se e não afirmar-lhe que ela não tinha pecados a confessar. Era como se estivesse intimamente receoso de descobrir exatamente aquilo que desejava descobrir.

— Não acho que você seja...

Mas, felizmente, nada que ele dissesse poderia demovê-la. Ela insistia em servir-se dele como de uma cadeira.

— Não, não, é a pura verdade — dizia ela. — Você não pode imaginar quanto eu sou frívola. Vou lhe contar...

Meia hora depois, na sala de visitas dos fundos, ele elaborava para ela uma lista dos livros que ela devia ler. Os *Primeiros filósofos gregos*, de Burnet; *Phaedrus*, *Timaus*, *A apologia* e *O simpósio*, na tradução de Jowett; a *Ética a Nicômaco*; a pequena antologia dos moralistas gregos, de Conford; Marco Aurélio; Lucrécio em qualquer boa tradução; o *Plotinus*, de Inge. Ele falava com naturalidade, com

confiança, num tom positivamente magistral. Era como um ser subitamente reintegrado no seu elemento natural.

— Esses lhe darão uma ideia de como os antigos concebiam as coisas.

Ela ia meneando a cabeça, concordando. Ao olhar para a lista escrita a lápis, tinha no rosto uma expressão de quem havia tomado uma decisão muito séria. Tinha mesmo resolvido usar óculos e mandar pôr uma mesa no seu quarto de dormir a fim de não ser incomodada quando estivesse trabalhando em meio de pilhas

de livros, de papéis, de documentos. Munir-se-ia de cadernos de notas, ou melhor, organizaria um fichário. Seria uma vida nova, uma vida que teria uma significação, uma finalidade. No salão, alguém pôs o gramofone a funcionar. Seu pé, dir-se-ia que por iniciativa própria, começou a marcar o compasso. Um, dois, três, um, dois, três — era uma valsa. Mas em que estava ela pensando? Franziu a testa e parou o movimento do pé.

— Quanto ao pensamento moderno — continuou Hugh — aqui, os dois livros indispensáveis, de que deve partir toda cultura moderna, são (seu lápis deslizava ligeiro sobre o papel) os *Ensaíos*, de Montaigne, e os *Pensamentos*, de Pascal. Esses são indispensáveis — sublinhou os nomes. — Depois, o melhor seria passar uma vista de olhos no *Discurso sobre o método*.

— Que método? — perguntou Helena.

Hugh, porém, não ouviu a pergunta. — E dê uma olhada em Hobbes também, se tiver tempo — prosseguia ele com um vigor e uma confiança crescentes. — E depois Newton. Esse é absolutamente essencial. Porque, se você não conhecer a filosofia de Newton, não saberá por que é que a ciência se desenvolveu neste e não noutro sentido. Encontrará tudo de que necessita nas *Metaphysical Foundations of Modern Science*, de Burt.

Houve um pequeno silêncio enquanto ele escrevia. Tom tinha chegado, e mais Eileen e Sybil. Helena pôde ouvir o que diziam, na outra sala. Mas continuava firme, com os olhos presos no papel. — Depois, há ainda Hume — prosseguia ele. — O melhor seria você começar com os *Ensaíos*. São uma coisa soberba. De um senso, de uma sagacidade imensa!

— Sagacidade — repetiu Helena e sorriu prazerosamente consigo mesma.

Sim era essa exatamente a palavra que ela estivera procurando — exatamente isso o que ela queria ser: sagaz, sagaz como um elefante, como um cão policial, como Hume, como tudo o que quisessem. Mas ao mesmo tempo queria, naturalmente, ser ela mesma. Sagaz, porém jovem; sagaz, porém alegre e atraente; sagaz, porém impetuosa e...

— Não quero torturá-la com Kant — disse Hugh indulgente. — Mas acho — fez o lápis trabalhar de novo — acho que você deverá ler um ou dois dos kantianos modernos. *A Filosofia do como se*, de Vaihinger, por exemplo, e a *Biologia teórica*, de Von Uexküll. Você compreende, Kant é a base de toda a nossa ciência do século vinte. Justamente como Newton era a base de toda a ciência dos séculos dezoito e dezenove...

— Então, Helena!

Ambos estremeceram e ergueram os olhos. Ergueram os olhos e viram a cara sorridente e insolentemente bonita de Gerry Watchett. Seus olhos, de um azul brilhante que contrastava com a pele trigueira do rosto, miravam ora um, ora outro, com um ar zombeteiro. Dando um passo à frente, pôs familiarmente a mão no ombro de Helena. — De que é que estão brincando? De palavras cruzadas? — perguntou dando-lhe duas ou três pancadinhas no ombro.

“Como se se tratasse de seu cavalo”, disse Hugh consigo, indignado. E era com efeito o que o homem parecia ser: um criado de cavalaria. Aqueles cabelos crespos, ondulados, cor de ouro fosco, aquela cara fechada, a um tempo infantil e rude, tudo aquilo parecia vir da estrebaria, das planícies de Epsom.

Helena respondeu com um sorriso que pretendia ser desdenhosamente superior — um sorriso de intelectual. — Para você, pode ser que sejam palavras cruzadas — disse. Depois acrescentou, já noutro tom: — A propósito, vocês já se conhecem, não? — E volveu os olhos inquiridores de Gerry para Hugh.

— Já, sim — respondeu Gerry; e conservando ainda sua mão direita no ombro de Helena, ergueu a esquerda num gesto caricato e depreciativo de saudação militar. — Boa noite, coronel.

Tímido, Hugh retribuiu a saudação. Todo seu domínio e confiança tinham desaparecido com essa volta forçada do mundo dos livros para o da vida pessoal; sentiu-se como um albatroz no chão — irremediavelmente desajeitado,

inábil, fútil, hediondo. E, no entanto, como fora fácil esboçar um sorriso irônico e dizer em tom significativo: “Sim, eu conheço muito bem o sr. Watchett” — e a significação seria esta: sei muito bem o que ele é: o cavalheiro que especula com títulos, o jogador profissional e o amante profissional. No momento, ao que se supunha, amante de Mary Amberley. “Conheço-o, *de fato*, muito bem!” Eis aí o que teria sido tão fácil dizer. Mas ele não disse; a única coisa que soube fazer foi sorrir e levantar a mão em continência até a altura da testa.

Entrementes, Gerry se tinha sentado sobre o braço do sofá e, através da fumaça de seu cigarro, contemplava Helena com uma insolência calma e natural, parecendo examiná-la, ou melhor, avaliá-la ponto por ponto — jarretes, cernelha, ancas, tronco. — Sabe Helena? Você está ficando cada vez mais bonita.

Enrubescendo, Helena deixou pender a cabeça para trás e riu-se. Depois deu subitamente ao rosto uma expressão rígida e sem naturalidade. Estava irritada — irritada com Gerry por causa de sua maldita impertinência, mas, antes de tudo, irritada consigo mesma por ter gostado da maldita impertinência, por ter correspondido a essa lisonja ofensiva com uma pontualidade tão humilhanamente automática. Sentir assim o rosto todo afogueado e dar essas risadinhas, como uma menina de colégio! E aquela *Filosofia do como se*, aqueles óculos com aros de tartaruga e a vida nova e o fichário...? Bastou que um homem dissesse: “Você é bonita”, para que todas aquelas coisas se evolassem, como se nunca lhe tivessem passado pelo pensamento. Voltou-se para Hugh; voltou-se em busca de proteção, em busca de amparo. Mal, porém, ela o tinha olhado, já ele desviava os olhos, tendo no rosto uma expressão de alheamento meditativo; parecia estar pensando noutra coisa. “Estaria ele zangado?”, perguntava ela consigo. “Ter-se-ia ofendido porque ela se mostrara contente com o elogio de Gerry?” Mas fora como o pestanejar com o barulho de um tiro — uma coisa que não se podia evitar. Ele devia compreender, devia perceber que ela queria viver essa vida nova, que todo o seu desejo, toda sua aspiração era a de se tornar sagaz. E, entretanto, em lugar disso, ele se eclipsava e se negava a entender-se com ela. Oh, isso não era justo!

Por trás daquela máscara fria e postiça, Hugh sentia-se, mais do que nunca,

na situação do albatroz de Baudelaire.

Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!

Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid!

Ah, aqueles voos, aquelas incursões impetuosas, majestosas nos espaços cerúleos do neokantismo!

Do salão contíguo o gramofone trombeteava: “Sim, sim, senhor, essa pequena é minha”. Gerry assobiou alguns compassos e depois sugeriu a Helena: — E se dançássemos um foxtrotezinho, hein? Se é que você já acabou de conversar aqui com o coronel. — Olhou, zombeteiro, para o rosto voltado de Hugh.

— Eu não quero absolutamente interromper...

Por sua vez, Helena olhou para Hugh. — Não sei... — começou, cheia de dúvida.

Mas Hugh, sem sequer erguer os olhos, deu-se pressa em concordar: — Oh, pois não, pois não! — E tendo-o feito, perguntava-se, surpreso, que diabo o havia induzido a proclamar assim sua própria derrota; antes mesmo de entrar em luta. Entregá-la a esse criado de estrebaria! Que idiota que fora, que covarde! Todavia, disse cinicamente consigo que provavelmente ela preferia o “criado”. Levantou-se, murmurou qualquer coisa como um encontro com alguém a respeito de um assunto qualquer, e dirigiu-se para a porta que dava para o vão da escada.

“Está bem, se ele não faz questão da minha companhia”, pensou Helena ressentida, “se acha que não vale a pena ter-me a seu lado...” Estava visivelmente ofendida.

— *Exit* o coronel — disse Gerry. E depois: — Então? Não se dança um pouquinho? — Ergueu-se, aproximou-se dela e estendeu a mão. Helena segurou-a e, com ímpeto, pôs-se de pé. — Não, senhor, não, senhor, não diga talvez — pôs-se Gerry a cantar, enquanto lhe passava o braço em volta da cintura. Levados pelas ondas sonoras do foxtrote, foram ziguezagueando por entre cadeiras e mesas e dirigindo-se para a porta que dava para a outra sala.

CAPÍTULO XV

Junho de 1903 — Janeiro de 1904

A COISA TINHA SE TORNADO UM rito, um sacramento (era assim que o próprio John Beavis interpretava aquilo): um sacramento de comunhão. Em primeiro lugar, o ato de abrir o guarda-roupas e de tocar com a mão nos vestidos dela. Fechando os olhos, respirava o perfume que esses vestidos exalavam, a essência suave e branda do corpo dela através do abismo do tempo, que cada vez mais a afastava dele. Depois, o ato de abrir as gavetas. Nestas três, à esquerda, estava sua roupa branca. Os saquinhos de alfazema estavam amarrados com uma fitinha azul-pálido. Esta renda da sua camisa de dormir, que ele estava desdobrando, tinha tocado... Mesmo em pensamento, John Beavis evitava proferir as palavras “seus seios”, limitando-se a imaginar o leve arfar das carnes arredondadas sob o emaranhado dos bordados; vinham depois as recordações daquelas noites em Roma; e, finalmente, a lembrança de Lollingdon, da cova funda, da terra, da escuridão e do silêncio terríveis. Tornava a dobrar a camisa de dormir, tornava a guardá-la na gaveta e chegava então a vez das duas gavetinhas da direita — das luvas que lhe haviam protegido as mãos, dos cintos que lhe haviam cingido o talhe e que ele agora enrolava em volta do punho ou apertava contra as têmporas, como um filactério. E o rito terminava com a leitura das cartas dela — aquelas cartas comovedoramente infantis que ela escrevera durante seu noivado. Isso constituía, para ele, a consumação da agonia; o rito estava findo e ele podia ir deitar-se com outra espada ainda fincada no coração.

Ultimamente, porém, ao que parecia a espada se embotara. Era como se a morte dela, até aqui tão pungente e tão viva, tivesse começado também a

morrer. O rito parecia perder suas virtudes mágicas. A consumação tornava-se cada vez mais difícil de ser levada a termo e, quando levada a termo, era menos dolorosa e, por isso mesmo, menos satisfatória. Pois o que tornara a vida nestes últimos meses digna de ser vivida era precisamente a dor de sua perda. O desejo e a ternura tinham sido subitamente privados de seu objeto. Era uma amputação angustiosa. E agora essa dor — e era tudo o que lhe restava dela — essa preciosa angústia lhe estava fugindo, estava morrendo, justamente como Maisie tinha morrido.

Essa noite, ela pareceu ter-se extinguido por completo. Ele mergulhou o rosto nos folhos perfumados dos seus vestidos, esticou a renda e a cambraia que ela usara rente à pele, soprou dentro de uma de suas luvas e ficou espiando, ficou vendo como esta imagem da mão dela se ia gradativamente encolhendo — morrendo, morrendo, até a pelica ficar de novo pendente, mole e vazia até mesmo de um simulacro de vida. Mas os ritos já não produziam efeito nenhum. John Beavis já não se comovia. Sabia que ela estava morta e que a perda que sofrera fora terrível. Mas já agora não sentia nada dessa perda — nada a não ser uma espécie de vácuo no espírito e uma sensação de pó, a que tudo se reduzira.

Foi deitar-se insatisfeito e, de certo modo, humilhado. Os ritos mágicos justificam-se pelo êxito. Quando deixam de produzir os efeitos emocionais que os caracterizam, o operador sente que foi ludibriado e enche-se de ridículo.

Seco, tal qual uma múmia na solidão poeirenta do sepulcro, John Beavis permaneceu largo tempo deitado na cama, sem poder dormir. Meia-noite, uma hora; duas; e depois de já ter perdido completamente a esperança de conciliar o sono, este veio e ele sonhou que ela estava ali, ao lado dele; e era aquela Maisie mesma que ela fora no primeiro ano do seu casamento, o peito cheio e arfante por debaixo da renda, e a boca, oh, a boca entreaberta num consentimento inocente. Tomou-a nos braços.

Desde sua morte, fora esta a primeira vez que ele sonhara com ela viva e não com ela morta ou moribunda.

John Beavis despertou com uma sensação de vergonha; e quando mais tarde, durante o dia, viu miss Gannett, que estava evidentemente à sua espera, como de costume, no corredor externo de sua sala de cursos, fez que não a viu e

passou apressado, de olhos no chão, de cara franzida, como se estivesse preocupado com algum problema intrincado e insolúvel de alta filologia.

Mas à tarde seguinte foi encontrá-lo no At Home que a tia Edith dava todas as semanas. E com certeza — embora ele, ao vê-la, manifestasse uma surpresa talvez excessiva — com certeza miss Gannett estava lá. Ele sabia que ela devia estar, pois nunca faltou uma só das quintas-feiras da tia Edith.

— O senhor ontem estava com uma pressa horrível — disse ela, depois que a surpresa dele serenara.

— Eu? Quando? — Fingia não saber o que ela queria dizer.

— No colégio, depois da sua aula.

— Mas estava lá? Não a vi.

— Está ele agora a pensar que eu fiz a gazeta — queixou-se ela a uma inexistente terceira pessoa. Desde a primeira vez que o encontrara na sala de visitas da tia Edith, miss Gannett assistira sempre, fielmente, a todas as conferências do seu curso público. — Para aperfeiçoar o espírito — costumava ela explicar. — Visto que o meu espírito precisa tanto de aperfeiçoar-se — acrescentava com um ar jocoso em que havia ao mesmo tempo qualquer coisa de sério.

Mr. Beavis protestava: — Mas eu nunca disse semelhante coisa.

— Pois eu vou lhe mostrar as notas que tomei.

— Não, não, por favor, não faça isso. — Chegava então a sua vez de pilheriar. — Se soubesse como me aborrecem as minhas conferências!

— Pois o fato é que o senhor quase que me ia atropelando no corredor, ao sair da sua conferência.

— Oh, neste caso...

— Nunca vi ninguém andar tão depressa.

Ele concordou com um sinal de cabeça. — De fato, eu estava mesmo com muita pressa, ah, isso estava. Tinha que tomar parte numa reunião. De uma comissão toda especial — ajuntou com ênfase.

Ela olhou-o com uns olhos muito abertos e, abandonando o tom de gracejo com que falara, foi com a maior seriedade que observou: — Deve ser realmente uma coisa bastante incômoda, uma amolação, isso de ser assim uma pessoa tão

importante; não é mesmo?

Mr. Beavis sorriu para a criança séria e respeitosa que lhe estava diante — essa criança inocente que era ao mesmo tempo uma mulher gordinha, pequenina, bonitinha, de vinte e sete anos — sorriu com prazer e cofiou o bigode. — Oh, não sou assim tão importante como pensa — protestou. — Não sou assim tão... — hesitou um instante; contraiu a boca, pestanejou; e afinal atirou o vulgarismo: — Não sou assim essa coisa como parece imaginar.

Tinha chegado apenas uma carta essa manhã. Era de Anthony, viu mr. Beavis ao rasgar o envelope.

Bulstrode, 26 de junho

Meu querido pai

*Muito obrigado pela sua carta. Pensei que fôssemos passar as férias em Tenby. Não foi isso que combinou com a sra. Foxe? Foxe diz que ela conta conosco lá e, se é assim, parece que não devemos ir para a Suíça, conforme leio na sua carta. Jogamos ontem duas partidas: a primeira contra Sunny Bank, e a segunda contra Mumbridge. Ganhamos ambas. Foram muito disputadas. Joguei na segunda e fiz seis a zero. Começamos agora a ler um livro chamado *Lettres de mon Moulin* em francês, mas parece-me que é uma droga. Nada mais tenho para lhe contar e, pois, terminando, sou, com muito afeto,*

O filho que muito lhe quer

Anthony

P.S. Não se esqueça de escrever à sra. Foxe; pois, segundo Foxe me declarou estar informada, ela supõe que vamos para Tenby.

Mr. Beavis leu a carta de sobrecenho carregado e, quando acabou de almoçar, foi logo sentar-se à sua mesa para escrever a resposta.

Earl's Court Square, 27-7-1903

Meu querido Anthony

Foi para mim motivo de grande desapontamento o fato de ter você recebido com pouco entusiasmo o que eu esperava ser para você uma notícia verdadeiramente auspiciosa. Na sua idade, eu, certamente, teria acolhido com uma alegria ilimitada a perspectiva de viajar, de “ir ao estrangeiro”, e, sobretudo, à Suíça. O entendimento com a sra. Foxe foi coisa muito vaga, nada ficou deliberado nem assentado. Inútil dizer, todavia, que eu escrevi a ela logo que se apresentou a feliz oportunidade de explorar em companhia condigna o Oberland Bernês, o que ocorreu há apenas alguns dias, fazendo com que eu adiasse a realização dos nossos vagos projetos acerca de Tenby. Se você quiser saber com exatidão aonde é que nós vamos, pegue no seu mapa da Suíça, procure nele a região de Entre-Lagos e o lago de Brienz, tome a direção leste a partir da extremidade do lago de Meiringen e daí siga para o sul, na direção de Grindelwald. Vamos ficar ao pé do passo de Scheideck, em Rosenlani, quase na sombra projetada por esses gigantes chamados

Jungfrau, Weissborn e outros. Não conheço o local, mas concluo, de todas as informações obtidas, que deve ser “da pontinha”, uma coisa paradisíaca.

Fiquei muito contente de saber que você se portou tão meritoriamente no seu jogo. Continue, meu filho, continue assim, cada vez mais valente. No ano que vem, espero vê-lo disputando as glórias do primeiro time.

O que não me parece que esteja bem é você achar que Daudet é “droga”. Desconfio que essa opinião resulta das dificuldades que, a um principiante como você, oferece a leitura de Daudet. Depois que você dominar completamente a língua, saberá apreciar o doce encanto do seu estilo e a sagacidade do seu espírito.

Espero que você esteja trabalhando com vontade no sentido de remediar seu lamentável atraso em matemática. Confesso que também eu nunca brilhei nesse ramo de estudos e estou, portanto, em condições de compreender as dificuldades que você sente. Contudo, o trabalho tenaz produz milagres e tenbo, por isso, a certeza de que, atacando de frente a álgebra e a geometria, você facilmente conquistará títulos de proficiência daqui a um ano exatamente.

Aceite todo o afeto de seu pai
J. B.

— É muito triste! — disse Anthony ao terminar a leitura da carta do pai. As lágrimas vieram-lhe aos olhos e ele mal podia suportar a mágoa que o dominava.

— Qu-que é que ele d-diz? — perguntou Brian.

— Está tudo resolvido. Ele escreveu à sua mãe comunicando que iremos para um cafundó imundo lá da Suíça, em vez de irmos para Tenby. Não imagina como isso me aborrece! — Amarrotou a carta e atirou-a com raiva no chão; depois afastou-se e tentou descarregar suas iras dando pontapés na sua caixa de brinquedos. — Isso me aborrece muito! Muito! — continuava a repetir.

Brian também se sentiu magoado. Iam passar uns dias esplêndidos em Tenby; já tinham previsto tudo em imaginação, já tinham construído previamente os mais deliciosos detalhes; e agora, bumba!, desfez-se o sonho, desmoronou-se o castelo e os tais dias esplêndidos ali estavam reduzidos a cacos.

— Em t-todo caso — disse afinal, depois de um longo silêncio — espero que você s-se divirta bastante na Suíça. — E, movido por um ímpeto súbito, cuja explicação ele dificilmente poderia encontrar, apanhou do chão a carta de mr. Beavis, desamarrotou-lhe as páginas e devolveu-a a Anthony.

— T-tome sua c-carta — disse.

Anthony mirou-a um instante, abriu a boca como se fosse falar, tornou depois a fechá-la e, tomando a carta, meteu-a no bolso.

A companhia condigna em que eles deviam explorar o Oberland Bernês resultou, quando eles chegaram a Rosenloui, não ser outra senão a de miss Gannett com sua antiga companheira de colégio, miss Louie Piper. Mr. Beavis falava sempre delas como sendo “as meninas”, ou então, com uns tons de jocosidade filológica herói-cômica a que ele se sentia tão inclinado, “as donzelas” — *dominicellae*, duplo diminutivo de *domina*. Essas adolescentes sonhadoras! Ele sorria, de cada vez que pronunciava a palavra. Para Anthony, as tais donzelas não passavam de um par de mulheres importunas e já velhucas. Piper, a magra, parecia uma governanta. Ele preferia Gannett, a gorda, apesar daquele seu riso horivelmente triste e estridente, apesar do modo como ela se esbofava e suave ao subir os morros. Gannett, ao menos, era bem-intencionada. Felizmente havia no hotel outros dois rapazes ingleses. Eram de Manchester e tinham um modo de falar caricato, mas eram bons camaradas e sabiam uma porção de histórias obscenas. O melhor era que tinham descoberto na mata que ficava por trás do hotel uma toca onde escondiam cigarros. Quando voltou para o Bulstrode, Anthony tinha orgulho em anunciar que tinha fumado quase todos os dias em que estivera em férias.

Numa tarde de sábado do mês de novembro, mr. Beavis veio ao Bulstrode. Assistiram durante alguns momentos ao jogo de futebol e em seguida deram um passeio fatigante que, todavia, terminou no King’s Arms. Mr. Beavis mandou vir bolinhos “de ovos fritos na manteiga para este paladino” (pisçou o olho para a criada, com um ar de conspiração, como se ela também soubesse o sentido histórico e etimológico da palavra), “e a seguir, geleia de cereja — não é esse o seu doce predileto?”

Anthony confirmou, meneando a cabeça. Cereja era o de que ele mais gostava. Sentia-se, porém, desconfiado com tanta solicitude. Qual poderia ser o fim daquilo tudo? Iria ele dizer qualquer coisa a respeito dos seus estudos? Sobre a conclusão do seu curso no verão próximo? Ou com relação a...? Enrubesceu. Mas, não, seu pai, afinal de contas, não podia saber coisa alguma a respeito disso. Não era possível. Acabou desistindo de descobrir o que poderia ser; não

podia fazer nenhuma ideia.

Mas quando, depois de um longo silêncio que não era habitual, o pai disse, inclinando-se para a frente: — Tenho uma notícia interessante para você, meu rapaz — Anthony percebeu logo, como que por uma intuição súbita, exatamente o que ele queria dizer.

“Ele vai se casar com a tal Gannett”, disse consigo.

E ia mesmo. Nos meados de dezembro.

— Será uma companhia para você — dizia mr. Beavis. Aquela juvenilidade, aquela vivacidade, aquela alegria de um espírito em flor! — Será sua companheira e ao mesmo tempo uma segunda mãe.

Anthony ia concordando com um sinal de cabeça. Mas “companheira” — que queria dizer essa palavra? E lembrava-se, então, da gorducha subindo penosamente as vertentes de Rosenlauri, vermelhona, cheirando a suor, fumegando... E, de repente, soou-lhe nos ouvidos a voz de sua mãe.

— Paulina quer que você a chame pelo seu nome de batismo — continuava mr. Beavis. — Será mais... sim, mais alegre, não acha?

Anthony disse “Acho”, pois não lhe restava outra coisa a dizer. E serviu-se mais uma vez de geleia de cereja.

— Terceira pessoa do singular do aoristo de *ribnm*? — perguntou Anthony. O Cara-de-Cavalo errou. Foi Staithes quem respondeu certo.

— Segunda do plural do mais-que-perfeito de *ēpxonai*?

Brian hesitou e sua hesitação resultava de qualquer coisa de mais grave do que a sua gagueira.

— Você está burrinho, hoje, Cara-de-Cavalo — disse Anthony e, em seguida, apontou o dedo para Staithes, que, novamente, respondeu certo. — Estou gostando, Staithes. — E voltando-se para o Cara-de-Cavalo e parodiando a voz cavernosa de Jimbug, repetiu o já muito usado gracejo do mesmo Jimbug: — A escória fica sempre no fundo, seu Cara-de-Cavalo.

— Coitado do Cara-de-Cavalo! — disse Staithes, batendo-lhe nas costas. Agora, que tivera o prazer de ver que o outro sabia menos grego do que ele, Staithes chegava quase a amá-lo.

Eram quase onze horas, já havia muito tempo que tinham sido apagadas as luzes e os três estavam ainda reunidos na privada. Anthony, na sua qualidade de examinador, estava sentado, com um ar digno, majestoso mesmo, e os outros acocorados mais abaixo, no chão. Era uma noite serena e quente de maio, aquela; dali a seis semanas eles estariam diante das bancas examinadoras, prestando seus exames de fim de curso: Brian e Anthony em Eton, Mark Staithes em Rugby. Tinha sido logo após as férias do Natal passado que Staithes viera ao Bulstrode com a notícia de que ia prestar o seu exame de bacharelado. Notícia surpreendente, e, para os seus cortejadores e sequazes, simplesmente de pasmar. Que era uma coisa idiota e que aqueles que a ela se submetiam eram dignos de todo o desprezo — tal era a opinião que entre eles corria com a força de um axioma. E no entanto, ali estava o Staithes também resolvido a bacharelar-se, seguindo o exemplo dos tais “mocinhos aplicados” — do Benger Beavis, do Cara-de-Cavalo e daquele carrapato horrível que era o Goggler Ledwidge. A coisa assumia as proporções de uma apostasia, de uma traição a tudo o que era mais sagrado.

Em primeiro lugar, com palavras e, depois, mais eficientemente, pelos seus atos, Staithes conseguira tranquilizá-los, reconciliar-se com eles. A ideia do bacharelado era do seu “velho”. Não era por uma questão de dinheiro, deu-se ele pressa em acrescentar. O “velho” não estava ligando a dinheiro. Mas era uma questão de honra, uma questão de glória; era, enfim, uma tradição de família. Seu pai, seus tios, todos, todos se tinham bacharelado. De sorte que não ficaria bem romper, desgostar a família. Mas isso não alterava em nada o fato que a tal mania de estudar era uma coisa chata e que aqueles que queimavam as pestanas simplesmente porque sentiam prazer nisso, como parecia ser o caso do Cara-de-Cavalo e do Beavis, ou por amor ao dinheiro, como acontecia com esse miserável Goggler, esses não passavam de vermes desprezíveis. E para prová-lo, passara a zombar da gagueira do Cara-de-Cavalo, organizara uma campanha contra Goggler a propósito do medo com que jogava futebol e espetara penas no traseiro do Beavis durante as provas preliminares; e, embora ele também estivesse estudando muito, procurava uma compensação em brincar também muito e em não perder ocasião de dizer a todo mundo que achava o estudo uma

coisa estúpida e que absolutamente não via probabilidade de passar nos exames finais.

Depois de ter salvado suficientemente as aparências, mudara de tática com Beavis e o Cara-de-Cavalo e, depois de se mostrar, durante algum tempo, cada vez mais afável com ambos, acabara por propor-lhes a criação de uma sociedade de auxílio mútuo dos que estudavam seriamente para o bacharelado. Foi ele que, no início do período escolar do verão, sugerira as sessões noturnas na privada. Brian quisera incluir Goggler nessas sessões de leituras e estudos em conjunto; mas os outros dois protestaram; aliás, como seria fácil de demonstrar, a privada era pequena demais para conter quatro pessoas. Ele tinha que contentar-se com auxiliar Goggler em meias-horas ocasionais durante o dia. A noite e o “gabinete” eram reservados ao triunvirato.

Brian quis explicar o motivo do fracasso dessa noite e começou: — Eu hoje est-tou um t-t-tanto c-c-c-... — Não conseguiu dizer “cansado” e substituiu por “f-fatigado”.

A palidez e as olheiras que apresentava atestavam a verdade de suas palavras; mas, para Mark Staithes, tudo isso era evidentemente uma desculpa com que o Cara-de-Cavalo esperava diminuir a dor de sua derrota numa competição com alguém que não tinha estado “cavando” durante anos seguidos, como os seus dois rivais, mas apenas alguns meses. Essa desculpa implicava uma confissão de inferioridade. Triunfante, Staithes entendeu que podia e devia ser magnânimo. — Foi má sorte! — disse, com solicitude. — Vamos descansar um pouco.

Do bolso de seu chambre Anthony tirou três caramelos, realmente já um tanto moles com o tempo, mas que nem por isso deixaram de ser muito apreciados.

Pela milésima vez desde que ficara resolvido que ele terminaria seu curso e se submeteria aos exames finais, Staithes disse: — Se ao menos eu tivesse certa probabilidade de passar...

— Mas essa probabilidade é que não lh-lhe f-falta.

— Qual nada! Isso é uma ideia maluca, simples mania do velho! — repetia ele, sacudindo a cabeça. Na realidade, porém, era com uma viva e ardente

sensação de orgulho, de exultação, que ele se lembrava das palavras do pai. — Nós Staithes... Quando se é um Staithes... Você é tão inteligente como qualquer de nós, da família, com a mesma força de vontade... — Forçou um suspiro e insistiu mais uma vez, em voz alta: — Ah, tivesse eu ao menos probabilidade!

— Sinceramente, é o que não lhe falta.

— Não diga tolices! — Recusava-se a admitir sequer a possibilidade do fato, preparando o terreno para depois, no caso de um fracasso, poder dizer, rindo: — Eu não lhes dizia? — E no caso de êxito, como intimamente acreditava conseguir, então tanto maior seria a sua glória. Além disso, quanto maior era sua persistência em negar suas probabilidades, tanto mais frequentes seriam as ocasiões em que ele teria de ouvir com delícia, da parte dos colegas, as repetidas afirmações do seu possível, do seu provável êxito. Êxito, ainda por cima, no que constituía a especialidade deles; êxito, apesar de se ter constantemente recusado, até ao começo do último ano, a tomar a sério esse ridículo apego aos livros.

Era, agora, Benger quem trazia a sua homenagem. — Jimbug acha que você tem probabilidade de passar — disse.

— Eu ontem o ouvi falar com o Jacko a respeito disso.

— Ele entende lá disso, esse idiota do Jimbug? — disse Staithes com uma careta de desdém, que, aliás, não conseguia esconder o prazer que brilhava nos seus olhos pardos. — E quanto a Jacko...

Um ruído repentino na maçaneta da porta fez com que eles bruscamente se voltassem. — Olá, rapaziada — foi a voz implorante e sussurrante que lhes veio através do buraco da fechadura. — Deem licença! Estou com uma dor de barriga terrível.

Brian ergueu-se do chão, apressado. — Devemos d-deixá-lo entrar — começou.

Mas Staithes, puxando-o, fê-lo sentar-se de novo. — Deixe de ser tolo! — disse depois, voltando-se para a porta: — Procure uma lá embaixo; estamos ocupados.

— Mas estou muito apertado.

— Pois então, quanto mais depressa for, melhor.

— Seus safados! — protestou a voz sussurrante. — Raios os partam! — acrescentou; e eles ouviram o som dos chinelos afastando-se e descendo depressa as escadas.

Staithes fez uma careta e disse: — Isso é bom, para ele aprender. — E depois: — Vamos ver mais um pouquinho de gramática grega?

Já antecipadamente ofendido, James Beavis sentia sua indignação crescer cada vez mais a cada minuto que ia passando em casa do irmão. Toda a casa tresandava, positivamente, a matrimônio. Era asfixiante! E John ali, sentado, banhando-se naquelas irradiações invisíveis do calor feminino, sorvendo aqueles vapores pela venta trêmula, imensamente satisfeito, revoltantemente feliz! Tal qual o macho da marmota — foi o que subitamente ocorreu a James Beavis — tal qual o macho da marmota com a sua fêmea, colados, pelo contra pelo, em sua toca subterrânea. Sim, a casa era exatamente como uma toca — uma toca com uma marmota magra que era o John numa extremidade da mesa e, na outra extremidade, aquela marmota fêmea mole e arredondada; e, entre eles, um de cada lado da mesa, ele próprio, James, ofendido e nauseado, e o infeliz Anthonyzinho, como um filho trocado, vindo do mundo exterior, do ar puro, caçado, arrastado lá para baixo e aprisionado naquele viveiro de marmotas. A indignação engendrava igualmente uma piedade e afeição violentas por essa infeliz criança e engendrava ao mesmo tempo um sentimento retrospectivo de simpatia pela pobre Maisie. Quando em vida, ela fora considerada por ele como uma tola — irremediavelmente fútil. Agora, o casamento de John e as circunstâncias insuportáveis que o acompanhavam e que envolviam o casal felicíssimo fizeram-no esquecer suas próprias opiniões a respeito de Maisie, quando esta ainda vivia, e passar a considerá-la uma mulher de grande superioridade (tinha tido, pelo menos, a graça de ser frívola), postumamente martirizada pelo marido, por amor dessa marmota fêmea, de carnes repelentes. Era horrível! E era perfeitamente justo que ele se irritasse.

Paulina tinha, entretanto, recusado servir-se mais uma vez de suflê de chocolate.

— Mas, minha querida, você precisa aceitar — insistiu John Beavis.

Paulina simulou um suspiro indicativo de que já se sentia repleta. — Não posso.

— Nem ao menos o *chocolat* predileto? — Mr. Beavis empregava sempre a palavra chocolate no original asteca.

Risonha, Paulina olhou de soslaio para o prato. — Eu não deveria — disse, admitindo implicitamente que a sua repleção não era completa.

— Mas por quê? — disse ele num tom que era um afago.

— Está ele agora a querer que eu engorde! — lamentou ela num tom de censura. — Procurando me tentar!

— E por que não há de ser tentada?

Desta vez o suspiro de Paulina foi um suspiro de mártir. — Está bem — disse, submissa. A criada, que estivera impassível, aguardando o resultado da controvérsia, apresentou novamente o prato. Paulina serviu-se.

— Isso é que é ser uma boa menina — observou mr. Beavis com um ar paternal e bonacheirão e piscando os olhos. — E agora eu espero que você, James, siga o bom exemplo.

Tão intensos eram o seu enjoo e a sua cólera, que James não ousou falar, com medo de dizer qualquer coisa de ofensivo. Contentou-se com sacudir levemente a cabeça.

— E você? Não prova o *chocolat*? — perguntou mr. Beavis, voltando-se para Anthony. — Tenho certeza de que você há de ter pena do pudim. — E, vendo Anthony servir-se, ajuntou: — Ah, muito bem. Assim é que... — hesitou durante uma fração de segundo — ... assim é que se devora um doce!

CAPÍTULO XVI

17 de junho de 1912

A FLUÊNCIA COM QUE ANTHONY FALAVA, enquanto se encaminhavam para a estação, era sintomática do sentimento íntimo de culpa que o dominava. Aquela linguagem derramada, a atenção pronta que prestava ao que dizia o outro, era tudo uma maneira de reparar o mal que havia leito a Brian a noite anterior. Não que Brian tivesse proferido palavras de censura. Parecia, ao contrário, esforçar-se no sentido especial de não fazer a mais leve referência à ofensa da véspera. E Anthony valia-se do silêncio do amigo para adiar qualquer menção do caso desagradável de Mark Staithes. Sem dúvida que ele haveria de ter uma ocasião de falar de toda essa questão execrável (como eram aborrecidas as pessoas, com as suas querelas complicadas!); por enquanto, porém ele se tranquilizava, achando que seria melhor esperar... esperar até que Brian se referisse ao caso. Entrementes, sua consciência preocupada constrangia-o a mostrar-se de uma amabilidade fora do comum para com Brian, esforçando-se especialmente em ser interessante e em se mostrar interessado. Interessado na poesia de Edward Thomas, ao descerem a rua Beaumont; em Bergson, quando estavam diante de Worcester; na nacionalização das minas de carvão, ao atravessarem Hythe Bridge; e, finalmente em Joan Thursley, quando se viram debaixo do viaduto e ao se aproximarem da estação.

— É extr-traordinário — disse Brian, rompendo, com visível esforço, um longo silêncio preparatório — que você n-n-nunca a t-tenha encontrado.

— *Dis aliter visum* — respondeu Anthony no melhor estilo clássico de seu pai. Conquanto, se ele tivesse aceitado o convite da sra. Foxe para passar uns tempos em Twyford, os deuses lhes tivessem naturalmente, refletia ele,

transformado o espírito.

— Eu qu-quero que v-vocês se estimem — dizia Brian.

— Tenho certeza que haveremos de nos estimar.

— À primeira v-vista, não parece possuir grandes d-d-d... — Começou de novo, com paciência: — não parece possuir grandes d-dotes. À pr-primeira vista é assim. A gente pensa que ela s-só se interessa pela vida do c-c-c... — Mas “campo” não pôde ser pronunciado e ele se viu forçado a um circunlóquio aparentemente afetado: — por assuntos rurais. C-cães e p-passarinhos e coisas assim.

Anthony fez sinal de que compreendia e, lembrando-se, de repente, daqueles canários-da-terra cospe-cospe e toutinegras mijonas dos dias do Bulstrode, não pôde deixar de esboçar um sorriso imperceptível.

— Mas quando a gente p-passa a conhecê-la melhor — continuou Brian com dificuldade — então é que a gente d-d-descobre nela uma p-porção de coisas qu-qu-que antes nem suspeitava. Ela s-sente a p-p-p... o v-verso de um modo extr-traordinário. W-wordsworth e M-meredith, por exemplo. F-fico sempre admirado d-de ver como s-s-são excelentes os seus j-juízos críticos.

Anthony sorriu consigo, sarcástico. Seria, mesmo, Meredith?

O outro calou-se, pensando em como deveria explicar, ou se deveria mesmo tentar explicar. Tinha tudo contra si — sua incapacidade física, a dificuldade de traduzir em palavras o que tinha a dizer, a possibilidade de Anthony não querer, sequer, compreender o que ele dissesse, apresentar o seu álibi de cinismo fingindo achar-se absolutamente ausente.

Brian pensava no primeiro encontro que tiveram. O embaraço que sentiu ao descobrir duas pessoas estranhas na sala de visitas, quando entrou para tomar chá, vermelho e ainda com os cabelos molhados da chuva. Sua mãe pronunciou um nome: — A sra. Thursley. — A esposa do novo vigário, imaginou ele, ao apertar a mão da mulher magra e canhestra. Tinha umas maneiras tão insinuantes que falava ceceando. Seu sorriso era de uma limpidez deliberada.

— E esta é Joan.

A mocinha estendeu-lhe a mão e, ao apertá-la, ele sentiu que o seu corpo esbelto como que procurava furtar-se à presença de um estranho, num

movimento de timidez que era todavia adoravelmente gracioso, tal qual uma árvore tenra cedendo ao sopro do vento. jamais tinha ele visto um gesto tão belo e, ao mesmo tempo, capaz de sensibilizá-lo tanto.

— Temos ouvido dizer que você é um grande conhecedor de aves — disse a sra. Thursley com uma polidez incômoda e aumentando ainda o fulgor daquele seu sorriso, já de si tão luminoso e tão profissionalmente cristão. — Pois Joan também. É uma verdadeira ornitologista.

A mocinha enrubesceu e murmurou um protesto.

— Será para ela um prazer ter alguém com quem conversar a respeito dos seus queridos pássaros. Não é mesmo, Joanie?

Joan estava tão embaraçada que nem sequer podia falar.

Vendo-a assim, de face voltada e enrubescida, Brian encheu-se de compaixão e ternura. Seu coração começou a bater com força. Com um misto de medo e contentamento, percebeu que havia acontecido algo de extraordinário, algo de irrevogável.

Continuando em suas recordações, lembrou-se daquela outra ocasião, uns quatro ou cinco meses antes, em que estiveram juntos em casa do tio dela, em East Sussex. Na ausência dos pais, dir-se-ia transformada, não noutra pessoa, mas em si própria, no seu “eu” fundamental, na menina feliz e expansiva que lhe era impossível ser em casa. Pois em casa vivia constrangida. As rabugens constantes e os ocasionais acessos de mau humor do pai enchiam-na de medo. E, embora amasse muito sua mãe, sentia-se prisioneira da afeição dela, tinha a consciência vaga de estar sendo explorada por essa afeição. E finalmente havia a atmosfera fria e entorpecente da pobreza distinta em que viviam, a tensão contínua da luta no sentido de manter as aparências, de conservar a superioridade social. Em casa, era impossível a Joan ser integralmente ela mesma; ali, porém, naquela casa espaçosa de Iden, na quietude daquela casa, na acessibilidade de seus habitantes, sentia-se livre e feliz, de uma felicidade que a transfigurava. Deslumbrado, Brian sentiu recrudescer o amor que já lhe tinha.

Lembrou-se do dia em que tinham ido passear nas terras pantanosas de Winchelsea. Os espinheiros estavam em flor; toda a ampla e plana extensão da relva estava pontilhada de carneiros e cordeiros, formando manchas brancas

aqui e ali, como constelações; em cima, o céu vestia-se de nuvens brancas que o vento fazia deslizar. Quadro de indescritível beleza! E pareceu-lhe, de súbito, que era através da imagem de seu amor que estavam caminhando. O mundo era o seu amor e o seu amor, o mundo; e o mundo tinha uma significação profunda, cada vez mais profunda e mais misteriosa. A prova da bondade de Deus pairava naquelas nuvens, movia-se com aqueles carneiros que pastavam, cintilava na florescência incandescente dos arbustos — e caminhava com ele e com Joan, de mãos dadas, por sobre a relva, revelando-se na felicidade que sentiam. Seu amor, ao que lhe parecia, naquele momento apocalíptico, era qualquer coisa mais do que simplesmente dele; era, não sabia bem por que mistério, o equivalente daquele vento e daquele sol, o reflexo dos raios brancos sobre o verde e o azul da primavera. O que ele sentia por Joan estava como que implícito no mundo, tinha um sentido divino e universal. Amava-a infinitamente e, por essa razão, sentia-se capaz de amar, tanto quanto a ela, todas as coisas do mundo.

A recordação desses fatos era-lhe preciosa, sobretudo agora, depois que os seus sentimentos tinham sofrido uma modificação qualitativa. Transparente e puro como água de fonte, esse seu amor infinito cristalizara-se, com o correr do tempo, em desejos específicos.

*Et son bras et sa jambe, et sa cuisse et ses reins,
Polis comme de l'huile, onduleux comme un cygne,
Passaient devant mes yeux clairvoyants et sereins,
Et son ventre et ses seins, ces grappes de ma vigne.*

Desde quando, pela primeira vez, Anthony lhe fizera ler o poema, esses versos lhe tinham sempre obsidiado a imaginação; a princípio impessoalmente; mais tarde, porém, eles se haviam associado definitivamente à imagem de Joan. *Polis comme de l'huile, onduleux comme un cygne.* Não havia de esquecer. As palavras lhe haviam aderido ao espírito, indelevelmente, como um remorso, como a memória de um crime.

Quando entraram na estação, verificaram que tinham ainda quase cinco minutos de espera. Os dois jovens puseram-se a passear lentamente, indo e voltando, ao longo da plataforma.

Num esforço tendente a aplacar a vexatória obsessão daqueles seios, daquele ventre de uma polidez de óleo, Brian prosseguiu enfim: — Minha mãe gosta muito dela.

— Isso é motivo de grande satisfação — disse Anthony; não tinha, porém, terminado de pronunciar essas palavras, quando sentiu que exagerava, que superestimava a aprovação. Se ele se enamorasse de alguma menina, certamente que não iria levá-la e submetê-la à inspeção do pai e da Paulina. Aprovação! Mas, afinal, para falar verdade, isso de aprovar ou de desaprovar era coisa que não lhes competia. Sem dúvida que a sra. Foxe era diferente; podia-se tomá-la mais a sério do que Paulina ou seu pai. Mas, ainda assim, não se havia de querer a interferência nem mesmo da sra. Foxe. — Com efeito, prosseguia ele em seu raciocínio, sua interferência seria provavelmente recebida com desagrado, desagrado ainda maior do que se se tratasse de outra pessoa e isso em virtude de sua superioridade moral. Pois essa superioridade constituía uma espécie de reivindicação, conferia-lhe certos direitos sobre outras pessoas. Não era assim coisa tão fácil deixar de tomar em consideração a sua opinião, como se podia fazer, por exemplo, com a opinião de Paulina. Gostava muito da sra. Foxe, respeitava-a e admirava-a. Mas por isso mesmo era que ele a sentia como uma ameaça virtual à sua liberdade. Pois ela poderia — e, em verdade, haveria, com certeza, de fazê-lo se fosse informada — opor-se ao modo de ele encarar as coisas. E embora suas críticas se baseassem nos princípios daquele cristianismo liberal dela, e embora não houvesse dúvida nenhuma de que semelhante modernismo era exatamente tão absurdo e, a despeito de pretender ser científico, tão irremediavelmente fora dos limites do racionalismo quanto o mais extravagante fetichismo — contudo, as palavras dela, por serem dela, apresentavam uma ponderabilidade tal que não podiam deixar de ser tomadas em consideração. E aí estava por que ele fazia tudo quanto podia para não se colocar em posição de ter que escutá-las. Já havia mais de um ano que ele tinha aceitado seu convite para passar algum tempo com eles no campo. *Dis aliter visum*. Mas era com certo nervosismo que antevia seu iminente encontro com ela.

O trem entrou bufando na estação. E ali, um minuto mais tarde, estavam

todos eles, na outra extremidade da plataforma

— Mr. Beavis no seu terno cinzento, Paulina ao lado dele, imensa no seu vestido cor de malva, com uma vermelhidão apoplética no rosto, produzida pela sombra da sua sombrinha cor de malva, e, atrás deles, a sra. Foxe, ereta e majestática, e uma menina alta com um chapéu de abas largas e um vestido florido.

Mr. Beavis adotou como saudação uma atitude herói-cômica que Anthony achou particularmente irritante. — Seis almas preciosas — citou, dando palmadinhas no ombro do filho. — Ou antes, somente quatro almas preciosas, mas todas impacientes de vencerem obstáculos, de se atirarem à aventura.

— Então, Anthony — disse a sra. Foxe com uma voz musical e afetuosa. — Há quanto tempo não o via.

— E verdade. Há muito tempo. — Ele riu, um tanto embaraçado, tentando recordar-se daquelas razões estudadas que dera para não aceitar o convite que ela lhe havia feito. Custasse o que custasse, era preciso não se contradizer. Fora na Páscoa ou no Natal que a necessidade de trabalhar no Museu Britânico o tinha retido em Londres? Sentiu que lhe batiam no braço e, grato por esse pretexto para interromper a conversa embaraçante, voltou-se bruscamente.

— J-Joan — dizia Brian à mocinha de vestido florido — este é o A-Anthony.

— Muito prazer — murmurou ele entredentes. — Já a conhecia através de muitas referências do... — Notou que os seus cabelos eram bonitos, que os seus belos olhos castanhos tinham um brilho e um ardor particular. Mas o perfil acusava linhas demasiadamente acentuadas; e, embora os lábios fossem bem talhados, tinha a boca muito larga. Qualquer coisa de leiteira, foi a sua conclusão. E depois, o vestuário, confecção doméstica, absolutamente não lhe agradava. Preferia qualquer coisa mais urbana.

— Bem, siga na frente e conduza-nos, Macduff — disse mr. Beavis.

Deixaram a estação e, lentamente, pelo lado sombrio da rua, foram andando para o centro da cidade. Ainda alegremente gilpinesco, como se (e isso irritava particularmente a Anthony) a expedição desse dia fosse a sua primeira excursão de férias num período de vinte anos, mr. Beavis abundava em gracejos

da gíria usada em Oxford no seu tempo de estudante. A sra. Foxe escutava, sorria nos momentos apropriados, fazia perguntas adequadas. Paulina queixava-se, de vez em quando, do calor. Seu rosto luzia; e, caminhando silencioso e triste ao lado dela, Anthony notava, enjoado, que aquele cheiro que lhe era peculiar se tornava cada vez mais intenso e desagradável. De quando em quando ele distinguia pedaços de frases que vinham de trás dele, da conversa entre Brian e Joan. — ... um falcão enorme — dizia ela. Falava com entusiasmo e rapidez. — Deve ter sido um busardo. Ele n-não tinha umas r-riscas na c-c-c... na cauda? — Isso mesmo. Riscas escuras sobre fundo cinzento-claro. — E-então é f-f-fêmea. As f-fê-meas têm ri-riscos nas c-caudas. — Anthony sorria consigo, sarcasticamente.

Iam atravessando o Ashmolean, quando uma mulher, que saía do museu a passo lento e com ar desconsolado, fez de repente um sinal com a mão para eles e, gritando primeiro o nome de mr. Beavis e depois, quando todos se voltaram para olhá-la, o da sra. Foxe, desceu correndo a escada na direção do grupo.

— Ué! É Mary Champernowne — disse a sra. Foxe. — Mary Amberley, deveria eu dizer. Ou, talvez, não deveria dizer, refletia ela, lembrando-se de que os Amberleys estavam divorciados.

O nome e a fisionomia tão conhecida evocaram no espírito de mr. Beavis apenas uma sensação agradável de reconhecimento e surpresa. Erguendo bem alto o chapéu, a parodiar consciente e comicamente um floreio dos velhos tempos, disse à recém-chegada: — Seja bem-vinda, prezada dama.

Mary Amberley apertou a mão que lhe estendeu a sra. Foxe. — Que feliz encontro! — exclamou, esbaforida. A sra. Foxe estava surpreendida de tanta cordialidade. A mãe de Mary era sua amiga; mas Mary mantivera-se sempre a distância. E além disso, desde seu casamento, tinha vivido em um mundo que a sra. Foxe não conhecia e, por princípio, desaprovava. — Que feliz e maravilhoso encontro! — repetiu a outra ao voltar-se para mr. Beavis.

— A felicidade é toda nossa — disse ele galantemente. — Já conhece a minha esposa, não? E o jovem paladino? — Seus olhos piscavam; os cantos da boca, debaixo do bigode, contraíram-se, caricatos. E segurando Anthony pelo braço: — O jovem servidor das instituições?

Ela sorriu para Anthony. Um sorriso estranho, segundo ele notou; um sorriso tortuoso, em que os lábios não se desuniam, parecendo conter um sentido secreto. — Há anos que não o vejo — disse ela. — Desde... — Evidentemente, desde as cerimônias fúnebres da primeira sra. Beavis. Mas isso não era coisa fácil de se dizer. — Desde quando você era deste tamanho! — E, erguendo a mão enluvada à altura dos olhos, mediu, entre o polegar e o indicador, um espaço de cerca de uma polegada.

Anthony riu nervoso, intimidado e ao mesmo tempo entusiasmado de tanta graça, tanta naturalidade, tanta vivacidade.

A sra. Amberley apertou a mão de Joan e Brian; depois, voltando-se para a sra. Foxe e como que explicando aquela cordialidade anormal, disse: — Eu estava na situação de um Robinson Crusóe. Insulada. — Demorou-se, com uma insistência cômica, na pronúncia da primeira sílaba. — Absolutamente in-sulada. Dominando, qual um monarca, tudo quanto eu examinava. — E enquanto iam, devagar, atravessando St. Giles's, passou a contar uma história complicada a respeito de sua ida aos Cotswolds; de um encontro com algumas pessoas amigas marcado para o dia 18 em Oxford, ao voltar de Cotswolds; de sua partida de Chipping Campden; de sua chegada pontual ao local do encontro, de como tivera que esperar e se impacientara e se enfurecera e, finalmente, acabara por descobrir que tinha chegado um dia antes: no dia 17. — Isso é bem do meu feitio.

Todos riram a bom rir. Pois ela sabia entremear a sua narrativa de fantasias e extravagâncias imprevistas e, além disso, tinha, ao narrar, uma maneira extraordinariamente sutil de modular a voz para adaptá-la às palavras — uma voz que sabia quando devia acelerar-se sem tomar fôlego, quando arrastar-se, lenta, quando atenuar-se, ir-se apagando a ponto de se tornar quase inaudível e enriquecendo-se, então, de ideias subentendidas e implícitas.

Até mesmo a sra. Foxe, que tinha o propósito especial de não se divertir — por causa do tal divórcio — não pôde deixar de achar graça na história.

Para Mary Amberley, o riso deles era como champanhe: aquecia-a, produzia-lhe cócegas em todo o corpo. Não havia dúvida que eles eram de uma

chatice única; que eram uns ignorantes. Mas o aplauso, ainda mesmo quando dos maçadores e dos ignorantes, é sempre o aplauso e é sempre inebriante. Tinha um brilho nos olhos e as faces rubras. — Isso é bem do meu feitio e não tem remédio! — disse mais uma vez, lamurienta, quando os risos haviam cessado; mas o gesto com que procurava depreciar-se, diminuir-se a si mesma, era uma caricatura; na realidade, ela sentia-se orgulhosa de sua incompetência, considerava-a como parte de seu encanto feminino. — Em todo caso — concluiu — o que eu era... era apenas uma náufraga. Inteiramente só numa ilha deserta.

Caminharam, um momento, em silêncio. O pensamento de que ela teria que ser convidada para almoçar com eles era um pensamento que estava em todos os espíritos — pensamento que na sra. Foxe se mesclava ao vexame e em Anthony ao desejo e ao embaraço. O almoço era servido em seus aposentos; na qualidade de anfitrião, era seu dever convidá-la. O que ele, aliás, desejava — desejava vivamente, ardentemente. Mas que diriam os outros? Não deveria ele, em todo caso, consultá-los primeiro? Mr. Beavis veio tirá-lo do embaraço, fazendo a sugestão por sua conta e risco.

— Acho... — hesitou; depois, piscando os olhos, continuou: — Acho que no nosso “festim” vai tomar parte mais um conviva, não, Anthony?

— Mas eu não quero importunar — protestou ela, voltando-se do pai para o filho. E notou que ele era um belo rapaz, parecendo sensível e inteligente.

— Mas, de modo nenhum... — pôs-se a repetir Anthony, sério e, ao mesmo tempo, incoerente — de modo nenhum...

— Bem, se é realmente assim... — Agradeceu-lhe com um sorriso de súbita intimidade, quase de cumplicidade — como se um laço os prendesse um ao outro, como se de toda aquela gente eles fossem os únicos capazes de compreender as coisas como elas realmente eram.

Depois do almoço, deviam mostrar a Joan as vistas de Oxford. Mr. Beavis tinha um encontro marcado com um colega na Woodstock Road. Paulina achou que não seria mau passar o tempo calmamente e sem fazer nada, até à hora do chá. Deixaram, pois, que Anthony entretivesse Mary Amberley. A responsabilidade era deliciosamente alarmante.

No carro que os conduzia a Magdalen Bridge, a sra. Amberley voltou-se para ele, tendo no rosto uma expressão viva de malícia súbita.

— Livres, enfim! — disse ela.

Anthony concordou sacudindo a cabeça e retribuiu-lhe o sorriso, com um ar de entendido, de quem estivesse conspirando.

— Eles estavam difíceis de aturar — disse. — Acho que lhe devo pedir desculpas.

— Uma coisa em que muitas vezes tenho pensado é em fundar uma liga pró-abolição das famílias — prosseguiu ela. — Não deveria ser permitido aos pais aproximarem-se dos filhos.

— É o que pensava Platão — disse ele com certo pedantismo.

— Sim, mas Platão queria que os filhos fossem tiranizados pelo Estado, em vez de o serem pelos pais e mães. E eu não quero que eles sejam tiranizados por ninguém.

Ele arriscou uma pergunta pessoal: — Também já foi tiranizada?

Mary Amberley fez sinal que sim. — Horrivelmente. Poucos filhos têm sido mais amados do que eu fui. Foram verdadeiras surras de afeição que eu recebi. Fizeram de mim uma estropiada mental. Levei anos a curar-me da deformidade. — Seguiu-se um silêncio. Depois, perturbando-o com um olhar de quem examina um artigo à venda, ela disse: — Lembra-se? A última vez que o vi foi por ocasião do enterro de sua mãe.

A associação subterrânea entre essa observação e o que pouco antes se passara fê-lo corar, sentir-se como culpado da inconveniência das más companhias. — Lembro-me, sim — murmurou, contrariado consigo mesmo por sentir tanto embaraço e, ao mesmo tempo, algo envergonhado de ter consentido, sem o menor protesto, nessa referência, embora implícita e remota, à sua mãe, de ter mesmo sentido tão pouco desejo de protestar.

— Você, nessa época, era um garoto horrível, pouco asseado — continuava ela, olhando ainda para ele como quem examina. — Como são sempre feios os garotos dessa idade! Parece incrível que eles venham a ser um dia criaturas humanas apresentáveis. É verdade — acrescentou — que muitos deles não o conseguem ser. É triste pensar, não acha? Quanta gente por aí existe repugnante

de corpo e de espírito, de uma estupidez tremenda e uma capacidade sem limites de aborrecer o próximo!

Foi com um violento esforço de vontade que Anthony conseguiu dominar seu embaraço. — Espero não ser um desses. — disse, pondo os olhos nos olhos dela.

A sra. Amberley sacudiu a cabeça e, num tom grave e decidido, respondeu: — Não. Eu estava justamente pensando como você escapou galhardamente dos horrores da infância.

Ele tornou a enrubescer, mas, desta vez, de prazer.

— Vamos ver: que idade tem agora? — perguntou ela.

— Vinte — quase vinte e um.

— E eu vou completar trinta no próximo inverno. É esquisito — acrescentou — como estas coisas mudam de sentido. A última vez que o vi, aqueles nove anos eram como um imenso abismo entre nós dois. Abismo intransponível, parecia-me então. Pertencíamos a espécies diferentes. E, no entanto, aqui estamos nós, sentados do mesmo lado do abismo, como se fosse a coisa mais natural do mundo; o que, aliás, e em verdade, não deixa de ser, atualmente. — Voltou-se e atirou para ele aquele sorriso secreto e significativo, de lábios pregados. Um fulgor estranho dançava-lhe nos olhos escuros. — Ah, ali está Magdalen — continuou, sem dar a Anthony tempo de comentar-lhe as palavras; e isso foi para ele um grande alívio; pois, na excitação e embaraço em que se encontrava, não teria sabido o que dizer. — Que coisa desoladora, esse estilo gótico! Que coisa sórdida! Não é de estranhar que Gibbon não tivesse em grande conta a Idade Média! — Calou-se de repente, lembrando-se da ocasião em que seu marido fizera essa mesma observação a respeito de Gibbon. Isso foi logo um mês ou dois depois que se tinham casado. Ela se sentira chocada e espantada com essas críticas desabusadas de coisas que ela aprendera a considerar como sagradas e acima de qualquer juízo — chocada, mas, também, emocionada, também deleitada. Pois não era realmente divertido ver as coisas sagradas atacadas assim, de todos os lados? E naqueles dias Roger era ainda adorável. Suspirou; depois, um tanto irritada, procurou banir do espírito o sentimentalismo e continuou a discorrer sobre aquela arquitetura odiosa.

A carruagem parou na ponte; eles desceram e foram a pé até a garagem dos barcos. Reclinada sobre os coxins da chalana, Mary Amberley estava silenciosa. De vara em punho, Anthony ia, muito devagar, impelindo o barco contra a corrente. De olhos semicerrados, Mary Amberley via a paisagem verde passar, deslizando. O verde-escuro das árvores arqueava-se por sobre as sombras azeitonadas e os reflexos fulvo-esverdeados da água; e entre as manchas crepusculares dessa abóbada verde, os prados áureo-verdes eram como ilhas de ulmeiros. E sempre aquele cheiro suave, aquele cheiro de mato que se sentia no rio; e aquele ar tão brando e tépido junto ao rosto, que já quase não se tinha mais consciência do limite entre o “eu” e o “não eu”, de nenhuma superfície divisória, mas, ao contrário, se sentia o “eu” fundir-se, num torpor, fundir-se no verão circunstante.

De pé na popa, Anthony podia baixar o olhar para ela, como de uma posição vantajosa. Ela jazia-lhe aos pés, lânguida e em abandono. Manejando sua comprida vara com uma prática de profissional, da qual se orgulhava, sentia, ao contemplá-la, a alegria de ser forte e superior. Já não havia agora nenhum abismo entre eles. Ela era uma mulher e ele um homem. Erguendo no ar a vara, atirou-a para a frente com um movimento fácil e gracioso, sem precipitação, seguro de sua força. Fincou-a na lama, contraiu os músculos contra a resistência que ela opunha; o barco singrou as águas, a extremidade da vara alçou-se do leito do rio, roçou pelo chão por um momento e foi de novo, com graça, facilidade e mestria, arrojada para a frente. De repente, ela descerrou as pálpebras e olhou para ele com aquele mesmo olhar que era um exame e que tanto o embarçara quando estavam no carro. A confiança em sua varonilidade evaporou-se como por encanto.

— Meu pobre Anthony — disse ela enfim, com um sorriso súbito que dava a impressão de tornar-lhe o rosto mais próximo. — O simples fato de olhar para você enche-me de ardor.

Depois de parar e firmar o barco, ele aproximou-se e sentou-se no lugar que ela, afastando as saias, lhe arranjava sobre a almofada, a seu lado.

— Não creio que seu pai o tirenize muito — disse ela tornando ao assunto da conversa do carro.

Ele balançou a cabeça.

— Tampouco o corrompe com um excesso de afeição, segundo imagino.

Anthony sentiu, sem o esperar, um sentimento de lealdade para com o pai.

— Acho que ele sempre gostou muito de mim.

— Oh, naturalmente — disse a sra. Amberley com impaciência. — Eu nunca imaginei que ele o maltratasse, que o espancasse.

Anthony não pôde deixar de rir. O espetáculo de seu pai correndo atrás dele de porrete na mão era de um cômico irresistível. Depois, mais sério, disse: — Ele nunca se aproximou de mim suficientemente para poder bater-me. Houve sempre, entre nós dois, um grande abismo.

— Isso, sim; a gente sente logo que ele é hábil nessa coisa de cavar abismo. Entretanto, parece que sua madrasta se arranja com ele às mil maravilhas. Como já acontecia com sua mãe. É, pelo menos, o que eu acho. — Balançou a cabeça.

— Também, o casamento é uma coisa tão esquisita, tão inexplicável. Estamos sempre vendo os casais da mais evidente incompatibilidade viverem sempre unidos, ao passo que vivem separados os mais evidentemente compatíveis. As pessoas maçadoras, aborrecidas, insuportáveis são adoradas e as pessoas adoráveis são detestadas. Por quê? Sabe Deus por quê. Mas suponho que se trata geralmente do que Milton chama o Leito Obsoleto. — Demorou-se grotescamente na pronúncia da primeira sílaba da palavra “obsoleto”; mas Anthony estava tão ansioso de não parecer chocado com a referência ao que ele sempre considerara como indigno de ser mencionado em presença de uma senhora, que nem sequer riu — pois o riso poderia ser interpretado como reação automática à liberdade de linguagem, por parte de um colegial. Não riu, nem sequer sorriu; mas, muito sério, como se estivesse admitindo a verdade de um teorema de geometria, sacudiu a cabeça, concordando, e disse em tom grave e judicioso: — Sim, suponho que é geralmente disso que se trata.

— Coitada da sra. Foxe — continuou Mary Amberley. — Eu imagino que, no caso dela, havia um mínimo de genialidade.

— Conheceu o marido dela? — perguntou ele.

— Somente quando criança. E, depois de certa idade, uma criança é tão aborrecida quanto outra qualquer. Mas minha mãe frequentemente me falava

dele. Um perfeito animal. E a virtude em pessoa. Deus me defenda de um animal virtuoso! Os viciosos são bastante maus; mas, ao menos, nunca são bestiais por princípio. São inconsequentes; às vezes, por engano, conduzem-se bem. Ao passo que os virtuosos — estes nunca se esquecem nem se enganam; são bestiais em todas as ocasiões. Pobre mulher! Teve uma vida de cachorro, ao que me parece. Mas também me parece que ela está tendo uma continuação dessa vida com o filho.

— Ao contrário, ela o adora — protestou ele. — E Brian adora-a igualmente.

— É exatamente o que eu estou dizendo. Todo o amor que ela nunca recebeu do marido, todo o amor que ela nunca lhe deu, expande-se agora sobre esse miserável rapaz.

— Mas ele não é miserável.

— Talvez que ele não o saiba, pode ser. Por enquanto. Mas espere um pouco! — E depois de breve pausa, a sra. Amberley continuou: — Você tem sorte. Muito mais sorte do que imagina.

CAPÍTULO XVII

26 de maio de 1934

LITERATURA PRÓ-PAZ — DE QUE ESPÉCIE? Podemos circunscrevê-la à vida econômica: barreiras comerciais, desorganização da moeda, empecilhos à migração, tendência dos interesses privados à obtenção de lucros a todo custo. E assim por diante. Podemos circunscrevê-la à vida política: perigo do conceito de Estado soberano como um ser absolutamente imoral, cujos interesses não se conciliam com os de outros Estados soberanos. Podem propor-se remédios políticos e econômicos — acordos comerciais, arbitragem internacional, garantia coletiva. Prescrições sensatas seguindo-se a uma diagnose segura. Mas já foi feita de modo satisfatório essa diagnose? E o paciente seguirá o tratamento prescrito?

Essa pergunta foi feita no correr da discussão que hoje tive com Miller. Resposta negativa. O paciente não pode seguir o tratamento prescrito, por um bom motivo: que o paciente não existe. Estados e Nações não existem como tais. O que há, são apenas pessoas. Grupos de pessoas vivendo em certas áreas, tendo certas obrigações. As nações não modificarão as suas políticas nacionais, a menos e até que as pessoas modifiquem suas políticas privadas. Todos os governos, mesmo o de Hitler, mesmo o de Stálin, mesmo o de Mussolini, são representativos. O comportamento nacional de hoje é uma projeção em larga escala do comportamento individual de hoje. Ou antes, para ser mais exato, uma projeção em larga escala dos desejos e intenções secretas dos indivíduos. Pois todos nós gostaríamos de nos comportar muito pior do que o permitem a nossa consciência e o respeito da opinião pública. Uma das grandes seduições do patriotismo está em que ele realiza os nossos piores desejos. Na pessoa de nossa nação somos capazes de, por delegação, tyrannizar e fraudar. E mais, tyrannizar e

fraudar com a sensação de sermos profundamente virtuosos. É doce, é decoroso assassinar, mentir, torturar por amor à pátria. As boas políticas internacionais são projeções das boas intenções e benévolos desejos individuais, e devem ser da mesma espécie que as boas políticas interpessoais. A propaganda pacifista deve visar às pessoas tanto quanto aos seus governos; deve começar simultaneamente na periferia e no centro.

Fatos empíricos:

Um. Todos nós somos capazes de sentir amor por outros seres humanos.

Dois. Impomos limitações a esse amor.

Três. Podemos transcender a todas essas limitações se nos aprouver. (É uma questão de observação que, quem quer que o deseje, poderá vencer a repugnância pessoal, o sentimento de classe, o ódio nacional, o preconceito de cor. Não é coisa fácil; mas pode conseguir-se, se tivermos vontade e soubermos pôr em prática as nossas boas intenções.)

Quatro. Amor que se manifesta em bom tratamento cria amor. Ódio que se manifesta em mau tratamento cria ódio.

À luz desses fatos é óbvio quais deveriam ser os comportamentos políticos entre pessoas, entre classes, entre nações. Mas, ainda uma vez, o saber não basta. Saber, todos nós sabemos; onde quase todos nós fracassamos é em fazer. E a questão está, habitualmente, em achar os melhores métodos de dar cumprimento às intenções. Entre outras coisas, a propaganda da paz deve consistir numa série de instruções para a arte de modificar o caráter.

Vejo

Que, assim como em mim mesmo eu trago o meu castigo,

Os réprobos assim, senão pior, consigo

Trazem sua maldição em seus corpos suados.

O inferno é a incapacidade de sermos diferentes da criatura segundo a qual ordinariamente nos comportamos.

Depois de deixar Miller e quando ia a caminho de casa, descí ao mictório público de Marble Arch e, aí, topei com Beppo Bowles muito interessado numa conversa com um desses jovens sem chapéu e de calças de flanela, que dão a

impressão de serem estudantes e não passam, ao que suponho, de simples empregados de escritório ou de balcão. Um misto de exaltação e de ansiedade se estampava no rosto de Beppo. Feliz, deixando-se inebriar de antegoço e emoção e, ao mesmo tempo, com uma ansiedade e um medo horríveis. No caso de fracassar — indescritível humilhação! No caso de não fracassar — perigos tremendos! Desejo frustrado, se houvesse insucesso, golpe cruel no orgulho, a personalidade ferida em sua raiz mesma. E, se houvesse êxito, medo (em meio a todo o triunfo) de sevícias e de complicações policiais. Pobre diabo! Ficou num embaraço horrível quando me viu. Fiz apenas um sinal de cabeça e fui passando. O inferno de Beppo — um mictório subterrâneo, ou melhor, filas de mictórios estendendo-se até ao infinito em todas as direções e um rapaz em cada um deles. Beppo andando para lá e para cá ao longo dessas filas, perenemente — com seu corpo suado, senão pior.

CAPÍTULO XVIII

8 de dezembro de 1926

ESTAVAM CHEGANDO MAIS CONVIDADOS — NA maior parte, gente moça, amigos de Joyce e Helena. Atravessavam, protocolarmente, o salão até o canto extremo em que a sra. Amberley estava sentada entre Beppo Bowles e Anthony, davam boa-noite e depois, afastando-se, entravam a dançar.

— Eles nos relegam, com a maior sem-cerimônia, ao nosso lugar de gente madura — disse Anthony; mas a sra. Amberley ou preferiu não ouvir a observação, ou então estava verdadeiramente absorta no que lhe dizia Beppo, gritando e sibilando de entusiasmo, acerca de Berlim, o lugar mais divertido da Europa hoje em dia! Em que outro lugar se poderiam encontrar, por exemplo, aquelas mulheres para masoquistas? Nas botas de montar; sim genuínas botas de montar! E o Museu de Sexologia: aquelas fotografias e modelos de cera — verdadeiros *trompe-l'oeil* — aqueles estupefacientes objetos de chifre vindos do Japão, e aquelas estranhas e engenhosas roupas para exibicionistas! E todos aqueles deliciosos barzinhos lesbianos, todos aqueles cabarés onde os rapazes se vestem de mulher...

— Aí vem Mark Staithes — disse a sra. Amberley, interrompendo-o, e fazendo um gesto para um homem um tanto baixo, de ombros largos, que acabava de entrar no salão. — Não me lembro agora — disse ela, voltando-se para Anthony — se você o conhece.

— Conheço-o apenas desde estes últimos trinta anos — respondeu ele, sentindo mais uma vez certo prazer delicioso em exagerar o fato de sua mocidade morta. Dado que ele já não fosse mais jovem, então Mary já havia nove anos que tinha deixado de ser jovem.

— E, assim mesmo, com longos intervalos — explicou. — Durante a guerra e depois durante todo o tempo em que ele esteve no México. E, desde que ele está de volta, são raríssimas as vezes em que o tenho visto e, sempre, muito ligeiramente. É um prazer para mim esta oportunidade...

— É um tipo excêntrico — disse Mary Amberley, lembrando-se de quando ele viera pela primeira vez a sua casa, logo que regressara do México, havia uns dezoito meses. Seu aspecto, suas maneiras de eremita selvagem e fanático tinham exercido sobre ela uma atração violenta. Ela se servira de todos os meios possíveis para seduzi-lo, mas sem o mínimo efeito. Ele não se dera por achado; e isso, de um modo tão completo e absoluto, que ela não sentiu má vontade alguma para com ele em consequência da recusa, convencida que estava de que, de fato, não houvera recusa, mas apenas uma manifestação de sintomas, ou, segundo judiciosamente diagnosticou, de impotência, ou, menos provavelmente (se bem que, certamente, *não* se pudesse ter *já* a certeza) de homossexualismo. — Um tipo excêntrico — repetiu, resolvendo aproveitar a primeira oportunidade para consultar Beppo sobre o homossexualismo. Ele com certeza havia de saber. Eles sempre se conheciam uns aos outros. Depois, com um aceno, gritou para Mark através do barulho do gramofone: — Venha sentar-se aqui conosco, Mark.

Staites atravessou a sala, puxou uma cadeira e sentou-se. O cabelo já lhe rareava na frente, e por cima das orelhas já estava ficando grisalho. O rosto moreno — aquele rosto de eremita fanático que Mary Amberley descobrira exercer uma atração tão estranha — apresentava rugas profundas. Nem uma lisa camada de gordura que lhe obliterasse, que lhe disfarçasse a estrutura interna. Debaixo da pele, cada um dos músculos da face e do queixo parecia projetar-se distinto e separado, como os músculos que se veem nessas estátuas de seres humanos escorchados, feitas para as salas de anatomia do Renascimento. Quando ele sorria — e de cada vez que isso acontecia, era como se a estátua escorchada tivesse recebido o sopro da vida e estivesse exprimindo sua agonia — podia-se acompanhar todo o mecanismo das contrações dolorosas: a tração, para cima e para fora, do zigomático maior, o movimento do risório para os lados, a contração dos esfíncteres em torno das pálpebras.

— Interrompo? — perguntou, pondo os olhos penetrantes e inquisitoriais ora num, ora noutro.

— Beppo estava nos falando do que viu em Berlim — disse a sra. Amberley.

— Vim-me embora para livrar-me da greve geral — explicava Beppo.

— Naturalmente — disse Staithes, contraindo o rosto numa angústia desdenhosa.

— Um verdadeiro paraíso! — exclamou Beppo numa explosão incontida.

— Vê-se que tem a mesma impressão de lorde Haldane. É a sua pátria espiritual, não?

— Carnal — corrigiu Anthony.

A felicidade de Beppo era demasiado intensa para ele se confessar culpado e, por isso, limitou-se a casquinar. — Sim, aqueles travestis! — exclamou com verdadeiro enlevo.

— Eu estive lá no inverno passado — disse Staithes. — A negócio. Mas, mesmo assim, a gente não pode deixar de pagar também o seu tributo ao prazer. Aquela vida noturna...

— Não achou divertido?

— Oh, de entusiasmar!

— Isso mesmo! — Beppo estava triunfante.

— Num dado momento, uma daquelas criaturas veio sentar-se à minha mesa — continuou Staithes. — Dancei com ela. Parecia mulher.

— É simplesmente impossível reconhecê-los — exclamou Beppo, entusiasmado, como se o fato o honrasse pessoalmente.

— Quando acabamos de dançar ela pintou um pouco o rosto e bebemos um pouco de cerveja. Depois, ela mostrou-me algumas fotografias indecentes. Essas fotografias de tipo anatômico antiafrodisíaco... Vocês conhecem. Amolecedoras. Talvez por isso é que a conversa também foi amolecendo. Fosse por que fosse, seguiram-se longos silêncios de mal-estar. Nenhum de nós parecia saber o que devia dizer. Dir-se-ia que nos detivera uma calmaria. — Estendeu as mãos magras e nodosas em sentido horizontal, como se as fizesse deslizar por sobre uma superfície perfeitamente plana. — Inapelavelmente

detidos. Até que, de repente, a criatura fez uma coisa notável. Uma das suas manhas, sem dúvida; mas como era a primeira vez que eu via aquilo, a coisa não deixou de produzir impressão. — Você quer ver uma coisa? — perguntou ela. Eu disse que sim e, imediatamente, ela começou a apalpar qualquer coisa por baixo da blusa. — Olhe, agora! — disse, finalmente. Olhei. Ela sorria com um ar vitorioso, como alguém que tivesse jogado o às de trunfo, ou melhor, dois ases de trunfo; pois o que ela deixara cair sobre a mesa era um par. Era um par de soberbos seios artificiais feitos de borracha rósea.

— Oh, mas que coisa revoltante! — exclamou a sra. Amberley, enquanto Anthony ria e Beppo tinha no rosto uma expressão de angústia. — Que coisa revoltante — repetiu ela.

— Revoltante, sim, mas sem deixar de satisfazer — insistia Staithes com um daqueles esgares torturados que passavam, para ele, como sendo um sorriso. — É tão bom quando as coisas se passam como é de esperar que elas se passem — artisticamente, simbolicamente. Dois seios de borracha entre copázios de cerveja — eis aí o que o vício deve ser. E sendo aquilo o que realmente era, ela se sentia como se algo a transformasse. Era inevitável e era lindo. Sim, *lindo* — repetia. — Lindo e revoltante.

— Contudo — Beppo insistia — você não pode negar que muito há que se dizer de uma cidade em que essas coisas podem dar-se. Em público — acrescentou num tom sério — em público, note bem. É o governo mais tolerante do mundo, o governo alemão. Isso você não pode negar.

— Nem nego — disse Staithes. — Ele tolera todo mundo. Não somente raparigas de saias hipotéticas e rapazes de seios de borracha, mas também monarquistas, fascistas, Junker Krupps. Comunistas também, é-me grato dizer. Todos os seus inimigos, de todas as cores.

— E eu acho que isso lhe fica muito bem — disse a sra. Amberley.

— Muito bem, realmente, enquanto os seus inimigos não se levantam contra ele e não o destroem. O que eu só espero é que os comunistas hão de chegar em primeiro lugar.

— Mas, uma vez que são tolerados, por que devem os seus inimigos querer destruí-los?

— Por que não? *Eles* não acreditam na tolerância. E está certo — acrescentou.

— Você é um bárbaro — protestou Beppo.

— Tal qual se deve ser quando se vive na época do obscurantismo, na Idade das Trevas. Vocês, que aí estão... são sobreviventes da época dos Antoninos. — Pôs os olhos, ora num, ora noutro, sorrindo aquele seu sorriso de cara magra. Depois, sacudiu a cabeça. — Estou aqui pensando que vocês ainda estão no primeiro volume de Cibbon, ao passo que nós já estamos no terceiro.

— Você quer dizer que...? Céus! — exclamou, interrompendo-se, a sra. Amberley. — Olhem só quem está ali, o Gerry!

Ao ouvir tais palavras e ao ver Gerry Watchett em pessoa, que vinha do salão de trás, dançando um foxtrote com Helena, Anthony tirou do bolso a carteira e, depressa, examinou-lhe o conteúdo. — Graças a Deus! — disse. — Somente duas libras. — Gerry apanhara-o no mês anterior com dez libras na carteira e, depois de lhe contar uma história de improváveis aperturas, conseguiu arrancá-las todas de empréstimo. Ele não deveria, decerto, ter dado crédito à história, deveria ter resistido ao pedido. Dez libras não era uma quantia de que ele pudesse dispor. Alegara isso, mas faltara-lhe a firmeza para persistir na recusa. Tivera de passar mais de uma quinzena de rigorosa economia para cobrir o déficit que a perda desse dinheiro lhe produzira nas finanças. Economizar era um processo que não lhe agradava; mas negar e continuar negando e receber em troca as importunações e a censura de Gerry, isso teria sido ainda mais desagradável. Estava sempre pronto a sacrificar seus direitos às suas conveniências. Julgavam-no desinteressado e fora com prazer que ele se esforçara por aceitar-lhes o diagnóstico do seu caráter. Mas a consciência de sua verdadeira situação financeira estava sempre alerta. E era rindo que ele recebia essa consciência. Era rindo que ele estava agora. — Somente duas — repetiu. — Felizmente, posso dispor...

Interrompeu-se. Por trás de Mary, Beppo batera-lhe no ombro e estava fazendo caretas significativas. Anthony voltou-se e viu que ela continuava olhando atentamente e de sobrolho carregado para os recém-vindos.

— Ele me disse que não viria hoje — disse ela, quase como se falasse para

si própria. Depois, procurando fazer-se ouvir em meio da música, gritou: — Gerry! — com uma voz estridente que perdera de súbito todo seu encanto uma voz que trouxe a Anthony a recordação dolorosa daquelas cenas desagradáveis em que, havia muito tempo, ele tomara parte. Não havia, pois, dúvida, disse ele consigo, e teve pena da pobre Mary.

Gerry Watchett voltou-se e, com a expressão de quem alude a um prazer compartilhado, atirou-lhe um ligeiro sorriso, ensaiou mesmo um piscar de olho e voltou depois a conversar com a sua dama.

Uma cólera súbita fez enrubescer a sra. Amberley. Fazer-lhe uma careta daquelas! Era intolerável. Igualmente intolerável mas muito próprio dele! — era aparecer assim, sem se anunciar, de surpresa dançando casualmente com outra mulher, como se fosse a coisa mais natural deste mundo. Era verdade que, desta vez, a outra mulher não era senão Helena; mas isso se explicava simplesmente pelo fato de não ter encontrado nenhuma outra com quem dançar, nenhuma outra pior. “O vilão!”, ia pensando enquanto o seguia com os olhos em volta da sala. Depois, com um esforço, desviou o olhar, procurando prestar atenção ao que se estava passando em torno dela.

— ... um país destes — dizia Mark Staithes — um país em que uma quarta parte da população é composta de burgueses genuínos e outra quarta parte deseja ardentemente tornar-se tal.

— Você está exagerando — protestou Anthony.

— Absolutamente. Quantos votos o Partido Trabalhista recebe numa eleição? Um terço dos votos. E estou sendo generoso em presumir que algum dia esse partido alcance a metade dos votos. Os outros são da burguesia. Ou naturalmente, por interesse e medo, ou então artificialmente, por esnobismo e imaginação. É infantil pensar que se pode obter o que se quer por métodos constitucionais.

— E por métodos inconstitucionais?

— Há probabilidade.

— Não é tanta assim — disse Anthony. — Pelo menos contra as novas armas.

— Bem sei — disse Mark Staithes — bem sei. Se fizerem uso de sua força,

está claro que as classes médias poderão vencer. Seria muito provável que vencessem mesmo sem tanques e aviões — pelo simples fato de serem potencialmente melhores soldados do que o proletariado.

— Melhores soldados? — protestou Beppo, lembrando-se daqueles amigos seus que eram sentinelas.

— Em virtude da educação que recebem. Um burguês recebe um treino que oscila entre dez e dezesseis anos, sendo — o que é mais importante — a maior parte desse treino recebida num internato, o que equivale a dizer, na caserna. Ao passo que o filho de um operário vive em casa e seu exercício não vai além de seis ou sete anos em seu externato. Dezesseis anos de obediência e de *esprit de corps*. Não admira que Waterloo tenha sido ganho nos campos de jogos de Eton. Se eles utilizarem apenas metade de seus recursos — se os utilizarem impiedosamente — a partida é deles.

— Você acredita que eles não se servirão de seus recursos?

Mark encolheu os ombros. — Certamente os republicanos alemães não parecem prontos a empregar os seus. E é preciso não esquecer o que aconteceu aqui, durante a greve. Até a maioria dos industriais estavam prontos a entrar num acordo.

— Pela simples razão — atalhou Anthony — que não é possível ser um industrial próspero sem ter o hábito de entrar em acordo, de proceder a reajustamentos. Um negócio não é regido por um ato de fé, mas pela capacidade de regatear, de transigir.

— Seja como for — continuou Mark — o fato é que os recursos utilizáveis não foram utilizados. E é isso o que faz confiar no sucesso de uma revolução. Contanto que fosse levada a termo sem perda de tempo, rapidamente. Pois não resta dúvida nenhuma que, uma vez que eles compreendessem que estavam correndo sério perigo, esqueceriam seus escrúpulos. Mas poderiam, creio eu, perder em hesitações um tempo suficiente para tornar possível a revolução. Bastaria que se mostrassem compungidos apenas por algumas horas. Sim, senhores, apesar dos tanques existe ainda uma probabilidade de êxito. Não, como os imbecis do T.U.C., nem como a população das *Unions*, para falar a

verdade. Tão cheios de escrúpulos como a burguesia. É a influência apavorante do cristianismo evangélico. Ninguém pode fazer ideia da soma de sermões, pregações e hinos místicos ouvidos durante a greve geral. Fiquei aturdido. Mas o pior ainda não foi visto e é bom que se conheça. Talvez que a geração mais nova... — sacudiu a cabeça. — Mas não tenho confiança nem mesmo nela. O metodismo talvez esteja decaindo. Mas vejam só aquelas capelas espiritualistas que pululam como cogumelos por todas as áreas industriais!

Quando passou pela segunda vez por Mary Amberley, Gerry chamou-a pelo nome. Ela, porém, recusou-se a atender. Voltando-se com uma grande frieza, fingiu estar somente interessada no que Anthony estava dizendo.

“Mulher idiota!”, pensou Gerry, olhando-lhe para o rosto voltado. Depois, em voz alta, perguntou à sua dama: — Se puséssemos esse disco mais uma vez? Que é que acha?

Helena meneou a cabeça, encantada.

A música das esferas, a visão beatífica... Mas por que deve ser o céu um monopólio do ouvido e da vista? Também os músculos, quando se movem, têm o seu paraíso. O céu não é apenas uma iluminação e uma harmonia; é também uma dança.

— Um momentinho — disse Gerry quando se acharam em frente do gramofone.

Helena ficou parada, de braços pendentes e moles, enquanto ele dava corda à máquina. Fechara os olhos; procurava banir de si o mundo ambiente, furtar-se à existência. Nessa pausa serena entre dois céus de movimento, a existência perdia toda importância.

A música parou por um momento; depois, começou de novo no meio de um bar. Por trás das pálpebras fechadas, ela percebeu que Gerry se movera, estava de pé inclinando-se sobre ela, muito perto; depois, o braço dele cingiu-lhe novamente o corpo.

— Avante, soldados cristãos! — disse ele; e mais uma vez saíram a dançar, penetrando no céu harmonioso dos músculos que se moviam.

Tinha havido um silêncio. Resolvida a não prestar a menor atenção àquele bruto, a sra. Amberley voltou-se para Staithes.

— E aqueles seus perfumes? — perguntou, afetando um vivo interesse e atenção. — Em franca prosperidade — respondeu ele. — Tive que encomendar três novos alambiques e aumentar o pessoal.

A sra. Amberley sorriu para ele e sacudiu a cabeça. — Logo você! — disse. — Parece estranhamente ridículo que você seja fabricante de perfumes.

— Por quê?

— O menos frívolo dos homens — continuou ela — o menos galante, o mais implacável misógino (ou impotente ou homossexual, não poderia haver dúvida; e, depois daquela sua história acerca de Berlim, quase na certa impotente, imaginava).

Com um sorriso que era uma contorção dolorosa, Staithes perguntou: — Mas será que não lhe ocorreu que tudo isso podia ser um bom motivo para eu vir a ser um perfumista?

— Motivo?

— Uma maneira de manifestar a minha falta de galantaria. — Na realidade, fora simplesmente o acaso que o levara a esse negócio de perfumes. Seus olhos haviam dado com um anúncio no *Times*, de uma pequena fábrica que se vendia por preço baratíssimo... Sorte e nada mais. Agora, porém, depois do fato, seu amor-próprio se sentia lisonjeado com a ideia de ter ele escolhido a profissão deliberadamente, com o fim especial de exprimir o seu desprezo pelas mulheres a quem fornecia. A mentira, que ele desejava que fosse e, desta vez, quase acreditava que era a verdade, colocava-o numa posição de superioridade perante todas as mulheres em geral e, neste momento, perante Mary Amberley em particular. Inclinando-se, tomou a mão de Mary, ergueu-a como se fosse beijá-la, mas, ao invés disso, apenas fungou junto à pele, para depois deixá-la de novo cair. A propósito — disse ele — há almíscar na essência com que você se perfumou.

— Sim; e que tem isso?

— Nada, não tem nada absolutamente — disse Staithes — nada, a não ser o fato de você gostar do excremento de doninhas.

A sra. Amberley fez uma careta de nojo.

— Na Abissínia — prosseguiu ele — existem fazendas em que se criam gatos de algália. Duas vezes por semana, vai-se, armado de um pau, espicaçar os gatos até eles ficarem zangados e assustados. É nesse momento que eles segregam sua droga. Como as crianças que molham as calças quando estão com medo. Então eles são agarrados com auxílio de tenazes, para que não possam morder, e raspa-se o conteúdo do saquinho ligado aos seus órgãos genitais. Isso se faz com uma colher. A substância é uma espécie de gordura amarela, ou antes, é como cera de ouvido. Fede como o inferno quando é dissolvida. Recebêmo-la em Londres acondicionada em chifre de búfalo. Enormes cornucópias cheias de cera de ouvido pardo-escura e fedorenta. E o que é de notar é que custam cento e dezessete xelins a onça. Eis aí uma das razões por que os seus perfumes lhe ficam tão caros. Os pobres não podem dar-se ao luxo de lambuzar-se com secreções de felinos. Têm que contentar-se simplesmente com isoeugenol e aldeído fenilacético.

Colin e Joyce tinham parado de dançar e estavam sentados no patamar, do lado de fora da porta do salão. Sozinhos. O momento era oportuno para Colin dar vazão à justa indignação que se acumulara dentro dele desde a hora do jantar.

— Devo dizer-lhe, Joyce, que alguns dos convidados de sua mãe...

Joyce olhou para ele com uns olhos em que a ansiedade se confundia com a adoração. — Sim, eu sei — desculpou-se. — Eu sei — e deu-se pressa em concordar submissamente com ele quanto ao fato de ser Beppo um degenerado e Anthony Beavis um cínico. Depois, vendo que ele gozava a própria indignação e que ela mesma antes tirava proveito disso, do que motivo de sofrimento, foi ao ponto de informá-lo espontaneamente de que aquele indivíduo que entrara por último e que estava sentado junto de sua mãe era bolchevista. Sim, Mark Staithes era bolchevista.

A frase que Colin estivera meditando durante toda a noite pôde enfim ser proferida. — Pode ser que eu seja tolo e mais isso e mais aquilo — disse ele com uma afetação de humildade que mascarava um presunçoso contentamento

de si mesmo com aquilo que ele considerava como sendo a qualidade perfeitamente invulgar de sua vulgaridade — posso ser ignorante e mal-educado; mas ao menos — mudou de tom, sentindo orgulho em declarar-se consciente de ser único na sua mediocridade — ao menos, eu sei... sim, eu sei o que está bem. Quero dizer que sei distinguir um *gentleman*. — Frisou bem as palavras para dar-lhes um leve tom de comicidade e provar, assim, que ele tinha o senso do *humour*. Falar a sério do que se tomava a sério: eis aí uma das coisas que não ficavam bem. Esse traço de humorismo provava de um modo mais forte do que o poderia fazer qualquer expressão enfática, qualquer tremor emotivo da voz, que ele de fato tomava essas coisas a sério, como as deve tomar um *gentleman* único na sua mediocridade. E certamente Joyce compreendia isso. Ela lançou-lhe um olhar cheio de respeito e premeu sua mão contra a dele.

Dançar, dançar... “Oh, se, ao menos”, pensou Helena, “a gente pudesse continuar dançando eternamente! Se a gente não tivesse que empregar o tempo em fazer outras coisas! Coisas indevidas, coisas, na maioria dos casos, idiotas, coisas que a gente, depois de as fazer, se arrependia de as ter feito”. Dançando, ela perdia a vida a fim de salvá-la; perdia sua identidade e tornava-se algo maior do que ela própria; perdia suas perplexidades e ódios de si mesma, para entrar no gozo de uma certeza brilhante e harmoniosa; perdia seus defeitos morais e fazia-se perfeita; perdia os pesares do passado, as apreensões sobre o futuro e entrava num presente perene de felicidade completa. Ela, que não sabia pintar, que não sabia escrever, que não sabia sequer cantar uma ária, tornava-se, enquanto dançava, uma artista; não, mais do que uma artista; tornava-se um deus, o criador de um novo céu e de uma nova terra, um criador que se rejubilava de sua criação e a achava boa.

— Sim, senhor, esta pequena é minha. Não, senhor...! — Gerry cessou de repente de cantarolar. — Ganhei ontem de noite sessenta libras no pôquer — disse. — Não é mau, hem?

Ela sorriu para ele, concordando com um sinal de cabeça, silenciosa e enlevada. Mau, mau — que haveria no mundo que pudesse ser mau nesse momento maravilhoso?

— E não lhe posso exprimir — dizia Staithes — o prazer intenso que sinto em escrever esses anúncios. — Os músculos de seu rosto funcionavam como que para uma demonstração anatômica. — Os anúncios que se referem ao mau hálito e aos maus cheiros do corpo.

— Hediondo! — exclamou a sra. Amberley com um arrepio. — Hediondo! Entre as convenções da época vitoriana, existe só uma que eu aprecio, e é justamente a que nos veda de falar em tais coisas.

— Pois é precisamente nisso que está o prazer de falar nelas — disse Staithes, contraindo os músculos num sorriso radioso. — Em forçar os seres humanos a ter consciência plena das náuseas próprias e das náuseas alheias. Aí é que está a beleza dessa espécie de anúncio. Como que lhes abre os olhos da consciência.

— Fazendo-os comprar — atalhou Anthony. — Está esquecendo o lucro.

Staithes encolheu os ombros. — O lucro é um simples incidente — disse. E era evidente, conforme refletiu Anthony ao observá-lo, era evidente que o homem estava dizendo a verdade. Para ele, o lucro era um simples incidente. — Abolir a convenção que os protege — continuou ele, voltando-se para Mary — nisso é que está o gozo real da coisa. Deixá-los sem defesa contra a plena consciência do fato de não poderem passar sem seus semelhantes e, quando em companhia deles, sentirem-se nauseados.

CAPÍTULO XIX

7 de julho de 1912

A SRA. FOXE EXAMINAVA O CADERNO em que costumava ir assentando os encargos e compromissos assumidos. Uma série de reuniões da comissão, visitas distritais, tardes na sala de recreio dos aleijadinhos, tudo isso escurecia as páginas do seu livro de notas. E nos intervalos ainda havia visitas e chás na paróquia e almoços em Londres. E todavia (já o sabia ela de antemão) o resultado total de tudo isso seria o isolamento, a desolação do verão que se aproximava. Por mais que ela se desdobrasse em atividades, o tempo sempre lhe parecia vazio quando Brian estava ausente. Nos anos anteriores ela tinha encontrado um jeito de encher bem o tempo. Mas agora, neste mês de julho, depois de passar uma ou duas semanas em casa, Brian ia partir para a Alemanha. Para aprender a língua. Era essencial. Ela sabia que ele tinha de ir; desejava seriamente que ele fosse. Entretanto, quando o fato se concretizou, quando chegou realmente o momento da partida, sua dor foi imensa. Chegou a ter vontade de ser francamente egoísta e retê-lo junto de si.

— Amanhã por esta hora — disse, quando Brian entrou na sala — você estará atravessando Londres a caminho de Liverpool Street.

Ele confirmou em silêncio, e pondo-lhe a mão sobre o ombro, curvou-se e beijou-a.

A sra. Foxe olhou para ele e sorriu. Depois, esquecendo-se por um momento de que assumira consigo mesma o compromisso de não lhe falar de seus sentimentos, disse:

— Receio ter de passar um verão triste e vazio — mas censurou-se logo por ter provocado aquela expressão de angústia no rosto dele; censurou-se,

mesmo, apesar da alegria que sentia ao vê-lo corresponder assim aos seus sentimentos, tão carinhoso, tão sensibilizado. — A menos que você o encha com suas cartas — acrescentou, à guisa de remédio ao mal que fizera. — Você me escreverá, não é assim?

— C-c-c... n-naturalmente que escreverei.

A sra. Foxe propôs um passeio a pé; ou então, se dessem um passeio de carro? Que tal? Embaraçado, Brian consultou seu relógio.

— Mas eu v-vou almoçar com as Th-thursleys — respondeu constrangido. — Não haveria muito t-t-t... muita f-folga — que aborrecimento lhe causavam esses circunlóquios ridículos! — para um passeio.

— Mas que louca que eu sou! — exclamou a sra. Foxe. — Tinha esquecido completamente o seu almoço. — Era verdade que esquecera; e ao imaginar agora, subitamente, as longas horas que iria passar sem ele neste último dia, sentiu como uma ferida no coração. Fez um esforço no sentido de impedir que lhe aparecesse na fisionomia ou na voz qualquer indício da dor que sentia. — Mas ao menos haverá tempo para um passeiozinho no jardim, não?

Saíram pela porta de vidro e desceram a longa aleia verde marginada de gramados. Era um dia sem sol, mas quente, quase abafado. Sob o céu cinzento, as flores assumiam um brilho que tinha qualquer coisa de artificial. Sempre calados, foram até ao extremo da aleia e voltaram.

Afinal, a sra. Foxe disse: — Estou contente de saber que se trata de Joan; e contente também de ver que você se interessa tanto. Embora, de certo modo, seja pena que você a tenha encontrado. Pois acho que muito, muito tempo terá de passar até que você possa casar com ela.

Brian concordou, sem dizer palavra.

— Será um tempo de ensaio — continuou ela. — Difícil; talvez não muito feliz. Em todo caso — sua voz vibrava de emoção — alegre-me que isso tenha acontecido; isso me *alegra* — repetiu — porque eu acredito no amor. — Acreditava, como os pobres acreditam num céu de glória e conforto póstumos, pois o amor era coisa que ela jamais conhecera. Respeitara o marido, admirara-lhe os feitos, gostara dele naquilo em que era possível gostar dele, maternalmente, tivera pena dele por suas fraquezas. Mas jamais se sentira

transfigurada pela paixão e a sua aproximação carnal sempre fora para ela um ultraje, dificilmente suportável. Nunca o tinha amado. Aí estava por que era tão forte sua crença na realidade do amor. O amor tinha de existir para que pudesse ser reparado, ao menos por delegação, o mal que lhe fizera sofrer a sua própria experiência pessoal. Além do mais, havia o testemunho dos poetas; não havia, pois, dúvida que o amor existia e era uma coisa sagrada, maravilhosa, uma revelação. — É uma espécie de graça especial — continuava ela — enviada por Deus para nos socorrer, para nos tornar mais fortes e melhores, para livrar-nos do mal. É coisa fácil livrarmo-nos do mal quando nos foi dado conhecer o bem.

Fácil, refletia consigo Brian no silêncio que seguiu, mesmo quando não nos foi dado conhecer o bem. A mulher que viera sentar-se à mesa deles no café-concerto, quando Anthony e ele estavam aprendendo francês em Grenoble, dois anos atrás — não lhe fora difícil resistir àquela tentação.

— *Tu as l'air bien vicieux* — ela lhe dissera no primeiro entreato; e a Anthony: — *Il doit être terrible avec les femmes, hein?* — Em seguida convidou-os a ir com ela para casa. — *Tous les deux, j'ai une petite amie. Nous nous amuserons bien gentiment. On vous fera voir des choses drôles. Toi, qui es si vicieux, ça t'amusera.*

Não, certamente não lhe fora difícil resistir a isso, muito embora, por essa época, nunca tivesse posto os olhos em Joan. As verdadeiras tentações não eram as piores, mas as melhores. Em Grenoble, a melhor tentação que ele encontrou foi na literatura. *Et son ventre, et ses seins, ces grappes de ma vigne... Elle se coula à mon côté, m'appela des noms les plus tendres et des noms les plus effroyablement grossiers, qui glissaient sur ses lèvres en suaves murmures. Puis elle se tut et commença à me donner ces baisers qu'elle savait...* As criações dos melhores estilistas exerciam um poder de atração muito mais perigoso, muito menos facilmente resistível do que as sórdidas realidades do café-concerto. E agora que ele tinha aberto os braços à melhor realidade possível, a atração do mal tornava-se ainda menos eficiente, deixara completamente de ser qualquer coisa que se assemelhasse, mesmo de longe, a uma tentação. Se tentação havia, era o bem que o tentava. Fora impossível desejar a criatura baixa, vulgar, semianimal do café-concerto. Quanto a Joan, porém, o caso era outro. Ela era bela, de gostos requintados, comungando com ele em interesses e inclinações — e precisamente por esses

motivos, era uma tentação. Justamente porque encarnava o bem (e aí estava o paradoxo que o afligia e perturbava) é que ela era desejada por ele indevidamente, fisicamente...

— Lembra-se daqueles versos de Meredith? — disse a sra. Foxe, quebrando o silêncio. Meredith era um dos seus autores prediletos. — Aqueles versos que estão em Woods — especificou, abreviando afetuosamente o título do poema quase ao ponto de reduzi-lo a uma alcunha. E citou:

*O amor, grande vulcão, transforma em fogo
A terra vil e atira-a para o céu.*

— O amor é uma espécie de pedra filosofal — prosseguiu ela. — Não só nos liberta, mas também nos transforma. Transforma a ganga em ouro. A terra em céu.

Brian sacudiu a cabeça, confirmando. E, todavia, o que ele estava pensando era que aqueles corpos voluptuosos e sem face criados pelos estilistas tinham acabado por assumir realmente os traços fisionômicos de Joan. A despeito do amor, ou justamente por causa do amor, aquelas visões sucúbicas tinham agora um nome, uma personalidade.

O relógio do estábulo batia doze horas; à primeira pancada houve uma explosão silenciosa de pombas, como flocos de neve redemoinhando em direção da treva densa dos ulmeiros distantes.

— Que beleza! — disse a sra. Foxe destacando as sílabas para exprimir com mais intensidade a sua admiração.

Mas vamos supor — foi a ideia que de súbito ocorreu a Brian — vamos supor que ela ficasse, de uma hora para outra, completamente sem dinheiro. E se Joan se visse tão pobre como aquela mísera mulher de Grenoble, na mesma pobreza irremediável e sem recurso?

Lentamente, morria a última pancada do relógio e, uma por uma, as pombas, depois de suas evoluções no espaço, iam voltando a seu pombal guarnecido de torrinhas e situado por cima do relógio.

— Acho que você deve ir já — disse a sra. Foxe — uma vez que tem hora marcada para chegar.

Brian sabia quanto sua mãe relutava sempre em deixá-lo ir; assim, essa ostentação de generosidade produziu nele um sentimento de culpa e ao mesmo tempo (visto que ele não queria sentir-se culpado) certo ressentimento. — Mas eu não g-gasto n-nem uma hora — disse quase zangado — para f-fazer três milhas de b-bicicleta.

Um momento depois, já ele se sentia envergonhado do tom de irritação com que falara, de sorte que todo o resto do tempo em que esteve em companhia de sua mãe mostrou-se de uma afetuosidade fora do comum.

Ao meio-dia e meia, montou em sua bicicleta e partiu para a casa dos Thursley. A criada abriu a porta da frente da casa em estilo gótico do século dezenove. Logo ao entrar, ele sentiu um cheiro fraco de pudim e couve. Era habitual. A paróquia cheirava sempre a pudim e couve. Era um sintoma, conforme ele descobrira, de pobreza e, como tal, dava-lhe uma sensação de constrangimento moral, como se tivesse feito qualquer coisa de reprovável e não sentisse a consciência tranquila.

Foi introduzido na sala de visitas. Comportando-se como se estivesse diante de uma veneranda senhora, a sra. Thursley levantou-se de sua escrivaninha e foi ao encontro dele. — Ah, meu caro Brian! — exclamou. Seu sorriso profissionalmente cristão punha-lhe à mostra os dentes postiços brilhantes como pérolas. — Quanto prazer em vê-lo! — Tomou-lhe a mão, retendo-a na sua. — E sua mãe querida, como vai ela? Com certeza, muito triste com a sua próxima partida para a Alemanha. Aliás, todos nós ficaremos tristes, se isso se realizar. Você tem o dom de fazer a gente sentir sua falta — continuava ela, sempre no mesmo esforço de prodigalizar gentilezas, enquanto Brian ficava vermelho e se debatia na tortura de um constrangimento. Dizer coisas gentis na frente do próximo, especialmente na frente da gente rica, das pessoas poderosas, que lhe pudessem ser úteis, era um hábito da sra. Thursley. Um hábito cristão — teria ela dito se fosse convidada a explicar. Prova de que amava o próximo; de que via o bem em todo o mundo; de que criava uma atmosfera de simpatia e de confiança. Mas abaixo do nível da confissão, abaixo, quase, do nível da consciência, ela sabia que muita gente cobiçava a lisonja, por mais ultrajante que fosse, e, de um modo ou de outro, estava sempre pronta a pagá-la.

— Ah, mas aqui está Joan — exclamou, interrompendo os elogios que fazia a Brian. E acrescentou, num tom cheio de duplo sentido: — Você naturalmente não vai querer ficar conversando com sua velha mãe enfadonha, não é mesmo, Joanie?

Os dois jovens entreolharam-se, presas de um embaraço mudo.

A porta abriu-se de chofre e mr. Thursley irrompeu sala adentro. — Olhem para isto! — gritou, com a voz trêmula de raiva, enquanto mostrava na mão um tinteiro. — Como é que vocês querem que eu faça o meu trabalho com um oitavo de plegada de borra no tinteiro. Molhando, molhando, molhando a pena a manhã inteira! Sem poder escrever mais de duas palavras de cada vez...

— Brian está aqui, papai — disse Joan, na esperança que, de antemão reconhecia vã, de que a presença de um estranho o constrangesse e o fizesse calar.

Com o nariz pontudo ainda branco de raiva, mr. Thursley olhou de frente para Brian, apertou-lhe a mão e, voltando-se, continuou imediatamente em suas iradas queixas. — É sempre assim nesta casa. Como se pode esperar que um homem consiga fazer um trabalho de responsabilidade?

“Oh, meu Deus”, Joan implorava intimamente, “faça com que ele sossegue, faça com que ele cale a boca”.

“Como se ele próprio não pudesse encher o tinteiro!”, pensava Brian. “Por que é que ela não lhe diz isso?”

Mas à sra. Thursley era impossível dizer ou, sequer, pensar semelhante coisa. Ele tinha seus sermões, seus artigos no Guardian, seus estudos sobre neoplatonismo. Como se podia esperar que ele mesmo enchesse seu tinteiro? Tanto para ela como para ele era claro, tinha-se tornado, depois desses vinte e cinco anos de escravidão abjetamente imposta e irrefletidamente aceita, tinha-se tornado completamente axiomático que ele não podia fazer uma coisa dessas. Além disso, se ela ousasse sugerir, de qualquer modo, que ele não tinha lá muita razão, sua cólera tornar-se-ia ainda mais violenta. Só Deus sabia o que ele não faria ou diria — mesmo na presença de Brian! Seria uma coisa horrível. Ela começou a desculpar-se por causa do tinteiro vazio. Desculpando-se abjetamente, a si própria, desculando Joan, desculando os criados. O tom em

que falava era, a um tempo, de súplica e de apaziguamento; como se estivesse tratando com alguém que fosse, ao mesmo tempo, Jeová e um cão feroz que a pudesse morder a qualquer momento.

O gongo — os Thursley tinham um gongo capaz de ser ouvido de um extremo ao outro de um solar ducal — o gongo roncou até atingir um trovejante *fortissimo*, que reduziu ao silêncio até mesmo o pároco. Logo, porém, que o som decresceu, ele começou de novo.

— Como se eu estivesse pedindo uma coisa do outro mundo: encher um tinteiro — disse.

“Ele ficará mais calmo quando vir a comida na mesa”, pensou consigo a sra. Thursley e foi a primeira a encaminhar-se para a sala de jantar, seguida de Joan. Brian quis que mr. Thursley lhe tomasse a frente. Este, porém, apesar da sua justa cólera, não se esquecia de suas boas-maneiras. Pondo a mão no ombro de Brian, empurrou-o brandamente para a porta, sem deixar, entretanto, um só momento, de descarregar sobre a esposa sua artilharia pesada.

— Como se eu exigisse mais do que apenas um pouco de sossego e as condições materiais indispensáveis para poder trabalhar. O mínimo dos mínimos. Mas nem isso eu posso conseguir. A casa é barulhenta como uma estação de estrada de ferro; e esquecem-se de encher o meu tinteiro a tal ponto que eu sou obrigado a escrever com um pouquinho de lama preta que lhe fica no fundo.

Sob esse fogo cerrado, a sra. Thursley ia andando toda encolhida e cabisbaixa. Brian notou que Joan, entretanto, se empertigara: tinha o corpo aprumado e desgracioso pelo excesso de tensão.

Na sala de jantar eles encontraram os dois garotos, irmãos mais moços de Joan, já em pé atrás de suas cadeiras. Ao vê-los, mr. Thursley deixou o caso do tinteiro e voltou à questão do barulho em casa. — É, como eu disse, como se estivéssemos numa estação — repetia, e inflamava-se de intensidade renovada a sua justa indignação. — O Jorge e o Artur estiveram a manhã inteira a subir e a descer as escadas e a correr pelo jardim. Por que é que você não arranja um jeito de eles ficarem quietos?

Estavam agora todos nos seus respectivos lugares; a sra. Thursley numa das

extremidades da mesa, o marido na outra; os dois meninos à esquerda da mãe; Joan e Brian à direita. Estavam todos de pé, à espera de que o vigário dissesse a sua prece.

— Parecem uns desordeiros — disse mr. Thursley; corriam-lhe nas veias as chamas da cólera; agitava-o todo um calor horrivelmente delicioso. — Parecem uns selvagens.

Fazendo um esforço, deixou pender sobre o peito o longo queixo vincado e ficou silencioso. Ainda conservava no nariz a palidez de morte, que lhe adviera em consequência da raiva; como animais marinhos num aquário, as ventas contraíam-se e dilatavam-se num movimento regular, mas agitado. Na mão direita, segurava ainda o tinteiro.

— *Benedictus benedicat, per Jesum Christum Dominum nostrum* — disse por fim na sua voz de quem ora, voz profunda em que um trêmulos se denunciava, e prenhe de sentidos transcendentos.

Com o ruído de um movimento retido que subitamente se desprende, todos eles se sentaram.

— Sempre a berrarem e a uivarem — disse mr. Thursley, voltando do tom de piedade à estridência de sua rudeza primitiva. — Como se pode esperar que eu trabalhe? — Cheio de indignação, pôs, com uma pancada violenta, o tinteiro em cima da mesa, defronte de si e, depois, desdobrou o guardanapo.

Na outra extremidade da mesa a sra. Thursley cortava o pato recheado, com uma extraordinária rapidez.

— Passe isso a seu pai — disse ela ao filho que estava mais próximo. Era essencial não perder tempo em fazê-lo comer.

Um ou dois segundos mais tarde, a copeira oferecia a mr. Thursley o legume. Ela trazia um avental e um gorro duros de tanta goma e manobrava com tanta destreza como um soldado do corpo de guarda. Os pratos para legumes eram horríveis, mas tinham custado caro. As colheres eram de pesada prata vitoriana. Com elas, o sacerdote serviu-se primeiro de batatas cozidas e depois de couve socada e disposta em bolinhos verdes e úmidos em forma de tijolos.

Num verdadeiro esbanjamento de cólera, mr. Thursley continuou: — As

mulheres absolutamente não compreendem o que seja um trabalho sério. — Depois, começou a comer.

Depois de haver servido pato aos outros, a sra. Thursley arriscou uma observação. — Brian parte amanhã para a Alemanha — disse.

Mr. Thursley ergueu os olhos, mastigando a comida rapidamente com os dentes incisivos, como um coelho. — Para que ponto da Alemanha? — perguntou, dardejando um olhar agudo e inquisitorial sobre Brian. Seu nariz tinha voltado à cor normal: avermelhara-se.

— M-marburg.

— Onde há a universidade?

Brian fez sinal que sim.

Sacudindo-se todo, com um barulho semelhante ao produzido pelo carvão coque quando despejado numa calha, mr. Thursley desatou a rir. — Não se vá meter a beber cerveja com os estudantes — disse.

Tinha passado a tempestade. Em parte como um sinal de gratidão que lhe vinha do fundo do coração, em parte para fazer sentir ao marido que ela achara irresistível a pilhéria, a sra. Thursley também se pôs a rir.

— Ah, não — exclamou — não se entregue a isso!

Brian sorriu e sacudiu a cabeça.

— Água ou soda? — perguntou a copeira confidencialmente, curvando-se e fazendo, com isso, estalar o colete e os engomados.

— Á-a-água, faz favor.

Após o almoço, tendo o vigário voltado para o seu gabinete de trabalho, a sra. Thursley sugeriu, naquele seu estilo vivo, significativo e embaraçador, que os dois jovens fossem dar um passeio. A porta em ogiva, na frente da casa, bateu, mal eles a transpuseram. Como uma prisioneira que fosse enfim reintegrada em sua liberdade, Joan respirou profundamente.

O céu estava ainda carregado e, sob o baixo teto de nuvens cinzentas, havia no ar certa moleza, como que uma languidez resultante de fadiga, como que um cansaço produzido pelo peso de um verão excessivo. Nos bosques, em que se embrenharam afastando-se da estrada real, havia uma quietude que oprimia, como o silêncio intencional de seres sensíveis, prenhe de pensamentos

inconfessados e de sentimentos ocultos. Uma ave invisível começou a cantar; dir-se-ia, porém, que aquele som claro e vivo vinha doutro tempo e doutro lugar. Caminharam de mãos dadas; e entre eles havia o silêncio da mata e, ao mesmo tempo, o silêncio mais profundo, mais denso, mais secreto de suas próprias emoções inexpressas. O silêncio das queixas que ela era leal demais para proferir e do pesar que, a menos que ela se queixasse, ele sentia como um insulto traduzir em palavras; a ânsia em que ela ardia, de sentir o aconchego dos seus braços e aqueles desejos que ele não desejava sentir.

O caminho que seguiam era aberto entre moitas de rododendros. Chegaram de súbito a uma passagem estreita, cercada de um e de outro lado por uma folhagem verde-escura formando uma muralha impenetrável. Era uma solidão dentro de uma solidão, a imagem do próprio silêncio deles visivelmente impressa no silêncio maior da mata.

— Quase de m-meter medo — sussurrou ele quando pararam ali a escutar (pois nada mais havia que eles pudessem ouvir), a escutar as pulsações do próprio coração, a escutar um a respiração do outro.

De repente, ela não pôde mais resistir e a queixa foi proferida contra sua vontade: — Quando penso no que vão ser estes dias futuros em casa. Oh, como eu gostaria que você não fosse, Brian!

Brian olhou-a e, ao ver aqueles lábios trêmulos, aqueles olhos a brilharem de lágrimas, sentiu-se, por assim dizer, desintegrado pela ternura e pelo pesar. Balbuciando o nome dela, passou-lhe o braço em volta. Joan permaneceu um momento completamente imóvel, cabisbaixa, descansando a fronte no ombro dele. Brian sentiu nos lábios o contato eletrizante dos cabelos dela e aspirou-lhe o perfume. Subitamente, como despertando de um sono, agitou-se, e, afastando-se dele um pouco, olhou-o bem no rosto. Seu olhar tinha uma fixidez desesperada, quase inumana.

— Meu amor — murmurou ele.

Como única resposta, Joan sacudiu a cabeça.

Mas por quê? A que se recusava ela, a que prova de seu afeto se estava ela opondo? — Mas J-Joan...? — Havia um tom de ansiedade em sua voz.

Entretanto, ela não respondeu. Apenas olhou para ele e, mais uma vez,

lentamente, meneou a cabeça. Quantas negativas se exprimiam neste simples movimento! A recusa ao queixume, a negação da possibilidade de sua própria felicidade, a triste insistência em que todo aquele amor de ambos de nada valia contra a dor da ausência, a resolução de não lhe explorar o pesar, de não lhe arrancar outra confissão, mais apaixonada, por mais ardentemente que ela o desejasse...

Num gesto rápido, ele tomou-lhe o rosto entre as mãos e, inclinando-se, beijou-a na boca.

Era entretanto isso o que ela tinha resolvido não conquistar dele, era esse o gesto que de nada podia valer contra a sua inevitável infelicidade! Durante um segundo ou dois ela enrijou o corpo, resistindo, tentou de novo sacudir a cabeça, procurou recuar. Depois, vencida por um desejo mais forte do que ela própria, caiu-lhe lânguida nos braços. Os lábios cerrados, que ofereciam resistência, acabaram por entreabrir-se e ceder aos seus beijos; ela cerrou as pálpebras e, então, nada mais houve no mundo senão aquela boca que a beijava e aquele corpo magro e duro que se premia contra o seu.

Uns dedos revolviam-lhe os cabelos acima da nuca, deslizavam-lhe em volta do pescoço, desciam-lhe até aos seios. Faltaram-lhe as forças, ela sentiu que se abismava cada vez mais nesse outro mundo de mistério, por trás das pálpebras, no trevoso universo do tato.

Depois, sem nenhum sinal, como que obedecendo precipitadamente a alguma palavra de ordem inaudível, ele desprendeuse dela, deixou-a. Por um instante, ela sentiu como se fosse cair; mas as forças lhe voltaram ainda a tempo aos joelhos. Oscilou, bamba, restabeleceu depois o equilíbrio e, com isso, a consciência da ofensa que recebera. Tinha-se debruçado sobre ele com todo o seu ser, corpo e alma, e ele consentira que ela fosse caindo, negara-lhe seus lábios e braços e peito e deixara-a subitamente ali, fria e horripeladamente exposta, sem defesa e como que nua. Abriu uns olhos cheios de amargura e de reproche e viu-o ali parado, pálido e com um ar estranho e furtivo; ele correspondeu-lhe ao olhar por um momento e, em seguida, desviou o rosto.

O ultraje ressentido transmudou-se em inquietação. — O que é isso, Brian?

Ele contemplou-a um instante e depois afastou, mais uma vez, o olhar. —

Talvez seja melhor irmos para casa — disse em voz baixa.

Era por um dos últimos dias de setembro. Sob o céu azul-pálido, os sítios distantes se apresentavam tristes, imensamente comovedores sob a bruma tênue. O mundo parecia remoto e estranho, como uma reminiscência ou um ideal.

O trem parou. Brian fez sinal para o carregador solitário, mas, apesar disso, saiu, ele próprio, com a mala mais pesada. Parecia-lhe que, com dar trabalho aos músculos, podia aliviar a consciência de parte do peso que a possibilidade de comprar os serviços de um pobre homem tendia a impor-lhe, tendência que aumentava com a idade.

O carregador veio logo a correr e quase arrancou a mala das mãos de Brian. Também ele tinha a sua consciência. — Deixe isso para mim, meu senhor — disse, quase com indignação. — Há m-mais duas no c-c-c... lá d-dentro — emendou Brian, muito depois de ter o carregador entrado no impronunciável compartimento para apanhar as peças restantes.

— Qu-quer que eu ajude? — ofereceu. O homem era velho, quarenta anos mais velho do que ele, calculava Brian; cabelos brancos, cara cheia de rugas, mas chamava-lhe “senhor”, carregava-lhe as malas e ficaria muito grato por um xelim — Qu-quer que eu...?

O velho carregador nem sequer respondeu, mas arrancou vigorosamente as malas da prateleira, numa evidente ostentação de força bem dirigida, de que se orgulhava.

Uma pancadinha em seu ombro fez Brian voltar-se prontamente. A pessoa que lhe tocara o ombro era Joan.

— Em nome do rei! — disse ela; mas o riso que lhe acompanhou as palavras era forçado e havia em seus olhos uma expressão de ansiedade, — a ansiedade acumulada de semanas de especulação tumultuosa. Todas aquelas cartas estranhas, tristes, que ele lhe escrevera da Alemanha, — tinham-na deixado numa incerteza dolorosa sobre o que pensar, como sentir, o que esperar dele quando voltasse. Verdade era que em suas cartas ele apenas a si próprio se censurara — com uma violência para cuja intensidade ela não via uma explicação. Mas, até ao ponto em que ela era responsável pelo que ocorreu no

bosque (e sem dúvida que ela era, em parte, responsável; por que não? qual era o grande mal de um simples beijo?) ela sentia-se também alvejada pelas censuras. E se ele a censurava podia ainda amá-la? Que sentia ele realmente a seu respeito e a respeito de si próprio e a respeito de suas relações mútuas? E era simplesmente por não poder esperar, um minuto sequer, a resposta, que ela tinha vindo sorrateiramente encontrá-lo na estação.

Brian estava ali imóvel e mudo. Não esperava vê-la tão depressa, e estava quase espantado de achar-se assim em sua presença, sem para isso se ter preparado. Automaticamente, estendeu-lhe a mão. Joan tomou-a e apertou-a na sua, forte, fortemente, como desejando impor a realidade do amor que lhe votava; mas, ao mesmo tempo que assim procedia, sentia que se afastava dele em sua apreensão, em sua incerteza embaraçosa quanto ao que ele porventura se tornara, sentia-se distanciada dele como de um desconhecido.

A graça desse movimento tímido e inquieto sensibilizou-o tanto quanto já o sensibilizara na primeira vez em que se encontraram. Era, a despeito do embaraço que o movimento revelava, a graça de uma árvore tenra oscilando ao sopro do vento. Assim pensara ele da primeira vez. E agora esse movimento gracioso se repetia; e a beleza do gesto era, de novo, uma revelação, mais viva, porém, do que antes tinha sido, em virtude da sugestão implícita de que se tornava novamente um estranho; mas um estranho contra cuja renovada condição de estranho aquele aperto de mão protestava, quase com violência.

O rosto dela parecia agitado por um sentimento de hesitação enquanto ela olhava para Brian; e aquela vivacidade fictícia ia-se extinguindo e transformando em uma profunda apreensão.

— Não está contente de me ver, Brian? — perguntou.

Essas suas palavras vieram desfazer o encantamento; ele sentiu-se capaz de tornar a sorrir, capaz de falar. — C-conten-te? — repetiu; e, como resposta, beijou-lhe a mão. — Mas eu não c-contava encontrá-la aqui. Quase m-me assustei.

Suas palavras, sua expressão tranquilizaram-na. Durante aqueles dois primeiros segundos de silêncio, o rosto dele, parado, petrificado, afigurara-se-lhe a face de um inimigo. Agora, porém, com esse sorriso, ele se transfigurava, era

de novo o antigo Brian que ela amara; tão sensível, tão amável e bom; e tão belo na sua bondade, belo a despeito daquele rosto comprido e esquisito, daquele corpo descarnado, daqueles membros desengonçados, de movimentos desordenados.

O trem foi-se pondo em marcha com um grande barulho, foi adquirindo velocidade, e, daí a pouco desaparecia. O velho carregador saiu a buscar um carrinho de mão. Eles ficaram sós na ponta da longa plataforma.

— Pensei que você não me tivesse amor — disse ela depois de um longo silêncio.

— M-mas Joan! — ele protestou. Sorriram um para o outro; depois, passado um momento, ele desviou o olhar. “Não lhe ter amor?”, estava pensando. Mas a questão era justamente que ele a amava demais, que a amava de um modo reprovável, apesar de serem as altas qualidades morais dela que lhe inspiravam aquele amor.

— Pensei que estivesse zangado comigo.

— Mas p-por que havia de estar? — Conservava ainda o rosto voltado.

— Você sabe por quê.

— Não era com v-você que eu estava z-zangado.

— Mas a culpa foi minha.

Brian sacudiu a cabeça. — Não foi.

— Foi, sim — insistiu ela.

Lembrando-se do que sentira quando a tivera nos braços, ali no caminho escuro entre as moitas de rododendros, tornou, com mais ênfase, a menear a cabeça.

O velho porteiro já estava ali de novo, com o seu carrinho e seus comentários acerca do tempo, suas notícias avulsas e sua tagarelice.

Eles o foram seguindo, representando, em benefício dele, seus papéis de comparsas no drama local.

Quando estavam quase a chegar ao portão, Joan apoiou a mão no braço de Brian. — Então, está tudo bem, não? — Seus olhos se encontraram. — Posso estar contente?

Ele fez sinal que sim, sem falar, sorrindo apenas.

No carro, a caminho de casa, ele continuava a lembrar-se do brilho súbito que tinha na face, em resposta ao gesto mudo dele. E tudo que ele podia fazer em paga de tanto amor era... De novo lhe acudiram à memória as moitas de rododendros e sentiu-se presa da vergonha.

Quando a sra. Foxe soube, por Brian, que Joan estivera na estação, sentiu-se vivamente ofendida. Com que direito? Antes da mãe... E, além disso, quanta má-fé! Pois Joan aceitara seu convite para vir almoçar com eles no dia seguinte ao do regresso de Brian. O que queria dizer que ela tinha admitido tacitamente o direito exclusivo da sra. Foxe à companhia do filho no dia mesmo da chegada. E entretanto lá estava ela, correndo à estação às escondidas, para apanhá-lo logo que ele pusesse o pé fora do trem. Era quase desonesto.

A indignação ciumenta da sra. Foxe durou apenas alguns segundos; a intensidade mesma desse sentimento apressou o reconhecimento de que era injusto, de que era indigno. Não se lhe estampara no rosto nem o mais leve sinal do que ela sentia e foi com um sorriso de indulgência satisfeita que ela escutou a descrição do encontro vagamente tartamudeada por Brian. Depois, com grande força de vontade, não somente conseguiu banir a expressão de sua emoção, mas chegou mesmo a excluir de sua consciência a própria emoção. Tudo o que um respeito impessoal pela dignidade de comportamento podia, segundo lhe parecia, justificar que ela ainda sentisse, era certa reprovação pesarosa da... — que termo devia ela empregar? — da falta de ingenuidade de Joan. Pois não estava lá muito direito que a menina lhe passasse assim por cima.

Não estava muito direito; era, entretanto, muito compreensível, passava a refletir agora, muito desculpável. Quando se ama... E Joan era um temperamento impulsivo, emotivo. O que, considerava a sra. Foxe, não deixava de ter o seu lado feliz. Os impulsos tanto eram fortes para o bem como para o mal. Se fosse possível canalizar aquela profunda e poderosa corrente de vida que ela tinha dentro de si, se fosse possível apelar com segurança para o que de melhor havia nela, possível apoiá-la naquelas belas e generosas aspirações suas — oh, como haveria ela de ser uma criatura esplêndida! Esplêndida, insistia consigo mesma a sra. Foxe.

— Então — disse no dia seguinte, quando Joan veio almoçar. — já sei que

apanhou o nosso arribadiço pela asa, antes mesmo que ele tivesse tempo de pousar. — O tom era de gracejo e um sorriso encantador se estampava no rosto da sra. Foxe. Mas Joan enrubesceu, sentindo-se culpada.

— A senhora não ficou zangada por isso, ficou? — perguntou ela.

— Zangar-me, eu? — repetiu a sra. Foxe. — Mas, zangada por que, minha querida? Apenas me lembrei do que tínhamos combinado. Mas, naturalmente, se você sentiu que absolutamente não podia esperar...

— Eu lamento isso — disse Joan. Mas subiu-lhe ao rosto um calor, qualquer coisa que era quase ódio.

A sra. Foxe pôs a mão afetuosamente no ombro da menina. — Vamos dar um passeio lá fora, no jardim — sugeriu — a ver se Brian está por lá.

CAPÍTULO XX

8 de dezembro de 1926

SAINDO DO SALÃO NAS PONTAS DOS pés, Hugh Ledwidge esperava poder gozar o refrigério de um pouco de solidão; logo, porém, que chegou ao vão da escada foi surpreendido por Joyce e Colin. E evidenciou-se-lhe então que Colin tinha uma grande curiosidade a respeito de aborígenes, havia muito tempo que estava ansioso de conversar com um etnologista profissional acerca de suas experiências sobre a caça. Durante quase meia hora, ele teve de ficar escutando, enquanto o rapaz abria a torneira do disparate e da ignorância sobre a Índia e Uganda. Um cansaço imenso o abatia. Seu único desejo era fugir, ver-se livre dessa casa de papagaios e de tagarelice estúpida, para voltar ao aconchego de um delicioso silêncio e de um livro.

Afinal, eles, graças a Deus, o deixaram e ele, tomando fôlego, retemperou-se para a provação final da despedida. Essa cerimônia do adeus no fim de uma recepção era uma das coisas que Hugh mais intensamente detestava. Ter que se expor mais uma vez ao contato pessoal, ser obrigado, cansado e sôfrego de solidão como se estava, a arreganhar os dentes e tagarelar e fazer ainda um outro esforço hipócrita — que coisa odiosa era tudo isso! Especialmente com relação a Mary Amberley. Noites havia em que a mulher não queria, nem por nada, que as visitas a deixassem, mas agarrava-se a elas, como se estivesse se afogando. Perguntas, confidências, discussões escabrosas em torno dos amores de fulano ou beltrano — tudo, pretexto para retê-las por mais alguns minutos. Dava a impressão de que via na partida sucessiva de cada convidado a morte de um fragmento de seu próprio ser. Ele sentiu um aperto no coração, quando atravessou a sala em direção a ela. “Mulher danada!”, pensava e, positivamente, a

detestava. Detestava-a, além de por outras razões, porque Helena ainda estava dançando com aquele criado de cavalaria; e agora ainda mais, com um novo acesso de malquerença, pelo fato de subitamente descobrir, através da névoa da sua vista fraca, que Staithes e o tal Beavis estavam sentados junto dela. Todos os seus loucos pensamentos sobre o possível conluio o acometeram de novo. Tinham estado a falar a respeito dele, dele no exercício para casos de incêndio, dele no campo de futebol, dele quando lhe atiraram os chinelos por cima do tabique do seu quarto. Chegou a pensar, um instante, em recuar e sair da casa sem se despedir. Mas já o tinham visto e haveriam de perceber o motivo da fuga e, com certeza, haveriam de rir-se às escâncaras. Recuperou o bom senso, tudo aquilo não passava de absurdo, não havia plano nenhum previamente arquitetado. Como poderia haver um plano? E mesmo que Beavis se recordasse, que motivo tinha ele para falar de semelhante coisa? Mas, em todo caso, ainda assim... Endireitando os ombros estreitos, Hugh Ledwidge avançou resolutamente ao encontro da pressentida emboscada.

Para seu imenso alívio, Mary Amberley deixou-o ir quase sem protesto. — Já se vai embora, Hugh? Tão cedo? — E foi só. Ela parecia abstrata, parecia estar pensando noutra coisa.

Beppo sibilou qualquer coisa amável; Staithes apenas moveu a cabeça; e chegou então a vez de Beavis. Seria aquele sorriso seu o que parecia ser — um sorriso vagamente e convencionalmente amistoso? Ou continha sentidos ocultos, escondia reminiscências escarninhas das vergonhas passadas? Hugh rodou nos calcanhares e retirou-se às pressas. Por que cargas-d'água — perguntava-se ele agora — ia um homem a reuniões idiotas como essas? E, o que era pior, continuava a ir, repetidamente, sabendo que eram extremamente desinteressantes e maçadoras...

Mark Staithes voltou-se para Anthony. — Você está bem lembrado de quem é esse? — perguntou.

— Quem? Ledwidge? Que tem ele de particular?

Staithes explicou.

— Goggler! — lembrou-se Anthony, rindo. — Naturalmente que me lembro! Coitado do Goggler! Quanta perversidade fizemos com ele!

— É por isso que eu sempre tenho fingido não saber quem ele é — disse Staithes; e sorriu com aquele seu sorriso anatômico de pena e de desprezo. — Acho que seria um ato de caridade de sua parte — acrescentou — se você fizesse o mesmo. — Proteger Hugh Ledwidge proporcionava-lhe um verdadeiro prazer.

“Extremamente desinteressantes e maçadoras — sim, e humilhantes”, pensava Hugh, humilhantes também. Pois havia sempre certa humilhação. Um Beavis a sorrir; um Gerry Watchett, como um criado insolente...

Fez-se ouvir atrás dele na escada um barulho de pés apressados. — Hugh! Hugh! — Estremeceu, como se algo o acusasse, e voltou-se. — Por que é que ia fugindo assim, sem me dizer adeus?

Tentando gracejar, disse, ao mesmo tempo que piscava o olho para Helena, através dos óculos: — Você parecia tão ocupada. — Em seguida emudeceu, num espanto súbito, que era quase pavor.

Ela estava em pé na escada, três degraus acima dele, com uma das mãos no corrimão, os dedos da outra abertos contra a parede oposta, inclinada para a frente como uma ave pronta a desferir o voo. Mas que acontecera com ela, que milagre? Aquele rosto ruborizado que pendia sobre ele parecia refletir um brilho interior. Não era Helena, aquela, mas qualquer criatura sobrenatural. Em presença daquela beleza extraterrena, ele corou da ignóbil inconsequência de ter gracejado, de a ter olhado assim, maliciosamente.

— Ocupada? — ela repetiu. — Mas eu estava apenas dançando. — E era como se um Moisés ingênuo e inconsciente tivesse dito aos seus israelitas deslumbrados: “Eu estava apenas conversando com Jeová.” — Você não tinha motivo — prosseguiu ela. Depois, rápida, como se uma ideia nova e curiosa subitamente lhe ocorresse, acrescentou, já noutro tom: — Ou será que ficou aborrecido comigo por um motivo qualquer?

Ele começou sacudindo negativamente a cabeça; mas depois, refletindo, sentiu-se impelido a tentar explicar um pouco. — Aborrecido, propriamente, não — distinguiu — apenas... apenas um pouquinho insociável.

O brilho que iluminava o rosto dela pareceu transformar-se numa intensa e

cintilante chama. Insociável! Isso era realmente de uma graça requintada! A dança tornara-a perfeita, transformara para ela a terra em céu. A ideia de que alguém pudesse ser (palavra absurda!) insociável, que alguém pudesse sentir qualquer coisa que não fosse um amor transbordante a todos e a tudo, à semelhante ideia ela não podia deixar de rir.

— Você é engraçado, Hugh!

— Muito prazer em saber que você pensa assim. — O tom era de quem estava ofendido. Voltara a cabeça.

A seda do vestido dela farfalhou. Ele sentiu nas bochechas o frescor de uma leve brisa perfumada. Já agora era apenas um degrau que a separava dele; melhor: que a aproximava dele. — Ofendeu-se, porque eu disse que você era engraçado? — perguntou ela.

Ele ergueu novamente os olhos e deu com o rosto dela no mesmo nível do seu. Acalmado por aquela expressão de verdadeira solicitude, ele respondeu, com a cabeça, que não.

— Eu não queria dizer “engraçado” no mau sentido — ela explicou. — Eu queria dizer... Ora você sabe; agradavelmente, gentilmente, encantadoramente engraçado. Engraçado, mas um amor.

Em circunstâncias ameaçadoramente pessoais, uma tolice oportuna constitui uma defesa segura. Sorrindo, Hugh levou a mão direita ao coração. — *Je suis pénétré de reconnaissance* — era o que ele ia dizer como gratidão por aquele “um amor”. O tom galante, o gesto herói-cômico acompanharam imediata e automaticamente suas palavras. — *Je suis pénétré...*

Mas Helena não lhe deu tempo para que se defendesse por trás do gracejo. Pois mal ela tinha dito aquelas palavras e já punha as mãos nos ombros dele e o beijava na boca.

Ele se sentiu, por um momento, quase aniquilado de surpresa, confusão e uma espécie de alegria sufocante, caótica.

Helena recuou um pouco e contemplou-o. Sua palidez era extrema, como se tivesse visto um fantasma. Ela sorriu — pois agora é que ele estava mais engraçado do que nunca — depois inclinou-se e tornou a beijá-lo.

Da primeira vez, ela o beijara em consequência da plenitude de vida que

sentia em si, por sentir-se perfeita num mundo perfeito. Mas a cara espantada que ele fez era de uma comicidade tão grande que, ao vê-la, Helena sentiu essa plenitude de vida perfeita como que transformada numa espécie de capricho, de malícia e de libertinagem. A segunda vez que o beijou foi, pois, para se divertir; para se divertir e, ao mesmo tempo, por curiosidade. Foi uma experiência, feita num espírito de pesquisa científica alegre. Ela era uma vivisseccionista, diplomada pela perfeição, justificada pela felicidade. Além disso, Hugh tinha uma boca extraordinariamente bonita. Jamais ela tinha beijado, antes, lábios assim, tão cheios e macios; a experiência fizera-a vibrar de prazer. Não se tratava apenas de querer ver, cientificamente, o que a criatura absurda faria em seguida; mas queria também sentir, mais uma vez, contra a boca, aquela pressão fria, experimentar aquele estranho prurido de prazer, aquela vibração, aquela cócega que, partindo dos lábios, se estendia ligeira e quase insuportável, como picadas de insetos, por toda a superfície de seu corpo.

— Foi tão gentil de sua parte, dar-se a todo esse incômodo — disse, à guisa de justificativa para um segundo beijo. As picadas voltavam mais uma vez, deliciosamente, e como que um tremor elétrico de asas vibráteis lhe agitava os seios. — Dar-se a todo esse incômodo pela minha educação.

— Helena! — foi tudo quanto ele pôde sussurrar; e, antes de ter tempo de refletir, enlaçou-a nos braços e beijou-a.

Pela terceira vez, a sua boca; e aquelas picadas de insetos correndo-lhe ao longo da pele... Mas, oh, como ele beijava depressa!

— Helena! — repetia ele.

Olharam-se; e agora, que tivera tempo para pensar, Hugh se viu subitamente tomado de um embaraço horrível. As mãos, que seguravam o corpo de Helena, ele as deixou cair furtivamente. Não sabia o que lhe dizer, ou antes, sabia, mas não encontrava meio de o fazer. Seu coração batia com uma violência dolorosa. — Amo-a, quero-a — estava ele gritando, positivamente berrando, por trás daquele seu silêncio cheio de embaraço. Mas não proferia uma palavra. Sorria para ela com um ar um tanto idiota, e baixava os olhos — os olhos; e, de súbito, refletiu que deviam estar hediondos como olhos de peixe, através das grossas lentes dos seus óculos.

“Como ele é engraçado!”, pensava Helena. Mas já não ria; extinguiu-se-lhe o riso científico. A timidez era contagiosa. Para pôr fim à situação constrangedora, ela disse: — Vou ler todos aqueles livros. E agora me lembra: você precisa me dar a lista.

Grato a ela por lhe haver fornecido um assunto sobre o qual era possível falar, ele olhou-a de novo — mas apenas por um momento, pois que não lhe permitia mais a lembrança do próprio aspecto, daqueles olhos de peixe podre, daqueles óculos. E disse: — Eu vou completá-la, preencher as lacunas e, em seguida, lhe mando. — Depois, daí a um ou dois segundos, notou que, na sua imprevidência, havia esgotado com uma simples frase esse assunto preciosamente impessoal dos livros. E voltava o silêncio, persistente, angustioso. Por fim, desesperado, pois já não havia mais nada que dizer, resolveu dar boa-noite. Tentando dar à voz uma infinidade de nuances afetivas, disse: — Boa noite, Helena. — Pretendeu pôr nessas palavras a eloquência de todo um discurso. Ouviria ela, porém, essa eloquência, alcançaria e compreenderia as profundezas do seu sentido implícito? Curvou-se e, mais uma vez, beijou-a, depressa, muito de leve — um beijo de terna e respeitosa devoção.

Não contara, porém, com Helena. O embaraço que lhe anuviara momentaneamente a perfeição brincalhona tinha-se evaporado ao contato dos lábios dele; ali estava outra vez a risonha vivisseccionista.

— Beije-me outra vez, Hugh — disse ela. E quando ele obedeceu, ela não o quis largar: prendia-lhe a boca à sua, segundo após segundo...

O ruído das vozes e a música tornaram-se, de súbito, mais fortes. Alguém tinha aberto a porta da sala.

— Boa-noite, Hugh — sussurrou ela contra os seus lábios; depois soltou-o e foi galgando, a correr, os degraus, de dois em dois.

Tendo-a acompanhado com os olhos quando ela deixou às pressas a sala para dar boa-noite ao Ledwidge, Gerry tinha sorrido consigo complacentemente. Cara cor-de-rosa; olhos cintilantes. Como se tivesse bebido uma garrafa de champanhe. Absolutamente transfigurada com a dança. Era um prazer, quando perdiam assim a cabeça; quando a perdiam assim,

entusiasticamente, prazerosamente, completamente. Nada de meias medidas. Atirando tudo pela janela, por assim dizer. A maior parte das pequenas eram umas malditas avarentas e calculistas. Só perdiam a cabeça pela metade e reservavam cuidadosamente a outra metade para bancarem a virgem ultrajada. Umas vaquinhas desprezíveis. Mas, com Helena, a gente sentia que o carro tomava logo toda a velocidade. E, uma vez desenfreada, ela não queria saber o que estava no caminho. E ele gostava do brinquedo, não somente porque esperasse tirar partido da cabeça perdida, mas também desinteressadamente, porque não podia deixar de admirar essa espécie de gente que deixava o barco correr e não estava ligando às consequências. Havia qualquer coisa de belo, de generoso, de resoluto em tais pessoas. Ele também era assim, quando podia dar-se a esse luxo. Pequena de fibra: eis aí o que ela era. E as vantagens de um temperamento — estava ele pensando, com uma satisfação íntima, quando por trás lhe bateram subitamente no braço, fazendo-o estremecer. Sua surpresa transformou-se, quase instantaneamente, em cólera. Não havia nada que ele detestasse mais do que o tocarem assim, sem que ele estivesse prevenido, sem poder defender-se. Voltou-se vivamente e, vendo que a pessoa que o tinha tocado era Mary Amberley, procurou recompor a expressão do rosto. Em vão; aqueles olhos ressentidos e cheios de dureza traíam-lhe o sorriso.

Mary, por sua vez, também ficou muito zangada de notar nele sinais de aborrecimento. — Quero falar com você, Gerry — disse numa voz que, além de baixa, ela procurava manter sempre igual e despida de toda emoção, mas que, entretanto, tremia, a despeito de todos os seus esforços.

“Nossa Senhora!”, pensou ele consigo; “aí vem uma cena!”, e sentiu uma raiva imensa daquela mulher maçadora. — Vá falando — disse em voz alta; e, com um ar ofensivo de desinteresse, tirou do bolso sua cigarreira, abriu-a e estendeu-lha.

— Aqui não — disse ela.

Gerry fingiu não a compreender. — É pena; pensei que você não se opusesse a que a gente fumasse aqui.

— Bobo! — Disse ela numa violenta explosão de cólera. Depois, agarrando-o pela manga, ordenou: — Venha cá! — e levou-o, quase arrastado,

para a porta. Subindo a escada a correr, Helena chegou a tempo de ver sua mãe e Gerry dirigindo-se para os andares superiores da casa. “Tenho de procurar outro com quem dançar”, foi tudo quanto ela pensou; e daí a um momento encontrava o pequeno Peter Quinn, com quem partia, mais uma vez, para o paraíso.

— Conversa de vadios! — disse Anthony, enquanto a dona da casa deixava a sala em companhia de Gerry Watchett. — Eu estava longe de imaginar que fosse Gerry o atual detentor...

Beppo confirmou. — Pobre Mary! — suspirou.

— Ao contrário — disse Staithes — rica Mary! — Pobre, ela será mais tarde.

— E nada se pode fazer para remediar isso? — perguntou Anthony.

— Ela ficaria com raiva de quem o tentasse.

Anthony balançou a cabeça. — Essas inclinações, essas paixões hediondas! São como o canto do cuco em agosto. Como as choradeiras dos devedores em outubro.

— Também comigo ela já manifestou sintomas de paixão — disse Staithes. — Foi logo depois da primeira vez que a encontrei. Mas eu a curei logo. Foi então que apareceu esse rufião do Watchett.

— É de fascinar o modo como esses aristocratas se comportam! — disse Anthony num tom de entusiasmo científico.

A cara escorçada de Staithes contraiu-se numa careta de desprezo. — Não passa de um gângster vulgar e grosseiro — disse. — Não posso conceber como você o suportou em Oxford. — Mas o que, sem dúvida, ele estava realmente imaginando era que Anthony o tinha suportado simplesmente por servilismo e bajulação.

— Por esnobismo apenas — confessou Anthony tranquilamente, reduzindo, assim, à metade o prazer do outro. — E depois, uma coisa em que eu insisto é que gente da marca de Gerry constitui parte essencial de toda e qualquer educação liberal. Havia nele realmente qualquer coisa de magnífico, quando ele era rico. Certa afoiteza desprendida e desinteressada. Agora... —

Levantou a mão e deixou-a cair de novo. — Não passa de um gângster, você tem toda a razão. Mas aí é que está o lado fascinante da coisa, a facilidade com que os aristocratas se transformam em gângsteres. Muito compreensível, quando se pensa bem no caso. Aí está um homem que foi educado para acreditar que tem um direito divino ao que há de melhor no mundo. E enquanto ele vai satisfazendo os seus direitos, tudo não passa de *noblesse oblige* e honra, e o que mais possa ser. Inextricavelmente mesclado de insolência, já se vê, mas verdadeiramente no seu lugar. Ora, suprimamos-lhe a renda, e as coisas mais estranhas deste mundo é provável que aconteçam. A Providência determinou que ele tivesse o que de melhor houvesse no mundo; logo, determinou que ele tivesse os meios de obter o que de melhor houvesse no mundo; logo, quando esses meios já não lhe cabem legitimamente, a Providência justifica que ele os obtenha ilegitimamente. Noutra época, o nosso Gerry poderia ter-se entregado ao banditismo ou à simonia. Teria dado um líder admirável, um cardeal quase perfeito. Hoje, porém, a Igreja e o exército são demasiado respeitáveis, demasiado profissionais. Não têm lugar para amadores. O fidalgo empobrecido vê-se, assim, compelido a viver de transações. A vender automóveis. A fazer corretagem de fundos públicos e de ações. A promover companhias duvidosas. Tudo isso acompanhado, naturalmente, de uma judiciosa prostituição de seu corpo. Se ele tem a sorte de ter nascido com o dom da verbosidade, pode ganhar a vida praticando as formas mais polidas da extorsão e da delação, como um escrevinhador de bisbilhotices. *Noblesse oblige*; mas a pobreza também. E quando ambas obrigam simultaneamente então, nós, da classe média, o que temos de melhor a fazer é começar a contar as pratas e abotoar o paletó. Ao invés disso... — Encolheu os ombros. — Pobre Mary!

No quarto de dormir, do andar superior, rolava incessante a torrente de recriminações e invectivas de Mary. Gerry nem sequer olhava para ela. De rosto voltado, parecia absorto na contemplação do Pascino pendurado por cima da lareira. O quadro apresentava duas mulheres deitadas, em escorço, numa cama, nuas.

— Gosto deste quadro — disse ele com deliberada despreocupação,

quando a sra. Amberley fez uma pausa para tomar fôlego. — Pode-se ver que o homem que o pintou tinha justamente acabado de ter relações amorosas com estas pequenas. Com todas as duas. Ao mesmo tempo — acrescentou.

Mary Amberley ficou pálida como cera; seus lábios tremiam, suas narinas agitavam-se como se estivessem vivendo uma vida à parte e incontrolável.

— Você nem sequer me estava escutando — gritou. — Oh, você é abominável, você é horrível! — E recomeçou a torrente, mais veemente do que nunca.

Ainda de costas para ela, Gerry continuava a olhar para os nus de Pascino; finalmente, lançando para o ar uma última baforada de fumo, atirou a ponta de seu cigarro no fogão e voltou-se.

— Quando você tiver terminado, podemos também ir para a cama — disse numa voz cansada. E, depois de uma pequena pausa, acrescentou, enquanto ela, incapaz de falar, o encarava furiosamente: — Pois isso é o que você realmente quer. — E, sorrindo, ironicamente, atravessou o quarto em direção a ela. Ao chegar perto, parou e estendeu-lhe as mãos, num gesto convidativo. Eram umas mãos grandes, que ele conservava imaculadas, mas grosseiras, insensíveis, brutais. — Mãos horrendas — pensou Mary ao contemplá-las — mãos odiosas! Tanto mais odiosas agora, pois era justamente pela fealdade e brutalidade dessas mãos que ela se sentira atraída da primeira vez e ainda o estava sendo, mesmo nesse momento, vergonhosamente, a despeito de todas as razões que tinha para odiá-las. — Então? Não vem? — perguntou ele, na mesma voz entre enfadada e escarninha.

A resposta foi a menção de uma bofetada. Ele, porém, ligeiro, agarrou-lhe a mão ainda em movimento no ar e, quando ela procurou servir-se da outra para o mesmo fim, ele agarrou também esta. E ela se viu inerte em suas garras.

Sempre a sorrir-lhe e sem dizer palavra, ele a foi impelindo para trás, passo a passo, na direção do leito.

— Bruto! — continuava ela a repetir — bruto! — e lutava, em vão, ao mesmo tempo que sentia um prazer obscuro em se sentir assim indefesa. Ele a empurrou contra a extremidade do divã baixo, mais e mais, inexoravelmente, até que, afinal, perdendo o equilíbrio, ela caiu para trás, sobre a colcha (caiu para

trás, enquanto ele, com um joelho na beira do leito, se debruçava sobre ela, sorrindo ainda o mesmo sorriso escarninho). — Bruto, bruto! — Mas em verdade, conforme ela secretamente e consigo mesma admitia — e a vergonhosa consciência disso era inebriante — em verdade, ela realmente queria ser tratada como ele a estava tratando, como uma prostituta, como um animal; e, o que era mais, em sua própria casa, com todos os seus convidados à espera dela, e a porta destrancada, e as suas filhas a se perguntarem onde ela estava, talvez a subirem a escada naquele momento mesmo para procurá-la. Sim, ela realmente queria aquilo. Lutando ainda, rendia-se à evidência, à intuição física direta de que essa degradação intolerável era uma realização de um velho desejo, era a revelação maravilhosa, ao mesmo tempo que horrível, era o Apocalipse, todo o Apocalipse de uma vez, anjo e besta-fera, a peste, o cordeiro e a meretriz numa única experiência divina, revoltante, esmagadora...

— Existe — dizia Anthony — uma correlação definida entre civilização e sexualismo. Quanto mais adiantada for aquela, tanto mais intenso será este.

— Confesso que — disse Beppo, sibilando de prazer — *devemos* ser civilizados!

— Civilização significa alimento e literatura, na mais ampla extensão do sentido. Bifes e revistas de ficção para todos. Proteínas de primeira classe para o corpo, histórias de amor de quarta classe para o espírito. E isso num ambiente urbano e seguro, onde não existem riscos nem fadigas físicas. Numa cidade como esta, por exemplo, pode a gente viver anos seguidos, sem ser, sequer, informado da existência dessa coisa que se chama natureza. Tudo é feito pelo e para o homem, pontualmente, convenientemente, confortavelmente. Mas as pessoas acabam por fartar-se de conveniência e conforto; querem a vibração, querem os riscos, querem as surpresas. Onde é que vão encontrar isso em nossa organização? Na caça ao dinheiro, na política, na guerra ocasional, no esporte e, finalmente, no sexo. Mas em sua maioria as pessoas não podem ser especuladoras nem políticos militantes; e a guerra é uma coisa que, por boa demais, já se vai tornando ruim; e os esportes mais requintados e arriscados são somente para os ricos. De maneira que só resta o sexo. À medida que cresce a

civilização material, assim também crescem a intensidade e a importância do sexualismo. Têm de crescer, inevitavelmente. E uma vez que, ao mesmo tempo, o alimento e a literatura têm aumentado a soma dos apetites utilizáveis... — Deu de ombros e acrescentou: — É o que se vê!

Beppo estava encantado. — Você tem uma explicação para tudo — exclamou. — *Tout comprendre c'est tout pardonner*. — Era com prazer que via no argumento de Anthony, não somente absolvição, mas também indulgência plenária para todos (pois Beppo levava o seu altruísmo ao ponto de querer que todos fossem tão felizes quanto ele) para todos e também para tudo, para todas as coisas, desde aqueles extasiados taverneiros de Toulon até aquelas prostitutas de botas (para ele, portanto, decididamente, não) do Kurfürstendamm.

Staithes não dizia nada. Pensava em que, se o progresso social se reduzia a um maior emporcalhamento para o maior número, então, então...

— Lembram-se daquela observação do dr. Johnson? — começou de novo Anthony com certa exaltação na voz. Essa observação lhe acudira subitamente, como um presente inesperado que a memória lhe fazia à razão discursiva; acudira-lhe, para lhe enriquecer o pensamento em sua forma, para completar-lhe o argumento e estender-lhe o âmbito. Sua voz era o reflexo do prazer súbito que o seu triunfo lhe proporcionava. — Como é mesmo? Ah, assim: “Raramente a atividade de um homem é tão inocente como quando ele se ocupa em ganhar dinheiro”. Mais ou menos isso. Admirável! — E soltou uma risada. A inocência daqueles que espezinham a face dos pobres, mas se abstêm de beliscar o traseiro da esposa do próximo! A inocência de Ford, a inocência de Rockefeller! O século dezenove foi o Século da Inocência, dessa espécie de inocência. E o resultado é estarmos nós agora quase em condições de dizer que, raramente, a atividade de um homem é tão inocente, como quando ele se entretém em relações amorosas.

Houve um silêncio. Staithes consultou seu relógio. — Já é hora de debandar — disse. — Mas a questão — ajuntou, voltando-se em sua cadeira para sondar a sala — a questão está em despedirmo-nos da dona da casa.

Levantaram-se e, enquanto Beppo se apressava em ir cumprimentar duas jovens pessoas de suas relações, que se achavam do outro lado da sala, Staithes e

Anthony encaminharam-se para a porta.

— Eis a questão — Staithes repetia ainda — essa é a questão... Ao chegarem, entretanto, ao vão da escada, encontraram a sra. Amberley e Gerry, que desciam.

— Estávamos à sua procura — disse Anthony. — Para nos despedirmos.

— Tão cedo? — exclamou Mary, presa, subitamente, de ansiedade.

Mas eles se mantiveram firmes. Dois minutos mais tarde, todos três, Staithes, Gerry Watchett e Anthony, subiam a rua juntos.

Foi Gerry quem rompeu o silêncio. — Oh, essas velhas terríveis — disse, sacudindo a cabeça, entre pensativo e rancoroso. Depois, mais alegre: — Que tal uma partidinha de pôquer? — sugeriu. Anthony, porém, não sabia jogar pôquer e Mark Staithes não estava disposto. Ele teve, portanto, que se ir sozinho, à procura de companhia mais condigna.

— Ora, até que enfim — disse Mark. — E se fôssemos agora passar uma horinha nos meus aposentos?

Tinha sido a coisa mais importante — ia pensando e sentindo Hugh Ledwidge enquanto se dirigia para casa — a mais importante e, também, a mais extraordinária, a mais incrível coisa que jamais lhe acontecera. Tão linda, tão jovem. — Tão elegante na sua esbelteza. (Se ao menos ela se tivesse atirado ao Tâmis e tivesse sido salva por ele! — Helena! Minha pobre menina! — E ela, murmurando, agradecida: — Hugh! Hugh...) Mas, mesmo sem suicídio, a coisa fora bastante espantosa. As duas bocas coladas, os lábios dela contra os lábios dele. Oh, por que não tinha mostrado mais coragem, mais presença de espírito? Tudo quanto lhe poderia ter dito, os gestos que deveria ter feito! Contudo, em certo sentido, foi melhor ter-se comportado como se comportou — estupidamente, timidamente, ineptamente. Melhor, porque era mais uma prova de que ela se interessava por ele; porque emprestava mais valor à atitude dela, tão jovem, tão pura — e, ainda assim, espontaneamente, sem que ele a tal a compelissem, e a despeito, até, de uma quase resistência da parte dele, ela descera alguns degraus, pusera as mãos nos ombros dele, beijara-o. Beijara-o apesar de tudo — repetia ele para si, com uma espécie de triunfo e ao mesmo tempo de

espanto, sentimentos a que estranhamente se vinham juntar a vergonha e uma convicção de fraqueza e de futilidade. Apesar de tudo. *Non piu andrai*, ia trauteando consigo, baixinho, enquanto caminhava; depois, como se a úmida noite londrina fosse uma manhã de primavera sobre as dunas, rompeu num canto inequívoco.

*Delle belle turbando il riposo,
Narcisetto, Adoncino d'amor...*

Ao chegar a casa, foi logo sentando-se à sua secretária e começou a escrever-lhe.

Helena, Helena... Se repito demais as sílabas, elas perdem seu sentido, reduzem-se a um simples ruído no meu quarto silencioso e esse não sentido tornar-se-á apavorante. Mas quando profiro o nome somente duas ou três vezes, muito baixinho, como ele se torna rico e cheio de sentido! Acompanhado de ecos, ressonâncias e evocações. Evocações, não tanto, para mim, da Helena grega original. Esta, eu não posso senti-la, imaginá-la, de outro modo senão como uma mulher madura — jamais de outro modo, senão como casada com Menelau e fugindo com Páris. Jamais assim, realmente jovem, como você é — flor de elegância, flor de perfeição. Não, a Helena que se me apresenta aos olhos da imaginação é mais a Helena de Poe, quando pronuncio esse nome. A beleza que reconduzo viajante à sua praia de origem, à sua terra natal. Não a essa evidente pátria terrena das paixões. Não; mas a esta outra pátria, mais rara, mais linda, mais distante, além e acima das paixões. Além e acima; e, todavia, implicando, incluindo as paixões, muito embora lhes seja transcendente...

Era uma carta longa; mas, saindo a correr, chegou ainda a tempo de apanhar o correio da meia-noite. O sentimento de triunfo com que voltava, pela segunda vez, a casa, era de uma pureza quase absoluta. Chegou, por um momento, a esquecer sua timidez, sua covardia humilhante, só lhe vindo à mente a consciência da força altaneira de que se animara ao escrever sua carta. Num estado de exaltação muito acima do seu “eu” habitual, esqueceu-se, ao despir-se, de guardar sua funda na gaveta, a fim de que a sra. Brinton não a visse quando lhe entrasse no quarto, de manhã cedo, para lhe trazer o chá. Já na cama, ficou muito tempo a cismar, a pensar, ternamente, paternalmente, poeticamente, a pensar e, ao mesmo tempo, a desejar. Mas era um desejo tão hesitante e tão fraco e tão brando, que a lubricidade assumia as proporções de uma prece. Ficou a pensar na mocidade perfeita de Helena, na fragilidade de sua

esbelteza, na sua inocência, suave e delicada inocência, e naqueles inesperados naqueles extraordinários beijos.

CAPÍTULO XXI

31 de agosto de 1933

HELENA TOCOU A CAMPAINHA E FICOU, depois, à escuta. No silêncio reinante por trás da porta fechada, não se percebia a menor vibração. Ela tinha vindo diretamente da estação, depois de ter passado toda uma noite no trem. Ainda não eram dez horas e sua mãe ainda estaria dormindo. Tornou a tocar; depois, passada uma pausa, tocou outra vez. Era um sono pesado aquele, não havia dúvida — a menos que tivesse passado toda a noite fora. Onde? E com quem? Lembrando-se daquele russo medonho que ela encontrara no apartamento de sua mãe na última vez que estivera em Paris, Helena franziu a testa. Tocou pela quarta vez, pela quinta vez, a campainha. De dentro do apartamento veio subitamente, como resposta, um ruído de passos. Helena suspirou, em parte aliviada com a suposição de que sua mãe apenas estivera dormindo, em parte apreensiva quanto ao que lhe estava reservado naqueles minutos ou horas que se iam seguir. A porta abriu-se por fim, dando acesso a um ambiente crepuscular que tresandava a gatos e éter e comida azeda; e ali, dentro de um sujo pijama róseo, no desalinho dos seus cabelos pintados cor de laranja, ainda a pestanejar, ainda estranhamente inchada de sono, estava a mãe de Helena. Durante um segundo, aquele rosto era uma máscara empapuçada de matrona, traduzindo uma incompreensão estupefata; depois, como que por encanto, voltou à vida, voltou quase à mocidade, com um súbito sorriso de verdadeiro prazer.

— Mas que alegria! — exclamou a sra. Amberley. — Como estou contente, querida!

Não soubesse Helena, por amarga experiência, que essa manifestação de alegria e afetividade iria inevitavelmente ser seguida, na melhor das hipóteses, de

um abatimento cheio de rancor, e, na pior, de um furioso acesso de loucura, e ter-se-ia deixado comover pela solicitude calorosa com que a mãe a recebia. Por isso, apenas deixou-se beijar e, impassível, de rosto fechado, transpôs o limiar que a conduzia àquele horrível e familiar pesadelo, que era a vida de sua mãe.

Dessa vez, ela notou que o pesadelo apresentava um elemento cômico.

— Tudo isso, por causa dessa velha porcalhona, a *femme de ménage* — explicava a sra. Amberley, enquanto estavam paradas na salinha de espera malcheirosa. — Estava furtando as minhas meias e eu tive, por isso, que fechar a porta do quarto quando saí. Depois, não sei como foi, perdi a chave. Você sabe como é que eu sou — ajuntou complacentemente, jactando-se, pela força do hábito, daquela distração de que sempre tanto se orgulhara. — Parece-me uma coisa que já não tem mais remédio. — Balançou a cabeça e sorriu, com aquele seu sorriso perverso em que havia um ar de conspiração. — Quando voltei para casa, tive que arrombar a porta aqui, nesta almofada. — E apontou para uma abertura oblonga, na parte inferior da porta.

— Eu só queria que você me visse, a dar marteladas com o ferro de engomar! — O riso que acompanhava suas palavras dava-lhe à voz todas as vibrações. — Felizmente, a madeira era mole como pau de fósforo. Ordinária, até ali. Como, aliás, tudo, nesta porcaria desta casa.

— E você teve que se abaixar toda para passar? — perguntou Helena.

— Ah, pois então? Foi assim. — E pondo-se de gatinhas, a sra. Amberley meteu a cabeça pelo buraco, virou-se de lado para fazer passar um braço e um ombro e depois, com uma agilidade surpreendente, com uma das mãos já passada para o outro lado e os pés aquém da porta, foi empurrando aqui, puxando ali, até que só ficaram as pernas na saleta de espera. Uma primeiro, outra depois, as pernas foram retiradas e, daí a um instante, como de uma casinha de cachorro, emergia da abertura a face um pouco ruborizada da sra. Amberley.

— Está vendo? — disse ela. — Fácil como pestanejar. E a beleza da coisa está em que a velha mme. Roget é gorda demais para poder passar por esse buraco. Não tenho mais que me amofinar por causa das minhas meias.

— Quer dizer que ela nunca mais entrou aqui no quarto? A sra. Amberley

meneou negativamente a cabeça. — Nunca mais, desde que perdi a chave; e isso foi, pelo menos, há três semanas. — Havia em suas palavras um tom de triunfo.

— Mas, então, quem é que faz a cama e a limpeza?

— Bem... — Houve um momento de hesitação. — Ora, quem há de ser? Eu, naturalmente — respondeu a outra um pouco irritada.

— Você?

— Por que não? — Ainda no chão, junto à portinha do canil, a sra. Amberley ergueu os olhos, quase que em desafio, para o rosto da filha. Seguiu-se um longo silêncio; depois, simultaneamente, soltaram ambas uma gargalhada.

Sorrindo sempre, Helena disse: — Quero só ver como está isso — e abaixou-se, pôs-se também de gatinhas. Aquele rosto fechado e inexpressivo que ela até pouco antes tinha conservado fora animado por um sopro de vida. Sentiu um calor interno. Sua mãe tinha sido tão absurda fazendo aparecer a careta daquele jeito fora do canil, tinha sido de um ridículo e de uma infantilidade tão grande, que ela se sentiu subitamente capaz de amá-la de novo. Amá-la e, ao mesmo tempo, rir-se dela, porque, precisamente, podia rir-se dela.

A sra. Amberley retirou a cabeça. — Naturalmente que está um pouco desarrumado — admitiu com certa inquietação, quando Helena conseguiu passar através do buraco da porta. E, ainda ajoelhada, empurrou para baixo da cama alguma roupa suja e os restos do almoço da véspera.

Novamente em pé, dentro do quarto, Helena passava a vista em volta. Aquilo estava até mais porco do que ela tinha imaginado — muito mais imundo. Fez um esforço para continuar sorrindo, mas os músculos da face recusaram-se a obedecer-lhe.

Três dias mais tarde, Helena estava viajando de volta para Londres. Abrindo o jornal inglês que havia comprado na *Gare du Nord*, leu, sempre com a mesma ausência de interesse, notícias e comentários sobre a depressão, o casamento de experiência, os nazistas, o *New Deal*. Suspirou e voltou a página. Deu com este título em letras garrafais: “Uma Excelente Estreia no Romance”. E mais abaixo, em letras minúsculas: “*O amante invisível*. Por Hugh Ledwidge. Revisto por Catesby Rudge”. Helena dobrou a página para torná-la mais

manuseável e leu com atenção intensa e fixa.

“‘Apenas um livro’, pensei eu, ‘como todos os outros’. E estive a ponto de atirá-lo para o lado, sem o ler. Felizmente, porém, algo — suponho que uma intuição mística — levou-me a mudar de opinião. Abri o livro. Fui voltando as páginas, lançando o olhar, ao acaso, para uma frase aqui, outra ali. E notei então que as frases eram gemas — joias de cristal trabalhado. Resolvi ler o livro. Eram nove horas da noite. E à meia-noite eu ainda estava lendo, encantado. Eram quase duas horas quando fui deitar-me, com o espírito ainda agitado pelo entusiasmo que me inspirara essa obra-prima que eu acabava de ler.

“Como hei de descrever-te o livro, leitor? Poderia chamar-lhe uma fantasia. E até aqui, a ideia que te dou é fiel. *O amante invisível* é realmente uma fantasia. Mas uma fantasia que é, ao mesmo tempo, mordaz e delicada; profunda, tanto quanto leve e cheia de enredos; fértil em lágrimas, tanto quanto em sorrisos; a um tempo, sutilmente humorística e cheia daquela espiritualidade superior de sir Galahad. Cheia dessa espécie de graça amargurada, em que o riso se orvalha de lágrimas. E toda ela perpassada de um fio d’água cristalino que é a pureza ingênua e infantil, infinitamente reconfortante num mundo cheio de freudianos e romancistas do sexualismo e toda a sua espécie enfadonha. Essa fantasia do amante invisível, mas sempre presente, sempre vigilante, sempre adorável e de sua infantil amada, revela uma inocência quase celestial. Se eu quisesse resumir o livro numa simples frase, diria que era a história de Dante e Beatriz, contada por Hans Andersen...”

Essas palavras, trazendo-lhe à memória as poucas tentativas humilhantes de conquista que Hugh lhe fizera, produziram no espírito de Helena uma espécie de violenta reação química. Não pôde conter uma gargalhada; e, enquanto perdurava o eco da frase ridícula, enquanto as recordações grotescas continuavam a renovar-se com intensidade cada vez maior e em pormenores cada vez mais completos, cada vez mais sórdidos, o riso continuava, irrefreável. A história de Dante e Beatriz, contada por Hans Andersen! Lágrimas de uma alegria histérica correram-lhe pelas faces. Já estava sem fôlego, os músculos da

garganta já se contraíam numa espécie de câimbra torturante. Contudo, ela continuava a rir, a rir sem parar, sem poder, absolutamente, parar. Era como se estivesse possuída de um demônio. Por sorte, estava sozinha no compartimento. Do contrário, tê-la-iam tomado por louca.

No carro, quando a caminho do apartamento de Hugh — apartamento *dela* também, a despeito de Dante e Beatriz e Hans Andersen — ela se perguntava se ele já se teria recolhido e com que cara ele haveria de ficar, ao vê-la. Não o tinha avisado de sua chegada; ele não estaria preparado para recebê-la, inerte contra o choque de sua presença patentemente física. “Coitado do Hugh”, pensava ela, entre penalizada e zombeteira. Gozando o seu prazer privado e invisível, como Dante com seu fantasma, e tendo depois que sofrer o atropelo da Signora Alighieri! Nessa noite, porém — conforme ela percebeu ao parar, afinal, diante da porta do apartamento, enquanto procurava em sua bolsa a chave de trinco — aquela sua solidão invisível já tinha sido invadida. Alguém tocava piano; vinha lá de dentro um rumor de risos e de vozes. Hugh devia estar dando uma recepção. E, de repente, Helena se imaginou entrando na sala dramaticamente, como o espectro de Banquo; e divertiu-se com essa ideia. A leitura daquele artigo tivera a virtude de predispor-lhe o ser, momentânea e integralmente, para o riso. Tudo se tornara, para ela, uma pilhéria vasta, extravagante e selvagem; e se ainda não se tinha tornado, deveria tornar-se. Foi sentindo o prurido de um prazer antecipado, que ela abriu a porta e se foi insinuando silenciosamente no *hall*. Um sortimento de chapéus estranhos estavam pendurados nos cabides, outros estavam em cima das cadeiras — dois deles, ao que ela notou, eram chapéus ricos, muito novos e bonitos e os demais, já deformados e velhos; chapéus, ao que se podia ver, de pobres intelectuais. Sobre o tampo de mármore da mesa, havia algumas cartas; por mera força de hábito, ela curvou-se para examiná-las e notou que uma trazia o seu endereço e era, conforme logo reconheceu, de Anthony. E isso era mais uma pilhéria. Então ele imaginava, seriamente, que ela ia ler as suas cartas? Que grande asno! Meteu o envelope ainda fechado em sua bolsa e atravessou em seguida, nas pontas dos pés, o corredor, a caminho do seu quarto. Como estava em ordem! E como tudo ali era morto! Dir-se-ia um mausoléu de família sob mortalhas de pó. Tirou o casaco e o chapéu, lavou-se,

penteados os cabelos, maquilou o rosto e depois, tão silenciosa como quando chegara, voltou de mansinho ao *hall* e ficou em pé junto à porta da sala, tentando descobrir, pelas vozes que ouvia, quais eram os convidados. Beppo Bowles era um deles; aquelas casquinadas, aqueles guinchos e silvos eram inconfundíveis. Este outro era Mark Staithes. Em seguida, uma voz que ela não tinha bem certeza de quem fosse, e ainda outra, muito baixa e confidencial, que devia ser de Croyland. E quem seria aquele estrangeiro ridículo, que falava tão devagar, cheio de ponderação e dizia tudo no mesmo tom? Esteve um longo minuto ali, junto da porta; depois, muito de manso, deu volta à maçaneta, foi abrindo a porta aos poucos e, sem o menor ruído, foi penetrando na sala. Ninguém a tinha notado. Mark Staithes estava sentado ao piano, com Beppo, um Beppo cada vez mais gordo — observou ela — e cada vez mais calvo, mais nervoso e agitado; e — sim, com barba e tudo! — ali estava também o Croyland. Um de cada lado de Staithes, debruçados sobre o piano e a olharem para o amigo enquanto este falava. Hugh estava no sofá, perto da lareira, com o dono daquela voz que ela não tinha reconhecido, mas que via, agora, pertencer a Caldwell, o editor — o editor naturalmente de *O amante invisível*, refletia ela, lutando para conter um novo acesso de riso. Em companhia deles estava um homem que ela antes nunca tinha visto — um jovem de cabelos louros claríssimos, com um rubor sanguíneo no rosto franco, cuja expressão era, no momento, de uma seriedade quase infantil. Era dele, evidentemente, aquele sotaque estrangeiro que ela ouvira — alemão, supunha.

Mas, já agora, tinha chegado o momento.

— Boa noite! — disse, e deu um passo à frente.

Todos estavam surpresos. Quanto ao pobre Hugh — este deu um pulo, como se alguém lhe houvesse disparado um canhão junto ao ouvido. E, depois do primeiro susto, era de um cômico irresistível a expressão de espanto e de consternação que ele apresentava.

— Então, Hugh? — disse ela.

Ele olhou-a com uma cara risonha, incapaz de dizer palavra. Desde quando começaram a chegar as primeiras notícias laudatórias do seu livro, ele sempre se sentira tão forte, como na paz da bem-aventurança. E agora ali estava Helena —

comparecendo para humilhá-lo, comparecendo para depor contra ele, desonrosamente.

— Eu não esperava — ele conseguiu murmurar incoerentemente. — Quero dizer, por que é que você...?

Mas Caldwell, que precisava manter e justificar a fama de que gozava, de orador de sobremesa, interrompeu-o. Erguendo o copo que empunhava, exclamou: — Musa. À Musa e também, não me parece indiscreto manifestar-me assim, e também à heroína da nossa obra-prima. — Encantado com a felicidade de seu próprio fraseado, olhou radiante para Helena. Depois, voltando-se para Hugh com um gesto afetuosamente significativo de seus direitos de propriedade editorial, deu-lhe uma pancadinha no ombro. — Você também deve beber, meu caro. A saudação não é feita a você — desta vez, não. — E cacarejou uma risada.

Obedecendo à ordem, Hugh revirou os olhos e tomou um trago de uísque com soda.

— Obrigada, obrigada — exclamava Helena. O riso fervia dentro dela, como água numa chaleira. Estendeu uma das mãos a Caldwell e a outra a Hugh. — Não lhes posso dizer a emoção que senti — continuou. — Dante e Beatriz por Hans Andersen. Como isso soa deliciosamente bem!

Corando, Hugh procurou protestar. — Esse horrível artigo...

Ela, porém, perguntou logo, interrompendo-o: — Mas por que guardou segredo? Por que não me disse nada?

Sim, por quê? Por quê? Era o que Hugh estava pensando; pensando que cometera a loucura de publicar o livro, sem primeiro mostrá-lo a Helena. Tivera sempre vontade de mostrar-lho —

e sempre, à última hora, encontrava mil dificuldades em fazê-lo e ficava todo embaraçado. Mas ficara-lhe sempre o desejo de publicá-lo, desejo que se fora tornando cada vez mais forte, até que, por fim, cometera a insensatez de levar o manuscrito a Caldwell e, uma vez aceito, combinara com ele que o livro apareceria durante a permanência de Helena no exterior. Como se isso a impedisse de ter qualquer informação a respeito! Loucura, loucura! E a prova de que fora um louco estava na presença dela ali, naquela noite, com aquele

estranho e selvagem sorriso estampado, com aquele brilho nos olhos. Uma indiferença não calculada era um dos traços mais característicos e encantadores da criança amada; Helena era uma celestial *enfant terrible*. Na Helena real, porém, essa indiferença parecia quase demoníaca. Ela era capaz de fazer o que quer que fosse, absolutamente o que quer que fosse.

— Por que não disse? — insistiu ela.

Ele fez um ruído vago de desculpa.

— Você me devia ter confessado que era Dante Andersen. Eu teria procurado viver em conformidade com você. Beatriz e a Pequena Vendedora de Fósforos fundidas numa só. Boa noite, Beppo! Oh, Mark, boa noite! — Eles tinham deixado o piano e atravessado a sala para cumprimentá-la. — E o senhor como está, mr. Croyland?

Mr. Croyland executou com perfeição o seu papel de cavalheiro idoso saudando uma jovem e linda mulher. Fê-lo com benevolência, com um ar brincalhão, com um eco atenuado de galanteria.

— Um encantamento tão inesperado — fez ele ouvir naquela voz baixa, deliberadamente extática, que ordinariamente reservava para a descrição dos quadros do *quattrocento* ou para quando se dirigia às pessoas célebres ou riquíssimas. Depois, com um gesto que exprimia com beleza uma explosão de afeto, mr. Croyland ensanduichou a mão dela entre as suas ambas. Mãos muito pálidas, macias, quase repulsivas na sua pequenez e delicadeza. Comparando-as, pareceu a Helena que a sua mão morena era como se fosse a mão de uma camponesa.

A barba argêntea e profética de mr. Croyland repartiu-se num sorriso que deveria ser a confirmação graciosa de suas palavras e gestos, mas que, com sua incongruente largura e a súbita ferocidade de todos os seus dentes grandes e amarelados, parecia, ao contrário, negar toda realidade à fidalguia de maneiras do velho *gentleman*. Aquele sorriso pertencia ao mr. Croyland que tinha auferido fartos proventos no negócio dos Velhos Mestres; as mãos pequenas e brancas, com seus gestos carinhosos, a voz branda e extática, com suas palavras cordiais, eram propriedade daquele outro, daquele Croyland etéreo que tinha a arte como única preocupação.

Helena retirou a mão. — Já viu aquelas taças de porcelana, mr. Croyland? — perguntou. — O senhor, que conhece tanto a Itália? Aquelas que se vendem em Montecatini para beber águas purgativas? Brancas, com uma inscrição em letras douradas: *I' son Beatrice che ti faccio andare*.

— Mas que ultraje! — exclamou mr. Croyland, erguendo suas mãos pequenas num gesto de horror.

— Pois é de pilhéria assim que eu realmente gosto. Especialmente agora, que passei a ser Beatriz... — Percebendo que o rapaz de cabelo louro estava cerca de uma jarda a oeste dela, evidentemente procurando fazer-se notado, Helena interrompeu-se e voltou-se para ele, estendendo-lhe a mão.

O jovem tomou a mão de Helena, curvou-se em ângulo retilíneo a partir da cintura e, dizendo “Giesebrecht”, apertou-a com firmeza.

Rindo (era outra pilhéria), Helena respondeu: “Ledwidge”; depois, refletindo, ajuntou: “*geboren* Amberley”.

Desconcertado com essa apresentação inesperada, o jovem fez uma segunda medida em silêncio.

Staithes interveio para explicar que tinha sido ele quem descobrira Ekki Giesebrecht. Um refugiado da Alemanha. Não por causa do seu nariz, acrescentava, enquanto (sentindo pena do pobre Hugh) a afastava confidencialmente do grupo reunido em torno do sofá; não por causa do seu nariz, mas por causa de sua política. Ariano, mas comunista — com ardor e em toda a linha.

— Ele acredita que, uma vez estabelecida a igualdade econômica, uma vez que todos ganhem igualmente, os homens deixarão de ser cruéis. E, também, que todo o poder passará automaticamente para as mãos dos melhores. E está absolutamente convencido de que ninguém será capaz de abusar, ou mesmo de desejar abusar do poder de que se ache investido. — E Staithes abanava a cabeça. — A gente não sabe se deve admirar e invejar, ou dar graças a Deus por não ser a gente também um asno desses. Um asno com as qualidades morais de um santo. O que explica o fato de ser ele um admirável propagandista. A santidade vale quase tanto como o *sex appeal*, a atração do sexo. — Puxou uma cadeira para Helena e, sentando-se de novo ao piano, começou a tocar os

primeiros poucos compassos do *Für Elise* de Beethoven; depois parou bruscamente e, voltando-se para ela, reatou o fio da conversa: — O pior é que nada endireita isso. Nem a fé, nem a inteligência, nem a santidade, nem mesmo a vilania. Nada. A fé é apenas a estupidez organizada e dirigida. Pode ser que remova uma ou duas montanhas em virtude apenas de insistentes cornadas; mas usa antolhos e não pode ver que, ao mover montanhas, não as destrói, mas somente as muda de um lugar para outro. Para ver isso é preciso inteligência; mas a inteligência pouco adianta, porque ninguém se entusiasma por ela; ela está à mercê do primeiro Hitler ou Mussolini que apareça, de quem quer que possa despertar entusiasmo; e pode-se despertar entusiasmo por *qualquer* causa, por mais idiota e criminosa que seja.

Helena estava olhando através da sala. — Suponho que o cabelo dele é naturalmente dessa cor? — disse, mais para si própria do que para o companheiro. Depois, voltando-se para Staithes, perguntou: — E quanto à santidade?

— Bem, basta voltar as vistas para a história — respondeu ele.

— Eu não conheço história.

— Já se vê que não. Mas espero que tenha ouvido falar de um certo Jesus? E também não duvido que, uma vez por outra, leia os jornais? Pois bem, junte uma coisa com outra, as notícias da manhã e o santo, e depois tire suas conclusões.

Helena fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Já as tirei.

— Se a santidade fosse suficiente para salvar o mundo — continuou ele — então é claro que o mundo já teria sido salvo há muito tempo. Dúzias de vezes. Mas a santidade não pode existir sem a inteligência. E, apesar da atração que exerce, não é mais atraente do que uma porção de outras coisas, por exemplo: boa comida, conforto, ir para a cama com alguém, fanfarronar, sentir-se superior.

Rindo (pois isso também era de fazer rir), Helena disse: — É como se não houvesse mais nada a fazer senão renunciar a tudo e tornar-se um amante invisível. — Serviu-se de um sanduíche e de um copo de vinho branco que estava na bandeja.

O grupo da outra extremidade da sala tinha-se dissolvido, e Beppo e mr. Croyland vinham voltando em direção ao piano. Staithes sorriu para eles e, apanhando o fio da discussão que a chegada de Helena tinha interrompido, disse: — Alternativamente, podia-se vir a ser um esteta.

— Você emprega a palavra como se fosse um insulto — protestou Beppo com um azedume enfático, que os anos haviam contribuído para aumentar. Estava sendo maltratado pela sorte, pela vida, que o estava tornando cada vez mais calvo, cada vez mais gordo, fazendo com que os jovens cada vez mais relutassem em tratá-lo como seu contemporâneo, tornando as vitórias sexuais cada vez mais difíceis de conseguir, levando aquele jovem alemão descoberto por Staithes a tratá-lo quase com rudeza. — Por que se deveria ter vergonha de viver para a beleza?

Essa ideia de Beppo vivendo para a beleza, com o seu colete saliente e os vastos fundilhos apertados de suas calças de xadrez, com sua careca em forma de coroa rodeada de mechas crespas de pagem florentino — essa ideia fez Helena engasgar-se ao tomar um gole do seu vinho.

Da poltrona em que estava mergulhado, mr. Croyland murmurou: — Glória a Deus pelas coisas malhadas. Estive lendo ultimamente o padre Hopkins. Tão pungente! É como um punhal. Diz, por exemplo, assim: “Como são lindas as nuvens em suas roupagens sedosas!” Suspirou e sacudiu a cabeça, pensativo. “Pertencem ao número das coisas que nos ferem com a sua beleza. Que nos ferem e, contudo, nos sustentam; que tornam a vida digna de ser vivida.”

Fez-se um silêncio de catedral.

Depois, num visível esforço para conter a vontade de rir, Helena disse: — Continue sendo um anjo, Beppo; e dê-me um pouco mais desse vinho branco.

Mr. Croyland permanecia sentado, alheio a tudo, pálpebras semicerradas, habitante de um universo superior.

Cessado o rumor que o chocar dos copos produzira, ele citou: — “O estado de madureza é tudo. A certeza sóbria de uma beatitude vigilante”. *Vigilante* — insistiu. — Rigorosamente consciente. E depois, naturalmente há os quadros: os Watteaus em Dresden, e a *Transfiguração*, de Bellini, e aqueles retratos

de Rafael no Pitti. São os contrafortes, os esteios da alma. E certas filosofias, também, Zaratustra, o Simpósio — fez um gesto com a mão. — Perdidos estaríamos, sem tudo isso. Perdidos!

— E, com tudo isso, quero crer que o amigo esteja salvo? — disse Mark do seu lugar ao piano; e, sem esperar resposta, continuou: — Quanto a mim, bem quisera eu estar salvo. Mas parece haver tão pouca substância em tudo isso. Mesmo no que isso tem de mais intrinsecamente substancial. Pois não há dúvida que a maior parte dessas filosofias não passam de um acervo de tolices. E quanto à arte, quanto à literatura — olhemos um pouco para os museus e bibliotecas. Olhemos um pouco e veremos que noventa e nove por cento são disparate e droga.

— Mas os gregos — protestou mr. Croyland — e os florentinos, e os chineses... — Esboçou no ar um gesto gracioso e elegante, como se estivesse a percorrer com os dedos os flancos de uma jarra de Sung, ou a passá-los em volta do umbigo anforiforme de uma ninfa do Alto Renascimento. Sorria sutilmente, com a pretensa expressão de uma madona de Luini; mas sem jamais deixar de mostrar, na clareira que se fazia em meio à floresta de barbas, seus grandes dentes amarelos, ferozes, rapaces (mesmo quando discorria sobre os *freschi* de Schifanoia, mesmo quando sussurrava, como se se tratasse de um segredo órfico, o nome de Vermeer de Delft).

Staithes, porém, insistia que tudo aquilo era disparate, quase invariavelmente disparate e droga. E a maior parte do que não o fosse, não passava de mediocridade. Bom, mas comum. — Como qualquer um de nós aqui poderia fazer com um pouco de prática — explicou. — E quando a gente sabe onde tem o nariz, esse miserável e inepto nariz que, todavia, não impede ninguém de realizar tais obras, não pode, em verdade, dar-se ao aborrecimento de tomar essas obras muito a sério.

Franzindo o sobrolho, mr. Croyland mostrava, evidentemente, não ter, no que lhe dizia respeito, a mesma opinião.

— Não quer dizer que não se possa apreciar a coisa por toda sorte de motivos estranhos — admitiu Staithes. — Pelo que há nela de engenhoso, por exemplo, quando se é um técnico ou um intérprete. Progressões firmes na clave

de fá, por exemplo, enquanto a mão direita modula, aparentemente ao acaso. É um gozo constante! Mas isso é, afinal, obra de carpintaria. Não; decididamente, esse bom, mas comum, não pode ser interessante. Por maior que seja o mérito ou o talento. Carece, decididamente, de valor; difere do ruim em grau, apenas. Compor à maneira de Brahms, por exemplo.

O que é isso, afinal de contas, senão um processo mais complicado e mais intelectual de compor à maneira de Meyerbeer? Enquanto o que há de melhor em Beethoven está tão acima do que há de melhor em Brahms, quanto está acima do que há de pior em Meyerbeer. Há uma diferença de natureza. Vive-se num outro mundo.

— Num outro mundo — repetiu, como um eco, mr. Croyland num sussurro religioso. — Mas isso é justamente o que eu estava procurando fazê-lo compreender. Com a suprema arte, entra-se num outro mundo.

Um guincho foi a maneira enfática que Beppo encontrou de mostrar que estava de acordo.

— Um mundo — insistia mr. Croyland — de deuses e de anjos.

— Não se esqueça de incluir os amantes invisíveis — observou Helena, que, à medida que ia bebendo o seu vinho branco, ia achando que tudo se tornava cada vez mais tumultuosamente divertido.

Mr. Croyland fingiu não perceber o aparte. — Um mundo a seguir — prosseguiu. — Os grandes artistas transportam-nos ao céu.

— Mas nunca consentem que fiquemos lá — objetou Mark Staithes. — Dão-nos somente uma provazinha, um gostinho desse próximo outro mundo e depois nos largam, nos deixam cair de novo na lama. Enquanto a coisa dura, é uma maravilha. Mas é por um tempo tão breve. E ainda mesmo quando eles realmente me elevam ao céu eu não posso deixar de perguntar: É só isso? Não há mais nada, não há ainda outra coisa? Esse outro mundo não é suficientemente outro. Quer seja *Macbeth*, quer seja a *Missa em ré*, quer se trate da *Assunção*, de El Greco. — Sacudiu a cabeça. — Essas coisas, antes, me satisfaziam. Constituía para mim uma fuga, uma evasão e, ao mesmo tempo, um apoio. Agora, porém... agora encontro-me a querer mais alguma coisa, algo de mais celestial, qualquer coisa de menos humano. Sim, de menos humano —

repetiu. E, em seguida, a cara escorchada contorceu-se num sorriso torturado. — Encontro-me um pouco na situação da enfermeira Cavel — ajuntou. — Pintura, música, literatura, pensamento... Essas coisas não satisfazem.

— O que é que satisfaz, então? — perguntou Beppo. — A política? A ciência? A caça ao dinheiro? — Staithes sacudia a cabeça após cada pergunta de Beppo.

— Mas que existe mais, além disso? — perguntou este.

Conservando ainda seu sorriso anatômico, Mark olhou para ele, um momento, em silêncio e, em seguida, disse: — Nada. Absolutamente nada.

— Isso é o seu modo pessoal de ver — disse mr. Croyland. — A mim me satisfazem essas coisas. — Baixou mais uma vez as pálpebras e mergulhou nas suas fortalezas espirituais.

Vendo-o assim, Staithes sentiu, de repente, uma gana de furar aquele balão de complacência, de abrir um buraco naquele grande saco de gás cultural com que mr. Croyland conseguia elevar suas imundas traficâncias até ao céu, fazê-las penetrar no ar rarefeito da pura estética. — E que me diz da morte? Acha que essas coisas resolvem o problema da morte? — insistiu, num tom que, de súbito, se tornara brutalmente inquisitorial. Fez uma pausa e, durante um momento, o velho esteve envolto em um silêncio horivelmente significativo — o silêncio daqueles que, em presença de uma vítima ou de um incurável, têm o tato de fazer que não percebem a condenação iminente. Resolvem, isso sim, o problema da vida — prosseguiu Mark Staithes, implacável, o problema da vida em qualquer de seus mais desagradáveis ou perigosos aspectos.

— Como, por exemplo, quando um cachorro cai de um aeroplano em cima de alguém! — ajuntou Helena, desatando a rir.

— Mas de que você está *falando*? — exclamou Beppo.

— O padre Hopkins não terá cachorros soltos — continuou ela, já cansada de rir. — Concordo com você, Mark. Um bom guarda-chuva, em qualquer dia...

Mr. Croyland ergueu-se. — Preciso ir me deitar — disse. — Deve fazer o mesmo, querida. — E pôs sobre o ombro dela, benevolmente, quase apostolicamente, a sua mão branca e pequena. — Está cansada da viagem.

— O que naturalmente pensa é que eu estou ébria — respondeu Helena,

limpando os olhos. — Sim, talvez que tenha razão. Mas — ajuntou — como é bom rir um pouco, para variar!

Depois que mr. Croyland se retirou, e Beppo com ele, Staithes voltou-se para ela. — Você está esquisita, Helena.

— Estou divertida — explicou ela.

— E o que a diverte?

— Tudo. A começar com Dante. Dante e Hans Andersen. Só quem se tivesse casado com Hugh saberia compreender a graça extraordinária que isso tem. Imagine como ficaria Europa se o touro viesse um dia a se transformar no próprio Narciso!

— Acho que você não deve falar tão alto — disse Staithes, olhando para o outro extremo da sala, onde, tendo no rosto uma expressão de irremediável miséria, Hugh fingia prestar atenção a uma discussão animada entre Caldwell e o jovem alemão.

Helena também lançou um olhar em torno por um momento e, depois, sacudindo os ombros como quem não se incomodava, voltou à posição anterior. — Se ele diz que é invisível, por que não devo eu dizer que sou inaudível? — Seus olhos de novo se iluminaram de um riso iminente. — Escreverei um livro chamado

A amante inaudível. Uma mulher que diz exatamente o que pensa de seus amantes enquanto eles se acham em relações amorosas com ela. Eles, porém, não a podem ouvir. Nem uma palavra. — Esvaziou o copo e encheu-o de novo.

— E o que é que ela diz a respeito deles?

— A verdade, decerto. Nada mais do que a verdade. Que o romântico Don Juan não passa de um vigarista. Apenas acho que, na realidade, ela só descobriria isso depois. Todavia, deve-nos ser facultado um pouquinho de licença poética, de sorte que possamos fazer o *esprit d'escalier* coincidir com o caso romântico. O luar, e “Meu amor”, e “Adoro-o”, e aquelas sensações extraordinárias (e ao mesmo tempo “Você não passa de um gatuno miserável, de um ignóbil escroque”). E depois viria o amante espiritual: Hans Dante, em carne e osso. — Balançou a cabeça. — À maneira de Kraft Ebbing!

— Mas que é que ela diz a ele?

— Ora, o que é que ela diz! — Helena tomou um trago de vinho. — Por felicidade, ela é inaudível. Seria melhor pular esse capítulo e passar diretamente ao sábio epicurista. Com o sábio, ela não precisa ser tão obscura. “Você se tem na conta de um homem porque tem a sorte de não ser impotente.” Eis o que ela diz a ele. “Mas, na realidade, você não é homem. É subumano. A despeito da sua sabedoria, ou, mesmo, por causa dela. Pior do que um trapaceiro, a certos respeito.” E depois, zás!, como uma advertência divina, despenca o cachorro!

— Mas que cachorro?

— Ora! O cachorro de que o padre Hopkins não nos pode proteger. Esse cachorro que estoura como uma bomba, quando projetado de um aeroplano. Pum! — O riso contido fervia e borbulhava dentro dela, em busca de expansão, em busca de vazão; e o único alívio possível ela o encontrava numa espécie de ultraje, em alguma violência feita publicamente aos seus próprios sentimentos e aos sentimentos alheios. — Ele quase caiu em cima de mim e de Anthony — continuou, sentindo-se estranhamente reconfortada em falar assim abertamente, e às risadas, de um acontecimento inominável. — Foi no terraço que cobria a casa dele. Estávamos completamente despidos. Como no Jardim do Éden. Foi então que, inopinadamente, desceu aquele cachorro e explodiu. É o que estou lhe dizendo, literalmente explodiu. — Esticou os braços, num gesto violento. — Foi sangue de cachorro da cabeça aos pés. Ficamos encharcados, mas *encharcados!* E apesar de tudo isso, esse imbecil vai e escreve-me uma carta. — Abriu a bolsa e mostrou-a. — Pensando naturalmente que eu ia lê-la, como se nada tivesse acontecido, como se estivéssemos ainda no Jardim do Éden. Eu lhe dizia sempre que ele era um bobo. E aí está! — Passou a carta a Staithes. — Pode abri-la e ver o que esse idiota ainda tem a dizer. Qualquer coisa de espirituoso, sem dúvida; alguma coisa leve e casual; perguntando-se, com humorismo, por que me passou pela engraçada cabecinha a ideia de ir-me embora. — Depois, notando que Mark segurava ainda a carta por abrir, perguntou: — Mas por que não lê?

— Quer mesmo que eu leia?

— Decerto. Leia em voz alta. Leia com expressão. — E fez rolar o *r*, com escárnio.

— Pois está bem, lá vai. — Ele rasgou o envelope e desdobrou as finas folhas da carta.

— “Fui procurá-la no hotel!” — Foi lendo devagar, franzindo a testa diante da letra miúda e apressada. — “Você já tinha partido e o que senti foi como o vazio da morte.”

— Que asno! — comentou Helena.

— “É provável que já seja tarde, é provável que já seja em vão; mas sinto que preciso procurar dizer-lhe nesta carta algumas das coisas que pretendia dizer-lhe ontem à noite, verbalmente. De certo modo, torna-se mais fácil, pois eu me sinto inepto quando entre mim e outro ser humano se estabelece um contato puramente pessoal. Mas, por outro lado, torna-se muito mais difícil; pois estas palavras escritas serão somente palavras e mais nada, chegarão a você flutuantes no vácuo, sem ponto de apoio, sem a vida da minha presença física.”

Foi como um ronco a risada de desdém que Helena soltou. — Como se isso fosse uma recomendação! — E bebeu mais vinho.

— “Bem, o que eu lhe queria dizer” — Staithes continuou a ler — “era isto: que subitamente (foi como uma conversão, como uma inspiração) enquanto você estava ontem ali ajoelhada no terraço, depois de ter acontecido aquela coisa terrível...”

— Ele se refere ao cachorro — disse Helena. — Por que não diz logo de que se trata?

— “... subitamente percebi...” — Mark Staithes interrompeu-se. — Olhe aqui — disse. — Não posso continuar a leitura.

— Por que não? Faço questão que continue — exclamou ela irritada.

Ele balançou a cabeça. — Não tenho o direito!

— Mas se eu lhe dei esse direito.

— Sim, já sei disso. Mas ele não deu.

— Que tem ele com isso? Depois que a carta já está em meu poder...

— Mas é uma carta de amor.

— Uma carta de amor? — Helena repetiu, incrédula, e depois desatou a rir. — É muito boa, esta! — exclamou. — É realmente sublime! Dê cá; deixe ver. — Arrancou-lhe a carta da mão. — Onde é que estávamos? Ah, aqui!...

“ajoelhada no terraço, depois de ter acontecido aquela coisa horrível, subitamente percebi que eu estava vivendo de uma mentira, de uma mentira ultrajante com relação a você!” — Declamava as palavras num tom retórico, acompanhando-as com gesticulações abundantes. — “Percebi que, apesar de todo o esforço que eu fazia por acreditar que se tratava de um simples divertimento avulso e sem responsabilidade, eu realmente a amava.” — Ele realmente me ama-a-ava — repetiu, esticando a palavra, até transformá-la numa caricatura grotesca. — Não é maravilhoso? Ele realmente me ama-a-a-ava. — Depois, virando-se na cadeira, gritou para o outro lado da sala: — Hugh!

— Que é isso, Helena? Sossegue!

Ela, porém, sentia dentro de si, como coisa imperiosa, urgente, o desejo, a necessidade de consumir o ultraje.

Arrancou de seu braço, com violência, a mão com que Staithes procurava contê-la, gritou novamente o nome de Hugh e, quando todos se voltaram para ela, disse, sacudindo a carta no ar: — Eu só queria dizer a você que ele realmente me ama-a-a-ava.

— Mas, pelo amor de Deus, cale a boca!

— Você pode estar certo de que não me calarei — retorquiu ela, voltando-se para Mark. — Por que não hei de dar a Hugh a boa notícia? Ele vai ficar contente, já que também ele me a-a-ama tanto. Não é verdade, Hughzinho? — Tornou a virar-se na cadeira, tendo estampada no rosto afogueado a excitação que a dominava. — Não é verdade? — Hugh não dava resposta. Sentado, olhava, pálido e mudo, para o chão.

— Naturalmente que é verdade — ela respondeu por ele. — Apesar de todas as aparências em contrário. — Ou antes — corrigiu-se, dando uma risadinha — apesar de todas as *desaparências*, uma vez que ele foi sempre invisível, esse seu amor. Oh, sim, Hughzinho querido, positivamente invisível. Contudo... contudo, apesar de todas as *desaparências* em contrário, você bem que me a-a-ama, não? Não é verdade? — insistia, tentando forçá-lo a responder-lhe — é verdade, ou não é?

Hugh pôs-se em pé e, sem proferir uma palavra, saiu da sala quase a correr.

— Hugh! — gritou Caldwell atrás dele — Hugh! — Não obteve resposta.

Caldwell olhou em volta, para os outros. — Ao que me parece, talvez se deva reconhecer que ele tem razão — disse, com a solicitude maternal de um editor que vê uma propriedade literária de primeira ordem na iminência de se precipitar no suicídio. — Quem sabe lá! — E erguendo-se de um salto, saiu às pressas atrás de Hugh, batendo a porta ao sair.

Sucedeu-se um momento de silêncio. Depois, Helena soltou, com ímpeto, uma gargalhada. — Não fique alarmado, *Herr Giesebrecht* — disse, voltando-se para o jovem alemão. — Isto é apenas uma amostrazinha de vida de família inglesa. *Die Familie im Wohnzimmer*, como costumávamos aprender na escola. *Was tut die Mutter? Die Mutter spielt Klavier. Und was tut der Vater? Der Vater sitzt in emem Lehnstuhl und raucht seine Pfeife*. Somente isso e mais nada, *Herr Giesebrecht*. Nada mais que uma família burguesa típica.

— Burguesa — repetiu o rapaz, e meneou gravemente a cabeça. — A senhora não sabe bem o que está dizendo.

— Deveras?

— A senhora é uma vítima — continuou ele, muito lentamente, separando bem uma palavra da outra — uma vítima da sociedade capitalista. Ela está cheia de vícios...

Helena deixou pender a cabeça para trás e riu outra vez, mais alto do que antes; depois, dominando-se com certo esforço, disse, ofegante: — Não vá pensar que estou rindo do senhor. Acho que está sendo muito gentil comigo — extraordinariamente honesto.

E é provável que tenha toda a razão quanto à sociedade capitalista. Mas, em todo caso, neste momento particular — não sei por que — pareceu-me um tanto... um tanto... — O riso espoucou ainda uma vez. — Peço desculpa.

Precisamos ir andando — disse Mark, e ergueu-se de sua cadeira. O jovem alemão também se levantou e atravessou a sala em direção a eles. — Boa noite, Helena.

— Boa noite, Mark. Boa noite, sr. Giesebrecht. Venha ver-me outra vez, promete? Hei de me portar melhor na próxima vez. — Ele retribuiu-lhe o sorriso e curvou-se. — Virei todas as vezes que a senhora desejar — disse.

CAPÍTULO XXII

8 de dezembro de 1926

MARK MORAVA NUMA CASA SUJA A pouca distância da Fulham Road. Casa escura de tijolo pardo com ornatos de terracota. No interior, linóleo com desenhos; tapetes vermelhos de Axminster; nas paredes, papel pintado de ocre e enfeitado com ramalhetes de centáureas, molhos de verduras e rosas carmesins; cadeiras e mesas de carvalho defumado; cortinas de repes; estantes de bambu encimadas de vasos de esmalte azul. “A hediondez”, refletiu Anthony, “era tão completa, tão absolutamente sem remédio, que só se poderia explicar como intencional. Mark devia ter escolhido de propósito o local mais feio que ele pôde encontrar. Para se castigar, sem dúvida — mas castigar-se por que, de que culpa?”

— Cerveja?

Anthony aceitou, com um gesto.

O outro abriu uma garrafa e encheu um único copo; quanto a ele, não bebia.

— Você ainda toca, pelo que vejo — disse Anthony apontando na direção do piano.

— Um pouco — teve Mark que concordar. — É um consolo.

O fato de, por exemplo, *A paixão segundo São Mateus* ou a *Hammerklavier Sonata* terem tido autores humanos era uma fonte de esperança. Concebia-se que a humanidade pudesse um dia e de qualquer modo tornar-se um pouco mais semelhante a Johann Sebastian Bach. Se não houvesse nada como *O cravo bem temperado*, por que razão haveríamos de nos amofinar com o desejo de uma transformação revolucionária?

— Transformar uma humanidade banal noutra humanidade banal

ligeiramente diferente. Se é só isso que a revolução pode fazer, então a partida não vale o tempo que se perde.

Anthony protestou. Para um sociólogo, era o mais fascinante de todos os jogos.

— Para um sociólogo, como espectador ou como jogador?

— Como espectador, naturalmente.

Um espetáculo de uma comicidade incomensurável no que ele tinha de grotesco e, além disso, de uma variedade infinita. Examinando, porém, mais de perto, poder-se-ia descobrir as uniformidades sob a diversidade, as regras estabelecidas e imutáveis para o jogo infinitamente cambiante.

— Uma revolução para transformar uma humanidade banal noutra variedade de humanidade banal. Você acha isso horripilante. Mas é justamente isso o que eu quisera que os anos que ainda me restam de vida me permitissem ver. A teoria submetida à prova da prática. Descobrir, depois da reforma catastrófica de todas as coisas, as mesmas e antigas uniformidades ressurgindo e impondo-se de um modo ligeiramente diferente — não posso imaginar nada de mais satisfatório. Como se inferíssemos logicamente a existência de um novo planeta e depois o descobríssemos por meio do telescópio. Quanto ao fato de se produzirem mais Sebastian Bachs... — Ele encolheu os ombros. — Você poderia igualmente imaginar a revolução aumentando o número dos irmãos siameses.

Aí estava a principal diferença entre a literatura e a vida. Nos livros, a proporção entre as pessoas excepcionais e as vulgares é elevada; na vida real, ela é muito baixa.

— Os livros são ópio — disse Mark.

— Precisamente. E aí está por que é duvidoso que exista essa coisa chamada literatura proletária. Os próprios livros proletários tratam de proletários excepcionais. E os proletários excepcionais são tão proletários quanto os burgueses excepcionais são burgueses. A vida é uma coisa tão vulgar, que a literatura tem que versar o excepcional. Talento excepcional, poder, posição social riqueza excepcionais. Daí esses gênios de ficção, esses condutores de povos e duques e milionários. As pessoas completamente condicionadas

pelas circunstâncias — podemos lamentar imensamente a situação em que se encontram; mas não podemos achar-lhes as vidas muito dramáticas. O drama só começa onde existe liberdade de escolha. E a liberdade de escolha só começa quando as condições sociais ou psicológicas são excepcionais. Eis aí por que os habitantes da literatura de ficção têm sido, sempre, recrutados nas páginas do *Who's Who*.

— Mas, então, você pensa realmente que as pessoas de dinheiro, ou poderosas, são livres?

— Mais livres do que as pobres, em todo caso. Menos completamente condicionadas pela matéria e pela vontade alheia.

Mark meneou a cabeça. — É que você não conhece meu pai — disse. — Nem os meus repelentes irmãos.

Anthony lembrou-se de que, no Bulstrode, ele sempre dizia: — O meu velho diz... — ou — O meu mano de Cambridge...

— Toda a raça vil dos Staithes — prosseguiu Mark.

Descreveu o Staithes que era então Chefe dos Cavaleiros da Ordem de S. Miguel e S. Jorge e Subsecretário Permanente. Satisfeito, como o Polichinelo, com tudo aquilo, e serenamente cômico dos seus extraordinários méritos, adorando-se a si próprio por ser tão grande homem.

— Como se houvesse alguma dificuldade real em chegar aonde ele chegou! Alguma coisa de honroso, ao menos, numa conquista mesquinha dessa espécie! — Mark fez uma careta de desprezo e repugnância. — Tem-se na conta de uma maravilha!

E quanto aos outros Staithes, os Staithes de nova geração — estes também pensavam que eram maravilhas. Havia um deles em Délhi, heroicamente ocupado em tiranizar nativos que não podiam defender-se. E o outro estava na Bolsa em franca prosperidade. Prosperidade em quê? Como quê? Como um esperto explorador da ignorância, da cobiça e da insânia de jogadores e avaros. E como coroamento de tudo isso, o homem ainda se orgulhava de ser especialista em galantarias, um Don Juan profissional.

(Por que não ter o pobre diabo o direito de se divertir um pouco? Eis o que Anthony, enquanto bebericava sua cerveja, não podia compreender.)

Um rapaz como os outros! Um cão como os outros! Um cão entre cadelas — que triunfo!

— E é a esses que você chama livres — concluiu Mark. — Mas como pode um escalador ser livre, se ele está preso à sua escada?

— Mas as escadas sociais — objetou Anthony — vão-se tornando mais largas à medida que se sobe. Embaixo, mal há lugar para se botar o pé. Em cima, os degraus têm uma largura de vinte jardas.

— Bem, pode ser que seja um poleiro mais largo do que o de um empregado de banco — admitiu Staithes. — Mas não é bastante largo para mim. Nem bastante alto. E o que mais importa: não é bastante limpo.

A raiva com que eles ficaram, quando ele se alistou, durante a guerra, como simples soldado! Achavam que ele ia rebaixar a família. Incapazes de compreender que, uma vez que se podia escolher, era mais decente optar pelo posto de soldado raso do que pelo de tenente do estado-maior.

— Excrementosos até ao âmago — disse ele. — De sorte que não podem ter senão ideias e pensamentos fecais. Defecam pelo cérebro. E, sobretudo, não podem conceber que alguém pense de modo diferente. O fecal apela para o fecal; e, quando se responde com o não fecal, então a confusão é completa.

E quando terminou a guerra, já estava à sua espera, prontinho para ele ocupar logo que fosse desmobilizado, aquele emprego que seu pai tivera tanto trabalho para lhe arranjar na City — nada menos do que com Lazarus e Coit! Um emprego de possibilidades futuras quase ilimitadas para um jovem inteligente e ativo — para um Staithes, numa palavra. — Uma renda de cinco cifras quando você tiver cinquenta anos — insistira seu pai quase com lirismo, tendo acabado por ficar verdadeiramente magoado e ofendido mortalmente, furioso enfim, quando Mark respondeu que não tinha a intenção de aceitá-lo.

— “Mas por que não?”, perguntava insistentemente o pobre e velho suíno. “Por que não?” E não havia meio de compreender que era justamente por ser o emprego tão bom, que eu não podia aceitá-lo. Tão ilegitimamente bom! Isso era justamente o que ele não podia ver. De acordo com as suas ideias, eu deveria fechar os olhos, baixar a cabeça e atirar-me à posse do cargo, como todos os suínos de Gadara fundidos num só. Em vez disso, eu lhe restituí a

imunda oferta e fui para o México, cuidar de uma *finca* de café.

— Mas você conhecia alguma coisa a respeito de café?

— Está visto que não. Foi justamente isso um dos atrativos que encontrei no trabalho. — Sorriu. — Depois que consegui saber alguma coisa a respeito, vim-me embora, para ver se havia aqui qualquer coisa a fazer.

— E há qualquer coisa a fazer?

O outro encolheu os ombros. Quem podia lá saber? Aderia-se ao Partido, fazia-se distribuição de livros, conseguia-se o financiamento de grupos de propaganda com os lucros apurados nos cravos sintéticos, falava-se nos comícios e escrevia-se nos jornais. E talvez tudo isso fosse completamente inútil. Talvez que, ao contrário, surgisse um dia o momento auspicioso...

— E depois...?

— Ah, essa é que é a questão. Tudo estará muito bem no começo. Nas fases preliminares, a revolução é um gozo. Enquanto se trata de alijar o pessoal que está em cima. Mas depois, se a coisa vencer, que fazer, então? Que fazer depois? Mais instalações de rádio, mais chocolates, mais *rendez-vous*, mais pequenas com melhores preventivos. — Sacudiu a cabeça. — Basta que demos ao homem uma oportunidade de bestializar-se, de assuinar-se, para que ele a aproveite logo, agradecido. Essa liberdade de que você falava há pouquinho, a liberdade no alto da escala social — não é senão a licença de ser um suíno; um suíno ou, alternativamente, um enfatuado, um fariseu contente de si, como meu pai. Ou, então, ambos a um tempo, como o meu precioso irmão. Suíno e enfatuado, simultaneamente. Na Rússia, ainda não tiveram a oportunidade de serem suínos. As circunstâncias os têm forçado a ser ascetas. Mas vamos supor que a experiência econômica dê certo; vamos supor que venha um tempo em que eles todos fiquem prósperos. Que os poderá, então, impedir de se transformarem em Babbitts? Milhões e milhões de Babbitts amolentados, assuinados, governados por uma pequena minoria de ambiciosos Staithes.

Anthony sorriu. — Uma nova fase da partida jogada de acordo com as velhas regras imutáveis.

— É horrível, mas parece que você tem razão — disse o outro. — É o marxismo ortodoxo, sem dúvida. Os modos de agir e de pensar são produto das

condições econômicas. Reproduzamos as condições econômicas de Babbitt e não poderemos deixar de reproduzir-lhe a moral e os costumes. Cruzes! — Levantou-se, encaminhou-se para o piano e, puxando uma cadeira, sentou-se em frente: — Vamos ver se tiramos esse gosto de nossas bocas. Suas grandes mãos ossudas ficaram por um momento pairando acima do teclado; e, em seguida, ele começou a tocar a *Toccata* e a *Fuga em ré* de Bach. Ambos se sentiram num outro universo, onde não existiam nem eram concebíveis os Babbitts e os Staithes.

Havia apenas dois ou três minutos que Mark estivera tocando, quando a porta se abriu e entrou na sala uma mulher idosa, magra e de feições cavaleares, metida num vestido de seda parda e trazendo em volta do pescoço uma pele velha, também parda. Caminhava nas pontas dos pés, como que representando, numa pantomima estudada, a própria personificação do silêncio; mas, no desempenho do papel, ia produzindo toda sorte de ruídos perturbadores — um rinchar de sapatos, um farfalhar de sedas, um tilintar de contas de colares, um chocalhar de objetos de prata pendentes da cintura por pequenas correntes. Mark continuava a tocar, sem voltar a cabeça. Embaraçado, Anthony ergueu-se e fez uma mesura. A criatura de feições cavaleares fez sinal com a mão para que ele se tornasse a sentar, e cautelosamente, numa última e prolongada explosão de ruídos, sentou-se no sofá.

— Perfeito! — exclamou, mal acabou de ouvir a última nota. — Toque-nos mais alguma coisa, Mark.

Que não, exprimiu Mark com sacudir a cabeça e erguer-se do piano. — Quero apresentar você a miss Pendle — disse a Anthony; e voltando-se para a velha: — Anthony Beavis esteve comigo no Bulstrode — explicou.

Anthony apertou a mão que ela, com um sorriso, lhe estendera. O sorriso pôs à mostra uns dentes postiços e mal ajustados, de uma brancura e brilho impossíveis. — Esteve, então, com Mark no Bulstrode! — exclamou. — Mas é extraordinário!

— Extraordinário que ainda continuemos bons amigos? — disse Mark.

— Não, não — retrucou miss Pendle e, com uma jovialidade que Anthony achou positivamente espectral, deu-lhe uma pancadinha no braço. — Você sabe perfeitamente o que eu quero dizer. Ele sempre foi assim, mr. Beavis, já desde

quando era menino.

O senhor deve se lembrar, não?

Como convinha, Anthony fez, com a cabeça, que sim.

— Tão ferino e sarcástico! Já mesmo antes de o senhor o conhecer no Bulstrode. Horrível! — exclamou, voltando-se para Mark e exibindo os dentes postiços numa reprovação simulada e afetuosa. — Saiba o senhor que ele foi o meu primeiro discípulo — ajuntou confidencialmente. — E eu, sua primeira professora.

Ouvindo isso, Anthony ergueu-se e disse, numa atitude galante: — Então deixe que eu felicite Mark por isso e, ao mesmo tempo, lhe apresente, miss Pendle, os meus pêsames.

Miss Pendle olhou para Mark. — Você acha que eu mereço as condolências dele? — perguntou, quase com astúcia, como uma mocinha faceira à caça de elogios.

Mark não respondeu. Limitou-se a sorrir e encolher os ombros. — Vou fazer um pouco de chá — disse. — Você tomaria chá, não, Penny? — miss Pendle aceitou, com um gesto. Mark levantou-se e saiu da sala.

Anthony estava constrangido, sem saber o que deveria dizer àquele velho e embaraçante trapo humano, quando miss Pendle se virou para ele. — É maravilhoso esse Mark; realmente maravilhoso. — Os dentes postiços cintilavam, as palavras saíam aos jorros, com uma incoerente veemência antiequina. Anthony sentia-se embaraçado e repugnado. — Ninguém sabe quanto ele é bom — continuava ela. — Ele não gosta que se fale nisso; mas eu não me importo — quero que todos saibam. — Tal foi a ênfase do seu gesto, que as contas do seu colar se chocaram, produzindo um som de matracas. — No ano passado, eu fiquei doente — começou ela a contar. Suas economias tinham-se acabado e ela não podia arranjar trabalho. Desesperada, escrevera a alguns de seus antigos empregadores e, entre eles, a sir Michael Staithes. — Sir Michael enviou-me cinco libras — disse. — Com isso eu fui tentando a vida por algum tempo. Depois, tive que escrever de novo. Ele respondeu que não podia fazer mais nada. Mas referiu o caso a Mark. E que pensa o senhor que Mark fez? — Olhou para Anthony em silêncio. Era um cavalo transfigurado,

cuja expressão era, a um tempo, de ternura e de triunfo e cujos olhos de pálpebras vermelhas estavam banhados de lágrimas.

— Que foi que ele fez? — perguntou Anthony.

— Veio em pessoa onde eu estava, eu ocupava então um quarto em Camberwell, veio e levou-me consigo. Levou-me imediatamente, só me dando tempo para fazer a minha trouxa. E trouxe-me para aqui. E passei, desde então, a cuidar da casa para ele. Que é que me diz disso, mr. Beavis? — perguntou. Sua voz estava trêmula e ela teve que enxugar os olhos; sentia-se, entretanto, triunfante. — Que é que o senhor pensa disso?

Em verdade, Anthony não sabia o que pensar daquilo; disse, entretanto, que era maravilhoso.

— Maravilhoso — repetiu o cavalo, aprovando. — Empregou o termo exato. Mas não lhe vá dizer que eu disse isso ao senhor. Ele ficaria furioso comigo. Ele é como aquele texto do Evangelho, que diz que a mão esquerda não deve saber o que está fazendo a direita. É assim que ele é. — Enxugou ainda, pela última vez, os olhos e assoou-se. — Olhe, aí vem ele — disse e, antes que Anthony pudesse intervir, já ela se tinha erguido num pulo, já tinha atravessado a sala como um raio, numa tempestade de ruídos farfalhantes e chocalhantes, e abria a porta. Mark entrou, trazendo uma bandeja com um serviço de chá e um prato de biscoitos sortidos.

Miss Pendle encheu a xícara, disse que não devia comer nada àquela hora da noite, mas, apesar disso, apanhou um biscoito redondo encimado por um confeito de açúcar cor-de-rosa.

— Ora, diga-me agora que espécie de menino era esse senhor Mark lá no Bulstrode — disse ela com aquele seu modo jovial. — Vou apostar que ele fez toda sorte de travessuras. — Deu outra dentada em seu biscoito.

— Ah, maltratou-me a valer — disse Anthony.

Miss Pendle suspendeu a mastigação rápida do seu biscoito, para dar uma risada. — Rapaz incorrigível! — disse ela a Mark. E os seus maxilares entraram novamente a trabalhar.

— Forte, como era, em futebol, ele tinha o direito de me tyranizar.

— Sim, sim, você era capitão do time, não era?

— Já não me lembro — disse Mark.

— Já não se lembra! — Miss Pendle repetiu, olhando triunfante para Anthony. — Isso mostra bem como ele é. Já não se lembra! — Serviu-se de um segundo biscoito, pondo de lado os simples, para escolher um que tivesse confeito, e começou a ruminar mais uma vez com a paixão intensa e concentrada das pessoas cujos prazeres sensuais se resumem nos prazeres do paladar.

Depois que a velhota se recolheu, os dois homens voltaram a sentar-se junto ao fogo. Fez-se um longo silêncio.

— Sentimental, a velhota — disse Anthony por fim.

Mark esteve, por alguns momentos, calado. Mas afinal, comentou: — Um pouco sentimental demais.

Anthony examinou-lhe a fisionomia e viu nela demonstrada a anatomia da ironia sardônica. Seguiu-se outro silêncio. O relógio, sustentado por duas ninfas enroupadas de bronze dourado, tiquetaqueava em meio às imitações de figuras de Dresden que atulhavam as prateleiras da lareira ornamentada. “Propositadamente horrível”, dizia consigo Anthony, à medida que os seus olhos iam descobrindo os detalhes de cada particular atentado ao bom gosto. E, de todas aquelas bugigangas, seria o pobre cavalo velho, seria ela, a velhota, a maior, a mais monstruosa? — O que me surpreende — disse em voz alta — é que você não traga cilício sobre a pele. Ou será que traz? — acrescentou.

CAPÍTULO XXIII

1º de junho de 1934

NA NOITE DE HOJE, QUANDO JANTAVA com Mark, foi a primeira vez que vi Helena desde o meu regresso da América.

Consideremos a significação de um rosto. Um rosto pode ser um símbolo, significando assunto cuja exposição em seus sucessivos detalhes requereria vários volumes. Para a pessoa sobre quem ele age como símbolo, significa uma vasta soma de sentimentos e pensamentos, de sensações, impressões, juízos, experiências recordadas — tudo representado sintética e simultaneamente, a uma simples vista d'olhos. Quando ela entrou no restaurante, minha impressão foi a de um homem que, ao afogar-se, tem uma visão instantânea da vida. De uma vida fútil, ruim, que não contenta; e uma visão cheia de pesar. Todas aquelas escolhas malfeitas, todas aquelas oportunidades irrevogavelmente perdidas! E aquele rosto triste não era somente um símbolo, que exprimisse indiretamente a minha história; era também um emblema diretamente expressivo da história dela. Uma história por cujo caráter triste e amargo eu era, pelo menos em parte, responsável. Tivesse eu aceitado o amor que ela me oferecia, tivesse eu consentido em corresponder a esse amor, em amar (pois eu podia ter amado)... Mas preferi ser livre, por amor ao meu trabalho — em outras palavras, preferi ficar escravizado em um mundo onde não se podia cuidar de liberdade, por amor aos meus prazeres. Fiz mais questão de sensualidade irresponsável do que de amor. Ou, em outras palavras, insisti em que ela se tornasse um meio para o fim que eu visava — minha satisfação física e avulsa; e, reciprocamente, insisti também, já se vê, em me tornar um meio para o fim que me parecia ser o dela.

É curioso ver como perde toda importância o fato de termos sido, tecnicamente, “amantes”! Não altera em nada a sua indiferença ou o meu sentimento. Existe, entre as máximas de La Rochefoucauld, uma que diz que as mulheres esquecem os favores que concederam aos seus amantes pretéritos. Eu gostava dessa máxima pelo seu cinismo; mas, em verdade, ela não faz mais do que afirmar cruamente o fato de que aquilo que se pretende não ter importância, isto é, a sensualidade, *não tem* realmente importância. No meu complexo atual de pensamentos, sentimentos e recordações, verifico que mal há lugar para o desejo físico. Isso, apesar de se tratar de recordações de gozos intensos e completos. É surpreendente a proporção na qual o erotismo é uma questão de vontade e de concentração. Atualmente, não é lá muito em termos eróticos que costumo pensar; mas, se o quisesse, seria fácil. Basta querermos considerar os indivíduos em sua capacidade de proporcionadores e gozadores virtuais de prazer, basta concentrarmos a atenção nos prazeres sensuais, para que o erotismo se torne imensamente importante e para ele se canalizem grandes somas de energia. Resolvamo-nos, porém, a conceber o indivíduo diferentemente, concentremos a atenção noutro sentido: a energia tomará outro rumo e o erotismo parecerá relativamente sem importância.

Passei boa parte da noite discutindo sobre a paz e a justiça social. Mark, com esse sarcasmo e esse tom desagradável com que sempre se refere a Miller e ao que ele chama o meu avatar neocristão, dizia: — Se os suínos quiserem estripar-se mutuamente, que o façam; é coisa, afinal, que ninguém poderá impedir. Um suíno é um suíno. — Pode tornar-se humano, insisti eu. *Homo non nascitur, fit.* Ou antes, pode aproveitar os elementos e potencialidades humanas já constituídas e com as quais ele nasce.

O argumento de Helena era o habitual argumento comunista — não pode haver paz ou justiça social, sem uma preliminar liquidação dos capitalistas, dos liberais e outros que tais. Como se pudéssemos conseguir a paz e a justiça com o emprego de meios violentos e injustos! Os meios determinam os fins e devem estar à altura dos fins visados. Os meios intrinsecamente diferentes dos fins propostos só podem conduzir a fins que lhes equivalem, e jamais àqueles fins para cuja consecução são empregados. A violência e a guerra hão de produzir

uma paz e uma organização social contendo em seu bojo mais violência e mais guerra. A guerra para terminar a guerra resultou, como de costume, numa paz essencialmente igual à guerra; a revolução com o fim de conseguir o comunismo resultou num estado hierárquico, em que uma minoria governa por métodos policiais à la Metternich-Hitler-Mussolini e em que o poder de oprimir em virtude de ser rico é substituído pelo poder de oprimir em virtude de ser membro da oligarquia. Paz e justiça social são coisas que só se obtêm por meios justos e pacíficos. E as pessoas só se comportarão com justiça e pacificamente, se se houverem exercitado individualmente nesse sentido, ainda mesmo em circunstâncias em que seja mais fácil conduzir-se violenta e injustamente. E esse treino, essa educação devem ser simultaneamente físicos e mentais. Conhecimento do modo de agir, de se servir de si próprio, assim como do fim a que essa ação visa. Neo-Ignatius e neo-Sandow — tal foi o veredicto de Mark.

Levei Mark até o carro e fui andando a pé, pois fazia uma bela noite, desde Soho até Chelsea. Os teatros estavam fechando. Helena passou de súbito a uma disposição de espírito cheia de malquerenças. Entrou a fazer comentários em voz alta sobre os transeuntes. Como se estivéssemos no jardim zoológico. Desconcertante, mas engraçada e mordaz, como quando apontava para os rapazes de cartola que procuravam parecer com o aristocrata De Rezke ou abriam e fechavam as cigarreiras à maneira de Gerald du Maurier; para as mulheres que procuravam parecer com *Vogue* ou com os anúncios caros (para cruzeiros de inverno ou casacos de pele), a cabeça no ar e as pálpebras descidas, numa atitude arrogante — ou movendo-se lentamente, como vampiros de cinema, com os ventres estufados, como na expectativa de gêmeos. Esses, os modelos lamentáveis da gente de hoje. Outrora, era a Imitação de Cristo — hoje, a de Hollywood.

Quando nos tínhamos afastado da multidão, ficamos um momento silenciosos. Depois, Helena perguntou se eu era feliz. Disse que sim — embora não soubesse bem se era “felicidade” a palavra que convinha ao caso. Mais substancial, mais completo, mais interessado, mais observador. Se não exatamente feliz, em todo caso, com melhores condições para a felicidade. Novamente calados. Depois: — Pensei que nunca mais pudesse tornar a vê-lo,

por causa daquele cão. Depois apareceu Ekki e o cão perdeu toda importância. E agora que Ekki já se foi embora, o cão continua sem importância. Por outro motivo. Tudo é sem importância, para falar verdade. Exceto o comunismo. — Mas isso era um pensamento velho, uma manifestação de fé, ditada pela força do hábito. Eu disse que os nossos fins eram os mesmos, que os meios adotados é que eram diferentes. Para ela, o fim justificava os meios; para mim, os meios justificavam o fim. Talvez, disse eu, um dia ela visse a importância dos meios.

3 de junho de 1934

NA LIÇÃO DE HOJE COM MILLER, vi-me subitamente dando um passo à frente na compreensão da teoria e prática da técnica. Para aprender o modo próprio de se servir de si, uma pessoa deve inibir-se de todos os modos impróprios. Recusar-se a ser impelida à conquista dos fins pelo equivalente (em termos pessoais, psicofisiológicos) à revolução violenta; inibir-se desta tendência, concentrar-se nos meios pelos quais os fins devem ser alcançados; depois agir. Esse processo traz como consequência o conhecimento do bom e do mau uso — o conhecimento disso em particular. Conhecimento pelo “tato”. Resultado: maior poder de observação e maior poder de controle. As coisas triviais assumem, destarte, uma nova significação. Com efeito, nada mais é trivial nem desprezível. Escovar os dentes, calçar os sapatos — tais processos ficam reduzidos por hábitos de mau uso a uma espécie de fatigante não existência. Tornemo-nos conscientes, pratiquemos a inibição, percamos a sofreguidão de chegar ao fim, concentremos nossa atenção sobre os meios — e a não existência fatigante se transformará em realidade interessante, absorvente. No último livro de Evans-Wentz sobre o Tibete, encontro, entre “Os preceitos dos gurus”, este conselho: “Conserva constantemente a consciência alerta quando estiveres andando, ou sentado, ou comendo, ou dormindo”. Conselho, como a maioria dos conselhos, desacompanhado de instruções quanto ao modo correto de pô-lo em prática. Aqui, as instruções práticas acompanham os conselhos; ensina-se a pessoa a tomar conhecimento. E não somente isso. Também se ensina como exercer

direito, ao invés de errado, as atividades de que se tem conhecimento. E ainda não é tudo. O poder de observação e o poder de controle são transferíveis. A prática adquirida no informar-se do aspecto muscular da unidade corpo-espírito pode ser aproveitada na exploração de outros aspectos. Torna-se cada vez maior a capacidade de descobrir os motivos determinantes, os motivos que levaram uma pessoa a conduzir-se de certo modo, de fixar corretamente a qualidade de um sentimento, a verdadeira significação de um pensamento. Igualmente, adquire-se uma consciência mais clara e firme do que se passa no mundo exterior e melhora-se assim o julgamento, associado a essa consciência aperfeiçoada. Adquiramos a arte de afastar o mau uso dos músculos e teremos adquirido com isso a arte de evitar processos mais complicados de conduta. E não é apenas isso: além da cura, há a profilaxia. Dada uma correlação adequada, deixarão de surgir muitas ocasiões de nos comportarmos indesejavelmente. Desaparecerão, por exemplo, as ansiedades e depressões neuróticas — quaisquer que sejam os fatos anteriores, os antecedentes que constituem a história do caso. Nota: muitos dos antecedentes relativos à infância e à adolescência são desastrosos; todavia, somente alguns indivíduos desenvolvem neuroses graves: aqueles, precisamente, nos quais o uso do “eu” é particularmente mau. Sucumbem, porque a resistência é pobre. Na prática, a neurose apresenta-se sempre associada a certa maneira errônea com que algumas pessoas se servem do próprio “eu”. (Note-se, como caracteristicamente má, a posição física dos neuróticos e loucos. A inclinação para trás, a tensão muscular, a cabeça pendida.) É preciso reeducar. Restabelecer o uso correto do corpo. Retiremos a chave da abóbada constitutiva da personalidade neurótica e a personalidade neurótica cairá por terra. E em seu lugar erguer-se-á uma personalidade em que todos os hábitos de uso físico serão corretos. Mas o uso físico correto — já que a unidade espírito-corpo é indivisível, exceto em pensamento — implica correto uso mental. Quase todos nós somos ligeiramente neuróticos. Mas até mesmo esse mínimo de neurose fornece infinitas ocasiões para um mau comportamento. O ensino do uso perfeito liberta-nos da neurose e, por conseguinte, das muitas ocasiões favoráveis ao mau comportamento. Até aqui a ética preventiva tem sido abordada como exterior

aos indivíduos. Reformas sociais e econômicas empreendidas com o fim de eliminar as ocasiões que conduzem ao mau comportamento. É importante isso. Mas não chega a ser bastante. A crença de que isso basta torna insensata a concepção do progresso como resultante da reforma social. A consciência de que isso é insensato tem sido sempre para mim motivo de prazer. Furar, com alfinetes, enormes balões cheios de ar — eis aí um dos divertimentos mais apazíveis. Mas tem qualquer coisa de pueril; e, depois de certo tempo, já não se acha mais graça. Por isso é que tanto satisfaz a conclusão de que parece haver um meio de dar sentido ao não sentido. Um método que nos leve a descobrir não só as condições externas do progresso, mas também as condições internas. Progresso, não somente do cidadão, não somente do que dirige e maneja a máquina, mas também do ser humano.

A profilaxia é boa; mas não pode eliminar a necessidade da cura. O poder de curar a má conduta parece essencialmente semelhante ao poder de curar a má coordenação. Acaba-se por aprender isso, quando se aprende o uso adequado do “eu”. Há uma transferência. O poder de inibir e de controlar. A inibição dos impulsos indesejáveis torna-se mais fácil. Mais fácil também, seguir, assim como ver e aprovar o melhor. Mais fácil pôr em prática as boas intenções e ser paciente, de bom gênio, afável, não ganancioso, casto.

CAPÍTULO XXIV

23 de junho e 5 de julho de 1927

ESTAVA ACIMA DAS SUAS POSSES; MAS não tinha importância. A sra. Amberley estava acostumada a realizar coisas acima de suas posses. Era realmente tão simples; bastava vender um pequeno empréstimo da Guerra e pronto! Ei-la a viajar de automóvel pela Itália, a apreciar os nus de Pascino, a abrir conta com Fortnum and Mason. E ei-la, finalmente, em Berkshire, na sua adorabilíssima casinha, cheirando a *pot-pourri*, com altas tílias no prado e os outeiros nos fundos, estendendo-se milha após milha, numa nudez verde e macia debaixo do céu. Estava acima de suas posses; mas era a beleza, era a perfeição. E afinal, o que eram cento e cinquenta libras do Empréstimo de Guerra? Quanto rendiam? Cerca de cinco libras por ano, pagas as taxas. E o que eram cinco libras por ano? Nada. Absolutamente nada. E, além disso, Gerry ia fazer-lhe nova inversão do dinheiro. Seu capital talvez minguasse; mas sua renda, dentro em breve, começaria a crescer. No ano próximo, já a coisa não estaria acima de suas posses; de modo que, antecipando o momento feliz, ei-la já ali, sentada sob as tílias no prado, com seus convivas em volta.

Apoiada sobre um dos cotovelos, Helena estava deitada sobre um tapete, atrás da cadeira de sua mãe. Não estava prestando atenção alguma ao que se dizia. O campo apresentava um espetáculo tão belo que, em verdade, não se podia estar ouvindo o amigo Anthony arengar sobre a importância das máquinas na história; não, a única coisa que se podia fazer, em tão celestial ambiente, era brincar com o gatinho. O brinquedo de que o gato mais gostava — assim pensava ela — era o tapete. Metia-se uma varinha por baixo de um dos cantos do tapete, devagarinho, até a ponta da varinha aparecer do lado oposto, como a

cabeça de um bicho a espiar fora da toca, cautelosamente. A espiar um pouquinho só, muito desconfiado; e depois, com um arranco, puxava-se a varinha. O bicho se assustara e recuara para o seu esconderijo. Depois, tomando-se novamente de coragem, saía outra vez, farejando à direita e à esquerda, por entre os caules das gramíneas e, afinal, recolhia-se e ia terminar sua refeição, tranquilo e seguro, debaixo do tapete. Passavam-se longos segundos, até que, de súbito, reaparecia ele como um diabinho negro surgindo de uma caixa de surpresas como se estivesse tentando apanhar desprevenido um perigo iminente, para em seguida, rápido como um raio, desaparecer. Depois, uma vez mais, cheio de dúvidas e relutâncias — impelido apenas por uma necessidade brutal e contra melhor juízo próprio — emergia ao ar livre, cômico, como logo se notava, de ser a vítima predestinada, antevendo sua triste sorte. E durante todo esse tempo, o gatinho acompanhava, com uma ferocidade muda, mas intensa, os avanços e recuos do bicho. De cada vez que a varinha se retirava debaixo do tapete, lá vinha ele de rojo, aproximando-se, com uma precaução infinita. Mais perto, mais perto, até que chegava o momento de enrodilhar-se todo, para o bote final e decisivo. Seus olhos verdes revelavam, na sua fixidez, uma maldade absurda; a intensidade tigrina de suas intenções sanguinárias era tal sobrecarga para seu pequenino corpo, que não somente a cauda, mas os próprios flancos se agitavam sob a pressão emotiva. Entremetidos, no ar, as tília farfalhavam ao sopro fraco do vento e, por sobre a grama, avançavam e recuavam círculos de luz dourada, silenciosamente. Do outro lado do prado, as sebes herbáceas dardejavam ao sol como que incendiadas e, mais além, os outeiros pareciam animais enormes adormecidos, sobre cujos flancos se arrastavam as sombras cor de anil que as nuvens projetavam. Tão belo era aquele quadro, tão celestial, que, de quando em quando, Helena sentia que já não podia sequer resistir a tanto esplendor: largava então a vareta e, apanhando o gatinho, esfregava a face contra o pelo sedoso do bichano, murmurava-lhe palavras sem sentido numa linguagem infantil, erguia-o no ar à altura do rosto, de modo que os narizes de ambos quase se tocavam enquanto as patas do gato balançavam ridiculamente no espaço e ficava a olhar fixamente para aqueles olhos verdes e enigmaticamente vivos, até que, finalmente, o bichinho,

impossibilitado de defender-se, começava a miar de um modo tão patético, que ela se resolvia a soltá-lo de novo. “Coitadinho!” murmurava, arrependida. “Será que o maltratei?” Mas esse mau trato preencheria o seu fim; sua felicidade, excessiva até doer, transbordara, por assim dizer, deixando-a agora à vontade, tornando-lhe de novo suportável a celestial beleza. Apanhou do chão a varinha. E o gato, tendo-lhe perdoado, pois que já tudo esquecera, recomeçou o brinquedo.

O toque de uma campainha de bicicleta fê-la erguer os olhos. Era o carteiro, que subia a estrada com a coleta da tarde. Helena ergueu-se nos pés e, levando o gato consigo, encaminhou-se para a casa às pressas, mas, segundo esperava, sem ser percebida. À porta, encontrou a criada, que saía com as cartas. Havia duas para ela. A primeira que abriu era de Joyce, procedente de Aldershot. (Não pôde deixar de sorrir ao ler o endereço no alto da página. “Joyce está morando agora em *A-aldershot*”, costumava dizer sua mãe, estendendo a primeira sílaba do nome com voz cavernosa e enfática e num tom de incredulidade e de quem se sentia ligeiramente ofendida, como se fosse realmente inconcebível que uma filha sua se achasse morando em tal lugar. “Em *A-aldershot*, querida.” E conseguia emprestar a esse subúrbio militar o fabuloso exotismo do Tibete, o horror e a longinquidade da misteriosa Libéria. “Morando em *A-aldershot* — como uma *mem-sahib*.”)

“Somente uma linha”, leu Helena, ainda sorrindo, “para lhe agradecer sua *meiga* carta. Estou bastante aflita com a notícia que você me deu, de que mamãe está tomando esses entorpecentes. Eles *não lhe podem* fazer bem. Colin acha que ela deveria fazer mais *exercícios*. Você poderia, talvez, sugerir-lhe a equitação. Estive tomando ultimamente lições de equitação, e é realmente uma *delícia*, quando a gente se acostuma. Estamos agora completamente instalados e você não faz ideia de como a nossa casinha está agora um amor. Colin e eu trabalhamos como negros para arranjar as coisas e devo dizer que o resultado compensa bem a luta que tivemos. Tive que fazer uma porção de visitas enervantes; mas todos aqui têm sido muito bons comigo, de sorte que me sinto agora perfeitamente à vontade. Colin manda lembranças. Sua Joyce.”

A outra carta — e aí estava por que ela tinha ido ao encontro do carteiro —

era de Hugh Ledwidge. Se as cartas tivessem sido trazidas à sra. Amberley no Prado e se esta as tivesse distribuído, em público... Helena ficou vermelha de vergonha e cólera, somente com a ideia do que a mãe poderia ter dito a respeito dessa carta de Hugh. Apesar de estar ali sentada, em volta, aquela gente toda; ou antes, justamente por causa dessa gente. Quando estavam sós, Helena geralmente resolvia o caso com uma palavra causticante. Mas quando estavam acompanhadas, a sra. Amberley sentia-se inspirada pelo auditório e entregava-se a esmeradas descrições e comentários. — Hugh e Helena — costumava ela explicar — são um misto de Sócrates e Alcibíades e D. Quixote e Dulcineia. — Havia momentos em que tinha ódio da mãe. — E um caso — dizia esta — um caso que se resume assim: Eu não poderia amar-te tanto, querida, se não amasse a etnologia ainda mais. — Muito tivera Helena que sofrer por causa dessas cartas.

Rasgou o envelope.

22-VI-27

Dia do solstício do verão, Helena. Mas creio que você é ainda demasiado jovem para meditar muito na importância de certos dias especiais. Há somente cerca de sete mil dias ao todo, que você está no mundo; e é preciso que se tenha vivido, pelo menos, dez mil, para se começar a compreender que esses dias não são em número infinito e que com eles não se pode fazer exatamente o que se quer. Estou no mundo há mais de treze mil dias e o fim já é visível, as possibilidades ilimitadas reduziram-se. Devemos cortar a roupa conforme o pano; e o nosso pano não é somente escasso; é também de um tipo especial e, geralmente, de má qualidade. Quando jovens, julgamos poder talhar no pano do tempo toda sorte de roupas esplêndidas e fantásticas, toda sorte de indumentária — barretinas e casulas e becas de doutores em filosofia; calças colantes à Nijinsky e calças azul-ardósia à Rimbaud e camisa vermelha à Garibaldi. Mas quando já temos uns dez mil dias de vida, então começamos a compreender que seremos felizes se conseguirmos talhar no tempo à nossa disposição um simples terno decente para usarmos no trabalho diário. É uma compreensão que deprime; e, de todos, o dia do solstício de verão é o que melhor faz compreender isso. É o dia mais longo. Um dos sessenta ou setenta dias mais longos dentre os vinte e cinco mil dias de uma pessoa. E que fiz eu desse dia mais comprido — o mais comprido dentre os tão poucos, tão uniformes, tão ordinários dias? O catálogo de minhas ocupações seria humilhante, de tão absurdo e sem interesse. A única coisa a ser inscrita em meu crédito e, num sentido profundo da palavra, a única coisa razoável que eu fiz foi pensar um pouco em você, Helena, e escrever esta carta...

— Há alguma carta que interesse? — perguntou a sra. Amberley quando a filha voltava da casa.

— Somente um bilhete de Joyce.

— Da nossa *mem-sahib*?

Helena sacudiu a cabeça, confirmando.

— Como sabem, ela está agora morando em A-aldershot — disse Mary Amberley às pessoas ali reunidas. — Em A-a-aldershot — insistia, prolongando a primeira sílaba, até dar à localidade uma irreabilidade grotesca e transformar a residência de Joyce em tal lugar num mito fantástico e ligeiramente indecente.

— Você pode agradecer à sua boa estrela o fato de não estar você mesma morando em Aldershot — disse Anthony. — Afinal de contas, é onde você deveria morar, como filha de general, que é.

Mary ficou, em um primeiro momento, desnorteada com essa interrupção. Já havia premeditado como iria desenvolver suas variações fantasiosas em torno do tema Aldershot. Recuperou, porém, seu bom humor, quando percebeu que ele lhe fornecia uma oportunidade a mais. — Sim, eu bem sei — exclamou com impaciência. — Filha de general. E você já pensou que, se não fosse a graça de Deus, eu talvez fosse hoje esposa de coronel? Estive a pique de me casar com um soldado. Por um triz, como lhe estou dizendo. Tipo de uma beleza das mais arrebatadoras. Mas uma pedra — bateu na testa — duro como pedra. E foi a minha felicidade, ser ele assim. Se ele tivesse um pouquinho mais de inteligência, eu teria ido para a Índia com ele. E depois? Nem se pode imaginar.

— Nem se pode imaginar — repetiu Beppo, com uma risada esguichante.

— Pelo contrário — disse Anthony — pode-se perfeitamente imaginar. O clube, todas as noites, entre as seis e as oito; recepções oficiais; adultério quando fizesse calor, polo quando frio; amofinações constantes com os criados hindus; ataques ocasionais de malária e disenteria; a remessa mensal de romances de ocasião procedentes do *Times Book Club*; e tudo isso, acompanhado do avanço inexorável do tempo — com o dobro da rapidez com que corre aqui na Inglaterra. Se você tivesse ido para a Índia, nada é mais fácil do que imaginar o que aconteceria.

— E você acha que tudo isso me teria acontecido *a mim*? — perguntou Mary.

— Que mais poderia ter acontecido? Naturalmente, você não vai pensar

que teria andado a comprar quadros de Pascino em Quetta?

Mary riu.

— Nem teria ido ler Max Jacob em Rawalpindi. Teria sido uma *mem-sahib* como todas as outras *mem-sahibs*. Talvez um pouco mais amofinada e descontente do que muitas delas. Mas, fosse como fosse, uma *mem-sahib*.

— Creio que sim — concordou ela. — Mas estará a gente assim tão fatalmente à mercê das circunstâncias?

Ele confirmou, com um gesto.

— Você acha que eu não me teria libertado?

— Não vejo por quê.

— Mas isso quer dizer que não existe realmente uma coisa que é a minha pessoa. — *Eu* — disse ela, levando a mão ao peito. — Quer dizer que eu realmente não existo.

— Sem dúvida que não existe. Nesse sentido absoluto, não existe. Você é um composto químico, não um elemento.

— Mas, se a gente, na realidade, não existe, então não se compreende por que é que... — hesitou.

— Por que é que a gente se incomoda tanto com as coisas — sugeriu Anthony. — Por que toda essa berraria e toda essa algazarra e todo esse ranger de dentes. Por que tanta inquietação em torno das peripécias de uma personalidade que não é realmente uma personalidade, mas apenas o resultado de uma série de acidentes. E certamente — prosseguiu — uma vez que você não pode explicar todas essas preocupações e inquietações, terá imediatamente que concluir que não há nenhuma razão, nenhum motivo que justifique tal atitude. E então deixará de preocupar-se, de inquietar-se, de impressionar-se — isto é, se você for sensata. Como eu — acrescentou, sorrindo.

Houve um silêncio. — Não se incomodar — repetiu consigo a sra. Amberley, pensando em Gerry Watchett. Não se incomodar. — Mas como era possível não se incomodar quando ele era tão estúpido, tão egoísta, tão brutal, e ao mesmo tempo objeto de um desejo tão torturante — como a água no deserto, como o sono depois da insônia? Teve ódio dele; mas a ideia de que dentro de alguns dias ele estaria ali, iria ficar em sua casa, produziu-lhe em todo

o corpo uma sensação mordente de quentura. Fechou os olhos e respirou profundamente.

Carregando ainda nos braços o gatinho, como um bebê felpudo, Helena tinha-se afastado por sobre a relva. Queria estar só, sem que lhe chegassem aos ouvidos aqueles risos, aquelas vozes inconsequentes e enervantes. — Sete mil dias — repetia de quando em quando. E não era somente aquele sol no ocaso que emprestava a tudo uma beleza tão solene e tão rica era também o pensar nos dias que se escoavam, nas limitações humanas, na dissolução final inelutável. — Sete mil dias — disse em voz alta — sete mil dias. — Seus olhos encheram-se de lágrimas e ela apertou mais rente ao peito o gatinho adormecido.

Savernake, White Horse, Oxford; e, de onde em onde, os roncos e os guinchos do Bugatti de Gerry, o sopro rijo do vento, os zigue-zagues e os saltos, os terrores vertiginosos, mas, ao mesmo tempo, deliciosos causados pelo excesso de velocidade. E ei-los, novamente, de volta. Depois de um século, dir-se-ia; e era, ao mesmo tempo, como se nunca tivessem estado ausentes. O automóvel parou; Helena, porém, não fez nenhum movimento para desembarcar.

— Que é que há? — perguntou Gerry. — Por que não desce?

— É terrível, esse fim. Como um encanto que se desfaz. Como quando se sai de um círculo mágico.

— Mágico? — repetiu ele — De que espécie? Branco ou preto?

Helena riu. — Malhado. Absolutamente celestial e absolutamente imponente. Sabe, Gerry? Você devia ser metido na cadeia, por dirigir um carro assim. Ou num hospício de alienados. Louco e criminoso. Mas eu adoro isso — acrescentou enquanto abria a porta do carro e descia.

— Bem! — foi tudo quanto ele disse, enquanto lhe atirava um sorriso que procurou tornar o menos amoroso possível. Engrenou o carro e partiu como uma bala em volta da casa, fazendo desprender-se um fedor de óleo de rícino em combustão. E rumou para a garagem.

“Encantadora!”, pensava. E quão avisado ele fora em se ter comportado com ela como um irmão mais velho, jovial, virtuoso! Era a isca. Para a caça ir se

acostumando. Daí a pouco ela estaria comendo na mão dele. Em Mary é que estava, sem dúvida, a principal dificuldade. “Fêmea importuna!”, pensou, com uma súbita sensação de náusea. “Ciumenta, desconfiada, intrometida. Conduzindo-se como se ele fosse sua propriedade particular. E sôfrega, insaciável. Perpetuamente grudada a ele, esfregando nele aquele seu corpo velhusco.” E enquanto manobrava para meter o carro na garagem, rugas de repugnância lhe encarquilhavam o rosto. “Mas graças a Deus”, continuava ele a refletir, “graças a Deus ela tinha apanhado aquela cólica de fígado ou lá o que era. A coisa deveria pô-la quieta por algum tempo, impedi-la de lhe barrar a passagem”.

Sem se dar ao incômodo de tirar o casaco, completamente esquecida da doença da mãe e até, por um momento, de que ela sequer existisse, Helena atravessou o *hall* e, quase correndo, irrompeu na cozinha

— Onde está o Tompy, mrs. Weeks? — reclamou da cozinheira. O efeito produzido pelo sol, pelo ar do campo e pelo automóvel de Gerry, pelo Bugatti, fora tal, que ela sentia agora uma necessidade absoluta de tomar nos braços o gatinho. Imediatamente. — Preciso saber onde está o Tompy — insistia. E à guisa de desculpa e explicação, ajuntou: — Não tive tempo de vê-lo hoje de manhã; saímos tão às pressas.

— O Tompy parece que não está passando muito bem, não, miss Helena — informou mrs. Weeks, pondo a costura para o lado.

— Não está passando bem?

— Eu o trouxe aqui para dentro — continuou mrs. Weeks, levantando-se de sua cadeira Windsor e conduzindo Helena para a copa. — Aqui é mais fresco. Ele parecia sentir tanto calor. Parecia, assim, que estava com febre. Francamente, eu mesma não sei o que é que ele tem — concluiu num tom meio de queixa, meio de pena. Tinha pena de Tompy. Mas também tinha pena de si própria, porque Tompy lhe dera todo aquele incômodo.

O gatinho estava deitado num lugar escuro, debaixo da pia. Agachando-se ao lado do cesto, Helena estendeu a mão para apanhá-lo. Depois, com uma breve exclamação de horror, retirou-a, como se sentisse o contato de algo repelente.

— Mas que foi que lhe aconteceu? — gritou.

O pelo malhado do bichano perdera toda a sua maciez, todo o seu lustre sedoso, dispondo-se em tufo úmido irregular. Os olhos fechados e gosmentos segregavam uma substância amarela. Um corrimento no nariz sujara-lhe toda a cara, desfazendo o belo arranjo que o pelo compunha. O absurdo e lindo Tompyzinho com que ela brincara ainda na véspera, o engraçado e admirável Tompy que ela erguera, patético e indefeso, numa das mãos, que esfregara contra o rosto, em cujos olhinhos fixara os seus olhos, desaparecera e deixara em seu lugar um trapo mole e impuro com um restinho de vida. Tal qual aqueles rins — ocorreu-lhe subitamente, de envolta com uma náusea; mas logo se envergonhou de semelhante pensamento, logo se envergonhou de ter, com aquele seu primeiro gesto de retraimento, provocado automaticamente tal pensamento, antes mesmo de concebê-lo conscientemente.

— Que vileza, a minha! — pensou. — Vileza absoluta!

Tompy estava doente, precário, talvez morrendo. E ela levava os seus melindres ao ponto de ter nojo de tocá-lo. Esforçando-se por vencer a repugnância, estendeu mais uma vez a mão, apanhou o gatinho e, com os dedos da mão que ficara livre, acariciou-lhe (com que relutância e náusea!) o pelo lambuzado e úmido. As lágrimas apontaram-lhe nos olhos, extravasaram, correram-lhe pelas faces.

— Hediondo! Hediondo! — repetia, com a voz entrecortada. — Coitado do Tompyzinho! Meu belo, adorável, meu tão engraçado Tompyzinho! Trucidado — não, pior do que isso: reduzido a um mulambo nojento; sem motivo nenhum, nem sentido nenhum; e num dia como este, neste dia maravilhoso, com as nuvens passando sobre White Horse, o sol coando-se por entre as folhas na floresta de Savernake. E agora, para cúmulo de males, ei-la com nojo do pobre bichinho, repugnada de tocá-lo, como se ele fosse um daqueles rins imundos... Ei-la ali, ela, que fingira gostar dele, que, de fato, gostava dele, emendou-se pressurosa. Mas não adiantava estar agora a segurá-lo assim, a afagá-lo assim; isso não modificava em nada o que ela estava realmente sentindo. Podia executar como quisesse o gesto tendente a dominar sua repugnância; a repugnância continuava. A despeito do bem que lhe queria.

Ergueu o rosto em pranto para mrs. Weeks. — Que é que eu devo fazer?

Mrs. Weeks sacudiu a cabeça. — Não me parece que haja muita coisa a fazer — disse. — Com gatos, não creio.

— Mas é preciso que se faça qualquer coisa.

— A única coisa a fazer é deixá-lo sozinho — insistia mrs. Weeks, com um pessimismo reforçado pela decisão de não se amofinar. Depois, condoendo-se do estado precário em que Helena se achava, ajuntou, para consolá-la: — Ele vai ficar bom, ele vai ficar bom. Não é preciso chorar. Basta só deixá-lo dormir, que passa.

Soaram passadas nos lajeados do pátio da cavalaria e através da janela aberta entravam as notas do fox. “Oh, sim, senhor, esta pequena é minha”, assobiado com certa desafinação. Helena, que estava de cócoras, ergueu-se logo e, voltando-se para a janela. gritou: — Gerry! — E em seguida acrescentou, como em resposta à expressão de comiseração e surpresa que notou nele: — Aconteceu uma coisa horrível.

Nas mãos grandes e vigorosas do rapaz era de fazer pena a insignificante pequenez de Tompy. Mas com que delicadeza e eficiência ele o tratava! Vendo-o limpar os olhos do gatinho, tirar-lhe o muco das ventas, Helena admirava-se da delicadeza e precisão de seus movimentos. E pôs-se a refletir, com uma consciência mais viva de sua vergonhosa inépcia, que ela própria não pudera fazer outra coisa senão afagar o pelo de Tompy e sentir-se enojada. Inconcebível, absolutamente inconcebível! E quando ele lhe pediu que o ajudasse a fazer Tompy engolir meia cápsula de aspirina dissolvida no leite, ela ficou, como se diz, cheia de dedos e acabou entornando o remédio.

— Eu acho que sozinho me arranjo melhor — disse ele. E tomou-lhe a colher da mão. Sua humilhação atingiu o auge...

Mary Amberley estava indignada. Ali estava ela, com febre e sentindo dores, cheia de amofinações que ainda mais lhe aumentavam a febre e as dores e que eram motivadas pela ideia do perigoso passeio com Gerry na direção. E, entretanto, ali estava Helena, entrando casualmente no seu quarto depois de estar em casa havia mais de duas horas — mais de duas horas sem ter tido

sequer a decência comum de vir ver como ela estava, mais de duas horas, enquanto sua mãe — sua mãe, note-se bem! — jazia ali, angustiada e aflita, a pensar num desastre que talvez lhes tivesse acontecido.

— Mas eu encontrei Tomy morrendo — explicava Helena. — Acaba de morrer, agora mesmo. — Tinha o rosto muito pálido, os olhos vermelhos e cheios de lágrimas.

— Bem, se você prefere um mísero gato à sua mãe...

— Além do mais, você estava dormindo. Se não estivesse dormindo, teria ouvido o barulho do automóvel, quando chegamos.

— Faltava só isto, agora: não querer que eu durma — disse a sra. Amberley com azedume. — Será que não posso ter um momento de trégua para minhas dores? Além do que — acrescentou — eu não estava dormindo, como você diz. Eu me encontrava num estado de delírio. Tenho estado várias vezes assim, hoje. Certamente que não ouvi o barulho do carro. — Deparou-se-lhe aos olhos a garrafa de “Somnifaine” sobre a mesinha ao lado da cama, e a desconfiança de que Helena também a tivesse notado tornou-a ainda mais zangada. — Seu egoísmo não é nenhuma novidade para mim — continuou ela. — Mas uma coisa eu devo dizer: é que não imaginava, nunca imaginei que a coisa chegasse a esse ponto.

Noutra ocasião Helena teria tratado de se defender, ter-se-ia zangado, ou então, reconhecendo-se culpada, teria desatado a chorar. Naquele momento, porém, ela se sentia tão miseranda que não podia derramar mais lágrimas; tão subjugada pela vergonha e pela infelicidade, que se tornara insensível à mais flagrante injustiça. Seu silêncio exasperou ainda mais a sra. Amberley.

— A mim sempre me parecia — voltou ela à carga — que você era egoísta somente por estouvamento. Mas agora vejo que você não tem entranhas. De uma insensibilidade perfeita. Aqui estou eu, eu que sacrifiquei por você os melhores anos de minha vida; e que é que recebo em paga? — Sua voz tremia ao fazer tal pergunta. Estava convencida da realidade desse sacrifício, profundamente abalada pela lembrança de sua extensão, de sua enormidade, que o tornava um verdadeiro martírio. — A mais cínica indiferença. Eu podia morrer e ser atirada à vala comum que você pouco se incomodava. Incomodar-

se-ia muito mais com o seu gato. E agora, trate de retirar-se — disse, quase gritando — saia daqui! Já estou sentindo o sangue me subir à cabeça. Saia daqui!

Depois de um jantar solitário — pois Helena tinha ficado em seu quarto a pretexto de uma dor de cabeça — Gerry subiu, a fim de fazer companhia a sra. Amberley. Estava particularmente encantador nessa noite, e tão afetuoso e solícito, que Mary chegou a esquecer todos os motivos acumulados de queixa e de novo se sentiu apaixonada por ele, desta vez por uma série de outras razões — não porque fosse bonito, não porque fosse o tipo consumado do amante cruel, do amante que dominava com facilidade e insolência, mas porque era bondoso, atencioso, afetuoso, porque era, numa palavra, tudo aquilo que ela antes tinha sabido que ele não era.

O relógio bateu dez e meia. Ele ergueu-se da cadeira. — São horas de você dormir.

Mary protestou; ele insistiu, com firmeza — para bem dela mesma.

Trinta gotas eram a dose normal de Somnifaine; mas ele contou quarenta e cinco, para ter a certeza de que ela dormiria, fê-la beber e, depois, aconchegou-a debaixo das cobertas (como uma cria velha da casa, exclamou ela, rindo de prazer, enquanto ele se ocupava de uma coisa e outra em volta da cama); enfim, depois de desejar-lhe boa noite com um beijo em que havia uma ternura quase maternal, apagou a luz e deixou-a.

O relógio da igreja soou onze horas. Ao ouvir as pancadas do sino distante, Helena pensava quanto eram tristes e desoladoras. Era como se estivesse ouvindo a voz do seu próprio espírito, vinda misteriosamente como um revérbero das paredes da noite circunstante. Uma, duas, três, quatro... Cada uma das suaves notas que vibravam no ar parecia mais inapelavelmente funérea do que a anterior, parecia erguer-se das profundezas de uma solidão mais extrema. Tumpy morrera e ela não fora, sequer, capaz de dar-lhe uma colherada de leite com aspirina dissolvida, não tivera força para vencer sua repugnância.

Egoísta e sem entranhas; sua mãe tinha toda a razão. Mas, não menos do que egoísta, sentia-se solitária, isolada, inteiramente só em meio às malignidades absurdas que haviam tirado a vida ao pobre Tumpyzinho; e a sua frieza, a sua

insensibilidade, a sua indiferença falavam com a voz desesperada daquele sino; e, em volta, a noite era vazia e enorme.

— Helena!

Ela sobressaltou-se e virou a cabeça. Era impenetrável a escuridão do quarto.

— Sou eu — continuou a voz de Gerry. — Fiquei tão preocupado com você. Está se sentindo melhor?

De surpresa e alarmada que a princípio estivera, Helena passou a sentir-se contrariada de se ver assim surpreendida por um intruso em sua infelicidade toda íntima. — Não precisava vir me amolar — disse friamente. — Eu não tenho nada.

Envolto em sua branda aura de fumo turco, de pasta de dentes aromatizada com hortelã-pimenta, de cosmético de folhas de louro, ele foi se aproximando sem ser visto. Uma mão tateante tocou o cobertor e tocou, por fim, a pele dela; depois, as molas do enxergão rangeram e arfaram sob o peso, ao sentar-se ele sobre a beira da cama.

— Eu me senti um tanto responsável — prosseguiu ele. — Todo aquele *looping the loop!* — O tom de sua voz implicava um sorriso invisível, sugeria um piscar caprichoso e afetuoso de olhos ocultos.

Ela não fez comentário algum. O silêncio foi longo. “Abri mal o jogo”, pensou Gerry, franzindo a testa na escuridão; depois começou de novo, mudando de tática.

— Não posso deixar de me lembrar desse infeliz Tompyzinho — disse com uma voz diferente. — Extraordinária a perturbação em que se fica quando um animal fica doente dessa maneira. Parece uma *injustiça* terrível.

Daí a alguns minutos ela chorava; e isso foi pretexto para ele a consolar.

Brandamente, como quando tratara de Tomy, e com toda aquela ternura que tanto comovera a sra. Amberley, ele pôs-se a afagar-lhe os cabelos e, mais tarde, quando os soluços diminuíram, correu os dedos da outra mão ao longo de seu braço nu. Repetidamente, com uma regularidade paciente de ama acalentando o bebê para fazê-lo dormir. Repetidamente... Trezentas vezes pelo menos, pensava ele, antes de arriscar qualquer gesto que porventura pudesse ser

interpretado como um gesto de amor. Trezentas vezes; e, ainda depois, as carícias teriam que desviar-se por graus insensíveis, como por uma série de acidentes, até que, gradualmente, involuntariamente, a mão que estava agora sobre o braço dela viesse afinal roçando, com a mesma persistência maternal, sobre o seio, enquanto os dedos que iam e vinham metodicamente por entre os anéis dos cabelos desviar-se-iam para a orelha, e da orelha, passando pela face, chegariam aos lábios, onde se demorariam levemente, castamente, mas pejados das alvíssaras dos beijos, procuradores e precursores da boca, que por último desceria sobre a dela, na escuridão, como recompensa de sua longa paciência.

CAPÍTULO XXV

20 de maio de 1931

ERA MAIS UM NOCAUTE. FITZSIMMONS, JEFFRIES, Jack Johnson, Carpentier, Dempsey, Gene Tunney — os campeões surgiam e desapareciam; mas a metáfora com que mr. Beavis descrevia os seus lutos sucessivos permanecia inalterada.

Sim, um rude golpe. E, contudo, parecia a Anthony que havia uma nota quase de triunfo nas reminiscências do pai, à mesa do almoço, referentes à infância escolar do tio James.

“Pobre James... Aqueles cabelos ondedados que ele tinha então... *nos et mutamur*.” A comiseração e o pesar mesclavam-se de certa satisfação — a satisfação de um velho que ainda se encontra cheio de vida, ainda capaz de assistir às exéquias de seus contemporâneos, de seus parentes e amigos mais novos.

— Dois anos — insistia ele. — Havia uma diferença de quase dois anos entre mim e James. Na escola chamavam-me, para distinguir, o Beavis número um.

Sacudiu a cabeça, pesaroso e triste, mas brilhara em seus olhos cansados uma luz insopitável. — Coitado do James! — suspirou. — Poucas foram as vezes em que nos vimos, nestes últimos anos. Depois de sua conversão, então, nem uma vez. Como pôde ele converter-se? Não me posso explicar. Católico no meio de tantos, justamente ele...

Anthony não dizia nada. “Mas, afinal”, pensava consigo, “não era tanto para surpreender”. O pobre velhote formara-se ateu, segundo a escola secularista de Bradlaugh. Devia ter sido feliz como um bem-aventurado,

alardeando seu desprezo universal, seu obstinado desespero. Mas tivera a má sorte de ser homossexual numa época em que uma pessoa não podia confessar que o era, nem mesmo a si própria. Pederastia passiva — eis o que envenenara toda sua vida e transformara aquela desesperança metafísica e deliciosamente pickwickiana numa miséria real, vulgar ou comum. Miséria e neurastenia. O velhote tinha sido meio louco, lá isso era verdade. (O que não o impedira de ser um atuário de primeira ordem.) Depois, durante a guerra, o céu se desnublara. Podia-se ser bom para os soldados feridos — ser bom *pro patria* e com uma consciência limpa. Anthony lembrou-se das visitas que tio James lhe fizera no hospital. Vinha quase todos os dias. Carregado de presentes para uma dúzia de sobrinhos, tanto para o verdadeiro como para os adotivos. No seu rosto magro, melancólico, notava-se, naqueles dias, um sorriso permanente. Mas a felicidade não dura. Viera o armistício; e, depois daqueles quatro anos no paraíso, o inferno parecera mais negro do que nunca. Em 1923 fizera-se papista. Já era de esperar.

Mr. Beavis, entretanto, não podia absolutamente compreender. A ideia de James cercado de jesuítas, de James ajoelhando-se e levantando-se e tornando a ajoelhar-se durante a missa, de James indo a Lourdes com o seu tumor que não podia ser operado, de James morrendo e recebendo o conforto da religião — essa ideia enchia-o de assombro.

— E contudo — disse Anthony — não posso deixar de admirar o modo como eles nos ajudam a deixar a vida. A morte tem todas as características de um processo animal. Mais exclusivamente animal, mesmo, do que o enjoo de mar. — Calou-se um instante, pensando nos momentos últimos e mais fisiológicos do pobre tio James. A respiração pesada, estertorante, a boca escancarada como uma caverna, as mãos a rasparem o leito, como garras.

— Como andou a Igreja bem avisada em transformar isso num cerimonial!

— Charadas — disse mr. Beavis com desdém.

— Mas boas charadas — insistiu Anthony. — Uma obra de arte. Em si, o ato tem qualquer coisa como a travessia da Mancha quando faz mau tempo. Com esta diferença: que é um pouco pior. Mas eles conseguem transformar isso

em qualquer coisa de belo e significativo. Principalmente para o espectador, já se vê. Mas, talvez, também significativo para o ator.

Houve um silêncio. A copeira mudou os pratos e trouxe a sobremesa. — Querem torta de maçã? — perguntou Paulina, cortando a crosta.

— Pastel de maçã, querida — corrigiu mr. Beavis em tom severo. — Quando conseguirá aprender que uma torta é descoberta? Uma coisa com uma cobertura é um pastel.

Serviram-se de creme e de açúcar.

— A propósito — disse Paulina subitamente — já tinham tido notícia do que aconteceu à sra. Foxe? — Anthony e mr. Beavis responderam com a cabeça que não. — Foi Maggie Clark quem me contou ontem. Teve um ataque.

— Deus meu! Coitada! — disse mr. Beavis. Depois, refletindo, acrescentou: — Curioso como as pessoas deixam de pertencer ao quadro de nossa vida. Depois de ocuparem grande parte dele. Não creio que tenha visto a sra. Foxe meia dúzia de vezes nestes últimos vinte anos. E, entretanto, antes disso...

— Ela não tinha senso de humor — disse Paulina à guisa de explicação.

Mr. Beavis voltou-se para Anthony. — Não creio que você tenha... bem, que você tenha estado “em contato mental” muito íntimo com a sra. Foxe desde a morte do pobre rapaz, do filho.

Anthony apenas sacudiu a cabeça, sem dizer palavra. Não lhe era agradável que lhe viessem recordar tudo o que fizera para evitar esse contato com a sra. Foxe. Aquelas cartas longas e afetuosas que ela lhe escrevera durante o primeiro ano da guerra — cartas a que ele dera respostas cada vez mais breves, mais perfunctórias, mais convencionais; e às quais deixara, por fim, de responder de todo e que deixara, mesmo, de ler. Deixara, mesmo, de ler e, todavia — movido por não sabia que compunção supersticiosa —, nunca tinha jogado fora. Uma dúzia, pelo menos, de envelopes azuis, endereçados com aquela sua letra grande, clara, harmoniosa, jaziam ainda por abrir numas das gavetas de sua secretária. A presença delas ali era, de certo modo obscuro e inexplicável, uma espécie de bálsamo para sua consciência. Não, porém, um bálsamo de eficácia absoluta. A observação do pai produzira-lhe um verdadeiro mal-estar; tratou logo de mudar de assunto.

— E o que tem cavado nestes últimos tempos? — perguntou, servindo-se da linguagem que o próprio pai teria usado.

Mr. Beavis riu entredentes e começou a descrever suas pesquisas na gíria americana moderna. Quantas locuções saborosas! Que riqueza elisabetana de novas cunhagens e de metáforas originais! *Horse feathers, dish the dope, button up your face* — delicioso! — E que acharia você se lhe chamassem *a fever frau*? — perguntou ele à sua filha mais moça, Diana, que, durante todo o tempo da refeição, permanecera calada, friamente afastada de quanto se passava. — Ou, pior do que isso, *a cinch pushover*, querida? Ou poderia eu dizer ainda que você, Anthony, tinha a *dame complex*. Ou aludir com pesar ao hábito seu de *smooching the sex jobs*. — Piscou o olho com prazer.

É quase como se fosse chinês — disse Paulina da outra ponta da mesa. A alegria irradiava-lhe do rosto plácido e redondo em ondas concêntricas de carne rósea e mole. Ao moverem-se, seus maxilares tremiam como geleia. — Ele pensa que é um homem de linha. É o que seu pai pensa. — Estendeu o braço, serviu-se de dois bombons de chocolate que tirou da salva de prata sobre a mesa e em frente dela, metendo um deles na boca. — Supõe-se muito fino... — E agitava-se num riso repetido.

Mr. Beavis, que se estivera esforçando por atingir o grau necessário de mau comportamento, inclinou-se um pouco para frente e perguntou a Anthony, num cochicho confidencial: — Que faria você, se *a fever frau* tivesse a infelicidade de ser raptada?

Eles eram adoráveis, estava Diana pensando consigo; isso era uma coisa evidente. Mas quão bobos podiam ser, quão inexprimivelmente *bobos*! Fosse como fosse, Anthony não tinha o direito de criticá-los; e sob aquela capa de polidez excessiva que o caracterizava, era claro que ele os estava criticando, o maroto! Sentiu-se indignada. Ninguém tinha o direito de criticá-los, a não ser ela própria e, possivelmente, sua irmã. Procurou imaginar qualquer coisa de desagradável para dizer a Anthony, mas este não lhe dera vaza e, ademais, ela não tinha o dom do epigrama. Teve que contentar-se com franzir a testa e ficar calada. E, aliás, já era hora de voltar para o laboratório.

— Preciso ir — disse, com aquele seu modo breve e abrupto, levantando-

se. — Proíbo-a absolutamente de comer todos esses doces — ajuntou, curvando-se para beijar a mãe. — Ordens de médica.

— Você ainda não é médica, querida.

— Ainda não sou, mas serei no ano que vem.

Tranquilamente, Paulina meteu na boca o segundo bombom de chocolate. — Pois, no ano que vem, talvez eu deixe de comê-los — disse.

Daí a alguns minutos, partia Anthony. Enquanto ia caminhando por South Kensington, aconteceu que os seus pensamentos de novo se voltaram para a sra. Foxe. E perguntava consigo se o ataque que ela tivera tinha sido grave; se ficara parálitica. Tal fora a sua ansiedade em impedir que o pai falasse a respeito da sra. Foxe, que não dera a Paulina ocasião de lhe explicar isso. Imaginou-a no leito, perdida, semimorta, e ficou horrorizado ao descobrir que, ao lado do sentimento de comisseração, sentia certa satisfação, certo alívio. Porque, afinal de contas, ela era a principal testemunha de acusação, a pessoa que poderia depor contra ele até a condenação. Morta, ou apenas semimorta, não poderia ser chamada a depor; e, na ausência dela, nenhuma causa mais existia contra ele. Parte do seu ser rejubilava-se com a notícia que Paulina dera. Rejubilava-se vergonhosamente. Procurou pensar noutra coisa e, enquanto assim se esforçava, tomou um ônibus, a fim de chegar mais depressa a seu porto de salvamento, que era, no caso, a Biblioteca de Londres.

Passou aí quase três horas, em busca de referências à história dos anabatistas, e depois voltou para os seus aposentos em Bloomsbury. Contava com a visita de Gladys antes do jantar. A rapariga estava ficando um pouco maçante ultimamente; contudo... Sorriu intimamente, antegozando o prazer.

Devia vir às seis horas; mas, às seis e um quarto, ainda não tinha chegado. Nem às seis e meia. Nem mesmo às sete. Nem mesmo às sete e meia. Às oito, ele contemplava aqueles envelopes azuis com carimbos postais de 1914 e 1915 e sobrescritados com a letra da sra. Foxe — contemplava-os e não sabia, no desânimo com que se interrogava e que sucedera ao estado inicial de impaciência e raiva, não sabia se devia abri-los. Ainda estava nessa indecisão, quando o telefone tilintou: era Mark Staithes, perguntando se por acaso ele não tinha

nenhum compromisso para jantar. À última hora tinham organizado uma reunião. Pitchley estaria presente com a esposa, a psicóloga, e havia ainda aquele político hindu, o Sen, e Helena Ledwidge... Anthony tornou a meter as cartas na gaveta e saiu apressado.

CAPÍTULO XXVI

5 de setembro de 1933

JÁ PASSAVA DAS DUAS HORAS. DEITADO de costas, Anthony olhava fixamente para a escuridão. Parecia que o sono tinha o propósito de não vir, ou que alguém o retinha consigo, um ser estranho e maligno, hóspede indesejável em seu próprio corpo. Lá fora, nos pinheiros, as cigarras faziam vibrar seus incessantes harpejos em torno do tema da própria existência; e, a intervalos longos, um canto de galo avolumava-se na escuridão, cada vez mais alto e cada vez mais perto, até que todas as aves dos jardins adjacentes começavam a cantar à porfia, respondendo desafio com desafio. E depois, sem que se soubesse por que, calava-se uma primeiro, outra depois, e mais outra, e a tempestade sonora ia serenando, ia-se tornando cada vez mais fraca, à medida que se afastava — que se afastava através da França, imaginava ele apurando o ouvido no encalço do som que morria, através da França em onda acelerada de vozes ásperas. Centenas de milhas, talvez. E depois, num ponto qualquer, a onda dava uma volta e retrocedia de novo, com a mesma ligeireza. Voltando do mar do Norte, talvez; sobre os campos de batalha; contornando Paris e de ave a ave distante através das florestas; atravessando, depois, as planícies de Beauce; subindo e descendo os morros da Borgonha e, como outro rio aéreo de som, descendo impetuosa por sobre o vale do Ródano; deixando atrás Valence, Orange, Avignon, Arles e Aix e atravessando as colinas nuas de Provença; até que, por fim, ei-la de volta aqui, uma hora depois de sua primeira passagem, escoando-se tumultuosa e estridente através do rumor forte e incessante das cigarras e que era o equivalente do silêncio.

Veio-lhe subitamente à memória uma passagem de *O homem que morreu*, de

Lawrence, e satisfeito com ter encontrado um pretexto para interromper por um momento a vã tentativa de conciliar o sono, acendeu a luz e desceu a escada para procurar o livro. Sim, aqui estava o trecho. “Quando ele saiu, o galo novo cantou. Era um canto abafado, angustioso, mas havia na voz da ave uma coisa que era mais forte do que a angústia. Era a necessidade de viver e, mesmo, de proclamar o triunfo da vida. O homem que tinha morrido parou e ficou olhando para o galo que fugira e fora apanhado, que se arrebelava todo, que se levantava nas pontas dos pés e se inclinava para a frente, atirando a cabeça para cima e abrindo o bico num outro desafio da vida à morte. Os sons arrogantes que ele emitia enchiam os ares e, embora diminuídos pela corda que lhe cingia a perna, não se extinguíam. O homem que tinha morrido olhou simplesmente para a vida e viu por toda a parte um vasto espírito de decisão, alçando-se em cristas de ondas borrascosas ou sutis, pontas de espuma emergindo do azul invisível, um galo preto e alaranjado ou as línguas verdes e chamejantes destacando-se dos altos da figueira. Avançavam, cresciam, essas coisas e criaturas da primavera, ardendo de desejo e afirmando-se nesse ardor. Vinham como cristas de espuma, vinham do dilúvio azul do desejo invisível, do mar vasto e invisível da força, e vinham coloridos e tangíveis, evanescentes e, contudo, imortais enquanto vinham. O homem que tinha morrido contemplou a grande tendência para a vida de coisas que não tinham morrido, mas não viu mais nelas o trêmulo desejo de existirem e de serem. Ouviu-lhes, em vez disso, o vibrante desafio a todas as outras coisas existentes...”

Anthony continuou lendo até ter concluído a história do homem que morrera e voltara de novo à vida, do homem que não era, afinal, senão aquele galo fugido; depois, atirou o livro para o lado e voltou para a cama. A espuma das ondas daquele mar invisível de desejo e de força. Mas a vida, a vida em si, protestava ele intimamente, não era bastante. Como podia alguém contentar-se com o anonimato da simples energia, com um poder que não chegava a ter individualidade e que, a despeito de toda a sua misteriosa divindade, era, contudo, inconsciente e estava abaixo do bem e do mal? As cigarras zumbiam incessantes e, de novo, por volta das quatro horas, a onda dos cantos dos galos veio varrendo a região e foi seguindo, até não mais se ouvir, na direção da Itália.

A vida em sua indomável expansão. “Havia, porém, outros emblemas”, refletiu ele, “mais vívidos e marcantes do que o galo a cantar ou as folhas tenras a se desprenderem do esqueleto branco da figueira hiberna”. Lembrou-se daquele filme que tinha visto e que exibia o processo de fertilização de um óvulo de coelho. Os espermatozoides, do comprimento de um palmo na tela, numa luta feroz para alcançar a meta — a esfera do ovo, de aspecto lunar. Incontáveis, partindo de todos os lados, suas *flagella* em vibração frenética. Já agora os que iam na frente tinham alcançado o alvo, iam se escondendo nele, atravessando a parede externa da matéria viva, arrancando, precipitados e violentos como iam, células inteiras, que ficavam flutuando destacadas, até se perderem. E eis que, afinal, um dos invasores tinha penetrado o âmago do núcleo; e então, subitamente, a esfera, até aqui passiva, punha-se em movimento. Houve um espasmo violento de contração; sua superfície lisa e arredondada tornou-se enrugada e, de certo modo, resistente aos outros espermatozoides que, em vão, se lançavam contra ela. E então o óvulo começou a dividir-se, dobrando-se sobre si mesmo em suas paredes, até que estas se encontraram no centro, surgindo então duas células em vez de uma; depois, cada uma das duas células, repetindo o processo, formou quatro células; depois, oito; depois, dezesseis. E dentro das células os grânulos de protoplasma estavam em movimento contínuo, como ervilhas quando fervem na panela, porém ativados por si mesmos, movendo-se por energia própria.

Em comparação com esses miúdos fragmentos de matéria viva, o galo cantando, as cigarras repetindo perenemente a proclamação de sua existência não passavam de uma fraca expressão de vida. A vida sob o microscópio parecia muito mais veemente e incontível do que quando vista a olho nu. Exuberância consoladora e, ao mesmo tempo, apavorante. Pois era, sim, também apavorante a inconsciência desse desejo indomável, rasteiro! E que horror era, também, a manifestação dessa paixão submental, desse egoísmo violento e impessoal! Intolerável, a não ser que o concebêssemos apenas como matéria-prima e energia aproveitável.

Sim, matéria-prima e uma corrente de energia. Eloquentes como quantidade e duração. Mas, qualitativamente, só tinham um valor potencial; só se tornariam

valiosas quando transformadas noutra coisa, quando utilizadas para servir a um fim ulterior. Para Lawrence, o objetivo animal parecera suficiente e satisfatório. O galo, cantando, brigando, copulando — anonimamente; e o homem, anônimo como o galo. Sustentara que era preferível essa anonímia sem inteligência às imundas relações de seres humanos semiconscientes, ainda e apenas parcialmente civilizados.

Mas Lawrence nunca tinha mirado através de um microscópio, nunca tinha visto a energia biológica em seu estado básico e indiferenciado. Não tinha querido ver, condenara os microscópios por princípio, com receio do que eles pudessem revelar; e bem avisado andara em ter receio. Essas profundidades sucessivas e cada vez mais profundas de anonimato, que rastejam indomáveis, tê-lo-iam horrorizado. Ele sustentara que a matéria-prima deveria ser elaborada, trabalhada, transformada, mas somente até certo ponto, além do qual não se deveria ir; que o estado primitivo e inconsciente da energia devia ser utilizado para fins relativamente superiores de existência animal, mas para nenhuma outra existência além da animal. O que era arbitrário e ilógico. Pois os outros fins e organizações ulteriores também existiam e não podiam ser ignorados. Movendo-se no espaço e no tempo, o animal humano descobriu-as em seu caminho, inequivocamente presentes e reais.

O pensamento e a busca do conhecimento — tais eram os fins para os quais ele próprio se servira da energia que se movia sob o microscópio, que assumia a forma do canto desafiante do galo na escuridão. O pensamento como fim, o conhecimento como fim. E eis que se tornava agora subitamente claro que eles eram apenas meios, que eram, tanto quanto a própria vida, matéria-prima. Matéria-prima — e ele adivinhava, ele sabia qual deveria ser o produto elaborado. E sentia que parte do seu ser se revoltava contra o conhecimento. A ideia de tentar — ele, durante sua vida, ele, um ser humano civilizado — transformar nisso sua matéria-prima de vida, pensamento, conhecimento! A simples ideia disso era ridícula. Uma dessas influências nefastas do cristianismo — como o terror que seu pai experimentava diante das realidades mais vergonhosas da existência, como o hino cantado pelos operários durante a greve geral. As dores de cabeça, os “soluços” da religião de

ontem. Com outra parte do seu espírito, porém, ele estava miseravelmente refletindo que jamais conseguiria realizar a transformação de sua matéria-prima no produto acabado; que não sabia como, nem onde começar; que receava fazer um papel triste; que lhe faltavam a coragem, a paciência, a força de espírito necessárias.

Por volta das sete horas, quando, por detrás das venezianas, o sol já estava muito acima do horizonte, ele caiu num sono pesado, de que só despertou três horas mais tarde num sobressalto, para ver Mark Staithes em pé ao lado da cama, mirando-o sorridente através do mosquiteiro, com a sua carranca cheia de satisfação e de curiosidade.

— Mark? — perguntou, surpreso. — Que diabo o traz...?

— Núpcias! — disse Mark, agitando o cortinado de musselina. — Não há que ver: *première communion*! Eu estava aqui vendo você dormir.

— Há muito tempo?

— Oh, não se preocupe — respondeu Mark, não ao que lhe foi perguntado, mas à pergunta implícita no tom de aborrecimento com que Anthony falava. — Você não se abandona ao sono sozinho. Ao contrário, vê-se que você, mesmo dormindo, está acompanhado. Nunca vi ninguém com um ar tão inocente como o seu, debaixo desse véu. Como o infante Samuel. Tão suave!

Lembrando-se de que Helena usara a mesma palavra na manhã da catástrofe, Anthony franziu a testa. Depois, passado um silêncio, perguntou: — Que é que o traz aqui?

— Vim ficar com você.

— Não lhe pedi.

— E o que resta ver — disse Mark. Que quer dizer?

— Quero dizer que você talvez descubra isso depois do fato.

— Descubra o quê?

— Que você queria pedir-me que viesse. Sem saber que o queria.

— Que razões tem você para pensar assim?

Antes de responder, Mark puxou uma cadeira e sentou-se.

— Estive com Helena na noite em que ela voltou para Londres.

— Esteve? — perguntou Anthony num tom que procurou tornar o mais

inexpressivo possível. — Onde? — acrescentou.

— Em casa de Hugh. Hugh dava uma reunião. Houve alguns momentos de verdadeiro mal-estar.

— Por quê?

— Ora, porque ela assim quis. Você não imagina em que estado ela se encontrava.

— Ela lhe disse por quê?

Mark respondeu com um gesto que sim. — Até fez questão que eu lesse uma carta sua. O começo, ao menos. Eu não quis continuar.

— Helena fez você ler minha carta?

— E insistiu para que eu lesse em voz alta. Mas, como estava dizendo, havia nela qualquer coisa de estranho. — Seguiu-se um silêncio demorado. — Foi por isso que eu vim cá — acrescentou Mark, por fim.

— Imaginando que eu tivesse prazer em vê-lo? — perguntou o outro, em tom irônico.

— Imaginando que você tivesse prazer em ver-me — respondeu Mark, sério.

Depois de outro silêncio, Anthony disse: — Bem, talvez você não deixe de ter razão. Sem dúvida que, de certo modo, a sua presença me aborrece. — Sorriu para Mark. — Não há nisso nenhuma referência pessoal, entenda-se. Igualmente me aborreceria a presença de quem quer que fosse. Mas, por outro lado, satisfaz-me que você tenha vindo. E aqui há referência pessoal. Pois me parece provável que você... sim, que você tenha uma noção exata das coisas — concluiu de um modo vago, como quem não queria comprometer-se. — Se há alguém que possa... — Ele ia dizer “ajudar”; mas a ideia de ser ajudado era-lhe tão repugnante, parecia-lhe tão grotescamente associada às palavras escolhidas do presbítero em seguida a uma morte na família, com a conversa franca, amistosa do dono da casa sobre as tentações sexuais, que ele se interrompeu constrangido. — Se alguém existe que possa fazer uma observação sensata sobre tudo isso — começou de novo, modificando a frase — eu penso que é você.

Sem dizer palavra, o outro balançou a cabeça, pensando como o fato de falar em observações sensatas — e justamente nesse momento — definia bem o

homem!

— Tenho a impressão — continuou Anthony lentamente, vencendo resistências íntimas para poder falar — de que não seria mau resolver esse caso colocando as coisas sobre uma outra base. Assim como estão... — Balançou a cabeça. — Confesso que me aborrecem um pouco. — Depois, percebendo, um tanto envergonhado, a impropriedade ridícula e a falsidade pior do que ridícula dessas meias palavras, acrescentou com resolução: — Isso assim não serve. É uma base que só pode suportar o peso de um fantasma. E para me servir dela eu me transformei num fantasma. — E depois de uma pausa: — Nestes últimos dias tenho tido a sensação esquisita de que não estou em mim, de que há anos que me falta a personalidade. Desde... bem, não sei exatamente desde quando. Suponho que desde antes da guerra. — Não se animava a falar de Brian. — Não estou no meu eu — repetiu.

— Há muitas pessoas nessas condições — disse Mark. — Seja como for, não são pessoas. Apenas animais e funções encarnadas.

— Animais e funções encarnadas — repetiu o outro. — Você disse bem. Mas, na maioria dos casos, isso não depende delas. As circunstâncias é que as forcem a não existirem. Ao passo que no meu caso eu tinha a liberdade de escolha. Se eu não existia, era por deliberação minha.

— E quer dizer que só agora descobriu essa situação falsa?

Anthony sacudiu a cabeça. — Não, não. Eu sempre soube disso, certamente. Sempre. Mas em teoria. Do mesmo modo que se sabe... sim, por exemplo, que existem aves que vivem em simbiose com as vespas. Um fato curioso e interessante, porém, mais nada. Não deixei que fosse mais do que isso. E depois, tinha as minhas justificativas. O trabalho: o excesso de vida pessoal prejudicaria o meu trabalho. E a necessidade da liberdade: a liberdade de pensar, a liberdade de satisfazer minha ânsia de saber o que é o mundo. E a liberdade pelo que ela vale em si. Eu queria ser livre, porque era intolerável não ser livre.

— Não posso compreender isso — disse Mark — a não ser que haja alguém que possa gozar a liberdade. E a não ser que esse alguém tenha a consciência de ser livre pelo fato de vencer os obstáculos que se opõem à liberdade. Mas como é possível ser livre quando a liberdade se eclipsa?

— Eu sempre formulei a questão em termos opostos — disse Anthony. — Como é possível ser livre, ou antes (pois devemos pensar a coisa impessoalmente), como pode haver liberdade, uma vez que a personalidade persiste? Uma personalidade tem que ter constância e responsabilidade, tem que proceder a seleções e tem que se empenhar. Mas, se nos libertamos de nossa personalidade, libertamo-nos também da responsabilidade e da necessidade de constância. Só podemos ser livres como uma sucessão de estados não condicionados e sem compromisso, sem passado e sem futuro, na medida em que nos libertamos voluntariamente de nossas recordações e antecipações. — Depois de um silêncio, continuou: — A imbecilidade vacilante do velho Sócrates! Imaginar que para seguir a justa linha de conduta bastava conhecê-la! Praticamente nós sempre a conhecemos e o mais da vezes não a seguimos. Ou talvez que, com você, não seja assim — acrescentou noutro tom, olhando para Mark através do mosquiteiro. — Somos geralmente inclinados a atribuir aos outros os nossos próprios defeitos. Fraqueza, no meu caso. Para não dizer timidez — ajuntou com um riso automático, tão profundamente arraigado era o seu hábito de sustar em parte, logo que a proferia, qualquer revelação que tivesse um caráter de confiança pessoal, qualquer coisa que pudesse despertar no espírito do ouvinte dúvidas quanto à seriedade de sua intenção; — timidez e verdadeira covardia e indolência com relação a tudo que não seja meu trabalho — Tornou a rir, como se tudo aquilo fosse absurdo e não merecesse menção. — A gente se esquece de que as outras pessoas podem ser diferentes. Inflexíveis de espírito, firmes em seus propósitos. Ouso dizer que você sempre fez aquilo que considera justo.

— Sempre — respondeu Mark. — Quer esteja certo, quer não. — E sorriu anatomicamente

Anthony continuava recostado em seus travesseiros, com as mãos enclavinadas por detrás da cabeça e os olhos semicerrados. Depois, passado um silêncio demorado, virou-se para Staithes e disse abruptamente: — Não sente, às vezes, que é insuportável a preocupação de fazer aquilo que tenha resolvido fazer? Agora mesmo, por exemplo, eu me perguntei de repente por que diabo estivera a dizer-lhe essas coisas, por que estivera a pensar nelas antes

de você chegar, por que estivera tentando resolver-me a fazer alguma coisa. Perguntando-me e, ao mesmo tempo, achando insuportável tal preocupação. Achando que seria melhor desistir simplesmente de tudo isso e voltar à rotina com que me habituei. Voltar à vida tranquila. Ainda mesmo que a vida tranquila fosse fatal. Fatal, mortal, mas, ainda assim, qualquer coisa de bom. — Balançou a cabeça. — Se você não tivesse vindo meter-me em brios sobre certa resolução, isso é provavelmente o que eu teria feito — abandonar tudo e voltar à vida tranquila. — Riu. — E talvez — ajuntou — talvez o faça agora mesmo. Em que pese a você. Sentou-se, ergueu o mosquiteiro e saltou fora da cama. — Vou tomar o meu banho.

CAPÍTULO XXVII

27 de maio de 1914

QUANDO ANTHONY DESCEU PARA A REFEIÇÃO da manhã, encontrou o pai explicando às duas filhas a etimologia do que estavam comendo. — ... não é senão outra forma de *pottage*. Vocês dizem *porridge* do mesmo modo que dizem, ou antes (pisçou o olho para elas) que eu espero que não dirão, *shurru* em lugar de *shut up*.

As duas pequerruchas continuaram comendo, imperturbáveis.

— O, Anthony! — continuou mr. Beavis. — Antes tarde do que nunca. O quê! Não quer caldo hoje? Mas espero que ao menos você coma uma costeleta de Aberdeen.

Anthony serviu-se de peixe e foi sentar-se em seu lugar.

— Há aqui uma carta para você — disse mr. Beavis e entregou-lhe a carta. — Pela letra, creio que é de Brian, não? — Anthony confirmou. — Ele ainda gosta de seu trabalho em Manchester?

— Penso que sim — respondeu Anthony. — O mal é que ele trabalha demais. Está no jornal até a uma ou as duas da manhã. E depois, entre o almoço e o jantar, fica todo o tempo ocupado com a sua tese.

— Está muito bem. Gosto de ver um rapaz assim, com bastante energia para realizar suas ambições — disse mr. Beavis. — Porque, afinal de contas, ele não precisa trabalhar tanto. Sua mãe não é uma senhora que não disponha de recursos.

Os tais recursos exasperavam tanto a Anthony, que, embora achasse absurdo o modo de vida de Brian, foi com uma severidade ferina que ele respondeu ao pai. — Ele não quer aceitar o dinheiro da mãe — disse friamente.

— É uma questão de princípio.

Enquanto as crianças afastavam de si seus pratos de caldo e o pai lhes servia costeletas de Aberdeen, Anthony valeu-se da oportunidade para começar a ler a carta.

Há muito que não tenho notícias suas. Aqui tudo vai como de costume, ou iria, se eu me estivesse sentindo um pouco mais animado. Mas não tenho dormido muito bem e a vida interior não é o que se poderia esperar. Em consequência, vou me atrasando na tese, já que não me posso atrasar no jornal. Tudo isso vai fazendo com que eu viva a desejar ardentemente e a antegozar a nossa projetada quinzena em Langdale. Por todos os deuses, não me desanime! Quantos tormentos nos causa a nossa carcaça, quando incorre no mínimo deslize. E, para falar verdade, mesmo quando anda direito e aprumada. Uma porção de incômodos que já passaram de época. Eu fico às vezes profundamente irritado com esta predestinação física para a escatologia e a obscenidade.

Escreva-me breve, dizendo-me como vai passando, o que tem lido, se tem estado com alguém que nos interesse. E quer fazer-me um obséquio? Joan está agora na cidade, residindo com a tia e trabalhando para a Associação de Caridade. O pai, naturalmente, não queria que ela fosse, preferia tê-la em casa, para poder tiranizá-la. Foi uma luta longa, em que ele acabou perdendo; há já quase um mês que ela está na cidade. Folgo imensamente com isso, mas, ao mesmo tempo, por motivos vários, sinto-me um pouco preocupado. Se eu pudesse ausentar-me aos sábados e domingos, iria pessoalmente; mas não posso. E, talvez, em certo sentido, seja melhor assim. No estado deplorável em que presentemente me encontro, eu daria a impressão de um esqueleto em um festim; e, além disso, existem certas complicações. Não posso explicá-las em carta; procurarei fazê-lo quando você vier ao norte em julho. Eu deveria ter pedido o seu conselho antes. Você tem a cabeça mais forte do que eu. E eis aqui, afinal, o motivo por que ainda não falei com você a respeito do caso. Tinha receio de que você me tomasse por um tolo! Que achasse uma imbecilidade. Mas deixemos isso tudo para ser discutido mais tarde. Agora, o que eu quero é que você entre em contato com ela, a convide para almoçar ou jantar, procure fazê-la falar e depois me escreva contando como acha que ela se sente em Londres, o que ela sente quanto à vida em geral etc. etc. Foi uma mudança violenta — de um lugar remoto, para Londres, de uma pobreza cheia de dificuldades, para uma casa rica, da submissão à tirania do pai mal-humorado, para a independência. Uma transição brusca; e, embora o fato me encha de alegria, sinto-me um pouco nervoso e apreensivo quanto aos seus efeitos. E é o que eu peço a você que procure ver. — Sempre seu,

B.

Naquele mesmo dia Anthony foi procurá-la. Notou, quando se apertaram as mãos, no vestíbulo do restaurante, que ela conservava ainda aquela mesma timidez antiga, aquele mesmo sorriso cheio de embaraço, aqueles mesmos movimentos de esquiva e de retraimento. Tinha, no rosto e no corpo, mais de mulher do que quando a vira da última vez, um ano antes, parecendo

também mais bonita, principalmente pelo fato, sem dúvida, de estar mais bem vestida.

Entraram no restaurante e tomaram lugar a uma mesa. Depois de mandar vir um prato qualquer e uma garrafa de “Vouvray”, Anthony começou a explorar o terreno.

Londres — que lhe parecia Londres?

Adorava Londres.

O trabalho também?

A parte administrativa, de escritório propriamente, talvez não. Mas, três vezes por semana, auxiliava o serviço numa creche. — Sou louca por crianças.

— Até mesmo aqueles fedelhos pequeninos, horríveis, com um cheiro esquisito?

Joan ficou indignada. — São adoráveis. Gosto de cuidar deles. Além disso, é um trabalho que me permite gozar o resto da vida londrina com uma consciência tranquila. Sinto que pago com ele os meus teatros e os meus bailes.

A timidez cortava-lhe de quando em quando as frases, mergulhava-as, por assim dizer, numa sucessão alternada de luz e sombra. Falava, em certo momento, com dificuldade, quase sem descerrar os lábios, com voz sumida e indistinta, de rosto voltado; daí a pouco, toda aquela timidez era posta de lado por uma viva explosão de sentimento — prazer, ou angústia, ou alegria incontível e ei-la fitando nele uns olhos súbita e surpreendentemente audaciosos; de quase inaudível, sua voz se tornava nítida; os dentes fortes e brancos brilhavam entre os lábios descerrados numa franca expressão de sentimento. Depois, e de repente, ficava como que assustada da própria audácia; vinha-lhe à consciência a ideia de ter nele um possível crítico. Que estaria ele pensando? Ter-se-ia tornado ridícula? Tremia-lhe a voz, o sangue subia-lhe às faces e ela baixava os olhos sobre o prato; e nos poucos minutos que se seguiam ele não podia arrancar-lhe nada senão respostas murmuradas, nada que correspondesse aos seus melhores esforços por diverti-la, a não ser um riso nervoso e efêmero. Todavia, a comida e o vinho produziram o efeito esperado e, à medida que a refeição transcorria, ela se ia sentindo mais à vontade com ele. Começaram a falar a respeito de Brian.

— Você não deve deixar que ele trabalhe tanto — disse ele.

— Você pensa que eu não procuro impedi-lo? — Depois, numa voz em que parecia haver qualquer coisa de zanga, continuou: — Isso já é uma questão de feitio natural. Ele é todo cheio de escrúpulos.

— Pois cabe a você tirar-lhe esses escrúpulos — observou ele, sorrindo-lhe e esperando que ela lhe retribuísse o sorriso. Mas, em vez disso, ela franziu a testa e estampou-se-lhe no rosto uma expressão de mágoa e de ressentimento. Em seguida resmungou: — Para você, isso é fácil de dizer. — E durante o silêncio que se seguiu, ela, de olhos baixos, pôs-se a beber seu vinho a pequenos goles.

Foi então que, pela primeira vez, Anthony considerou que eles lá podiam estar casados, se Brian tivesse consentido em viver a expensas da mãe. Por que diabo então, uma vez que ele gostava tanto da menina...

Com o sorvete de pêssgo as coisas se explicaram. — Para mim, é difícil ter de falar nisso — disse ela. — Creio que nunca falei com ninguém a respeito dessas coisas. Mas com você o caso é diferente. Você conhece Brian há já tanto tempo; é o amigo mais antigo que ele tem. De modo que você compreenderá. Eu sinto que posso contar a você essas coisas.

Curioso, mas, ao mesmo tempo, inquieto, ele murmurou uma expressão qualquer de polidez.

Ela nem sequer percebeu os sinais de seu embaraço; para ela, no momento, Anthony não era mais que a oportunidade que a Providência lhe oferecia, de dar vazão, por meio da linguagem à torrente de angústias por tanto tempo privadas de expressão.

— É justamente desses escrúpulos que se trata. Se você soubesse...! De onde lhe vem essa ideia de que o amor contém qualquer coisa de mau? Refiro-me ao amor comum, ao amor feliz. Ele acha que isso não está direito; acha que ele não deve alimentar esses sentimentos.

Ela afastou o prato e, inclinando-se para a frente com os cotovelos fincados na mesa, começou a falar num tom mais baixo, mais íntimo, dos beijos que Brian lhe dera e de que se envergonhara e daqueles outros beijos que, como que para espiar a falta cometida, ele se recusara a dar.

Anthony escutava, espantado. “Certas explicações”, era o que Brian tinha escrito na carta, era uma atenuante, um eufemismo.

A coisa, o que era, era loucura. Trágica, mas também grotesca, absurda. Lembrou-se de que Mary acharia o caso de uma comicidade toda especial.

— Ele disse que queria ser digno de mim — prosseguiu ela. — Digno do amor. Mas tudo o que conseguiu foi fazer que *eu* me sentisse indigna. Indigna de tudo, em todos os sentidos. Culpada, sentindo que tinha praticado qualquer mal. E imunda também, se compreende o que eu quero dizer, como se tivesse caído na lama. Mas não há mal nenhum, Anthony, não é mesmo? — perguntou. — Quero dizer, nunca fizemos nada que não fosse... você sabe: que não fosse perfeitamente inocente. Por que é, então, que ele se diz indigno e faz que eu me sinta indigna também? Por que é que ele diz isso? — insistia, enquanto os seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Ele foi sempre mais ou menos assim — disse Anthony. — Talvez uma questão de educação... A mãe dele é uma criatura maravilhosa — juntou e, ao pronunciar essas palavras, logo percebeu que se servia da mesma linguagem da sra. Foxe. — Mas talvez, justamente por isso, um pouco tirânica.

Joan fez um gesto veemente de assentimento, mas não disse nada.

— É possível que ela o tenha habituado a uma visão demasiado elevada das coisas — continuou ele. — A uma visão por cima da linha de mira, se me estou fazendo entender. Se bem que ele nem sempre lhe siga o exemplo! Aí está, para exemplificar, o fato de ele não querer aceitar o dinheiro dela...

Joan inflamou-se diante dessa referência. — Sim, por que há de ele querer ser diferente de todo o mundo? Afinal, existe muita gente boa que não acha necessário fazer isso. Considere bem você — acrescentou, fixando o olhar no rosto de Anthony, como procurando surpreender-lhe e desfazer qualquer sinal de desaprovação ou, pior ainda, de satisfação e de apoio — considere bem, eu acho que é admirável esse procedimento dele. Admirável! — repetiu, como que desafiando. Depois, reassumindo o tom de crítica, que não permitiria em Anthony, mas ao qual os seus próprios sentimentos para com Brian lhe pareciam dar direito, prosseguiu: — Não vejo em que poderia ofendê-lo o fato de ele aceitar o dinheiro. Para mim, isso é coisa mais da própria mãe dele.

Surpreso, Anthony observou: — Mas ele me disse que a sra. Foxe insistira em que ele aceitasse o dinheiro.

— Oh, ela se portou, é verdade, como se quisesse que ele o aceitasse. Estivemos lá num fim de semana, em maio, para tratar disso. Ela não cessava de dizer-lhe que não havia mal nenhum em que ele aceitasse o dinheiro e que o que ele devia era pensar em mim e tratar de se casar. Mas depois, quando Brian e eu lhe dissemos que eu concordara em que ele não aceitasse, ela...

Anthony interrompeu-a. — Mas, então, você tinha concordado?

Joan baixou os olhos. — De certo modo, sim — disse, meio aborrecida. Depois, erguendo os olhos, com uma cólera súbita: — Como poderia eu deixar de concordar com ele? Já que era isso o que ele queria fazer, e o que teria feito, afinal de contas, mesmo que eu não tivesse concordado. E, além disso, como eu já lhe disse, havia qualquer coisa de grande e de admirável na atitude dele. Eu tinha concordado, sim. Mas o fato de concordar não queria dizer que eu realmente queria que ele recusasse o dinheiro. E aqui é que se percebe a falsidade dela, fingindo pensar que eu queria que ele o recusasse e felicitando-me a mim, e a ele, pelo que tínhamos feito. Por isso é que eu digo que isso é coisa mais dela do que dele. Muito mais do que você possa imaginar. — Calou-se, e Anthony achou melhor mudar de assunto. Quem poderia imaginar o que diria ela, se ele a deixasse continuar falando a respeito da sra. Foxe. — Pobre Brian — disse ele em voz alta; e acrescentou, apelando para um lugar-comum: — O melhor é o inimigo do bom.

— Sim, é isso mesmo! — exclamou ela. — O inimigo do bom. Ele quer ser perfeito e o resultado é este que você está vendo. Tortura-se a si próprio e ofende-me. Por que deveria eu ser induzida a sentir-me impura e criminosa? Porque é isso o que ele está fazendo. Sem que eu tenha cometido mal nenhum. Nem ele, para dizer a verdade. E, entretanto, ele quer que eu sinta a mesma coisa a seu respeito. Impuro e criminoso. Por que ele me cria todas essas dificuldades? As maiores que lhe é possível criar. — Falava com voz trêmula, enquanto as lágrimas lhe escorriam dos olhos. Puxou do lenço e enxugou-os logo. — Desculpe-me — disse. — Estou fazendo um papel triste. Mas se você

soubesse como isso me tem sido insuportável! Eu o amo tanto e quero continuar a amá-lo. Mas ele parece não consentir nisso. Deve ser tão belo; e, entretanto, ele faz o que pode para que o amor pareça uma coisa feia, horrível. — Depois de uma pausa e com uma voz que, de tão baixa, se tornara quase um sussurro: — Chego, às vezes, a ter dúvidas se poderei continuar assim por muito tempo.

“Será que”, perguntava Anthony de si para si, “será que ela já estava decidida a romper, que já tinha encontrado alguém em condições de amá-la e de ser amado menos tragicamente, mais normalmente do que Brian?”. “Não; provavelmente não”, concluiu. Mas tudo levava a crer que era isso o que ela acabaria, brevemente, por fazer. No seu tipo (que, aliás, não era exatamente o tipo de que ele gostava) ela era sedutora. Não haveriam de faltar candidatos; e, se um candidato em condições se apresentasse, seria ela capaz — qualquer que fosse o seu desejo consciente — de recusar?

Joan rompeu o silêncio. — Quantas vezes já tenho sonhado com a casa em que iremos morar — disse. — Vejo-me saindo de um aposento, entrando noutro e achando tudo tão bonito. As lindas cortinas, as capas das cadeiras, tão chiques! E os vasos cheios de flores. — Suspirou. Depois, passado um momento: — Você compreende isso, de ele não querer aceitar o dinheiro da mãe?

Anthony hesitou um instante; depois respondeu, sem querer comprometer-se: — Compreendo; mas acho que eu não faria isso.

Ela suspirou mais uma vez. — Isso é também o que eu acho. — Consultou seu relógio e, em seguida, apanhou as luvas. — Tenho que ir embora. — Com esse retorno da intimidade para o mundo prosaico do tempo e das pessoas e dos compromissos, ela como que despertou de súbito, voltando à dolorosa consciência de si mesma. Olhou para ele bem de frente, procurando adivinhar-lhe os pensamentos. Depois baixou os olhos. — Parece que estive falando demais a meu respeito — murmurou. — Não sei que direito eu tenho de estar amolando você...

Ele protestou. — Tudo que eu desejo é poder ser útil.

Joan tornou a levantar o rosto e atirou-lhe um ligeiro sorriso de gratidão. —

Você já fez muito em me escutar.

Deixaram o restaurante e, depois que ela tomou o ônibus, ele foi andando a pé em direção ao Museu Britânico; enquanto andava, ia pensando que carta deveria escrever a Brian, o que lhe haveria de dizer. Deveria lavar as suas mãos em toda aquela história, escrever-lhe um simples bilhete contando que Joan parecia estar bem e ser feliz? Ou deveria informá-lo de que Joan lhe contara tudo e passar depois a censurá-lo, a adverti-lo, a aconselhá-lo? Passou entre as imensas colunas do pórtico e entrou na frescura sombria do interior. Um sermão em regra, pensou com enfado. Se ao menos a gente pudesse abordar o problema como devia ser abordado — como uma pilhéria rabelaisiana. Mas quem podia esperar que o pobre do Brian apreciasse a coisa por esse prisma? Muito embora isso lhe fizesse um bem infinito: pensar, para variar, em termos rabelaisianos. Anthony mostrou seu cartão ao servente e seguiu pelo corredor, em direção à Sala de Leitura. Esta era a eterna dificuldade. Nunca se podia induzir quem quer que fosse a ser outra coisa senão ele mesmo, nem influenciá-lo por quaisquer meios cuja validade ele ainda não tivesse aceitado. Empurrou a porta e viu-se sob a abóbada, sentindo, ao respirar, o cheiro fraco, mas acre, dos livros. Milhões de livros. E todas aquelas centenas de milhares de autores, século após século — todos eles convenciam de que ele tinha razão, convenciam de que ele conhecia o segredo essencial, convenciam de que ele podia convencer o resto do mundo servindo-se do preto no branco como meio de expressão. Quando a verdade era, sem dúvida, que as únicas pessoas que alguém já conseguiu convencer eram aquelas que já tinham sido realmente ou virtualmente convencidas pela natureza ou pelas circunstâncias. E até mesmo com essas, não se podia contar completamente. As circunstâncias mudavam. O que convencia em janeiro não convencia necessariamente em agosto. O servente entregou-lhe os livros que lhe haviam sido reservados e ele encaminhou-se para a sua cadeira. Montanhas de produtos espirituais em intermináveis dores de parto; e o resultado era — o quê? Bem, *si ridiculum murem requiris, circumspice*. Satisfeito com a frase que acabava de inventar, olhou em volta de si, para os companheiros de leitura — os homens que pareciam focas, as mulheres macilentas, os hindus magros ou robustos, os patriarcas de suíças, os adolescentes de óculos.

Herdeiros de todas as épocas. Espetáculo deprimente para quem o tomasse a sério; mas, por outro lado, de um cômico irresistível. Sentou-se e abriu o livro — *Tableau de l'inconstance des mauvais anges*, de De Lancre — na página em que, na véspera, tinha interrompido a leitura. *Le Diable estoit en forme de bouc, ayant une queue et au dessous un visage d'homme noir, où elle fut contrainte la baiser...* Riu em silêncio, intimamente. “Outra boa história para Mary”, pensou.

Às cinco horas ele levantou-se, deixou seus livros na carteira e tomou, em Holborn, o trem subterrâneo para Gloucester Road. Alguns minutos mais tarde estava à porta da casa de Mary Amberley. A criada abriu a porta; ele sorriu para ela com um ar de familiaridade e, valendo-se do privilégio de ser um íntimo da casa, correu escada acima para a sala de visitas, sem se fazer anunciar.

— Tenho uma história para lhe contar — foi logo proclamando, enquanto atravessava a sala.

— Uma história obscena, espero — disse Mary Amberley, sentada no sofá.

Anthony beijou-lhe a mão naquele estilo afetado que passara a adotar recentemente, e sentou-se. — Para os obscenos — disse — todas as coisas são obscenas.

— Sim, e é bom que seja assim! — E com aquele seu sorriso em que contorcia a boca, com aquele brilho dos seus olhos escuros entre as pálpebras apertadas, acrescentou: — Uma alma suja é um festim perpétuo. — A pilhéria era velha e não era de sua lavra; mas o riso de Anthony não a satisfazia menos por isso. Era um riso cordial, alto e prolongado — mais alto e mais prolongado do que o próprio gracejo fazia esperar. Aliás, não era realmente do gracejo que ele estava rindo. O gracejo pouco mais era que um pretexto; aquele riso era feito, não de um excitante único, mas de um complexo de excitantes criados por aquela situação extraordinária. Poder falar livremente de qualquer coisa (qualquer coisa, note-se bem) com uma mulher, uma dama, uma genuína *loaf-kneader*, como era sabido que mr. Beavis lhe chamava nos seus momentos de recreio etimológico, uma perfeita *loaf-kneader* inglesa, que era além disso amante da gente, tinha lido Mallarmé também, também era amiga de Guillaume Apollinaire; e ouvir a *loaf-kneader* pregando aquilo que praticava e fazendo casualmente referências a camas, latrinas e à fisiologia daquilo que (pois as

palavras saxônias ainda permaneciam impronunciáveis) eles eram constrangidos a chamar *l'amour*. Para Anthony, a coisa era ainda, depois de dois anos e a despeito das infidelidades ocasionais de Mary, um misto intoxicante de libertação e fruto proibido, de alívio e de excitação. No universo paterno, no mundo de Paulina e das tias, tais coisas eram simplesmente impossíveis — mas impossíveis de uma impossibilidade dolorosamente manifesta. Como o paciente hipnotizado que recebeu ordem de ver no cinco de paus apenas um pedaço de papelão virgem de qualquer desenho, assim aquela gente deixava, deliberadamente, de perceber as coisas indesejáveis, mantinha-se num silêncio de conspiração acerca de tudo que os seus olhos não tinham visto. Até as funções naturais dos animais inferiores tinham de ser tidas como se eles as ignorassem; silenciavam até mesmo com relação aos quadrúpedes. Aquele incidente do cabrito, por exemplo, que constituía agora o tema de uma das anedotas seletas de Anthony. De uma comicidade perfeita. Mas, agora, muito mais cômico do que na ocasião em que o fato realmente se deu, quase dois anos antes do seu primeiro encontro com Mary. Realizando um piquenique naquele horrível Scheideck Pass, com o Weisshorn inclinando-se sobre eles como uma obsessão e, sobre a grama, a seus pés, um ramalhete de gencianas que com tanto cuidado mr. Beavis conseguira encontrar, a família fora surpreendida por um cabrito ainda novo, cobiçoso do sal contido nos ovos cozidos que eles comiam. Retraíndo-se e um pouco repugnadas, ao mesmo tempo que deleitadas, suas duas irmãs paternas tinham estendido as mãos para que o bicho as lambesse, enquanto Paulina tirava uma fotografia e mr. Beavis, cujo interesse por cabras e cabritos era sobretudo filológico, citava Teócrito. Cena pastoral! Subitamente, porém, o animalzinho tinha escanchado as pernas e, tendo ainda fixas sobre a família Beavis as pupilas oblongas de seus olhos grandes, pardos e inexpressivos, pusera-se a urinar sobre as gencianas.

“Essa gente aqui não gosta muito de gastar manteiga” e “Como está hoje jovial o nosso velho Weisshorn”, tais foram as frases que ambos, Paulina e mr. Beavis, quase simultaneamente proferiram — ela, de olhos fitos no sanduíche, num tom de lástima, ele, olhando para longe, tendo na voz uma nota de enlevo que, por ser expressa em termos de facécia fina e perfeitamente inglesa, nem por

isso deixava de ser genuinamente wordsworthiana.

Às pressas e com um sentimento de culpa, as duas meninas sopitaram o grito esboçado de alegria assustada, deixando de olhar uma para a outra e de espreitar o cabrito indecente. Momentaneamente comprometido, o mundo de mr. Beavis, de Paulina e das tias tinha voltado de novo à respeitabilidade.

— Mas, afinal, qual é essa história que você tem para me contar? — inquiriu a sra. Amberley, quando ele cessou de rir.

— Você vai ouvir — disse Anthony. E ficou algum tempo calado, acendendo um cigarro e meditando sobre o que ia dizer e sobre o modo como pretendia dizê-lo. Tinha a ambição de contar uma história excelente, divertida e, ao mesmo tempo, psicologicamente profunda; uma história para *fumoir*, que fosse também uma história para biblioteca e uma história para laboratório. Haveria de fazer Mary pagar um duplo tributo: de riso e de admiração.

— Conhece Brian Foxe, não? — começou ele.

— Certamente.

— Coitado do nosso Brian! — Pelo tom, pelo emprego do adjetivo confortador, Anthony firmava sua posição de superioridade, afirmava o seu direito, o direito de praticar, hábil e cientificamente, a vivisseccção, o direito de anatomizar e examinar. — Sim, coitado do nosso Brian! Aquela preocupação, aquela sua mania de castidade! A castidade (a mais antinatural de todas as perversões sexuais) — acrescentou entre parênteses, inspirando-se em Rémy de Gourmont. O sorriso deleitado de Mary agiu sobre ele como um acicate, um incentivo a novos esforços. Novos esforços, naturalmente, à custa de Brian. Mas nisso ele não pensava no momento.

— Mas que se podia esperar — atalhou Mary — com a mãe que ele tem? Uma espécie de vampiro espiritual. Uma perfeita Santa Mônica.

— Santa Mônica por Ary Scheffer — entendeu ele de reforçar. Não que houvesse na sra. Foxe um traço indicativo daquela insinceridade doentia da santa de Scheffer. Mas a finalidade de sua história, que era provocar em Mary o riso e a admiração, justificava suficientemente todos e quaisquer meios. A alusão a Scheffer era uma boa piada, boa demais para que ele não a aproveitasse, mesmo que não ficasse muito a calhar. E quando Mary proferiu o que era no

momento a sua frase predileta e falou das reações uterinas da sra. Foxe, ele se apossou, pressuroso, de suas palavras e começou a aplicá-las, não simplesmente à sra. Foxe, mas também a Joan e até (aproveitando o absurdo físico da coisa) a Brian.

As reações uterinas de Brian à castidade em conflito com o seu próprio desejo e as reações uterinas de Joan aos desejos de ambos — eis o drama. Um drama, explicava ele, cuja existência ele até então apenas suspeitara e inferira. Já agora as conjeturas se haviam tornado desnecessárias; ele sabia. Diretamente da boca do cavalo. Ou antes, diretamente da boca da égua. Pobre Joan! O vivisseccionista estendia sobre a mesa de operação um outro espécimen.

— À maneira dos primeiros cristãos — foi o comentário da sra. Amberley, quando ele terminou.

O desprezo ferino que havia na voz dela fez com que ele de súbito se lembrasse, pela primeira vez desde que começara a contar essa história, de que Brian era seu amigo, de que Joan fora verdadeiramente infeliz. Já tarde demais, ele ainda quis explicar que, a despeito de todas as aparências em contrário, não havia ninguém de quem ele mais gostasse e a quem mais admirasse e respeitasse do que a Brian. — Você não deve interpretar mal as minhas palavras — disse ele a Mary retrospectivamente e em imaginação. — Eu sou absolutamente devotado a ele. — Dentro de seu cérebro era uma verdadeira eloquência que se desenvolvia em torno do assunto. Mas por maior que fosse, essa eloquência interior não podia alterar o fato de ele ter traído a confiança do amigo, de ter revelado assuntos confidenciais, de ter sido malicioso sem desculpa nem explicação atenuante. Sem dúvida que, no momento, essa malícia lhe parecera a manifestação de sua própria agudeza psicológica; essas confidências traídas, os fatos indispensáveis sem os quais a agudeza não poderia exercer-se. Mas agora...

Um sentimento de autorreprovação dominou-o de repente, confundiu-o, enterrando-lhe a língua.

— Senti uma grande pena de Joan — tartamudeou, procurando reparar o mal. — Prometi fazer tudo o que pudesse em prol da pobre menina. Mas o quê? Eis a questão. Fazer o quê? — Exagerava a nota de perplexidade. Achando-se perplexo, como que justificava o fato de ter traído as confidências de Joan; tinha

contado a história (começava agora a afirmar a si próprio) exclusivamente no interesse de pedir o conselho de Mary — o conselho de uma mulher com experiência do mundo.

Mas a mulher com experiência do mundo estava olhando para ele da maneira a mais inquietadora. As pálpebras da sra. Amberley se haviam afilado e havia um brilho zombeteiro nos seus olhos; a comissura esquerda da boca arregaçava-se ironicamente. — O que há de mais encantador em você — disse ela judiciosamente — é a sua inocência.

Essas palavras o magoaram tanto, que ele chegou a esquecer por um instante Joan, Brian, sua própria conduta desabonadora e não pôde pensar em mais nada, a não ser na sua vaidade ferida.

— Obrigado — disse, procurando dedicar-lhe um sorriso de sincera satisfação. Inocente, ela o julgava inocente? Depois de todo aquele tempo que passaram juntos em Paris? Depois daquelas piadas em torno das reações uterinas?

— Tão cheio desse frescor delicioso de juventude. Simplesmente de comover!

— Agrada-me ser julgado assim por você. — O sorriso tornara-se um esgar; sentiu o sangue subir-lhe às faces.

— Uma menina o procura — prosseguiu a sra. Amberley — para queixar-se de não ter sido suficientemente beijada. E aqui está agora você a perguntar, com ar solene, o que deve fazer por ela! E ainda por cima, fica vermelho como uma beterraba. Amorzinho meu, eu tenho por você uma adoração absoluta! — Pondo a mão no braço dele: — Ajoelhe-se aqui no chão — ordenou. Com um ar tímido e palerma, ele obedeceu. Mary Amberley encarou-o um momento em silêncio, com a mesma expressão, com o mesmo brilho zombeteiro nos olhos. Depois, em voz baixa, perguntou: — Quer que lhe mostre o que você pode fazer por ela? Quer?

Sim, respondeu ele com um movimento de cabeça, sem falar. Entretanto, já mais junto dele, ela ainda o olhava com um sorriso interrogativo.

— Ou serei tola de lhe mostrar? Não irá você aprender demais a lição? Será que vou ter ciúmes? — perguntava ela ainda, sacudindo a cabeça e sorrindo, um

sorriso alegre e “civilizado”. — Não, não acredito em ciúmes. — Tomou-lhe a cabeça nas mãos e murmurando: — Aqui está o que você pode fazer por ela — puxou-o contra o peito.

Anthony sentira-se humilhado pelo fato de ela se atribuir, com um ar quase de desprezo, esse papel de dominadora; mas não havia vergonha, nem ressentimento que pudesse anular a consciência física dos prazeres e desejos familiares. E entregou-se, abandonou-se aos seus beijos.

Um relógio bateu horas e, imediatamente, veio do andar superior um ruído estridente de vozes infantis. A sra. Amberley fez um movimento de recuo e, pondo a mão sobre a boca de Anthony, afastou-o de si. — Agora, temos que estar em família — disse, rindo. — São seis horas. Às seis horas eu banco a mãe amantíssima.

Anthony ergueu-se e, com a ideia de salvar as aparências, atravessou a sala em direção à lareira, sobre a qual apoiou os cotovelos e ficou a contemplar uma aquarela de Conder.

A porta escancarou-se de repente e, com um guincho tal qual o apito de um trem expresso, uma criança gordinha, dos seus cinco anos de idade, entrou impetuosa na sala e atirou-se para a mãe. Outra pequenita, três ou quatro anos mais velha que a primeira, precipitou-se logo atrás.

— Helena! — chamava ela repetidamente a irmã; e o seu rostinho, em que se notava a expressão de uma censura ansiosa, era a paródia absurda do rosto de uma governante. — Helena! Você não deve fazer isso, Helena. Diga a ela que não grite assim, mamãe! — apelava para a sra. Amberley.

Mas a sra. Amberley não fez mais que rir e passar os dedos pelos cabelos bastos e louros da pequerrucha. — Joyce acredita nos Dez Mandamentos — disse voltando-se para Anthony. — Já nasceu acreditando nisso. Não é verdade, meu amor? — Passou o braço em volta dos ombros de Joyce e beijou-a. — Ao passo que Helena e eu... — balançou a cabeça — somos obstinadas, de pescoço duro, sem termos sofrido a circuncisão do coração e dos ouvidos.

— A ama diz que é a corrente de ar que faz ela ficar de pescoço duro — interveio Joyce, e ficou indignada quando a mãe e Anthony e até a pequenita Helena, por simples contágio e sem compreender, soltaram uma risada. — É

verdade, sim — gritava ela; e as lágrimas da virtude ofendida bailavam em seus olhos. — A ama disse!

CAPÍTULO XXVIII

25 de junho de 1934

COM QUE FACILIDADE PODIA UMA PESSOA tornar-se um Stiggins vestido à moderna! Um Stiggins muito mais sutil, e, portanto, mais detestável, mais perigoso. Pois, certamente, o próprio Stiggins era estúpido demais para poder ser ou intrinsecamente mau, ou capaz de fazer muito mal a outrem. Ao passo que, se eu me dispusesse a tal, quem sabe o que eu não faria, o que eu não destilaria na alma alheia no gênero mentiras. Mesmo sem me dispor a isso, eu poderia ir longe, conforme percebi hoje com horror, quando falava a Purchas e a três ou quatro dos jovens que o acompanham. Discorri sobre o “critério antropológico” de Miller; discorri sobre a paz não só como um modo de vida, mas também como política internacional — o modo de vida sendo a condição de qualquer política com um mínimo de esperança de êxito permanente. Discorri com tanta clareza, com tanta profundidade, com tanto poder de convicção, que os pobres diabos me escutaram de boca aberta e língua de fora. Com muito mais força convincente do que o teria feito o próprio Purchas; esse cristão de tipo forte e jovial começa bem, despertando atenção, mas daí a pouco os ouvintes já não o podem acompanhar. Do que eles gostam é de que o orador seja compreensível, sem esquecer a gravidade do assunto. O que é uma arte que eu tenho a sorte de possuir. E, assim, estava eu discorrendo, de modo verdadeiramente magistral, acerca da vida espiritual, sentindo um prazer intenso no domínio do assunto, felicitando-me secretamente, não só pela habilidade, mas também pela segurança com que expunha as coisas, quando subitamente percebi quem eu era: Stiggins. Discorrendo sobre a teoria da coragem, da abnegação, da paciência, sem nenhum conhecimento da prática. Discorrendo, o

que era pior, em presença de pessoas que tinham praticado o que eu estava pregando — pregando com tanta eficiência, que se dava uma verdadeira inversão de papéis: eles é que me estavam escutando, a mim, e não eu a eles. A descoberta do que eu estava fazendo ocorreu-me de súbito. Enchi-me de vergonha. E, no entanto — o que era ainda mais vergonhoso — continuei a falar. Não por muito tempo, todavia. Depois de um minuto ou dois, tive de parar, pedir desculpas, insistir em que não cabia a mim estar falando.

Isso mostra quanto é fácil ser um Stiggins por engano e inconscientemente. Mas mostra também que a inconsciência não é desculpa e que somos responsáveis pelo erro em que caímos, o qual resulta, certamente, do prazer que sentimos em ter mais talento do que os outros e em dominá-los pela inteligência. Por que não temos consciência dessas coisas? Porque nunca nos demos ao trabalho de examinar as forças que nos movem; e não examinamos as forças que nos movem, porque essas forças, esses motivos são geralmente vergonhosos. E certo que, alternativamente, examinamos esses motivos, mas mentimos a nós mesmos com relação a eles de tal modo e tanto, que chegamos a acreditar que eles são bons. E é isso que constitui a convicção de um Stiggins consciente de si mesmo. Sempre condenei como vulgar o exibicionismo e o desejo de dominar; e imaginava-me perfeitamente isento dessas vulgaridades. Mas, se estava isento e livre disso, e até onde o estava, foi graças à indiferença que me mantinha afastado de outras pessoas, graças às circunstâncias econômicas externas e intelectuais internas, que fizeram de mim antes um sociólogo do que um banqueiro, um administrador, um engenheiro agindo em contato direto com os meus semelhantes. Não é — compreendi então — em estabelecer contatos que está o mal; mas no momento em que os estabeleço, apanho-me em flagrante de ostentações e de tentativas de domínio. E ainda com este agravante: que, tal qual o teria feito Stiggins, eu me exibio e tento dominar por pura ostentação verbal de virtudes que não pratico. É humilhante verificar que as nossas pretensas boas qualidades são principalmente devidas às circunstâncias e ao mau hábito da indiferença, as quais me fizeram evitar as ocasiões de me conduzir mal — mal ou bem, para falar verdade, visto que é muito difícil conduzir-se alguém bem ou mal a não ser para com outras pessoas. Mais humilhante ainda é verificar que

quando, com um esforço de boa vontade, criamos as oportunidades necessárias, imediatamente nos ajustamos a elas comportando-nos mal. Nota: meditar sobre as virtudes que se opõem à vaidade, à paixão do mando, à hipocrisia.

CAPÍTULO XXIX

24 de maio de 1931

AS PERSIANAS SUSPENSAS DEIXAVAM PROJETAR-SE SOBRE a penteadeira a luz forte do sol. Helena, como de hábito, estava ainda deitada. Eram tão longos os dias. E o meio que ela encontrava para encurtá-los era ficar na cama, amolentada pelo brando calor do próprio corpo sob as cobertas, ou deixando-se vencer pelo sono, ou embalando-se em pensamentos vagos e inconsequentes, ou entregando-se a leituras soporíficas. O livro dessa manhã era o dos poemas de Shelley. “Quente olor”, leu, articulando as palavras num sussurro audível, “desprender-se parecia, das vestes claras...” (viu uma figura de pernas compridas, vestida de musselina branca, com as espáduas em declive e os seios em riste).

*Das vestes claras, dos cabelos soltos,
Dali onde o ar uma pesada trança
Desnastrara, na pressa em que ela ia...*

(A figura estava agora correndo, com sapatos para dança, com bico largo e atados com fita preta sobre meias brancas de algodão.)

*A doçura parece o vento leve
Saciar e forte odor na alma é sentido.
Como orvalho incendiado.
No álgido seio de um botão de rosa...*

O botão de rosa cedeu lugar à face estranhamente contorcida de Mark Staithe. Aquelas coisas que ele lhe contara a respeito de perfumes naquela outra noite. O almíscar, o âmbar cinzento... E Henrique Quarto com sua bromidrose

nos pés. *Bien vous en prend d'être roi; sans cela on ne vous pourrait souffrir. Vous puez comme charogne.* Ela fez uma careta. Hugh cheirava a leite azedo.

Um relógio bateu horas. Nove, dez, onze, doze. Doze! Sentiu-se envergonhada; mas depois resolveu desafiadoramente não se levantar e almoçar mesmo na cama. Uma voz de que se recordava — era a voz de Cynthia — soou-lhe como um reproche na memória. “Você deve sair mais vezes, procurar conviver com mais gente.” Mas essa gente, a gente de Cynthia, era um pessoal cacete como tudo. Através das pálpebras cerradas, viu sua mãe batendo no alto do crânio: “Uma pedra, duro como uma pedra, meu caro!” Um pessoal de uma estupidez, de uma ignorância, de uma insipidez, de uma obtusidade sem remédio. “Fui educada num meio acima do meu nível mental”, foi o que ela tinha dito a Anthony naquela noite. “De sorte que, se eu agora tiver que conviver com gente tão tola e deseducada como eu, será uma tortura, uma verdadeira tortura!”

Cynthia era encantadora, sem dúvida; sempre o fora, desde quando estiveram juntas na escola. Mas o marido de Cynthia — aquele cão de caça! E os amiguinhos dela e as amiguinhas, esposas destes. “Meu amiguinho. Minha amiguinha.” Como a enjoavam as palavras e, ainda mais, o modo horrível como as pronunciavam! Tão cheias de reservas, as insinuações impudentes ao fato de dormirem juntos! Quando, na realidade, muitas delas eram absolutamente respeitáveis. Nos poucos casos em que não o eram, a coisa ainda parecia pior — uma dupla hipocrisia. Dormindo juntos, de fato, e fingindo estar apenas fingindo maliciosamente que o faziam. O desolador, o superfino “inglesismo” de tudo isso! E depois, estavam sempre a jogar. Sempre os tais “jooo-gos”, como dizia a sra. Amberley, arrastando a pronúncia por efeito da morfina. Continuar a ver tal gente, continuar a fazer o que essa gente fazia... Sacudiu a cabeça.

Esposa! Irmã! Anjo do céu! Piloto

Do Destino, sem ter uma estrela a guiá-lo...

Absurdo, isso tudo? Ou significava alguma coisa — algo de maravilhoso, que ela jamais experimentara? Mas, sim, bem que ela já o tinha experimentado.

*Porque, nos campos da Imortalidade,
Meu espírito o teu deve ter venerado,
Qual divina presença em um lugar divino...*

Era agora humilhante admiti-lo: mas o fato era que ela tinha sentido, compreendido exatamente o que essas palavras queriam dizer. Uma divina presença em um lugar divino. E a presença fora a de um patife que era, igualmente, um virtuoso na arte de amar. Sentia um prazer perverso em insistir, o mais brutalmente possível, na disparidade grotesca entre os fatos e o que haviam sido, então, seus sentimentos.

*É a ti que eu amo; oh, esta sensação
De que se fecha do meu coração
A fonte, para manter puras, claras,
As águas que por ti meus olhos vertem...*

Helena riu, sem rumor. O som do relógio batendo o quarto de hora fê-la pensar, de novo, no conselho de Cynthia. Havia também os outros — aquela gente que ela e Hugh encontravam, quando jantavam com o Museu, ou a Universidade. “Aquele gente temendo a Deus” (era a voz de sua mãe que de novo falava), “que ainda continua a temer a Deus, mesmo depois de O ter alijado”. Temendo a Deus nos comitês. Temendo a Deus nas salas de leitura da W.E.A. Temendo a Deus através das discussões intermináveis da Sociedade de Reorganização. Mas a figura simpática de Gerry, a técnica de Gerry como amante — como podiam essas coisas ser postas à margem? Ou o feto desenvolvendo-se irreprimivelmente no útero? “Um plano coordenado de habitação para todo o país.” Lembrou-se da voz ardorosa, persuasiva de Frank Ditchling. Ele tinha um nariz arrebitado e as grandes ventas fixando-se na gente como um segundo par de olhos, insistentemente. Redistribuição da população... Cidades-satélites... Faixas de verdura... Elevadores até para os apartamentos da classe operária. Ela escutara, sucumbira ao feitiço de suas ventas hipnóticas e, no momento, a coisa parecera esplêndida, digna de se morrer por ela. Mas depois... Sim, os elevadores eram uma coisa muito conveniente e ela desejava ter um para o seu apartamento. Outra coisa boa onde a gente passear eram os parques. Mas

como a cruzada de Frank Ditchling resolveria qualquer dos problemas sérios da vida? O plano coordenado de habitação não tornaria sua mãe menos impura, menos irremediavelmente à mercê de um corpo intoxicado. E Hugh? Dar-se-ia que Hugh, numa cidade-satélite e com um elevador, se tornaria diferente do que era então, do que era quando subia quatro lances de escada em Londres? Hugh! Lembrou-se, com um sorriso de escárnio, das suas cartas, de todas as coisas delicadas, bonitas, que ele escrevera — e, depois, do homem tal qual ele havia sido na realidade de todos os dias, como marido. “Mostre-me como posso auxiliá-lo, Hugh.” Pondo-lhe em ordem os papéis, datilografando-lhe as notas, fazendo consultas para ele na biblioteca. Entretanto, ele nunca deixara de sacudir a cabeça, enquanto seus olhos brilhavam como vidro por trás do vidro dos óculos: ou ele não precisava que o auxiliassem, ou ela não era capaz de auxiliá-lo. “Quero ser uma boa esposa, Hugh.” Com a risada alta de sua mãe a soar-lhe na imaginação, difícil lhe fora pronunciar tais palavras. Mas pensara-as, premeditara-as; queria, de fato, ser uma boa esposa. Remendando-lhe as meias, esquentando-lhe o leite ao deitar, lendo para ele, sendo, numa palavra, *sérieuse* pela primeira vez e profundamente. Mas Hugh não queria que ela fosse boa esposa, não queria que ela fosse qualquer coisa que ela pudesse ser. Uma divina presença num lugar divino. Mas esse lugar eram as cartas dele; presente, ela estava, no que se referia a ele, somente no outro extremo da rede postal. Nem mesmo na cama ele a queria — ou, se em todo caso a queria, não era muito, não era como comumente se queria. Grande coisa, as faixas de verdura!

A coisa não atingia o alvo, não feria a questão. Porque a questão eram aqueles silêncios em que Hugh se fechava durante as refeições. A questão era aquela expressão de martírio que ele assumia, se alguma vez ela entrava em seu gabinete quando ele estava trabalhando. A questão estava na indecência daquelas aproximações furtivas na escuridão, no revoltante desinteresse e generosidade dum sensualismo em que a parte a ela conferida era puramente ideal. A questão estava naquela expressão de consternação, quase de horror e de repugnância, que ela descobrira daquela vez, nas primeiras poucas semanas de seu casamento, quando ela caíra doente de gripe. Ele mostrara-se solícito; de começo, ela sentira-se comovida, sentira-se grata. Mas quando descobriu o esforço heroico

que lhe custava, a ele, o cuidar-lhe do corpo doente, a gratidão evaporou-se. Em si, o esforço era, sem dúvida, admirável. O que a irritava, o que ela não podia perdoar era o fato de ter que ser feito o esforço. Queria ser aceita como era, mesmo com febre, mesmo vomitando bílis. Naquele livro que ela lera, sobre o misticismo, havia uma história de mme. Guyon apanhando do chão um horrível bocado de catarro e saliva e pondo-o na boca — como prova de força de vontade. Doente, ela fora a prova a que Hugh submetera a própria vontade; e, a partir daí, cada mês era uma renovação do horror secreto que ele tinha ao corpo dela. Era um insulto intolerável — e não haveria de ser menos intolerável, numa das cidades-satélites de Ditchling, no mundo planificado de que estavam sempre a falar aqueles ateus tementes a Deus.

Mas havia ainda aquela Fanny Carling. “O camundongo” era o nome que Helena lhe dava, tão pequenina ela era, tão cinzenta, tão silenciosa e tão ligeira. Mas um camundongo místico. Um camundongo de enormes olhos azuis que pareciam perpetuamente admirados do que viam por trás das aparências das coisas. Admirados, mas, ao mesmo tempo, a cintilar de uma felicidade inexplicável, uma felicidade que a Helena parecia quase indecente, mas que, contudo, ela invejava. — Como é que se acredita em coisas que são evidentemente falsas? — perguntara, parte com malícia, parte verdadeiramente desejosa de conhecer um segredo valioso. — Vivendo — respondeu o camundongo. — Quando vivemos com dignidade, todas essas coisas acabam por tornar-se de uma verdade manifesta. — E passou a dizer uma série de coisas incompreensíveis a respeito do amor de Deus e do amor das coisas e das pessoas por amor de Deus. — Não sei o que você quer dizer. — Apenas porque não quer saber, Helena. — Resposta estúpida, de estarrecer! — Como é que se sabe o que eu quero?

Suspirando, Helena voltou ao seu livro.

*Nunca me filiei a essa grande seita,
Cuja doutrina é que por cada um seja eleita
A amante dentre a turba, ou o amigo, escolhido,*

(“Um dos meus amiguinhos...”)

*E todos os demais, embora ao frio olvido
Os relegue a moral moderna, que é pregada
Por quem é justo e sábio; e cada qual a estrada
Que a passo tardo trilha a pobre legião
De escravos também siga, em demanda à mansão
Eterna; a estrada real vá trilhando, consigo,
Na viagem triste e longa, arrastando um amigo
Ou, quem sabe? — talvez, invejoso inimigo.*

“Na viagem triste e longa”, repetiu ela consigo mesma. “Mas poderia ser tão longa”, pensou, “e tão triste com vários, do mesmo modo que com um só — com Bob e Cecil e Quentin, do mesmo modo que com Hugh”.

*Do ouro e da argila o Amor é, nisto, diferente:
Que, nele, o dividir não é tornar ausente.*

— Não creio nisso — disse em voz alta; e, aliás, não tinha havido muito amor para dividir. Pelo coitado do Cecil o que ela apenas sentira fora pesar. E com Quentin, tratava-se apenas — sim, apenas de higiene. Quanto a Bob, este, de fato, se mostrara vivamente interessado por ela; e ela, por sua vez, fizera o possível para também se interessar por ele. Mas, sob aquelas suas maneiras encantadoras, sob aquelas aparências heroicas, não havia realmente nada. E, como amante, que desastre, que falta de jeito irremediável, um verdadeiro bárbaro, que nada compreendia! Rompera com ele logo depois de umas poucas semanas. E talvez — continuava a refletir — talvez que a sua sorte fosse justamente esta: dar o seu coração somente a homens como Gerry e ser amada por homens como Hugh e Bob e Cecil. Venerar a crueldade e a baixeza e ser adorada pela deficiência.

O telefone tocou. Helena tomou do fone:

— Alô!

Foi a voz de Anthony Beavis que respondeu. Queria que ela fosse jantar com ele no dia seguinte. — Teria muito prazer em ir — disse ela, embora já tivesse prometido aquela tarde a Quentin.

Um sorriso iluminava-lhe o rosto, quando ela se reclinou de novo sobre os travesseiros. Homem inteligente, pensava consigo. Homem que valia cinquenta

desses pobres diabos que se chamavam Cecils e Quentins. É divertido, encantador, até mesmo fisicamente simpático. Como ele fora gentil com ela naquela noite do jantar de Mark! Esforçara-se, dera-se ao incômodo de ser gentil. Ao passo que o outro, aquele asno pretensioso que era o Pitchley, tudo fizera para ser rude e grosseiro. Naquela ocasião chegara a acreditar que Anthony sentia por ela uma real atração. Era uma dúvida, alimentada de uma esperança. Agora, esse convite lhe dava razões, não somente para esperar, mas também para se convencer disso. Cantarolou baixinho. Depois, com uma energia súbita, atirou para o lado as cobertas. Tinha resolvido levantar-se para o almoço.

CAPÍTULO XXX

2 de julho de 1914

PARA MARY AMBERLEY, AQUELA PRIMAVERA E aquele começo de verão tinham sido de uma monotonia extrema.

Anthony era um rapaz encantador, não havia dúvida. Mas dois anos eram muito tempo; o rapaz tinha deixado de ser uma novidade. E depois, estava realmente apaixonado; apaixonado demais. Era, certamente, uma coisa agradável sentir-se amada por alguém; mas não assim, com essa violência, não assim, por um tempo tão longo. Neste caso, esse alguém acabava tornando-se uma coisa insuportável; acabava passando a imaginar que só tinha direitos e a pessoa amada só tinha deveres. E isso era intolerável. Toda aquela cena que Anthony fizera no inverno passado por causa daquele crítico de arte em Paris! Isso, em certo sentido, não deixava de lisonjeá-la. Mary raramente tinha visto alguém tão desesperado, tão fora de si. E visto que o crítico de arte acabara por se revelar, num contato mais íntimo, um cacete de marca, tornara-se para ela um verdadeiro gozo o submeter-se às ameaças, às misérias mudas e às lágrimas de Anthony. Mas, em princípio, a coisa estava errada. Ela não queria ser amada assim, com esses direitos ameaçadores de exclusividade. Especialmente quando esse processo era contínuo, prolongado. Gostava das coisas breves, agudas e excitantes. Noutra ocasião e com qualquer outro que não fosse o crítico de arte, não teria permitido a Anthony que a tratasse assim. Mas a dificuldade era que não havia nenhum outro em vista, a não ser Sidney Gattick, e ela não estava bem certa de poder suportar a voz e as maneiras de Sidney. O mundo era um lugar em que todas as coisas divertidas e excitantes pareciam ter, como que por encanto, deixado de acontecer. Eis aí por que ela passara a insistir junto de

Anthony nesse caso a que chamava “o tratamento de Joan”. Passara a insistir de um modo contínuo, com uma persistência completamente fora de proporção com qualquer interesse que tivesse por Joan, ou por Brian Foxe, ou mesmo por Anthony — passara a insistir simplesmente com a esperança de conseguir um divertimento qualquer na monotonia vã e insuportável daqueles dias.

— Como vai indo o tratamento? Progresso? — perguntou ela ainda uma vez, nessa tarde de julho.

Anthony respondeu com uma história longa, ensaiada com todo o esmero, sobre o seu papel de tio camarada; contou como foi aos poucos conquistando maior intimidade, até passar ao papel de irmão mais velho; como, de irmão mais velho, pretendia passar, quase imperceptivelmente, ao papel de primo sentimental; e, de primo sentimental, a...

— O que é verdade — disse a sra. Amberley, interrompendo-o — é que você não está fazendo nada.

Anthony protestou. — Eu estou indo devagar. Estou usando de estratégia.

— Estratégia! — repetiu ela, como um eco, e desdenhosa. — Medo é o que você tem.

Ele contestou, mas não pôde deixar de ficar vermelho. Pois certamente ela, em parte, tinha razão. Medo era o que ele tinha. Apesar de ter dois anos de prática na qualidade de amante de Mary, ainda sofria de timidez, ainda lhe faltava a confiança em si quando em presença das mulheres. Sua timidez não era, porém, apenas a força inibitória em ação. Havia também compunção, também afeição e lealdade. A essas seria, entretanto, quase impossível fazer qualquer referência diante de Mary. Ela lhe responderia que o que ele queria era dissimular o seu medo, disfarçando-o com uma variedade de fantasias honrosas, e recusar-se-ia peremptoriamente a crer na veracidade desses outros sentimentos seus. E o pior é que ela haveria de encontrar uma justificação para a sua recusa. Pois, a falar verdade, não havia grande indício de tal compunção, de semelhante afeição e lealdade no modo como ele, de começo, contou a história. Quantas vezes, desde então, em inúteis explosões de cólera retrospectiva, ele se maldissera por ter feito aquilo! E, procurando convencer-se de que a responsabilidade não era exclusivamente sua, também maldissera Mary,

censurando-a por lhe não ter dito que estava traindo confiança por mera depravação e vaidade; censurando-a por não se ter negado a escutá-lo.

— A verdade verdadeira — prosseguia agora Mary, implacavelmente — é que você não tem coragem de beijar uma mulher. A única coisa que você sabe é fazer uma dessas suas caras irresistivelmente ternas e melancólicas e ficar a implorar, tacitamente, que o seduzam.

— Que disparate! — Mas tinha, mais do que nunca, as faces em fogo.

Fingindo não dar pelo aparte, Mary continuou: — Pode ter a certeza de que ela não o seduzirá. É muito jovem. Não muito jovem para se sentir tentada, talvez. Porque o alvo atacado é o instinto materno; e este se observa até numa criança de três anos. Até mesmo uma criança de três anos sentiria por você um aperto em seu coraçãozinho. Um verdadeiro aperto. — Rolou o *r* da palavra, como zombando. — Mas sedução propriamente... — A sra. Amberley balançou a cabeça. — Não se pode esperar isso senão muito mais tarde. Não certamente de uma menina de vinte anos.

— Não é preciso dizer — disse Anthony, procurando desviá-la da dissecação dolorosa de seu caráter — que eu nunca achei nada em Joan de particularmente atraente. Um tanto *rústica* demais. — Pronunciou a palavra com ênfase, como Mary costumava fazer. — Além disso, ela é, de fato, ainda muito infantil — acrescentou, para logo se arrepender do que dissera, pois Mary caiu-lhe novamente em cima, como um falcão.

— Infantil! — repetiu ela. — Gosto de ouvir isso. E que me diz de você? Está aí a falar à toa! O roto a rir-se do esfarrapado. Ainda que seja muito natural — prosseguiu, voltando ao ataque no ponto em que o tinha interrompido antes — muito natural que você se queixe dela. Ela é infantil demais para você. Demasiado infantil para tomar a ofensiva. Bastante infantil para sofrer essa ofensiva. Pobre menina! Enganou-se de porta. De você ela não há de ganhar mais beijos, do que ganha desse seu cristão antigo mergulhado nas trevas. Muito embora você se proclame civilizado...

Interrompeu-se, ao ver que abriam a porta.

— Mr. Gattick — a criada anunciou.

Grande, corado, com a chama interior de sua satisfação e confiança em si

quase a torná-lo fisicamente luminoso, Sidney Gattick veio entrando a passos largos. Sua voz ribombava enquanto ele se desmanchava em saudações e se informava sobre a saúde dela. Uma voz profunda, viril como só o pode ser a voz de um ator-diretor desempenhando o papel de um homem forte. E o seu perfil, conforme logo percebeu Anthony, também o seu perfil era o de um ator: nobre demais para ser verdadeiro. E afinal de contas (era Anthony ainda que continuava refletindo com um desprezo nascido do ciúme e certa inveja do sucesso mundano do outro) que outra coisa eram esses advogados, senão atores? Hábeis atores, mas hábeis de uma habilidade de examinandos; capazes de estudarem uma causa e esquecê-la de novo, desde o momento em que a tivessem terminado, como certos alunos estudavam lógica formal ou os Atos dos Apóstolos para as provas parciais. Nada da verdadeira inteligência, do pensamento coerente. Nada mais do que o espírito do examinando instalado no corpo do ator e exprimindo-se na voz tonitruante do ator. E, para isso, a sociedade pagava à criatura cinco ou seis mil libras por ano. E a criatura tinha-se na conta de homem importante, sábio, notável; a criatura sentia-se capaz de assumir ares de protetor. Não que tivesse alguma importância (Anthony se certificava) estar sob a proteção desse charlatão oco e espalhafatoso. A gente podia rir; a coisa era realmente absurda! Mas, apesar do absurdo e a despeito do riso que provocava, o ar de protetor parecia dolorosamente humilhante. Por exemplo: o modo como ele agora representava o papel de militar distinto, ou de altivo fidalgo da província e, dando-lhe uma pancadinha no ombro, dizia: — Então, meu jovem Anthony! — Era simplesmente intolerável. Nessa ocasião, contudo, pareceu a Anthony que essa situação intolerável valia a pena de ser suportada. O homem podia ser um idiota maçante e pretensioso; mas sua chegada ali nesse momento tinha a vantagem de o ter livrado dos assaltos, das investidas de Mary. Em presença de Gattick ela não poderia continuar conversando sobre o caso de Joan.

Mas ele não contara com as reservas de Mary, com a sua capacidade de atormentar, com a sua urgente necessidade de fazer que acontecesse qualquer coisa de divertido e estimulante. E poucas coisas são mais estimulantes do que o mau gosto deliberado, mais divertidas do que o embaraço alheio. Antes que

Gattick tivesse tempo de terminar as suas rumorosas expansões preliminares, eila que retornava, mais uma vez, ao velho e doloroso assunto.

— Quando você tinha a idade de Anthony — começou ela — ficava sempre à espera que uma mulher o seduzisse?

— Eu?

Ela confirmou com um gesto.

Voltando a si da surpresa, Gattick respondeu com o sorriso matreiro de um Don Juan experimentado e, com a mais viril das vozes de um *jeune premier*, disse: — Naturalmente que não. — Riu com um ar complacente e ajuntou: — Pelo contrário, parecia-me ter invadido até aqueles recintos onde os próprios anjos temiam penetrar. E saí mais de uma vez com a marca dos cinco dedos na cara. Mas, o mais das vezes não foi assim. — Piscou um olho denunciador de cenas escabrosas.

— Pois Anthony prefere a atitude passiva — disse a sra. Amberley. — Prefere esperar que a mulher tome a dianteira.

— Oh, isso é mau, Anthony, isso não adianta — disse Gattick; e a sua voz era, uma vez mais, a tradução sonora dos bigodes militares.

— Temos aqui o caso de uma pobre menina que quer ser beijada — continuou a sra. Amberley — e ele não tem sequer a coragem de passar-lhe o braço em volta da cintura e fazer o que ela quer.

— Não diz nada, Anthony? Não se defende? — Gattick perguntou.

Procurando, sem o conseguir, fingir que não lhe dava importância, Anthony deu de ombros. — Só tenho a dizer que isso não é verdade.

— O que é que não é verdade? — perguntou Mary.

— Que eu não tenha coragem.

— Mas é ou não é verdade que você não a beijou? É ou não é? — insistiu ela. E quando ele teve de admitir que era verdade, ajuntou: — Eu estou apenas tirando a conclusão necessária dos fatos. Você, que é advogado, Sidney, diga-me se a conclusão não se justifica.

— Justifica-se perfeitamente — disse Gattick, e o próprio lorde Chancellor não poderia ter falado com mais gravidade. Circundou-o uma auréola de togas, perucas, borlas e capelos. Era a encarnação da própria Justiça.

Anthony abriu a boca para falar, mas, depois, tornou a fechá-la. Diante de Gattick e com a obstinação, em que estava Mary, de se mostrar apenas “civilizada”, como poderia ele dizer o que realmente sentia? E se tal era o que ele realmente sentia, por que (a questão se formulava mais uma vez), por que lhe tinha então contado a história? E o que era pior — por que lha tinha contado naquele estilo particular, como se fosse um comediante vivisseccionista? Vaidade, corrupção e, além disso, o fato de estar apaixonado por ela e ansioso de agradar, a todo custo, mesmo à custa do que ele realmente sentia. E era forçado a admitir que, no momento de contar a história, não sentira realmente outra coisa senão o desejo de agradar e de divertir. Mas, ainda uma vez: essas coisas não podiam ser ditas. Gattick nada sabia das relações de ambos, nem devia saber. E ainda mesmo que Gattick não estivesse presente, teria sido difícil, quase impossível, explicar a coisa a Mary. Ela rir-se-ia dele, achando-o romântico — romântico com relação a Brian, com relação a Joan, com relação a ela mesma; julgá-lo-ia absurdo e ridículo por estar a fazer de um argueiro, de um simples argueiro amoroso, um cavaleiro tragicamente amoroso.

— Há pessoas que insistem — costumava ela dizer — em tratar o *mons Veneris* como se fosse o monte Everest. O cúmulo da tolice!

Quando ele, afinal, conseguiu falar, limitou-se a dizer: — Se eu não faço isso, é simplesmente porque não quero fazê-lo.

— É simplesmente porque não ousa — gritou Mary.

— Quem foi que disse?

— Sou eu que estou dizendo — replicou ela. Seus olhos escuros brilhavam. Seu gozo era completo.

Imponente, mas com um prenúncio de riso em sua gravidade, o lorde Chanceler tornou a manifestar-se. — É um processo terrível contra você — disse.

— Estou pronta a fazer uma aposta — disse Mary. — Cinco por um. Se você fizer isso dentro de um mês, eu lhe darei cinco libras.

— Mas eu já lhe disse que não quero — sustentou ele.

— Não tem disso, não. Isso é desculpa sua, para tirar o corpo fora. Aposta é aposta. Cinco libras para você, se conseguir fazer isso dentro de um mês, a

partir de hoje. E se não o conseguir, terá que me pagar uma libra.

— É muito generosa — disse Gattick.

— Uma libra somente — repetiu ela. — Mas nunca mais tornarei a falar com você.

Durante alguns segundos eles se estiveram olhando em silêncio. Era grande a palidez de Anthony. Cerrando os lábios e torcendo a boca, Mary sorria; por entre as pálpebras semifechadas distinguia-se em seus olhos o brilho de um riso malicioso.

Por que havia ela de ser tão terrível com ele, tão brutal e mesquinha? Era o que ele se perguntava. E detestava-a; detestava-a ainda mais porque a desejava, por causa da lembrança e do antegozo daqueles prazeres, por causa de sua inteligência livre e de seu saber, por causa, numa palavra, de tudo o que lhe tornava inevitável fazer exatamente o que ela queria. Ainda mesmo que soubesse tratar-se de uma coisa estúpida e injusta.

Sempre a espreitá-lo, Mary via-lhe nos olhos o ódio da revolta: e viu o sinal de sua própria vitória, dela, quando ele baixou finalmente os olhos para o chão.

— Nunca mais — repetiu ela. — É o que eu estou lhe dizendo.

Em casa, Anthony pendurava seu chapéu no cabide do vestíbulo, quando o pai lhe gritou:

— Venha cá ver uma coisa, meu caro.

“Raios!”, disse consigo Anthony, irritado; e foi com uma expressão de angústia que entrou no gabinete do pai, expressão que mr. Beavis estava muito ocupado para poder notar.

— Estou aqui me divertindo um pouco com este mapa — disse mr. Beavis, sentado à sua secretária e tendo diante de si um mapa oficial da Suíça. Ele tinha a paixão dos mapas, paixão devida, em parte, ao gosto das excursões, em parte também ao interesse profissional pelos nomes geográficos. “Comballas”, murmurava consigo, sem tirar os olhos do mapa. — Chamossaire. É um encanto, um encanto! — Depois, voltando-se para Anthony, disse: — É pena, é verdadeiramente uma pena que a sua consciência não lhe permita aproveitar um feriado para vir conosco.

Anthony, que fizera do seu trabalho para a prova final do curso de pesquisas um pretexto para ficar na Inglaterra em companhia de Mary, sacudiu a cabeça, gravemente, concordando. E disse: — Realmente, um trabalho sério de leitura acurada não é possível nas grandes altitudes.

— Pelo que estou vendo aqui — disse mr. Beavis, que voltara a consultar o seu mapa — vamos ter de fazer as mais agradáveis excursões e as mais acidentadas subidas contornando os Diablerets. E que nome delicioso, este aqui! — acrescentou, entre parênteses. — Subindo, por exemplo, o Col du Pillon. Correu o dedo ao longo das sinuosidades da estrada. — Está vendo você? — Anthony inclinou-se negligentemente sobre o papel. — Não, você não pode ver — continuou mr. Beavis. — Eu estou tapando tudo com a mão. — Aprumou o busto e meteu a mão, primeiro, num bolso, depois, noutro. — Onde diabo — disse, franzindo a testa; depois, e de repente, vindo-lhe ao espírito uma das suas mais ousadas pilhérias filológicas, a cara fechada transmutou-se num sorriso velhaco. — Onde diabo está o meu pênis?

Tal foi o espanto de Anthony, que a única resposta àquele ladino piscar de olho com que o pai se voltava, alegre, para ele, foi um olhar cheio de embaraço e desconcerto.

— Quero dizer “meu lápis” — viu-se mr. Beavis na obrigação de explicar. — O inglês *pencil* vem de *penecilius*: diminutivo de *peniculus* e duplo diminutivo de *pênis*, que, como você sabe — continuou ele, tirando, afinal, o lápis do bolso interno do casaco — primitivamente significava cauda. Mas voltemos a atacar o nosso Pillon. — Baixando a ponta do lápis sobre o mapa, foi com ela seguindo os zigue-zagues. — E quando estivermos no alto do Col, contornaremos o flanco nordeste do monte Fornettaz, até...

Era a primeira vez — estava pensando Anthony — que seu pai fazia, em sua presença, alusão à fisiologia do sexo.

CAPÍTULO XXXI

6 de setembro de 1933

— A MORTE — DIZIA MARK Staithes. — Eis a única coisa que ainda não conseguimos vulgarizar completamente. Não é, naturalmente, porque nos falte desejo de o fazer. Somos como cães numa acrópole. Trotando aqui e acolá, com a bexiga inexaurível e sempre ansiosos de levantar uma perna junto de cada estátua. E o mais das vezes o conseguimos. A arte, a religião, o heroísmo, o amor, sobre tudo isso temos deixado o nosso cartão de visita. Mas a morte, a morte permanece fora de alcance. Não fomos capazes de conspurcar essa estátua. Ainda não o fomos, em todo caso. Mas o progresso é o progresso; não para. — Fez uma demonstração anatômica de um sorriso. — As maiores esperanças, os futuros fecundos... — As mãos ossudas estenderam-se num gesto pródigo. — Um dia, sem dúvida, algum gênio do canil há de conseguir trepar e depositar, com um golpe certo, seu tributo bem no meio do rosto da estátua. Felizmente, porém, o progresso ainda não chegou tão longe. Resta ainda a morte.

— Resta ainda. Inatingível — repetiu Anthony. — Mas a cortina de fumaça é bastante densa. Conseguimos esquecê-la, na maior parte do tempo.

— Mas não todo o tempo. Ela permanece, sem que a exorcismem. Intacta. Em verdade — corrigiu Mark — mais do que intacta. Temos maiores e melhores cortinas de fumaça do que tinham nossos pais. Mas, por trás do fumo, o inimigo é mais formidável. Eu diria que a morte cresceu, avultou ainda mais agora, depois que foram suprimidos os consolos e as esperanças. Cresceu a ponto de se tornar quase tão grande como era, quando a gente ainda acreditava seriamente no inferno. Porque, se hoje a gente frequenta cinema, lê jornais,

assiste a jogos de futebol, toma chocolate, então a morte é que é o inferno. A cortina de fumaça vai-se adelgaçando aos pouquinhos, a gente distingue, percebe a morte a furto, num relance, e apavora-se. Eu acho que esse pensamento conforta. — Tornou a sorrir. — É uma grande compensação. Compensa, até mesmo, os tais cãezinhos da acrópole. — Sobreveio um silêncio. Depois, lá noutro tom, ele retomou a palavra: — É um consolo pensar que a morte permanece fiel. Tudo mais pode ter desaparecido, mas a morte permanece fiel — repetiu. — Se quisermos arriscar nossas vidas, podemos arriscá-las de modo tão completo como jamais o fizemos. — Levantou-se, deu uma ou duas voltas pela sala; depois, estacando diante da cadeira de Anthony, disse: — E foi realmente para tratar disso que eu vim procurá-lo.

— Disso o quê?

— Dessa questão de arriscar a vida. Ando me sentindo como se um punhal me atravessasse. Atolado até ao pescoço na humanidade civilizada. — Fez uma careta, como quem sentisse um mau cheiro. — Pareceu-me que só havia uma saída. Retornar à vida perigosa. Seria como nova lufada de ar puro. Imaginei que talvez você também... — Deixou a frase inacabada.

— Mas eu nunca me arrisquei — disse Anthony, depois de uma pausa. — Houve, é verdade, alguém que uma vez se arriscou em meu lugar — acrescentou, recordando-se do campônio com a granada de mão.

— Pois aí está mais uma razão para se arriscar agora.

— A questão — disse Anthony, franzindo a testa — a questão é que eu sempre fui um covarde. Um covarde moral, certamente. E físico também, talvez, não sei. Nunca tive realmente oportunidade de verificar isso.

— Eu teria visto, ainda aí, outra razão ainda mais forte.

— Talvez.

— Se se trata de mudar a base da vida, não seria melhor mudá-la com um tiro?

— Um tiro que nos fizesse cadáver?

— Não, não; somente o risco; não se trata de suicídio. O caso em que estou pensando é apenas perigoso. Nada mais. — Tornou a sentar-se. — Recebi, outro dia, uma carta — começou. — De um velho amigo meu, do México. Um

homem com quem trabalhei na finca de café. Chama-se Jorge Fuentes. Uma criatura notável, no seu gênero.

Esboçou a história de d. Jorge. Sitiado pelos revolucionários em sua fazenda do vale de Oaxaca. Quase todos os outros fazendeiros tinham fugido. Ele foi um dos poucos que ofereceram resistência. No começo, tinha os seus dois irmãos para auxiliá-lo. Estes, porém, foram mortos: um, alvejado de longe; o outro, atacado a machetes numa emboscada no meio dos cactos. Ele levara por diante a luta, sozinho. E então, num dia em que estava a percorrer os campos a cavalo, uma dúzia de revolucionários conseguiu invadir-lhe a casa. Regressando ao lar, encontrou a esposa e os dois filhinhos mutilados no pátio. Depois disso, pareceu-lhe que não valia mais a pena defender o campo. Ficou apenas o tempo suficiente para atirar contra três dos assassinos e, abandonando em seguida seu patrimônio, foi trabalhar para outros homens. Tinha sido durante esse período que Mark o conhecera. Agora ele possuía novamente casa própria e algumas terras. Trabalhava como agente de muitos dos plantadores na costa do Pacífico do Estado de Oaxaca; recrutava para eles trabalhadores nos aldeamentos das montanhas e era o único homem em quem os índios confiavam, o único homem que não tentava enganá-los. Recentemente, entretanto, as coisas tinham piorado. D. Jorge metera-se na política, fizera-se líder de um partido, arranjava inimigos e não menos perigosos amigos. Estava agora na oposição. O governador do Estado o estava perseguindo, a ele e a seus aliados. Era um homem ruim, segundo d. Jorge; corrupto, injusto e, também, impopular. Não deveria ser difícil livrarem-se dele. Parte das tropas, certamente, bandear-se-ia, aderiria ao movimento. Mas, antes de entrar em ação, d. Jorge queria saber se havia esperança de Mark encontrar-se nas vizinhanças de Oaxaca em futuro muito próximo.

— Coitado do amigo Jorge! Tem a mais comovente das confianças na validade da minha opinião. — Mark riu. O depreciar assim a fé que nele depositava d. Jorge, o diminuir as razões dessa fé causavam-lhe um calor de satisfação que lhe percorria todo o corpo. Poderia ter falado a Anthony daquela ocasião em que o asno se tinha retirado, deixando-o à mercê dos bandidos, e do modo como conseguira salvar-se. Uma boa história e que lhe fazia honra. Mas

não contá-la dava-lhe mais prazer do que contá-la. — É bem verdade que a minha opinião vale mais do que a sua — continuou Mark. — Mas isso não quer dizer grande coisa. D. Jorge é valente, valente como um leão; mas de uma temeridade que chega a ser loucura. Não tem nenhum senso de realidade. O seu *coup d'état* vai ser uma coisa louca, uma trapalhada em regra.

— A menos que você esteja lá para ajudá-lo, acho eu. E é seu propósito partir?

Mark respondeu, com um gesto, que sim. — Já lhe escrevi informando-o de que partirei logo que ponha em ordem os meus negócios aqui na Inglaterra. E ocorreu-me que você... — Mais uma vez deixou inacabada a frase e consultou Anthony com um olhar.

— Acha que a causa é boa? — perguntou Anthony, enfim. O outro riu. — Tão boa como qualquer outra causa política no México — respondeu.

— E isso basta?

— Para o fim que tenho em vista, basta. Aliás, o que é uma boa causa? Entre a tirania dos comissários do povo e a tirania sob os Gauleiters não parece haver muita diferença. Um sargento instrutor é sempre um sargento instrutor, qualquer que seja a cor da sua camisa.

— A revolução pela revolução, neste caso?

— Não; a revolução por mim. Por todo aquele que tome parte na coisa. Por todo aquele que possa encontrar nela tanto prazer quanto eu posso.

— Parece-me que a coisa me conviria — declarou Anthony depois de uma pausa.

— Tenho certeza disso.

— Se bem que eu já esteja sentindo, mesmo a distância, um medo danado.

— Pois isso tornará a coisa ainda mais interessante. — Anthony respirou profundamente. — Está bem — disse afinal. — Irei com você. — Depois, com veemência, concluiu: — É a ideia mais estúpida, mais insensata, de que já tive notícia. E como eu sempre tenho sido tão inteligente e tão sensato... — Interrompeu-se e, rindo, estendeu o braço para apanhar o cachimbo e a lata de fumo.

CAPÍTULO XXXII

29 de julho de 1934

HOJE ESTIVE, EM COMPANHIA DE HELENA, ouvindo Miller falar em Tower Hill, durante a hora do jantar. Grande multidão. Ele falou bem — uma combinação bem-feita de argumentos, gracejos, apelos ao sentimento. O tema era a paz. Ou a paz em toda parte, ou paz nenhuma. A paz internacional não se podia conseguir, a não ser como uma tradução política das relações interindividuais. Os militaristas no lar, na fábrica, no escritório, para com subalternos e rivais, não podiam logicamente esperar que os governos que os representam se conduzissem como pacifistas. A hipocrisia e a estupidez daqueles que advogam a paz entre os Estados, enquanto dirigiam guerras privadas, no negócio ou na família. Entrementes, eram constantes as interpelações feitas pelos comunistas, na multidão. Como se poderia obter qualquer coisa sem a revolução? Sem liquidar os indivíduos e as classes que se opunham ao progresso social? E assim por diante. Resposta (sempre com extraordinário bom humor e inteligência): os meios determinam os fins. A violência e a coerção produzem uma sociedade pós-revolucionária não comunista, mas (como a russa) hierárquica, governada por uma oligarquia que emprega métodos de polícia secreta. E assim tudo o mais.

Depois de cerca de um quarto de hora, um jovem interpelante irado trepou no pequeno muro onde Miller estava em pé e ameaçou-o de jogá-lo por terra, se ele não se calasse. — Pois então venha, Arquibaldo. — A turba riu; o jovem ficou ainda mais irado, avançou, de punhos cerrados, pronto para esmurrar Miller. — Desça daí, seu velho impostor, senão... — Miller manteve-se na mesma calma, sorrindo, com as mãos pendentes, dizendo que estava muito bem,

que ele não se opunha a ser derrubado dali. O atacante ensaiou uns gestos de pugilista, ergueu o punho a uma polegada de distância do nariz de Miller. O velho não se mexeu, não mostrou sinal de medo, nem de cólera. O outro recolheu a mão, mas, em lugar de levá-la em seguida à cara de Miller, levou-lha contra o peito. Com bastante força. Miller oscilou, perdeu o equilíbrio e caiu do muro no meio da multidão. Pediu desculpas às pessoas sobre as quais tinha caído, riu-se, levantou-se e subiu de novo no muro. Repetição da cena. De novo o jovem ameaçou-lhe a cara, mas, ainda uma vez, como Miller não erguesse as mãos, nem mostrasse medo nem cólera, desferiu o golpe sobre o peito. Miller caiu e tornou a trepar no muro. Recebeu novo golpe. Subiu outra vez. Desta vez o rapaz agarrou-se a ele para atingir-lhe o rosto, mas apenas com as costas da mão. Miller ergueu o rosto e continuou a sorrir. — Um *penny* cada três golpes, Arquibaldo. — O rapaz desprendeuse dele e jogou-o fora do muro. De novo em cima. Miller consultou o relógio. — Restam-lhe ainda dez minutos até a hora de voltar ao trabalho, Arquibaldo. Venha. — Desta vez, porém, o homem pôde apenas decidir-se a sacudir o punho e chamar a Miller um velho reacionário e sanguessuga. Em seguida deu as costas e retirou-se ao longo do muro, perseguido pelas risadas, motejos e assobios da multidão. Miller prosseguiu no seu discurso.

Curioso o efeito que tudo isso produziu em Helena. Angústia ante o espetáculo da brutalidade do rapaz com o velho. Mas, ao mesmo tempo, raiva de ver Miller consentir em ser espancado sem oferecer resistência. A razão dessa raiva? Obscura; mas acho que ela ficou ressentida com o sucesso de Miller. Ressentida com o fato de o jovem ter sido reduzido, psicologicamente, à impotência. Ressentida com a demonstração de haver um sucedâneo ao terrorismo e um meio não violento de combatê-lo. — E é apenas uma arte — disse ela. Insisti em que não era uma arte muito fácil; e que eu, certamente, não poderia executá-la. — Qualquer pessoa poderia aprendê-la, se tentasse. — Possivelmente; e não seria uma boa coisa, se todos nós tentássemos? — Não; acho isso estúpido. — Por quê? — Ela achou difícil responder. — Porque não é natural — foi o motivo que, por fim, conseguiu formular; e passou a desenvolvê-lo em termos de uma espécie de filosofia igualitária. — Quero ser

como os outros. Ter os mesmos sentimentos e interesses. Não quero fazer-me diferente. Apenas uma pessoa comum e não alguém que se orgulhe de ter aprendido uma coisa difícil. Como esse velho Miller, seu amigo. — Fiz-lhe ver que nós todos aprendíamos coisas difíceis, como guiar automóveis, trabalhar em escritórios, ler e escrever, atravessar a rua. Por que não deveríamos todos nós aprender outra arte difícil! Arte, potencialmente, tanto mais útil. Se todos tivessem que aprendê-la, então poderia alguém dispor-se a ser como os outros, poderia alguém compartilhar dos sentimentos dos outros com segurança, com a certeza de estar participando de alguma coisa boa e não ruim. Mas Helena não estava disposta a ser persuadida. E quando sugeri que fôssemos encontrar o velho para almoçarmos com ele, ela recusou. Disse que não queria conhecê-lo. Que era o rapaz quem tinha toda a razão; Miller era um reacionário. Disfarçando, acobertando-se com uma linguagem alusiva à justiça econômica; mas, no fundo, um simples agente dos *tories*, dos reacionários. O fato de ele insistir em que não bastava mudar a organização social, que era preciso que tal transformação se acompanhasse, ou resultasse, de transformações nas relações pessoais — o que era isso, senão a defesa do conservantismo? — Acho que ele é pernicioso — disse. — E acho que você também é — Mas consentiu em almoçar comigo. O que mostrava a pouca confiança que ela depositava no meu poder de abalar-lhe as convicções! Argumentos — podia eu ter carradas de bons argumentos, que ela era impermeável a eles. Mas a ação de Miller tinha penetrado nos interstícios de sua armadura. Ele era a doutrina em ação; não se contentava com expô-la. A confiança, que ele tinha, de que eu não poderia ser tão penetrante como ele tinha sido, era insultuosa em extremo. Tanto mais quanto eu sabia que tal confiança se justificava.

Perseverança, coragem, paciência. Todas essas coisas, fruto do amor. Amai a bondade suficientemente, e a indiferença e a negligência serão inconcebíveis. A coragem surge tal qual como na mãe que defende o filho; e, ao mesmo tempo, não existe o medo do adversário, que é amado faça o que fizer, em virtude do potencial de bondade que há nele. Quanto à dor, à fadiga, à reprovação — são coisas que se suportam com ânimo e alegria, pois parecem sem importância, em comparação com a bondade amada e procurada. Abismo enorme separa-me de

tal estado de alma. O fato de Helena não ter medo da minha perniciosidade (por ser apenas teórica), enquanto temia a de Miller (porque nele a vida se identificava com a doutrina), esse fato ficou-me como um lembrete doloroso da existência desse abismo.

CAPÍTULO XXXIII

18 de julho de 1914

LEVANTOU-SE O PANO E, DIANTE DELES, apareceu Veneza, toda verde sob o luar, com Iago e Rodrigo conversando na rua deserta.

— Luz! Luz! — gritava Brabâncio de sua janela. E num instante a rua se encheu, ouviu-se um tilintar de armas, archotes e lanternas ardiam com uma luz amarela na escuridão verde...

— Cenário de uma vulgaridade horrível, é o que me parece — disse Anthony quando o pano caiu, após a primeira cena.

Joan olhou para ele com surpresa. — Achou? — Depois: — Sim, eu também achei — juntou, pagando hipocritamente ao gosto o tributo da ignorância. Em verdade, ela o achara lindo. — Sabe — confessou — que é esta a quinta vez que eu venho ao teatro?

— Só veio cinco vezes? — repetiu ele, incrédulo.

Mas aqui estava outra rua, com mais homens armados, e Iago de novo, ativo e zeloso, e o próprio Otelo, digno como um rei, imperativo em cada palavra e em cada gesto. E quando Brabâncio entrou com todos os seus homens e a luz dos archotes a flamejar sobre os chuços e alabardas, como estava sereno em seu heroísmo! “Embainhai vossas brilhantes espadas, pois o orvalho as enferrujará.” Uma espécie de angústia percorreu a espinha de Joan, quando viu a escura mão erguida, quando as pontas das espadas, sob sua imposição irresistível, baixaram ao chão.

— Ele diz bem os versos — admitiu Anthony.

A Sala do Conselho era rica de tapeçarias. Os senadores, vestindo togas vermelhas, iam e vinham. E aqui estava, novamente, Otelo. Sempre majestático,

mas com uma majestade que se exprimia, desta vez, não em ordens, não em levantar a mão, mas sobre um plano mais alto que o do mundo real — na música majestosa, calma, da narrativa de seus amores.

*Na qual, de antros sombrios e ermos áridos,
De escarpados rochedos, de montanhas,
Cujos cumes são altos como o céu,
Me animei a falar...*

Os lábios de Joan moviam-se, repetindo, após ele, as conhecidas palavras — conhecidas, mas transfiguradas pela voz, pela atitude do ator, pelo ambiente, de sorte que, embora ela as soubesse de cor, pareciam completamente novas. E aqui estava Desdêmona, tão jovem, tão bela com o colo e os ombros destacando-se, frágeis e esbeltos, da grave magnificência de suas vestes. Brocado suntuoso e, sob ele, a linda desproporção de um corpo de menina; sob as palavras esplêndidas, uma voz de menina:

*Senhor do meu dever vós sois,
Pois vossa filha sou; mas este é meu esposo.*

De novo, ela sentiu aquela angústia correndo-lhe ao longo da espinha. E agora, todos eles tinham desaparecido, todos: Otelo, Desdêmona, senadores, soldados, toda aquela beleza, toda aquela nobreza, deixando somente Iago e Rodrigo a cochicharem na sala vazia. “Quando ela estiver saciada do corpo dele, descobrirá o erro de sua escolha.” E, depois, aquele terrível solilóquio. O mal, deliberado e consciente de si...

O aplauso, as luzes do intervalo, eis o que destoou como um sacrilégio; e quando Anthony se propôs a comprar para ela uma caixa de bombons, ela recusou quase com indignação.

— Você acredita que realmente exista gente como Iago? — perguntou ela.

Ele meneou a cabeça. — Os homens não confessam que seja mal o mal que fazem. Ou o praticam sem pensar, ou então inventam razões para acreditarem que praticam o bem. Iago é um homem mau que se julga a si próprio como os outros o julgam.

Apagaram-se novamente as luzes. Estavam em Chipre. Sob um sol abrasador, chegada de Desdêmona; depois, chegada de Otelo e — oh — a ternura protetora de seu amor!

O sol já descambara. No crepúsculo cavernoso, entre muros de pedra, as libações, as altercações, o roçar de espadas contra espadas, e ainda Otelo, magnífico e imperativo, impondo silêncio, chamando-os todos à obediência. Magnífico e imperativo pela última vez. Pois, nas cenas que se seguiram, como foi terrível ver o grande soldado, o alto dignitário, o veneziano civilizado transformar-se, sob a ação desintegradora de Iago, transformar-se no africano, no selvagem, na fera descontrolada e primitiva! “Lenço — confissões — lenço... Narizes, ouvidos e lábios! Será possível?” E, depois, a determinação de matar. “Não o faça com veneno, estrangula-a na cama, na própria cama que ela contaminou.” E, em seguida, a horrível explosão de sua cólera contra Desdêmona, o golpe desferido em público; e, na intimidade humilhante do quarto trancado, aquele colóquio entre a moça de joelhos e um Otelo, momentaneamente razoável, mas razoável à maneira baixa ignóbil de Iago, conhecendo cinicamente o péssimo apenas, acreditando na possibilidade somente do que era mais vil.

Peço-te, pois, perdão;

Tomei-te por aquela ardilosa rameira

Que desposou Otelo em Veneza.

Havia na voz dele uma horrenda nota de escárnio, um tom de riso horrível e obsceno. Sem poder dominar-se, Joan começou a tremer.

— Não posso suportar isso — segredou a Anthony entre as cenas. — Já estou prevendo o que vai acontecer. É horrível. Simplesmente não posso suportá-lo.

Estava pálida e falava sob uma emoção intensa.

— Bem, se é assim, vamos embora — sugeriu ele. — Agora mesmo.

Ela meneou a cabeça. — Não, não. Preciso ver até o fim. Preciso.

— Mas se você não pode suportar...?

— Você não deve querer que eu explique. Pelo menos agora.

Subiu o pano outra vez.

*A aia de minha mãe, Bárbara, deu,
Um dia, o coração a alguém, que enlouqueceu
E a abandonou. E Bárbara cantava
Uma canção antiga, a canção do “Salgueiro”.*

O coração de Joan batia forte. Já se sentia mal, prevendo o fim. Numa voz quase infantil, doce, fina, mas natural, Desdêmona começou a cantar.

*Sentada ao pé dum sicômoro,
A pobre alma suspirosa
Do verde salgueiro o canto
Cantava...*

A visão passou e repassou diante dos olhos de Joan, tornou-se indistinta; as lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

Terminara, enfim, o espetáculo e ei-los, de novo, na rua.

Joan respirou profundamente. — A vontade que eu sinto agora é de andar, andar muito — disse. — Milhas e milhas, sem parar.

— É. Mas não pode — disse ele, lacônico. — Com esse vestido, assim, não.

Joan olhou-o com uma expressão de espanto e mágoa. — Está zangado comigo — disse.

Enrubescendo, ele procurou desfazer com um sorriso essa impressão de zanga. — Zangado? Por que motivo haveria eu de estar zangado? — Ela, porém, tinha razão, sem dúvida. Zangado era o que ele estava, zangado com todos e com tudo que participasse da insuportável situação presente: com Mary, por tê-lo lançado em tal situação; consigo mesmo, por ter consentido nisso; com Joan, por ser o objeto daquela aposta monstruosa; com Brian, porque era, em última análise, responsável por toda aquela história; e, até, com Shakespeare e com os atores e com aquela multidão que ali se acotovelava...

— Não fique zangado — instava ela. — Foi uma noite tão linda! Se soubesse o bem que essa noite me fez! Uma noite maravilhosa! Tenho entretanto de ter cuidado com esse encanto. É como se eu tivesse na mão uma

taça cheia até a borda. À mais leve trepidação, tudo se entornará. Deixe-me levar para casa a taça sem entorná-la.

Tais palavras produziram nele um grande embaraço, a ponto de quase se sentir culpado. Riu, com um riso nervoso. — Pensa você que, dentro de um carro, pode levá-la sem entornar? — perguntou.

O rosto dela iluminou-se de prazer com tal proposta. Ele fez um sinal com a mão e o carro veio parar diante deles. Entraram, cerrando atrás de si as portinholas. O cocheiro sacudiu as rédeas. O velho cavalo deu alguns passos e depois, ao estalar do chicote, entrou com relutância num trote vagaroso. O carro foi seguindo ao longo de Coventry Street, atravessando o clarão do Circus, entrando no Piccadilly. Acima do zimbório da Catedral de St. James o negrume difuso do céu iluminava-se de uns tons acobreados. Refletidas na escuridão polida da estrada, as lâmpadas que se iam afastando tinham um aspecto inexprimivelmente lutuoso, como uma evocação da morte. Aqui surgiam, porém, as árvores do Green Park — cintilantes da luz que subia das lâmpadas e se projetava em suas folhas com um frescor extraterreno, ultraprimaveril. Era a vida e era, ao mesmo tempo, a morte.

Joan estava silenciosa, segurando com firmeza dentro de si a taça frágil da estranha felicidade que era também e ao mesmo tempo a mais intensa das tristezas. Desdêmona estava morta, Otelo estava morto e as lâmpadas, distanciando-se em perspectivas que se iam estreitando, eram símbolos do mesmo destino. E, todavia, a melancolia dessas paralelas convergentes e a dor da tragédia eram elementos tão essenciais de sua alegria presente como o gozo que lhe proporcionava o esplendor da poesia, como o prazer que sentia na beleza significativa e quase alegórica daquelas folhas iluminadas. Pois essa alegria sua não era uma alegria particular, exclusiva de todas as outras; era formada de todas as emoções, era, por assim dizer, um estado de vibração geral e indiferenciada. O horror, o gozo, a piedade, o riso em todos os seus matizes, em todos os seus aspectos — tudo isso se harmonizava em seu espírito. Sentada no carro, atrás do cavalo que trotava morosamente, serena, mas de uma serenidade que continha o potencial de todas as paixões — assim ia Joan. A tristeza, o prazer, o temor, a alegria — tudo isso lhe povoava, a um tempo, o espírito, numa combinação

impossível e era esse milagre de acomodação que ela carinhosamente entretinha.

“Um carro de praça”, ia pensando Anthony, “eis a oportunidade clássica”. Já estavam na esquina do Hyde Park; por essa hora ele já deveria pelo menos ter segurado a mão dela. Entretanto, ela permanecia como uma estátua, com o olhar fixo em coisa alguma, num outro mundo. Sentir-se-ia ofendida, se ele se resolvesse a fazê-la voltar bruscamente à realidade.

“Estou vendo que terei de inventar uma história para contar a Mary”, pensou ele. Mas não seria fácil; Mary era dotada de uma capacidade extraordinária de descobrir mentiras.

Sofreado pela rédea, o cavalo velho foi diminuindo o passo e, por fim, parou. Tinham chegado. Oh, que viagemzinha tão curta — pensava Joan — tão curta! Por seu gosto, viajaria assim eternamente, acalentando em silêncio sua incomunicável alegria. Foi com um suspiro que pôs o pé na calçada.

— Tia Fanny disse que, se ela ainda estivesse de pé quando voltássemos, queria que você entrasse para dar-lhe boa noite.

Isso queria dizer — ia ele refletindo enquanto subia a escada atrás dela até chegarem ao *hall* fracamente iluminado — isso queria dizer que tinha perdido a última oportunidade de fazer a coisa.

— Tia Fanny! — Joan chamou em voz baixa, ao abrir a porta da sala de visitas. Mas não teve resposta; a sala estava escura.

— Já está deitada?

Ela voltou-se para ele e fez sinal que sim.

Estiveram, por um momento, imóveis e calados.

— Agora tenho que ir embora — disse ele afinal.

— Foi uma noite maravilhosa, Anthony. Simplesmente maravilhosa.

— Tenho muito prazer em saber que você gostou. — Por trás do seu sorriso, o que ele, com apreensão, estava pensando era que ainda não tinha desaparecido aquela última oportunidade.

— Foi mais do que gostar — disse ela. — Foi... Nem sei dizer bem o que foi. — Sorriu para ele e, dizendo “Boa noite”, estendeu-lhe a mão.

Apertou-a Anthony, dizendo, por sua vez, boa noite; depois, resolvendo, rápido, que seria então ou nunca, aproximou-se mais, passou-lhe o braço em

volta dos ombros e beijou-a.

A subitaneidade de sua decisão e o embaraço que sentia tornaram-lhe os movimentos tão bruscos e canhestros como se se tratasse do resultado de um impulso violento vencendo irreprimivelmente recalcamientos e inibições. Seus lábios tocaram primeiro a face dela e buscaram-lhe, depois, a boca. Ela procurou esquivar-se, desviar o rosto; esse gesto foi, porém, sustado, antes quase de ser iniciado. Sua boca voltou-se para a dele, sem poder resistir à atração. Toda a emoção difusa e indefinida que se acumulara dentro dela durante aquela noite cristalizou-se subitamente, por assim dizer, em torno da surpresa que a empolgava, da evidência do desejo dele e desse prazer quase doloroso que, começando nos lábios, lhe invadia o corpo todo e lhe dominava o espírito. O espanto e a cólera do primeiro segundo foram tragados num apocalipse de novas sensações. Foi como se uma luz violenta sucedesse a uma escuridão tranquila, como se as cordas frouxas e mudas de um instrumento tivessem sido esticadas e passassem a vibrar com agudeza e penetração cada vez maiores, até ao ponto em que a vibração e a tensão se aniquilassem em virtude do próprio excesso. Ela passou a ter uma sensação de vácuo; enormes espaços abriram-se dentro dela, abismos de treva.

Anthony sentiu-lhe o corpo pender, mole e pesado, em seus braços. Tão pesado, realmente, e de um peso tão imprevisto, que ele quase perdeu o equilíbrio. Oscilou, retesou-se em seguida e susteve-a com mais força em seus braços.

— Que é isso, Joan?

Sem responder, ela inclinou a fronte sobre o ombro dele. Ele pôde, então, perceber que, se a soltasse, ela cairia. Sentia-se mal, talvez. E ele teria que pedir socorro, acordar a tia, explicar o que tinha acontecido... Desesperado, sem saber o que fazer, olhou em torno. A lâmpada do *hall* projetava na sala de visitas, através da porta aberta, uma réstia de luz que deixava ver a extremidade de um sofá coberto de chita amarela da Pérsia. Sustendo-a ainda pelos ombros com um dos braços, inclinou-se e, com o outro braço, segurou-a pelas pernas, na altura dos joelhos, depois com certo esforço (pois ela era mais pesada do que ele imaginara), ergueu-a do chão, carregou-a ao longo da réstia de luz que se abria

nas trevas e, com o cuidado que lhe permitia o peso dela, deitou-a no sofá.

Ajoelhando-se no chão, ao lado dela, perguntou: — Sente-se melhor agora?

Depois de uma respiração profunda, Joan passou a mão pela testa, abriu os olhos e olhou para ele, mas por um momento apenas; vencida por um acesso de timidez e de vergonha, cobriu o rosto com as mãos. — Desculpe — disse baixinho. — Não sei o que foi isso. Senti, de repente, como que uma vertigem. — Ficou, algum tempo, calada; as lâmpadas se acendiam de novo, as cordas retesas vibravam, mas de um modo tolerável, sem excesso. Ela retirou as mãos do rosto e virou-se para ele, sorrindo com timidez.

Com uns olhos que se haviam habituado à semiluz do ambiente, ele contemplou-lhe, ansioso, o rosto. Graças a Deus, que ela parecia já não ter mais nada. Não precisaria chamar a tia. E o alívio que isso lhe causava era tão grande, que ele tomou a mão dela e apertou-a com ternura.

— Não ficou zangado comigo; ficou, Anthony?

— Por que havia de ficar?

— Era natural que ficasse. Desmaiar assim...

Novamente sentiu vergonha de se ver assim exposta ao olhar dele; e, retirando a mão que ele apertava, mais uma vez cobriu o rosto. Desmaiar assim... A recordação do fato a humilhava. Pensando naquele gesto dele, súbito, silencioso, violento, disse consigo. — “Ele me ama”. — E Brian? Mas a ausência de Brian parecia ter assumido um poder mais alto. Ausência cuja intensidade era sem precedentes, ao ponto de parecer que Brian jamais lhe estivera presente. Tudo o que realmente existia era essa presença viva ao lado dela — a presença de um desejo, de umas mãos, de uma boca, a presença, virtual, sim, mas na expectativa de novamente realizar-se, daqueles beijos. Sentiu o seio arfar, sem que tivesse, no entanto, consciência de ter respirado longamente; foi como se alguém lhe tivesse extraído o ar que respirara. — “Ele me ama” — repetiu; e era uma justificação. Tornou a descobrir o rosto, olhou para ele um instante, estendeu, depois, as mãos e, sussurrando-lhe o nome, tomou-lhe a cabeça e puxou-a contra a sua.

— Então, qual foi o resultado? — exclamou Mary do sofá, assim que ele

entrou. Pela fisionomia sombria de Anthony, calculou que era ela que tinha ganhado a aposta; e isso aborreceu-a. Sentiu-se, de súbito, muito irritada com ele — duplamente, triplamente irritada; por ser ele tão sem energia; por não ter ele ligado muita importância ao fato de ela ganhar a aposta a despeito da falta de energia; porque a estava forçando a um gesto, a uma medida que ela absolutamente não queria pôr em prática. Depois de um dia de passeio de automóvel no campo em companhia de Sidney Gattick, ela tinha chegado à conclusão de que este era simplesmente insuportável. E, confrontando-os, Anthony parecia-lhe o mais encantador dos homens. Não queria bani-lo, nem mesmo temporariamente. Sua ameaça, porém, fora solene e explícita; se não a executasse, pelo menos em parte, perderia toda sua autoridade.

E agora o desgraçado a estava forçando a cumprir a palavra. Num tom de censura e de raiva, ela disse: — Já estou vendo que foi um covarde e que perdeu a aposta.

Ele meneou a cabeça. — Não; ganhei.

Mary fitou nele um olhar cheio de dúvida. — Você, com certeza, está mentindo.

— Não estou, não. — Sentou-se ao lado dela no sofá.

— Por que, então, essa cara triste? Isso para mim não é lá muito lisonjeiro.

— Que ideia foi essa sua, de me obrigar a fazer isso? — disse ele, num ímpeto. — Uma coisa idiota. — A coisa fora também injusta, mas isso, se ele o dissesse, faria Mary rir. — Eu sempre achei que era uma coisa idiota. Mas você insistiu. — Havia em sua voz a estridência de um ressentimento queixoso. — E agora, sabe Deus em que inferno eu fui cair. — Em que inferno ele lançara Joan e Brian, para falar verdade. — Sabe Deus.

— Mas explique-se, homem — exclamava Mary Amberley —, explique-se! Não esteja aí a falar como um profeta de segunda ordem. — Cintilava em seus olhos uma curiosidade risonha, de quem estava adivinhando alguma situação deliciosamente complicada e fantástica. — Explique-se — repetia.

— Pois bem, eu fiz o que você me disse — respondeu ele, com displicência.

— Herói!

— A coisa não é para rir.

— O quê! Terá sido esbofeteado?

Anthony carregou o sobrolho, com irritação, e balançou a cabeça.

— Como foi, então, que ela se portou?

— É justamente aí que está o desastre: ela tomou a coisa a sério.

— A sério? — perguntou Mary. — Quer dizer que ela ameaçou contar a papai?

— Quero dizer que ela pensou que eu estava apaixonado por ela. E quer romper com Brian.

A sra. Amberley atirou a cabeça para trás e soltou uma daquelas suas claras, vibrantes, estrondosas gargalhadas.

Anthony sentiu-se ofendido. — Não é nenhuma pilhéria.

— Aí está, justamente, onde você se engana. É uma das melhores pilhérias que eu já ouvi. Mas o que você pretende fazer?

— Terei que dizer a ela que há um engano em tudo isso.

— Essa cena é que há de ser admirável!

Ele fez-lhe ver, com um gesto, que não haveria cena. — Vou escrever-lhe uma carta.

— Corajoso, como sempre! — E ela deu-lhe uma pancadinha no joelho. — Mas agora eu quero saber os pormenores. Como foi que a deixou ir tão longe? Até ao ponto de pensar que você estava apaixonado por ela. Até ao ponto de querer desmanchar o noivado com Brian. Não podia você impedir a coisa logo de início, cortar, como se diz, o mal pela raiz?

— Era difícil — murmurou ele, evitando-lhe o olhar perscrutador. — A situação... É verdade que houve certa perda de domínio.

— Quer dizer que você perdeu a cabeça?

— Se quiser chamar assim à coisa, talvez — admitiu ele com relutância, pensando em como tinha sido tolo, enormemente tolo. Deveria, sem dúvida, ter recuado, quando ela se voltou para ele no escuro; devia ter-lhe recusado os beijos, ter-lhe explicado claramente que o seu tinha sido sem amor, sem significação. Ao invés disso, porém, ele os aceitara: por preguiça moral e

covardia porque teria sido um esforço muito grande dar essa explicação necessária e necessariamente difícil; por certa bondade de coração que não vinha ao caso e se confundia com a franqueza; porque tê-la-ia magoado e humilhado, se lhe tivesse dito “não”; e, finalmente, porque o infligir, a ela, um sofrimento a que ele teria que assistir ser-lhe-ia imensamente desagradável. E tendo aceitado, gozara-lhe os beijos, retribuía-os com um fervor que ele, só ele, sabia ser o resultado de um sensualismo avulso, momentâneo, mas que Joan, como era agora evidente (e fora-o para ele no momento mesmo) consideraria inevitavelmente como despertado especialmente por ela, um fervor de que ela se consideraria o objeto insubstituível. Um observador imparcial diria que ele tinha feito tudo que podia, que não tinha poupado esforços para criar a maior soma possível de complicações num mínimo de tempo.

— Como pretende livrar-se dessa embrulhada? — perguntou Mary.

Ele sentiu raiva de ouvi-la formular a pergunta que o atormentava. — Escreverei uma carta a ela — disse. Como se isso fosse uma resposta!

— E que dirá Brian disso tudo?

— Vou estar com ele amanhã — respondeu ele inconsequentemente. — Nos Lakes.

— Tal qual Wo-odsworth — disse Mary. — Como vai ser engraçado! E o que, exatamente, você tenciona dizer a ele a respeito de Joan? — prosseguia ela, inexorável.

— Ora, explicarei a situação.

— Mas vamos supor que Joan explique primeiro, e de um modo diferente?

Ele balançou a cabeça. — Eu já disse a ela que não queria que ela escrevesse a Brian antes de eu falar com ele.

— E pensa que ela fará o que você pediu?

— Por que não?

Mary sacudiu os ombros e ficou a olhar para ele, a sorrir para ele com aquele seu sorriso em que a boca se entortava e os olhos brilhavam entre as pálpebras semicerradas. — E por que sim?, se a questão é esta.

CAPÍTULO XXXIV

3 de março de 1928

“REORGANIZAÇÃO...” “REAJUSTAMENTO...” “LANÇAMENTO DE VALORES EM dinheiro à luz das condições comerciais existentes...” Anthony ergueu os olhos da página impressa. Reclinada nos seus travesseiros, Mary Amberley tinha, conforme ele então notou, os olhos fixos nele com uma atenção incômoda.

— Então? — perguntou ela, inclinando-se para a frente. Uma mecha do seu cabelo desalinhado e pintado com hena de uma impossível cor de laranja caía-lhe ebriamente sobre a testa. Sua jaqueta de dormir abria-se à medida que ela se movia; sob a renda suja, os seios pendentes balançavam diante de Anthony.

— Que quer dizer isso?

— Quer dizer que eles estão delicadamente declarando-se falidos.

— Falidos?

— Pagam-lhe seis xelins e oito *pence* por libra.

— Mas Gerry me disse que os negócios iam correndo tão bem — protestou ela num tom de queixa e de zanga.

— Gerry não sabe tudo — ele explicou caridosamente.

Mas não havia dúvida que o rufião estava perfeitamente ao par de tudo; tinha sido informado, tinha agido com conhecimento de causa, tinha sido devidamente pago pelos negociistas que queriam resgatar suas ações antes que a coisa estourasse.

— Por que não se informa com ele mesmo a respeito? — disse Anthony em voz alta e num tom que implicava certo ressentimento por ter sido levado a ocupar-se, na noite mesma de seu regresso de Nova York, com as complicações

da tragédia sórdida de Mary. Todos os outros, supunha ele, tinham fugido dela logo que ela começou a tomar morfina; só ele, dentre todos os seus amigos, tendo estado fora da Inglaterra durante meio ano, só ele não tinha tido nenhuma oportunidade, nem encontrado razão para fugir. A ausência havia conservado a amizade entre os dois no mesmo estado em que se achava quando ele partiu; a ausência exercera, por assim dizer, a função de um frigorífico. Quando ela lhe pedira, insistente, que viesse vê-la, ele não encontrou pretexto para recusar. Além disso estavam exagerando, ela talvez não fosse tão ruim assim como diziam.

— Por que você não pergunta a ele mesmo? — repetiu, irritado.

— Ele foi para o Canadá.

— Ah, ele foi para o Canadá.

Seguiu-se um silêncio. Ele depôs o papel sobre a coberta. A sra. Amberley apanhou-o e tornou a lê-lo — pela centésima vez, na absurda e louca esperança de talvez encontrar nele, desta centésima vez, qualquer coisa de novo, qualquer coisa de diferente.

Anthony contemplava-a. A lâmpada sobre a mesa de cabeceira iluminava o perfil que ela lhe apresentava, envolvendo-o num brilho impiedosamente revelador. Como estavam encovadas as suas faces! E aquelas linhas em volta da boca, aquela pele empapuçada e descorada sob os olhos! Recordando-se do que ela era quando a vira pela última vez, naquela ocasião em Berkshire, ainda no verão anterior, Anthony ficou assombrado. Em dez meses a droga a fizera mais velha vinte anos. E não era somente o seu corpo que tinha sido devastado; a morfina mudara-lhe também o caráter, transformara-a noutra pessoa, em alguém (não era exagero nenhum) em alguém muito pior. Aquela sedutora distração, por exemplo, aquela indeterminação, de que ela sempre se mostrava tão irritantemente vaidosa, como de mais um atrativo feminino, estava agora quase reduzida à indiferença de uma idiota. Esquecia tudo, não estava ao par de coisa alguma; e, sobretudo, não se interessava por coisa nenhuma, não podia mais ter a menor preocupação. Grotescamente tingidos (na esperança, ao que ele supunha, de recuperar alguns dos atrativos cuja perda ela não podia evitar que se notasse) seus cabelos estavam gordurosos e despenteados. Uma lambuzação de

tinta vermelha, aplicada sem arte nem jeito, aumentava-lhe o lábio inferior, dando-lhe uma disformidade assimétrica. Uma ponta de cigarro tinha queimado o edredom, produzindo um buraco redondo por onde a penugem saía como flocos de neve, de cada vez que ela se mexia. Os travesseiros estavam cheios de manchas de ruge, e de gema de ovo. Havia uma mancha parda de café no lençol dobrado. Entre o seu corpo e a parede, a bandeja em que fora trazido o jantar equilibrava-se instável. Ainda suja de molho de carne, uma faca tinha escorregado para cima da colcha.

Com um movimento súbito, a sra. Amberley amarrotou o papel e jogou-o fora. Esse animal! — exclamou, numa voz trêmula de raiva. — Esse animal! Forçou-me por todos os meios e modos a pôr o meu dinheiro nisto. E aí está qual foi o resultado! — As lágrimas saltaram-lhe dos olhos, dissolvendo a tinta preta das pestanas em longos fios fuliginosos que lhe corriam pelas faces.

— Ele fez isso de propósito — prosseguiu ela por entre soluços cheios de ira. — Com o fim exclusivo de me fazer mal. É realmente um sádico. Tem o gosto especial de fazer mal aos outros. É por prazer que ele faz isso.

“Por lucro”, esteve quase a dizer Anthony; mas conteve-se. Ela parecia encontrar certo consolo na ideia de ter sido enganada, explorada, não por motivos vulgares de ordem comercial, mas gratuitamente, em consequência de uma malignidade demoníaca, aliada e decorrente da paixão amorosa. Seria uma falta de generosidade privá-la de semelhante ilusão. Que a pobre mulher se entretivesse com os pensamentos que achasse menos penosamente humilhantes. Além disso, era de esperar que, quanto menos ele a contradissesse e divertisse, tanto mais depressa ela se calaria. Aliando à prudência a indulgência, ele contentou-se com um gesto de assentimento sem compromisso.

— Quando penso em tudo quanto fiz por esse homem! — explodiu a sra. Amberley. Mas, enquanto ela recitava seu catálogo incoerente de generosidades e gentilezas, Anthony não pôde deixar de pensar no que o homem tinha feito por ela; acima de tudo, nos termos em que Gerry costumava descrever o que tinha feito. Termos de uma incrível molecagem. O ouvinte deixava-se empolgar, era tomado de um riso súbito, envergonhava-se de que brutalidades

inadmissíveis como aquelas contivessem qualquer parcela de verdade. E, todavia, elas eram mesmo verdadeiras.

— Todas as pessoas mais inteligentes de Londres — dizia a sra. Amberley entre soluços — todas, ele as encontrou em minha casa.

— Essas velhas megeras! — soava na memória de Anthony, claramente, a voz de Gerry Watchett. — São capazes de tudo, absolutamente tudo, para conseguirem a coisa.

— Não que ele as apreciasse — continuou ela. — Era muito estúpido, muito bárbaro.

— Não é realmente má, a velha cadela, desde que obtenha o bastante para ficar quieta. O problema está em dar-lhe o suficiente. E posso lhes assegurar que é trabalho penoso.

Ao tom de cólera sucedia o de comiseração de si mesma. — Mas o que é que eu vou fazer? — gemia ela. — Que posso eu fazer? Sem um níquel. Viver de esmolas.

Ele procurou tranquilizá-la. Que ainda havia alguma coisa. Uma quantiazinha razoável, na verdade. Que ela nunca haveria de passar fome. Se levasse a vida com cuidado, se economizasse...

— Mas terei de ficar sem esta casa — interrompeu ela; e, quando ele concordou que, certamente, ela teria que ficar sem a casa, entrou em novas e mais altas lamentações. Ficar sem a casa era pior do que ficar sem um níquel e viver de esmolas — pior, porque mais concebível, uma contingência mais próxima das realidades da sua vida presente. Sem os seus quadros, sem os seus móveis, como poderia ela viver? A fealdade ambiente tornava-a fisicamente enferma. E, depois, os pequenos aposentos... nos pequenos aposentos haveria de desenvolver-se nela a claustrofobia. E como lhe seria possível viver sem os seus livros? Como podia ele esperar que ela trabalhasse quando fosse pobre? Pois, naturalmente, ela ia trabalhar; já tinha planejado um estudo crítico do romance francês moderno. Sim, como podia ele esperar dela que fizesse isso, privando-a de seus livros?

Anthony mexeu-se com impaciência na cadeira. — Eu não espero que você faça coisa alguma. Estou simplesmente lhe expondo o que você verificará que

tem a fazer — disse.

E um silêncio sobreveio. Depois, com um sorrisozinho que procurou tornar agradável e atraente, ela queixou-se: — Já está você ficando zangado comigo.

— Absolutamente. Estou apenas pedindo a você que encare os fatos de frente. — Levantou-se e, sentindo-se em perigo de se ver inextricavelmente enredado na desgraça de Mary, afirmou simbolicamente seu direito à liberdade andando sem cessar no aposento, para um lado e para outro. “Eu deveria conversar com ela a respeito da morfina”, pensava consigo; “procurar convencê-la de que devia entrar para um asilo e tratar-se. No interesse dela mesma. No interesse da pobre Helena”. — Mas sabia bem quem era Mary. Ela pôr-se-ia a protestar, faria um berreiro enorme, ficaria furiosa. Coisa parecida com um conflito num café. “Ou pior, muito pior”, pensava ele com um estremecimento; “ela se arrependeria, faria promessas, banhar-se-ia em lágrimas. Ele teria que assumir o papel de seu único amigo, seu amparo moral na vida”. No final, não disse nada. — “Não adiantaria nada”, assegurou a si mesmo. “Nunca se consegue nada nesses casos de morfina. O que há a fazer é enfrentar a realidade. Uma chatice sem sentido — mas, que havia mais a dizer?”

Inesperadamente, com uma alacridade submissa que ele achou positivamente inquietadora, ela concordou com ele. Oh, de perfeito acordo! Não adiantava chorar depois do caldo entornado. Não adiantava construir castelos no ar. Do que se precisava era de um plano — de muitos planos — planos sérios, práticos, sensatos, para a nova vida. Sorriu para ele com um ar de conivência, como se fossem dois conspiradores.

Relutando, com certa desconfiança, ele aceitou-lhe o convite para sentar-se à beira da cama. Desdobraram-se os planos — sérios até certo ponto. Um pequeno apartamento em Hampstead. Ou então, uma casinha numa daquelas ruas miseráveis a pouca distância de King’s Road, no Chelsea. Ela poderia ainda dar uma recepção, baratinha. Os verdadeiros amigos, com certeza, compareceriam, apesar do caráter modesto da festa. Não era verdade que compareceriam? — insistia ela na ânsia patética de uma confirmação.

— Com certeza — viu-se ele forçado a dizer; muito embora não fosse esse

ar modesto que haveria de afugentá-los; era a sujeira, a imundície, a morfina, o cheiro nauseante que se desprendia do seu hálito.

— Poderemos organizar a festa da garrafa — continuava ela em seus projetos. — Vai ser um gozo! — Seu rosto iluminou-se. — Que garrafa vai você trazer, Anthony? — E, antes que ele respondesse, prosseguiu: — Haveremos de ficar numa bebedeira louca com todas essas bebidas misturadas. Um pifão único... — Um momento mais tarde, ela havia começado a contar-lhe as investidas amorosas que George Wyvern tivera a lembrança de fazer-lhe naqueles últimos dias. Coisa bastante embaraçosa, em tais circunstâncias, visto que Sally Wyvern também era... Bem! Sorriu, com aquele seu sorriso enigmático em que os lábios se apertavam e as pálpebras mal se abriam. E o que era mais extraordinário, verdadeiramente extraordinário, era que o próprio Hugh Ledwidge, Hugh Ledwidge em pessoa, também tinha posto, ultimamente, as manguinhas de fora...

Anthony escutava, espantado. Aqueles poucos verdadeiros amigos se haviam transformado, como por um passe de mágica, numa verdadeira falange de encarniçados amantes. Seria que ela seriamente acreditava em suas próprias invenções? Fosse como fosse — raciocinava ele — não parecia ter importância o fato de ela acreditar ou não. Mesmo que não acreditasse, tais ficções tinham evidentemente o poder de levantar-lhe o moral, de restituí-la, ao menos por um momento, a um estado de alegria e de confiança em si.

— Aquela vez em Paris — dizia ela, com intimidade. — Lembra-se?

Mas isso já era demais!

— O Hôtel des Saints-Pères. — Soltou uma risada subterrânea, numa voz cava e vibrante.

Sem erguer a cabeça, Anthony ia fazendo sinal de que se lembrava. Mas o que ela visivelmente queria era que também ele sentisse essa nota de alegria significativa e desenvolvesse a referência escabrosa àquela antiga troça de ambos com os Santos Padres e aos prazeres que haviam usufruído sob aquele alto patrocínio eclesiástico. Na linguagem especial de que então se serviam, “fazer um pouquinho de Santo Padre”, ou, mais idiomáticamente ainda, “fazer o Santo” significava *faire l'amour*. Ele franziu a testa, sentindo, de súbito, grande

cólera. Como se atrevia ela...?

Os segundos iam-se passando. Num esforço desesperado por encher o glacial abismo do silêncio dele, Mary disse, em tom de reminiscência sentimental: — Foi uma ocasião, aquela, em que nos divertimos muito.

— Muito — repetiu ele, da maneira mais automática possível.

De repente, ela tomou-lhe a mão. — Anthony querido!

“Valham-me todos os deuses!”, pensou ele; e procurou, com a possível delicadeza, desvencilhar-se. Mas a pressão daqueles dedos quentes e secos não cedia.

— Nós fomos uns tolos, quando brigamos — prosseguiu ela. — Ou melhor, eu é que fui uma tola.

— Absolutamente — disse ele com polidez.

— Aquela aposta idiota. — Pôs-se a balançar a cabeça. — E Sidney...

— Você fez o que queria fazer.

— Fiz o que eu não queria fazer — respondeu ela prontamente. — Estamos sempre a fazer coisas que não queremos fazer... estupidamente, por simples perversidade. Escolhemos o pior, precisamente porque é o pior. Hipérion em confronto com um sátiro? *Logo*, escolhemos o sátiro.

— Mas, para certos fins — ele não pôde deixar de dizer — o sátiro talvez satisfaça mais.

Como se não lhe tivesse ouvido a observação, Mary suspirou e fechou os olhos.

— Fazendo o que não queremos — repetiu, como para si própria. — Sempre fazendo o que não queremos. — Soltou a mão dele e, enclavinhando as próprias por trás da cabeça, recostou-se sobre os travesseiros, na atitude, na conhecida e familiar atitude que, no Hôtel des Saints-Pères, fora tão deliciosa em sua graciosa indolência, de uma provocação irresistível, por efeito do colo branco e roliço estendido para trás como o colo de uma vítima, daqueles seios que se ofereciam erguidos e tesos sob a renda. Agora, porém, a renda estava suja e rota, os seios pendiam cansados sob o próprio peso, o colo da vítima já não era mais uma coluna lisa de carne branca, mas estava murcho, enrugado, cheio de sulcos entre os tendões salientes.

Quando ela abriu os olhos, ele reconheceu, estremecendo, no olhar que ela lhe dirigia, o mesmo, o mesmíssimo olhar, a um tempo terno e cínico, a um tempo velhaco e cheio de um lânguido abandono, com que ela o convidara, então, irresistivelmente, em Paris, já lá iam quinze anos. Era o olhar de 1913 no rosto de 1928, numa união dolorosamente híbrida. Fitou-a por um ou dois segundos, assombrado. Conseguiu, depois, romper o silêncio.

— Tenho de retirar-me.

Antes, porém, que tivesse tempo de levantar-se, já a sra. Amberley se inclinara, rápida, e lhe punha as mãos nos ombros.

— Não, não vá. Não deve ir. — Ela tentou repetir aquele convite ridiculamente voluptuoso, mas não pôde evitar que surgisse em seus olhos uma expressão de profunda ansiedade.

Anthony meneou a cabeça e, a despeito daquele cheiro nauseante de éter, fez o possível por sorrir, ao mesmo tempo que mentia ter prometido comparecer, às onze horas, a uma reunião extraordinária. Brandamente, mas com um movimento firme e decidido, levantou as mãos que o seguravam e ficou de pé ao lado da cama.

— Boa noite, Mary querida! — pronunciou, com certo calor na voz. Já agora, podia mostrar-se afetuoso. — *Bon courage!* — Comprimiu entre as suas as mãos dela; depois, curvando-se, beijou, primeiro uma, depois a outra. Agora que estava de pé e tendo o caminho da liberdade desembaraçado diante de si, sentia-se à vontade para entregar-se a qualquer, ou quase qualquer, extravagância emocional. Mas, em lugar de aceitar a parada, Mary Amberley respondeu-lhe com um olhar fixo, como que petrificado, em que se resumia toda a sua irremediável miséria. A máscara que ele compusera e de que irradiavam todas aquelas generosas afetuosidades pareceu de súbito contrastar horivelmente com a realidade da situação. Nos próprios músculos faciais ele pôde sentir-lhe fisicamente toda a incongruência. Bobo, hipócrita, covarde! Mas foi quase a correr que ele se dirigiu para a porta e desceu as escadas.

“Se uma mulher” — Helena estava lendo na Enciclopédia — “se uma mulher ministra a si própria qualquer veneno ou outra droga nociva, ou

ilegitimamente se serve de qualquer instrumento ou de outros meios para provocar o próprio aborto, é culpada de...” Chegou-lhe aos ouvidos o som dos passos de Anthony na escada. Levantou-se e caminhou ligeira para a porta, saindo até ao patamar.

— Olá! — Nenhum sorriso dela em resposta ao seu, nenhuma simulação de prazer ao vê-lo. O rosto que ela ergueu estava tão tragicamente despido de todas as momices convencionais, como o estivera o rosto de sua mãe.

— Mas o que foi que houve, Helena? — exclamou ele, de assustado que estava. Ela olhou-o por alguns segundos em silêncio, balançou, depois, a cabeça e passou a fazer-lhe perguntas acerca dos tais títulos, de toda a situação financeira.

“Naturalmente”, estava ele pensando enquanto lhe respondia às perguntas, “naturalmente era de esperar que ela achasse tudo aquilo um grande transtorno. Mas um transtorno até esse ponto” — tornou a olhar para ela: “não, isso ninguém esperaria. Pois não era o caso que a pequena tivesse pela mãe uma devoção sem limites. Como poderia tê-la, em face do egoísmo feroz de Mary? E além de tudo, já havia quase um ano que a infeliz mulher se dava ao vício da morfina. Era provável que, já agora, o horror tivesse perdido um pouco de sua intensidade. E, entretanto, ele nunca tinha visto um rosto tão infeliz. E não era justo que a tanta mocidade, a tanto frescor se viesse juntar uma expressão de tão intenso desespero”. Vê-la assim fez que ele se sentisse, de certo modo, culpado — responsável. Mas a um gesto seu de simpatia e de ansiedade curiosa, ela apenas respondeu com abanar a cabeça, recuar e virar o rosto.

— É melhor que você se retire — disse ela.

Anthony hesitou um momento e, depois, retirou-se. Afinal, era essa a vontade dela. Ainda se sentindo culpado, mas com uma grande sensação de alívio, fechou atrás de si a porta da rua e, depois de uma respiração profunda, dirigiu-se para a estação do subterrâneo.

Helena voltou ao seu volume da Enciclopédia. “... para provocar o próprio aborto, é culpada de crime capital. O castigo por esta ofensa consiste em galés perpétuas, ou por três anos no mínimo, ou prisão por dois anos no máximo. Se

a criança nascer viva...” Mas eles não diziam quais eram os venenos próprios, nem que espécie de instrumentos se tinha de usar, nem como usá-los. Somente essa insuportável tolice sobre trabalhos forçados. Mais uma válvula de escape que se fechava contra ela. Era como se o mundo todo tivesse conspirado para enclausurá-la com o seu segredo imaginariamente assombroso.

Melódico, o relógio do salão dos fundos bateu as onze. Helena ergueu-se, recolocou em seu lugar o pesado volume e subiu a escada para ir ao quarto da mãe.

Com um cuidado e precisão de movimento que não lhe eram habituais, a sra. Amberley ocupava-se, quando a filha entrou, em encher uma seringa hipodérmica com o líquido de uma pequena ampola de vidro.

Sobressaltou-se quando a porta se abriu, ergueu os olhos, fez um gesto como para esconder a seringa e a ampola sob as roupas da cama; depois, receosa de entornar qualquer parcela do precioso líquido, suspendeu o gesto em meio.

— Vá-se embora! — gritou zangada. — Por que entra sem bater? Não quero que entre no meu quarto sem bater — repetiu com mais estridência, contente de ter descoberto um pretexto para sua fúria.

Helena ficou um ou dois segundos na porta, completamente imóvel, como que incrédula do que os seus olhos testemunhavam; em seguida, entrou no quarto a passos rápidos.

— Dê-me essas coisas — disse, estendendo a mão.

A sra. Amberley recuou na direção da parede. — Vá-se embora! — gritou.

— Mas você prometeu...

— Não prometi coisa nenhuma.

— Você prometeu, mamãe.

— Não prometi. E, seja como for, eu faço o que eu quiser.

Sem dizer mais nada, Helena estendeu o braço e segurou a mãe pelo punho. A sra. Amberley deu um grito tão alto que, receosa de que os criados acudissem a ver o que acontecera, Helena deixou de apertá-la.

A sra. Amberley cessou de gritar; mas o olhar que lançou sobre Helena era de uma malquerença apavorante. — Se você me fizer entornar uma gota disso — disse com uma voz trêmula de raiva — eu mato-a. Mato-a! — repetiu.

Entreolharam-se por um momento, sem dizer palavra. Foi Helena quem rompeu o silêncio. — Você queria me matar — disse pausadamente — porque eu não deixo que você se mate.

— Encolheu os ombros. — Está bem; eu suponho que, se você *quer* realmente se matar... — Deixou a frase inacabada.

A sra. Amberley olhou para ela fixamente e em silêncio. — Se você quer realmente... — Lembrou-se das palavras que dirigira a Anthony somente alguns minutos antes e, de súbito, as lágrimas lhe correram pelas faces. Sentia-se esmagada pela piedade de si mesma. — Pensa que é porque eu quero, que faço isto? — E as suas palavras eram entrecortadas pelo choro. — Eu abomino isto. Abomino imensamente. Mas não posso evitar.

Sentando-se na beira da cama, Helena passou o braço em volta dos ombros da mãe. — Querida mamãezinha! — implorou. — Não chore. Tudo isso se resolverá. — Estava profundamente comovida.

— O culpado de tudo é o Gerry — exclamou a sra. Amberley; e sem notar o ligeiro estremecimento de Helena, prosseguiu: — Ele é que tem a culpa de tudo isso. De tudo. Eu já sabia que ele era um monstro. Mesmo quando eu estava mais caída por ele.

Como se a mãe se houvesse tornado subitamente uma pessoa estranha, com quem não ficasse bem aquele contato tão íntimo, Helena retirou o braço que a enlaçava. — *Caída* por ele? — murmurou incrédula. — *Naquele* sentido?

Em resposta a uma pergunta imaginária e completamente diferente, defendendo-se de um reproche que ninguém fizera, a sra. Amberley explicava: — Foi sem que eu quisesse; não pude resistir. Foi *assim*. — Fez um pequeno movimento com a mão que segurava a seringa hipodérmica.

— Você quer dizer — insistiu Helena, falando muito lentamente e como que dominando uma relutância quase invencível — quer dizer que ele era... que ele era seu amante?

O tom estranho dessas palavras despertou na sra. Amberley, pela primeira vez desde o começo da conversa, qualquer coisa como a consciência da existência real, pessoal de sua filha. Voltando-se, olhou para Helena com uma expressão de espanto. — Então, não sabia? — Diante daquela palidez

extraordinária, daqueles lábios que tremiam sem possibilidade de domínio, a velha sentiu-se tomada de um remorso súbito. — Mas, meu amor, eu estou desolada. Eu não imaginava... Você é ainda tão jovem; não compreende. Não pode... Mas aonde é que você vai? Venha cá! Volte! Helena!

A porta bateu. A sra. Amberley fez um movimento no sentido de seguir a filha; depois refletiu sobre o caso e, ao invés de segui-la, reassumiu a tarefa interrompida de encher a sua seringa hipodérmica.

CAPÍTULO XXXV

4 de agosto de 1934

DEPRIMIDO, AO VOLTAR DE UMA TARDE em companhia de Helena e de meia dúzia de seus jovens amigos políticos. Que apaixonada tendência eles têm para “liquidarem” as pessoas que não concordam com eles! E que convicção sincera de que essa liquidação é necessária!

Revoltante — mas já era de esperar. Considere-se o problema da reforma como uma questão exclusivamente política e econômica, e ter-se-á que aprovar e praticar a liquidação.

Observe-se a história recente. O industrialismo tem crescido *pari passu* com a população. Pois bem: onde se expandem os mercados, resolvem-se os dois problemas que afligem todas as sociedades industriais. Os novos inventos podem criar o desemprego tecnológico; mas, à medida que esse desemprego vai sendo criado, vai sendo corrigido pela expansão dos mercados. Pode cada indivíduo possuir inadequado poder aquisitivo; mas o número total dos indivíduos está crescendo de uma maneira constante. Muitos poderes aquisitivos pequenos produzem o mesmo efeito que um menor número de grandes poderes aquisitivos.

Nossa população está atualmente estacionária, em breve declinará. Retraimento em lugar de expansão dos mercados. Portanto, cessa a solução automática dos problemas econômicos. O controle dos nascimentos torna necessário o emprego de uma inteligência política coordenadora. É preciso que haja um plano em grande escala. Do contrário, a máquina não funcionará. Por outras palavras, os políticos terão de ser cerca de vinte vezes mais inteligentes do que o têm sido até aqui. A oferta de inteligência será igual à procura?

E certamente a inteligência, conforme Miller está sempre insistindo, não está isolada. O ato de planejar inteligentemente modifica as emoções dos planejadores. Observe-se a política inglesa. Temos realizado uma porção de reformas — sem uma só vez admitirmos os princípios que lhes constituem a base. (Comparem-se os títulos do rei com a sua posição atual. Comparem-se os nossos protestos de que jamais teremos nada que ver com o socialismo, com as realidades de um controle pelo Estado.) Não existem planos em larga escala na política inglesa, nem sequer algum que se construa em termos de princípios básicos. Quais os resultados? Entre outros, que a política inglesa tem sido, de um modo geral, complacente. A razão é simples. Trata de problemas práticos à medida que eles vão surgindo e sem referência a princípios básicos; a política é uma espécie de negócio de mascate. Ora, os mascates impacientam-se, irritam-se, mas, normalmente, não se consideram entre si como demônios que houvessem tomado a forma humana. Mas isso é precisamente o que os homens de princípio e os planejadores sistemáticos não podem deixar de fazer. Um princípio é, por definição, justo; um plano, para o bem do povo. Axiomas dos quais logicamente decorre que aqueles que discordam de nós e não querem ajudar a realizar nosso plano são inimigos da bondade e da humanidade. Já não são mais homens nem mulheres, mas personificações do mal, encarnações do demônio. Matar homens e mulheres é uma injustiça; mas matar demônios é um dever. Daí o Santo Ofício, daí Robespierre e o Ogpu. Os homens dotados de forte fé religiosa e revolucionária, os homens possuidores de planos bem-arquitetados para melhorar a sorte de seus semelhantes, quer neste mundo quer no outro, têm sido mais sistematicamente e premeditadamente cruéis do que quaisquer outros. Pensar em termos de princípios básicos implica agir com peças de artilharia. Um governo com um plano compreensivo para a melhoria da sociedade é um governo que emprega a tortura. *Per contra*, se nunca atendemos a princípios, nem temos nenhum plano, mas examinamos e tratamos as situações como e à medida que elas vão surgindo, por partes, fragmentariamente, achamo-nos, então, em condições de ter policiais desarmados, liberdade de palavra e *habeas corpus*. Admirável; mas, que sucede quando uma sociedade industrial aprende (a) a realizar progressos tecnológicos

numa aceleração constante e (b) a impedir a concepção? Resposta: ou terá que se organizar de acordo com princípios políticos e econômicos gerais, ou fracassará. Mas os governos que se pautam por princípios e planos não têm geralmente passado, até aqui, de tiranias que fazem uso de espões de polícia e do terrorismo. Devemos resignarmos à escravidão e à tortura em prol da coordenação?

Fracasso de um lado, Inquisição e Ogpu do outro. Um verdadeiro dilema, se o plano for principalmente econômico e político. Mas examinemos o caso com as vistas voltadas para os indivíduos — homens, mulheres e crianças, não para os estados, religiões, sistemas econômicos e abstrações da mesma espécie: há, então, a esperança de passar entre as pontas do dilema. Pois, se começarmos por considerar pessoas concretas, veremos imediatamente que o fato de se acharem livres de toda coação é uma condição necessária de seu desenvolvimento em seres humanos completos; que a forma de prosperidade econômica consistente em possuir objetos desnecessários não contribui para o bem-estar individual; que um lazer preenchido com divertimentos passivos não constitui um bem; que as comodidades da vida urbana são compradas por alto preço fisiológico e mental; que uma educação que nos permite a má conduta não vale quase nada; que uma organização social de que resulta serem os indivíduos forçados, de poucos em poucos anos, a partir para se matarem uns aos outros deve estar errada. E assim por diante. Ao passo que, se partimos do estado, da fé, do sistema econômico, há uma completa transposição de valores. Os indivíduos devem matar-se uns aos outros porque os interesses da nação o exigem; devem ser educados no sentido de cuidarem dos fins e desprezarem os meios, porque os mestres-escola não se fazem esperar e não conhecem outro método; devem viver em cidades, devem ter tempo para lerem os jornais e irem aos cinemas, devem ser instigados a comprarem coisas de que não precisam, porque o sistema industrial existe e precisa ser mantido em atividade constante: devem ser coagidos e escravizados, porque, do contrário, poderiam pensar por si e causar embaraços aos seus governantes.

O *sabat* foi feito para o homem, mas o homem agora se comporta como os

fariseus e insiste em que ele é que é feito para todas as coisas — ciência, indústria, nação, dinheiro, religião, escolas — que foram realmente feitas para ele. Por quê? Porque tem tão pouca consciência de seus próprios interesses como ser humano, que se sente irresistivelmente tentado a sacrificar-se por esses ídolos. Não existe outro remédio a não ser tornarmo-nos conscientes dos nossos próprios interesses como seres humanos e, uma vez conscientes, aprendermos a agir em conformidade com essa consciência. O que significa aprendermos a fazer uso de nós mesmos e aprendermos a dirigir nosso espírito. Chega quase a cansar, isso de estar uma pessoa sempre a voltar ao mesmo ponto. Não seria bom, para variar, que houvesse outro meio de sairmos de nossas dificuldades? Um atalho. Um método que não exigisse maior esforço pessoal do que registrar um voto ou ordenar o fuzilamento de algum “inimigo da sociedade”. Uma salvação vinda de fora, como uma dose de calomelanos.

CAPÍTULO XXXVI

19 de julho de 1914

NO TREM QUE IA PARA O norte, Anthony pensava no que lhe estava reservado. Dali a dois dias, ou no máximo três, Brian teria de ser informado do que acontecera e teria de ser escrita uma carta a Joan. Em que termos? E que desculpas teria ele de arranjar para si próprio? Deveria dizer toda a verdade acerca de sua aposta com Mary? Para si, a verdade tinha certas vantagens; se a dissesse, poderia lançar sobre Mary a maior parte da culpa do que tinha acontecido, mas — pensava ele — arriscando-se a parecer miseravelmente fraco. E não era essa a única desvantagem; para Joan, a verdade seria uma humilhação intolerável. Por mais culpas que ele lançasse sobre Mary, nem por isso seria menor o insulto a Joan. Se ao menos ele pudesse dizer a verdade a Brian e, a Joan, outra coisa qualquer!

Isso, porém, não era possível. A ambos tinha de ser contada a mesma história e, para bem de Joan, uma história que não fosse verdadeira. Mas, que história? Que explicação dos fatos o desmoralizaria menos e infligiria menos humilhação a Joan? De um modo geral — resolveu — a melhor coisa a dizer seria que ele tinha perdido a cabeça, que se tinha deixado levar por um impulso súbito, um impulso de que só posteriormente vira toda a loucura e de que se arrependia. Era outra pessoa que a tinha beijado: era isso o que escreveria a Joan. Outra pessoa — mas não *muito* outra. Ela não haveria de gostar, se fosse levada a crer que era um simples mono momentâneo que se comportara daquele modo na sala escura. A pessoa que a tinha beijado teria de ser, em parte, ele mesmo. Parte suficiente dele mesmo para se ter mostrado interessado por ela durante todo o tempo, pesaroso da sua situação; mas outra pessoa, até ao ponto

de permitir que as circunstâncias da noite transformassem a afeição e simpatia em — em quê? Em amor? Em desejo? Não; teria de evitar dizer qualquer coisa de tão específico; teria de falar de confusões, de loucuras momentâneas a estragarem uma amizade que tinha sido tão pura, e assim por diante. Entrementes, só o que ele podia dizer era que estava desolado e envergonhado; que sentia, agora mais fortemente do que nunca, ser Brian o único homem que era digno dela, que as dificuldades que haviam surgido entre ela e Brian eram apenas temporárias e haveriam dentro em breve... E assim tudo o mais.

Sim, a carta devia ser razoavelmente fácil. A dificuldade estava em que, como seria de esperar, à carta deveriam seguir-se entrevistas e explicações pessoais; em que ele deveria ter de suportar censuras, escutar confidências, defender-se, talvez, contra declarações de amor. E no intervalo teria de conversar com Brian — e com Brian a coisa começaria pelas entrevistas; e quanto mais ele pensava nessas entrevistas, tanto mais difícil lhe parecia prever o papel que Brian desempenharia nelas. Anthony imaginava-se procurando esclarecer que não estava apaixonado, que Joan apenas por um momento perdera a cabeça, como ele também perdera, que a situação continuava a mesma e que tudo quanto Brian tinha a fazer era ir beijá-la ele mesmo. Mas conseguiria fazer com que Brian acreditasse nele? Sendo o rapaz como era, parecia-lhe provável — parecia-lhe tanto mais provável quanto mais nisso pensava — que o fracasso seria certo. Brian pertencia àquela espécie de homens que imaginavam não ser possível beijar-se uma mulher a não ser sob a influência urgente do mais profundo, do mais cordial amor e lhe retrucaria que Joan fora beijada e lhe retribuía os beijos; e não haveria argumentos, nem alegações de que se tinha perdido a cabeça capazes de convencê-lo de que não se tratava de nenhum caso grave de amor em seu mais intenso grau. E nesse caso?, continuava Anthony em suas especulações. Que faria o rapaz nesse caso? Sentir-se-ia, sem dúvida, ofendido, traído: contudo, as probabilidades eram de que não haveria recriminações. Não; mas poderia acontecer alguma coisa muito pior. Brian, provavelmente, lançaria a culpa sobre si mesmo; renunciaria a todos os seus direitos, recusar-se-ia a acreditar em semelhante história, quando Anthony jurasse que não estava apaixonado, que não se tratava de amor e que tudo aquilo

não tinha passado de uma brincadeira de que estava arrependido; faria questão — precisamente por se tratar de tão angustioso sacrifício — faria questão de que Joan pertencesse ao homem que ela realmente amava e que a amava realmente. E se Joan, por sua vez, concordasse com isso?! E era provável — pensava Anthony com pavor, recordando-se do modo como ela lhe retribuía os beijos — era mesmo quase certo que ela estaria de acordo. Perspectiva tremenda! Não poderia enfrentar semelhante situação. E por que, afinal, teria de enfrentá-la? Poderia empenhar os seus bens — o suficiente para deixar o país e residir no estrangeiro; uns seis meses, um ano se fosse necessário. E enquanto as terras provincianas iam deslizando diante da janela do vagão, ele reclinava-se, de olhos fechados, imaginando-se na Itália, ou, se a Itália não lhe parecesse assaz distante da Inglaterra, na Grécia, no Egito, ou mesmo na Índia, Malaia, Java. Em companhia de Mary; pois, certamente Mary teria de ir também, pelo menos por parte do tempo. Podia deixar as filhas com um parente qualquer. E o Egito — refletia ele, ao mesmo tempo prático e sonhador — o Egito. No fim da estação, não exigia grandes despesas; e quanto a esse espantinho da guerra, sem dúvida que não tinha consequência nenhuma. O Luxor seria mesmo tão interessante como parecia pelas fotografias? E o Partenon? E Pesto? E que pensar dos trópicos? Em imaginação, navegava de ilha em ilha no mar Egeu; fumava haxixe nos bairros sórdidos do Cairo, comia banguê em Benares; era um superficial Joseph Conrad nas Índias Orientais, chegava a ser, mesmo, um Loti de segunda ordem, apesar do estilo cromolitográfico, entre as raparigas de pele acobreada e as gardênia, e, se bem que ele ainda achasse impossível gostar tanto do homem quanto Mary gostava, um pálido Gauguin nos mares do Sul. Essas futuras e hipotéticas fugas eram igualmente fugas ali onde estava e naquele mesmo momento, de tal sorte que, por muito tempo, naquele canto do compartimento, ele esqueceu por completo sua projetada evasão para as regiões exóticas. A lembrança do que acontecera, a antecipação apreensiva do que ia acontecer só voltaram quando ele percebeu que o trem atravessava Shap Fell e se deu conta de que em menos de uma hora estaria conversando com Brian na plataforma de Ambleside. Então, todas as primeiras perguntas se formularam com uma urgência ainda mais desesperada.

Que deveria dizer? Como? Em que ocasião? E qual seria a atitude de Brian? Qual a de Joan, quando recebesse sua carta? Horríveis perguntas! Mas por que se colocara na posição de ter de dar ou receber as respectivas respostas? Que tolo que fora em não ter fugido imediatamente! Nesse momento já estaria em Veneza, na Calábria, a bordo de um navio no Mediterrâneo. Fora do alcance das cartas. Seguro e feliz na completa ignorância do resultado de seus atos. E livre. Ao invés disso, deixara-se ficar estupidamente onde estava e consentira em se tornar escravo das circunstâncias que a sua loucura criara. Mas, ainda mesmo então, à última hora, não era tarde demais. Podia descer na próxima estação, voltar para Londres, levantar algum dinheiro e zarpar dentro de vinte e quatro horas. Quando, porém, o trem parou em Kendal, ele não se mexeu. Tomar uma resolução tão súbita e momentânea era qualquer coisa que o fazia recuar. Detestava o sofrimento e antevia com horror o que lhe estava reservado nos poucos dias e semanas próximas. Mas seu medo de sofrer era menor que o seu medo de agir. Achava mais fácil aceitar passivamente o que viesse do que tomar uma deliberação decisiva e proceder em conformidade com ela.

Enquanto o trem de novo corria, ele pensava nas razões pelas quais fizera bem em não tomar tal decisão. Brian estava contando com ele, ficaria tão incomodado com o fato de ele não chegar, que talvez se desse pressa em vir a Londres saber o que acontecera, procurar Joan e descobrir tudo de uma vez. E que explicação daria ele ao pai? Além disso, não havia nenhum motivo para pensar que Mary o acompanharia; ela já tinha dado os passos necessários para o seu veraneio e não iria, provavelmente não poderia, voltar atrás. E ele estando ausente, quem podia imaginar os rivais que se apresentariam? Além do que, a fuga seria uma covardia — continuava ele, procurando convencer-se e passando, logo após, a considerar que poderia provavelmente e com a mesma eficiência livrar-se de suas dificuldades sem precisar sair da Inglaterra. Seria questão de um pouco de tato, de resistência passiva...

Brian estava na plataforma, à espera, quando o trem entrou na estação. Ao vê-lo, Anthony sentiu uma dor viva e súbita, misto de pena e de angústia. Pois havia, entre o rapaz e suas roupas, uma espantosa, uma dolorosa dissonância. As grosseiras e rústicas jaqueta e calças, as meias, as botinas feitas a prego, a sacola

bojuda eram emblemas da energia e da boa saúde camponesa. Mas o Brian que usava esses emblemas era a negação viva do que eles significavam. O rosto comprido estava emaciado e cor de cera. O nariz parecia maior do que outrora, as órbitas mais fundas, as maçãs do rosto mais proeminentes. E quando falava, tinha maior dificuldade do que antes em dominar a gagueira.

— Mas o que é que você tem, meu caro? — exclamou Anthony, pondo a mão no ombro do amigo. — Está com um aspecto lamentável.

Em parte comovido por essa exibição de genuína solicitude (estava achando extraordinário que Anthony pudesse ser assim, imprevisivelmente, tão encantador), em parte aborrecido por se sentir assim descoberto, Brian sacudiu a cabeça e explicou por meias-palavras achar-se fatigado e precisar de repouso.

Sua ideia de repouso não era, porém, outra senão caminhar vinte milhas por dia, a subir e a descer os mais íngremes morros que pudesse encontrar.

Anthony olhava para ele com desaprovação. — Do que você precisa é de ficar deitado ao ar livre numa cadeira de tombadilho — disse. Mas pôde notar, enquanto falava, que o seu conselho não era bem acolhido. Para Brian era uma espécie de dogma a ideia de que era bom e essencial para a saúde o exercício violento numa paisagem montanhosa. Bom, por causa de Wordsworth; porque, na versão materna do cristianismo, a paisagem ocupava o lugar da revelação.

— Eu g-gosto de andar — insistiu Brian. — V-vi ontem um m-m-melro aquático. O lugar está ch-cheio de bonitas aves.

A tristeza que sentia de encontrar o amigo assim tão doente fez Anthony esquecer tudo o que se relacionava com Joan e com os acontecimentos dos últimos dias; mas aquelas aves (aquelas “aaaves”, aquelas toutinegras mijonas) trouxeram-lhe à memória, violentamente, o que tinha acontecido. Sentindo-se de súbito envergonhado, como se tivesse sido surpreendido nalguma indigna manifestação de hipocrisia, Anthony retirou a mão do ombro de Brian. Foram caminhando silenciosos ao longo da plataforma até chegarem à rua. Aí pararam e entraram a discutir. Brian queria mandar a bagagem pelo carregador e que fossem caminhando até a sua residência em Langdale. Anthony propunha que tomassem um automóvel.

— Você não deve dar nem mais um passo hoje — disse; depois, quando o

outro protestou que ainda não tinha feito bastante exercício, mudou de tática e alegou que ele mesmo estava cansado da viagem e que, ademais, as roupas que vestia, os sapatos que trazia não eram próprios para aquela caminhada. Depois de chegar a querer voltar a pé sozinho para Langdale, Brian foi afinal derrotado em suas razões e consentiu em tomar o automóvel. Partiram.

Rompendo um longo silêncio, Brian perguntou: — V-viu Joan nestes últimos dias?

O outro fez, sem falar, um sinal afirmativo.

— Como estava ela?

— Muito bem — respondeu Anthony no tom decidido e vago com que em geral se responde à pergunta sobre a saúde de pessoas pelas quais não se tem nenhum interesse particular. A mentira — pois era uma mentira por omissão — viera-lhe espontânea. Por meio dela, seu espírito se defendera tão automática e prontamente contra a pergunta de Brian, quanto seu corpo, negaceando, levantando um braço, saltando para trás, se teria defendido contra um punho que avançasse ameaçador. Mal tinha, porém, proferido tais palavras e já lamentava a sua brevidade e o tom de casualidade com que as pronunciara e já sentia a necessidade imediata de corrigi-las com mais informações, num tom diferente e mais sério. Devia entrar diretamente na questão e, sem mais delongas, pôr tudo em pratos limpos. Entretanto, o tempo passava e ele não se sentia capaz de falar; e dentro de alguns segundos já tinha começado a dignificar sua covardia com o nome de consideração, já se estava convencendo de que não ficaria bem, não seria justo, dado o estado de saúde de Brian, contar tudo de uma vez, que, como verdadeiro amigo, deveria esperar e escolher uma ocasião — no dia seguinte, talvez, ou no outro — em que Brian se achasse em melhores condições de receber a notícia.

— Você não notou que ela estivesse preocupada? — prosseguiu Brian. — Quero dizer, preocupada com toda esta demora em nos casarmos?

— Ah, sem dúvida — Anthony admitiu. — Decerto que ela não pode sentir-se muito feliz em tal situação.

Brian sacudiu a cabeça. — N-nem eu. M-mas acho qu-que é justo; e acho que, c-com o tempo, ela há de ver q-que é justo. — Depois, passado um

silêncio, ajuntou: — Se ao menos a gente tivesse certeza absoluta. Às v-vezes eu m-m-me pergunto s-se não é uma espécie de egoísmo.

— O quê?

— Esse apego aos p-princípios, com d-descaso das p-pes-soas. Quero dizer: c-com descaso dos outros. Eles s-s-são t-tal-vez mais imp-portantes mesmo do que o que achamos ser um p-princípio justo. Mas, se não nos ap-pegamos aos nossos p-princípios... — hesitou, olhou para Anthony com uma expressão de embaraço e tristeza e, depois, desviou de novo os olhos: — então, em que ficamos, como agir? — concluiu desanimado.

— O sábado é feito para o homem — disse Anthony; e pensou, ressentido, na tolice que Brian fizera, de não aceitar qualquer dinheiro que pudesse obter e casar-se logo, sem vacilação. Se Joan se tivesse casado, sem embaraço nem acidente, não se teriam verificado aquelas confidências, não teria havido nenhuma aposta, nenhum beijo, nem nenhuma das terríveis consequências de se terem beijado. E, além de tudo, Joan, coitada, naturalmente não estaria agora sofrendo. E passou a sentir qualquer coisa que era quase uma justa indignação contra Brian, por não ter adotado e praticado o princípio cristão fundamental de que o sábado é que é feito para o homem e não o homem para o sábado. Mas seria o sábado feito para o homem — uma voz intrusa começou, subitamente, a perguntar — até ao ponto do homem ter o direito de, por uma simples aposta, perturbar o equilíbrio dos sentimentos alheios, romper uma aliança estabelecida de longa data, trair um amigo?

Brian, entretantes, ia lembrando-se da ocasião em que, havia uns dois meses, ele e Joan tinham conversado com a mãe sobre o assunto.

— Você ainda é de opinião — perguntara ela — que não deve aceitar o dinheiro? — E quando ele lhe disse que suas opiniões não tinham mudado, ela passou a expor todas as razões em virtude das quais não haveria nenhum mal em que o aceitasse. O sistema talvez fosse injusto e talvez fosse dever de cada um modificar o sistema; mas, até que isso se desse, podia a gente servir-se das próprias vantagens financeiras para socorrer as vítimas individuais do sistema, para trabalhar pela causa da desejável reforma.

— Este foi sempre o meu modo de ver e sentir sobre o assunto — concluiu

sua mãe.

E era justo, insistia ele; nem lhe passava sequer pela ideia criticar o que ela fizera, ou supor, sequer, que fosse criticável. Mas o fato era que as condições dela tinham sido diferentes das dele. Como homem, ele tinha oportunidades de prover à sua própria subsistência, as quais ela nunca tivera. Além disso, ela ficara com responsabilidades; ao passo que ele...

— Mas que me diz de Joan? — interrompeu ela, pondo a mão no braço desta, afetuosamente, enquanto falava. — Não representa ela uma responsabilidade?

Ele baixou os olhos e, sentindo que não cabia a ele responder à pergunta, não disse nada.

Escoaram-se longos segundos de uma expectativa silenciosa e incômoda, em que ele se perguntava se Joan falaria, e o que deveria ele fazer no caso que ela não falasse.

E foi então que, para alívio seu, Joan rompeu por fim o silêncio numa voz que era estranha, de tão grave e abafada: — Afinal, Brian era então uma criança. Mas eu sou adulta, responsável por mim mesma. E estou em condições de compreender suas razões.

Ele ergueu a cabeça e olhou para ela com um sorriso de gratidão. Mas havia no rosto dela uma expressão de frieza e como de alheamento; seus olhos encontraram por um momento os dele e depois se desviaram.

— Compreende suas razões? — perguntou a mãe dele.

Joan confirmou com um gesto.

— E aprova-as?

Joan hesitou por um instante e fez, depois, outro gesto afirmativo. — Se Brian acha que é justo — ia começando a dizer, mas interrompeu-se.

A mãe voltava os olhos de um para o outro. — Parece-me que vocês são dois jovens cheios de heroísmo — disse, num tom de voz tão belo, tão vibrante de emoção, que lhe emprestava às palavras uma significação superior. Ele se sentiu confirmado no juízo que fizera.

Mais tarde, porém — lembrava-se com dolorosa perplexidade — mais tarde, quando ficou só com Joan e procurou agradecer-lhe o que ela fizera,

virou-se ela para ele, com uma cólera ressentida.

— Você tem mais amor às suas ideias do que a mim. Muito mais.

Brian suspirou e, arrancando-se daquela longa distração, olhou para as árvores ao lado da estrada, para as montanhas tão suntuosamente ensombradas e iluminadas pelo sol da tarde que morria, para as nuvens no céu, que eram como ilhas de mármore — olhou para todas aquelas coisas, reconheceu que eram belas, e achou-lhes a beleza desesperadoramente inexpressiva.

— P-prouvera a Deus — disse — que eu soubesse o que devo fazer.

O mesmo pensava Anthony, embora não o dissesse.

CAPÍTULO XXXVII

Outono de 1933

MARK CONSUMIU MAIS TEMPO DO QUE esperava para dispor de seus negócios; e momentos houve em que se tornava, para Anthony, quase irresistível a tentação de desistir de toda aquela ridícula aventura e voltar, o mais depressa possível, para aquele outro mundo do sol do Mediterrâneo, e das ideias abstratas.

— Que busca você realmente nessa viagem? — perguntou ele, aborrecido.

— Divertimento — foi tudo quanto Mark consentiu em dizer como resposta.

— E esse seu Don Jorge — insistiu Anthony. — Que espera ele alcançar com essa sua revoluçãozinha?

— Sua maior glória.

— Mas os camponeses, os índios?

— Ficarão exatamente onde antes estavam, onde sempre estarão: por baixo.

— E, ainda assim, você acha que vale a pena ir ajudar esse tal Jorge?

— Vale a pena para mim. — Mark sorriu anatomicamente. — E para você também. Muito mais para você — insistiu.

— Mas não para os peões, pelo que vejo.

— Ah, para eles nunca vale a pena. Que ganharam os servos franceses com a sua Revolução? Ou os nossos amigos, os russos, para dizer a verdade? Alguns anos de agradável intoxicação. Depois, os mesmos trabalhos forçados de sempre, a casa de correção, dourada talvez, pintada de novo. Mas, no fundo, a mesma máquina antiga.

— E você está contando que eu vá com você por simples divertimento? — A lembrança do Mediterrâneo e dos seus livros fez crescer a indignação de

Anthony. — É insensato, é abominável.

— Em outras palavras — disse Mark — você está com medo. Sim, e por que não? Mas, se está, por amor de Deus, diga logo. Tenha a coragem da sua covardia.

Que ódio teve ele de Mark por lhe dizer as verdades íntimas que ele tão bem conhecia! Se não fosse mr. Beavis, e a entrevista com Helena, e finalmente Beppo Bowles, talvez tivesse tido a coragem de sua covardia. Mas eles lhe tornaram impossível recuar. Ali estava, primeiro que tudo, o pai, ainda acorado na toca matrimonial, em meio às saias e às etimologias e ao cheiro de mulheres de cabelo ruivo — mas agitado, como Anthony jamais antes o vira, magoado, indignado, despeitado. A presidência da Sociedade de Filologia, que, sem contestação, deveria ter cabido a ele, coubera, entretanto, a Jenkins. Jenkins, se faz favor! Um simples vulgarizador ignorante, a antítese mesma de um verdadeiro sábio. Um charlatão, um vigarista da filologia, positivamente (para empregar o vulgarismo americano) um *crook*.

A eleição de Jenkins tinha feito mr. Beavis aproximar-se da morte a passos largos. De um homem que parecia muito mais moço do que realmente era, passara a mostrar subitamente a idade que tinha. Um velho; e, ainda por cima, cansado, roído por dentro.

— Estou muito inquieta — confiara Paulina a Anthony. — Ele está ficando cada vez mais doente. E por uma coisa à toa, uma puerilidade, realmente. Não consigo fazer-lhe ver que isso não tem importância. Ou antes, não consigo fazer-lhe sentir isso. Porque ele vê tudo muito bem, mas nem por isso deixa de se incomodar.

“Até no mais íntimo recesso do sensualismo”, ia refletindo Anthony ao voltar a pé para casa, “até no mais recôndito e quieto dos outros mundos intelectuais, o destino podia descobrir um homem.” E percebeu de repente que, tendo passado toda sua vida procurando reagir e escapar aos modelos do universo paterno, a única coisa que tinha conseguido fora tornar-se precisamente o que era o pai — um homem numa toca. Com esta pequena diferença que, no seu caso, acontecia ser a toca de intermitente adultério, ao invés de permanentemente matrimonial; e que suas ideias eram em torno de

sociedades e não de palavras. No momento, ele estava fora da toca — tinha sido expulso, dir-se-ia que por furões. Mas fácil seria, e já era uma tentação, voltar. Voltar e estar a seu cômodo, estar a salvo. Não: a salvo, não. Era aí que batia o ponto. A qualquer momento um Jenkins poderia ser eleito para uma ou outra presidência e então, inerte em sua toca de pensamento e sensualidade, a gente estaria à mercê de qualquer paixão pueril que por acaso surgisse. Cá fora, seria talvez possível defender-se contra tais contingências. Resolveu partir com Mark.

Mas, nos dias que se seguiram, a tentação voltou. A despeito do espetáculo de mr. Beavis destruindo-se a si próprio na sua puerilidade, a vida tranquila parecia imensamente sedutora. “Mark está louco”, procurava convencer-se. “Estamos procedendo tolamente e mal. E, afinal de contas, a minha sociologia não deixa de ter sua importância. Ajudará as pessoas a pensar com clareza! Não era (palavra ridícula) um ‘dever’ continuar com ela?” Mas depois, passadas mais de seis semanas desde que regressara a Londres, viu Helena e Beppo Bowles — viu-os a ambos na mesma tarde. O encontro com Helena foi casual. Foi na Sala Francesa da Biblioteca Nacional. Anthony curvara-se para ver mais de perto o *Mont Sainte-Victoire*, de Cézanne, quando notou que dois outros visitantes haviam parado justamente atrás dele. Afastou-se um pouco para o lado, a fim de deixá-los ver o quadro e continuou em seu meticuloso exame da obra.

Passaram-se alguns segundos; depois, muito devagar e com um sotaque estrangeiro, uma voz de homem fez-se ouvir: — Veja agora aqui como o pequeno burguês do século dezenove procurava fugir ao industrialismo. Por que precisava ele pintar essas paisagens, tão românticas? Porque queria esquecer os novos métodos de produção. Porque não queria pensar no proletariado. Essa é que é a razão

— Sim, suponho que a razão é essa — disse outra voz.

Com um sobressalto, Anthony reconheceu a voz de Helena. — Que devo fazer? — estava a perguntar-se, quando de novo a voz falou.

— O quê! É o Anthony! — E uma mão tocou-lhe o braço.

Ele endireitou-se e voltou-se para ela, com os gestos e exclamações que convinham a uma surpresa agradável. Aquele rosto, que, da última vez, ele vira alternativamente impassível e escarninho, em seguida no auge do prazer, depois

salpicado de sangue e lamentavelmente decomposto por um sofrimento de indizível intensidade, finalmente duro, empedernido como de começo estivera, senão ainda mais duro e mais empedernido, aquele rosto estava agora cheio de vida, de beleza e de ternura, iluminado do interior por uma espécie de alegria tranquila. Ela olhava para ele sem o menor sinal de constrangimento. Era como se o passado tivesse sido completamente abolido, como se, para ela, só o presente existisse, só o presente fosse real.

— Este é Ekki Giesebrecht — disse ela.

O jovem de cabelos louros, que estava ao lado dela, curvou-se em ângulo para a frente, enquanto os dois se apertavam as mãos.

— Teve de fugir da Alemanha — pôs-se ela a explicar. — Eles o teriam matado por causa de suas atividades políticas.

Não era ciúme o que ele sentia enquanto olhava, ora um rosto alegre, ora, o outro — não era ciúme, mas uma infelicidade tão intensa, que se assemelhava a uma dor física. Uma dor prolongada, contínua, e em nada diminuída pela pequena preleção que Helena, com uma solenidade absurda, se pôs a fazer sobre a arte como manifestação dos interesses de classe. Escutando-a, pôde rir consigo mesmo, pôde refletir, com certo gozo, sobre os fantásticos subprodutos do amor em matéria de gosto, de opiniões políticas, de crenças religiosas. Mas por trás do riso, sob as reflexões irônicas, a dor da infelicidade persistia.

Recusou o convite para tomar chá com eles.

— Prometi ao Beppo ir visitá-lo — explicou.

— Dê-lhe lembranças — disse ela e passou a perguntar-lhe se, depois que voltara, já tinha encontrado Hugh.

Anthony fez um sinal negativo com a cabeça.

— Sabe que vamos nos separar?

Fazendo um esforço para sorrir, Anthony respondeu: — Os meus melhores votos para o divórcio. — E deu-se pressa em despedir-se.

Caminhando em meio à bruma da tarde, ia pensando naquele rosto suave e radioso dela e sentia, juntamente com a dor da infelicidade, renovar-se aquela outra dor profunda de descontentamento de si mesmo. Desde sua chegada a Londres tinha levado sua vida londrina habitual — os almoços com homens de

cultura e de negócios, os jantares onde a garrulice mexeriqueira das mulheres tornava a conversação mais animada e divertida — e as fáceis e insignificativas vitórias que os seus dotes intelectuais e certo encanto natural sempre lhe permitiam obter em tais reuniões; e tudo isso fizera-o esquecer quase completamente seu descontentamento, disfarçara a dor que este lhe causava assim como uma droga disfarça a nevralgia ou a dor de dentes. Esse encontro com Helena neutralizara instantaneamente o efeito sedativo da droga e deixara-o indefeso contra uma dor de modo nenhum diminuída pelo calmante provisório — antes, pelo contrário, intensificada por ele. Pois a ideia de haver consentido em ser aliviado por um ópio de tão má qualidade era nova causa de descontentamento que se vinha juntar às antigas. E pensar, depois disso, que estivera cogitando seriamente de voltar à antiga vida tranquila! Tranquilidade sórdida, tranquilidade inumana e, por todo o dispêndio de pensamento que implicava, tranquilidade louca. A aventura de Mark podia ser estúpida e, até, desabonadora; mas, por pior que fosse, era ainda preferível a essa quietude de trabalho e a essa sensualidade avulsa ocasional à margem do Mediterrâneo.

Parando à porta do apartamento de Beppo, ele ouviu um som de vozes — a de Beppo e a de um outro homem. Tocou a campainha. O tempo passava. A porta permanecia por abrir. As vozes prosseguiram, inarticuladas, mas com guinchos estridentes da parte de Beppo e, da parte do desconhecido, um crescendo de latidos bruscos, anunciadores de que estavam altercando. Tornou a tocar a campainha. Seguiram-se mais alguns guinchos e berros; depois, um som de passos apressados. A porta abriu-se de repente e Beppo surgiu diante dele. Tinha a cara vermelha, a careca reluzente de suor. Por trás dele, muito empertigado e com porte marcial, apareceu um rapaz bonito, mas abrutalhado, com um pequeno bigode e cabelos castanhos ondeados e untados, vestindo um terno de sarja azul de uma extrema e algo duvidosa elegância.

— Entre — disse Beppo, um tanto ofegante.

— Incomodo?

— Não, não. O meu amigo já ia saindo. Deixe apresentar: este é mr. Simpson. Ele já ia saindo.

— Ia mesmo? — perguntou o rapaz num tom de voz significativo e com

um acento do condado de Nottingham. — Eu não sabia que ele já ia saindo.

— Talvez seja melhor eu me retirar — sugeriu Anthony.

— Não, não; faz favor. Fique, faz favor. — Havia na voz de Beppo uma nota de apelo quase desesperado.

O rapaz pôs-se a rir. — O que ele quer é proteção, essa é que é a verdade. Está pensando que vai ser assaltado. E é o que eu podia fazer, se quisesse. — Olhou para Anthony com ar finório e insolente. — Mas não quero. — Assumiu uma atitude de elevada indignação moral. — Eu não faria isso nem por mil libras. Isso é próprio de cafajestes. — Do tom de generalização alterosa, a indignação moral desceu à terra e focalizou-se em Beppo. — Mas um homem não deve aviltar-se assim — continuou ele. — Esse aí também é um cafajeste. — Apontou um dedo acusador. — Um porco imundo. É isso que você é. É o que eu já disse antes e torno a dizer agora. Para quem quiser ouvir. Pois posso provar. Sim, senhor, você bem sabe que eu posso provar. Um porco imundo.

— Está bem, está bem — exclamou Beppo no tom de quem se rende incondicionalmente. Segurando Anthony pelo braço, suplicou: — Entre lá para a sala, sim?

Anthony atendeu. Do lado de fora, no *hall*, foram trocadas algumas frases quase cochichadas. Depois, passado um silêncio, a porta da rua bateu e Beppo, pálido e perturbado, entrou na sala. Com uma das mãos enxugava a testa; mas foi somente depois de se sentar que ele percebeu o que estava segurando na outra. Tinha os dedos gordos e brancos fechados em volta de sua carteira. Embaraçado, meteu o objeto comprometedor no bolso de cima do casaco. Depois, espumando, explosivo, de desespero como espumava de alegria, estourou como uma garrafa de gengibirra ao abrir-se: — É só dinheiro o que eles querem, como você acaba de ver. Por que devo procurar ocultá-lo? É só dinheiro. — E pôs-se a caminhar para um lado e para outro, agitando-se, guinchando, espumando, numa denúncia incoerente contra “eles” e com pena de si mesmo. Sim, ele era duplamente digno de pena — digno de pena pelo que tinha de sofrer em razão da atitude mercenária “deles”, quando a coisa que ele buscava era o amor pelo amor, a aventura pela aventura; digno de pena também por aquela crescente incapacidade de sentir a menor satisfação em qualquer

experiência amorosa que não fosse inteiramente nova. Tornava-se, cada vez mais, inimigo da repetição. A repetição matava o que ele chamava o *frisson*. Inominável tragédia. Ele, que tanto suspirava pela ternura, por um bom entendimento mútuo, pela camaradagem, via-se privado de jamais obter o que queria. Ter “relações” com alguém de sua própria classe, alguém com que ele pudesse conversar, tornara-se um caso fora de toda cogitação. Mas como podia haver verdadeira ternura sem a aliança sexual? Com “eles”, a aliança era possível, ardentemente desejável. Mas a ternura não podia expandir-se sem comunicação, do mesmo modo como não podia expandir-se sem sensualidade. E sensualidade inteiramente divorciada de comunicação e de ternura parecia, agora, só ser possível sob o estímulo de uma constante mudança de objeto. Tinha de haver um outro “deles” de cada vez. Eis aí por que ele era digno de pena; mas a situação tinha o seu lado romântico. Ou, em todo caso, podia ter — costumava ter. Atualmente — queixava-se Beppo — “eles” tinham mudado, estavam se tornando mercenários, verdadeiras aves de rapina, simples prostitutas.

— Você acaba de ver como a coisa é sórdida, como a coisa é baixa! — Seu infortúnio transbordou, borbulhante, como sob uma pressão interna de gás ácido carbônico. Na agitação em que estava, ergueu-se de sua cadeira e começou a andar para cima e para baixo na sala, expondo aos olhos de Anthony, ora o colete saliente, a exuberante gravata da Casa Sulka, a cara de queixos pendentes, a careca luzidia, ora os vastos fundilhos desbotados de suas calças de xadrez, o blusão preto subindo em forma de pera até aos ombros estreitos e, abaixo da calvície central, aquela penugem de cabelo castanho-claro, como de um pajem florentino, acima do colarinho. — Eu não sou nenhum unha de fome. Tenho muitos outros defeitos, mas, graças a Deus, esse eu não tenho. Por que não podem eles compreender que não se trata de mesquinha e, sim, de um desejo de... de... — hesitava — sim, de manter a coisa sobre uma base humana? Uma base, pelo menos, de romance, de aventura. Em vez disso, o que eles fazem são essas cenas horríveis, humilhantes. Não querem compreender, não querem, de modo nenhum.

Continuava a andar para um lado e outro da sala, calado. Anthony não fez nenhum comentário, mas pôs-se a considerar consigo até que ponto o coitado

do amigo Beppo estava senhor da verdade, ou se ele também se recusava a compreender — não queria compreender que “eles” mal podiam esperar que houvesse qualquer coisa de romântico em sua pessoa já descambando para a velhice e inapetecível, que o único encanto que poderiam encontrar nele, à parte certo bom-gosto e uma inteligência fácil que “eles” não estavam na altura de apreciar, era o seu dinheiro. Sabia ele de tudo isso? Sim, sem dúvida que sabia; era inevitável. Sabia muito bem disso, mas recusava-se a compreender. “Como eu”, disse Anthony consigo.

Na mesma noite telefonou para Mark, dizendo-lhe, definitivamente, que podia comprar as passagens.

CAPÍTULO XXXVIII

10 de agosto de 1934

HOJE HELENA FALOU DE NOVO A respeito de Miller. Com veemência e irritação. (Certas lembranças, certos processos mentais são como um dente que dói e que se precisa estar sempre tocando, apenas para se ter a certeza de que ainda dói.) A não violência: desta vez não se tratava de simples brincadeira sem importância, mas, também, de uma injustiça. Se estamos convencidos de que as pessoas são más, não temos o direito de não procurar fazer com que elas se comportem convenientemente. De acordo: mas como devemos agir para termos probabilidade de êxito? Pela violência? Mas, embora a violência possa fazer com que as pessoas assumam no momento as formas da boa conduta, não conseguirá todavia mostrar a realidade da boa conduta genuína e permanente. Ela acusou-se de estar fugindo às questões reais e de apelar para um vago idealismo. Tudo afinal se reduzia ao seu ódio vingativo contra os nazistas. Paz para todos, exceto para os nazistas e, por contágio, para os fascistas. Estes deviam ser punidos, radicalmente exterminados como ratos. (Note-se que somos todos, noventa e nove por cento, pacifistas. Sermão da Montanha, sim, contanto que nos seja consentido desempenhar o papel de Tamerlão ou de Napoleão no um por cento de casos seletos que particularmente nos caiba. Paz, paz perfeita, uma vez que possamos ter a guerra que nos convenha. Resultado: cada um passa a ser a vítima predestinada da guerra excepcionalmente admissível de algum outro. Esse pacifismo de noventa e nove por cento é somente um outro nome dado ao militarismo. Se deve haver paz, é preciso que haja cem por cento de pacifistas.)

Trocamos longa série de argumentos; depois, durante algum tempo, ficamos sem dizer nada. Por fim, ela começou a falar de Giesebrecht.

Executado, só Deus sabe depois de que torturas. — Pode você ainda estranhar que eu sinta pelos nazistas o que sinto? — De modo nenhum, como tão pouco me causavam estranheza os próprios nazistas. Estranharia, sim, a tolerância por parte deles, o perdão por parte dela. — Mas a pessoa que poderia ter perdoado desapareceu quando Ekki desapareceu. Eu era boa enquanto ele estava em minha companhia. Agora sou má. Se ele estivesse ainda aqui, talvez eu fosse capaz de perdoar-lhes por o terem aprisionado. Mas essa é uma condição impossível. Não posso de maneira alguma perdoar. — (Havia, naturalmente, algumas respostas a isso, mas não me pareceu, sendo o que sou e comportando-me como me comporto, que eu tivesse qualquer direito de dar tais respostas.) Ela passou a descrever o que ele tinha sido para ela. Alguém a quem não tinha que ter vergonha de amar, como tivera que ter vergonha de amar a Gerry. Alguém que ela tinha sido capaz de amar com todo seu ser, não apenas ocasionalmente e com parte de meu ser, sobre um terraço; ou apenas como divertimento, num estúdio antes de jantar. E voltava ao mesmo ponto, que Ekki a tornara bondosa, sincera, altruísta, como também feliz. — Eu era outra, quando estava com ele. Ou foi, talvez, então, que eu me senti eu mesma, pela primeira vez. — Em seguida: — Está lembrado de como se riu de mim aquela vez, sobre o terraço, quando eu falava sobre o meu “eu” verdadeiro? — Se eu não me lembrava! Eu até não fora, no momento, bastante real para perceber como eu próprio me afastava da realidade. Depois, quando a vi chorando, só então é que percebi que eu me estivera recusando, de propósito deliberado, a amá-la.

Depois de um silêncio: — No começo, creio que podia ter amado a você quase tanto quanto amei a Ekki.

E eu tinha feito, certamente, todo o possível para impedi-la.

Seu rosto iluminou-se subitamente daquela expressão maliciosa e zombeteira que era comum em sua mãe. — Como é extraordinariamente engraçada uma tragédia, quando encarada pelo avesso! — Depois, ainda sorrindo: — Imagina você que sente por mim agora alguma inclinação? Que me ama, numa palavra?

Que não só imaginava, mas, realmente, a amava.

Ergueu a mão, à maneira de um policial. — Nada de filme, aqui. Eu me veria obrigada a expulsá-lo, se você entrasse com esse jogo. E não quero ter de fazer isso. Porque, coisa esquisita!, eu realmente gosto de você. Apesar de tudo. Nunca pensei que gostasse. Sobretudo, depois daquele caso do cachorro. Mas o fato é que gosto. — Voltou-lhe ao rosto aquela expressão dolorosa. — Todas as coisas que eu supunha nunca mais tornar a fazer! Como esta, de comer até me regalar; três dias depois já eu estava fazendo isso. E esta outra, de querer amar, amar fisicamente. Parecia isso um sacrilégio inconcebível. E, entretanto, dentro de três ou quatro meses lá eu estava querendo isso, já chegava a sonhar com isso. E creio que qualquer dia destes estarei, realmente, fazendo a coisa. Fazendo-a “sem compromisso”, como dizem quando nos mandam, para experiência, um aspirador elétrico de pó. Exatamente como eu fazia antes. — Tornou a rir. — E é muito provável que seja com você, Anthony. Enquanto não cair sobre nós outro cachorro. Você estaria pronto a recomeçar?

Não na mesma base antiga. Eu quisera dar mais, receber mais. — São precisos dois, para dar e receber. — Depois, ela desviou a conversa para outro rumo; a quem era que eu estava amando, no momento? E quando respondi que a ninguém, perguntou-me se não era difícil e desagradável ser casto e por que havia eu de estar imitando Mark Staithes. Tentei explicar que não estava imitando Mark, que o ascetismo de Mark era observado para bem do próprio ascetismo e, acima de tudo, para bem dele, Mark, para que ele se sentisse mais à parte, mais intensamente ele próprio, em melhor posição para olhar os outros de cima. Enquanto o que eu estava tentando fazer era justamente evitar ocasiões em que a distância individual fosse acentuada pela sensualidade. O ódio, a cólera,

a ambição constituem uma negação explícita da unidade humana; e a concupiscência e a gula agem no mesmo sentido, indireta e implicitamente, insistindo exclusivamente nas experiências individuais particulares e, no caso da concupiscência, utilizando os outros meramente como um meio de obter tais experiências. Sem tanto perigo quanto a malevolência e a paixão da superioridade, do prestígio, da posição social, a concupiscência é todavia incompatível com o pacifismo; só pode tornar-se compatível quando deixa de

ser um fim em si e se torna um meio para a unificação pelo amor de dois indivíduos separados. Esse caso particular de união constitui um paradigma da união em geral.

CAPÍTULO XXXIX

25 de março de 1928

QUANDO HELENA CONSERVAVA OS OLHOS FECHADOS, animava-se-lhe, impetuosa e caótica, a treva vermelha por detrás das pálpebras. Qualquer coisa como uma estação de via férrea, cheia de gente apressada, de vozes que aturdiavam; e as cores brilhavam, as formas projetavam-se com nitidez, ornadas de pedrarias, com essa nitidez, mas do que real, das formas e cores que se projetam sob a luz dos refletores. Era como se a febre lhe tivesse reunido dentro da cabeça uma multidão, tivesse acendido lâmpadas e posto o gramofone a funcionar. No fulgor fantástico do palco, as imagens iam e vinham por iniciativa própria, num desrespeito feroz aos próprios desejos de Helena. Iam e vinham, falavam, gesticulavam, representavam seus laboriosos e loucos dramas, sem cessarem, sem se apiedarem da fadiga em que ela estava, sem nenhuma consideração pelo seu ardente desejo de estar só e em repouso. Às vezes, na esperança de que o mundo exterior eclipsasse essa incessante alucinação íntima, ela abria os olhos. Mas a luz incomodava-a; e apesar daqueles ramalhetes de rosas no papel da parede, apesar da colcha branca e das maçanetas na extremidade da cama, a despeito do espelho, das escovas, do frasco de água-de-colônia, aquelas imagens do outro lado de seus olhos continuavam vivendo aquela vida que lhes era particular, sem nada que as perturbasse. Vida intensa e doída, agora de uma inconsequência extrema, qual uma história inventada por outrem, e daí a pouco e de repente, torturantemente familiar, torturantemente *dela*.

Nessa manhã, por exemplo, nessa tarde (tarde ou manhã? O tempo era ao mesmo tempo interminável e não existente: mas, em todo caso, foi logo depois

que mme. Bonifay tinha vindo vê-la — fedendo, fedendo a alho e a roupa suja), ela tinha visto um grande *ball*, com estátuas. Estátuas douradas. Reconheceu Voltaire, com cinquenta pés de altura; e havia um daqueles camelos chineses, mas enormes. As pessoas estavam dispostas em grupos, formando um belo quadro, como pessoas no palco. Efetivamente, elas estavam no palco, representando uma peça de intriga, uma peça com cenas de amor e revólveres. Como fulgiam os holofotes! Com que clareza e ênfase os atores diziam os versos! Cada palavra — um sino, cada imagem — uma lâmpada a luzir.

— Mãos ao alto... Amo-te... Se ela cair na armadilha... — E, todavia, quem eram eles, que estavam eles dizendo? E agora, por qualquer estranho motivo, estavam conversando sobre aritmética. Sessenta e seis jardas de linóleo, a três xelins e onze *pence* a jarda. E a mulher que empunhava o revólver resultou tornar-se, subitamente, miss Cosmas. Já não havia nenhum Voltaire, nenhum camelo dourado. Somente o quadro-negro. Miss Cosmas sempre tivera raiva dela por ser tão fraca em matemática, sempre fora odiosa e injusta. “A três xelins e onze *pence*.” Mas o número da casa de mme. Bonifay era onze e Helena achou-se mais uma vez caminhando ao longo da rua de la Tombe-Issoire, sentindo-se, a cada passo, cada vez mais apreensiva. Caminhando cada vez mais devagar, na esperança de nunca chegar lá. As casas, porém, precipitavam-se em direção a ela, como as paredes das escadas móveis do subterrâneo. Vinham céleres para ela e depois, quando o número onze chegava bem em frente, paravam de chofre e sem ruído. “Mme. Bonifay, *Sage-Femme de 1^{ère} Classe*”. Ela ficou a olhar para as palavras, tal qual estivera olhando em realidade dois dias antes; depois, foi continuando seu caminho, justamente como tinha continuado seu caminho então. Mais um minuto só — insistia ela consigo mesma — até poder vencer seu nervosismo, até que se sentisse menos mal. Subiu a rua de novo e achou-se em um jardim com sua avó e Hugh Ledwidge. Era um jardim murado, tendo a uma das extremidades um bosque de pinheiros. E desse bosque saiu um homem correndo, um homem que tinha na cara uma horrível moléstia de pele. Pústulas, escaras e crostas vermelhas. Pavoroso! Sua avó, porém, limitou-se a dizer: — Deus cuspiu-lhe na cara; — e todos riram-se. Mas, continuando a andar, viu que no meio do bosque havia uma cama; e

imediatamente, sem saber como, era ela que estava deitada nessa cama, olhando para outro grupo de pessoas em outro espetáculo, talvez no mesmo espetáculo. Iluminadas pelas luzes da ribalta, com vozes que soavam como sinos em seus ouvidos; mas incompreensíveis, irreconhecíveis. E ali estava Gerry, sentado à beira da cama, beijando-a, afagando-lhe os ombros, os seios. — Não faça isso, Gerry! Toda essa gente que aí está pode nos ver. Não faça isso, Gerry! — Mas quando tentou empurrá-lo, notou que ele era como um bloco de granito, inabalável; e durante todo o tempo desprendiam-se das mãos e lábios dele leves mariposas que produziam sob a pele dela um prazer fugaz que a agitava toda; e a vergonha, o horror de ser vista por toda aquela gente produzia-lhe ao mesmo tempo uma angústia física toda especial — a sensação de um bicho a agitá-la internamente, um bicho-de-pé mais fino e que já não era uma mariposa, mas uma barata imensa, revoltante ao tato, mas revoltantemente deliciosa. — Não faça isso, Gerry, não faça! — E, de repente, lembrou-se de tudo — daquela noite depois que o gatinho tinha morrido, e de todas as outras noites e, depois, dos primeiros sintomas, da ansiedade crescente, e do dia em que telefonara para ele e obtivera como resposta que ele tinha partido para o Canadá, e finalmente do dinheiro, e daquela noite em que sua mãe... — Odeio-o! — gritou; mas quando, com um último e violento esforço, conseguiu arredá-lo, sentiu como que uma punhalada tão dolorosa, que esqueceu por um momento o seu delírio e se viu inteiramente à mercê da realidade física imediata. Lentamente, a dor foi desaparecendo; o outro-mundo da febre fechou-se de novo sobre ela. E já não era mais Gerry; agora era mme. Bonifay. Mme. Bonifay com aquela coisa na mão. *Je vous ferai un peu mal.* E já não era a cama no bosque de pinheiros, mas o canapé na sala de mme. Bonifay. Cerrava os dentes, tal qual os tinha cerrado naquela ocasião. Com a diferença que, desta vez, a coisa era pior, pois sabia o que ia acontecer. E sob a luz dos refletores, aquela gente ainda estava ali, representando seu drama. E ali deitada no canapé, ela, ela também, era parte do drama, representava o seu papel do lado de fora; e, por fim, já não era ela própria, mas outra, alguém em traje de banho e com uns seios enormes, como os de lady Knipe. E que se havia de fazer para impedir que os seus seios chegassem a ficar assim? Era essa possibilidade que os atores, com uma voz

vibrante como o som de um sino, mas incompreensível, estavam discutindo, em seu pesadelo. A possibilidade de Helena com uns seios enormes, de Helena com espessos rolos de gordura em volta das ancas, de Helena com rugas nas coxas, de Helena com fileiras e fileiras de filhos — a berrarem durante todo o tempo; e ainda aquele cheiro repugnante de leite azedo; e as suas camisetas bordadas. E aqui, de repente, surgia Joyce empurrando o carrinho pelas ruas de Aldershot. Retirando o bebê. Dando-lhe de comer. Em parte horrorizada, em parte fascinada, ela o contemplava, assim grudado, assim mamando. Comprimindo-se contra o seio, aquela carinha de rã tinha uma expressão acentuada de gula, que gradualmente se ia atenuando à medida que o estômago se enchia, até transformar-se numa expressão de sono, de êxtase imbecil. Mas as mãos — estas eram perfeitamente humanas, estas eram verdadeiras maravilhas, verdadeiros milagres da mais delicada elegância. Lindas, superfinas mãozinhas; irresistíveis mãozinhas! Tomou o bebê das mãos de Joyce, apertou-o muito contra o corpo, baixou a cabeça para poder beijar aqueles dedinhos adoráveis. Mas eis que a coisa que ela segurava em seus braços era o gatinho moribundo, eram aqueles rins que ela roubara do açougue, era aquela coisa horrível que ela, abrindo os olhos, vira mme. Bonifay apanhar com indiferença e levar para a cozinha dentro de uma bacia de folha.

O cirurgião fora chamado a tempo e Helena estava agora fora de todo perigo. Mais animada, mme. Bonifay havia reassumido o bom-humor maternal e rabelaisiano que lhe era natural.

Era quase com uma expressão de pouco caso que ela agora falava da operação que salvara a vida de Helena. “*Ton petit curetage*”, costumava ela dizer com uma espécie de brejeirice jovial, como se estivesse aludindo a algum prazer ilícito. Para Helena, cada tom dessa voz gorda e alegre era mais um insulto, mais uma humilhação. A febre cessara; a fraqueza em que estava não lhe tolhia a lucidez; voltava a habitar o mundo real. Virando a cabeça, pôde ver-se refletida no espelho do guarda-roupa. E foi com certa satisfação que viu como estava magra, como estava pálida, como tinha por baixo dos olhos aquelas sombras azuladas e transparentes e como os olhos mesmos tinham perdido o brilho e a

vivacidade. Bem que poderia agora empoar-se, pintar um pouco os olhos, carminar as faces, pentear-se, dar de novo ao cabelo o seu frescor e brilho; mas, perversamente, preferiu ficar assim, despenteada e em sua palidez doentia. “Como o gatinho”, não cessava de pensar. Reduzida a um mulambo imundo de carne mole, transformada, de uma criatura cheia de vida, em qualquer coisa de repelente, naqueles rins, ou naquela coisa sem nome que mme. Bonifay... Sentiu um arrepio. E agora este *ton petit curetage* — no mesmo tom em que *ton petit amoureux*. Era horrível, a última das humilhações. Sentiu-se enojada daquela mulher bestial, mas, ao mesmo tempo, satisfeita de que ela fosse tão hedionda. Aquela vulgaridade grosseira e expansiva era de certo modo adequada, estava de certo modo de acordo com tudo o mais. Mas tão depressa mme. Bonifay tinha deixado a sala, já ela se punha a chorar em silêncio, na dor que lhe causava a pena de si mesma.

Voltando sem ser esperada, mme. Bonifay encontrou-a, nessa segunda manhã depois do *petit curetage*, com as lágrimas a lhe correrem em fios pelas faces. Sinceramente compadecida, procurou consolá-la. Mas o consolo cheirava, como de costume, a cebola. Fisicamente enojada, como também irritada com essa intrusão na intimidade de seu sofrimento, Helena voltou-se para o lado e, quando mme. Bonifay lhe quis impor o seu consolo, sacudiu a cabeça e disse-lhe que se fosse embora. Mme. Bonifay hesitou um instante, depois obedeceu, mas com um insulto de despedida em forma de uma observação sugestiva concernente à carta que trouxera e que colocou sobre o travesseiro de Helena. Dele, sem a menor dúvida. Um bom coração, apesar de tudo...

A carta era, afinal, de Hugh. “Uma estação de férias em Paris!” — escrevia ele. “Da minha pequena e sombria toca, do meio das minhas quinquilharias, que inveja eu tenho de você, Helena! Paris, em pleno verão. Belo em sua alegria, como jamais poderá ser aqui este lugar de distâncias brumosas. Londres é sempre tristonha, ainda mesmo nos dias de sol. A gente aqui vive a suspirar pelas claras e inequívocas rutilâncias do verão de Paris. Como eu quisera estar aí! Primeiro de tudo, por egoísmo, pelo prazer de estar com você e fora de Londres e do Museu. E, depois, por altruísmo, por amor de você — porque me inquieta a ideia de você estar sozinha em Paris. Teoricamente, raciocinando, bem sei que

provavelmente nada lhe pode acontecer. Mas mesmo assim, mesmo assim — eu gostaria de estar aí, protetor, mas invisível, de tal modo que você não se desse conta de minha presença, nunca sentisse minha dedicação como uma importunidade, mas sentisse sempre a confiança decorrente do fato de estar acompanhada. Não que eu fosse, pobre de mim, um bom arrimo numa abertura. (Como tenho, às vezes, ódio de mim mesmo por causa desta minha incapacidade!) Mas, melhor assim, talvez, do que você estar sozinha. E nunca haveria eu de ser imprudente, importuno, intrometido. Seria como se não existisse; exceto quando você precisasse de mim. Minha recompensa estaria justamente em me achar a seu lado, em vê-la e ouvi-la — a recompensa de quem sai de um meio poeirento e entra num jardim e contempla as árvores em flor e escuta o rumorejar das fontes.

“Uma coisa que eu nunca lhe disse (receava que você se pusesse a rir — e talvez esteja rindo; não faz mal; porque, afinal, é seu esse riso), mas a verdade é que eu fico, às vezes, a embalar-me com histórias em que estou sempre com você, como lhe disse que quisera estar com você agora em Paris. Velando por você, guardando-a de todo o mal e, em troca, sendo reconfortado pelo encanto, pelo calor, pelo deslumbramento que emana de você, que emana de sua refulgente pureza...”

Indignada, como se a ironia ali contida tivesse sido intencional, Helena atirou para o lado a carta. Mas, uma hora mais tarde, tinha tornado a apanhá-la e estava relendo-a desde o começo. Afinal de contas, era um consolo saber que havia alguém que se interessava por ela.

CAPÍTULO XL

11 de setembro de 1934

COM MILLER, PARA VER UMA EXIBIÇÃO de filmes científicos. Desenvolvimento do ouriço do mar. Fecundação, divisão de célula, crescimento. Uma repetição desse quase pesadelo do ano passado, dessa visão de uma força vital ultrabergsoniana, desse remoto Deus das Trevas, muito mais trevoso, mais estranho e mais violento do que qualquer que imaginasse Lawrence. Matéria-prima que, no seu próprio plano inumano, já é um produto perfeitamente acabado. Seguiu-se um filme sobre minhocas. Uma semana de amor, amor hermafrodita, verme a verme, dentro de um tubo contendo iodo. Depois, um filme de beleza incrível, historiando toda a vida de uma varejeira. Os ovos. Os bichos sobre um pedaço de carne deteriorada. Brancos de neve, como um rebanho num prado. Afastando-se, céleres, da luz. Depois, passados cinco dias de crescimento, descendo à terra, entocando-se nela, fabricando um casulo. Ao cabo de mais doze dias, a mosca emerge. Fantástico processo de ressurreição! Na cabeça, um árgão fica túmido como um balão. Inflando-se tanto, que, de tão grande, as paredes do casulo se fendem. A mosca desprende-se, desvencilha-se. Agora, positivamente, em vez de negativamente, fototrópica, como era quando ainda era um verme. (Um milagre secundário e incidente.) Abrindo agora caminho para cima, para a luz. À superfície, vemo-la enchendo de ar seu corpo mole e úmido, estirando e alisando as asas enrugadas, por meio do sangue que injeta nas veias. Espantoso e tocante espetáculo.

Formulo a Miller esta pergunta: Qual será a influência da vulgarização de conhecimentos tais como este? Conhecimento de um mundo incomparavelmente mais improvável e mais belo do que as coisas imaginadas

por qualquer criador de mitos. Um mundo, há apenas alguns anos, completamente desconhecido de todos, com exceção de um punhado de pessoas. Quais os efeitos de sua descoberta geral por todos? Miller riu. Tais efeitos serão exatamente tantos ou tão poucos quanto queiram que eles sejam. Aqueles que preferem pensar no sexo e no dinheiro continuarão a pensar no sexo e no dinheiro. Por mais alto que os cinemas proclamem a glória de Deus. Persistência da noção ingênua de que é inevitavelmente e automaticamente bom atender cada qual a circunstâncias propícias. Ainda uma vez, matéria-prima a ser elaborada. Continua-se a crer no progresso automático, porque se quer alimentar essa insensatez: consola tanto. Consola, porque lança sobre outra pessoa ou coisa, que não nós mesmos, a responsabilidade inteira de tudo aquilo que fizemos ou deixamos de fazer.

CAPÍTULO XLI

Dezembro de 1933

EM COLÓN, DE CARRO, ELES IAM seguindo, à noitinha, ao longo de uma esplanada. O mar, esbranquiçado como um vasto olho de peixe, calmo e parado, parecia morto. Contra um pôr do sol de cartão-postal, as palmeiras exageradamente altas e esguias eram os emblemas de um desânimo resignado. Nas narinas, o ar quente era como o calor sentido ao contato da lã. Eles nadaram um pouco no tépido olho de peixe e voltaram depois, já noite fechada, para a cidade.

Para os ricos havia, após o jantar, sessões de cabaré com bebidas caras e prostitutas genuinamente brancas por dez dólares. Para os pobres, nos becos, as mulatas sentadas às portas que abriam diretamente para os quartos de dormir, sempre iluminados.

— Quem quisesse ser realmente consciencioso — disse Anthony nessa noite, ao voltarem, a pé, já tarde, para o hotel — suponho que deveria ir infectar-se de sífilis.

O cheiro de suor, o cheiro de álcool, o cheiro de esgoto, de depravação, de perfumes baratos; depois, na manhã seguinte, o Canal, as grandes represas, o navio subindo para sair de um oceano e descendo para entrar no outro, empresa super-humana, que tornou possível — explicava Mark, sorrindo anatomicamente — transportar por água em vez de por terra meretrizes e uísque de Colón para Panamá.

O navio seguia para o norte. Uma vez de dois em dois dias, parava num pequeno porto para receber carga. Do meio das bananas, em San José, uma aranha do tamanho de um punho e revestida de uma penugem lanosa conseguiu

entrar na cabina deles. Na altura de Champerico, onde as barcas vinham carregadas de café, um índio caiu no mar e afogou-se.

De noite, não era o navio, mas as estrelas, que pareciam mover-se. Subiam lentamente, em linha oblíqua, pairavam no mais alto de sua trajetória, depois vinham descendo, numa viagem de ensaio, ora tomando à direita, ora voltando à esquerda e finalmente, recomeçando a marcha, subiam mais uma vez em direção ao zênite.

— Estonteante — sentenciou Anthony — mas belo.

Um progresso na vulgar mecânica celeste. Podia-se ficar ali deitado e contemplá-las indefinidamente.

Havia uma nota de feroz satisfação na voz de Staithes, quando ele observou que dentro de dois dias estariam em Puerto San Felipe. Puerto San Felipe era uma aldeia de cabanas, com alguns barracões de madeira próximos à água, para a armazenagem do café. O agente de Don Jorge ajudou-os a retirar da alfândega as suas bagagens. Um puro espanhol, já meio morto de doenças tropicais, mas ainda de uma cortesia requintada. — Minha casa é sua — afirmava-lhes, ao subirem a íngreme ladeira que conduzia ao seu bangalô — minha casa é sua.

Da varanda pendiam orquídeas e, no meio destas, gaiolas cheias de verdes papagaios que gritavam incessantemente.

Uma mulher macilenta, precocemente velha e cansada, de um cansaço irremediável que ultrapassava o limite de sua resistência, vinha saindo da casa, arrastando os pés, para dar-lhes as boas-vindas, para desculpar-se de antemão de sua pobre hospitalidade. Puerto San Felipe era um lugar pequeno, carecia de recursos; e, além disso, explicava ela, a filha não estava passando bem, não estava nada boa. Mark perguntou o que tinha a filha. Ela olhou-o com uns olhos que a fadiga tornara inexpressivos e respondeu vagamente que era febre; febre e uma dor na cabeça.

Entraram com ela na casa e viram, num catre, uma pequenita aflita, virando sem cessar a cabeça de um lado para o outro, como em busca, mas sempre em vão, de um lugar fresco onde repousar a face, de alguma posição em que pudesse encontrar refrigério à sua dor. O quarto estava cheio de moscas e vinha da cozinha um cheiro de peixe frito. Olhando para a criança, Anthony pôs-se

subitamente a lembrar-se de Helena, naquele dia, sobre o terraço — Helena voltando, sem cessar, a cabeça, na tortura do prazer.

— Suponho que deve ser mastoidite — dizia Mark. — Ou, talvez, meningite.

Enquanto ele falava, a menina ergueu de sob o lençol uns bracinhos finos e, agarrando a cabeça entre as mãos, começou a rolar com mais violência ainda de um lado para o outro, até que afinal rompeu a gritar, num paroxismo.

Como repercussão imediata, o barulho dos papagaios na varanda ia também crescendo, a cada grito que ouviam, até a um máximo de intensidade ensurdecedor.

— Sossega, sossega — não deixava a mãe de repetir, no começo com meiguice, depois com uma insistência crescente, suplicando, exortando, ordenando à criança que parasse de gritar, que sentisse menos dor. Mas os gritos continuavam, a cabeça não deixava de rolar para um e outro lado.

Torturada pelo prazer, torturada pela dor. À mercê da pele e do muco, à mercê daqueles tênues fios nervosos.

— Sossega, sossega — repetia a mulher, quase zangada. Debruçou-se sobre o leito e, à viva força, abaixou os braços erguidos da menina; depois, segurando os dois magros punhos numa das mãos, pôs a outra sobre a cabeça, esforçando-se por mantê-la imóvel sobre os travesseiros. Sempre gritando, a pequerrucha lutava sob a coerção. A mão ossuda da mulher apertava os punhozinhos, fazia-se mais pesada sobre a testa. Se ela pudesse conter à força a manifestação da dor, talvez que a própria dor cessasse, talvez que a criança parasse de gritar, se sentasse talvez na cama, sorrindo, ficasse, de novo, boa.

— Sossega, sossega — ordenava ela, de dentes cerrados.

Com um esforço violento, a criança conseguiu soltar os braços daqueles dedos que os prendiam como garras; mais uma vez, as mãos voltaram para a cabeça. Antes que a mulher pudesse agarrá-las e puxá-las de novo, Mark tocou-a no braço. Ela virou-se e mirou-o.

— É melhor deixá-la — disse ele.

Obediente, ela ergueu o busto e dirigiu-se para a porta que dava para a varanda. Eles seguiram-na. Nada havia que eles pudessem fazer.

Mi casa es suya.

Graças a Deus, não era. Os gritos da criança tinham diminuído; mas o cheiro de peixe frito, os papagaios entre as orquídeas... Saíram novamente para o sol abrasador. Os *mozos* já lhes tinham posto a bagagem sobre as mulas de carga e os animais de montaria estavam à sombra de uma árvore, prontos e arreados. Armaram-se de enormes esporas e montaram.

A estrada ia serpeando à medida que subia e se afastava da costa, através de um matagal que a seca tornara de um róseo prateado e pardacento. Empinado sobre sua sela de encosto alto, Mark lia o *Timon de Atenas* na sua edição portátil das Tragédias. De cada vez que virava uma página, metia as esporas na mula; e durante algumas jardas esta subia um pouco mais depressa, para em seguida voltar ao lento passo primitivo.

No hotel de Tapatlan, onde passaram a noite, Anthony, pela primeira vez em sua vida, foi picado por percevejos; e na manhã seguinte, era um ataque de disenteria... No quarto dia, já estava em condições de sair para ver as belezas locais. O último terremoto havia quase arrasado a igreja. Uma densa e negra frutificação de morcegos pendia das traves, como ameixas maduras; um pequeno índio, esfarrapado e descalço, varria o chão, limpando-o dos pingos que caíam; dos altares, os santos em estilo barroco debatiam-se e gesticulavam, num gélido paroxismo de devoção. Deixaram a igreja e se dirigiram para a praça do mercado, onde, ocultas e como emboscadas dentro de seus xales escuros, as índias trigueiras se acocoravam em meio à poeira e diante de seus pequenos montes de frutas e dos legumes que murchavam. A carne no balcão do açougue estava coberta de uma crosta de moscas. Balançando as longas orelhas num movimento ritmado, os burros passavam, envoltos em pó, batendo os pequenos cascos ligeiros, sem ruído. As mulheres iam e vinham em silêncio, carregando, sobre as cabeças, água em latas de querosene. De sob as abas dos chapéus, olhos negros olhavam os forasteiros com um brilho imperscrutável de olhos de réptil e parecendo vazios de toda curiosidade, de todo interesse, até mesmo da percepção de que eles se achavam presentes.

— Estou cansado — anunciou Anthony. Não tinham caminhado muito; mas, em Tapatlan, o próprio fato de viver e ter consciência era imensamente

fatigante. — Quando eu morrer — continuou depois de um silêncio — é esta a parte do inferno para onde eu serei mandado. Reconheço-a à primeira vista.

O bar do hotel estava instalado numa sala escura que lembrava uma cripta, com um teto em forma de abóbada, sustentado ao centro por uma pilastra de cantaria, cuja grossura em desproporção com a altura se explicava como um meio de resistir aos abalos sísmicos. “O ossuário saxônio”, foi como lhe chamou Mark; e ali, enquanto foi ao quarto buscar um lenço, deixou Anthony sentado numa cadeira de palha.

Debruçado sobre o balcão, um jovem mexicano elegantemente vestido, com calças de montaria e um enorme chapéu de feltro, jactava-se, conversando com a proprietária do bar, dos jacarés que matara a tiro nos pântanos à foz do Coppalita, da energia com que tratara os índios que tinham vindo roubar o café de sua fazenda, do dinheiro que contava ganhar quando vendesse sua safra.

Um pouquinho tocado, considerava Anthony, escutando e observando de sua cadeira; e quando estava gozando a cena, eis que o rapaz se voltou para ele e, fazendo uma mesura com a grave formalidade de quem está tão ébrio que sente a necessidade de tudo fazer com uma deliberação consciente, perguntou se o *caballero* estrangeiro queria tomar um copo de tequila com ele.

A fadiga havia tornado o espanhol de Anthony mais estropiado que de costume. Seus esforços para explicar que não estava passando bem, que ficaria ainda pior se bebesse álcool, atiraram-no logo num mundo de incoerências. O rapaz escutava, fixando nele, durante todo o tempo, uns olhos negros, brilhantes como os dos índios, mas, ao contrário destes, inteligentes — olhos europeus, nos quais era possível ler um interesse intenso e apaixonado, uma atenção concentrada. Anthony continuava titubeante, quando de repente aqueles olhos assumiram um brilho novo e perigoso; a cara bonita contraiu-se numa expressão de cólera, as falanges das mãos fortes e rapaces embranqueceram sob a violência dos punhos cerrados. O jovem avançou, ameaçador.

— *Usted me desprecia!* — vociferou.

Seu movimento, a violência do tom em que falou lançaram Anthony numa espécie de terror pânico. Erguendo-se a custo, defendendo-se por trás da cadeira, começou a explicar, numa voz que ele queria tornar calma e conciliante,

mas que, a despeito de todos os seus esforços por mantê-la grave e firme, tremia, ofegava e desafinava, começou a explicar que não tinha tido a menor ideia de desprezar ninguém, que se tratava apenas de... — procurou lembrar-se da explicação médica e não pôde achar nada melhor do que “uma dor no estômago” — que se tratava apenas de *un dolor en mi estómago*.

Por uma razão qualquer, a palavra *estómago* pareceu ao jovem o último, o mais grave dos insultos. Berrou qualquer coisa de incompreensível, mas que era uma ofensa evidente; levou a mão ao bolso traseiro da calça e, enquanto a dona do bar gritava por socorro, foi avançando de novo, de revólver em punho.

— Não atire, não atire! — gritava Anthony, sem saber o que estava dizendo; depois, com agilidade extraordinária, saltou do canto em que estava, para buscar abrigo atrás da pilastra maciça no centro da sala.

Durante um segundo ele deixou de ver o rapaz. Mas, se o maldito estivesse se aproximando na ponta dos pés? Anthony imaginou o revólver contornando subitamente a pilastra e assestado contra seu rosto; ou senão, vindo de trás — e ele a sentir a boca do cano colada às suas costas, a ouvir a explosão apavorante, e depois... Viu-se inteiramente tomado de um medo tão intenso, que se assemelhava à mais cruciante das dores físicas; seu coração batia com mais violência do que nunca e ele sentia como se fosse ter uma vertigem. Vencendo o terror por um terror maior ainda, esticou o pescoço para a esquerda. O rapaz estava apenas a duas jardas de distância, olhando ferozmente e fixamente para a pilastra. Anthony viu-o fazer um movimento brusco e, gritando, desesperado, por socorro, virou-se para a direita, tornou a espiar e pulou novamente para a esquerda; em seguida, mais uma vez para a direita.

“Não posso continuar assim”, estava pensando. “Não aguento esta situação por muito tempo.” — A ideia daquela pistola dando inesperadamente a volta à pilastra forçou-o a espreitar de novo.

O rapaz fez um movimento e ei-lo, já, precipitando-se para a esquerda.

O estampido produzido pelo tiro, eis o que mais o apavorava. O barulho horrível, súbito e aniquilante, tal qual o barulho daquela outra explosão, havia anos. Suas pálpebras se haviam retesado e tremiam irreprimivelmente, prontas a fechar-se na antecipação do horrível acontecimento. As pestanas vibravam-lhe

diante dos olhos, e foi através de uma espécie de névoa que, espiando a furto, ele viu a porta abrir-se e Mark atravessar ligeiro a sala, Mark segurar o jovem pelo punho... A pistola disparou; repercutindo nas paredes e no teto, o estrondo adquiriu urna intensidade catastrófica. Anthony soltou um grande grito, como se tivesse sido ferido e, fechando os olhos, abraçou-se à pilastra. Tendo consciência apenas de uma sensação de náusea, daquela dor nos órgãos genitais, daquelas picadas nos intestinos, esperava, reduzido a simples e trêmula corporificação de uma antecipação medrosa, que a arma deflagrasse mais uma vez. E a espera parecia durar horas. Vozes surdas e confusas parlamentavam numa linguagem incompreensível. Depois, uma leve pancada em seu ombro fê-lo estremecer. Gritou: — Não, não faça isso — e, erguendo as pálpebras, que ainda vibravam no desejo de se fecharem, viu Mark Staithes, exibindo em cada músculo da face um sorriso de amigo, mas de amigo que se divertia.

— Já está tudo resolvido — disse. — Pode vir daí.

Sentindo-se profundamente envergonhado e humilhado, Anthony acompanhou-o. O jovem mexicano já estava ao balcão, bebendo novamente. Quando eles se aproximaram, ele voltou-se e, estendendo os braços, veio-lhes ao encontro. — *Hombre* — disse a Anthony, sacudindo-lhe afetuosamente a mão — *hombre!*

Não podia ser mais deprimente a humilhação que Anthony então sentiu.

CAPÍTULO XLII

15 de setembro de 1934

DURANTE ESTES ÚLTIMOS DIAS ESTIVE COMPONDO uma meditação em torno de uma frase de William Penn. “A força pode subjugar, mas o amor é que vence; e aquele que primeiro perdoa é quem ganha o laurel.”

“A força pode subjugar.” Imagino os homens fazendo uso da força. Primeiro, corpo a corpo. Com punhos, facas, porretes, chicotes. Estigmas, vermelhos ou lívidos, sobre a carne. Lacerações, contusões, o osso quebrado rasgando a pele, rostos horrivelmente inchados e a sangrar. Procuro, depois, imaginar, em meu próprio corpo, a dor de um dedo esmagado, de cacetadas ou chicotadas na cara, o cautério do ferro em brasa. Todas as brutalidades e torturas de curto alcance. Depois, o emprego da força a distância. Balas de canhão, altamente explosivas, gases, asfixiantes ou incandescentes, fogo.

A força, finalmente, em forma de coerção econômica. Crianças morrendo de fome, barrigudas e com os braços e as pernas que nem varetas. Mulheres envelhecidas aos trinta anos. E aqueles cadáveres vivos, que estacionam silenciosos nas esquinas das ruas de Durham ou da Gales do Sul, que se arrastam silenciosos pela lama.

Sim, a força pode subjugar. Subjugar pela morte, subjugar por ferimentos, subjugar pela fome e pelo terror. O espetáculo das fisionomias apavoradas, dos repugnantes gestos de servilismo. O gerente, sentado à sua secretária, fanfarrão. O empregado, aviltando-se sob a ameaça de demissão. A força — o ato de negar violentamente a unidade final e definitiva do homem com o homem,

“A força pode subjugar, mas o amor é que vence.” Recapitulo a história do próprio Penn entre os Peles-Vermelhas. Recordo como Miller costumava

aplacar a hostilidade desconfiada dos índios nos aldeamentos das montanhas. Lembro-me de Pennell na Fronteira Noroeste; dos Quakers durante a fome russa; de Elizabeth Fry e Damien.

Em seguida, considero as traduções do amor em termos de política. Campbell-Bannerman insistindo para que se fizesse uma reparação na África do Sul — isso, diante e apesar dos protestos, das profecias à Cassandra de certos “homens bem-equilibrados e práticos” como Arthur Balfour. O amor vence até mesmo na forma canhestra e imprópria de uma boa constituição política. “Aquele que primeiro perdoa é quem ganha o laurel.” Na África do Sul, os ingleses perdoaram àqueles a quem tinham feito mal — o que, aliás, é menos difícil do que perdoarmos àqueles que nos fizeram mal — e assim conquistaram um prêmio que não poderiam ter ganhado por uma coerção continuada. Nenhum prêmio foi, até hoje, ganho desde a última guerra, porque nenhum dos combatentes perdoou ainda àqueles por quem foi ofendido, ou àqueles a quem ofendeu.

Convenientemente aplicado a qualquer situação, o amor vence sempre. É um fato que se verifica empiricamente. O amor é a melhor política. A melhor, não só para os que são amados, mas também para quem ama. Pois o amor é um potencial de energia. Produz os meios pelos quais pode ser realizada a sua política. Para continuar amando, o indivíduo necessita de paciência, coragem, persistência. Mas o processo mesmo de amar é que gera esses meios essenciais à continuação do amor. O amor vence porque, por amor do objeto amado, o sujeito amante é paciente e bravo.

E o que é esse objeto amado? A bondade e o potencial de bondade em todos os seres humanos — até mesmo naqueles mais a fundo empenhados em recusar a realização desse potencial de bondade em relação ao próprio sujeito amante. Se suficientemente grande, o amor pode banir o medo até dos inimigos mais ativos em sua malquerença.

Termino sustentando a ideia da bondade, perene, por assim dizer, diante dos olhos do meu espírito. A bondade, imanente em seu potencial, transcendente como ideal; concebível em sua perfeição, mas também suscetível de ser concebida na prática, de ser corporificada, ao menos parcialmente, em

qualquer situação em que nos encontremos. “A ideia da bondade” é uma expressão imprópria. Pois se trata, em realidade, de todo um sistema de ideias e sentimentos. E esse sistema que eu mantenho, perfeitamente uniforme, percebido simultaneamente em sua inteireza — mantendo-o sem palavras, sem imagens, numa concepção antidiscursiva, como uma entidade única, simples. Mantenho-o — para depois, e por fim, retirar-me de novo ao mundo das palavras, voltar afinal (mas retemperado, tornado mais consciente, refeito, por assim dizer) à vida ordinária.

17 de setembro de 1934

FUI CHAMADO POR HELENA A AJUDÁ-LA a distrair sua irmã e seu cunhado, que tinham vindo da Índia em gozo de licença. Tive de vestir casaca — pela primeira vez neste ano — pois Colin não podia conformar-se com a ideia de ser visto num teatro ou no Savoy Grill noutra traje que não o de rigor. Noite acabrunhadora. Joyce doentia, indisposta, impertinente no seu estado de gravidez. Colin furtivamente interessado em corpos mais bem torneados, mais viçosos. Ela, ciumenta e sempre a adverti-lo; ele, aborrecido de estar assim amarrado a ela e aos filhos, censurando-a pelo rigor do código imposto por ele mesmo e que não lhe permite ser o libertino que quisera ser. De quando em quando, uma explosão de mau humor, uma troca de palavras ásperas, cheias de rancor, numa crônica impaciência recíproca. Colin tinha, além desses, ainda outros motivos de queixa. Parecia-lhe que a Inglaterra não se mostrava bastante respeitosa para com o oficial e o *gentleman*. Os cocheiros eram impertinentes, as classes inferiores o acotovelavam nas ruas. “E chamam a isso um país de brancos.” (Isso, depois do segundo “gole” no bar do teatro, no intervalo.) “Pois não é, não. Em Poona é que eu quisera estar, a cada momento.”

Reflico que todos nós temos as nossas Poonas. Fugas da realidade desagradável. O perigo, como Miller está sempre a insistir, da meditação transformar-se nessa evasão. O quietismo pode ser mera indulgência consigo mesmo. Os carismas são como masturbações. Masturbações, todavia,

dignificadas, pelos místicos amadores que as praticam, com todos os mais santos nomes da religião e da filosofia. “A vida contemplativa.” Pode-se fazer dela uma espécie de sucedâneo intelectual de Marlene Dietrich: um assunto para meditações eróticas à hora do crepúsculo. A meditação — coisa valiosa, não como um prazer em si; mas apenas como meio de efetuar modificações desejáveis na personalidade e no modo de existência. Viver contemplativamente não é viver nas delícias de alguma voluptuosa e lisonjeira Poona; é viver em Londres, mas viver aí num estilo não londrino.

CAPÍTULO XLIII

20 e 21 de julho de 1914

O MOMENTO JUSTO, PROPÍCIO, DE DIZER a Brian a verdade — ou, em todo caso, tanto da verdade quanto lhe era útil conhecer — nunca parecia apresentar-se. Aquela primeira noite tinha sido eliminada de antemão — pois Anthony achou que devia valer-se de uma folga, uma vez que o pobre Brian aparentava estar tão doente e cansado. Durante a ceia e depois, Anthony deu sempre à conversa, o mais que pôde, um tom recreativo e impessoal. Falou das *Réflexions sur la violence*, de Sorel — leitura desagradável para os Fabianos! E tinha visto Brian com que eficiência o seu querido Bergson fora escalpelado por Julien Benda? E que pensava ele dos versos brancos de Lascelles Abercrombie? E do moderno Gilbert Cannan? Na manhã seguinte partiram em excursão aos Langdale Pikes. Ambos estavam destreinados; mas, não obstante sentir a respiração ofegante e o coração aos pulos, Brian continuava avançando sempre, com uma determinação espartana que Anthony começou por achar absurda e acabou por considerar exasperante. Quando chegaram à casa, já quase ao anoitecer, estavam ambos exaustos; mas Anthony, além de exausto, estava irritado. O descanso e uma refeição contribuíram para mudar-lhe a disposição de espírito, mas, ainda assim, ele continuava a achar impossível outra atitude perante Brian que não fosse a de um homem, perdoando, sim, mas conservando sua dignidade; e a dignidade era claro que não se coadunava como o fato de dizer essa verdade particular. Passaram o resto da noite em silêncio — Anthony lendo, o outro andando sem rumo e sem trégua pela sala, como à espera de uma ocasião para falar — ocasião que o ar de intensa preocupação em que Anthony se mantinha abrigava o propósito de não lhe fornecer.

Na manhã seguinte, logo ao acordar, ainda na cama, Anthony viu-se assaltado pelo pensamento de que o tempo estava correndo, não só para ele, mas também para Joan e Brian. A impaciência de Joan podia tornar-se mais forte do que a promessa que fizera, de não escrever a Brian; além disso, quanto mais ele adiasse a inevitável explicação a Brian, tanto pior seria o juízo de Brian a seu respeito.

Pretextando uma bolha no calcanhar que o impediria de acompanhá-lo, deixou que Brian saísse sozinho e, depois de se ter certificado, com a vista, de que ele galgava indômito e a largos passos a íngreme ladeira nos fundos do chalé, sentou-se para escrever sua carta a Joan. Ou melhor: para tentar escrevê-la; pois cada um dos esboços que ele rascunhava continha sempre um ou outro de dois erros, e cada um dos dois erros o expunha, conforme ele imaginava, a um perigo particular: o perigo de que, se ele insistisse muito na estima e afeição que o haviam levado a perder a cabeça naquela maldita noite, ela replicaria que tanta afeição e estima, somadas ao fato de perder a cabeça, significavam amor e, portanto, justificavam (já que o amor, ao que se supunha, justificava tudo) sua traição a Brian; e o perigo de que, se acentuasse com muito exclusivismo o fato de ter perdido a cabeça e a sua loucura momentânea, ela se sentiria insultada e se queixaria a Brian, à sra. Foxe, a seus parentes, gritaria, poria a boca no mundo contra ele como sendo um sujeito indigno, um sedutor e saiba Deus que mais. Depois de ter consumido três horas e uma dúzia de folhas de papel, pareceram-lhe baldados todos os seus esforços. Desistiu da empresa com ira e, no estado de exasperação em que estava, passou a escrever, de uma assentada, violenta e injuriosa carta a Mary. Mulher maldita! Era ela a responsável por tudo. “Maldade premeditada...” “Cínica exploração do meu amor por você...” “Tratando-me como se eu fosse um animal qualquer que você pudesse torturar para seu divertimento privado...” As frases escorriam-lhe da pena. “Este é o meu adeus”, concluía, e uma parte do seu espírito acreditava no que ele estava dramaticamente escrevendo. “Nunca mais quero vê-la. *Nunca.*” Mas a outra parte refletia que era sempre possível uma reconciliação; que ele lhe daria essa lição; que depois, talvez, se ela se portasse bem, se ele sentisse que afinal não poderia passar sem ela... Fechou a carta e logo depois seguiu às pressas para a

aldeia, a fim de pô-la no correio. Esse ato de decisão contribuiu para restituir-lhe o amor-próprio. De volta para casa, tomou a resolução, definitiva desta vez, de liquidar o caso com Brian nessa noite, e depois, orientado pela atitude que Brian então assumisse, tentaria novamente escrever a carta a Joan na manhã seguinte.

Brian voltou às seis horas, triunfante de ter caminhado mais e ter atingido mais cimos de montanhas do que jamais o fizera em sua vida, mas apresentando, apesar de todo o seu júbilo, um aspecto de completa exaustão. À vista daquele rosto que ele conhecia havia tanto tempo, daquele rosto agora tão tragicamente consumido e macilento sob a transfiguração do sorriso, Anthony sentiu repetirem-se com mais intensidade as emoções da primeira noite, a solicitude ansiosa para com o velho amigo, a angustiosa compaixão pelo sofrimento de um ser humano — e juntamente com tais emoções, o sentimento de culpa perante o amigo, de responsabilidade pelo seu semelhante. Uma confissão imediata talvez fosse um lenitivo à sua dor, poderia ter-lhe permitido, ao mesmo tempo, exprimir seus sentimentos; mas hesitava; calava-se; e dentro de alguns segundos, por um processo quase instantâneo de química psicológica, a simpatia e a solicitude se tinham combinado com o sentimento de culpa para formarem uma espécie de cólera. Sim, estava positivamente indignado com Brian por se mostrar tão cansado, por achar-se já em situação tão miseranda, por ir ficar num estado muito mais miserando ainda no momento em que lhe fosse revelada a verdade.

— Isso é loucura: cansar-se dessa maneira — disse, de um modo brusco, e conduziu-o para o interior da casa, a fim de que descansasse antes de comer.

Depois de comerem, foram para uma nesga de grama em meio ao terraço em frente do chalé e, estendendo um tapete, deitaram-se e ficaram a contemplar um céu a que um resto de crepúsculo dera, quando eles chegaram, uma coloração verde e que se foi tornando depois, e aos poucos, cada vez mais profundamente azul.

“Tinha chegado o momento irrevogável”, pensou Anthony com um certo aperto no coração; e durante um longo silêncio ia-se preparando para começar, ensaiando mentalmente o primeiro lance, a réplica e a tréplica; hesitando entre um pôr-as-cartas-na-mesa abrupto e precipitado e uma estratégia mais cautelosa,

com rodeios e negaças, que preparasse a vítima gradativamente para o choque final.

Antes, porém, que ele tivesse tomado alguma decisão sobre o melhor meio de confessar, já o outro entrava em campo diretamente, com a sua voz tartamuda. Também ele, evidentemente, estivera aguardando uma oportunidade de tranquilizar sua consciência, e Anthony, em vez de fazer de penitente, como fora sua intenção, viu-se (para sossego de uma parte do seu espírito, para horror e constrangimento do habitante de uma camada mais profunda da consciência), Anthony viu-se subitamente solicitado a desempenhar o papel de confessor e diretor de consciência; solicitado a escutar desde o começo toda a história que Joan já lhe tinha contado — aquela história que, ilustrada com Santas Mônicas e reações uterinas, ele transmitira com tanta satisfação a Mary Amberley. Teve que ouvir como o amigo achava humilhante, dolorosa a incapacidade, em que se via, de dominar o próprio corpo, de banir todos os baixos desejos, indignos do amor que sentia por Joan. Ou talvez — Brian atenuara, citando o grande vulcão que atira a terra em fogo para o céu, de Meredith — talvez não indignos quando as circunstâncias lhes houvessem permitido ocupar o lugar que lhes cabia no todo complexo de um casamento perfeito; mas indignos no momento em que ainda não lhes era possível encontrar sua expressão legítima; indignos enquanto podiam desafiar a autoridade do espírito consciente. — T-tive que f-fugir — explicava ele — t-tive que dar ao c-c-corpo o refúgio seguro d-d-da distância. P-porque não me sentia em c-condições de c-c-c...; — a palavra “controlar” não queria sair; teve que contentar-se com outra menos expressiva; — de dirigir minha vontade. A gente sente vergonha de tanta fraqueza — continuava.

E Anthony, aí, fez um gesto concordando. A fraqueza de tomar a resolução de beijar, e fraqueza não menor quando chegou a ocasião de interromper uma experiência momentaneamente agradável — se bem que aí tivesse havido qualquer coisa mais do que fraqueza, algo de positivo, perversão orgíaca num ato sabidamente estúpido, perigoso e incorreto.

— Mas, quando a gente s-sabe que não p-pode dominá-la — ia dizendo Brian — s-suponho que a melhor coisa a f-fazer é f-fugir. Melhor do que d-deixar que ela nos c-crie dificuldades ev-evitáveis.

— Sim, estou de acordo — disse Anthony, ao mesmo tempo que se perguntava por que não tinha cedido àquele ímpeto que tivera, de voltar para Londres quando o trem parasse em Kendal.

— E não s-só a nós, m-mas aos outros. D-d-dificuldades aos outros também. — Seguiu-se um longo silêncio. Depois, devagar e com esforço, ele passou a explicar que, em Joan, o que havia de belo, de esplêndido, era a sua naturalidade. Tinha a força das coisas naturais e espontâneas; era ardente como a natureza, e generosa e profundamente inocente. Tinha as qualidades de uma paisagem estival, de uma árvore em flor, de uma ave aquática luzidia, de olhos vivos, voando rápida entre os juncos. Era essa naturalidade que ele especialmente tinha amado nela, porque era como um reverso de medalha que vinha completar a escrupulosidade e o intelectualismo de seu espírito. Era, entretanto, essa mesma naturalidade que havia tornado quase impossível a Joan o compreender por que ele achava tão perigosa sua presença e sentira a necessidade de se afastar dela. Ela tinha se sentido magoada com esse recuo, tinha pensado que ele não a amava; quando a verdade era...

“A verdade era”, dizia consigo Anthony, encontrando no sarcasmo cínico de seus pensamentos uma espécie de consolo, uma renovação do seu sentimento de superioridade, “a verdade era que ela estava sedenta de beijos, que à primeira carícia dele todo seu corpo se tornara um vibrante, um palpitante protesto contra a continência que lhe fora imposta.”

— A v-verdade — dizia penosamente Brian — é que eu a amo m-mais do que nunca. N-não há p-palavras que digam qu-qu-quanto a amo. — Calou-se, de novo, um instante. De-pois voltando os olhos para Anthony, perguntou: — Que devo eu f-fazer?

Ainda em seu cínico estado de espírito, Anthony registrou, com a brutalidade de sua resposta muda, mais um particular triunfo — tão efêmero, contudo, quanto era fácil; pois ao seu primeiro pensamento sucedeu quase instantaneamente a percepção inquietante de que se achava diante de um dilema; ou dizer a Brian o que acontecera entre ele e Joan; ou dar à pergunta do amigo uma resposta anódina que não o comprometesse e deixar para mais tarde a revelação da verdade. Por omissão, a resposta anódina seria uma mentira

monstruosa; e quando afinal ele viesse a dizer a verdade, essa e todas as outras mentiras implícitas em mais de dois dias de silêncio ou de tagarelice vazia seriam inevitavelmente lembradas contra ele. Mas dizer a verdade imediatamente, nesta particular conjuntura, seria especialmente doloroso; e doloroso — prosseguia ele em seu raciocínio — não somente para ele próprio, mas também, e acima de tudo, para Brian. Depois do que Brian estivera dizendo nessa noite, fazer de chofre e estouvadamente uma exposição clara do que tinha acontecido seria uma verdadeira crueldade e premeditada afronta.

— Qu-que devo f-fazer? — insistia Brian.

— Eu acho — respondeu Anthony mansamente — eu acho que você deve procurar conformar-se com a realidade.

Tinha chegado a uma decisão — ou antes, como achou melhor considerar a coisa quando, mais tarde, sozinho em seu quarto, se pôs a pensar nas ocorrências da noite, a decisão se impusera por si mesma. Numa retrospectiva de quanto acontecera, sentia que nada tivera que ver com o caso.

CAPÍTULO XLIV

21 de setembro de 1934

NOTAS, POR SANTA TERESA. “OLHEMOS PARA as nossas próprias faltas e não para as alheias. Não devemos insistir em que todos nos sigam os passos, nem incumbir-nos de dar lições de espiritualidade, quando não sabemos talvez, sequer, o que isso seja. O zelo pelo bem das almas, ainda que seja uma graça de Deus, pode muitas vezes desviar-nos do bom caminho.” Ao que se deve acrescentar isto: “É uma grande graça de Deus praticar a autocrítica, mas aqui, nem muito nem tão pouco, como se diz; acreditai-me, com a ajuda de Deus faremos mais contemplando a divindade, do que tendo sempre o nosso olhar voltado para nós mesmos”. Deus pode existir ou não. Mas existe o fato empírico que a contemplação da divindade — da bondade na sua mais irrestrita forma — é um método de compreendermos essa bondade em nossa vida em grau inferior, e resulta, frequentemente, em sermos como que ajudados no sentido dessa compreensão da bondade, ajuda que emana de algum ser diferente do nosso ser ordinário e imensamente superior a ele. O Deus cristão e o espírito primeiro do budista são interpretações de experiências concretas, sendo o budista a racionalização de um estado mais distanciado do normal do que o cristão. Sem dúvida que, muitas vezes, os cristãos têm experimentado esse estado e encontrado grandes dificuldades em explicá-lo em termos ortodoxos. Ambas as concepções são legítimas — justamente como são legítimas tanto as vistas macroscópicas, como microscópicas da matéria. É com certa espécie de aparelho físico-mental que olhamos para o universo. Esse aparelho pode corresponder somente a certos estímulos. Dentro de limites relativamente estreitos é que ele é ajustável. A natureza dos fatos que cada um de nós percebe

como fatos dados e primários depende da natureza do instrumento individual e do ajustamento que lhe damos, quer em virtude de nossa educação, quer por escolha deliberada. Desses dados podemos tirar inferências. As quais podem ser lógicas ou ilógicas. Qualquer filosofia é intelectualmente legítima se 1) parte de fatos que, para o filósofo, constituem dados e se 2) a construção lógica baseada nesses fatos é perfeita. Mas uma filosofia intelectual legítima não é a mesma coisa que uma filosofia moralmente legítima. Podemos ajustar nosso instrumento deliberadamente, por um ato da vontade. Isso significa que podemos querer modificações nas experiências pessoais subjacentes à nossa filosofia, nos dados sobre os quais construímos nossa argumentação. Problema: construir pontes lógicas realmente sólidas entre fatos dados e inferências filosóficas. Quase insolúvel. Não há argumentos indestrutíveis a favor das principais teorias cosmológicas. Que devemos, então, fazer? Aplicar-nos, quanto possível, aos fatos empíricos — lembrando-nos sempre de que estes podem ser modificados por quem quer que se resolva a modificar o mecanismo da percepção. De sorte que uma pessoa possa ver, por exemplo, ou a insensatez e a torpeza irremediáveis, ou um potencial de bondade realizável — qualquer que ela queira; é uma questão de escolha.

CAPÍTULO XLV

14 de abril de 1928

UMA FELICIDADE INEXPRIMÍVEL — EIS O que a carta dela lhe devia ter proporcionado. Mas a fisionomia de Hugh — de Hugh andando para cima e para baixo na longa galeria da Coleção Etnográfica, em vez de cuidar de almoçar — era uma máscara de perplexidade e de angústia. As palavras da carta de Helena repetiam-se-lhe na memória: “Ninguém se incomoda, sequer, que eu esteja morta ou viva”.

Do armário de vidro que continha a coleção mexicana, o símbolo da morte, em cristal, e aquele outro crânio com incrustações de turquesas fitavam-no quando ele passava. “Ninguém se incomoda...” Devia ter sido a vez dele. Tinha sonhado com a infelicidade dela — cheio de uma aflita compaixão, mas de esperança também. Infeliz, ela voltar-se-ia para ele. “Ninguém se incomoda...”

“Ninguém exceto você.” Seu orgulho satisfeito, o prazer que aquelas palavras lhe causavam, foram intensificados, ao prosseguir na leitura, pela ideia de que ela realmente não compreendia *quanto* ele se incomodava, não apreciava a qualidade exata de seu sentimento. “Minha mãe?” tinha ela escrito. “Mas, afinal, ela é outra pessoa, desde quando começou a tomar aquela horrível droga. Sempre foi, aliás, outra pessoa, mesmo quando estava boa, se bem que não tão outra. Justamente como eu era sempre outra, se considerarmos bem essas coisas. Ela esperava ter em mim uma filha, mas eu sempre fui egoísta e irresponsável. Tal qual ela era. Outra pessoa. Como podia ela, pois, incomodar-se comigo? Você não é egoísta, Hugh. Você é...” Mas não se tratava simplesmente de ser ou não ser egoísta, começou ele a protestar, enquanto todas aquelas caras pintadas dos vasos peruanos à direita baixavam sobre ele um olhar fixo e intenso de vida

que se congelara. Tratava-se, sim, de qualquer coisa diferente, de algo mais profundo e mais espiritual. À sua esquerda, os troféus dos chefes caçadores papuas pendiam encarquilhados, mas pintados de um modo fantástico, como as cabeças de bufões decapitados. Os crânios do Passo de Torres tinham sido providos de redondos e brilhantes olhos de madrepérola. Sim, mais espiritual, insistia Hugh, lembrando-se do que escrevera a respeito dela liricamente, liricamente! — e daquela análise sutil de suas próprias emoções. Aí é que estava o altruísmo, mas fundido, por assim dizer, em contemplação, refinado em qualquer coisa de estético. Altruísmo num quadro. Altruísmo por Watteau, por Cima da Conegliano. E ela mesma, o objeto do seu altruísmo contemplativo e estético — ela também, em suas fantasias, nas páginas acumuladas de seu manuscrito, tinha possuído a qualidade de um quadro ou de uma peça de música; alguma coisa que ele se sentiria suficientemente feliz de contemplar perenemente, de escutar; talvez, ocasionalmente, de tocar, como se ela fosse uma estátua, de acariciar com quase imperceptível ternura. E, às vezes, em tais ficções, ela sentia frio, sentia-se infeliz — ninguém se incomodava, sequer — e pedia conforto e calor, encolhia-se e aconchegava-se-lhe nos braços, naqueles altruístas, contemplativos, impalpáveis braços dele, e ali jazia, como em abrigo seguro, mas nua, jazia ali, como um quadro, virginal, ideal, mas comovedora, enternecedora... Emplumada como um embaixador em uniforme de gala, como bico de um pássaro, os dentes de um tubarão, essa máscara de madeira fizera outrora seu portador sentir-se, enquanto dançava, mais do que humano, um aliado, um parente dos deuses. “Você disse que quisera estar sempre comigo. Pois bem: tenho pensado muito nisso recentemente e creio que é isso o que eu também quisera. Meu querido Hugh, não estou apaixonada por você, mas gosto mais de você que de qualquer outra pessoa. Acho que você é mais sério, mais bondoso, mais gentil, menos egoísta. E, sem dúvida, isso já constitui boa base, sobre a qual se possa construir qualquer coisa.” Essas palavras, da primeira vez que as leu, tinham-lhe produzido certo pânico; e era com a mesma agitação e o mesmo protesto, que ele agora caminhava entre a Nova Caledônia e as ilhas Salomão. No ventre de um peixe de madeira, de um bonito, a viúva melanesiana abria uma portinha e lá estava, como um urinol, o crânio de seu marido. Mas era

sempre espiritualmente e esteticamente que ele quisera estar com ela. Não tinha ela podido compreender isso? Certamente que ele fora bastante claro, pois não? “Se você ainda deseja isso, aqui estou eu, que também o desejo.” Era terrível, pensava, terrível! Ela o estava forçando a uma decisão, tornando-lhe impossível dizer “não”, com presumir que ele já havia dito “sim”. Sentia-se preso num círculo, via-se num beco sem saída. Casamento? Mas teria de mudar todo o seu estilo de vida. O apartamento era pequenino demais. Ela haveria de querer comer carne de noite. A sra. Barton exigiria que eles se mudassem. As pontas de algumas das lanças à sua esquerda eram de obsidiana, as de outras eram de espinho de arraia, as de outras ainda, de osso humano. “Você provavelmente acha que eu sou uma tola, e frívola, e irresponsável; e é verdade; é o que eu tenho sido até aqui. Sou incorrigível. Mas não nasci incorrigível — tornou-me assim a vida que tenho levado. Agora quero ser coisa diferente e sei que *posso* ser coisa diferente. *Sérieuse*. Uma boa esposa e outras coisas assim, por muito ridículo e embaraçoso que tal propósito se apresente assim escrito. Mas recuso-me a continuar tendo vergonha de ser boa. Recuso-me terminantemente.” Essa irresponsabilidade, considerava ele, era uma das coisas mais lindas e comoventes que ela possuía. Separava-a do comum, transportava-a para um plano exterior e superior à humanidade vulgar. Ele não queria que ela fosse responsável e boa esposa. Queria que ela fosse como Anel, como aquela criatura delicada de seu manuscrito, um ser de outra ordem, além e acima do bem e do mal. Entrementes, tinha dirigido seus passos para o interior da África. Do fundo do armário de vidro reluzia como ébano a imagem de uma negra segurando com as duas mãos seus seios longos e pontudos. Tinha o ventre tatuado, e seu umbigo emergia em forma de um pequeno cone. As lanças do armário seguinte tinham as pontas revestidas de

ferro. “Como Anel”, repetiu ele consigo, “como aqueles Watteaus de Dresden, como Debussy”. Como ressoador, este xilofone tinha, não a cuia habitual, mas um crânio humano, e havia vários crânios formando festões ao longo dos fetiches de marfim, fêmures em volta do tambor do sacrifício de Ashanti. “Ela estava estragando tudo”, disse consigo, irritado. E de repente, erguendo os olhos, viu-a ali, encaminhando-se apressada ao seu encontro, ao longo da

estreita passagem entre os armários.

— Você? — conseguiu ele murmurar.

Mas Helena estava muito perturbada para poder ver o olhar de espanto, a palidez e, em seguida, o rubor que um sentimento de culpa lhe punha no rosto; estava muito intensamente preocupada com seus próprios pensamentos para poder perceber o tom de apreensão sobressaltada que havia na voz dele.

— Desculpe — disse ela ofegante, enquanto lhe apertava a mão. — Eu não pretendia vir importuná-lo aqui. Mas você não faz ideia do que houve esta manhã lá em casa. — Sacudia a cabeça; seus lábios tremiam. — A mamãe tem estado como uma louca. Não lhe posso contar... Você é a única pessoa, Hugh...

Sem jeito, ele procurava consolá-la. Mas a realidade era profundamente diferente do que ele imaginava como sendo a felicidade dela. A imaginação fora sempre sua deliciosa oportunidade; a realidade era a ameaça de uma condenação inevitável. Desesperado, tentava mudar de assunto. Muito interessantes, pois não?, essas coisas procedentes de Benin. O leopardo de marfim, todo pontilhado de discos de cobre incrustados. Os guerreiros negros, em bronze, com suas espadas e lanças foliformes, e as cabeças de seus inimigos penduradas à cinta. Os europeus, barbados e aquilinos, com os seus altos morriões do século dezesseis e seus calções frouxos, seus mosquetes em suas mãos e a cruz pendurada ao pescoço. O que há aqui de cômico — observou ele entre parênteses — é que a única coisa que esses negros souberam aproveitar do cristianismo foi a arte de crucificar as pessoas. A expedição punitiva de 1897 encontrou a região cheia de cruzes. E aqui esta bela cabeça da moça com seu barrete frígio de forma cônica e cheio de contas de coral...

— Olhe para isto — Helena interrompeu de chofre; e, arregaçando a manga do vestido, mostrou-lhe duas marcas vermelhas semicirculares sobre a pele do antebraço, algumas polegadas acima do punho. — Foi aqui que ela me mordeu, quando eu procurava fazê-la voltar para a cama.

Hugh agitou-se todo num misto de indignação e de pena. — Mas é horrível! — exclamou. — É horrível. — Tomou-lhe a mão. — Pobrezinha! — Estiveram um instante calados. Depois, subitamente, seu sentimento de piedade

dissipou-se ante a ideia do fato consumado. Já não havia agora meio de escapar. Viu-se de novo a pensar na sra. Barton. Que faria, se ela o notificasse?

CAPÍTULO XLVI

30 de outubro de 1934

MARK DISSE, AO JANTAR, QUE ESTIVERA relendo *Anna Karenina*. Achava-o bom, como romance. Mas lamentava o imenso artificialismo das obras literárias de ficção, sem excluir, sequer, as melhores. E pôs-se a catalogar-lhes as omissões. Desprezo quase absoluto por aqueles pequenos fatos fisiológicos que decidem do tom agradável ou desagradável de nossa vida de todos os dias. A excreção, por exemplo, com o poder que tem, de fazer que aproveitemos ou estraguemos o nosso dia. A digestão. E, para as heroínas do romance e do drama, a menstruação. Depois, as doenças sem gravidade: catarro, reumatismo, dor de cabeça, dor nos olhos. As incapacidades físicas crônicas — ramificando-se (como no caso de deformidade ou de impotência) em insânias luxuriantes. E, reciprocamente, as manifestações mórbidas, emanadas de fontes viscerais e musculares desconhecidas, de uma saúde acima da comum. Outra omissão: nenhuma referência ao papel desempenhado por meras sensações na produção da felicidade. Um banho quente, por exemplo, o gosto do bacon, o contato de uma peliça, o aroma da frésia. Na vida, uma cigareira vazia pode causar maior tormento do que a ausência de um amante; nos livros, nunca. Uma terceira omissão quase completa é a das pequenas distrações que enchem a maior parte das vidas humanas. Leitura dos jornais; visita às lojas; conversa fiada e mexericos; com todas as variedades de divagações e sonhos e fantasias, desde aquelas com que nos embalamos deitados na cama, a imaginar o que faríamos se tivéssemos por amante a criatura ideal, possuíssemos os rendimentos, o tipo físico, a posição social que idealizamos para nós, até aquelas que, da poltrona de uma sala de cinema, passivamente aceitamos e que nos vêm já prontas de

Hollywood.

A mentira por omissão transforma-se inevitavelmente em mentira positiva. O que implicitamente se infere da literatura é que os seres humanos são governados, se não pela razão, ao menos por sentimentos compreensíveis, bem organizados, confessáveis. Quando a verdade é que a realidade é completamente diferente. Os sentimentos concorrem às vezes, mas outras vezes, não. Tudo pelo amor, ou o mundo se perderá. Mas o amor pode ser o título de nobreza dado a uma paixão desordenada pelo cheiro ou forma de uma pessoa particular, a um desejo louco de que se repita uma sensação produzida por certa destreza particular. Ou consideremos esses casos (raramente publicados, mas, entretanto, tão numerosos, como o poderá informar qualquer pessoa em condições de saber), esses casos de eminentes estadistas, ministros da Igreja, jurisconsultos, industriais, na aparência tão normais, de uma inteligência, como é fácil demonstrar, tão acima do nível comum, pautando sua vida pública por princípios tão elevados; mas, na vida privada, incapazes de resistir à atração que sobre eles exercem o álcool, os rapazes, as meninas ainda em botão, o exibicionismo, o jogo, a avareza, o imperialismo ou o masoquismo em qualquer de seus graus, todas as inumeráveis e desordenadas perversões produzidas, de um lado, pela sede de dinheiro, de poder, de posição e, de outro, pela sede de prazer sexual. Meros tiques e tropismos, desejos loucos e inconfessáveis — eis o que representa na vida humana um papel tão importante quanto o dos sentimentos organizados e reconhecidos. E a literatura de imaginação suprime o fato. Propaga uma enorme mentira com relação à natureza dos homens e das mulheres.

— E a justo título, sem dúvida. Porque, se fosse revelado aos seres humanos o que eles realmente são, ou acabariam trucidando-se uns aos outros, como bichos, ou acabariam enforcando-se. Entretanto, eu já não suporto mais qualquer literatura de ficção. Mentiras não me interessam. Por mais poético que seja o estilo em que se apresentam. Uma coisa maçante, e nada mais.

Concordei com Mark em que a literatura de ficção não estava cumprindo o seu dever. Que era essencial conhecer todas as coisas — conhecê-las, não apenas através de livros de vulgarização científica, mas também numa forma que

tivesse o poder de familiarizar com os fatos todo o espírito e não somente o intelecto. Uma expressão completa (em termos de literatura de imaginação) conduzindo a um conhecimento completo (com todo o espírito) da verdade completa: indispensável condição preliminar de qualquer ação emendativa, de qualquer tentativa séria de construção de um ser genuinamente humano. Construção de dentro para fora, adestrando cada qual no uso apropriado de si próprio — adestramento simultaneamente físico e mental. Construção, ao mesmo tempo, de fora para dentro, por meio de instituições sociais e econômicas criadas à luz de um completo conhecimento do indivíduo e do modo pelo qual o indivíduo possa modificar-se.

Mark limitou-se a rir e disse que eu lhe fazia lembrar aqueles homens que andam de casa em casa vendendo aparelhos elétricos de limpeza.

4 de novembro de 1934

ÓTIMO COMÍCIO EM NEWCASTLE, COM O comparecimento de Miller e Purchas. Multidão numerosa e entusiástica, com predominância dos privados de recursos. Note-se o fato significativo de estar o pacifismo, geralmente, em razão inversa da prosperidade. Quanto maior a pobreza, quanto mais prolongado o desemprego, tanto mais entranhada a determinação de não tornar a bater-se e tanto mais completo o ceticismo a respeito dos ídolos convencionais, império, honra nacional e assim por diante. Atitude negativa em correlação íntima com a precariedade das condições econômicas. Sem merecer, portanto, confiança. Semelhante pacifismo não tem vida autônoma. À mercê, antes de tudo, de quem quer que lhe acene com dinheiro e as ameaças de guerra conduziriam, assim, a um vasto aumento no número de empregos. À mercê, em segundo lugar, de quem quer que se apresente com uma doutrina positiva cheia de atrativos — por mais louca e criminosa que seja essa positividade. O espírito abomina o vácuo. O pacifismo negativo e o ceticismo com relação às instituições existentes nada mais são do que cavernas abertas no espírito, espaços vazios à espera de serem enchidos. O fascismo ou o comunismo possuem suficiente conteúdo positivo

para servir de enchimento. Pode, quando menos se espera, surgir alguém com as qualidades de Hitler. E só dará bomba e, num abrir e fechar de olhos, o vácuo estará cheio. Esses cétricos pacifistas desiludidos serão transformados da noite para o dia em adestrados fanáticos do nacionalismo, da luta de classes ou do que quer que seja. Pergunta: temos tempo para encher o vácuo com pacifismo positivo? Ou, tendo tempo, teremos capacidade?

CAPÍTULO XLVII

10 e 11 de janeiro de 1934

OSTENSIVAMENTE, O TELEGRAMA DE DON JORGE era uma ordem para a venda imediata de seiscentas sacas de café. Secretamente, era um aviso de que tinha chegado o momento e de que os estava esperando com urgência.

Mark olhou para o companheiro com uma expressão de franca hostilidade. — Com você assim, em petição de miséria! — exclamou.

Anthony protestou que já estava restabelecido.

— Você não está em condições de fazer a viagem.

— Estou, sim.

— Não está — repetiu Mark com uma solicitude que era ao mesmo tempo uma irritada recriminação. — Três dias em cima de uma mula a galgar estas malditas montanhas. É muita coisa para quem se acha no estado em que você se encontra.

Magoado com as palavras do outro e, com receio, se concordasse com Mark, de parecer pouco disposto a arrostar as dificuldades e os perigos que se lhe deparavam, Anthony mostrou-se obstinado em afirmar que estava pronto para o que desse e viesse. O desejo, que Mark tinha, de que isso fosse verdade, concorreu para que dentro em pouco ele se persuadissem. Telegrafou a Don Jorge que as seiscentas sacas iam ser vendidas imediatamente; que podia esperar ulteriores detalhes na próxima sexta-feira. E, depois do almoço, ao calor abrasador das primeiras horas da tarde, partiram para a *finca*, situada no alto das montanhas, acima de Tapatlan, onde um dos amigos de Don Jorge lhes daria hospedagem para a noite. Mais uma vez Mark puxou da sua edição portátil de Shakespeare e, durante quatro horas, lá foram esporeando as alimárias

relutantes, montanha acima, entre os restolhos poeirentos dos milharais e, mais além dos campos, através de um sarçal seco, árido, onde não se via uma folha, sucedido afinal pelo verde-escuro e os tons dourados das plantações de café ensombradas por árvores altaneiras. Sempre subindo, enquanto Mark já tinha lido o *Hamlet* e mais dois atos de *Troilus e Cressida*, e Anthony, já tonto de fadiga, se perguntava quanto tempo poderia ainda resistir àquilo. Mas, quando a noite começou a cair, eles chegaram finalmente a seu destino.

Às quatro horas da manhã seguinte, já estavam de novo em cima da sela. A sombra que as árvores projetavam era como uma outra noite sem estrelas; o que não impedia que as mulas, com uma segurança tranquilizadora, vissem bem onde punham as patas, ao vencerem as curvas e os zigue-zagues da estrada. De quando em quando, passavam por sob invisíveis limoeiros e o aroma das flores na treva era como a revelação breve e inenarrável de qualquer coisa superior às coisas terrenas, era um momento de êxtase, e depois, quando as mulas já iam adiante, subindo, na sucessão monótona dos cascos, o caminho pedregoso, a presença sobrenatural ia minguando, desaparecendo, e eles se encontravam de novo na vida comum, simbolicamente representada por um cheiro de couro e de suor.

O sol vinha surgindo. Daí a pouco, eles emergiram da floresta cultivada das fazendas de café para um tabuleiro de rochas nuas e pinheirais. Quase plana, a estrada seguia em curvas, ora reentrantes, ora salientes, ao longo do flanco da montanha cheio de dentes e de contrafortes. À esquerda, o solo descia quase a pique para os vales ainda envoltos na sombra. E ao longe, aquela brancura nevoenta que se via no céu através da bruma produzida pela poeira da estação e pelo fumo das queimadas era o Pacífico.

Mark continuava lendo *Troilus e Cressida*.

Uma descida tão íngreme, que eles se viram forçados a apear e conduzir pela rédea as alimárias, levou-os, uma hora depois, às margens de um rio. Vadearam-no e, sob um sol causticante, começaram a subir a vertente oposta. Nem uma sombra. Os vastos morros pelados estavam cor de pó e de capim queimado. Nenhum movimento; nem mesmo o de uma lagartixa no meio das pedras. Nenhum sinal de vida se lhes apresentava à vista ou aos ouvidos.

Desesperadoramente vazio, aquele caos de montanhas parecia estender-se interminavelmente. Era como se eles tivessem transposto a cavalo a fronteira entre o mundo e o nada, entre o mundo e uma vastidão infinita de negação ardente e poeirenta.

Às onze, fizeram alto para uma refeição e, uma hora mais tarde, com o sol quase a pino, partiram de novo. A estrada subia, despenhava-se depois por um barranco numa extensão de mil e quinhentos pés, para em seguida tornar a subir. Por volta das três horas, Anthony estava tão fatigado que mal podia pensar, ou mesmo enxergar. A paisagem parecia avançar e recuar diante de seus olhos, tornava-se às vezes negra e desaparecia por completo. Ele começava a ouvir vozes e suas ideias passavam a viver de uma vida própria, de uma vida autônoma em sua louca e exasperadora inconsequência. As imagens sucediam-se numa fantasmagoria que ele não tinha força para exorcizar. Era como se estivesse possesso, como se estivesse sendo forçado a viver a vida de outrem e a pensar com o espírito de outrem. Mas o suor que lhe escorria do rosto como água e lhe encharcava a camisa e as calças de algodão e aquela dor insuportável nos rins e nas coxas — isso era dele mesmo. Dele mesmo, mas cruciante, insuportável. Tinha ímpetos de gemer, de romper em pranto. Entretanto, através desse delírio de outrem, lembrava-se dos protestos que fizera a Mark, da promessa que tinha feito, cheio de confiança, de que não se cansaria. Sacudiu a cabeça e foi seguindo — foi seguindo por aquele mundo ilusório de estranha fantasia e de paisagem apenas lobrigada e evanescente, foi seguindo através da horrenda realidade de sua dor e fadiga.

A voz de Mark veio arrancá-lo daquele estado de estupor.

— Então? Está ainda firme?

Erguendo e fixando os olhos com esforço, viu que Mark tinha parado e o esperava numa volta do caminho, logo acima dele. Cinquenta jardas adiante, encosta acima, seguia o *moço*, montado, logo atrás da mula que transportava a bagagem.

— Eia mula-a-a! — era a voz prolongada, de incitamento, que vinha acompanhada do ruído surdo da pancada no lombo da mula.

— Desculpe — murmurou Anthony. — Tive de me deixar ficar atrás.

— Tem certeza de que ainda aguenta?

Ele fez que sim, com um gesto.

— Falta menos de uma hora para chegarmos — disse Mark. — Vá resistindo, se pode. — Ensombrado pelo enorme chapéu de palha, seu rosto envelhecido contraiu-se num sorriso de encorajamento.

Sensibilizado, Anthony sorriu também em retribuição e, para tranquilizá-lo, tentou gracejar a respeito da dureza das selas de madeira sobre as quais cavalgavam.

Mark riu. — Se sairmos desta intactos — disse — devemos oferecer um par de nádegas de prata a São Jaime de Compostela.

Sacudiu a rédea e meteu as esporas na mula. O animal lançou-se morro acima; depois, resvalando sobre uns calhaus soltos que lhe rolaram sob as patas, caiu para a frente sobre os joelhos.

Anthony tinha fechado os olhos para descansá-los um pouco da luz intensa. Quando ouviu o barulho tornou a abri-los e viu Mark deitado de borco no chão e a mula fazendo uma série de violentos movimentos espasmódicos para erguer-se sobre as patas. A paisagem tornou-se novamente estável, as imagens movediças fixaram-se. Esquecendo a dor que sentia nas costas e nas pernas, Anthony atirou-se da sela abaixo e subiu a ladeira a correr. Quando se aproximou, Mark já rolava o corpo e, em seguida, conseguiu sentar-se.

— Machucou-se? — perguntou Anthony.

O outro meneou a cabeça, mas não pronunciou palavra.

— Você está ferido.

As calças estavam rotas no joelho esquerdo e uma mancha vermelha se estendia ao longo da perna. Anthony gritou para o *moço* que voltasse com a mula da bagagem; depois, ajoelhando-se, abriu seu canivete, enfiou a lâmina no rasgão e produziu um longo corte irregular no pano forte.

— Você está me estragando as calças — disse Mark, falando pela primeira vez.

Anthony não respondeu, limitando-se a arrancar uma larga tira da fazenda. Toda a rótula e a parte superior da canela estavam escorchadas, em carne viva, vermelha, aqui, do sangue que corria, ali cinzenta de pó e de terra. Sobre a face

interna do joelho havia um corte profundo de onde o sangue corria em profusão.

Anthony franziu a testa e, como se a dor fosse sua, mordeu o lábio inferior. Era um estado de angústia, o seu, misto de repugnância física e de simpatia horrorizada. Estremeceu.

Mark tinha-se debruçado para ver o joelho ofendido. — Que estrago! — comentou.

Anthony concordou com um gesto, destampou sua garrafa de água e, molhando o lenço, começou a limpar os ferimentos. Sua emoção desaparecera. Estava inteiramente absorvido em sua tarefa imediata. Nada mais tinha importância para ele a não ser o meio de conseguir tirar toda aquela areia sem machucar Mark.

Já então o *moço* estava de volta com a mula da bagagem e, ao lado deles, assistia em silêncio ao que se passava, olhando para tudo com os seus olhos negros e inexpressivos.

— Tenho quase certeza de que, para ele, estamos aqui a perder tempo — disse Mark, ensaiando um sorriso.

Anthony ficou em pé, mandou o *moço* desamarrar a carga da mula e tirou de um dos fardos de lona a caixa dos medicamentos.

Sob a ação mordente do desinfetante, Mark explodiu numa gargalhada. — Todas as tolices do humanitarismo desaparecem diante do iodo — disse. — Como é boa essa ideia antiquada de nos fazer sofrer para nosso bem. Como Jeová. Céus! — Tornou a rir quando Anthony limpou outra seção da carne viva. Depois, envolto o joelho na atadura, pediu: — Dê-me a mão, para eu me levantar. Anthony ajudou-o a ficar em pé. Ele deu alguns passos subindo a ladeira e depois voltou. — Parece que está bem. — Curvou-se para ver as pernas dianteiras da mula. Simples arranhões. — Nada que nos impeça de tocar para a frente logo — concluiu.

Ajudaram-no a montar e ele, servindo-se da perna sã, esporeou o animal, que partiu em trote rápido, morro acima. Durante todo o resto do caminho, a figura de Mark se resumia para Anthony, principalmente, num dorso ereto e rígido, mas, às vezes, também num perfil, marmóreo em sua palidez inalterável

— a estátua de um estoico, escorchado, mas ainda vivo e suportando silenciosamente sua agonia.

Antes da hora fixada — pois Mark tinha resolvido manter as mulas numa andadura que as fazia bufar e suar sob o calor da tarde — já eles entravam em San Cristóbal el Alto. Os trinta ou quarenta ranchos índios que constituíam a aldeia erguiam-se sobre um estreito espinhaço entre despenhadeiros, para além dos quais, de cada lado, estendiam-se caoticamente as montanhas, numa sucessão de cadeias que se perdiam na bruma.

À vista daqueles distintos viajantes, o comerciante da aldeia veio-lhes ao encontro na *plaza*, a oferecer-lhes, pressuroso, acomodações para a noite. Mark escutou-o, fez um gesto de aquiescência e, em seguida, menção de apear; mas torceu-se todo em dores e teve de voltar à posição primitiva na sela.

Sem voltar a cabeça, gritou para os outros, em tom irritado: — Vocês têm de me tirar de cima desta maldita mula.

Anthony e o *mozó* ajudaram-no a descer; mas, uma vez no chão, ele recusou qualquer outra ajuda.

— Eu posso andar sozinho — disse brevemente, franzindo a testa, como se Anthony, ao oferecer-lhe o braço, tivesse tido a intenção de insultá-lo.

Suas acomodações para a noite não passavam afinal de um barracão de madeira, ocupado, em metade, por sacas de café e couros. Depois de examinar o interior, Mark veio, capengando, para o lado de fora, a ver o alpendre coberto de colmo, onde as mulas deviam descansar. E sugeriu, a seguir, um passeio pela aldeia — para apreciar as vistas — conforme explicou.

O esforço que fazia ao caminhar magoava-o tanto, que não se animava a conversar. Foi em silêncio que atravessaram a pequena *plaza*, em silêncio que visitaram a igreja, a escola, o *cabildo*, a prisão da aldeia. Em silêncio, e um atrás do outro, pois, se caminhassem lado a lado (refletia Anthony) poderia ver o rosto de Mark, e Mark notaria que estava sendo observado. Ao passo que, se ele caminhasse na frente, seria isso um insulto, um desafio, a Mark, para apressar o passo. De propósito, Anthony caminhava molemente atrás, calado, qual esposa índia de rojo pelo pó atrás do marido.

Tinha decorrido quase meia hora, quando Mark achou que já se tinha

torturado suficientemente.

— Já vimos o que havia para ver — disse, num tom lúgubre. — Vamos ver se comemos qualquer coisa.

O frio da noite era cortante, a cama uma simples tábua; de sorte que foi depois de um sono agitado e sem ter conseguido restabelecer-se da fadiga, que Anthony despertou na manhã seguinte.

— São horas de acordar! — gritava-lhe Mark. — São horas!

Anthony ergueu-se em sobressalto e, sentado na cama, viu Mark na outra cama de tábua, apoiando-se sobre um dos cotovelos e mirando-o com um olhar zangado.

— Vamos! São horas de pular fora e tocar pra frente — continuava a voz áspera. — Já passa das seis.

Súbito, lembrando-se do acidente da véspera, Anthony perguntou: — Como vai o joelho?

— Na mesma.

— Dormiu?

— Já se vê que não — respondeu Mark irritado. E, desviando o olhar, ajuntou: — Não vejo meio de me levantar. Estou ficando com a perna dura.

Anthony enfiou as botas e, tendo aberto a porta do barracão para deixar entrar a luz, veio sentar-se na beira da cama de Mark.

— O melhor é limpar isso e substituir a atadura — disse; e começou a desatá-la.

A gaze tinha aderido à carne. Anthony tentou tirá-la com cuidado, mas, depois, desistiu. — Vou ver se eles me arranjam um pouco d'água quente lá na loja — disse.

Mark soltou uma risada que era ao mesmo tempo um rugido e, tomando uma ponta da gaze entre o polegar e o indicador, deu um puxão violento. O quadrado de tecido róseo deslocou-se e lhe pendia dos dedos.

— Não puxe! — Anthony tinha gritado, todo assustado, como se ele é que fosse sentir a dor. O outro limitou-se a sorrir-lhe com desdém. E Anthony, já noutro tom, alegando uma razão de ordem médica para o seu alarma: — Você fez a ferida sangrar de novo. — Mas, em verdade, não era aquele sangue novo a

correr o que mais o perturbava quando ele se baixou para ver a parte que Mark tinha descoberto. Todo o joelho estava horivelmente inchado e quase negro de equimoses, e em torno das bordas da ferida recém-aberta a carne estava amarela de pus.

— Não é possível você continuar a viagem nesse estado — disse.

— Isso quem resolve sou eu — respondeu Mark e, depois de um instante, acrescentou: — Aliás, você mesmo já tomou anteontem uma resolução semelhante.

Essas palavras implicavam urna humilhação desdenhosa. — Se um pobre diabo como você pode resistirá dor, então já se vê que eu... — Eis o que elas significavam. O insulto era, porém, como Anthony pôde notar, sem intenção. Brotava das profundezas de uma arrogância que era quase infantil em sua intensidade sincera. Havia qualquer coisa de tocante e de absurdo em tal ingenuidade. Ademais, havia o joelho do pobre homem. Não era aquele o momento para se ressentir de insultos

— Mas eu, praticamente, estava passando bem — alegou, em tom conciliatório. — Você tem aí uma perna sujeita, a cada momento, a uma septicemia.

Mark franziu a testa. — Uma vez em cima da mula, não sentirei mais nada — insistiu. — Sinto apenas a perna dura e doída; mais nada. Além disso — acrescentou, contradizendo o que antes dissera — teremos um médico em Miajutla. E quanto mais depressa eu entregar isso aos cuidados dele, tanto melhor.

— É, mas com a viagem a coisa ficará dez vezes pior. Se você esperasse aqui um ou dois dias...

— Don Jorge passaria a pensar que eu tinha rompido a corda e o tinha abandonado.

— Ora, o Don Jorge que vá para o raio que o parta. Passe-lhe um telegrama.

— Não há linha telegráfica aqui. Já me informei.

— Mande o *mozó*, então.

Mark meneou a cabeça. — Não teria confiança nele.

— Por que não?

— Ele tomará uma bebedeira na primeira oportunidade.

— A questão, noutras palavras, é que você não quer mandá-lo.

— Além disso, agora já seria tarde demais — continuou Mark. — Don Jorge iniciará o movimento dentro de um dia ou dois.

— E você imagina que poderá acompanhá-lo?

— O que quero dizer é que estarei lá.

— Mas não pode.

— É o que estou lhe dizendo, pretendo estar lá. O que eu não posso é abandoná-lo. — Uma cólera contida gelava-lhe e endurecia-lhe a voz. — E agora trate de me ajudar a montar.

— Não ajudo, não.

Os dois homens olharam-se em silêncio. Depois, fazendo um esforço para dominar-se, Mark deu de ombros.

— Pois está bem — disse ele — vou chamar o *mozo*. E se você tem medo de ir até Miajutla — continuou num tom ferozmente desdenhoso — pode voltar para Tapatlan. Eu seguirei sozinho. — Depois, voltando-se para a porta aberta, gritou: — Juan, Juan!

Anthony rendeu-se. — Faça como lhe aprouver. Se realmente você quer ser doido... — Deixou inacabada a frase. — Mas eu é que não assumo nenhuma responsabilidade.

— Ninguém lhe pediu que assumisse — respondeu Mark. Anthony levantou-se e foi buscar a caixa de medicamentos. Limpou os ferimentos e, sem dizer palavra, foi aplicando nova gaze com remédio; depois, enquanto procurava prender a atadura, sugeriu: — Se deixássemos de discutir? Não acha que assim as coisas se resolveriam melhor?

Mark esteve durante alguns segundos calado, de rosto voltado e hostil; depois ergueu os olhos, e contraiu a face num sorriso amistoso de reconciliação. — Façamos as pazes — disse, meneando a cabeça afirmativamente. — Vamos fazer as pazes.

Mas não tinha contado com a dor. E a dor começou logo, torturante, quando ele fez os primeiros movimentos no sentido de sair da cama. Pois

verificou, então, que lhe era impossível, mesmo com o auxílio de Anthony, sair da cama sem dobrar o joelho ferido. E dobrá-lo foi uma tortura. Quando afinal se firmou sobre os pés ao lado da cama, estava pálido e a expressão de seu rosto tinha qualquer coisa de feroz.

— Aguenta?

Mark fez que sim e, como se o outro se houvesse tornado seu pior inimigo, não se dignou de lançar-lhe um olhar, quando saiu, claudicando, do barracão.

Quando teve que montar na mula, foi outra tortura; tortura que se renovava depois, a cada passo que o animal dava. Como na véspera, Mark tomou a dianteira. Com puxar a cavalgata, ele provava sua superioridade e, ao mesmo tempo, colocava-se fora do alcance dos olhares perscrutadores. Anthony observou que ele, apesar do ar estar frio, tomava de quando em quando o lenço e enxugava o rosto, como se estivesse suando. E, a cada vez que guardava o lenço, ferrava na mula, com uma selvageria toda particular, a única espora que podia utilizar.

A estrada descia, tornava a subir, ia descendo de novo por entre pinheirais, descendo, descendo. Passou uma hora, passaram duas, três; o sol estava a pino, abrasador. Três horas, três horas e meia; e clareiras surgiam na mata, sucediam-se campos na encosta, restolhos de um milharal, um grupo de cabanas, e uma velha carregando água, crianças brincando silenciosas na poeira. Tinham chegado aos limites de outra aldeia.

— Se parássemos aqui, para comer? — propôs Anthony, pondo, com as esporas, o animal em trote. — Talvez arranjassemos alguns ovos frescos — ajuntou, enquanto se colocava ao lado da outra mula.

Ao voltar-se para ele, Mark tinha o rosto branco como papel e, ao descerrar os dentes para falar, o maxilar inferior batia num tremor incontido. — Parece que é melhor tocar para frente — começou, numa voz quase inaudível. — Ainda temos uma grande distância a vencer... — E em seguida, com um tremor nas pálpebras, pendeu a cabeça, enquanto o corpo todo parecia derrear-se, mole, caiu, enfim, para a frente, sobre o pescoço da mula, resvalou para um lado e ter-se-ia projetado no chão, se Anthony, segurando-o pelo braço, não o tivesse amparado.

CAPÍTULO XLVIII

23 de julho de 1914

ANTHONY TORNARA A ADORMECER DEPOIS DE ser chamado, atrasando-se, assim, para a primeira refeição da manhã. Quando ele entrou na pequena sala, Brian ergueu os olhos com surpresa e, como se sentindo culpado, dobrou a carta que estivera lendo e meteu-a no bolso. Entretanto, Anthony teve ainda tempo de reconhecer, de longe, as características da letra de Joan, um tanto grossa, cheia

de curvas e voltas desenhadas. Dando ao seu bom-dia um tom de despreocupação jovial, sentou-se e passou a ocupar-se, com esmero, de verter o café na xícara, como se se tratasse de um processo científico complicado que lhe exigisse toda a atenção.

“Devo contar agora?”, refletia. “Sim, vou contar-lhe. A coisa deve partir de mim, muito embora ele lá saiba tudo. Pequena maldita! Por que não cumpriu o que prometeu?” Enchia-se de justa indignação contra Joan. Faltar com a palavra dada! E que diabo teria ela contado a Brian? E que iria acontecer, se a sua história fosse diferente da dela? E em qualquer hipótese, com que cara de tolo haveria de ficar, ao confessar agora, já tarde demais. Ela roubara-lhe a oportunidade, a possibilidade mesma de dizer a Brian o que tinha acontecido. A pequena tinha-lhe enchido as medidas; e quando a sua cólera se foi transformando em pena de si mesmo, como se fosse uma vítima, passou então a considerar-se um homem cheio de boas intenções, intenções que maldosamente o haviam privado, à última hora, de pôr em prática. Ela lhe tapara a boca no momento justo em que ele ia pronunciar aquelas palavras que haveriam de explicar tudo e absolvê-lo de tudo; e assim procedendo, ela tornara-lhe a

situação absolutamente intolerável. Que diabo de atitude esperava ela que ele assumisse perante Brian, agora que Brian já sabia? A resposta que deu a tal pergunta satisfatória, ao menos, para os poucos minutos que se seguiram, consistiu em defender-se por trás do *Manchester Guardian*. Assim escondido, fingia, enquanto comia os seus ovos mexidos, interessar-se vivamente por todas aquelas bobagens sobre a Rússia e a Áustria e a Alemanha. Mas, à medida que se prolongava, o silêncio ia se tornando insuportável.

— Esta questão da guerra está ficando feia — disse ele por fim, sem abaixar o jornal que lhe servia de barricada.

Do outro extremo da mesa, Brian fez um leve murmúrio, concordando. Decorreram segundos. Seguiu-se o barulho de uma cadeira ao ser recuada. Anthony, ali sentado, era um homem tão preocupado com a mobilização da Rússia, que não se dava conta do que se estava passando ali em volta. Só depois de Brian ter realmente aberto a porta, é que afetou ostensivamente consciência do meio ambiente.

— Já vai sair? — perguntou, voltando-se um pouco, mas não tanto que pudesse ver o rosto do outro.

— Acho que esta m-manhã não s-s-sairei.

Anthony fez um sinal de aprovação, como um médico da família. — Está muito bem — disse, e acrescentou que, quanto a si, tinha a intenção de alugar uma bicicleta na aldeia e ir até Ambleside. Tinha algumas compras a fazer. — Tornarei a vê-lo à hora do almoço — concluiu.

Brian não disse nada. A porta fechou-se atrás dele.

Faltava mais ou menos um quarto para a uma, quando Anthony, tendo devolvido a bicicleta que alugara, subia a ladeira do chalé. Desta vez, a resolução estava tomada, definitivamente, de uma vez por todas. Iria contar tudo a Brian — quase tudo, no momento mesmo em que entrasse.

— Brian! — chamou, da soleira da porta.

Não veio resposta.

— Brian!

A porta da cozinha abriu-se e a velha mrs. Benson, que lhes fazia o serviço de cozinha e de limpeza, deu alguns passos até ao estreito *hall*. Mr. Foxe —

explicou — tinha saído a passeio, havia meia hora; tinha dito que não voltaria para o almoço, e não quisera entretanto (já se viu coisa assim?) levar um alimento qualquer; ela é que insistira e o fizera levar alguns sanduíches e um ovo cozido.

Foi com uma sensação de desconforto íntimo que Anthony se sentou à mesa para o seu solitário almoço. Brian o tinha evitado de propósito; devia, pois, estar zangado — ou, como de súbito lhe ocorreu, estava ofendido, o que era pior; demasiado ofendido, para poder suportar-lhe a presença. Semelhante pensamento fê-lo estremecer; ofender os outros era horrível, chegava a ser ofensivo ao próprio ofensor. E se Brian voltasse de seu passeio cheio da vontade magnânima de perdoar — Anthony, conhecendo-o, estava convencido de que ele perdoaria — sim, se isso se desse? Era também doloroso ser perdoado; particularmente doloroso no caso do próprio ofensor não ter confessado a ofensa. “Se ao menos eu tivesse podido contar-lhe”, repetia consigo

a cada momento, “se ao menos eu tivesse podido contar-lhe”; — e quase conseguia persuadir-se de que tinha sido impedido de o fazer.

Depois do almoço, dirigiu-se para o campo deserto atrás do chalé, na esperança (pois sentia a necessidade urgente de falar), e ao mesmo tempo (já que o ato de falar seria uma verdadeira tortura) com um grande receio, de encontrar Brian. Mas não encontrou ninguém. Descansando sobre o topo de uma colina, conseguiu por algum tempo esquecer suas inquietações com sarcasmos acerca da paisagem. Tão típica e desonrosamente inglesa — refletia, desejando que Mary estivesse ali a ouvir-lhe os comentários. Montanhas, vales, lagos, mas tudo tão mesquinho. Tão miseravelmente pequeno, e clandestino, como o estilo arquitetônico do chalé inglês — consistente em agradáveis *coins du feu* e em formas encantadoras, mas sem nada de belo ou grandioso. Nada que indicasse a megalomania do século treze ou a gesticulação barroca. Uma sublimidadezinha de doce aconchego, bem cuidada. Sentia-se quase bem-disposto quando se pôs a descer o morro.

— Não — disse mrs. Benson —, mr. Foxe ainda não tinha voltado.

Ele tomou seu chá sozinho e depois foi sentar-se numa espreguiçadeira, no

gramado, e pôs-se a ler algumas páginas de De Gourmont sobre o estilo. Às seis mrs. Benson saiu e, depois de explicar longa e minuciosamente que tinha deixado a mesa posta e que o prato de carneiro frio estava na dispensa, desejou-lhe boa noite e foi descendo a estrada, na direção do seu chalé.

Logo depois, os mosquitos começaram a picá-lo e ele foi para dentro. O passarinho do relógio suíço abriu a portinhola, piou sete vezes e recolheu-se de novo ao silêncio. Anthony continuou sua leitura sobre o estilo. Meia hora depois o cuco emergiu de novo para um grito único. Era a hora da ceia. Anthony levantou-se e dirigiu-se para a porta dos fundos. Atrás do chalé, o morro apresentava um brilho quase sobrenatural. De Brian, nenhum sinal. Tornou à sala de jantar e, para variar, começou a ler um pouco de Santayana. O cuco emitiu oito soluços estridentes. Acima da faixa alaranjada do pôr do sol, já se ia tornando visível o planeta noturno. Acendeu a lâmpada e puxou as cortinas. Depois, sentando-se de novo, tentou continuar a leitura de Santayana. Mas aqueles seixos polidos de sabedoria rolavam-lhe sobre a superfície do espírito sem lhe fazerem a menor impressão. Fechou o livro. O cuco anunciou que eram oito e meia.

“Um acidente”, pensava consigo, “teria o rapaz sofrido um acidente? Mas, afinal, não há acidente nenhum, quando a gente está passeando tranquilamente.” Acudiu-lhe de súbito nova ideia e logo desapareceu a possibilidade mesma de tornozelos luxados ou de pernas fraturadas. O passeio — tinha agora certeza absoluta — tinha sido à estação. Brian estava no trem, em viagem para Londres, ao encontro de Joan. Era uma coisa que saltaria aos olhos de quem se pusesse a pensar no caso; não podia ser senão isso.

— Céus! — disse Anthony em voz alta, na solidão da pequena sala. Depois, tornando-se cínico e indiferente ante o irremediável da situação, deu de ombros e, acendendo uma vela, foi à despensa buscar o carneiro frio.

Desta vez — resolveu enquanto comia — desta vez o que realmente lhe cabia fazer era fugir. Desaparecer e esconder-se até que as coisas melhorassem. Não sentia remorso. A viagem de Brian a Londres desobrigara-o, segundo seu próprio parecer, de qualquer ulterior responsabilidade no caso; sentia-se agora livre de fazer o que mais lhe conviesse.

No propósito de se preparar para a fuga, subiu a escada, depois da ceia, e começou a arrumar a mala. Lembrando-se de que tinha emprestado a Brian *The wife of Sir Isaac Harman* para ler na cama, atravessou, de vela na mão, o vão da escada e entrou no quarto do amigo. Sobre a cômoda e bem à vista, estavam três envelopes apoiados contra a parede. Dois, como ele pôde ver logo que entrou, estavam selados; o outro não tinha selo. Atravessou o quarto para examiná-los mais de perto. O envelope sem selo era endereçado a ele, os outros à sra. Foxe e à Joan, respectivamente. Depôs a vela, apanhou o envelope que lhe era endereçado e abriu-o. Uma vaga mas intensa apreensão apossara-se de seu espírito, um medo de algo desconhecido, de qualquer coisa que ele não se atrevia a conjecturar. Ficou ali, em pé, muito tempo, segurando na mão o envelope aberto e escutando o pulsar pesado de seu próprio sangue. Depois, tomando, afinal, uma resolução, retirou do envelope as folhas dobradas. Havia duas delas, uma com a letra de Brian, a outra com a de Joan. No alto da carta de Joan, Brian tinha escrito: “Leia isto, que lhe interessa”. Leu.

MEU QUERIDO BRIAN. — Por essa hora, Anthony já lhe deve ter contado o que aconteceu. Foi, realmente, como você por certo há de compreender, coisa que aconteceu, vinda, se assim me faça entender, de fora, como um acidente, como alguém que é apanhado por um trem. Sem dúvida que eu não pensara em tal coisa antes, nem creio que Anthony tivesse realmente pensado; a descoberta de que nos amávamos colheu-nos de surpresa, atropelou-nos, por assim dizer. Não foi absolutamente uma coisa premeditada, calculada. Eis por que não me sinto culpada. Pesarosa, sim — mais do que o podem dizer as palavras — da dor que sei que lhe vou causar. E estou pronta a fazer todo o possível para minorá-la. Perdão, por fazê-lo sofrer. Mas nenhum sentimento de culpa, nenhum sentimento de ter procedido com você desonrosamente. Isso eu só sentiria, se tivesse tido o propósito deliberado de fazer o que fiz; mas não foi assim. Asseguro-lhe que foi uma coisa que aconteceu — que aconteceu a nós ambos. Brian querido, é inexprimível o pesar que sinto de o estar magoando. Logo a você; sobretudo a você. Intencionalmente, já se vê que eu não seria capaz de tal. Tudo isso se deu imprevisivelmente, aconteceu, do mesmo modo que aconteceu você magoar-me em consequência do receio, que sempre teve, do amor. Você não queria magoar-me, não era essa sua intenção, mas o fato é que não pôde deixar de o fazer. O impulso que o levou a magoar-me colheu-o de surpresa, atropelou-o, tal qual este impulso de amor que nos surpreendeu, a mim e a Anthony. Não vejo em ninguém a culpa disso, Brian. O que houve foi má sorte nossa. Tudo devia correr tão bem e ser tão belo. E eis que nos acontecem essas coisas — primeiro a você, compelido a magoar-me; depois a mim. Talvez que, mais tarde, possamos ainda ser amigos. É o que eu espero. E é por isso que não me despeço de você, meu querido Brian. Aconteça o que acontecer, sou sempre a amiga que muito lhe quer —

JOAN.

Esforçando-se por manter seu amor-próprio e diminuir sua profunda inquietação, Anthony procurou cingir-se à crítica do estilo realmente enfadonho em que, de um modo geral, a carta estava escrita. Espécie de oratória de púlpito, concluiu: e ensaiou um sorriso. Mas foi inútil. Seu rosto negou-se a fazer o que ele lhe pedia. Largou a carta de Joan e, com relutância, apanhou a outra, cuja letra era de Brian.

MEU CARO A. — Incluo a carta que recebi de Joan esta manhã. Faça o favor de lê-la; isso me poupará explicações. Como pôde ele fazer isso? Eis a pergunta que me estive fazendo durante a manhã toda e que faço a você agora. Como pôde você? É possível que as circunstâncias a tenham colhido de surpresa — à maneira de um trem, como diz ela. E disso confesso que a culpa é minha. Mas a você as circunstâncias não podiam tê-lo colhido de surpresa. O que você me contou a seu respeito e de suas relações com Mary Amberley era bastante para tornar bem claro que não se podia tratar, no seu caso, do trem da pobre Joan. Por que fez você isso? E por que veio aqui e se portou como se nada tivesse acontecido? Como pôde sentar-se defronte de mim e ouvir-me falar da minha desarmonia com Joan e afetar simpatia, quando duas noites antes estivera dando-lhe os beijos que não me foi possível dar? Deus sabe quantas coisas más e tolas tenho eu feito no decorrer de minha vida, quantas vezes e de quantos modos tenho mentido; mas, honestamente, não creio que eu fosse capaz de fazer o que você fez. Não pensava que houvesse alguém capaz de o fazer. Parece-me ter estado a viver durante todos estes anos no limbo da ingenuidade, supondo o mundo um lugar em que fosse simplesmente impossível ocorrerem coisas dessa espécie. Um ano atrás, talvez eu tivesse sabido descobrir que isso pode acontecer. Agora, não. Bem sei que, se o tentasse, descambaria para uma espécie de loucura. O ano que findou deixou-me mais exausto do que eu supunha. Percebo, agora, que estou, internamente, reduzido a um montão de ruínas e que é por um esforço incessante da vontade que me venho aguentando. Sou como uma estátua partida que, de certo modo, conseguisse recompor-se por simples e instável justaposição de seus fragmentos. E agora, para cúmulo, isto. Não posso mais aguentar-me. Sei que, se tivesse de vê-lo agora — e não é porque sinto que você fez o que não deveria ter feito; o mesmo seria, se fosse outra pessoa, mesmo minha mãe — sim, se eu tivesse de ver alguém que significasse qualquer coisa para mim, sinto que me desfaria em pedaços. Uma estátua em dado momento e, no momento seguinte, um monte de pó e de fragmentos informes. Não me sinto com forças para enfrentar tal situação. Pode ser que o deva; mas, positivamente, não posso. Estava indignado com você quando comecei a escrever esta carta, sentia-lhe ódio; mas agora noto que já não o odeio. Deus o abençoe.

B.

Anthony meteu no bolso as duas cartas e o envelope rasgado, e, apanhando os dois envelopes selados e a vela, desceu a escada para a sala de jantar. Meia hora mais tarde, foi à cozinha e, na grelha, que ainda ardia, ateou fogo a todos os papéis que Brian deixara. Os dois envelopes por abrir e mais os

respectivos conteúdos bem dobrados arderam lentamente, tiveram que ser, a todo instante, remexidos, para atizar-se o fogo; mas, por fim, tudo se queimou. Com o atizador, ele reduziu a pó o papel carbonizado, deu ainda ao fogo um último lampejo de chama e pôs de novo o testo no lugar. Saiu depois para o jardim e daí, descendo a escada, para a rua. Em caminho para a aldeia, foi subitamente surpreendido pelo pensamento de que nunca mais poderia ver Mary. Ela, por certo, não cessaria de lhe fazer perguntas, apertá-lo-ia num torniquete até conseguir dele toda a verdade e, uma vez de posse desta, proclamá-la-ia a todo o mundo. Além disso, poderia ele mesmo querer tornar a vê-la, agora que Brian tinha... Não ousou dizer as palavras nem mesmo a si próprio. — Céus! — disse em voz alta. À entrada da aldeia, esteve alguns instantes parado, para pensar no que deveria dizer quando despertasse o policial. — O meu amigo está perdido... O meu amigo esteve fora de casa o dia inteiro e... Estou inquieto com o desaparecimento de um amigo meu... Qualquer coisa serviria; continuou a andar, agora mais depressa, ansioso unicamente de acabar com aquilo.

CAPÍTULO XLIX

12 a 14 de janeiro de 1934

REINAVA NO PEQUENO RANCHO UMA ESCURIDÃO, acrescida, do meio-dia até o pôr do sol, de um calor sufocante; depois, a temperatura baixou, a ponto de fazer frio durante a noite toda. Um tabique dividia a cabana em dois compartimentos; no meio do primeiro compartimento estava um fogão tosco de pedras e, quando se acendia o fogo para cozinhar, a fumaça escapava pelas frestas das paredes de tábuas e sem janelas. O mobiliário consistia em um tamborete, duas latas de querosene para água, algumas panelas de barro e um almofariz de pedra para moer milho. Do outro lado do tabique estavam dois leitos de tábuas sobre cavaletes. Foi num destes que eles deitaram Mark.

Na manhã seguinte, Mark delirava com febre. Do joelho, a infecção tinha-se propagado para baixo, tornando a perna inchada até quase ao tornozelo.

Para Anthony, sentado ali na quente penumbra, assistindo aos murmúrios e aos gritos súbitos e lancinantes daquela criatura estranha no leito, havia, no momento, uma única coisa a decidir. Mandaria o *moço* buscar um médico e as drogas necessárias em Miajutla? Ou iria pessoalmente?

Era escolher entre dois males. Pensava no pobre Mark, abandonado, sozinho nas mãos daqueles selvagens ineptos e não muito bem intencionados. Mas, mesmo que ele ficasse ali, que poderia fazer com os recursos de que dispunha? E se o *moço* não conseguisse persuadir o médico de que devia vir imediatamente, não conseguisse trazer as provisões necessárias, deixasse mesmo, talvez, de regressar? Miajutla, conforme Mark tinha dito, ficava na região do *pulque*; devia haver ali oceanos de cachaça barata. Ao passo que ele, com o animal em boa andadura, poderia estar de volta, estar de novo junto de Mark em

menos de trinta horas. Homem branco e com dinheiro no bolso, estaria em condições de intimidar e subornar o médico, fazendo que ele se mexesse. E — coisa talvez não menos importante — saberia quais as provisões que conviria trazer consigo. Sua resolução estava tomada. Levantou-se e, indo até a porta, chamou o *moço* e disse-lhe que selasse a mula.

Havia menos de duas horas que cavalgava, quando se deu o milagre. Ao fazer uma volta na estrada, viu adiantar-se em sua direção, a uma distância de menos de cinquenta jardas, um homem branco, seguido de dois índios, um montado e o outro a pé, com duas mulas de bagagem carregadas. Quando se aproximaram, o homem branco tirou cortesmente o chapéu. Tinha os cabelos castanho-claros, já grisalhos acima das orelhas e, no rosto fortemente bronzeado, era impressionante o tom descorado dos seus olhos azuis.

— *Buenos dias, caballero* — disse ele.

O sotaque não enganava. — *Good morning* — respondeu Anthony.

Pararam as alimárias um ao lado do outro e começaram a conversar.

— É esta a primeira palavra inglesa que eu ouço em sete meses e meio — disse o desconhecido. Era um homem idoso, baixo e magro, mas com um porte ereto que lhe emprestava um ar de dignidade. O rosto apresentava proporções curiosas, com um nariz curto e um lábio de extensão fora do comum, encimando uma boca larga, fortemente fechada. Boca de inquisidor. Mas o inquisidor descuidara-se e aprendera a sorrir; todo um potencial de riso jazia nas rugas fortemente sulcadas, que separavam das faces as comissuras da boca, a vibrarem de sensibilidade. E, em torno dos olhos vivos e perscrutantes, aquelas linhas intrincadas pareciam os traços e símbolos hieroglíficos de um movimento constantemente repetido, em que se traduzia uma benevolência caprichosa. Fisionomia estranha, sentenciou Anthony, mas encantadora.

— Meu nome é James Miller — disse o desconhecido. — E o seu? — E, quando o soube, perguntou, dirigindo-se ao outro, à maneira dos *Quakus* por ambos os nomes: — Viaja sozinho, Anthony Beavis?

Anthony disse-lhe para onde se destinava e com que missão. — Creio que o senhor não sabe nada a respeito de médicos em Miajutla — concluiu.

Com uma súbita acentuação das linhas hieroglíficas em volta dos olhos,

com súbita exteriorização daquele potencial de riso em volta da boca, o homenzinho sorriu. — Sei qualquer coisa a respeito de médicos *aqui* — disse, batendo no peito. — M.D., Edimburgo. E, o que é mais, boa provisão de matéria médica em cima daquelas mulas. — Depois, já noutro tom, disse, cheio de ânimo: — Vamos! Vamos ver esse seu amigo o mais depressa possível.

Anthony fez o animal voltar e, emparelhados, os dois homens partiram estrada acima.

— Pois é isso, Anthony Beavis — disse o médico —, você veio ao endereço certo.

— Felizmente — disse Anthony, sacudindo a cabeça — não estive fazendo nenhuma prece nesse sentido; pois, se tivesse feito, teria agora de acreditar numa providência especial e em intervenções milagrosas.

— E isso não adiantaria nada — concordou o médico. — Não que seja por acaso que as coisas ocorrem; certamente que não. Seguimos o destino que o mago nos impõe — o destino que nós mesmos tornamos inevitável que ele nos impusesse. É uma questão de causa e efeito. Depois, sem uma pausa, perguntou: — Qual é a sua profissão?

— Creio que o senhor haveria de dizer que sou sociólogo. Que fui, pelo menos.

— Que é que me está dizendo?! É verdade? — O médico parecia surpreso e satisfeito. — Pois a minha especialidade é a antropologia — continuou. — Estive vivendo no meio dos Lacandones em Chiapas, nestes últimos meses. Boa gente, quando se consegue conhecê-los bem. E colhi boa quantidade de material.

A propósito: é casado?

— Não.

— Nunca foi casado?

— Nunca.

O dr. Miller sacudiu a cabeça. — Isso é mau, Anthony Beavis — disse. — Devia já se ter casado.

— Por que motivo diz isso?

— Posso ver isso no seu rosto. Aqui; e aqui. — Pôs os dedos nos lábios e

depois na testa. — Eu fui casado. Durante quatorze anos. Depois minha mulher morreu. De malária. Trabalhávamos então na África Ocidental. Ela também se especializara. Havia alguns dias em que se mostrava mais conhecedora do ofício do que eu. — Suspirou. — Você teria dado um bom marido, sabe? E talvez ainda dê, mesmo agora. Que idade tem?

— Quarenta e três.

— Pois parece mais moço. Se bem que não me agrada essa sua pele amarelada — declarou com súbita veemência. — Sofre de prisão de ventre?

— Não — respondeu Anthony, sorrindo, e imaginando que não haveria de ser muito agradável a alguém estar respondendo a todo mundo a perguntas dessa natureza. Um pouquinho aborrecido, talvez, ter de tratar como seres humanos a todas as pessoas que encontrássemos, cada uma delas com o direito de saber tudo a nosso respeito; mas, ainda assim, mais interessante do que tratá-las como objetos, como simples massas de carne que se despejam ao nosso lado num banco de ônibus ou esbarram em nós nas calçadas. — Muito, não — concedeu.

— Quer dizer: não de um modo manifesto. — disse o médico. — Algum eczema?

— Ocasionalmente.

— E uma tendência para a caspa. — O dr. Miller sacudia a cabeça confirmando a própria afirmativa. — E sente dores de cabeça, não?

Anthony teve que admitir que às vezes sentia.

— E, certamente, torcicolos e ataques de lumbago. Já sei. Já sei. Alguns anos mais, e a coisa se transformará em ciática ou artrite. — O médico calou-se um instante, enquanto interrogava com o olhar o rosto de Anthony. — Sim, essa pele amarelada — repetiu, e sacudiu a cabeça. — E a ironia, o ceticismo, a atitude que se exprime num “que é que adianta?” Atitude negativa, realmente. Tudo que você pensa é negativo.

Anthony riu; mas riu para esconder certo mal-estar. Isso de tratar em termos humanos a cada um que ele encontrasse podia causar certo embaraço.

— Oh, não vá pensar que estou criticando! — exclamou o médico. E havia em sua voz uma nota de verdadeiro arrependimento.

Anthony continuava rindo, mas de maneira não convincente.

— Não lhe passe pela cabeça a ideia de que haja qualquer censura no que estou dizendo.

Estendendo a mão, deu uma palmada afetuosa no ombro de Anthony. — Todos nós somos o que somos; e quando chega o momento de nos tornarmos o que devemos ser, não é coisa fácil. Não é fácil, não, Anthony Beavis. Como pode você esperar que o seu pensamento, as suas ideias não sejam negativas, quando tem um envenenamento crônico dos intestinos? Tem desde que nasceu, calculo. Herdou-o. E, ao mesmo tempo, todo curvado, como está. Caído sobre a mula, dessa maneira — é horrível. Comprimindo as vértebras, como uma tonelada de tijolos. Quase que se pode ouvir o ruído que fazem as coitadas, triturando-se umas às outras. E quando a espinha está nesse estado, que é que acontece ao resto da máquina? A simples lembrança disso assusta.

— E contudo — disse Anthony, sentindo-se um pouco ofendido por essa enumeração impiedosa de seus defeitos físicos — contudo, eu ainda estou vivo. Ainda estou aqui para contar como o fato se deu.

— *Alguém* está aqui para contar — respondeu o médico. — Mas será esse alguém a pessoa que você quisera que ele fosse?

Anthony não respondeu. Perturbado, limitou-se a sorrir.

— E mesmo esse alguém, se você não tiver cuidado, não sobreviverá muito tempo contando como o fato se deu. Estou falando sério — insistiu. — Muito sério. Você tem que mudar, se quiser continuar a existir. E já que é uma questão de mudança, devo dizer-lhe que precisa valer-se de toda sorte de auxílio, desde a ajuda de Deus até a do médico. Isso eu lhe digo, porque gosto de você — explicou. — Acho que você merece mudar.

— Muito obrigado — disse Anthony; e foi com prazer que sorriu, desta vez.

— Falando como médico, sugiro, para começar, uma série regular de irrigações do cólon.

— E falando em nome de Deus — disse Anthony, permitindo que o seu prazer se extravasasse no bom-humor de um gracejo — uma série regular de preces e jejuns.

— Não; jejum, não — protestou o médico, muito sério — jejum, não. Apenas uma dieta apropriada. Nada de carne de açougue; é veneno, para o seu caso. E nada de leite, tampouco; só serve para enchê-lo de gases. Tome-o em forma de queijo e de manteiga; líquido, nunca. Ovos, o mínimo possível. E, naturalmente, uma única refeição completa por dia. Você não precisa de metade do que está comendo. Quanto a preces... — Suspirou, franziu a testa, e disse, com um ar severo e pensativo: — São coisas que nunca foram de meu agrado, saiba você. Pelo menos, isso que ordinariamente se entende por preces. Todos esses pedidos de favores especiais, de amparo, de perdão; sempre me pareceu que isso tende a tornar a gente egoísta, preocupada com sua ridícula, mesquinha, enfatuada personalidade. Quando rezamos segundo a maneira habitual, estamos apenas nos atritando. Não saímos do nosso próprio vômito, se assim me faça entender. Enquanto o que todos estamos procurando é justamente um meio de ir além do nosso próprio vômito.

“Um meio”, pensava Anthony, “de ir além dos livros, além da carne perfumada e renitente das mulheres, além do medo e da preguiça, além da dolorosa, mas secretamente lisonjeira, visão do mundo como um jardim zoológico e um asilo.”

— Além dessa fútil personalidade de dois pences e meio — disse o médico — com todas as suas virtudezinhas e viciozinhos, com todos os seus anseios tolos e tolas pretensões. E se você não tomar cuidado, a prece não tardará em tornar-lhe inveterado o hábito de ser pessoal. É o que estou lhe dizendo: já tenho observado o fato clinicamente e tem-me parecido que o efeito da prece nas pessoas é o mesmo, ou quase o mesmo, que o efeito produzido pela carne de açougue. A prece torna a pessoa mais individual, mais separada. É justamente o que faz um bife. Examine bem a correlação que existe entre a religião e a dieta. Os cristãos comem carne, bebem álcool, fumam; e o cristianismo exalta a personalidade, insiste no valor da prece rogativa, ensina que Deus sente cólera e aprova a perseguição dos hereges. Acontece o mesmo com os judeus e os muçulmanos. *Kosher* e um Jeová indignado. Carne de carneiro e carne de vaca e a pessoa sobrevivendo no meio das huris. Alá vingativo e as guerras santas. Agora, considere os budistas. Legumes e água. E qual é a filosofia deles? Não exaltam a

personalidade; procuram elevar-se acima dela. Não imaginam que Deus possa estar irado; quando não são instruídos, acham que Deus é misericordioso, e, quando são instruídos, entendem que Deus não existe a não ser como espírito impessoal do universo. A consequência disso é que não fazem preces rogativas; meditam, ou, por outras palavras, procuram fundir seus próprios espíritos no espírito universal. Finalmente, não acreditam em providências especiais para os indivíduos; acreditam numa ordem moral, onde cada acontecimento tem sua causa e produz seu efeito, onde é o mago que nos impõe o destino que nos cabe, mas no-lo impõe somente porque nossos atos anteriores o forçaram a isso. Como estão distantes estes mundos do de Jeová e de Deus Pai e das almas eternas individuais! O fato é, sem dúvida, que pensamos conforme comemos. Eu me alimento como um budista, porque acho que isso me conserva a saúde e me faz feliz; e o resultado é que penso como um budista — e, pensando como um budista, sou apoiado em minha determinação de comer como tal.

— E está agora *me* recomendando comer como tal.

— Mais ou menos.

— E quer também que eu pense como um budista?

— Com o tempo, não poderá mais evitá-lo. Mas, com certeza, o melhor é fazê-lo conscientemente.

— Bem, para falar verdade — disse Anthony — eu já penso como um budista. Não, talvez, em todos os sentidos; mas, certamente, em muitos sentidos. Apesar do rosbife.

— Você *pensa* que pensa como um budista — disse o médico. — Mas não o faz. Pensar negativamente não é pensar como budista; é pensar como um cristão que come mais carne de açougue do que os seus intestinos podem suportar.

Anthony riu.

— Oh, eu bem sei que a coisa pode provocar riso — disse o médico. — Mas, se o provoca, é apenas porque você é dualista.

— Não sou tal.

— Talvez não o seja em teoria. Mas na prática, que outra coisa pode ser, senão um dualista? Que é você, Anthony? Um homem inteligente, não resta a

menor dúvida. Mas, também, não resta a menor dúvida que você possui um corpo inconsciente. Um aparelho pensante eficiente e um sistema de músculos e ossos e vísceras de uma obtusidade alarmante. Você é, naturalmente, dualista. Você vive o seu dualismo. E um dos motivos por que o vive é que se envenena com demasiada proteína animal. Como milhões de outros, é claro! Qual é hoje o maior inimigo do cristianismo? A carne congelada. Antigamente, só os membros das classes superiores é que eram completamente céticos, desanimados, negativos. Por quê? Entre outras razões, porque eram as únicas pessoas que podiam dar-se ao luxo de comer muita carne. Hoje há, para todas as bolsas, carneiro novo de Canterbury e carne congelada da Argentina. Mesmo os pobres se podem dar ao luxo de se envenenarem até chegarem a um ceticismo e desespero completos. E só os mais violentos estímulos é que os despertarão a uma atividade definida; e o pior é que toda atividade que eles possam exercer é diabólica. Só podem ser estimulados por apelos histéricos para que persigam judeus, trucidem socialistas, ou marchem para a guerra. Acontece que, pessoalmente, você é inteligente demais para poder ser fascista ou nacionalista; mas, ainda uma vez, isso é questão de teoria e não de vida real. Pode acreditar-me, Anthony Beavis, que os seus intestinos estão maduros para o fascismo e o nacionalismo. Eles é que lhe dão esse desejo de ser arrancado do negativismo a que eles mesmos o condenaram, esse desejo de ser, pela violência, lançado na violência.

— Realmente — disse Anthony — foi esse um dos motivos que me trouxeram aqui. — Acenou com a mão na direção das montanhas caóticas e tumultuadas. — Apenas para desvencilhar-me do negativismo. Estávamos de viagem, a fim de tomar parte numa revolução, quando o pobre Staithes sofreu esse acidente.

O médico sacudiu a cabeça, como quem estava entendendo. — Pois é isso mesmo — disse — é isso mesmo! E supõe você que estaria aqui, se tivesse um intestino são?

— Bem; isso agora, eu realmente não sei — respondeu Anthony, rindo.

— Sabe perfeitamente que não estaria — disse o médico, quase com severidade. — Não estaria, pelo menos, para esse fim doido. Poderia estar,

certamente, como antropologista, digamos, ou como professor, ou curandeiro, ou lá o que fosse, desde que visasse a entender e a socorrer o próximo.

Anthony baixou lentamente a cabeça, mas sem dizer nada; e durante um longo percurso, os dois seguiram assim, lado a lado, em silêncio.

Havia luz do lado de fora, e mais limpeza sob o céu amplo do que no interior do pequeno rancho. O dr. Miller tinha escolhido para teatro de sua operação uma pequena clareira na mata, fora da aldeia.

— Longe do alcance das moscas, é de esperar — disse, mas sem parecer ter muita confiança no que dizia.

Fora construído um fogão pelos seus dois *mozos* e, sobre o fogo, estava um caldeirão de água fervente. Tinham obtido de empréstimo uma mesa do mestre-escola, e alguns bancos, e mais umas tigelas para o desinfetante, e um lençol de algodão para cobrir a cama.

O dr. Miller havia-lhe dado uma dose de Nembutal e, no momento oportuno, Mark foi transportado inconsciente para a clareira no meio dos pinheiros. Todos os garotos da aldeia escoltaram a padiola e, depois, formaram roda, silenciosos e atentos, enquanto o paciente era erguido e removido para a cama. Com as suas calças compridas, os seus chapéus de abas largas e os seus xales dobrados e atirados sobre os ombros, eles não pareciam crianças, mas absurdas e ridículas paródias de gente grande.

Anthony, que estivera segurando a perna gangrenada, ergueu o busto e, lançando o olhar em volta, viu aquele círculo de rostos trigueiros e o lampejo de todos aqueles olhos negros e tristes. Ante tal espetáculo, a apreensão que cada vez mais o dominava transformou-se abruptamente numa cólera incontável.

— Ponham-se daqui para fora! — gritou, avançando para eles e sacudindo os braços no ar. — Fora daqui, canalhas, fora!

Os garotos foram se retirando, mas lentamente, com relutância, com a intenção manifesta de voltarem, tão depressa ele virasse as costas.

Anthony fez um movimento rápido e agarrou um garoto pelo braço.

— Seu patife!

Sacudiu com violência a criança e depois, dominado por um irresistível

impulso de castigá-lo, de magoá-lo, deu-lhe um cascudo com tal força, que o chapelão do garoto saiu voando por entre as árvores.

Sem soltar nem um grito, o petiz saiu correndo atrás dos companheiros. Anthony fez ainda um gesto de ameaça na direção deles e depois, dando as costas, voltou para o centro da clareira. Mal tinha, porém, dado alguns passos, quando, com certa pontaria, uma pedra alcançou-o em cheio, bem no meio das costas. Ele virou-se num ímpeto e, cheio de raiva, explodiu numa catadupa de obscenidades, como nunca as proferira desde os tempos escolares.

Dr. Miller, que estava lavando as mãos à mesa, ergueu os olhos. — Que é que há? — perguntou.

— São esses diabinhos, que estão jogando pedras.

— Pois é benfeito — disse o médico, sem simpatia. — Deixe-os lá e venha cumprir o seu dever.

O tom estranhamente clerical e militar com que foram ditas tais palavras fê-lo compreender, com espanto e desconforto, que estivera agindo como um louco. Pior do que um louco. Mas, com a compreensão dessa vergonhosa e humilhante loucura, veio logo o ímpeto de justificá-la. Foi num tom de indignação e de angústia que ele falou. — O senhor não vai consentir que eles fiquem aqui espiando; ou vai?

— Como posso eu impedir que eles espiem, se quiserem? — perguntou o médico, enxugando as mãos enquanto falava. — E agora, Anthony Beavis — ajuntou, severo — compenetre-se do seu papel. O nosso trabalho já é, de si, bastante sério e difícil e dispensa que você o complique com o seu histerismo.

Calado e, em consequência da vergonha que sentia, irritado com Miller, Anthony lavou as mãos e vestiu a camisa limpa que devia servir de avental.

— Agora, mãos à obra — disse o médico, e deu alguns passos à frente. — Temos que começar por tirar todo o sangue da perna.

“Da perna”, e não “da sua perna”, pensava Anthony, de pé ao lado do médico e olhando para o homem que dormia na cama. Qualquer coisa de impessoal, que não pertencia a ninguém em particular. Da perna. Mas o rosto de Mark, aquele rosto que dormia, tão incrivelmente calmo agora, tão liso a despeito da magreza, como se aquela imobilidade de morte tivesse estendido

nova pele por sobre os músculos escorchados e contraídos — aquele rosto jamais poderia ser meramente “o rosto”. Era “o rosto dele”, dele, apesar de toda a dessemelhança com a desdenhosa e sofredora máscara através da qual, nos momentos comuns, Mark olhava para o mundo. Talvez ainda mais genuinamente dele, justamente por causa dessa dessemelhança. Lembrou-se subitamente do que Mark lhe dissera junto do Mediterrâneo, havia apenas quatro meses, quando, ao acordar, dera com aqueles olhos, fechados agora, mas então bem abertos, animados por aquela expressão de escárnio com que o examinava, sardonicamente, através do mosquiteiro. O que realmente somos será, talvez, o que parecemos ser quando estamos dormindo. Inocência e paz — eis a essência do espírito, tudo o mais não passando de mero acidente.

— Segure o pé dele — ordenou dr. Miller — e suspenda a perna, aproximando-a o mais possível da posição vertical.

Anthony obedeceu. Erguida assim, desse modo grotesco, a perna horripilantemente inchada e descorada pareceu, mais do que nunca, impessoal, um simples objeto. Anthony sentia as narinas impregnadas do mau cheiro da carne gangrenada. Por trás deles, do meio das árvores, uma voz disse qualquer coisa incompreensível; e seguiu-se uma risada abafada.

— Agora, deixe o pé com o *moço* e ajude-me aqui. — Anthony obedeceu e tornou a cheirar a resina da floresta. — Segure aqui esta garrafa para mim.

Houve um murmúrio de espanto em que se ouviu a palavra “*Amarillo!*”, quando o médico pintou a coxa com quercitrina. Anthony tornou a olhar para o rosto do amigo e notou que permanecia inalterado em sua serenidade. Essencialmente tranquilo e puro. A perna, no negror de sua carne morta; a serra, ali na tigela de solução de permanganato; as facas e as pinças; as crianças fascinadas emergindo do meio do mato as suas cabecinhas — tudo aquilo destoava, de certo modo, do Mark essencial.

— Agora o clorofórmio — disse o dr. Miller. — E o tampão de algodão. Vou mostrar-lhe como deve usá-lo. Depois, tem de fazer isso sozinho.

Abriu a garrafa e o cheiro dos pinheiros ao sol foi suplantado por um outro, doce e, ao mesmo tempo, acre e nauseante.

— Olhe. Está vendo como é? — perguntou o médico. — É assim. Vá

fazendo sempre assim. Quando tiver de parar, eu lhe digo. Eu tenho que aplicar o torniquete.

Não havia pássaros nas árvores e mal se percebiam, mesmo, quaisquer insetos. Uma imobilidade de morte reinava na mata. Aquela clareira ensoalheirada era uma ilha de som articulado e de movimento num oceano de silêncio. E no centro dessa ilha jazia outro silêncio, mais intenso, mais completo do que o silêncio da floresta.

O torniquete foi aplicado. O dr. Miller ordenou ao *moço* que fosse descendo a perna grotescamente içada. Puxou um banquinho para junto da cama, sentou-se, depois tornou a levantar-se e, enquanto lavava as mãos pela última vez, explicou a Anthony que teria de operar sentado. A cama era muito baixa para que ele pudesse permanecer de pé. Sentando-se de novo, mergulhou a mão na tigela de permanganato, para apanhar um escalpelo.

Ao ver aquelas largas tiras de pele assim viradas do avesso, como as cascas de uma enorme banana, mas arrancadas, entretanto, de uma fruta vermelha e sangrenta, Anthony não pôde resistir a uma horrível sensação de náusea. A boca se lhe encheu de saliva, que ele foi obrigado a engolir repetidas vezes. Involuntariamente, uma golfada de vômito assomou-lhe à garganta.

— Fique firme, agora — disse o médico, sem levantar os olhos. Com uma pinça, fechava a extremidade de uma artéria que vazava. — Considere a coisa cientificamente. — Deu outro extenso corte na carne viva. — E se precisar vomitar — prosseguiu, com súbita aspereza — por amor de Deus, faça-o já e volte depressa! — Depois, noutro tom — no tom de um professor que demonstra um ponto interessante aos seus alunos — disse: — Temos de ir cortando os nervos numa grande extensão. Há um retraimento tremendo quando os tecidos se vão recompondo. Seja como for — ajuntou — ele provavelmente terá de sofrer nova amputação mais tarde. Não há de ser bela coisa, o coto de perna com que ele vai ficar.

Calmo e em paz, inocente de todos os desejos, de todas as maldades, de todas as ambições — aquele rosto era de alguém que se libertara, de alguém para quem já não havia grades ou cadeias, nem sepulcros sob uma lápide, e sobre quem todos os engodos já não exerciam ação alguma. O rosto de alguém que se

libertara... Mas o fato, refletia Anthony, o fato era que sua liberdade lhe tinha sido imposta por aquele gás malcheiroso. Seria possível a alguém ser o libertador de si próprio? Sem dúvida que não faltavam ciladas e armadilhas; mas havia também um meio de sair delas. Prisões havia; mas podiam ser abertas. E se as câmaras de suplícios não podiam jamais ser abolidas, podia-se contudo fazer, talvez, com que os suplícios parecessem sem importância. Tão destituídos de importância quanto agora, para Mark, esse ruído do serrote, esse revoltante roçar e ranger dos dentes de aço mordendo osso, da lâmina de aço avançando e recuando no sulco mais e mais profundo. Mark jazia ali, sereno, sorrindo quase.

CAPÍTULO L

Dia de Natal de 1934

DEUS — UMA PESSOA OU NÃO? *Quien sabe?* Só a revelação é que pode resolver esses problemas metafísicos. E a revelação esconde o jogo, como o jogador à espera de uma oportunidade para pôr na mesa três ases de trunfo que guardara escondidos.

De mais importância é a questão prática. O que dá a um homem mais capacidade de conceber a bondade — a crença num Deus pessoal ou num Deus impessoal? Resposta: depende. Alguns espíritos funcionam de um modo, outros de outro modo. O meu acontece que não sente realmente necessidade e, até, acha impossível, pensar no mundo em termos de personalidade. Patanjali diz que se pode acreditar num Deus pessoal, ou não acreditar, conforme o gosto. Os efeitos psicológicos serão os mesmos num ou noutro caso.

Para aqueles cuja natureza exige a personalidade como fonte de energia, mas que consideram impossível acreditar que o universo tenha sido criado por uma pessoa em todos os sentidos possíveis da palavra — qual a política justa? Na maioria dos casos, eles repelem qualquer prática que se pudesse chamar religiosa. Mas isso é como lançar fora o bebê juntamente com a água do banho. A desejada relação com uma personalidade pode ser histórica, não ontológica. Um contato, não com alguém que exista atualmente como dirigente do universo, mas com alguém que se saiba ter existido noutros tempos. A imitação de Cristo (ou de qualquer outra personagem histórica) é exatamente tão eficiente quando o modelo é considerado como tendo existido lá quanto o é quando o modelo é concebido como existindo aqui e agora. E a meditação sobre a bondade, a comunicação com a bondade, a contemplação da bondade são,

demonstravelmente, meios capazes de realizar a bondade na vida, mesmo quando aquilo sobre que meditamos, com que nos comunicamos e que contemplamos não é uma pessoa, mas um espírito geral, ou mesmo um ideal que se supõe existir somente no espírito dos homens. O problema fundamental é prático — elaborar sistemas de exercícios psicológicos para todos os tipos de homens e de mulheres. O catolicismo tem muitos sistemas de prece mental — o inaciano, o franciscano, o liguriano, o carmelita e outros. O hinduísmo, o budismo do norte, do sul, de zen também apresentam uma variedade de práticas. Há aqui um grande trabalho a ser feito. Colher e confrontar informações de todas essas fontes. Consultar livros e — o que é mais importante — as pessoas que realmente praticaram o que está nos livros, que conhecem por experiência o ensino dos noviços. Oportunamente, talvez fosse possível estabelecer uma completa e definitiva *Ars Contemplativa*. Uma série de técnicas, adaptadas a cada tipo mental. Técnicas para a meditação sobre a bondade, comunicação com a bondade e contemplação da bondade. Fins em si e, ao mesmo tempo, meios para realizar um pouco dessa bondade na prática.

10 de janeiro de 1935

MAQUINARIA E BOA ORGANIZAÇÃO — INVENÇÕES modernas; e, como todos os benefícios, têm de ser pagas. De muitas maneiras. Um dos itens é a crença geral, estimulada pela eficiência mecânica e social, de que o progresso é automático e pode ser imposto de fora. Nós, indivíduos, nada precisamos fazer nesse sentido. Liquidem-se os indesejáveis, distribuam-se dinheiro e bens em quantidade suficiente — e tudo correrá bem. É um retorno à magia, um incentivo à preguiça natural do homem. Note-se o modo impressionante como essa tendência se estende por toda a vida moderna, brotando, crescendo, pululando em cada ponto. Não parece haver nenhuma relação manifesta entre os webbs e os soviets de um lado, e o catolicismo moderno do outro lado. Mas que semelhanças profundas, subterrâneas! A recente renovação católica é essencialmente uma renovação dos sacramentos. De um ponto de vista católico

é esta a “era sacramental”. O poder mágico dos sacramentos, considerado como suficiente para a salvação. Perfeita analogia com a ideia webbs-soviética do progresso, realizado fora de nós, através de maquinaria e de uma organização eficiente. Para os católicos ingleses, os sacramentos são os equivalentes psicológicos dos tratores na Rússia.

CAPÍTULO LI

7 de fevereiro de 1934

O DR. MILLER APEOU-SE DIANTE DA porta aberta, deixou o animal entregue ao *moço* e entrou na cabana.

Firmando os cotovelos na cama e erguendo o busto, Mark virou-se para vê-lo entrar — uma figura pequena e ereta, com um andar lesto e desembaraçado, uma expressão de curiosidade simpática nos olhos azuis e vivos e um potencial de riso nas comissuras dos lábios.

— Como vão todos os seus doentezinhos esta tarde? — perguntou Mark, com um sorriso sardônico, feroz, que lhe contraiu o rosto pálido e ainda macilento.

Do tamborete em que estava sentado ao lado da cama, Anthony lançou-lhe um olhar e veio-lhe então à lembrança a serenidade daquele rosto três semanas antes, sob o sol matinal que banhava os pinheiros. Sereno e em paz. Agora, porém, que a vida lhe voltara, agora que ele estava convalescente e fora de perigo, a paz tinha-se ido embora, deixando-o de novo assim, o inimigo envenenado de todo o mundo. Já antes mesmo, quando ainda não tinha forças para falar, era no olhar que o seu ódio se manifestava. Ódio a todos que dele se aproximavam, mas, principalmente, ao amigo Miller.

— Não lhe suporto aquele ar perpetuamente radiante — foi o que ele disse a Anthony mais tarde. — Ninguém tem o direito de andar por aí com cara de anúncio de remédio para a prisão de ventre.

Mas era outro o verdadeiro motivo da antipatia de Mark. Detestava o bom do Miller pelo fato de estar dependendo dele, por causa da eficiência e do zelo infatigável com que o homem cuidava dele. Pobre Mark! Quanto sofria com ter

de aceitar um favor e, ainda mais, com ser obrigado, por sua própria fraqueza física, a pedir tal favor! Com que azedume recebia até mesmo o afeto, se tal afeto viesse de alguém a quem lhe fosse impossível sentir-se superior! Sua malquerença para com o médico manifestara-se desde o momento em que voltara ao estado de consciência e aumentava todos os dias, na medida em que o velho, com o fim de cuidar dele, ia adiando sua partida.

— Mas por que não prossegue viagem? — tinha, uma vez, perguntado; e quando o médico respondeu que não tinha pressa e pretendia, quando ele já estivesse completamente restabelecido, acompanhá-lo até ao litoral, senão mesmo, já que ele também estava de partida, até a Inglaterra, foi com grande veemência que Mark protestou já estar sua perna praticamente curada e que não haveria dificuldade nenhuma em voltar para Puerto San Felipe, que ele mesmo, provavelmente, tomaria o vapor com destino a Los Angeles.

Mas o médico ficara, fazendo companhia a Mark, e, nos intervalos, saindo a cavalo pelas aldeias vizinhas, a tratar dos doentes. Para o convalescente era isso mais uma fonte de irritação — embora Anthony não pudesse compreender bem por que, nem como, isso deveria aborrecê-lo. Talvez estivesse ressentido com o fato de não ser ele o benfeitor dos índios. Fosse porque fosse era o fato. E ele nunca se cansava de espicaçar o bom do Miller com aqueles “doentezinhos”, como dizia.

Um belo dia, uma quinzena após a operação, chegou-lhes a notícia de que fracassara ignominiosamente a tentativa de insurreição de Don Jorge. Tinha sido surpreendido com uma guarda insuficiente, capturado com vida, julgado sumariamente e fuzilado juntamente com o seu lugar-tenente. A notícia ajuntava que os dois homens tinham pilheriado enquanto, escoltados pelos soldados, caminhavam para o cemitério, onde suas covas já tinham sido abertas.

— E morreu — tal foi o comentário de Mark julgando que eu tinha ficado com medo no último momento e o tinha abandonado.

Era esse pensamento como uma nova ferida que se lhe abria.

— Não tivesse eu sofrido este maldito desastre... — repetia. — Se eu tivesse estado presente, para aconselhá-lo... Aquela sua coragem de louco, aquela imprudência. Estava nisso a razão dele me ter pedido que viesse. Não tinha

confiança em seu próprio juízo. E eu aqui, atolado neste chiqueiro fedorento, enquanto o pobre diabo caminhava para o cemitério... — Pilheriando, enquanto aspirava o ar frio da manhã. “*Huele al cimintero, Don Jaime.*” Também ele teria feito a sua pilhéria. E em vez disso... Já era azar, não havia dúvida; um fato típico da idiotice providencial; mas a providência não estava ali presente, para alvo de suas diatribes. Presentes só estavam Anthony e o médico. Sua conduta para com eles, depois da notícia da morte de Don Jorge, aumentara, dia a dia, de azedume e ressentimento. Era como se ele os considerasse responsáveis pelo que tinha acontecido. Ambos; e, especialmente, o médico.

— Como vai esse seu delicioso trabalhinho de cabeceira? — Mark continuou, no mesmo tom depreciativo em que tinha perguntado pelos doentezinhos.

— Parece que vai mal — respondeu o dr. Miller com bom humor, tirando o chapéu e sentando-se. — Por um lado, acontece que eles não têm camas, para eu lhes estar à cabeceira; apenas um lençol estendido no chão. Por outro lado, não falam nenhuma espécie de espanhol, nem eu sei falar a língua deles. E como vai a sua pessoa? — perguntou.

— A *minha* pessoa — respondeu Mark, devolvendo ao médico sua expressão, num tom de enjoo enfaticamente desdenhoso, como se tosse uma espécie de imundície verbal — está muito bem, obrigado.

— Mas com alguma coisa que lembra o Bispo Berkeley — interveio Anthony. — Sentindo dores no joelho que ele não tem.

Mark olhou para ele com uma fria expressão de antipatia; depois, desviando os olhos e fixando-os na brilhante paisagem da tarde, visível através da porta aberta da cabana: — Não são dores — disse friamente, se bem que fosse como dores que as tinha descrito a Anthony, meia hora antes. — Apenas a sensação de que o joelho ainda está ali.

— Ah, isso eu acho que você não pode evitar — observou o médico sacudindo a cabeça.

— Nem eu supunha que se pudesse — retrucou Mark, como se tivesse, com dignidade, defendendo-se de um ataque à sua honra.

O dr. Miller rompeu o incômodo silêncio, observando que havia muitos

casos de papeira nos vales superiores.

— Não deixa de ter seu encanto — disse Mark, afagando uma inchação imaginária na garganta. — Como tenho saudades daqueles cretinos que a gente costumava ver na Suíça, quando eu era criança! Infelizmente, parece que acabaram com eles à custa de iodo. A maldita higiene tem estragado o mundo nestes últimos tempos. — Sacudiu a cabeça e esboçou o seu sorriso anatômico. — Que fazem eles lá em cima, nos altos vales? — perguntou.

— Plantam milho — disse o médico. — E matam-se uns aos outros, nos intervalos. Existe toda uma rede de *vendettas* estendida sobre essas montanhas. E todo mundo toma parte. Estive conversando com os maioraes da região, procurando persuadi-los de que deviam liquidar todas as contas antigas e começar vida nova.

— Morrerão de tédio.

— Nada! Para evitar isso, estou lhes ensinando o futebol. Vai haver partidas entre as aldeias. — Sorriu. — Tenho grande experiência de *vendettas* — acrescentou. — No mundo inteiro. Todos realmente as detestam. Ficam até muito gratos pelo futebol, depois que se acostumam.

— Céus!

— Céus por quê?

— Esses tais jogos! Não haverá meio de a gente se ver livre deles?

— Mas se eles constituem justamente a maior contribuição dos ingleses à civilização — disse o médico. — Muito mais importantes do que o parlamentarismo, ou a máquina a vapor, Ou os *Principia* de Newton. Mais importantes, até, do que a poesia inglesa. A poesia jamais poderá substituir a guerra e o homicídio. Ao passo que os jogos podem. São um completo e genuíno substituto.

— Substitutos! — exclamou Mark como um eco e cheio de desdém. — Vocês todos se contentam com substitutos. Anthony encontra o seu na cama ou na Sala de Leitura do Museu Britânico. Aqui o doutor encontra o seu no campo de futebol. Valha-os Deus! Por que têm tanto medo do artigo genuíno?

Passaram-se alguns instantes sem que nenhum deles se resolvesse a falar. O dr. Miller olhou para Anthony e, vendo que ele não se propunha a responder,

voltou-se para o outro: — Não é questão de ter medo — Mark Staithes disse com muita mansidão. — Trata-se é de escolher o certo, o justo, em vez do que está errado e é injusto...

— Desconfio muito dessas boas escolhas, que quase sempre exigem menos coragem do que as más.

— Será que você mede a bondade pelo perigo?

Mark encolheu os ombros. — O que é a bondade? É difícil saber, em muitos casos. Mas, pelo menos, pode-se ter certeza de que é sempre bom arrostar o perigo com coragem.

— E isso justifica, porventura, que criemos deliberadamente situações perigosas à custa dos outros? — O dr. Miller sacudiu a cabeça. — Não está direito isso, Mark Staithes. Se quisermos valer-nos da coragem, por que não pô-la a serviço de uma boa causa?

— Como, por exemplo, essa, de ensinar negros e selvagens a jogar futebol — escarneceu Mark.

— O que, muitas vezes, não é tão fácil como parece.

— Não conseguem compreender a regra do impedimento, creio eu.

— Não querem aprender regra nenhuma, a não ser a regra de matar os que vêm da aldeia próxima. E então, quando estamos entre dois times armados até aos dentes, e com uma sede louca de se trucidarem mutuamente... — Fez uma pausa; sua larga boca contraiu-se num sorriso; os quase invisíveis hieróglifos em torno dos olhos acentuaram-se mais quando as pálpebras se encolheram até se transformarem nos símbolos expressivos de um prazer interior. — É o que lhe estou dizendo: a coisa não é assim tão fácil como parece. Você, por acaso, já se viu alguma vez diante de uma turba irada, querendo matá-lo?

Mark fez um gesto afirmativo, ao mesmo tempo que seu rosto assumia uma expressão de satisfação um tanto malévola. — Várias vezes — respondeu. — Quando estive organizando uma *finc*a de café, um pouco distante daqui, lá para o litoral, em Chiapas.

— E enfrentou-os sem armas?

— Sem armas — Mark repetiu e, à guisa de explicação, ajuntou: — Naquela ocasião os políticos ainda falavam de revolução. A terra para o povo — e assim

por diante. Uma bela manhã, os aldeãos vieram tomar a propriedade.

— O que, de acordo com os seus princípios — disse Anthony — você deveria ter aprovado.

— E aprovei, decerto. Mas, em tais circunstâncias, mal poderia admiti-lo.

— Por que não?

— Por quê? Mas está bem claro que não, pois não está? Pois se eles estavam ali marchando contra mim! Deveria eu dizer-lhes que simpatizava com a sua política e entregar-lhes em seguida a propriedade? Não; realmente, isso teria sido demasiado simples!

— Que foi que fez, então?

— Eles eram cerca de cem, da primeira vez — explicava Mark. — Todos enfeitados de espingardas e cartucheiras, como árvores de Natal, e todos armados de machetes. Mas respeitosos, falando baixo. Não tinham nenhuma questão particular comigo, e a ideia revolucionária era-lhes estranha; não tinham muita confiança em si próprios. Não quer dizer que costumem fazer muito alvoroço — acrescentou. — Já os vi matando em silêncio: como peixes. É um aquário esta terra.

— Parece um aquário — emendou o dr. Miller. — Mas depois que se sabe como esses peixes pensam...

— Sempre achei mais importante saber como é que eles bebem — disse Mark. — Tequila, eis o verdadeiro inimigo. Felizmente, os meus eram sóbrios. Se não fossem... Quem sabe o que teria acontecido? — Depois de uma pausa, continuou: — Eles estavam de pé numa espécie de eira para a secagem do cimento, e eu estava sentado à porta do escritório, alguns degraus acima deles. Falando de cima, como se estivesse recebendo em audiências os meus fiéis súditos. — Pôs-se a rir. A cor voltava-lhe às faces e ele falava com uma espécie de degustação, como se as palavras lhe deixassem na boca um sabor agradável. — Cem miseráveis *peones* cor de café, olhando fixamente para a gente com aqueles seus olhinhos de tartaruga, redondos e faiscantes, eis uma situação que nada tinha de tranquilizadora. Consegui, porém, manter no rosto e na voz uma expressão de firmeza. E verifiquei que muito me valeu imaginar as criaturas como sendo uma espécie de insetos imundos. Baratas, moscardos. Nada mais do

que cem enormes percevejos, olhando para mim. Muito me valeu isso, como lhe estou dizendo. Contudo, o coração me pulava dentro do peito. Batia por si. Já sentiram isso, não? É como se a gente tivesse um passarinho vivo sob as costelas. Um passarinho com consciência própria, consciência de passarinho. A sofrer de seus próprios e particulares temores. Sensação estranha, mas divertida. Creio que nunca estive mais contente em minha vida, que naquele dia. O fato de ser um contra cem. Cem, armados até aos dentes. Mas percevejos, somente percevejos. Ao passo que esse “um” era um homem. Era uma sensação maravilhosa. — Ficou calado um instante, sorrindo consigo.

— E que aconteceu depois? — perguntou Anthony.

— Nada. Apenas lhes dirigi uma ligeira fala do trono. Disse-lhes que a *finca* não era minha para poder entregá-la. Que, por enquanto, eu era responsável pelo sítio. E, se apanhasse alguém invadindo a terra, ou entregando-se a atos de devastação, eu haveria de saber o que fazer. Firme, digno, na atitude de um verdadeiro monarca dando audiência. Depois do que, levantei-me, disse-lhes que podiam retirar-se e fui andando em direção à casa. Suponho que lhes estive ao alcance da vista cerca de um minuto. Todo um minuto com as costas voltadas para eles. E ali estavam, pelo menos, cem: ninguém jamais poderia ter descoberto quem teria disparado o tiro. E aquele passarinho aqui, sob as costelas! — Levantou a mão, agitou os dedos no ar. — E surgiu nova sensação, uma sensação de formigas subindo e descendo pela espinha. Terrores, mas apenas do corpo; autônomos, se me faço entender. Em meu espírito, eu tinha certeza de que eles não atirariam, não podiam atirar. Era-lhes moralmente impossível, àqueles cem miseráveis percevejos, fazer semelhante coisa. Passarinho sob as costelas, formigas na espinha, para baixo e para cima: mas, dentro do crânio, estava um homem; um homem confiante, apesar das dúvidas do corpo, e certo de que a partida estava ganha. Foi um minuto longo, mas bom. Ótimo. E houve depois outros minutos como esse. As únicas vezes que eles ousavam atirar contra mim eram à noite e de dentro do mato. Eu estava ao alcance deles, mas eles estavam fora do meu. Fora do alcance de minha consciência e de minha vontade. Era por isso que tinham coragem de atirar. Diz o provérbio que, quando o gato está ausente, os ratos fazem a festa. Também,

na ausência do homem, os percevejos brincam. Felizmente, não havia coragem capaz de ensinar um índio a atirar direito. Com o tempo, naturalmente eles acabariam acertando no alvo, por acaso; mas, entrementes, a revolução caiu de moda. Aliás, ela nunca fez grandes progressos na costa do Pacífico. — Acendeu um cigarro. Seguiu-se um longo silêncio.

— Bem — disse por fim o dr. Miller — esse é um dos modos de tratar com uma turba hostil. E, visto que você está aqui para contar-nos o fato, não se pode negar que, às vezes, esse processo surte efeito. Mas não é o meu processo. Como sabem, eu sou antropologista.

— Que é que tem isso?

— Tem muita coisa — respondeu o dr. Miller — um antropologista é uma pessoa que estuda os homens. Você, ao contrário, prefere ocupar-se com os percevejos. Eu lhe chamaria, pois, entomologista, Mark Staithes. — Seu sorriso não despertou o menor sinal de afabilidade como resposta. Mark tinha o rosto impassível, quando os seus olhos se encontraram com os do médico e de novo se desviaram.

— Entomologista! — repetiu com escárnio. — Isso não tem sentido. Por que joga com as palavras?

— Porque as palavras exprimem ideias, Mark Staithes; e as ideias determinam os atos. Se você chama a um homem percevejo, isso quer dizer que você tem a intenção de tratá-lo como percevejo. Ao passo que, se lhe chamar homem, quer dizer que se propõe a tratá-lo como homem. Minha profissão consiste em estudar os homens. O que quer dizer que devo sempre chamar os homens pelos seus nomes; sempre pensar neles como homens; sim, e sempre tratá-los como homens. Porque, se não os tratar como homens, eles não se comportarão como homens. Mas eu sou antropologista, repito. O que eu quero, o de que eu preciso, é material humano, e não entomológico.

Mark soltou uma risada curta e explosiva. — Pode-se querer material humano — disse. — Mas isso não significa que se vai obtê-lo. O que realmente se obtém... — Tornou a rir. — Sim; é, na maioria dos casos, percevejo, puro e simples.

— É aí que você se engana — disse o dr. Miller. — Se o que procuramos

são homens, nós os encontramos. E muito decentes, na maioria dos casos. Vá, por exemplo, para o meio de um povo selvagem, desconfiado e maltratado; vá desarmado, de mãos abertas. — Estendeu suas grandes mãos quadradas, num gesto de quem oferta. — Vá com a intenção persistente e obstinada de lhes fazer bem, curar os seus doentes, por exemplo. Não me interessa saber quanto possam ser acerbos as queixas deles contra os homens brancos; ao cabo de tudo, se você teve tempo de tornar bem claras as suas intenções, eles o aceitarão como amigo, serão seres humanos tratando a você como a um ser humano. Naturalmente — acrescentou, e os símbolos do riso interior revelaram-se mais uma vez em volta de seus olhos — naturalmente que às vezes acontece não lhe darem eles o tempo necessário. Cravam-lhe uma flecha, antes mesmo de você se mexer. Mas isso não ocorre frequentemente, nunca me aconteceu a mim, como está vendo, e quando acontece, há sempre, então, a esperança de que o homem que vier depois será mais bem sucedido. Os antropologistas podem ser mortos; mas a antropologia continua; e com o tempo, não poderá deixar de vencer. Ao passo que o seu processo entomológico... — Balançou a cabeça. — No começo, é possível que dê resultado; é geralmente possível amedrontar os homens e submetê-los pelo terror. Quer dizer que, tratando-os como se fossem percevejos, você pode, geralmente, fazer com que eles se portem como percevejos, andem de rojo e corram a esconder-se. Mas, logo que tenham uma oportunidade, voltar-se-ão contra você. O antropologista pode ser morto ao estabelecer seus primeiros contatos. Mas, passada esta fase, está livre de perigo; é um homem entre outros homens. O entomologista pode começar com segurança; mas é um caçador de percevejos, que vive entre percevejos, os quais, o que mais é, se sentem ofendidos de serem tratados como tais, pois sabem que tais não são. O seu mau quarto de hora vem depois. E a velha história: tudo podemos fazer com baionetas, menos sentar-nos sobre elas.

— Não temos que sentar-nos sobre elas — disse Mark. — São os traseiros alheios que são espetados, e não os nossos. Se manejassemos as baionetas com bastante inteligência, não vejo por que não haveríamos de continuar dominando indefinidamente. Toda a dificuldade está realmente, e certamente, em que não há a necessária inteligência. A maioria dos caçadores de percevejos não se

distingue dos próprios percevejos.

— Exatamente — concordou o dr. Miller. — E o único remédio que resta ao caçador é jogar fora as baionetas e tratar os percevejos como se fossem seres humanos.

— Mas é de inteligência que estamos falando — disse Mark. O tom de tolerância desdenhosa implicava que ele estava fazendo o possível para não se zangar com o velho idiota, por sua incapacidade de raciocinar. — Ser sentimental nada tem que ver com ser inteligente.

— Ao contrário — insistiu o médico — tem muito, muitíssimo que ver. Ninguém pode ser inteligente para com os seres humanos, sem ser, primeiro, sentimental com eles. Sentimental, no bom sentido, já se vê. No sentido de interessar-se por eles. É a primeira condição indispensável para compreendê-los. Se não nos interessarmos por eles, não nos será possível compreendê-los. Toda a nossa perspicácia será apenas uma outra forma de estupidez.

— E, se nos interessarmos por eles — replicou Mark — deixar-nos-emos levar pela nossa pieguice e nos tornaremos incapazes de os ver tais quais eles são. Lembre-se das coisas grotescas, humilhantes, que ocorrem quando a gente se deixa levar pelo sentimento, por um apego excessivo. Os rapazes que se apaixonam e têm como modelos de beleza e inteligência meninas horrorosas e imbecis. As mães extremosas que teimam em achar seus sórdidos pimpolhos tudo o que há de mais encantador, nobre, ajuizado, profundo.

— E é provável que tenham razão — disse o dr. Miller. — A indiferença e o ódio é que são cegos, e não o amor.

— Não o *amoor!* — repetiu Mark, escarninho. — Se cantássemos um hino agora, hem?

— Com muito prazer — revidou o dr. Miller, sorrindo. — Um hino cristão, ou um hino budista, ou confuciano, qualquer um que você queira. Eu sou antropologista; e afinal de contas, o que é a antropologia? Nada mais do que religião científica.

Seguiu-se um longo silêncio, rompido afinal por Anthony. — Por que é que só a aplica aos negros e aos selvagens? Se começássemos por casa, como a caridade?

— Tem razão — disse o médico — devíamos ter começado por casa. Se, de fato, a coisa começou no exterior, foi meramente um acidente histórico. Começou no exterior, porque éramos imperialistas e entramos, por isso, em contato com gente cujos hábitos eram diferentes dos nossos. E, portanto, pareciam mais estranhos que os nossos. Um acidente, repito. Mas, em certos aspectos, um acidente bastante feliz. Pois, graças a ele, aprendemos uma porção de fatos e uma técnica valiosa, que provavelmente não teríamos aprendido em nossa terra. Por duas razões. Porque é difícil pensarmos sem paixão a respeito de nós mesmos e porque é ainda mais difícil pensar sobre qualquer coisa muito complicada. Nossa terra é ambas essas coisas, uma civilização complexa, que acontece ser a nossa. As sociedades selvagens são simplesmente sociedades civilizadas em pequena escala e, por assim dizer, já destampadas. Podemos aprender a compreendê-las com certa facilidade. E, quando temos aprendido a compreender os selvagens, descobrimos então que, com isso, temos aprendido a compreender os civilizados. E ainda não é tudo. Os selvagens são, de ordinário, hostis e desconfiados. O antropologista tem que aprender a vencer essa hostilidade e desconfiança. E quando tiver aprendido isso, terá aprendido todo o segredo da política.

— E qual é...?

— Que, se tratarmos bem aos outros, eles nos tratarão bem.

— O doutor é um pouco otimista, pois não?

— Otimista, não. Com o correr do tempo, eles sempre acabam por nos tratar bem.

— Com o correr do tempo — disse Mark com impaciência — nós todos já estaremos mortos. Mas, antes do correr do tempo?

— Antes, temos de nos arriscar.

— Mas os europeus não são como os seus selvagens de escola dominical. O risco será enorme.

— Possivelmente. Sempre menor, porém, do que o risco que se corre tratando mal aos outros e incitando-os à guerra. Além disso, eles nada mais são do que selvagens. O que eles têm é sido maltratados. Necessitam de um pouquinho de antropologia, e nada mais.

— E quem é que lhes vai ministrar a antropologia?

— Eu, entre outros — respondeu o dr. Miller. — E espero que você também, Mark Staithes.

Mark contraiu numa careta a face descarnada e meneou a cabeça. — Deixemos que eles se degolem entre si — disse.

— De qualquer modo, é o que eles farão, apesar do que lhes possamos dizer. Deixemos, pois, que eles façam em paz suas guerras idiotas. Aliás — apontou para a armação de grades que isolava sua ferida de qualquer contato com as roupas de cama — que poderia eu fazer agora? Presenciar, apenas. O melhor que temos a fazer, todos nós, é assistir, como espectadores. Não será por muito tempo, aliás. Alguns anos, somente; e depois... — Fez uma pausa, baixou os olhos e franziu a testa.

— Como são aqueles versos de Rochester? Ah, sim, me lembro — Ergueu a cabeça e recitou:

*— Velhice e experiência associam-se, então,
Para levá-lo à morte e fazer que compreenda,
Após longa e penosa e árdua investigação,
Que trilhara na vida uma enganosa senda.
E o espírito, o saber, o orgulho, a glória, a fama,
Jaz tudo chafurdado em um montão de lama.*

— Chafurdado em um montão de lama — repetiu. — É realmente admirável. Chafurdado na lama. E não se tem que esperar pela morte, para se ficar assim. Acharemos um confortável e jeitoso cantinho de lama e ali, juntos, chafurdaremos. Feito? — Voltou-se para Anthony. — Chafurdando juntos no esterquilínio e vendo como é que o doutor experimenta o seu melhor tratamento antropológico junto à cabeceira do general Goering. Há de haver boas risadas.

— Apesar de tudo — disse Anthony — eu acho que o que eu vou fazer é tornar-me ridículo com Miller.

CAPÍTULO LII

24 de julho de 1914

O GRUPO QUE IA PARTIR EM diligência compunha-se de quatro pessoas: Anthony, o policial, um velho pastor de suíças grisalhas e com o perfil majestoso de um estadista do período vitoriano, e um rapaz bonito e corado, de dezessete anos, filho do padeiro. Ao rapaz incumbiram de levar a lona da padiola, enquanto o pastor e o policial aproveitariam os longos paus para servirem de cajados.

Foi dos fundos do chalé que eles partiram. Caminhavam em fila como batedores, refletia Anthony — e em fila foram galgando a vertente da colina. Era um dia luminoso, sem a mais leve brisa, sem uma nuvem no céu. Os morros distantes pareciam envoltos num véu de bruma, quase sem cor, de tão intensa que era a luz do sol. Sob os pés dos caminhantes a erva e a urze estavam secas e cobertas de pó. Anthony tirou o casaco, e, depois de refletir um pouco, o chapéu. Um ataque de insolação poderia simplificar as coisas; seria uma vez a necessidade de dar explicações ou de responder a perguntas. Mesmo sem insolação, ele, em verdade, não se sentia bem; qualquer coisa como uma cólica lhe apertava os intestinos. Mas isso não bastava. Quantas dificuldades seriam removidas, se ele pudesse sentir-se realmente doente! De quando em quando, à medida que iam subindo lentamente o morro, levava a mão à cabeça e, de cada vez que o fazia, sentia o cabelo quente como o pelo de um gato que se tivesse sentado em frente ao fogão. Era pena, pensava, que o seu cabelo fosse tão denso.

Três horas mais tarde, tinham encontrado o que procuravam. O corpo de Brian jazia, de borco, numa aberta de rocha, ao pé de um penedo e acima do

lago. Samambaia crescia entre as pedras e, no ar quente, seu cheiro adocicado e incômodo quase sufocava, de tão forte. Enchia o ar um zumbido de moscas. Quando o policial virou o corpo de face para cima, quase não se reconhecia o rosto mutilado. Anthony olhou por um momento e, depois, desviou a vista. Seu corpo todo fora tomado de um tremor incontível. Teve que se amparar a uma rocha para não cair.

— Vamos, moço. — O velho pastor segurou-o pelo braço e, levando-o dali, fê-lo sentar-se na erva, onde ele não pudesse ver o corpo. Anthony esperou. Um bútio fazia lentas evoluções no céu, marcando a passagem do tempo sobre um quadrante invisível. Afinal eles saíram de detrás do contraforte de pedra e chegaram até onde ele estava. O pastor e o rapaz caminhavam na frente, cada qual segurando uma vara da padiola, enquanto o policial, atrás, tinha de aguentar o peso nas duas varas. O casaco roto de Brian fora tirado para cobrir-lhe o rosto. Um braço duro estava estendido para o lado de fora e, a cada passo que os homens davam, balançava e tremia no ar. A camisa apresentava manchas de sangue. Anthony levantou-se e, apesar dos protestos dos outros, insistiu em dividir consigo a carga do policial. Muito devagar, foram descendo para o vale. Passava das três horas quando, afinal, chegaram ao chalé.

Mais tarde, o policial revistou os bolsos do casaco e das calças. Uma tabaqueira, um cachimbo, o embrulho de sanduíches de mrs. Benson, seis ou sete xelins em dinheiro e um caderno cheio até ao meio de notas sobre a história econômica do Império Romano. Nem o menor indício de que o ocorrido tivesse sido outra coisa que não um acidente.

A sra. Foxe chegou na noite seguinte. A princípio manteve uma atitude rígida, efeito do esforço com que se dominava; escutou silenciosa, petrificada, o relato que lhe fazia Anthony; depois, de repente, não resistiu mais, caiu despedaçada, por assim dizer, presa de um choro convulso. Anthony conservou-se um instante junto dela, indeciso; depois, retirou-se furtivamente da sala.

Na manhã seguinte, quando tornou a vê-la, notou que ela tinha recobrado a calma; mas era uma calma diferente. A calma de um ser que vive, que sente, e não a tranquilidade mecânica e gélida de uma estátua. Tinha sob os olhos linhas escuras e o seu rosto era o de uma mulher envelhecida e sofredora; havia,

porém, uma doçura e serenidade naquele sofrimento, uma expressão de dignidade, quase de majestade. Olhando-a, Anthony enchia-se de vergonha, como se estivesse em presença de alguma coisa de que ele não fosse digno, não tivesse o direito de, sequer, olhar. Envergonhado e culpado, mais culpado, mesmo, do que se sentira na véspera, quando ela não pudera mais dominar a própria dor.

Bem quisera ele fugir mais uma vez. Ela, porém, o reteve junto a si a manhã toda; às vezes, sentada ao pé dele em silêncio, às vezes falando com aquela sua voz lenta e de modulações tão belas. Para Anthony, quer o silêncio, quer a fala, eram igualmente uma tortura. Era uma agonia estar ali sentado, sem dizer nada, escutando o relógio bater e pensando, inquietando-se com os dias que se iam seguir, imaginando como descartar-se de Joan, o que lhe dizer acerca daquela maldita carta que ela escrevera; e, de quando em quando, lançando um olhar furtivo para a sra. Foxe e perguntando consigo o que se estava passando em seu espírito e se ela tinha qualquer conhecimento, ou mesmo qualquer suspeita do que tinha realmente acontecido. Sim, aqueles seus silêncios eram dolorosos, mas não era menos dolorosa a situação quando ela falava.

— Compreendo — começava ela, lentamente e pensativa — compreendo agora que não o amei como devia, que o amei de um modo egoísta, dominador.

Que devia ele dizer? Que era verdade? Decerto que era verdade. Ela tinha sido um vampiro agarrado ao espírito do pobre Brian. Sugando-lhe o sangue da vida. (Lembrou-se de Santa Mônica, por Ary Scheffer.) Sim, um vampiro. Se alguém era responsável pela morte de Brian, era ela. Mas a indignação contra ela, com que procurava justificar-se, evaporou-se quando ela tornou a falar.

— Talvez estivesse aí uma das razões de ter acontecido isso, para eu aprender que o amor não deve ser assim. — Depois, passada uma pausa, prosseguiu: — Suponho que Brian aprendeu bastante. Realmente, ele não tinha muito que aprender. Sabia já o necessário para começar. Como Mozart, mas com esta diferença: que não era a música a sua vocação; mas o amor. Isso explica, talvez, por que ele se foi tão cedo. Ao passo que eu... — Balançou a cabeça. — Tive de aprender esta lição. Depois de todos estes longos anos de aprendizagem, ainda permanecia, contudo, numa obstinada obtusidade e

ignorância! — Suspirou e ficou outra vez calada.

Um vampiro — mas sabia que o era, admitia sua parte de responsabilidade, se bem que não a confessasse.

— Eu devo contar-lhe — disse ele consigo; e lembrava-se de tudo quanto resultara do fato de ele não ter dito a verdade a Brian. Mas, enquanto ele hesitava, a sra. Foxe recomeçava.

— Devemos amar a todos como a um filho único. E ao nosso filho único como a um entre esses todos. Um filho a quem não podemos deixar de amar mais do que aos outros, porque temos mais oportunidade para amá-lo. Mas somente em quantidade, e não em qualidade, é que esse amor seria diferente. Devemos amá-lo tal qual amamos a todos os outros filhos únicos — pelo amor que temos a Deus, não pelo amor que temos a nós.

Aquela voz continuava, em toda a riqueza de sua vibração, e, a cada palavra proferida, Anthony sentia-se mais culpado — mais culpado e, ao mesmo tempo, mais completa e inapelavelmente preso à sua culpa. Quanto mais ele tardava e quanto mais coisas ela dizia naquele tom de resignação, tanto maior dificuldade ele ia ter em tirá-la daquele engano, contando-lhe a verdade.

— Escute, Anthony — retomou ela a palavra, depois de outra longa pausa. — Você sabe como eu sempre gostei de você. Desde aquela vez, logo depois da morte de sua mãe, lembra-se? A primeira vez que veio passar uns tempos conosco. Você era então um meninozinho tão, digamos, indefeso. E foi assim que sempre o vi, desde então. Indefeso sob sua armadura. Pois, sem dúvida que você tinha, e ainda tem, uma armadura. Para proteger-se contra mim, entre outros perigos. — Sorriu para ele. Anthony baixou os olhos, enrubesceu e murmurou umas coisas incoerentes. — Não importa o motivo por que tem querido proteger-se — continuou. — Não quero saber, a não ser que me queira dizer. E talvez você sinta que precisa proteger-se ainda mais, agora. Pois eu vou lhe dizer que queria que você tomasse o lugar de Brian. O lugar — atenuou — que devia ter cabido a Brian, se eu o tivesse amado como devia. Entre todos os outros filhos únicos, aquele a quem há mais oportunidade de amar, do que aos outros. E isso que eu queria que você fosse, Anthony. Mas, naturalmente, eu não vou lhe impor minha vontade. Deixo que você resolva.

Sentado e silencioso, ele conservava-se de rosto voltado, cabisbaixo. “Desembuche”, gritava uma voz dentro dele, “de qualquer maneira, custe o que custar!” Mas, se antes tinha sido difícil, agora então era impossível. Justamente quando ela lhe propunha que tomasse o lugar de Brian. Fora ela que tinha tornado a coisa impossível. Sacudiu-o um acesso de cólera fútil. Se, ao menos, ela o deixasse em paz, o deixasse ir-se embora, ficar sozinho! De repente, contraiu-se-lhe a garganta, as lágrimas lhe encheram os olhos, os músculos do peito contorciam-se em espasmos violentos e sucessivos; soluçava. A sra. Foxe aproximou-se e, curvando-se sobre ele, pôs-lhe a mão no ombro.

— Pobre Anthony! — murmurou.

Estava ele irrevogavelmente preso à sua mentira.

Nessa noite, escreveu a Joan. Esse horrível acidente. Tão desnecessário. Tão trágico quanto estúpido. O fato, em verdade, se dera antes que ele tivesse tido oportunidade de contar a Brian aquelas ocorrências de Londres. E, a propósito, tinha ela escrito a Brian? Um envelope sobrescritado com a sua letra tinha sido entregue ao meio-dia, quando o pobre rapaz já havia saído. Guardara-o consigo, para lho devolver pessoalmente, logo que a visse. Entrementes, a sra. Foxe estava se portando com uma resignação heroica; era preciso que todos tivessem coragem; e ele continuava sempre afetuosamente seu etc.

CAPÍTULO LIII

23 de fevereiro de 1934

HELENA ENTROU NA SALA DE ESTAR empunhando uma frigideira em que o toucinho ainda crepitava e borbulhava com o calor do fogo.

— Almoço! — gritou.

“*Komme gleich,*” foi a voz que veio do quarto de dormir e daí a um momento, apresentava-se à porta Ekki em mangas de camisa, de navalha em punho e o rosto vermelho ensaboado.

— Estou quase acabando — disse, já não mais em alemão e desapareceu de novo.

Helena sorriu intimamente, enquanto se sentava. Gostando dele como gostava, sentia um prazer extraordinário naquela grande e incessante intimidade física com ele — a intimidade que a pobreza lhes impusera. Porque há tanta gente que quer ter casas grandes, quartos separados, todos esses refúgios particulares que os ricos reputam indispensáveis. Não podia, já agora, compreender. Trauteando para si, desafinando, Helena derramou o chá na xícara, serviu-se de toucinho e depois começou a distribuir as cartas da manhã. *Helena Amberlev*. Simplesmente; sem “sra”. Era a franqueza e o antiformalismo comunistas. Abriu o envelope. A carta vinha de Newcastle. Poderia ela, ou Giesebrecht, falar com um grupo de jovens camaradas sobre a situação na Alemanha durante o mês de março? Era preciso ver isso. *Mr. E. Giesebrecht*. Da Suíça; e, com certeza, aquela letra fina e angulosa era de Holtzmann.

Ekki iria ficar satisfeito.

— Carta de Holtzmann — disse ela quando Ekki reapareceu. — Estou aqui a pensar que notícias vai ele querer desta vez.

Ekki tomou a carta e, com aquela calma metódica que caracterizava todos os seus atos, abriu-a; depois, colocou-a sobre a mesa ao lado do prato e cortou um pedaço de toucinho. Meteu o toucinho na boca, tornou a apanhar a carta e, enquanto mastigava devagar, começou a ler. Seu rosto assumiu uma expressão de gravidade atenta e concentrada. Ele não sabia fazer nada sem se dedicar completamente, de corpo e alma. Quando terminou, voltou à primeira página e recomeçou a leitura.

Helena acabou por não poder mais conter a impaciência em que estava e perguntou:

— Alguma coisa de interesse? — Entre os jornalistas exilados era Holtzmann o mais bem informado. Tinha sempre alguma coisa para comunicar. — Que é que ele diz?

Ekki não respondeu logo, mas continuou a ler em silêncio durante alguns segundos; depois dobrou a carta e meteu-a no bolso. — Mach está na Basileia — respondeu afinal, erguendo os olhos para ela.

— Mach? — repetiu ela. — Você se refere a Ludwig Mach?

No decorrer daqueles últimos meses, o nome desse Mach, o mais hábil e corajoso de todos os camaradas alemães empenhados na propaganda comunista e disseminação de notícias censuradas, tornara-se para Helena, a um tempo, familiar e fabuloso, como o nome de uma personagem de romance ou da mitologia. Que Ludwig Mach estivesse em Basileia parecia quase tão improvável quanto estarem ali Ulisses ou Odin, ou o Pimpinela Escarlata.

— Ludwig Mach, de Stuttgart? — insistiu, incrédula.

Ekki respondeu que sim, com um gesto. — Tenho de ir vê-lo. Amanhã.

Pronunciadas naquele seu tom vagaroso, enfático e estrangeirado, as palavras davam uma impressão estranha de absoluta irrevogabilidade. Até mesmo as declarações mais insignificantes soavam sempre, quando expressas em inglês, como se ele as tivesse transformado num juramento.

— Tenho de ir — repetiu ele.

Pronunciadas com cuidado, conscientemente, todas as sílabas tinham o mesmo valor. Dois espondeus graves e a primeira metade de um terceiro. Ao passo que um inglês, por mais irrevogável que fosse a sua resolução, teria

pronunciado a frase como uma espécie de anapesto cacarejado. Noutro homem, esse modo de falar — tão ponderado, tão grave, como se fosse Jeová quem falasse, como ela própria, zombando, comparava — noutro homem teria parecido a Helena intoleravelmente grotesco. Em Ekki, porém, era um atrativo a mais. Parecia, de certo modo, justo e razoável que esse homem, a quem (independentemente de amá-lo) ela admirava e respeitava mais do que a qualquer que já tivesse conhecido, fosse assim absurdo até a emoção.

— Se não fosse o fato de poder rir dele, às vezes — era a explicação que ela encontrava — talvez que tudo isso se estragasse. Seria um charco de adoração estagnada. Como a religião. Como um dos cães de Landseer. O riso como que areja e movimenta a coisa.

Escutando-o, contemplando-lhe o rosto (a um tempo de uma ingenuidade tão absurda em sua juvenil e cândida gravidade e de um heroísmo tão decidido), Helena sentiu, como tantas vezes antes sentira, que gostaria de soltar uma gargalhada e em seguida ajoelhar-se e beijar-lhe as mãos.

— Tenho de ir também — disse ela em voz alta, parodiando-lhe o modo de falar. Ele supôs, de começo, que ela estivesse brincando; depois, quando percebeu que ela falava a sério, ficou sério também e começou a opor objeções. O cansaço, pois viajariam de 3ª classe. Despesa. Mas Helena tornou-se de repente tal qual sua mãe: uma mulher amimada, cujos caprichos tinham de ser satisfeitos.

— Há de ser tão divertido — exclamava, entusiasmada. — Uma aventura! — e quando ele persistiu em suas razões negativas, ela acabou por zangar-se. — Mas eu quero ir com você — repetiu, teimosa. — Eu quero.

Holtzmann foi esperá-los na estação. Em vez de ser a personagem alta, ereta, distinta, que a fantasia de Helena antevira, era, ao contrário, baixo, acaçapado, com um vasto cachaço cheio de dobras de gordura e, entre os olhinhos de porco-da-índia, um nariz mole e informe, como uma batata. Sua mão, quando ela a sacudiu, estava tão suada, de um suor tão frio, que ela sentiu

que a sua própria se sujava. Sorrateiramente, quando ele não estava olhando, enxugou-a na saia. Ainda pior, porém, que o seu aspecto e suas mãos suadas, era o comportamento do homem. A presença dela, como logo ela percebeu, tinha-o chocado.

— Eu não esperava... — tartamudeou ele, quando Ekki a apresentou; e pareceu, por um momento, que o rosto dele ia sendo alterado pela agitação. Depois, dominando-se, tornou-se efusivamente polido e cordial. Durante todo o tempo em que caminhavam pela plataforma, o que ela ouvia era só *gnadige Frau, lieber Ekki, unbeschreiblich froh*. Como se ele os encontrasse no palco, pensava Helena. No palco e, o que era pior, representando mal o papel, como um ator de companhia de terceira ordem. E como era detestável aquele nervosismo! Um homem não devia rir daquele jeito, nem gesticular, nem fazer caretas. Palhaçadas e macaquices, disse em voz baixa. Caminhando ao lado dele, sentia circundá-la a coroa de espinhos da malquerença. Aquele tipo horrível tinha estragado num instante todo o prazer da jornada. Chegou quase a arrepender-se de ter vindo.

— Que homem repugnante! — conseguiu segredar a Ekki, enquanto Holtzmann se empenhava em exagerar até a extravagância o papel de quem recomenda ao carregador cuidado com a máquina de escrever.

— Você acha? — Ekki perguntou, com real surpresa. — Eu não tinha imaginado... — Deixou a frase por acabar e sacudiu a cabeça. Mas daí a um momento, interrompendo Holtzmann em seus repetidos protestos de afeição e contentamento, pôs-se a perguntar o que pensava Mach da situação na Alemanha; e quando Holtzmann passou a responder, ele ficou escutando, absorto.

Em parte zangada com ele por sua insensível obtusidade, em parte admirando-o pelo seu poder de abstrair de tudo que para ele tinha importância, Helena ia caminhando, silenciosa, a seu lado.

“Extraordinários, os homens”, ia pensando. “Apesar de tudo, eu deveria ser assim.”

Ao invés disso, consentia em ser distraída pelas fisionomias, pelos risos, pelos gestos; dissipava seus sentimentos com olhos de porco-da-índia e cachacos gordos. E, enquanto isso, milhões

de homens, de mulheres, de crianças sofriam frio e fome, estavam sendo explorados, estavam sendo sobrecarregados de trabalho, estavam sendo tratados como se fossem menos que humanos, meras bestas de carga, simples dentes de rodas e alavancas; milhões estavam sendo forçados a viver num estado crônico de medo e miséria e desespero, estavam sendo perseguidos e espancados, estavam sendo levados à loucura por meio de mentiras e intimidados com ameaças e surras, estavam sendo tangidos por aqui e por ali como gado inconsciente a caminho do mercado, do matadouro final. E entretanto aqui estava ela, detestando Holtzmann, porque tinha mãos suadas — em lugar de respeitá-lo, como deveria ter feito, pelo que ele ousara, pelo que sofrera por amor desses milhões de infelizes. Suas mãos podiam ser suadas, mas ele vivia a vida precária do exilado, fora perseguido por causa de seus princípios, era um campeão da justiça e da verdade. Teve vergonha de si mesma, mas, ao mesmo tempo, não pôde deixar de pensar que a vida, quando se era como Ekki, devia ser estranhamente estreita e limitada, inimaginavelmente incolor. Uma vida em preto e branco, refletia ela, dura e clara e definida, como uma gravura de Dürer. Enquanto a dela — a dela tinha o brilho vago de Turner, de um Monet, de um selvagem Gauguin. Mas, “você parece uma figura de Gauguin”, tinha dito Anthony naquela manhã sobre o terraço ardente; e aqui, no frio crepúsculo da estação da Basileia, ela de repente fez uma careta, como se sentisse uma dor física.

“Oh, como é horrível”, dizia consigo, “horrível!”

— E os arraias trabalhistas — perguntava Ekki, atento —, que diz Mach do estado de espírito nos meios trabalhistas? — Ao chegarem fora da estação, fizeram alto.

— Vamos começar por levar as nossas coisas para um hotel? — sugeriu Ekki.

Mas Holtzmann não queria ouvir falar nisso. — Não, não; você deve vir imediatamente — insistia com uma ênfase ofegante. — Vir já à minha casa. Mach está esperando lá. Se houvesse qualquer demora, Mach não entenderia. — Mas, depois de Ekki concordar, ele ainda ficou irresoluto e nervoso, à beira da calçada, como um nadador com medo de mergulhar.

— Que diabo tem o homem? — perguntava Helena consigo, impaciente; depois, em voz alta: — Por que não se toma um táxi? — esquecendo-se por um instante de que já ia longe o tempo dos táxis. Agora era bonde, era ônibus que se tomava. Mas Gauguin a fizera mergulhar no passado; pareceu natural pensar em táxis.

Holtzmann não deu resposta; mas, de repente, com os movimentos rápidos, agitados, de quem fosse forçado pelas circunstâncias a tomar uma decisão desagradável, agarrou Ekki pelo braço e, puxando-o de parte, pôs-se a dizer-lhe umas coisas rápidas, em segredo. Helena viu assomar ao rosto de Ekki, enquanto escutava, uma expressão de surpresa e de contrariedade. Movia os lábios. Estava evidentemente fazendo uma objeção. O outro replicava com sorrisos e com instantes pedidos, passando a afagar-lhe a manga do paletó, como que na esperança de conseguir-lhe, por bandícias, o consentimento.

Afinal, Ekki concordou com um gesto de cabeça e, voltando-se de novo para Helena, disse na sua maneira abrupta e enfadonha: — Holtzmann quer que você só venha ter conosco à hora do almoço. Diz que Mach não gostaria de saber que há mais alguém além de mim.

— Será que ele pensa que eu vou entregá-lo aos nazistas? — perguntou Helena, indignada.

— Não se trata de você — explicou Ekki. — Ele não sabe quem você é. Se soubesse, o caso seria outro. Mas ele tem medo. Medo de todo mundo que ele não conhece. E tem toda a razão de ter medo — ajuntou naquele tom de irrevogabilidade dogmática, significativo de que a discussão estava encerrada.

Com um grande esforço para tragar sua contrariedade e mágoa, Helena meneou a cabeça, conformando-se. — Está bem, irei encontrá-los à hora do almoço. — Mas não pôde deixar de acrescentar: — Se bem que eu não possa imaginar para que foi, afinal, que eu vim aqui.

“Minha cara miss Amberley, *chère consoeur, gnädige Frau*, camarada...” Holtzmann excedia-se em cortesias burguesas e comunistas em todas as línguas de que dispunha. — *Es tut mir so leid*. Estou desolado. — Mas foi-lhe logo passando o endereço de sua residência. Às doze e meia. E se ela lhe permitisse sugerir-lhe o melhor modo de passar a manhã na Basileia...

Ela meteu o cartão na bolsa e, sem esperar pelas suas sugestões, deu as costas aos dois homens e retirou-se a passo rápido.

— Helena! — gritou Ekki ao vê-la partir. — Ela, porém, não lhe deu atenção. Ele não tornou a chamá-la.

Fazia frio, mas o sol brilhava no azul pálido do céu. Súbito, depois de ter passado por trás de algumas casas altas, Helena achou-se à margem do Reno. Debruçando-se sobre o parapeito, mirou a água verde que corria silenciosa, mas ligeira e decidida, como um ser vivo, como a vida mesma, como a força que impele o mundo, fluindo eternamente, irresistivelmente; mirou-a, mirou-a até sentir-se por fim, ela também, fluindo juntamente com o grande rio, fundida nele, partícipe do seu poder. — Trelawney vai morrer? — pôs-se, de súbito, a cantar. — Trelawney vai morrer? Vinte mil homens da Cornualha a razão vão saber, por que ele vai morrer. — E eis que, de repente, lhe pareceu coisa certa que eles venceriam, que a revolução estava ali, ao virar da esquina — ali, após aquela primeira curva do rio. Era para lá que a correnteza seguia, irresistível. E, entretanto, que idiota que ela fora em zangar-se com Ekki, que ferazunha acabada! Mas, após um momento, já o remorso cedia lugar ao antegozo extasiado e terno de uma reconciliação. — Meu amor — haveria de dizer-lhe — meu amor, você deve perdoar-me. Confesso que fui por demais odiosa e estúpida. — E ele lhe passaria um braço em volta da cintura e com a outra mão lhe afastaria para trás o cabelo caído sobre a testa e depois, inclinando-se, beijá-la-ia...

Quando continuou a andar, o Reno corria tranquilo dentro dela e, aliviada da ofensa que fizera a Ekki, sentia-se de uma leveza imaterial, quase como se estivesse flutuando — flutuando numa atmosfera de felicidade, tênue e intoxicante. Mais uma vez, os milhões de famintos recuaram para as regiões de uma vaga abstração. Como tudo era bom, como tudo era belo, como tudo era exatamente tal qual devia ser! Até aquelas velhas gordas eram perfeitas; perfeitas, até aquelas casas góticas do século dezenove. E aquela xícara de chocolate quente tomada num café, como era indescritivelmente deliciosa! E o velho garçom, tão amável e paternal. Paternal e amável — o que mais era — num espantoso linguajar suíço-alemão que dava à gente vontade de estourar de riso,

como se tudo quanto ele dizia — desde os seus comentários sobre as intempéries até suas queixas contra os tempos difíceis — tudo fosse uma enorme, contínua pilhéria. Aqueles sons guturais, aqueles relinchos! Tal qual a linguagem dos Houyhnhnms, pensava ela, e estimulava-o, sem jamais se faltar do espetáculo, a zurrar e rinchar mais uma vez.

Do café, dirigiu-se enfim à galeria de pintura; e a galeria de pintura afigurou-se-lhe de uma comicidade tão estranha quanto o alemão do garçom. Aqueles Boecklins! Todos os extraordinários quadros, antes só vistos em cartões-postais ou pendurados, em reprodução colorida, nas paredes das pensões de Dresden. Sereias e tritões apanhados, dir-se-ia, por uma câmara-escura; centauros nas posições rígidas e desgraciosas de cavalos de corridas em fotografia de jornal. Pintados com uma boa-fé e uma laboriosa falta de talento que eram positivamente tocantes. E aqui — inexprimível alegria! — estava a *Toteninsel*. Os ciprestes funéreos, os brancos templos tumulares, as figuras de vestes talares, o barco solitário singrando as águas do mar cor de vinho... A pilhéria era perfeita. Helena riu alto. Apesar de tudo, ela era ainda, e bem, a filha de sua mãe.

Na sala dos primitivos, ela, quando já ia sair, estacou um instante diante de um quadro do martírio de Santo Erasmo. Um carrasco vestido à maneira do século quinze, com um calção róseo-claro, fazia girar metodicamente o cabo de uma manivela — como mr. Mantalini na calandra — torcendo os intestinos do santo, jarda a jarda, e fazendo-os sair por uma ferida aberta no ventre magro, enquanto a vítima jazia de costas, como sobre um sofá, pondo-se completamente à vontade e de olhos fitos no céu, com uma expressão de tranqüila equanimidade. A troça aqui era menos sutil que em *Toteninsel*, mais francamente um aleijão; mas, nem por isso, menos excelente em sua simplicidade. Ela sorria ainda, quando saiu para a rua.

Acontecia que Holtzmann morava a algumas jardas apenas da galeria, numa linda casinha do começo do século dezenove (boa demais para um homem de mãos suadas!), recuada e separada da rua por uma pequena área de cascalho. Um automóvel grande estava estacionado à porta. “De Holtzmann?”, perguntou de si para si. Deve ser rico, o suíno! Ela levava tão

pouco tempo da galeria até ali, que ainda não eram bem doze e um quarto quando subiu a escada. “Não importa”, disse consigo. “Eles terão de me aturar. Recuso-me a esperar mais um segundo.” A lembrança de que, daí a um momento, tornaria a ver Ekki, fez-lhe o coração bater rápido. “Que tola que eu sou! Que grandíssima tola!” — Mas como era maravilhoso poder ser tola! Tocou a campainha.

Foi o próprio Holtzmann quem abriu. Ficou surpresa de ver que vestia um sobretudo, como se fosse sair. A expressão com que a saudara na estação reaparecia-lhe no rosto agora, ao tornar a vê-la.

— Chegou tão cedo — disse ele, procurando sorrir; mas o estado de nervos e o embaraço em que se achava chegavam quase a confundir-se com o terror. — Nós a esperávamos somente às doze e meia.

Helena riu. — Eu também. Mas cheguei mais depressa do que pensava.

Fez um movimento para transpor a soleira; mas Holtzmann deteve-a com o braço. — Ainda não estamos prontos — disse. O embaraço fazia-o enrubescer e suar. — Se a senhora quisesse voltar daqui a um quarto de hora — implorava, quase. — Um quarto de hora, apenas.

“*Nur em viertel Stündchen.*” Helena pôs-se a rir, pensando naquelas almofadas bordadas onde os Geheimrats dormiam a sesta. — Mas por que não hei de eu esperar aqui dentro? — Tomou-lhe a frente e penetrou num pequeno *hall* escuro e cheirando a cozinha e a mofo. — Onde está Ekki? — perguntou, presa, subitamente, do desejo de vê-lo naquele instante mesmo, sem mais um segundo de espera, para poder dizer-lhe que bicho intratável que ela fora, mas, a despeito da própria irracionalidade, como o amava, como o adorava, e como se sentia feliz, e ansiosa de dividir com ele sua felicidade!

No outro extremo do vestíbulo havia uma porta entreaberta. Chamando-o pelo nome, Helena correu para ali.

— Pare! — gritou Holtzmann atrás.

Ela, porém, já tinha transposto a soleira.

O cômodo em que se achava agora era um quarto de dormir. Na estreita cama de ferro estava Ekki deitado, completamente vestido, a cabeça virada para o lado e a boca aberta. Ressonava lenta e longamente. Dormia, mas como nunca

ela o vira dormir.

— Ekki! — teve ainda tempo de exclamar, enquanto uma porta batia, outra voz se vinha juntar à de Holtzmann e todo o vestíbulo se enchia de ruído e de agitação. — Meu bem...

Foi então que, de repente, e por trás, uma garra se lhe fechou sobre o ombro. Voltou-se, viu o rosto de um homem desconhecido, distante do seu algumas polegadas apenas, ouviu, vinda de trás, não sabia bem de onde, a ordem de Holtzmann: “*Schnell, Willi, schnell!*” e o desconhecido dizer, quase em sussurro, entre os dentes cerrados “*Schmutziges Frauenzimmer*”; depois, quando abriu a boca para gritar, recebeu no queixo um formidável murro que lhe fez os dentes chocarem-se, violentamente, e sentiu então tudo escuro em volta de si.

Quando recuperou os sentidos, estava numa cama de hospital. Alguns camponeses tinham-na encontrado caída, inconsciente, num pequeno bosque, a cinco ou seis milhas da cidade. Uma ambulância recambiara-a para a Basileia. Foi somente na manhã seguinte que os efeitos do murro cessaram e ela se lembrou do que tinha acontecido. Mas, por esse tempo, já havia vinte horas que Ekki se achava do outro lado da fronteira, na Alemanha.

CAPÍTULO LIV

23 de fevereiro de 1935

ANTHONY PASSARA TODA A MANHÃ NOS escritórios da organização, ditando cartas. Tratava-se, na maior parte, de vencer as dificuldades intelectuais, as objeções, dos pretensos pacifistas. — Que faríeis, se vísseis um soldado estrangeiro atacando vossa irmã? — Bem; qualquer coisa que fizéssemos, certamente não enviaríamos nosso filho a matar seu primo segundo. Trabalho exaustivo! Mas tinha de ser feito. Ditou vinte e sete cartas; depois, notou que eram horas de ir almoçar com Helena.

— Praticamente, nada há para comer — disse ela quando ele entrou. — Com franqueza: eu não me achei com ânimo de preparar qualquer coisa. Isso de cozinhar é realmente uma maçada sem nome! — Havia em sua voz uma nota ressentida, quase de malquerença.

Tiveram de contentar-se com salmão em lata e alface. Anthony tentou conversar; suas palavras, porém, pareciam resvalar sobre a superfície impenetrável do taciturno e melancólico silêncio em que ela se fechara. Por fim, ele resolveu calar-se também.

— Faz hoje justamente um ano — desembuchou ela afinal.

— Um ano quê?

— Justamente um ano que aqueles diabos na Basileia... — Balançou a cabeça e emudeceu de novo.

Anthony não disse nada. Qualquer coisa que dissesse haveria de ser, conforme ele mesmo sentia, um despropósito, quase um insulto.

— Muitas vezes chego a desejar que eles me tivessem matado, a mim também — continuou ela em tom pausado. — Em lugar de me deixarem aqui,

apodrecendo, como um torrão de lama, uma porcaria qualquer sobre um montão de lixo. Como um gato morto — acrescentou, recordando-se. — Uma simples carniça. — As palavras eram pronunciadas com intensa repugnância.

— Por que diz isso? — perguntou ele.

— Porque é verdade. Carniça é o que eu sou.

— Não há nenhuma necessidade de que o seja.

— Não posso deixar de o ser. Carniça é o que eu sou por natureza.

— Não é tal — insistia ele. — Foi você mesma quem disse. Quando Ekki ainda vivia...

— Ah, confesso que então eu não era.

— E o que já foi uma vez pode vir a ser novamente.

— Sem ele, é impossível.

E ele, com um gesto afirmativo: — Pode, sim; se você quiser ser, bem que pode. Toda a questão está em querer. Querer e, em seguida, pôr-se a trabalhar nesse sentido.

Helena sacudiu a cabeça. — Eles deviam ter me matado. Se você soubesse como eu tenho nojo de mim mesma! — Torceu o rosto, numa careta. — Não valho nada. Pior do que isso: não passo de um punhado de lama. — Depois de uma pausa, continuou: — Nem sequer me interessa a obra de Ekki. Não gosto dos amigos dele. São comunistas. Mas uns tipinhos baixos e ordinários como quaisquer outros. Estúpidos, vulgares, invejosos, violentos. Quando penso que eu podia estar agora gozando um bom casaco de chinchila e um almoço no Claridge... Provavelmente ainda acabarei por me vender a um ricaço. Se é que ainda posso achar um. — Riu. Depois, num tom mais amargamente desdenhoso para consigo mesma, reatou o fio de suas reflexões: — Faz hoje apenas um ano e já estou enjoada disso tudo. Imensamente enjoada e suspirando por me ver livre disso. Sinto-me nauseada e nauseante.

— Mas a culpa será toda sua?

— Decerto que é.

Anthony sacudiu a cabeça. — Talvez se deva também responsabilizar o trabalho.

— Que quer dizer?

— Isso de ódio organizado não é o que se possa chamar uma coisa atraente. Não é dessas coisas pelas quais geralmente sentimos que precisamos viver.

— Ekki vivia para isso. E uma porção de gente vive para isso.

— Mas que espécie de gente? — perguntou ele. — Eu classifico as pessoas em três tipos. Os idealistas, com o dom excepcional da ilusão. Ou não sabem que se trata de ódio organizado, ou acreditam sinceramente que o fim justifica os meios, sinceramente imaginam que os meios não condicionam o fim. Ekki era um destes. Eles formam a maioria. Seguem-se, então, duas minorias. Uma, de gente que sabe ser a coisa pura e simplesmente ódio organizado e encontra no fato motivo de júbilo; outra, de ambiciosos, que se servem do movimento meramente como de um instrumento para a realização de suas ambições. Você, Helena, não é nem ambiciosa, nem uma iludida. E, apesar do que aconteceu há um ano no dia de hoje, não tem realmente nenhuma intenção de liquidar os outros, os nazistas, inclusive. E é por isso que sente tão grande atração pelas chinchilas e as orquídeas. Não porque suspire por elas de um modo ativo. Mas somente porque essa particular alternativa a torna imensamente insatisfeita.

Houve um silêncio. Helena levantou-se, trocou os pratos e pôs uma malga de frutas sobre a mesa. — Qual é a alternativa que satisfaz? — perguntou, enquanto se servia de uma maçã.

— Começa — respondeu ele — com procurarmos cultivar a difícil arte de amar o próximo.

— Mas há tanta gente detestável.

— Esses são detestáveis porque os detestamos. Seriam amáveis, se os amássemos.

— Acha que é verdade isso?

— Tenho certeza de que é verdade.

— E que faremos depois?

— Não há “depois” — respondeu ele. — Porque, naturalmente, isso é tarefa para uma vida inteira. Qualquer processo de transformação é trabalho para toda uma existência. De cada vez que chegamos ao cume de um pico, vemos outro pico em frente de nós — um pico que, debaixo, não poderíamos

ver. Tomemos, por exemplo, o mecanismo espírito-corpo. Começamos aprendendo a melhor maneira de usá-lo; damos, assim, um passo à frente, avançamos uma etapa; da posição conquistada, descobrimos como usá-lo melhor ainda. E assim por diante, indefinidamente. Os objetivos ideais recuam à medida que nos aproximamos deles; são vistos como sendo outros e mais notáveis do que pareciam antes do avanço ser iniciado. O mesmo acontece quando tentamos modificar nossas relações com os outros. Cada passo dado à frente revela a necessidade de dar novos passos à frente — passos imprevistos e de cujo destino não havia, no momento da partida, o menor indício. Sim, isso dura uma vida — repetiu. — Não há lugar para nenhum “depois”. O que pode haver é somente uma tentativa, à medida que prosseguimos, de transferir para o plano da política e da economia o que se descobriu no plano da vida pessoal. Uma das primeiras descobertas — acrescentou — uma das primeiras entre as primeiras que fazemos, é que o ódio organizado e a violência não são os melhores meios de conseguir a justiça e a paz. Todos os homens são capazes de amor a todos os outros homens. Nós, porém, limitamos artificialmente o nosso amor. Por meio de convenções de ódio e de violência. Tornamo-lo circunscrito às famílias e aos clãs, às classes e às nações. Seus amigos querem remover essas restrições empregando mais ódio e mais violência — quer dizer, servindo-se exatamente dos mesmos meios que foram as causas originárias das restrições. — Sorriu. — Pode você, nestas condições, ficar surpresa de achar que tal empresa não satisfaz?

Helena olhou-o um instante em silêncio e, depois de um gesto negativo, disse: — Prefiro minhas chinchilas.

— Deixe disso!

— Prefiro, sim. Antes quero ser um punhado de lama. É mais cômodo. — Levantou-se. — Vamos tomar café? — Na pequena cozinha, enquanto esperavam que a água fervesse, ela pôs-se de súbito a falar-lhe daquele rapaz do anúncio. Encontrara-o, havia duas semanas. Que criatura divertida e inteligente! E tomara-se de uma violenta paixão por ela. Um riso de despreocupada malícia iluminou-lhe o rosto. — Olhos azuis — disse catalogando os méritos do rapaz como o faria um leiloeiro —, cabelos crespos, uns ombros formidáveis, quadris

estreitos, pugilista amador de primeira ordem, o que é mais do que você já conseguiu ser, meu pobre Anthony — acrescentou incidentalmente e num tom de comisseração desdenhosa. — Para dizer tudo: perfeitamente talhado para a cama. Ou, pelo menos, é o que parece. Pois a gente nunca sabe realmente enquanto não experimenta, não é mesmo? — Riu. — Estou com muita vontade de experimentar esta noite — continuava. — Para comemorar este aniversário. Não acha que seria uma boa ideia, Anthony? — E, vendo que ele não respondia, insistiu: — Não acha? Hem? Não acha? — E não deixava de olhá-lo, procurando descobrir-lhe no rosto qualquer sinal de raiva, de ciúme, ou de nojo.

Anthony respondeu-lhe com um sorriso. — Não é assim tão fácil, quando se é um punhado de lama — disse. — Em verdade, eu antes diria que é realmente um trabalho bem difícil.

Apagou-se todo o fulgor que lhe iluminava o rosto. — Bem difícil — repetiu ela. — Aí está talvez um motivo para eu fazer questão de experimentar. — Depois de uma pausa, e enquanto derramava a água na cafeteira: — Você parece ter dito que ia falar num comício, hoje à noite?

— Em Battersea.

— É bem possível que eu vá ouvi-lo. A não ser que — acrescentou, fazendo um esforço para rir — a não ser, naturalmente, que eu me resolva a celebrar o aniversário da outra maneira.

Depois de terem ambos bebido o café, Anthony retirou-se e foi caminhando para sua residência, a fim de trabalhar algumas horas no novo folheto que tinha prometido escrever para Purchas. Havia chegado duas cartas pelo correio do meio-dia. Uma era de Miller, descrevendo os excelentes comícios em que ele falara, em Edimburgo e Glasgow. A outra, sem endereço, estava datilografada.

“SENHOR”, começava a carta, “não o temos perdido de vista nestes últimos tempos e tomamos a resolução de não permitir que o senhor continue na sua atual conduta de deslealdades e traições. Fica, pois, avisado de que, se continuar fazendo os seus imundos discursos pacifistas, nós lhe daremos o castigo que merece. Será inútil recorrer à policia. Mais cedo ou mais tarde haveremos de pôr-lhe a mão, o que não lhe será muito agradável. Está anunciado que o senhor vai falar hoje à noite em Battersea. Lá estaremos. Aconselhamo-lo, portanto, se tem amor à sua pele de covarde, a não comparecer. O senhor não merece este aviso, mas fazemos questão de proceder

lealmente, ainda mesmo com miseráveis da sua espécie. — Atenciosamente,

UM GRUPO DE INGLESES PATRIOTAS”

“Uma brincadeira?”, perguntou Anthony de si para si. “Não; devia ser coisa séria.” Sorriu. “Como devem sentir-se virtuosos!”, disse consigo. “E que heróis! Vibrando o golpe em defesa da Inglaterra.”

Mas o golpe, continuou ele em suas reflexões enquanto se sentava diante do fogão, o golpe, quem o receberia seria ele, se falasse, isto é, se eles não fossem impedidos de atacá-lo. E, naturalmente, a hipótese de não falar, de apelar para a polícia, estava fora da questão. Não tinha outra coisa a fazer senão praticar o que estivera pregando.

Mas teria a fortaleza de espírito suficiente para ver bem o que tinha a fazer? Se eles o agredissem, se comesçassem a espancá-lo? Saberria resistir?

Tentou trabalhar no folheto; mas as questões de ordem pessoal surgiam e ressurgiam, a cada momento, insistentes, tomando o lugar daqueles outros problemas mais remotos e impessoais a respeito de colônias e prestígio e mercados e inversões de capitais e migrações. Imaginava a expressão horrível, as contorções que a cólera haveria de pôr nas caras daqueles homens, ouvia-lhes, em imaginação, as palavras violentas e insultuosas, via mãos que se erguiam, mãos que desciam. Seria capaz de dominar-se, de não fraquejar, de não recuar, de não fugir? E a dor produzida pelas pancadas — dor aguda, cruciante, no rosto, dor forte, de estontear, no corpo — até que ponto poderia ele suportá-la, e por quanto tempo? Se ao menos Miller estivesse ali para aconselhá-lo e encorajá-lo! Mas Miller estava em Glasgow.

Duvidava cada vez mais de si próprio. Ficar ali, deixando-se esbordoar, sem reagir, sem ceder terreno — afigurava-se-lhe coisa que nunca seria capaz de fazer.

“Eu não terei coragem”, repetia de instante a instante, obsidiado, já, pelo medo de ter medo. Recordando-se do modo como se comportara em Tapatlan, corou de vergonha. E, desta vez, a desonra seria pública. “Todos haveriam de saber — Helena e todos os outros.”

“E desta vez”, pensava ainda, “desta vez não haveria a desculpa da

surpresa. Eles o tinham avisado — ainda mesmo a um miserável da sua espécie.” — E, além disso, estivera treinando, aprendendo, durante vários meses, a fazer face a uma situação precisamente dessa natureza. A cena tinha sido ensaiada. Ele sabia de cor todas as “deixas” e todos os gestos. Mas, chegado o momento real, quando a dor houvesse deixado de ser imaginária, lembrar-se-ia ele do papel que aprendera? Que garantia havia de que, na ocasião, não fracassaria irremediavelmente? Defronte de Helena, quando Helena hesitava no limiar da própria vida dela, talvez dele também. Além disso, se ele falhasse, a desonra não seria só sua. Além de desacreditar-se, negaria com o fracasso as suas convicções, invalidaria sua filosofia, trairia a seus amigos. “Mas por que hás de ser tão tolo?”, uma voz lhe perguntava baixinho. “Por que andas por aí a ajaezar-te com convicções e filosofias? E por que te colocares em condições de trair a quem quer que seja? Por que não voltas a fazer aquilo a que a natureza te destinou — à tua atitude de espectador, a fazer, do teu camarote particular, comentários à peça? Que te importa tudo isso, afinal de contas? E, mesmo que te importe, que podes tu fazer? Por que não te conformares tranquilamente com o inevitável e, nos intervalos, prosseguires no trabalho que melhor possas fazer?”

Era de uma nuvem de fadiga que parecia vir aquela voz. Durante um minuto, ele esteve reduzido a nada mais que uma casca, uma vagem morta e seca, cujo interior trevoso era feito de cansaço e negação. “Telefona para eles”, a voz continuava. “Dize-lhes que apanhaste uma gripe. Fica na cama alguns dias. Obtém, depois, que o teu médico te prescreva um repouso no sul da França...”

Súbito, ele soltou uma risada. De sinistra, de insidiosamente persuasiva que de começo fora, aquela vozinha fizera-se absurda. Chegada a tal ponto, expressa com tanta ingenuidade, a vilania se havia tornado quase cômica.

— Unidade — disse, num sussurro articulado.

Estava unido a eles como está a mão unida ao braço. Ligado a seus amigos, ligado até mesmo àqueles que se haviam declarado seus inimigos. Nada poderia ele fazer que não afetasse a todos, aos inimigos como aos amigos — beneficiando-os, se bom fosse o que ele fizesse, prejudicando-os, se agisse mal. — Unidade — repetiu. — Unidade.

Unidade da espécie humana, unidade de toda a vida, de tudo que vive.

Unidade física, antes de tudo. Unidade até na diversidade, até na separação. Exemplares destacados, mas, em toda parte, iguais. Em toda parte, as mesmas constelações das unidades elementares da energia. As mesmas, assim na superfície do sol, como na carne viva aquecida pela irradiação solar; assim nas flores olorosas de budleia, como no mar azul e nas nuvens do horizonte; na pistola do mexicano embriagado, como no sangue escuro e ressecado sobre aquela face mutilada entre as rochas, no sangue fresco e escarlate que manchava o corpo nu de Helena, no sangue que escorria da carne viva e contusa do joelho de Mark.

Exemplares idênticos e idênticas criações de exemplares. Tinha nítida no espírito a ideia deles e, ao mesmo tempo, a ideia da vida a mover-se incessante entre os espécimens, selecionando e refugando para fins próprios. A vida tornando-se mais simples à medida que se edifica em tipos mais complexos — idênticos na sua complexidade, através de todas as vastas séries de seres animados.

O espermatozoide penetra o óvulo, a célula divide-se e subdivide-se, para por fim se transformar neste homem, nesse rato, naquele cavalo. A pituitária de uma vaca faz criarem-se rãs fora de época. A urina de uma mulher grávida leva o camundongo ao cio. A tiroide do carneiro transforma o axolotle de uma larva de respiração branquial em uma salamandra de respiração pulmonar, o anão cretino em um ser humano plenamente desenvolvido e inteligente. Entre uma forma de vida animal e outra, os diferentes espécimens se alternam. Esse revezamento observa-se também entre o animal e a planta, entre a planta e o mundo inanimado. Espécimens de semente e folha e raiz, espécimens desenvolvidos de outros mais simples existentes no ar e no solo — esses podem ser assimilados e transformados por insetos, répteis, mamíferos, peixes.

A unidade da vida. Unidade demonstrada até mesmo na destruição de uma vida por outra. A vida é una com tudo o que existe. Do contrário, nenhum ser vivo poderia jamais nutrir-se de outro ou das substâncias inanimadas que o cercam. Una, mesmo na destruição, una, apesar de qualquer separação. Cada organismo é único. Único e, contudo, unido a todos os outros organismos na

identidade de suas partes elementares; único por cima de um substrato de identidade física.

E os espíritos — também os espíritos são únicos, mas únicos por cima de um substrato de identidade mental. Identidade e reciprocidade do amor, da confiança, da coragem. A afeição corajosa restitui o louco à sanidade mental, transforma o selvagem hostil em um amigo, domestica o animal feroz. O tipo mental do amor pode ser transferido de um espírito a outro, sem que, todavia, perca sua virtude, justamente como o exemplar físico de um hormônio pode ser transferido, com toda sua eficácia, de um corpo a outro.

E não somente o amor, mas, igualmente, o ódio; não só a confiança, mas a desconfiança; não só a bondade, a generosidade, a coragem, mas também a malquerença e a cobiça e o medo.

Emoções divisíveis; mas o tato mesmo de poderem ser revezadas, alternadas, transferidas de espírito a espírito, sem nada perderem de seu conteúdo elementar, demonstra a unidade fundamental do espírito.

Realidade da unidade, porém igual realidade da divisão — ou, para melhor dizer, maior realidade da divisão. Não há necessidade de meditar o fato da divisão. Está a entrar constantemente pelos olhos de cada um. Temos constantemente a compreensão de que somos únicos e separados; só às vezes, e então só intelectualmente o mais das vezes, só por efeito de um processo de pensamento discursivo, é que percebemos que o nosso espírito é uno com outros espíritos e compreendemos nossa unidade com outras vidas e com tudo que existe. Ocasionalmente uma intuição de unidade, uma intuição que vem ao acaso, ou que é procurada, passo a passo, na meditação.

— Uno, uno, uno — repetia ele; — mas uno na divisão; unido e, todavia, separado.

O mal é a acentuação da divisão; o bem, tudo o que contribui para a unidade com outras vidas e outros seres. O orgulho, o ódio, a cólera — eis os sentimentos essencialmente maus; e essencialmente maus, porque são, todos eles, intensificações do estado real e concreto de separação, porque todos acentuam insistentemente a divisão e a unicidade, porque excluem e negam outras vidas e seres. A concupiscência e a cobiça também insistem na unicidade;

são porém insistências que não implicam nenhuma negação, que não excluem aqueles de quem o ser único se acha separado. A concupiscência diz apenas “preciso gozar” e não “precisas sofrer”. A cobiça em seu estado puro é meramente a busca de minha satisfação e jamais um protesto contra a satisfação alheia. O mal delas está na ênfase que dão à pessoa isolada; mal, porém, menor que o do orgulho ou do ódio ou da cólera, porque nelas a ênfase da pessoa não nega os outros seres.

Mas por que, afinal, a divisão? Por que, inevitavelmente, mesmo no mais perfeito amor, e, na outra extremidade da escala dos seres, até naquilo que está ou parece estar abaixo do bem e do mal, por que deve persistir o mal da separação? Separação, até, de santo para santo, separação até entre simples espécimens físicos. Um homem não pode comer por causa de outro. Os melhores devem pensar, devem gozar e sofrer, devem tocar, ver, cheirar, ouvir, saborear no mais completo isolamento. O homem bom é apenas um universo menos completamente fechado do que o mau; ainda assim, fechado; justamente como o átomo é fechado.

E, sem dúvida, se a existência é necessária — a existência tal qual a conhecemos — os seres devem organizar-se em universos fechados. Espíritos como os nossos só podem perceber a unidade indiferenciada como sendo nada. Não há como fugir a este paradoxo, que nos leva a desejar que n seja igual a um, mas de fato nos leva a verificar sempre que um é igual a zero.

Separação, diversidade — condições de nossa existência. Condições mediante às quais possuímos vida e consciência, distinguimos o bem do mal e temos o poder de escolher entre eles, reconhecer a verdade, ter experiência de beleza. Mas na separação está o mal. O mal está, portanto, na condição da vida, na condição de distinguir, de saber o que é bom e o que é belo.

O que se busca, o que os homens, em última análise, exigem de si próprios, é a realização da união entre seres que nada seriam se não estivessem separados; é a realização da bondade por criaturas que, se não fossem más, não existiriam. Impossibilidade. Mas, nem por isso, menos reclamada.

— Sob uma lei nascidos e a outra submetidos.

“Ele mesmo”, continuava Anthony em suas reflexões, “ele mesmo tinha

resolvido considerar todo o processo, ou como destituído de senso, ou como uma brincadeira de mau gosto. Resolvido, sim. Pois tinha sido um ato da vontade. Se fosse tudo um absurdo ou uma pilhéria, então ele estaria livre para ler os seus livros e dar expansão aos seus dotes de comentador sarcástico; não havia razão para deixar de dormir com qualquer mulher apresentável que estivesse pronta a dormir com ele. Se não fosse um absurdo, se a coisa tinha alguma significação, então ele já não podia mais viver irresponsavelmente. Havia deveres para consigo e com os outros e com a natureza das coisas. Deveres a cujo cumprimento se haveriam de opor, como um obstáculo, a cama e as leituras a esmo e o hábito da ironia avulsa. Ele resolvera julgar a coisa um absurdo, e um absurdo era o que ela lhe parecera ser — um absurdo, a despeito dos ocasionais e inquietantes indícios de que podia haver um sentido, e que o sentido estava precisamente no que ele tinha resolvido considerar como um gracejo sem sentido e de mau gosto. E eis que afinal agora tudo se esclarecia; percebia, por uma espécie de experiência direta, que o sentido estava justamente no paradoxo, no fato de ser unidade o começo e unidade o fim, e de ser a separação, entretanto, a condição da vida e de tudo que existia, separação que era o equivalente do mal. Sim, o sentido”, insistia ele, “está em que reclamamos de nós mesmos a obtenção do impossível. O sentido está em que, mesmo com a maior boa vontade do mundo, o universo separado e mau de uma pessoa ou de um exemplar físico nunca pode unir-se completamente com outras vidas e seres, ou com a totalidade da vida e do ser. Ainda mesmo para a bondade em seu mais alto grau, a luta é sem fim; pois nunca, na natureza das coisas presentes, pode o fechado tornar-se o plenamente aberto; a bondade jamais poderá libertar-se completamente do mal. É um permanente pôr-à-prova, uma educação — premente, difícil, prolongando-se por todo um período de vida, talvez por longas séries de períodos de vida. Períodos da vida passados na tentativa de abrir mais, e sempre mais, o universo fechado que tende perpetuamente a fechar-se no primeiro momento em que cessa ou se afrouxa o esforço. Passados a vencer as paixões que separam, tais como o ódio, a malícia e o orgulho. Passados a sopitar os anseios que hipertrofiaram o eu. Passados em constantes esforços para realizar a unidade com outras vidas e outros modos de ser. Para sentir a unidade

no exercício do amor e na compaixão. Para senti-la num outro plano através da meditação, na introspecção da intuição direta. A unidade num outro plano, acima do tumulto das separações e divisões. A bondade fora e acima da possibilidade do mal. Mas o fato da separação persiste sempre, permanece sempre o mal como a condição mesma da vida e do ser. Não devemos nunca afrouxar a pressão libertadora. Mas ainda mesmo os melhores dentre nós ainda estão longe, incomensuravelmente longe de atingirem a perfeição.

“Entrementes, existem o amor e a compaixão. Constantemente obstruídos. Mas que eles se tornem, oh!, que eles se tornem infatigáveis, implacáveis, no seu afã de vencer todos os obstáculos, a indolência interior, a repugnância, o desdém intelectual; e, de fora, as aversões e desconfianças alheias. O afeto e a compaixão — e também, entrementes, a atitude contemplativa, esse esforço no sentido de realizar a unidade das vidas e dos seres com o intelecto, e por fim, talvez, pela intuição, um ato de completa compreensão. De um argumento a outro, gradativamente, até um repouso perfeito, onde cesse toda atividade discursiva, onde haja somente a experiência, somente o conhecimento direto, como o de uma cor, de um perfume, de um som musical. Gradativamente, até sentirmos que não estamos mais completamente separados, mas unidos nos planos profundos com outras vidas, com os demais seres. Unidos na paz. Na paz”, repetia, “na paz, na paz. Paz, no fundo de cada espírito. A mesma paz para todos, contínua entre espírito e espírito. À superfície, as ondas dispersas, os turbilhões, os remoinhos: por baixo, porém, a vastidão contínua e indiferenciada do mar, tanto mais calmo quanto mais profundo, até alcançarmos, por fim, o repouso, a quietude absoluta. A paz escura das profundezas. Paz sombria, que é a mesma para todos que a ela descem. Paz que, por um estranho paradoxo, é a substância e a fonte da tormenta reinante na superfície. Oriundas da paz, as ondas, no entanto, destroem a paz, destroem-na, mas são necessárias. Pois, sem a tormenta da superfície, nada existiria: nem a noção da bondade, nem o esforço por acalmar os furores do mal, nem o redescobrimento da quietude subjacente e profunda, nem a compreensão de que a substância da agitação frenética é a mesma substância da paz.

“Frenesi do mal e da separação. Na paz há unidade. Unidade com outras

vidas. Unidade com todos os seres. Pois, por baixo de todos os seres, sob os incontáveis espécimens idênticos mas separados, sob as atrações e as repulsões, está a paz. A mesma paz subjacente ao frenesi do espírito. Paz sombria, incomensuravelmente profunda. Paz que nos livra do ódio e do orgulho e da cólera, paz que nos salva de anseios e aversões, paz que nos preserva de todos os dispersivos frenesis. Paz pela libertação, pois a paz é a conquista integral da liberdade. Da liberdade, e, ao mesmo tempo, da verdade. A verdade da unidade realmente sentida. Paz dos planos profundos, sob a tormenta, muito abaixo do atropelo das ondas, do ar freneticamente borrifado de espuma. Paz nesta profunda noite subaquática, paz neste silêncio, nesta quietude vazia, onde o tempo já não existe, onde já não há imagens, onde já não há palavras. Nada, senão a paz vivida, a paz realmente sentida; paz como um vácuo trevoso, fora de toda vida pessoal e, todavia, sem deixar de ser uma forma de vida mais intensa, apesar de todo o seu caráter difuso, da absoluta ausência de objetivo ou de desejo, superior, em riqueza e qualidade, à vida ordinária. A paz ultrapassando a paz, no começo focada, convergente, depois irradiando-se numa espécie de espaço ilimitado. Paz no vértice, por assim dizer, de um cone de concentração e eliminação, cone com sua base nas desordens da superfície agitada da vida e o seu vértice na treva subjacente. E, na treva, a ponta de um cone encontra a ponta de outro; e, de um único ponto focal, a paz expande-se para uma base incomensuravelmente distante, e tão vasta que o seu círculo é a base e a fonte de toda a vida, de todo o ser. Cone invertido partindo da luz refratada e indecisa da superfície; cone invertido e descendo a um ponto de escuridão concentrada; daí, em outro cone, expandindo-se sempre, expandindo-se em direção, sim, em direção a outra luz, firme, imperturbada, tão profundamente calma como a treva de que emerge. Cone invertido, ajustado a outro direito, vértice contra vértice. Passagem da ampla luz tormentosa ao foco tranquilo da treva; e daí, ultrapassando o foco e através de uma treva cada vez mais vasta, nova incursão numa outra luz. Da tormenta à bonança, e sempre assim, continuamente, numa paz cada vez mais profunda e mais intensa, até a final consumação, à luz última que é a fonte e substância de todas as coisas; fonte da treva, do vácuo, da noite submarina de viva quietude; fonte finalmente das ondas e do frenesi das

espadanas — esquecido agora. Pois agora há somente a treva que se avoluma e se adensa e se aprofunda, até fazer-se em luz; há somente esta paz final, esta consciência de não estar mais separado, esta iluminação.”

O relógio bateu sete horas. Lento e cauteloso, ele permitiu-se deixar a luz penetrar de novo, através da treva, nos intermitentes, indecisos fulgores e sombras da existência quotidiana. Levantou-se enfim e foi à cozinha preparar, ele mesmo, algum alimento. Não havia tempo a perder; o comício era às oito e ele levaria uma boa meia hora até ao local. Pôs dois ovos a ferver e sentou-se para comer pão com queijo enquanto esperava. Sem paixão, e com uma serena lucidez, pensava no que lhe estava reservado. Fosse o que fosse, tinha agora certeza de que tudo estaria bem.

Sobre o autor

ALDOUS LEONARD HUXLEY nasceu em 26 de julho de 1894 no condado de Surrey, na Inglaterra. Seu primeiro livro foi publicado em 1916, uma coletânea de poemas. Autor de uma linhagem de reconhecidos intelectuais em que sobressai o avô, o biólogo Thomas Henry Huxley, defensor das ideias evolucionistas de Darwin, Aldous teve sua reputação literária estabelecida a partir de 1921 com a novela *Crome Yellow*. Imediatamente seguiram-se sátiras brilhantes (*Antic Hay*, de 1923; *Folhas inúteis*, de 1925; *Contraponto*, de 1928), nas quais o autor analisa de maneira espirituosa, porém implacável, as agruras da sociedade contemporânea.

No período anterior à Segunda Guerra Mundial, a obra de Huxley adquire um tom mais sombrio. São desse período *Admirável mundo novo* (publicado em 1932, denuncia os aspectos desumanizadores do “progresso” científico e material) e *Sem olhos em Gaza* (novela pacifista de 1936), além de uma série de ensaios.

Em 1937, no auge da fama, Huxley deixa a Europa e se muda para a Califórnia. No momento em que o Ocidente se preparava para a guerra, ele começa a acreditar que a chave para a resolução dos problemas do mundo estaria na troca da razão individualista ocidental pela “sabedoria perene”, de caráter místico, centrada na ideia da unidade. São dessa fase tanto as obras de ficção *O tempo deve parar*, de 1944, e *A ilha*, de 1962 (uma espécie de sequência de *Admirável mundo novo*), quanto o famoso relato de sua primeira experiência com a mescalina, *As portas da percepção*, de 1954.

Aldous Huxley morreu em 22 de novembro de 1963, por coincidência o dia em que John F. Kennedy foi assassinado.

Obras de Aldous Huxley pela Biblioteca Azul

Admirável mundo novo
Contos escolhidos
Contraponto
Os demônios de Loudun
Folhas inúteis
O gênio e a deusa
A ilha
O macaco e a essência
Moksha
As portas da percepção
Céu e inferno
Sem olhos em Gaza
A situação humana
O tempo deve parar
Também o cisne morre